



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ADRIANA ABREU MAGALHÃES DIAS

OBSERVANDO O ÓDIO

ENTRE UMA ETNOGRAFIA DO NEONAZISMO

E A BIOGRAFIA DE DAVID LANE

CAMPINAS

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ADRIANA ABREU MAGALHÃES DIAS

OBSERVANDO O ÓDIO

ENTRE UMA ETNOGRAFIA DO NEONAZISMO

E A BIOGRAFIA DE DAVID LANE

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a MARIA SUELY KOFES

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como parte dos requisitos exigidos para obtenção do Título de Doutora em Antropologia Social.

Este exemplar corresponde à versão final da

tese de doutorado apresentado pela aluna

Adriana Abreu Magalhães Dias, orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Suely Kofes

e aprovada pela banca examinadora.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

D543o Dias, Adriana Abreu Magalhães, 1970-
Observando o ódio : entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane / Adriana Abreu Magalhães Dias. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Maria Suely Kofes.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Lane, David Éden, 1938-2007 - Biografia. 2. Neonazismo. 3. Estudos sobre deficiência. 4. Eugenia. I. Kofes, Maria Suely, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Hate observed : Between an ethnography of neo-nazism and the biography of David Lane

Palavras-chave em inglês:

Lane, David Éden, 1938-2007 - Biography

Neo-nazism

Disability studies

Eugenics

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutora em Antropologia Social

Banca examinadora:

Maria Suely Kofes [Orientador]

Daniela Tonelli Manica

Paulo Dalgalarrodo

Lívia Barbosa Pereira

Renzo Romano Taddei

Data de defesa: 26-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 26 de agosto de 2018, considerou a candidata Adriana Abreu Magalhães Dias aprovada.

Prof.^a Dr.^a Maria Suely Kofes

Prof.^a Dr.^a Livia Barbosa Pereira

Prof.^a Dr.^a Daniela Tonelli Manica

Prof. Dr. Paulo Dalgarrondo

Prof. Dr. Renzo Romano Taddei

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna

Para Marcelo, com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

Escreva o que não deve ser esquecido.

Isabel Allende

Sim, foram quinze anos. Disseram-me que eu não havia esgotado e eu achei que deveria tentar, de novo e de novo. Impossível. Não esgotei, mas escrevi sobre o que não deve ser esquecido. Esquecer pode ser perigoso.

Nesse momento, agradeço a todos que colaboraram para a constituição do presente texto: sabendo-me incapaz de expressar a estes, mui queridos, imensamente significativos. Sabendo que hiatos serão percebidos, peço desculpas, já de antemão, por cada um deles.

Começo agradecendo a meus pais, em sua memória. Durante o processo de escrever essa tese passei por muitas coisas no âmbito pessoal. Perdi pessoas que amava. Uma delas, um professor que sempre foi de uma extrema gentileza: Prof. Dr. John Monteiro. Nele, expressei a minha gratidão pela inquestionável compreensão dos professores e funcionários do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que compartilharam minhas lutas: em especial à Prof.^a Dra. Suely Kofes, não apenas por me orientar (de maneira a que eu permanecesse no possível), ou mais, principalmente, pelo exemplo de afeto e generosidade. Preciso citar o Prof. Dr. Mauro Almeida, com imenso carinho. E o Prof. Dr. Omar Ribeiro Tomaz, que me apresentou o objeto. Agradeço às Professoras Doutoras e aos Professores Doutores da Banca, as pessoas queridas, Lívia, Daniela, Paulo e Renzo pelos comentários, incentivos e recomendações. Agradeço os colegas do IFCH, de tantas turmas e disciplinas, no nome dos que já estão professores: para a querida Taniele Rui, para Barbara Castro, Iracema Dulley e outros tantos, carinho e admiração.

Agradeço a Edmilson, a Ana Laura, a Valéria Aydos, a Marco Gavério, pelo debate. A Debora Diniz pelo amor e amizade. E ao grupo de pesquisadores da Etnografia da Deficiência que eu coordeno pela gratidão.

Ao médicos que perdi há alguns anos, minha homenagem: Axé, Dr. Rodrigo Tenório

Entre os amigos, agradeço Cristina Beskow, Mires e Fernanda Amaral, Michel Cunha Tanaka, Ernesto Neves, Marcelo Viana Paris. Um beijo no coração de meu irmão, cunhada e sobrinhas.

Uma imensa gratidão ao sacerdote João Pedro Baresi, pai, amigo, disposto a tudo para facilitar o processo. A B'nai B'rith, e nela, a Abraham e Irene Goldstein, e na CONIB a Fernando Kasinski Lottenberg, Sérgio e Leslie por todo imenso apoio. E aos amigos Rodrigo e Thiago da Safernet, pelo bom combate.

Eu não posso esquecer-me de agradecer ao professor Victor Karady que respondeu meus emails e tirou dúvidas, nem a ao Prof. Haim Avnim, que apoiou muito minha pesquisa em Israel. Também menciono Miriam Bettina Paulina Oelsner tradutora do livro da LTI, pelo apreço comigo.

Por fim, agradeço ao amor de Marcelo que tem me dado coragem. E ela foi necessária.

*“... o homem é um centauro,
um emaranhado de carne e
mente, inspiração divina e
poeira.”*

Primo Levi

Resumo

A investigação antropológica proposta objetiva analisar a biografia do líder neonazista David Éden Lane, mapear os grupos neonazistas nos Estados Unidos, seu processo de nazificação, o lugar que esses grupos construíram para Lane e como ele legitimou esse lugar para si, em especial por meio de seus escritos. Para tanto, a apreciação biográfica se uniu a etnografia. Algumas questões cruciais surgiram dessa análise: entre elas, me deterei, por escolha, na bidimensão (biológica e mitológica) da construção da narrativa neonazista, no mapeamento dos grupos neonazistas, oriundo do trabalho etnográfico, da observação do ódio como centro da vida social do ativismo e da noção de pessoa construída pelo movimento.

Palavras chaves: neonazismo, narrativas, discurso de ódio

Abstract

The proposed anthropological investigation aims to analyze the biography of neo-nazi leader David Édén Lane, to map the neonazi groups in the United States, their nazification process, the place these groups built for lane and how he legitimated this place for himself, especially through his writings. To that end, the biographical appraisal united with the ethnography. Some crucial questions emerged from this analysis: among them, I will focus, by choice, on the bidimension (biological and mythological) of the construction of the neo-nazi narrative and on the mapping of the neo-nazi groups, mapping which originated from the ethnographical work, the observation of hatred as the centre of the activism's social life and from the notion of person constructed by the movement.

Keywords: neo-nazism, narratives, hate speeches.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	David Lane	40
2	Urna funerária 1ª parte	49
3	Urna funerária 2ª parte	50
4	Alguns símbolos rúnicos	52
5	Uso das runas	54
6	Alfabeto rúnico	55
7	Runas, nazismo e neonazismo	56
8	Código numérico das letras gregas	81
9	Selo dos EUA	82
10	Chave para Jesus Cristo	85
11	Jesus Cristo nos quadrados mágicos	86
12	Josué e seu significado numérico	87
13	Termos políticos nos textos de David Lane	99
14	Análise do N*Vivo	100
15	Grafo de textos de David Lane	101
16	Organização e quadros	138
17	Outros membros	139
18	A ordem – resumo iconográfico 1ª parte	140
19	A ordem – resumo iconográfico 2ª parte	141
20	Vídeo em tributo a David Lane	150
21	Dados hipermediados	151
22	Citações de David Lane no Twitter	152
23	Linha do tempo do neonazismo no EUA	159
24	Como a Klan se nazificou	191
25	A trajetória do comandante	198
26	Odiando tudo	205
27	Mapa do neonazismo nos EUA	217
28	Grupos com mais células	225
29	Ficha de análise dos sites	229
30	Mapa do censo dos EUA 1ª parte	234
31	Mapa do censo dos EUA 2ª parte	235
32	Parede do eixo das cavernas em Lascaux	247
33	Horizontes narrativos	259
34	Horizontes narrativos da Klan	262
35	A Igreja do Criador	295
36	Origens da Igreja do Criador	296
37	RaHoWa	297
38	Guerra Racial e Eugenia	298

LISTA DE TABELAS

1	Quadro de diferenças na propaganda neonazista	131
2	Grupos neonazistas por nome	218
3	Grupos etnografados	228
4	Modelos da deficiência histórico-sociais	286

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SIGLA	NOME
ADL	Anti-Defamation League
BATF	Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives
COTC	Church of the Creator
FBI	Federal Bureau of Investigation
NSDAP	Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em alemão: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei
RICO ACT	The Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act
SPLC	Southern Poverty Law Center
SWAT	Special Weapons And Tactics

SIGLAS DOS GRUPOS

Sigla	Tipo	Nome
ACS	Racist Skinhead	AC Skins
AFP	White Nationalist	American Freedom Party
AN	Neo-Nazi	Aryan Nations
ANP	Neo-Nazi	American Nazi Party
ATB	Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade
BHUS	Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.
C38	Racist Skinhead	Crew 38
CA	Neo-Nazi	The Creativity Alliance
CCC	White Nationalist	Council of Conservative Citizens
CHS	Racist Skinhead	Confederate Hammerskins
CM	Neo-Nazi	The Creativity Movement
CRTH	Holocaust Denial	Campaign for Radical Truth in History
EAU	White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization
FWKK	Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan
GWV	Anti-LGBT	Generations With Vision
ISDR	Racist Music	ISD Records
LS	Neo-Confederate	League of the South
MI	Christian Identity	Mission to Israel
NA	Neo-Nazi	National Alliance
NF	White Nationalist	Northwest Front
NO	Neo-Nazi	New Order
NSM	Neo-Nazi	National Socialist Movement
PLE	White Nationalist	Pioneer Little Europe Kalispell Montana
ROC	White Nationalist	Red October
STF	White Nationalist	Stormfront
UKA	Ku Klux Klan	United Klans of America
USBG	Anti-Immigrant	US Border Guard & Border Rangers
WAU	Neo-Nazi	Women for Aryan Unity
WNT	White Nationalist	The White Network
WRR	White Nationalist	White Rabbit Radio
WSU	White Nationalist	White Student Union

LISTA DE PRINCIPAIS PERSONAGENS DO MOVIMENTO NEONAZISTA NOS EUA

Alcibiades DeBlanc – Coronel dos confederados, fundou os *Cavaleiros da Camélia Branca*, grupo da KKK, em maio de 1867 em Franklin, Louisiana.

Allan C. Carlson (nascido em Iowa, 1949) - Professor e secretário internacional do Congresso Mundial de Famílias é militante anti-gay.

April Gaede foi fundadora do grupo nacionalista National Vanguard. O líder desse grupo Kevin Alfred Strom foi posteriormente indiciado por posse de pornografia infantil, assim como David Lane, acusado de se envolver com Gaede por estar interessado em suas filhas. Gaede é mãe das gêmeas Lynx Gaede e Lamb Gaede, que formaram durante dez anos a dupla musical pop nacionalista de supremacia branca americana Azul da Prússia (uma referência ao resíduo de Zyklon B – usado nas chamadas câmaras de gás nos campos de concentração uma forma de se colocarem pelo revisionismo). É fundadora do grupo Pequenas pessoas pioneiras da Europa.

Barbara Coe - Ativista anti-imigração, que fundou o grupo que levou seu nome (Barbara Coe California Coalition for Immigration Reform – CCIR), em 1964. Após sua morte, o nome do grupo mudou para National Council for Issue Reform.

Ben (Bernhard) Klassen (20 de fevereiro de 1918 - 6 de agosto de 1993), foi o fundador e Pontifex Maximus (Sumo Sacerdote) da Igreja do Criador (World Church of the Creator) que se dividiu em dois movimentos: Creativity Alliance e Creativity Movement, sendo que a primeira permaneceu mais perto das origens de Klassen e a segunda se mesclou com o Wotanismo.

Bill (William) Hendrix (nascido em 1911) - Foi o grande nome dos Southern Knights of the Ku Klux Klan, criado em 1949. Em 1951, foi candidato ao governo da Flórida, mas teve seus direitos cassados por uma sentença de 1952 após enviar material difamatório pelos correios.

Billy Joe Roper II nasceu ca. 1975 - fundador da organização nacionalista branca White Revolution. Roper é um ex-membro da National Alliance.

Bob Heick - Fundou a Bob Heick A American Front (AF) em 1984, organização de supremacia branca, em São Francisco, Califórnia, no modelo da Frente Nacional Britânica. Posteriormente, Heick começou a trabalhar com a Resistência Ariana Branca (WAR) de Tom Metzger, em 1988.

Brad Griffin - Editor do grupo e do site que defende a supremacia branca Occidental Dissent.

Bradlee Dean - Fundador da organização cristã You Can Run, uma organização altamente controversa e conservadora de jovens que utiliza técnicas de forte pressão coletiva para obter uma agenda cristã fundamentalista nas escolas públicas americanas.

Bradley Reed Smith (18 de fevereiro de 1930 - 18 de fevereiro de 2016) – Fundador do Committee for Open Debate on the Holocaust (CODOH), organização revisionista.

Brien James - um dos co-fundadores do Vinlanders Social Club, de Indiana, muito envolvido em disputas violentas com grupos skinheads rivais.

Bruce Carroll Pierce (14 de Maio de , 1954 - 16 de Agosto de , 2010) foi um membro da Ordem. Pierce era também membro da Identidade Cristã e das Nações Arianas (nesse grupo ele foi chefe de segurança).

Calvin Fred Craig (May 5, 1928 - April 13, 1998) foi Grande Dragão da Georgia Realm of the United Klans of America. Ele se tornou chefe da Georgia Klan in 1960 mas renunciou em 1968, ao se aproximar de movimentos de direitos civis. Surpreendentemente, retorna à Klan in 1970.

Carolyn Yeager - Personalidade de rádio na Internet, escritora revisionista do Holocausto. Ela é a criadora da The White Network, bem como vários sites e um livreto de 48 páginas intitulado Auschwitz: The Underground Guided Tour.

Casper Odinson Cröwel – Ministro da Holy Nation of Odin (HNO), organização de caráter odinista.

Clifton A. Emahiser e William Finck – Fundadores da Christogenea, Ministros da Identidade Cristã, de caráter negacionista e revisionista.

Dave Barley - Ministro da Identidade Cristã e pastor da America's Promise Ministry, fundado em 1967 pelo Pastor Sheldon Emry. Em 1991, o America's Promise Ministry foi transferido de Phoenix, Arizona, para Sandpoint, Idaho.

David Ernest Duke (nascido em 1º de julho de 1950) - Político americano, nacionalista branco, teórico da conspiração antisemita, negador do Holocausto e ex líder da Ku Klux Klan.

David John Cawdell Irving (nascido em 24 de Março de 1938) - Inglês negador do Holocausto, com escritos revisionistas sobre história militar e política da II Guerra Mundial, com foco na Alemanha Nazista.

Dennis McGiffen – Líder do grupo supremacista branco "The New Order", fundado com a intenção de suceder ao grupo de Robert Jay Mathews. A Nova Ordem foi desarticulada em 1998 pelo FBI, e planejava explodir prédios, envenenar o suprimento de água das grandes cidades, assassinar um juiz

federal e outras pessoas e roubar bancos e carros blindados. Dennis McGiffen foi condenado a mais de sete anos por porte de armas relacionadas à trama.

Don Elmore – Fundador, em 1987 da igreja supremacista branca The Fellowship of God's Covenant People. A igreja professa mistura de racismo virulento, homofobia, islamofobia, anti-semitismo, teorias da conspiração da sociedade secreta, anti feminismo e antiaborto.

Eric "The Butcher" Fairburn – Ex-membro do grupo skinhead Outlaw Hammerskins, começou o grupo Hoosier State Skinheads, e em 2003 formou Vinlanders Social Club (VSC), em Arizona.

Erich Josef Gliebe (nascido em 1963) Ex-presidente da National Alliance, organização nacionalista branca. Gliebe tornou-se presidente da organização em julho de 2002, após a morte de seu fundador William Pierce. Seu mandato foi marcado por um declínio da organização; enfrentando um processo de ex-membros, ele renunciou em favor de Will Williams em outubro de 2014.

Fred Waldron Phelps, Sr. (1929-2014) Ex-líder da Igreja Batista de Westboro, uma auto-descrita Igreja Batista Primitiva Calvinista em Topeka, Kansas, com cerca de 60 membros. Phelps e sua igreja são ilustres por sua fanática retórica anti-LGBT.

Gary L. Bauer – Da igreja Batista, secretário do Presidente Ronald Reagan, e presidente do Family Research Council (FRC), de 1988 a 1999, organização retórica anti LGBT e aborto. Foi candidato a presidente do partido republicano em 2000, desistindo nas primárias.

George Burdi (George Eric Hawthorne) – Fundador da banda canadense RaHoWa (Racial Holy War), líder do Creativity Movement e dono da Resistance Records.

George Franklin Dorsett (8 de junho de 1917 - 10 de fevereiro de 2008) foi Imperial Kludd, ou capelão dos United Klans of America. Foi informante do FBI.

George Lincoln Rockwell (9 de março de 1918 - 25 de agosto de 1967) foi o fundador do Partido Nazista Americano. Em 25 de agosto de 1967, Rockwell foi assassinado por um ex-membro de seu próprio grupo enquanto deixava uma lavanderia em Arlington, Virgínia

Germar Rudolf (nascido em 29 de outubro de 1964, Limburg an der Lahn) é um químico alemão, produziu material negacionista do holocausto em Auschwitz. Após prisão na Alemanha, atualmente vive nos Estados Unidos.

Glenn Spencer é um supremacista branco conhecido por seu ativismo anti-imigrantes. Fundador e presidente da American Border Patrol, Ranch Rescue, the Minutemen Project, and Voices of Citizens Together (VCT), acusados como grupos de ódio, na fronteira entre o México e o Estado do Arizona.

Greg Johnson - nacionalista branco, editor chefe da Counter-Currents Publishing: um webzine, editor e loja on-line associado à Nova Direita Americana, que oferece uma “crítica à modernidade liberal na América do Norte à luz do tradicionalismo e das idéias da Nova Direita Européia”. Defende a criação de um Etnoestado em que apenas pessoas brancas viveriam.

Harold Ray Redfeairn (4 de fevereiro de 1952 a 28 de outubro de 2003) foi o líder estadual das Aryan Nations em Ohio e mais tarde tornou-se o National Diretor das Aryan Nations, de caráter neonazista. Foi também ministro da Identidade Cristã, produzindo sermões como "Santo Holocausto" e "Violência Resolve Tudo”.

Horace Sherman Miller (21 de março de 1901 - 8 de janeiro de 1964) de Waco, Texas, foi o chefe dos Cavaleiros Arianos independentes da Ku Klux Klan e o editor da The Aryan Views.

Ian Davison - ex-motorista de caminhão britânico desempregado, supremacista branco e neo-nazista, preso em 2009 por planejar ataques terroristas.

Ian Stuart Donaldson (11 de agosto de 1957 - 24 de setembro de 1993) foi o membro principal da banda White Power Skrewdriver.

Jack William Brown (4 de maio de 1909 - 4 de outubro de 1965) foi “Mago Imperial” of the Dixie Klans, Knights of the Ku Klux Klan of Chattanooga, Tennessee. Ele foi anteriormente associado com os EUA Klans, Knights of the Ku Klux Klan. Brown foi soldador de ferro e morreu de ataque cardíaco.

James Edwards - Fundador da The Political Cesspool, talk show transmitido pela WLRM, uma estação de rádio cristã em Millington, Tennessee. Seus patrocinadores incluem o Conselho pró-Branco de Cidadãos Conservadores e o Instituto de Revisão Histórica.

James Malcolm Edwards (1918-1992) - foi o “Grand Dragon” da Louisiana para a United Klans of America.

James Warner (nascido em 22 de fevereiro de 1939) é líder da Christian Defense League e da New Christian Crusade Church, ambos grupos de Identidade Cristã. Warner foi membro fundador e secretário nacional do Partido Nazista Americano, de George Lincoln Rockwell Também tornou-se Grand Dragon nos recém-organizados Knights of the Ku Klux Klan, liderados por David Duke.

Jamie Kelso (nascido em 8 de junho de 1948, em Nova York) é o fundador do site de notícias da Internet White News Now. Kelso é um ex-associado de David Duke e administrador da Stormfront. Também abriga um programa de rádio durante a semana, The Trump Phenomenon, além de uma transmissão no domingo do American Freedom Party Report na Republic Broadcasting Network.

Jean Philippe Rushton (1943-2012) foi professor de psicologia na University of Western Ontario, no Canadá. Seu trabalho, sobre raça e inteligência, raça e crime, foi criticado pela comunidade científica, acusado de ser conduzido sob agenda racista.

Jeffrey S. Schoep - presidente, desde 1994, do Movimento Nacional Socialista, partido político neonazista baseado na cidade de Detroit, Michigan. O partido foi fundado em 1974.

Jeromy John Visser – Pastor da igreja supremacista branca The Fellowship of God's Covenant People.

Jim Rizoli (nascido em 1958), é um jornalista revisionista de Framingham, Massachusetts. Dirige o Concerned Citizens e o Friends of Immigration Immigration Law Enforcement (CCFIILE), um grupo fundado em 2003.

John H. Tanton (nascido em 1934) ativista antiimigração. Fundador da Federação para Reforma da Imigração Americana (FAIR). Ele fundou a organização pró-eugenia Society for Genetic Education.

Karl Hand (nascido em 26 de novembro de 1950) de Buffalo, Nova York, era um líder da National Socialist Liberation Front e dos Cavaleiros da Ku Klux Klan, de David Duke.

Kevin B. MacDonald (nascido em 24 de janeiro de 1944) - Professor aposentado de psicologia na Universidade Estadual da Califórnia, conhecido por sua aplicação controversa da psicologia evolucionista para caracterizar o comportamento judaico como uma "estratégia evolutiva de grupo". Ele é descrito pelo Southern Poverty Law Center como "o acadêmico favorito do movimento neonazista". Também é diretor do Partido da Liberdade Americana.

Kevin Swanson é um cristão fundamentalista, da extrema direita religiosa. Possui um programa de rádio chamado "Generations with Vision". Homofóbico, sexista, islamofóbico, professa a pena de morte a gays e leitores de Harry Potter.

Louis P. Sheldon (nascido em 1934) - Ex-pastor presbiteriano americano, agora sacerdote anglicano, presidente da organização social conservadora, a Traditional Values Coalition. Fala e escreve sobre questões sociais como aborto, homossexualidade e do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Louis R. Andrews – Foi presidente do National Policy Institute (NPI), entidade supremacista branca, e administrador do site de ódio Stalking the Wild Taboo e a editora Washington Summit Publishers. Trabalhou na Charles Martel Society, entidade branca supremacista.

Mark Edward Weber (nascido em 9 de outubro de 1951) é um historiador revisionista e atual diretor do Institute for Historical Review (IHR).

Matthew W. Heimbach (nascido em 1991) é um defensor americano da identidade branca. Formado pela Universidade Towson, é atualmente Diretor Nacional da Rede de Juventude Tradicionalista (TYN), uma organização ativista de jovens pró-brancos. Recentemente, Heimbach recebeu atenção nacional quando confrontou e empurrou um manifestante do Black Lives Matter em um comício de Donald Trump.

Matthias (Matt) Koehl Jr. (22 de janeiro de 1935 - 10 de outubro de 2014) Foi o líder da Nova Ordem, organização nazista. Foi sucessor, após o assassinato de George Lincoln Rockwell, em 1967, na direção do National Socialist White People's. Koehl renomeou o NSWPP como a Nova Ordem em 1983. Matt Koehl também foi anteriormente chefe da União Mundial dos Nacional-Socialistas.

Michael Hill - Presidente da Liga do Sul, organização separatista cujo propósito declarado é "uma república livre e independente do Sul" dos estados da Confederação Americana, assim como os estados fronteiriços de Oklahoma, Missouri, Kentucky e Maryland.

Mike Hallimore – Fundador do Kingdom Identity Ministries (KIM), em Arkansas, da Christian Identity, defende o racismo, o antisemitismo e execução de homossexuais. Além de material da KIM, circula material da supremacia branca.

Morris Gulett (Nascido em 1955) – Membro antigo da Aryan Nations e Ministro da Christian Identity, foi braço direito de Harold Ray Redfeairn I, em suas pregações de ódio anti-semita. Foi preso por roubo a banco, destinado a fundos para sua igreja.

Pastor Drew Bostwick – Desde 2012, é líder da Aryan Nations.

Paul Craig Cobb (nascido em 9 de outubro de 1951) - Separatista branco que está tentando estabelecer uma comunidade branca de indivíduos com idéias semelhantes em Leith, Dakota do Norte. Em 2012, começou a comprar lotes de terra que depois seriam vendidos a outros nacionalistas brancos, como Tom Metzger, da Resistência Ariana Branca, e Alex Linder, da VNN, e pretende assumir a cidade com o apoio eleitoral dos recém-chegados.

Paul Drummond Cameron (nascido em 9 de novembro de 1939) – Psicólogo, estabeleceu o Instituto de Pesquisa da Família (FRI). Escreveu artigos declarando associações entre a homossexualidade e o abuso sexual infantil e foi expulso da American Psychological Association.

Paul R. Mullet - Pastor da igreja Dual Seedline Christian Identists, pertencente à Identidade Cristã e ao Nacionalismo Branco.

Peter Brimelow (nascido em 13 de outubro de 1947) – Britânico, fundador do webzine VDARE de supremacia branca. Brimelow fundou o Center for American Unity em 1999. Ele se descreve como um

paleoconservador. Até setembro de 2012, ele era colunista do MarketWatch da Dow Jones.

Richard Bertrand Spencer (born May 11, 1978) Foi presidente do National Policy Institute (NPI), entidade supremacista branca e da Washington Summit Publishers.

Richard Girt Butler (23 de fevereiro de 1918 - 8 de setembro de 2004) foi um engenheiro aeroespacial americano da Lockheed e fundador da Aryan Nations, uma organização separatista branca construída em torno da Christian Identity.

Richard Joseph Scutari (nascido em 30 de abril de 1948) era um membro da Ordem. Seu codinome no grupo, escolhido por Bob Mathews foi Sr. Black por sua experiência militar na África. Recentemente, na prisão escreveu um livro, cuja capa copia a foto mais divulgada de David Lane.

Richard Railey – Fundador do The White Student Union of Tarrant County, (WSUTCC), uma organização estudantil, defensora do patrimônio branco.

Robert (Bob) Patterson - Com outros treze residentes de Indianola, Mississippi organizaram o primeiro Citizens' Council em 11 de julho de 1954.

Robert Gaus, Douglas Sonier and Joseph Hoesch – Membros do Keystone State Skinheads (KSS ou Keystone United) - grupo nacionalista branco baseado na Pensilvânia. O KSS foi destaque no documentário da National Geographic Channel, American Skinheads.

Robert Jay Mathews (16 de Janeiro de , 1953 - 8 de Dezembro de , 1984) foi o fundador da Ordem.

Robert Lee "Wild Bill" Davidson (24 de junho de 1927 - 16 de janeiro de 2001) de Macon, Georgia foi o Imperial Wizard (mago) of the United Klans of America. O grupo era anteriormente conhecido como Invisible Empire, United Klans, Knights of the Ku Klux Klan of America, Inc.

Rocky Joe Suhayda (nascido em 1952) é fundador e presidente da European American Educational Association, renomeado Partido Nazista Americano, que ele reivindica conexão com o original, de George Lincoln Rockwell, onde teria atuado em 1968, aos 16 anos. Mais tarde, Suhayda se envolveu na Church of the Creator, co-dirigindo com o reverendo Ken Olson. Suhayda também trabalhou com a White Ariana Resistance e a National Alliance, e na década de 1980 trabalhou nos escritórios da SS Action Group em Detroit.

Rodney Martin (nascido em 1969) é um ativista branco nacionalista, dirige a American Nationalist Network, estação de rádio da internet fundada em 2013.

Roger Pearson (nascido em 1927) é professor de antropologia, conservacionista, defensor da eugenia, organizador político da extrema direita. É defensor de abordagem antropológica evolucionista e racista, do início do século XX. Em 1958 fundou a Liga do Norte, que promovia o pan-germanismo e o anti-semitismo e a ideologia neo-nazista. Em 1978, foi presidente da Liga Mundial Anti-Comunista (WACL), onde empregou ex-oficiais do Terceiro Reich e colaboradores nazistas de outros países.

Samuel Jared Taylor (n. 1951) de Oakton, Virgínia, é um jornalista defensor das teorias racistas para explicar problemas sociológicos e econômicos associados aos não-brancos, especialmente os negros. Taylor é o editor do American Renaissance, de teor análogo.

Samuel Todd "Sam" Francis (1947-2005) - Nacionalista branco americano , colunista e editor do conservador Washington Times até ser demitido por comentários racistas. Um dos principais teóricos políticos do paleoconservadorismo, participou ativamente do Council of Conservative Citizens, grupo racista anti-negros e anti-imigrantes. Francis foi editor-chefe do boletim do Conselho, Citizens Informer , até sua morte em 2005.

Sheldon Leroy Emry (4 de julho de 1926 - 6 de junho de 1985) foi ministro da Identidade Cristã e membro da John Birch Society. Pastor Emry foi associado da America's Promise Radio and Lord's Covenant Church.

Stephen Don Black (born July 28, 1953) – Ex membro da KKK, é proprietário e fundador do Stormfront, que é um fórum de internet nacionalista e supremacista branco e neo-nazista, considerado o primeiro grande site de ódio racial da internet.

Steven Lee Anderson (nascido em 24 de julho de 1981) é um pastor batista independente e fundador da Faithful Word Baptist Church em Tempe, Arizona. Professa a pena de morte a homossexuais, acusando-os de pedofilia. É revisionista e anti-semita.

Thomas Linton Metzger (nascido em 9 de abril de 1938) é um ex-Grande Dragão da Califórnia da Ku Klux Klan e fundador da Resistência Ariana Branca. Ele foi o candidato do Congresso do Partido Democrata ao Congresso em 1980.

Timothy Murdock "Horus, the Avenger"– Criou o White Rabbit Radio, um programa de rádio na internet. O projeto consiste em criar memes, vídeos e postagens massivas de mensagens segregacionistas e racistas na internet, principalmente o Mantra, texto escrito por Robert Whitaker.

Todd Weingart - Coordenador da Unidade de Tampa da Aliança Nacional, uma ramificação de do Partido Nazista Americano.

Vincent Bertollini (Nasc. 1939) e **Carl E. Story** (nasc 1936) - Fundaram o 11th Hour Remnant Messenger, grupo de identidade cristã antissemita e racista de Sandpoint, Idaho. Acreditavam que os

brancos seriam israelitas (o povo escolhido) da Bíblia, enquanto que os judeus seriam descendentes de Eva e Satanás. Eles acreditavam que os não-brancos não tinham alma. Tornaram-se notórios por dar suporte financeiro a Richard Butler, fundador da Aryan Nations.

Waine Lea – Fundador da Heterossexuais Organizados para um Ambiente Moral (HOME), organização anti-homossexualidade de Downers Grove, Illinois. Organização anti-LGBT.

Wesley Albert Swift (6 de setembro de 1913 - 08 de outubro de 1970) de Nova Jersey, ex-ministro metodista. Fundou em 1948 a Church of Jesus Christ Christian (Christian Identity) in Lancaster, California. Popularizou a teoria das "duas sementes" (ou "Seedline"), que sustenta que Eva foi seduzida pela Serpente, concebeu Caim como resultado, e que os judeus modernos são na verdade descendentes de Caim. Richard Girt Butler, fundador das Aryan Nations, foi discípulo de Swift.

William Daniel Johnson (nascido em 1954) é um nacionalista branco, advogado e o presidente do American Freedom Party.

William David McCalden (20 September 1951 – 15 October 1990) foi um ativista político e escritor britânico. Co-fundador do Institute for Historical Review (IHR) de caráter revisionista.

William H. Regnery II é um editor paleoconservador. Em 2001, ele fundou a Charles Martel Society, que publica o The Occidental Quarterly. Ele foi um dos fundadores do National Policy Institute, uma "think tank" da Whitefish, em Montana, atualmente liderado por Richard Spencer, com Sam Francis em 2005.

William Joseph Simmons (May 6, 1880 – May 18, 1945) - Fundador da segunda Ku Klux Klan, conhecida como Invisible Empire, Knights of the Ku Klux Klan.

William Luther Pierce III (11 de setembro de 1933 - 23 de julho de 2002) foi o líder da organização nacionalista branca National Alliance e principal ideólogo do movimento nacionalista branco. Físico de formação, trabalhou com George Lincoln Rockwell, o fundador do Partido Nazista Americano. Pierce tornou-se conhecido como o autor de um romance, The Turner Diaries (1978), escrito sob o pseudônimo de Andrew Macdonald. Ele fundou a religião do Cosmoteísmo. Defendia o separatismo branco, a limpeza racial e a eugenia, em seu programa.

Willis Allison Carto (July 17, 1926 – October 26, 2015) advogado e ativista político. Negacionista do holocausto, fundador do Institute of Historical Review, afirmava que o número de judeus mortos era uma fraude e que as câmaras de gás em Auschwitz eram uma planta industrial para transformar carvão em petróleo, operada por prisioneiros judeus bem alimentados e felizes.

Victoria "Vickie" Cahill

Ron McVan (6 em setembro de 1950, Filadélfia) se define como Wotanista. . Ele colaborou com Katja Lane na 14 Words Press , a editoria wotanista e supremacista branca que ela e David Lane criaram em 1995. Anteriormente ele era da Igreja do Criador. Ele argumenta que todos os arianos devem se unir para formar "uma Federação Pan-Árabe Mundial de tribos euro-étnicas" para evitar a extinção. É o principal articulador de movimentos extremistas árabes e neonazistas no mundo.

John Post é um comerciante de produtos neo-pagãos que teria roubado a ex-esposa de David Lane e Ron Macvan em milhões de dólares em produtos e livros. Ele é o dono do comércio online Wyr'd's Way, que se define por providenciar para "presos neo-pagãos formas de pouco custo para sua fé".
Victor Gerhard

LISTA DE SÍMBOLOS¹



A cruz celta é um símbolo da Igreja Cristã Celta, emprestado do emblema pagão celta pré-cristão do sol, Deus Taranis e simboliza proteção.



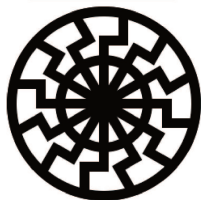
A cruz solar recebe esse nome, quando inserida no círculo, e segundo alguns pesquisadores, poderia ser o símbolo religioso mais antigo do mundo. Composto por uma cruz armada igual dentro de um círculo representa o calendário solar - os movimentos do sol, marcados pelos solstícios. Às vezes, os equinócios também são marcados, dando uma roda de oito braços. A suástica é também uma forma de cruz solar. A cruz do sol em sua forma mais simplificada (mostrada acima) é conhecida no norte da Europa como a cruz de Odin, Deus-chefe do panteão nórdico. Geralmente é usado como um emblema de Asatru, seguidores da religião nórdica. A palavra "cruz" em si vem da palavra Nórdica Velha para este símbolo: kros.



Usada nos grupos neonazistas para traduzir supremacia branca e "bravura diante do inimigo", a cruz germânica, ou cruz de ferro adornou uniformes do exército nazista. É um dos itens mais procurados por neonazis em leilões na DEEPWEB.



Valknut, também conhecido como nó de Wotan, é um símbolo nórdico composto de três triângulos entrelaçados ou um polígono com seis vértices, semelhante ao Triqueta (runa antiga de 3 direções). A origem da palavra, valknute é incerta; alguns apontam para um composto de valr, guerreiro morto em combate e knut nó.



O sol negro imita a Mesa Redonda da lenda arturiana com cada raio da roda solar representando um "cavaleiro". Ele é formado de três suásticas. Havia um gigantesco na entrada do castelo que Himmler habitou durante a Alemanha nazi e ele ali reunia-se com 12 líderes das SS (os 12 Gruppenführers), "altos iniciados" das SS, no Castelo de Wewelsburg, e efetuava rituais tenebrosos ao redor do símbolo do Sol Negro.



O símbolo da suástica (palavra originária do sânscrito "swastika") foi extensamente analisado por diversos autores: para Wilhelm Reich, revela o intercuro sexual, ao dispor duas figuras entrelaçadas, concorrendo para o efeito desejado pelo partido nazista como marca, influenciando a vida afetiva inconsciente das massas. Para Canneti, força, sacrifício, castigo e disciplina associados ao sangue.

Mjöllnir é o martelo de Thor e símbolo máximo do Wotanismo.



¹ Não exaustiva - outros símbolos serão trabalhados no texto da tese.



A raça branca W, grande criadora da natureza, no símbolo do Movimento da Criatividade.



A runa da vida na marca da National Alliance, representa a família e o povo.



A gota de sangue no centro da cruz representa o sangue derramado por Jesus Cristo na Crucificação, apenas pela raça branca ariana, a raça mestra de Deus ou povo escolhido. .



A runa usada pela SS na horizontal entrelaçada pela espada, fala do cavaleiro a serviço da Vida Ariana.

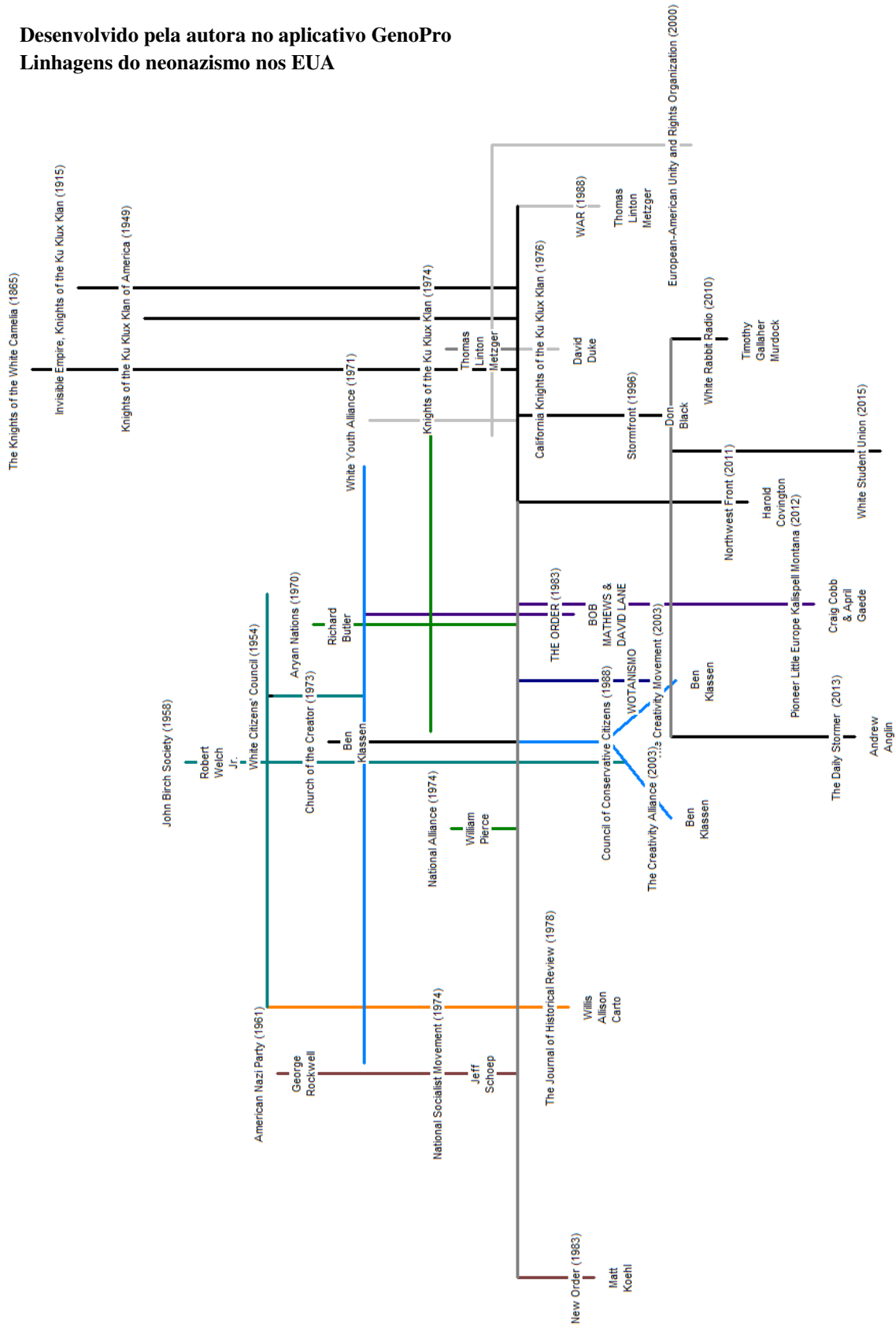
Código Numérico	Tradução
13/4/7	Abreviatura de <i>MdG</i> , "com saudação alemã" na Alemanha e na Áustria.
18	Representa as letras 1 e 8 do alfabeto latino e é usado como sinônimo das iniciais de Adolf Hitler. Alguns grupos neonazis empregam o 18 no nome como o Combat18 e o Sturm18.
28	Significando as 2ª e 8ª letras do alfabeto e é uma abreviatura, para os neonazis, de Sangue e Honra. B&H é um slogan neonazista ativo em muitos grupos (seja numérico, alfa-numérico ou alfabético) e usado também pelos grupos da juventude hitleriana. No final do verão de 2000, o uso da sigla foi banido na Alemanha.
2YT4U / 2yt4u	Traduz a ideia de " <i>muito branco para você</i> " (muito branco for you)
74	Representa a 7ª e 4ª letra do alfabeto (para a língua alemã) e serve de abreviatura para a "Großdeutschland", e representa uma saudação "Grande Alemanha", que corresponderia a todos os povos arianos

84	Aqui se destacam, também na língua alemã, as letras 8 e 4 do alfabeto e serve como abreviatura para "Heil Deutschland" e é usado como uma saudação ("Heil dir").
88	A duplicação da 8ª letra do alfabeto traduz a abreviatura da saudação "Heil Hitler". Há, por exemplo, o Club 88, o Chaos 88, e serve de senha, como saudação, junto ao 14.
444	Significa DdD ("Alemanha alemã"), para designar a xenofobia. .
19/8	Aqui as letras 19ª e 8ª do alfabeto, como abreviatura de "Sieg Heil", em alemão.
1919	A duplicação da 19ª letra do alfabeto, então "SS".
191 ou 19/1	Representa a 19ª e a 1ª letra do alfabeto, assim "SA" (Sturmabteilung). Refere-se as Tropas de Assalto" ou "Secções de Assalto", a milícia paramilitar nazista liderada por Ernst Röhm.
192	Quando se combinam as letras 1, 9 e 2 do alfabeto, têm-se "AIB" para "Adolf está de volta", em alemão.
1488	Definitivamente a marca mais usada, adiciona as <i>Quatorze Palavras</i> de David Eden Lane e a abreviatura "Heil Hitler", 8 = oitava letra no alfabeto, 88 = HH = Heil Hitler. Além disso, também pode representar 1 = Auf, 4 = Deutschland, 8 = Heil, 8 = Hitler, Ao Alto a Alemanha, Heil Hitler.
168:1	Registra perversa e cinicamente o bombardeio do Murrah Federal Building em Oklahoma City (Estados Unidos) em 19 de abril de 1995. O autor do ataque, McVeigh afirmou antes da sua execução: "Expresso de maneira mais áspera, fica entre 168 e um, e ele se sente como o vencedor".
14 palavras	O slogan de David Lane: " <i>Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas</i> " (Precisamos garantir a existência de nosso povo e o futuro das crianças brancas.) e refere-se a uma citação dos americanos terroristas Direito e racistas David Eden Lane. O número 14 representa as letras 1 e 4 do alfabeto e serve como abreviatura para "Auf Deutschland".
4/20	Ou 4:20 ou 420, 20 de abril, o aniversário de Hitler.
HFFH	" <i>Hammerskins forever, forever Hammerskins</i> " .
RAHOWA	SIGLA do " <i>RA cial HO ly WA r</i> ", que significa "guerra da raça santa".
SWP	" <i>Supremo poder branco</i> ", aumento de " <i>energia branca</i> " significa "maior poder branco superior".
WAR	(Na Alemanha, também WAW): significa resistência branca ariana ("resistência ariana branca").
WAP	Em uso recente significa " <i>White Aryan Power</i> " em extensão e semelhante aos atalhos acima.

WOTAN	Significa " <i>Will Of The Aryan Nation</i> ", em alemão : " A vontade da nação ariana", com uma referência ao deus germânico Wotan .
WP	Significa " <i>White Power</i> ", uma divisa do Ku Klux Klan. Mais tarde, foi usado pelo neonazista britânico Ian Stuart Donaldson, o cantor da banda Skrewdriver, em resumo da teoria nazi e racista da supremacia da "raça branca".
WPWW	<i>"Orgulho Branco em todo o mundo"</i> .
ZOG/JOG	Governo sionista ocupado , governo sionista / judeu ocupado.
SGH	Abreviação da vitória salvação.

SIGLA	significado
5	<i>"Não tenho nada a dizer"</i> . (" <i>Não tenho nada a dizer</i> ") Na seqüência da quinta emenda à Constituição dos Estados Unidos da América, o direito de permanecer em silêncio. Um código para o não dito, onde o ouvinte ou leitor pode pensar por si próprio o que é.
311	Escrito "3 vezes 11". 11 significa K, a 11ª letra do alfabeto, daí KKK, a abreviatura do Ku Klux Klan.
33/6	33 também representa 3 vezes 11 e, portanto, para KKK. 6 é a era atual do Ku Klux Klans e o número de fundadores da associação.
100%	... Descendente ariana pura.
4/19	É a data da ação do FBI contra a seita Davidian em Waco em 1993 e o bombardeio do Murrah Federal Building em Oklahoma City. É um símbolo de aversão ao governo dos EUA.
CI	Identidade Cristã (Identidade Cristã). Isso equivale a identidade branca e cristã, que, ao mesmo tempo, apenas os cristãos como um "povo escolhido" chamado e judeus são excluídos, uma vez que eles estão na visão dos extremistas de direita de animais ou descendentes de Satanás (veja também o antisemitismo).
UAO	<i>"United As One"</i> , saudação dos racistas brancos.
44+44	44 + 44 = 88, 88 para a oitava letra no alfabeto, o <i>H</i> , ou seja, <i>HH</i> para <i>Heil Hitler</i> . Além disso, as quatro são escritas da mesma maneira que o sinal SS.

Desenvolvido pela autora no aplicativo GenoPro
Linhas do neonazismo nos EUA



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
PARTE A – BIOGRAFANDO UM LÍDER NEONAZISTA	36
A.1 <i>Introdução: As Cinzas me Contaram uma Nova História</i>	36
A.2 O Que Uma Urna Pode Conter?	51
A.3 Inventando Para Si Uma Vida Ariana: Os Escritos de Lane	59
A.3.1 A autobiografia: entrelinhas de lembranças e mistérios	64
A.3.2 Revelando “Profecias”	80
A.4 Explorando categorias do neonazismo: a codificação dos textos de Lane no N*VIVO	96
A.4.1 Religião	102
A.4.2 Sistemas Econômicos	104
A.4.3 Poligamia	105
A.4.4 Natureza e Cultura	106
A.4.5 Civilização	109
A.4.6 Racismo	109
A.4.7 Ódio	110
A.4.8 Homem e Mulher	111
A.4.9 14 e 88	117
A.5 <i>Os Estrondosos Tempos da Irmandade Silenciosa</i>	118
A.5.1 Bob Mathews, o Líder	120
A.5.2 Da atuação da Irmandade à prisão de Lane	124
A.5.2.1 O Programa	156
A.5.3 Dos Assaltos e dos assassinatos da Ordem	132
A.6 Do julgamento à morte e Lane na prisão	142
A.7 Homenagens pós-morte	145
PARTE B - O NEONAZISMO	153
B.1 Introdução	153
B.2 A História dos EUA, entre raça, paranóia, religião e nação	160
B.3 Pele, uniformes, tortas de maçã: entre racistas, paranóicos, nacionalistas e religiosos: eles, os Neonazistas	170
B.4 DA KKK a National Alliance	186
B.4.1 Breve Relato Sobre A Ku Klux Klan	186
B.4.2 Do Comandante Aos Diários De Turner: Uma Breve História Da Fundação Do Neonazismo Nos EUA	194
B.5 OS DIARIOS DE TURNER: A TENTATIVA DE DERRUBAR O GOVERNO DOS EUA	199
B.6 . A Religiosidade aprimorada no Ódio: A Identidade Cristã	203
B.6.1 Grupos e mais grupos, ódio e mais ódio	209
B.6.2 A cena neonazi nos EUA	213
B.6.3 O Censo de 2010 e as novas dimensões populacionais.	232
B.6.4 Novos Sites, velhos escritos: dois exemplos dos tipos de propaganda, do modelo de Pierce.	236
B.6.5 Nacionalismos e Medos de Minorias	242
PARTE C - ENTRE A ETNOGRAFIA E BIOGRAFIA: RELAÇÕES POSSÍVEIS, INTERAÇÕES PROFÍCUAS.	244
C.1 Introdução	244
C.2 Biografia, etnografia e reflexividade	246
C.3 – Etnografando o ódio	267

C.4– A Biografia Heróica de David Lane	275
PARTE D – O QUE SÃO PESSOAS PARA O NEONAZISTA	279
D.1 Introdução: As vítimas da Eugenia, da Alemanha a Sagamihara: sempre silenciadas.	279
D.2 E pessoa com deficiência, que pessoa?	287
D.3 E o que pensam os neonazistas da pessoa com deficiência?	292
D.4 O medo da deficiência	300
PARTE E – Considerações Finais	303
PARTE F. Algumas Imagens	307
PARTE G – BIBLIOGRAFIA	316
PARTE H - ANEXOS	327

INTRODUÇÃO

“In this country American means white. Everybody else has to hyphenate.”

Toni Morrison

O racismo procede por determinação das variações de desvianças, em função do rosto Homem branco [...] O racismo procede por determinação das variações de desvianças, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em ondas cada vez mais excêntricas e retardadas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (é um judeu, é um árabe, é um negro, é um louco..., etc.). Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem.

Deleuze e Guatarri¹

A presente investigação objetiva analisar a biografia do líder neonazista David Éden Lane, mapear os grupos neonazistas nos Estados Unidos, seu processo de nazificação, o lugar que esses grupos construíram para Lane e como ele legitimou esse lugar para si, em especial por meio de seus escritos. Para tanto, a apreciação biográfica se uniu à etnografia. Algumas questões cruciais surgiram dessa análise: entre elas, por escolha, vou me deter na bidimensão da construção do mito neonazista e no mapeamento dos grupos neonazistas. Esse mapeamento é oriundo do trabalho etnográfico, da observação do ódio como centro da vida social do ativismo e da noção de pessoa construída pelo movimento.

Há muitos elementos para escolher, e numa tese é preciso reconhecer que, ao separar esses temas, muitos outros não serão abordados, mas distingo que esses três respondem a três perguntas: a) quem eles pensam que são e como constroem o outro (o cultivo do ódio e do outro como não-pessoas ou menos pessoas), b) o que eles pensam (sua cosmologia, textos fundadores e narrativa de mundo) e como constroem esse pensamento (a narrativa bidimensional) e c) o que eles fazem (o ativismo alicerçado no ódio).

Vim desenvolvendo a etnografia dos grupos neonazistas, a partir do confronto

¹ Ao longo do livro usarei várias citações sobre a questão da rostidade, abordada por Deleuze e Guatarri no Terceiro volume de *Mil Platôs*. Nada me pareceu mais definidor do neonazismo do que esse trecho de Deleuze. Voltarei a ele mais à frente. As citações ao longo da tese me ajudaram a pensar cada movimento, cada processo. Essa primeira citação é da página 41.

etnográfico², de junho de 2002 até o fim do fechamento dos meus dados etnográficos obtidos online, em dezembro de 2017. Em mais de uma década e meia de pesquisa³, primeiramente etnografei sites, blogs, fóruns e comunidades neonazistas na WEB, o que resultou em meu trabalho de conclusão de curso (DIAS, 2005). A seguir, passei a confrontar esta etnografia, que continuei desenvolvendo com processos judiciais e notícias acerca do neonazismo no mundo, entre outros relatos acerca do tema, observando a cena neo-nazi em língua inglesa, portuguesa e espanhola. Deste trabalho de campo, multi-situado (HANNERZ, 2003; MARCUS, 1986) e inter-hypermediado (DICKS & MASON, 1998), produzi a minha dissertação de Mestrado (DIAS, 2007). Para a dissertação, entre os milhares de sites encontrados, explorados quantitativamente pela metodologia Cibermetrica⁴, investiguei quarenta sites em profundidade, graças a um software de análise de conteúdo como ferramenta auxiliar, o N*Vivo⁵, visto que estes quarenta sites (entre eles blogs, fóruns e sites do movimento), além de comunidades do extinto Orkut, significaram dois milhões de URL⁶s distintos, que foram consideradas em conteúdo e Linguagem de Programação. Para isso produzi dois bancos de dados distintos, entregues à banca e à Unicamp, visto que seria impossível imprimir este material como anexo.

Para cada site, fórum, blog, ou comunidade organizo em meu caderno de campo a descrição do site, que consta de análise de conteúdo, da estética e da programação. Além disso, busco informações dos links que os sites oferecem, e desde o início percebi que o

² No sentido de confronto etnográfico descrito por Vincent Crapanzano em *On the writing of ethnography*. Voltarei a esta questão e a este texto de Crapanzano posteriormente.

³ Houve momentos que interrompi por estar gravemente doente.

⁴ O projeto de Cibermetrica da Universidade de Sydney construiu vários indicadores para mensurar sites: SIZE é o número total de WEB paginas de um website; FILES SIZE, volume em bytes do total de filas do website; DENSITY HIPERTEXTUAL, a média numérica de links por pagina; DENSITY MULTIMEDIA, a média numérica de objetos multimídia por pagina; DEPTH, o número máximo de diretórios de um site; LUMINOSITY, número total de links internos e externos que se dirigem ao site; BROWSEABILITY, a relação entre o número de links internos de um site e seu total de paginas; ENDOGAMY, porcentagem de links internos únicos em relação ao total de links; VALIDITY, porcentagem de links validos em relação ao número total de links; POPULARITY, numero de visitas diferentes num determinado período; CONNECTIVITY, número total de links únicos recebidos por um site, externamente; VISIBILITY, número total de links externos de um site; IMPACT, relação expressa pela divisão de número total de links externos e número total de páginas de um site.

Abordo a metodologia em DIAS, Adriana. *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007

⁵ Refiro-me ao software QSR N*VIVO, versão 11, para análise qualitativa de dados. Doravante o denominarei apenas N*VIVO. Há muitos softwares e aplicativos para análise qualitativa, como o MAXQDA, The Ethnograph, entre outros. Prefiro a versão do N*VIVO mais por hábito de uso. Ainda vejo problemas em todos eles. Uso-os com o Gephi e com meus próprios bancos de dados para minimizar os problemas.

⁶ Um URL é uma sigla (um anglicismo) "Uniform Resource Locator". Um URL é um localizador de endereço de rede no qual se encontra algum recurso informático, como por exemplo um arquivo, site, ou um dispositivo periférico (impressora, equipamento multifuncional, unidade de rede etc.).

movimento é profundamente endogâmico, oferecendo links para outros sites do movimento. Pouco se vê links de outro tipo (não chegam a 1% no total da etnografia). Quando apontam links para outras ferramentas da rede, que permitiam grande fluxo de interação e comunicação, como redes sociais, nas quais havia centenas de comunidades neonazistas, blogs, canais de comunicação como MUDs e IRC, listas de discussão, fóruns e chats, são para perfis de líderes e ativistas nessas ferramentas ou plataformas. É terrível notar que os dados do tráfego sempre foram crescentes durante toda a pesquisa e apontaram, sempre, para um número muito maior do que o crescimento populacional.

As questões metodológicas centrais na abordagem etnográfica do neonazismo. Vão desde as implicações das novas tecnologias da comunicação, para pensar, inclusive como poderiam ser realizadas etnografias no ciberespaço⁷, até como etnografar um movimento criminoso, e que sempre me propus a denunciar. Um dos termos mais utilizados, “*etnografia virtual*”, foi amplamente discutido por Christine Hine (2005)⁸, para pensar distintas justaposições metodológicas para o estudo qualitativo da Internet. Hine discute a relação entre pesquisador e pesquisados; traçando especificidades impostas pelo meio virtuais, e segundo a autora a idéia é “*interrogar o método tradicional*”, afinal, argumenta ela “*numa reflexão sobre se uma entrevista virtual pode ser considerada uma verdadeira entrevista, nós também podemos pensar mais profundamente sobre o que é que temos valorizado como metodologia no que se refere a entrevistas*” (p.10).

Para Hine a etnografia no virtual é enriquecedora, porque pode auxiliar a teoria antropológica no pensar-se, e assim poderiam “*enriquecer-se mutuamente, por serem similares, em alguns aspectos, mas muito diferentes em outros*”. Outra pergunta importante da autora é: “*porque é mais fácil criar confiança nos relatos da vida real (p.55)?*” que leva a pensar o tema da confiabilidade na etnografia, tema clássico da antropologia.

Matthew Williams (2007), no que denomina “*the application of research*

⁷ Cf. Escobar, 1994; Hakken 1999; Miller & Slater 2000. A idéia de “etnografia virtual” (HINE, 2000, 2005, 2006; WILLIAMS, 2005 e 2006; MAYAN I PLANELLS, 2006), de etnografia do ciberespaço (HAKKEN, 1999, DIMAGGIO et al, 2001), de etnografia por meio da Internet (BEAULIEU, 2004) e de ciber-etnografia (ESCOBAR, 1994), desejam problematizar especificidades das interações hipermediadas, o uso de ferramentas particulares para obter e sistematizar dados, as definições, imersas em alto grau de complexificação de “território virtual” e “temporalidade digital”, e, objetivando, finalmente, refletir como a experiência do investigador e a sua relação com o objeto de estudo afetam os agentes analisados.

⁸ Tanto em duas de suas obras principais: *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet* (2005) e *Virtual Ethnography* (2000). Um resumo de sua pesquisa foi apresentada, em 2006, durante o III Congresso Online del Observatorio para la Cibersociedad na conferência *Virtual Ethnography*.

methodology to the online arena”, estudou a representação de perfis e avatares⁹ em comunidades virtuais, e faz interessantes observações acerca da prática da etnografia virtual. Para Williams os “*ambientes on-line*”, principalmente depois do “*advento de novas tecnologias de banda larga e da expansão da linha gráfica*” exigiram métodos que problematizassem inclusive a rápida mutação dos mesmos, e como isso retrata algo “*da cibercultura*”. Em outra de suas obras (2006), *Virtually Criminal: Crime, Deviance & Regulation Online*, o autor discute a natureza dos crimes cometidos no contexto de uma comunidade virtual on-line, num trabalho de etnografia vasto, no qual sugere por meio de diferentes abordagens teóricas sobre as comunidades online e off-line, a natureza do “*crime*” e também, sua configuração transnacional e discute estratégias de regulação. Williams dá conta, ainda, por meio da “*etnografia virtual*” da questão que dominou durante certo tempo o debate acerca do tema: a relevância da pesquisa virtual.

Bella Dicks e Bruce Mason (1998), em *Hypermedia and Ethnography: Reflections on the Construction of a Research Approach* também analisam o tema da “*etnografia em ambiente hiper mediado*”. Essa nova concepção exigiria uma “*superação da “suspeita noção de espaço-definido de uma 'comunidade' como um objeto de estudo, seria suplantada pela idéia de Marcus de etnografia multi-sitiada, verdadeiramente mais centrada na mobilidade das forças sociais do que em suas relações de fixidez e 'habitação' (Clifford, 1997)”*”.

Na abordagem etnográfica era fundamental, ainda, elucidar como os movimentos neonazistas se relacionavam entre si, e valiam-se da rede. Para compreender isso, utilizei um e-mail de servidor anônimo, registrei-me em vários fóruns neonazis, para ter acesso aos membros dos grupos. Uma de minhas principais informantes, inclusive, esteve na cremação de David Lane. Apesar do risco, e das diversas ameaças que sofri, esta foi a forma que escolhi para garantir acesso a informação detalhada sobre fontes e dados.

Outra ferramenta foi de particular importância, os índices escolhidos do projeto de Cibermetrica da Universidade de Sydney, Austrália. Para viabilizar a utilização destes indicadores, todos os sites foram baixados completamente no formato de pdf. Assim, era possível visualizar os indicadores, para que esta visão de todo apontasse caminhos e

⁹ Geralmente, nas redes sociais, perfis são as descrições a respeito de si mesmos que os participantes disponibilizam para os outros internautas. Em algumas comunidades, os perfis podem ser restritos a contatos pré-determinados. Os avatares são os desenhos gráficos (personagens) que servem como representação do internauta nas redes sociais.

esclarecesse as melhores direções. Também, com o auxílio da ferramenta de pesquisa qualitativa N*Vivo, foram construídos dois banco de dados, em plataforma Access, para analisar cada um destes índices. Usei ainda o Gephi e outros aplicativos de análise de dados, além de ferramentas virtuais, como o Archive.org, para reconstruir sites retirados do ar, e o Alexa para medir acesso, PageRank e links. Para maior detalhamento da dimensão metodológica da pesquisa intermediada pela WEB, consultar minha dissertação de Mestrado¹⁰. Acho, inclusive, que a antropologia está por demais acostumada a pesquisas multi-situadas e intermediadas; ao lidar com relatos, mudamos a forma, as ferramentas, os dispositivos: na etnografia inter-hypermediada¹¹ não vamos tanto à biblioteca, à sede do jornal e ao jovem que detém coleção de cartas. Os dados são menos válidos se os encontramos na rede, se soubermos, de fato, avaliá-los como confiáveis?¹² Na verdade, encontramos na pesquisa de campo, se realizada com rigor, sempre questões canônicas: como lidar com os dados e com os informantes sempre será uma grande pergunta, enquanto houver etnografia.

< >

O meio digital me favorece. Não apenas por ser pessoa com deficiência. Levei muito tempo pensando se deveria colocar essa questão aqui, mas como uma das questões que me afetaram em páginas neonazistas que abordaram a questão da deficiência, fato no qual tenho militância de mais de duas décadas, resolvi fazê-lo.¹³

Retomando, o meio digital me favorece. Sou programadora, e tenho certa habilidade para lidar com bancos de dados, softwares, rede Tor e isso sem dúvida facilitou muito a realização desta pesquisa. Muitos dos dados foram compilados em ferramentas pouco conhecidas pela antropologia. Na medida em que forem citadas, darei uma breve descrição

¹⁰ Cf. DIAS, Adriana. *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007

¹¹ Denomino de “Inter-hypermediada” a etnografia construída inter dispositivos (computador, celular, tablets, entre outros), e “hypermediada”, a mediada por hipertexto, seja na WEB ou na DEEP WEB. Cf. DIAS, Adriana, idem. A WEB (também denominada surface web) representa a porção visível da Internet, acessível por navegadores comuns, e corresponde a cerca de 1 ou 2% do conteúdo total da WEB. Um estudo feito na Universidade da Califórnia em Berkeley em 2001 estimam que a deep web possui 7.500 terabytes de informação, formado, pincipalmentne, de dados não indexados, scripts, formulários, bloqueados por senha, e criminosos (nessa ordem). Cerca de 75% do total são dados não indexados, ou seja não linkados.

¹² A pesquisa via WEB retoma a questão da veracidade dos dados, tão presente em qualquer etnografia quanto na pesquisa *face to face*. Falarei acerca disto quando discutir os dados da DEEP WEB.

¹³ Meu doutorado coincidiu com um agravamento da minha doença de fundo, com dificuldades para lidar com questões de acessibilidade na UNICAMP, e em especial, com um novo desafio: a coordenação no Comitê da Associação Brasileira de Antropologia de Deficiência e Acessibilidade, entre outras questões. Então, quando falar dos afetos do campo, também tratarei disto.

para elas. Nesta etapa da pesquisa usei muito mais rede Tor, para acessar a denominada DEEP WEB, visto que muito material, tanto acadêmico como criminoso, circulam neste espaço em geral menos acessível ao internauta acostumado a ferramentas de busca tradicionais. Falarei destas questões em momento oportuno. Ampliei os bancos de dados antigos¹⁴, visto que não apenas o número de sites aumentou, mas principalmente o número de participantes em fóruns cresceu de maneira espantosa. O Orkut deixou de ser a comunidade mais frequente, até ser extinto pelo Google; atualmente o VK¹⁵ e o Youtube são, sem dúvida, as preferidas pelos neonazistas. Outros tempos, outras redes. O mesmo ódio, talvez maior ainda. O volume de material cresceu ainda mais, e foi preciso usar ferramentas mais adequadas de análise – e além de N* Vivo, agora uso também o Gephi¹⁶.

A tarefa aqui foi gigantesca. Ler uma quantidade de material imensa, sistematizar, dialogar com ela, procurar sentido em frases absolutamente sem nenhum sentido para mim, levar “a sério” um projeto que abomino, mas que cresce e que parece contaminar todo um discurso conservador no mundo contemporâneo.

< >

Foi durante o início da minha pesquisa que “conheci” David Lane. E como acredito numa antropologia que não sai a campo com elaborações fixas e busca dados que as confirmem, importava-me a nova realidade que encontrava, “na minha ilha nativa”, importava-me compreender o que estava diante dos meus olhos, o que aquele novo mundo significava, o que os vídeos neo-nazis me transmitiam, como eu era afetada por tudo aquilo. Meus estudos acadêmicos foram muito importantes para “dialogar” com aquele mundo, e para encontrar dentro de mim respostas de como reagir a ele. Era impossível uma posição

¹⁴ No Mestrado eu analisei 40 sites, que somavam um total de 468 páginas em blogs (0,11%), 24.371 páginas em sites (5,57%), 449 páginas em lojas (0,10%) e 412.037 páginas em fóruns (94,22%), sem contar os mirrors. Com mirrors, havia pouco mais de 13 mil sites de todos esses tipos na WEB, em três línguas (espanhol, inglês e português). O número de sites cresceu cerca de 50% nesse período, mas o de participantes em fóruns cresceu cerca de 5 vezes, o que indica uma aproximação entre os grupos, mais do que um crescimento intra-grupo. Cf. Dias, Adriana O Crime de Ódio e o Neonazismo na Internet: Análise de uma Experiência Etnográfica International Conference on Forensic Computer Science (ICoFCS), The International Conference on Forensic Computer Science (IJoFCS) e ICCyber (The International Conference on Cyber Crime Investigation), Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://icofcs.org/2008/ICoFCS2008-pp07.pdf>

¹⁵ Originalmente VKontakte, é uma rede social de origem russa, equivalente ao Facebook.

¹⁶ Gephi é de software de análise e visualização de redes de código aberto escrito em Java na plataforma NetBeans, que permite análise de grafos. A teoria dos grafos é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto. A utilizei para analisar as redes de sites e grupos neonazistas, em relação a David Lane, e também a presença de David Lane no Twitter. Para esse segundo uso criei um aplicativo.

totalmente imparcial diante de tanto ódio. Não foi diferente com David Lane: atribuí, na primeira vez que li um texto seu, ao artífice de algum adolescente com problemas psiquiátricos graves. Assim que soube quem era Lane, de fato, tomei um susto.

O susto, anos depois, virou uma espécie de reserva enojada. Não tenho nenhuma simpatia pelo meu objeto de pesquisa¹⁷. Mas, como etnógrafa, deveria descrevê-lo o mais fielmente possível, levando a sério o que cada membro do grupo descreve sobre si. A rara bibliografia sobre o tema disponível no princípio de meu trabalho de investigação está hoje um pouco mais robusta, mas não há praticamente nada que descreva, do ponto de vista da antropologia, o fenômeno neonazista, muito menos que discuta os papéis dos líderes do movimento. Os textos são da psicologia social, dos estudos da religião, da política e da sociologia, e foram muito úteis, mas eu fazia etnografia. A solidão do campo na WEB, e do tema que eu pesquiso, também não ajudou. Descrever David Lane e meus “encontros com ele”, em vídeos, páginas e documentos do FBI, notas de jornal, sempre me deram a dimensão de que realmente o tema e suas nuances eram muito perigosos. A minha vida, meus familiares e amigos acabaram sendo afetados por eles, sem dúvida.

A luta dos ativistas neonazistas por segregação e eliminação do outro (o judeu, o negro, a homossexualidade, a pessoa com deficiência, o imigrante¹⁸) exige que a humanidade preste atenção ao fenômeno e leve a sério uma discussão acerca do motivo de esse movimento persistir na tentativa de convencer do inconcebível. Inteirar-me do tema e inquirir dados, evidências, documentos, testemunhar experiências de ódio, exigiram-me denunciar. Trato disso posteriormente.

David Lane surgiu no meu primeiro dia em campo, na primeira vez que investiguei um site negacionista¹⁹ na Internet, e é nele que minha pesquisa a respeito dos neonazistas se finda. Não com a sensação de que dei conta de tudo, nem de que esgotei a temática. Isso seria absolutamente impossível, em qualquer tema. David Lane, o grande ícone do movimento, é o tema desta tese que finda minha etnografia sobre ele, que neste último período se debruçou mais especificamente sobre seus escritos, acerca de notícias e informações, relatos e narrativas a respeito dele, em vídeos realizados para criticá-lo ou

¹⁷ Falarei da questão da afetação em campo posteriormente.

¹⁸ E o nordestino no caso particular do neonazismo brasileiro.

¹⁹ Os negacionistas se denominam revisionistas. Em respeito aos sobreviventes do Holocausto, uso o termo negacionista, a não ser em citações diretas etnográficas.

celebrá-lo, em suas entrevistas, em sua história, e em elementos dela, encontrados na WEB, ou na DEEP WEB.

< >

Todas as citações etnográficas foram traduzidas por mim. Se alguma página recebeu tradução de outra pessoa, citarei expressamente. As citações etnográficas estão marcadas por colchetes e numeradas em ordem seqüencial, em negrito e itálico, em fonte tamanho 11, para diferenciá-las das citações e epígrafes. A mesma formatação foi usada para citações diretas de David Lane. No final, siglas apontam de onde se originam. A lista de siglas está no início da presente tese. Por se tratar de crime, não dou a referência do link, não desejo estimular o acesso aos sites, mas eles constam do banco de dados entregue à banca, do mesmo modo realizado no Mestrado.

< >

Sobre as imagens, gostaria de lembrar que a grande maioria das imagens do presente texto foram mineradas²⁰ em bancos de dados na WEB ou DEEP WEB, e em extensão.jpg, portanto são imagens que foram comprimidas para ter seu tamanho reduzido, a fim de serem postadas na WEB ou DEEP WEB. Obviamente, a grande maioria das pessoas citadas é de muito difícil acesso ou são pessoas mortas. Para redimensionar ou retocar um JPEG, eu correria o risco de a imagem ficar granulada ou pixelada (sem boa definição). Eu teria duas soluções: uma delas seria trabalhar as imagens em editor de imagens, levando horas em cada uma; mas com isso, eu estaria disponibilizando imagens de alta qualidade para que com um simples “prtsr” (copiar tela), qualquer ativista do neonazismo usasse a foto em alta definição para seu material de propaganda, inclusive impresso. Preferi a outra opção: arrumar as imagens em designs gráficos de qualidade, com dados a realizar tal tarefa. Essa tarefa foi desenvolvida na plataforma Canva, a partir de imagens dos sites do movimento (ou de sites históricos, nomeados quando assim acontecer) e de gráficos desenvolvidos no N*VIVO, e nos programas e bancos de dados por mim desenvolvidos, ou utilizados para a presente investigação.

< >

²⁰ Expressão comum a programadores, minerar dados significa encontrar dados.

Para tratar de tudo isso é preciso por alguma ordem no caos. Por isso, a tese está dividida em quatro grandes partes, além da introdução e um epílogo (não esperem uma conclusão, mas considerações pós-campo).

Na **PARTE A – BIOGRAFANDO UM LÍDER NEONAZISTA**, trato da biografia de David Lane, de seus textos, e de como ele se construiu reconhecido como líder no movimento.

A **PARTE B - O NEONAZISMO** busca é oferecer um panorama histórico do neonazismo estadunidense, da nazificação da Ku Klux Klan e um breve resumo dos grupos que geraram o movimento. Ele surge da etnografia.

A **PARTE C - ENTRE A ETNOGRAFIA E BIOGRAFIA: RELAÇÕES POSSÍVEIS, INTERAÇÕES PROFÍCUAS** objetiva discutir as complexas e profícuas relações entre etnografia e biografia, e como fizeram parte do processo de construção da presente tese.

A quarta e última parte, **PARTE D - UMA PEQUENA CONTRIBUIÇÃO A QUESTÃO DA NOÇÃO DE PESSOA EM ANTROPOLOGIA** é uma reflexão sobre a concepção antropológica de pessoa, à luz da minha experiência nessa pesquisa, a partir do meu maior confronto etnográfico.

PARTE A – BIOGRAFANDO UM LÍDER NEONAZISTA

"A ideologia supremacista branca é baseada em primeiro lugar na ideia de degradação dos corpos negros, a fim de controlá-los. Uma das melhores maneiras de inculcar medo nas pessoas é aterrorizá-los. E o medo se sustenta por convencê-los de que seus corpos são feios, seu intelecto é inerentemente subdesenvolvido, sua cultura é menos civilizada, e seus mandados futuros menos preocupação do que a de outros povos."

Cornel West²¹

A.1 Introdução: As Cinzas me Contaram uma Nova História

“Isso não é exatamente a definição de biografia? Uma lógica artificial imposta a uma ‘sucessão incoerente de imagens’?” Escolhi essa definição, cunhada por Milan Kundera em um trabalho de ensaios a respeito da arte literária (*Encounter*, na tradução inglesa), para iniciar minha discussão. Pretendo, no entanto, exatamente o contrário: que as imagens incoerentes sejam apresentadas em toda sua particular incoerência. Não almejo entender a totalidade ou o sentido da vida de David Éden Lane. Minha tentativa é apresentar e ler as imagens que compuseram sua vida, não como construtor de percursos lógicos, mas acompanhando toda a instabilidade e irregularidade de sua singular, e radical, trajetória. Descrever as muitas narrativas, para pensar o porquê dessa multiplicidade... Sem pensar em “impor” nenhuma lógica artificial a elas.

Principiemos.

No dia 28 de maio de 2007, April Gaede recebeu um telefonema do capelão da prisão em Indiana Haute, em que David Lane cumpria pena. Segundo o telefonema, ele aparentemente morreria durante o sono na noite anterior ou no início daquela manhã. April era, naquele momento, o contato de David Lane na prisão, a pessoa mais próxima, desde a separação de David de sua esposa Katja²². Ela teria as ordens explícitas de Lane para coordenar seu funeral e cremação.

²¹ West defende que a situação dos afro-americanos se define por um niilismo, em que é a vida sem sentido, sem esperança, sem amor, em uma "cultura de consumo" imposta pela lógica branca. West, Cornel. *Race Matters* Boston: Beacon Press, 1993

²² As informações foram dadas por April Gaede num fórum neonazista e fazem parte de minha etnografia realizada em ambiente hyper-intermediado. Ela organizou a cremação do líder morto.

David Lane faleceu meses antes da defesa do meu Mestrado²³. Passei a acompanhar, desde então, a amplificação do impacto que sua morte desenvolveu no discurso neonazista, e a proliferação de seus escritos a partir deste ponto, desde os elementares momentos da notícia fúnebre. O movimento neo-nazi o denominou como prisioneiro de uma “guerra racial”, como os demais membros da “The Order” (também conhecidos como Bruder Schweigen, ou Silent Brotherhood), grupo paramilitar do qual foi membro fundador; mas, além disso, também era tido como grande pensador da causa e agora emergia como mártir. Isso provocou reação de algumas outras lideranças, e quando era crítica a Lane, a manifestação era taxada dentro do movimento como “*inveja, loucura, entre outras coisas*”, “*uma tentativa de reivindicar certa notoriedade*”²⁴. A morte de Lane engendrou uma verdadeira avalanche de disputas – aliás, foi exatamente por conta de todas as lutas e questões que se espalharam diante da morte de David Lane que o escolhi como objeto para meu Doutorado, neste desafiante percurso entre etnografia e biografia.

Ao descobrir que April Gaede e não Katja, sua esposa (até então, eu o presumia casado com ela), fora responsável por seu velório, ao descortinar as disputas por suas cinzas, deparei-me com uma circulação intensa e ascendente de denúncias, querelas, mágoas, fofocas, acusações e revelações na comunidade neonazista, o que foi decisivo para viabilizar este trabalho. Inclusive por desnudar a imensa heterogeneidade dos grupos, suas opiniões, suas lutas internas, a necessidade do movimento de “inventar” um Lane para si. Fui pega de surpresa pela notícia da separação entre Lane e Katja, numa denúncia feita num dos fóruns neonazistas por um parceiro de Lane, Ron Mc Van, que com ele escrevera o livro *Creed of Iron*, um dos mais lidos do movimento neonazista. Isso se deu, inclusive, por ter lançado nova versão do livro na Internet, bastante modificado, sem menções a Katja Lane.

Essencialmente, a questão da morte de David Lane me recorda toda a minha experiência etnográfica de mais de uma década, desde a graduação e o Mestrado, as minhas preocupações epistemológicas, os meus afetamentos, (no sentido que lhe dá Jeanne Favret-Saada ao defini-lo como “*apreensão de uma dimensão central do trabalho de campo ‘a modalidade de ser afetado’; a específica experiência afetiva com o qual lidamos na*

²³ DIAS, Adriana *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. Campinas: UNICAMP, 2007

²⁴ Lane obteve muito pouca oposição dentro do movimento, situando-se essa em torno da Identidade Cristã em seu grupo mais extremista e no movimento relacionado ao movimento Volksfront, adeptos de neonazismo mais próximo do Luteranismo racializado e de uma interpretação mais ligada ao protestantismo da KKK original.

circunstância etnográfica”) (FAVRET-SAADA, 1990, p. 3-9)²⁵, as minhas inquietações de campo²⁶, os meus medos, as minhas dúvidas. No entanto, na época do meu Mestrado, eu não imaginava que a morte de David Lane desvendaria para mim tantos mistérios como testemunhei.

Localizei os personagens envolvidos nas redes sociais da WEB (especialmente Facebook e VK), e nos em sites, blog e em fóruns neonazistas, por meio dos seus nikenames, e a briga pelo poder dentro do movimento surgiu diante dos meus olhos, com toda sua fúria. Ao observar minuciosamente essas lutas por poder, percebi ódios ainda mais radicais, cisões impensáveis, ameaças e acusações que tornaram a pesquisa de campo um espaço em que eu olhava todos os envolvidos com duplo desconforto: além de serem neonazistas, tramavam as mortes uns dos outros. Pelas cinzas de Lane, ameaçavam estuprar mulheres neonazis, ao que estas respondiam com juras de morte; outros juraram vingar Lane das traições de Katja; e eu me vi diante de espaços de disputas e ódios, entre os que pregavam a partir da justificativa radical de “unir-se por ódio aos outros”.

Quando acompanhei essa explosão vulcânica de ódio neonazista, nas postagens e mais postagens nos textos dos líderes, sobre as 14 palavras e a importância desse “texto fundador²⁷” para a raça branca, e os ódios que qualquer crítica a Lane suscitava, me deparei com uma questão complexa e contraditória: para fora do epicentro do movimento, nada daquele ódio transparecia: posts eram controlados, e a estética assumia glacialmente o controle das Fúrias. Quase nenhum membro de fóruns, fora dos líderes de células ou grupos, visitava as páginas em que as postagens foram expostas. Este silenciamento também era uma morte, uma remissão, uma descontinuação, uma suspensão, e eu precisava interrogar esse ocaso. Porque os sites “morreram” com a separação de Lane e Katja, e principalmente, com a forma com que essa separação aconteceu?

Morrer, percebo, engendra esquecimentos, memória e devir. Michel de Certeau declara que a prática do historiador seria “*marcar um passado, um lugar para a morte, mas*

²⁵ Refiro-me aos afetos que foram mobilizados em mim: não me tornei neonazista, obviamente, ao contrário, desenvolvi uma necessidade ainda mais profunda de denunciar qualquer tipo de totalitarismo. A busca de um mundo diverso tornou-se o meu afetamento profundo. Voltarei a esta importante questão posteriormente. Cf. FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 8. pp. 3-9.

²⁶ Discutirei as afetações de campo posteriormente.

²⁷ O prof. Mauro Almeida me chamou a atenção sobre como os textos de Lane são vistos como “fundadores” para o movimento, embora ele não tenha sido o fundador do movimento.

também redistribuir o espaço do possível”(CERTEAU, 2011, p. 109). Na lógica neonazista o discurso do morrer parece voltar-se para um devir racial, heróico, épico: localizando espaços senão impossíveis, inimagináveis, múltiplos: na trajetória de Lane, morrer foi tornar-se o novo Hitler, um duplo de Cristo²⁸, o Messias ariano, o novo grande herói da raça ariana, morto em combate, como prisioneiro, talvez assassinado pelo sistema, mas também colocar-se, indubitavelmente, neste recinto “ENTRE”. Ele tornava possível torna-se ariano. Pela palavra. Por 14 palavras.

David Lane, nos sites, em seus textos, em outros escritos a respeito dele, está ENTRE o que se fora, o que se contou, o que se narrou, o que se omitiu: construído ENTRE o sonhado devir ariano, pela narrativa e pela esperança do Valhalla OU a exterminação final da raça, o pesadelo máximo dos grupos separatistas, ENTRE o fim do casamento, a possível pedofilia, a relação para dizer no mínimo “confusa” com as mulheres, OU o exemplo de homem, pai, herói. Lane foi narrado ENTRE pedófilo ou traído ou abandonado ou tudo isto, E prisioneiro de guerra, dentro da própria comunidade. As pessoas que o descreveram de maneira negativa foram transformadas em objeto de ódio, silenciadas. Ao morrer, transbordaram vários Lanes, tantos que me pergunto se algum dia saberei algo do Lane real, se as batalhas em torno do sentido que este morto significa me darão alguma dimensão da vida de Lane.

²⁸ Voltarei a isso no segundo capítulo.

Figura 1 – David Lane

Das 14 palavras às 14 pirâmides.

Como David Lane se tornou "ariano".






Lane e Katja

Apesar da separação, a imagem que tenta criar o ideal de casal perfeito ainda circula na maior parte dos sites dos movimentos neonazis.

A Imagem do Herói

O homem forte, preso, com o martelo de Thor no peito é imagem que mais circula de Lane na rede.

Lane e a natureza



Entre as imagens que circulam de Lane na Internet, as mais comuns são as duas primeiras, acima, à esquerda. A imagem ao lado circula em blogs e fóruns que desejam o vinculá-lo ao "amante da natureza".

Todas as imagens vieram da etnografia na rede.

Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Imagens dos sites etnografados.

Por meio de uma tela de computador, presenciei as mais poderosas e sombrias emoções humanas. Observei o ódio que Lane vociferou em seu aspecto mais paranóico e em sua dimensão mais horrenda: a que convoca ao genocídio, à retaliação brutal, a luta armada, contra “raças inferiores”, gays, pessoas com deficiência, inimigos. Não há espaço para meios termos, as palavras são duras, se conclama ao ódio absoluto.

Percebo o ódio como o tecido conectivo do movimento neonazista, é o ódio que une, liga, nutre, protege e sustenta suas práticas, incluindo as discursivas, ao construir seus objetos para criar seus “*outros convenientes*” (PETER GAY, 1993); o ódio retroalimenta paranóias²⁹, racismos, obsessões; liquida tolerâncias e delimita inimigos. E desde a morte de David Lane o ódio foi explodindo na WEB, em vídeos, sites, fóruns, num cultivo contínuo.

Mesmo depois de tantos anos, deparo-me com imensos momentos de não entendimento, e como escreveu Crapanzano em “*Must We Be Bad Epistemologists?*”³⁰, “*da possibilidade assombrosa da total ou quase total ausência de compreensão*”, [...] “*com a opacidade do outro e, por extensão, com a ameaça do solipsismo, [...] a existência e o conhecimento de outras mentes, com o que significa conhecer alguém*” (CRAPANZANO, 2014, p. 255). Eu me pergunto, então, mais uma vez, o que conheço de David Lane? Como eu o conheci? Por seus textos, por sua morte na prisão, pela adoração de seus seguidores? O que significa explicar David Lane?

Primeiramente, não significa justificar. Nem absolver. Não vou absolver David Lane, e quanto à sua condenação, ela foi feita. Ele morreu dentro de uma prisão, portanto, obteve do Estado a penalidade por alguns atos que fez em vida. Nos EUA, escrever livros defendendo o nazismo ou a supremacia branca não é crime, o discurso homofóbico e racista não é crime, então, o que ele escreveu não fez parte de sua pena. Sua pena foi composta por crimes contra a vida e os direitos civis de Alan Berg e por conspirar contra o governo. Todavia, foi predominantemente por seus escritos que ele se tornou herói para os ditos “arianos” e um homem associado ao mal absoluto por seus opositores. A obra de Lane parece ter uma capacidade infinita de auto-engendramento, e Lane conseguiu constituir forças

²⁹ Não me refiro aqui à estrutura psiquiátrica, mas ao estilo paranóico como definido por Hofstadter (1964): “*a sensação de exagero, desconfiança e fantasia conspiratória*” “*Ao usar a expressão ‘estilo paranóico’, não estou falando no sentido clínico, mas tomando emprestado um termo clínico para outros propósitos.*” Todos os usos do termo paranóia e correlatos nessa tese, salvo se expressamente de outra forma definido, referem-se ao “*estilo paranóico*”.

³⁰ O artigo está no livro organizado por Veena Das, Michael Jackson, Arthur Kleinman, e Bhri Gupta Singh, *The Ground Between: Anthropologists Engage Philosophy*, Duke University Press, 2014

mesmo sob ação penal estatal contínua. A peste de Camus parecia capaz sempre de retornar e seduzir a muitos.

Ainda assim, fiz o possível para conhecer por trás da sedução, o mais próximo possível do que “eles falam, eles vivem, eles dizem” meus informantes. O relato parece duro, mas é uma tentativa de “levar a sério” o que eles acreditam e pensar sobre isso. Ainda que, por vezes, me parecesse absolutamente incompreensível.

Por outro lado, para os ativistas neonazistas e para os militantes nacionalistas neoteutônicos de todo mundo, David Éden Lane é, o grande druida deste mundo neo-pagão, que amalgama símbolos conjecturando a possibilidade de resolver as dúbias angústias do mundo contemporâneo com uma formula mágica: raça é religião, cultura, nação. Raça, segundo a proposta de Lane, é algo que pode ser construído por determinados rituais. (DIAS, 2007, 101 et seqq).

Nesta construção, raça elabora-se como uma polissêmica combinação para servir como último refúgio de identidade a uma modernidade líquida, que não permite mais que se agarre como a o movimento deseja: ao poder de um passado nostálgico, fronteiriçamente alienado entre genes e mitos. Para dar conta dos fracassos, dos anseios, das origens, raça serve a explicar, a conduzir, a extrair sentidos, a organizar o mundo em caos. Mas, no caso de Lane, serviu para roubar, para matar, para falsificar, para perseguir, para ser condenado, para escrever, enquanto preso, os novos títulos sagrados do movimento, os grandes textos fundadores. E raça serve a Lane, essencialmente, para odiar.

Há anos decodifico este ódio. Há anos, como disse anteriormente, leio escritos de e a respeito de Lane e apreendo como seus escritos fizeram arianos, tento decifrar como ele se fez ariano, a partir da palavra. Ou a partir das 14 palavras: “*We must secure the existence of our people and a future for White Children*” (“*Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as Crianças Brancas*”). Essas palavras ecoam em quase todos os sites neonazistas e estão presentes em todas as redes sociais da WEB³¹, demarcando o espaço de seus adeptos. Mais tarde, Lane escreveu um segundo “slogan”, as 14 palavras para as mulheres: “*Because the beauty of the White Aryan woman must not perish from the earth.*”

³¹ Encontrei durante a etnografia na WEB material neonazista em todas as redes sociais de grande porte, como Facebook, Twitter, G+, Twitter, Instagram ou Tumblr, VK, entre outras. Uso o termo rede social para falar das redes sociais na WEB, como termo nativo.

(**Porque a beleza da mulher branca não deve desaparecer da Terra*). Esses dois slogans, embora o primeiro ainda seja o mais conhecido, são os pilares do neonazismo no mundo. Estão presentes em 98% dos sites e em todos os fóruns neonazistas. Existem dezenas de milhares de vídeos falando das catorze palavras, e a cada hora, “as 14 palavras”, referindo-se às de Lane, são mencionadas cerca de 500 vezes apenas no Twitter³².

Interpretando sua autobiografia (e outros egodocumentos³³), seus poemas, seus artigos, suas súmulas proféticas (textos que se tornaram “míticos” para o movimento) penetrando em sua trajetória, por vozes variadas: de seus seguidores, de seus “inimigos”, dos “amigos que o traíram”, de seu próprio ego, tento compreender a razão de seus escritos terem se tornado a bússola principal do movimento neonazista no mundo, citados, copiados, postados, transformados em senha, partilhados à exaustão. Ainda assim, depois destes anos todos, ainda me desafia à análise, e eu me pergunto sempre: o que buscam os leitores devotos de David Lane? Como sua biografia virou quase uma hagiografia para o movimento, quase canonicamente, a ponto de se amaldiçoar quem apontar qualquer ponto em sua história ou caráter que destoe da narrativa que se emoldurou como válida? Os escritos de David Lane, percebo, têm pontos chaves para dar conta de como algumas dessas narrativas são articuladas³⁴, e por isso acho fundamental perceber como ele se apropriou destas questões.

Como escrevi, David Lane morreu em 28 de maio de 2007, com 68 anos, cumprindo pena na prisão de segurança máxima de Terre Haute, em Indiana, fazia 22 anos³⁵. Um câncer consumia seu corpo envelhecido. Ele já havia tido episódios tidos como pequenos

³² Foram realizados cinco estudos de Twitter em momentos diferentes com Gephi, com diferença de meses, e o dado se refere a média. A última vez foi em 6 de março de 2018. A medida refere-se às línguas portuguesa, inglesa e espanhola, na rede em todo mundo.

³³ Os denominados “egodocumentos” foram tratados com inicial cautela, mas posteriormente obtiveram um lugar permanente na pesquisa histórica, em especial quando a abordagem historiográfica abarcou uma maior ênfase na experiência das pessoas da história, em uma mudança do dito nível “macro” para o “micro”. Obviamente, então, o foco nos agentes ampliou a presença de egodocumentos como fontes. Essas fontes, como diários, cartas, autobiografias e outros textos pessoais, podem complementar a pesquisa biográfica de maneiras importantes. Não apenas por revelarem aspecto da observação da realidade pela perspectiva de seus autores, mas por estabelecer padrões para apreensão da experiência das pessoas de sua formação e compreensão simbólica e lingüística, mas também para evidenciar aspectos da vida cotidiana que não são descritos em outras fontes. Sobre o uso de Sobre o uso de egodocumentos em diversas disciplinas, Rudolf Dekker, *Introduction' Egodocuments and History: Autobiographical Writing in its Social Context since the Middle Ages* (Hilversum: Verloren, 2002), pp. 7–20

³⁴ É possível perceber no discurso da direita muito do discurso da terceira etapa proposta por Pierce, que alicerçou o grupo paralimitar de Lane, como se verá adiante.

³⁵ David Lane estava cumprindo uma sentença de 190 anos, por sua atuação no grupo Silent Brotherhood também conhecido como Brüder Schweigen, ou, ainda, “a Ordem, quando participou de roubos, falsificações e do assassinato de Alan Berg, um radialista judeu.

AVCs (acidente vascular cerebral). Em algumas narrativas, diferentes da oficial, ele teria morrido durante seu banho de sol matinal, numa estranha crise convulsiva. Na grande maioria das versões compiladas, no entanto, o instante fatal se deu de fato à noite, e o que mudam também são as causas: alguns alegam assassinato por parte da CIA, outros o fato de que Lane propositadamente se recusara a se medicar havia semanas. Como de hábito, no que se refere a Lane, não faltam possibilidades narrativas; os roteiros, os mais diversos, criados por aliados e opositores, teorizam de tudo acerca de sua morte.

Cada ponto da história de Lane tem pelo menos três versões diferentes, e muito de Lane pode estar em nenhuma delas. Quanto mais eu buscava, mais me descobria o quanto ele fez questão de se esconder num esotérico mundo de textos, poemas, slogans e preceitos. Havia uma produção de multiplicidades, de silêncios, de descontinuidades, de repetições, de mistérios e exageros. Num certo site, afirmava-se tantas vezes que os documentos originais de Lane teriam sido destruídos (queimaram-se escolas, cartórios, era fogo sem fim), a ponto de que colegas de Doutorado me perguntavam se eu por acaso não estava a observar Nero... Seu objetivo era se confundir com sua obra. Sonegar dados, disfarçar informações, despistar sobre si, para que o que escrevesse se ornamentasse em mistério. Sua autobiografia reflete esse propósito que amalgama esconder/desconfiar/revelar a iniciados. Descortina sua crença nesse drama social em que se insere, em loop, num jogo de revelações e encobrimentos.

Na prisão, Lane continuou a escrever, e durante todo o tempo, foi retratado pela grande maioria do movimento como preso político da grande guerra racial em que, segundo acreditam, estaríamos todos envolvidos. Ele criou a base do que se chama Wotanismo e o sistema Pirâmide Profética, pedras fundamentais para uma espécie de prática ritual/simbólica neonazi.

Após sua morte, 22 anos depois de ser condenado, foram postados milhares de vídeos em sua homenagem e um discurso acerca “do grande herói da raça” começou a se evidenciar no movimento neonazi. Não foi unânime. Houve gente no movimento cristão ariano que o considerava “pagão demais”, e por isso digno apenas do Inferno. Obviamente, o pastor que ousou falar essa “heresia” recebeu imenso ódio da comunidade neonazista no mundo: ninguém podia se opor ao herói. As poucas vozes, dentro do movimento, que ousam criticar qualquer coisa a respeito de sua obra, personalidade ou história são logo caladas ou desacreditadas. Num deles, o pastor em questão precisaria provar que era “*pelo menos metade*

do homem que David Lane” foi. Num outro blog, um internauta postou a seguinte crítica a Lane:

<etno1> *Como é que alguém com bom senso pode dizer ORDEM foram heróis? Eu sou um racista branco e a Ordem define um péssimo exemplo para os meus filhos: de matar pessoas e roubar bancos. É isso o que nós somos, tudo isso? Não penso assim. Qual é o próximo? Derrubar arranha-céus e descarrilar trens para a causa. Nossa! Talvez Bob Mathews e seu bando deveriam ter começado com empregos para suas famílias e crianças em vez de ir em uma farra de crime como um bando de negros*³⁶ </etno VNN - Fórum>³⁷

A resposta da página foi feroz e rápida: no segundo seguinte outro internauta postou:

<etno2 > *“você é uma vergonha para a sua raça. Você não descobriu que estamos em uma guerra ?? Você é um completo idiota. Hail The Order!”* </etno VNN - Fórum>

A página recebe vários comentários, a imensa maioria a favor de Lane e da Ordem, qualquer voz dissidente é calada como “*idiota*”, afinal, “*a guerra é visível, e eles morreram como heróis da raça*”. Portanto, tudo indica que a morte determinou um Lane ainda mais ariano do que a vida o fizera.

Um blog neonazi de Portugal informa a importância da obra de Lane para o movimento:

<etno3> *<Já que os politicamente correctos empenham tanto tempo e meios para mentalizar as crianças ocidentais a seu bel-prazer, de acordo com as directrizes ideológicas internacionalistas, instigando ao pensamento e relacionamento multiracialistas desde a mais tenra idade, fazendo propaganda política enfiada no meio do divertimento, - desenhos animados e filmes em geral, banda desenhada - por vezes de um modo abjectamente desonesto, com o intuito de tornarem as crianças em futuros «anti-racistas» militantes... [...] Tratemos de salvaguardar o que ainda é nosso. Como diz David Lane em catorze famosas palavras, devemos garantir a existência da nossa raça e um futuro para as crianças brancas*³⁸. </etno BGL>

³⁶ “Crioulos” no original.

³⁷ As falas etnográficas obtidas na Internet estão marcadas como se fossem um tag HTML, em outra fonte, para se diferenciarem das demais citações, entre marcações <etno> </etno>, e são numeradas em ordem. Na tag final, /etno, está a abreviatura do movimento que forneceu o dado etnográfico. As citações de David Lane serão marcadas com um DL, seguido da abreviatura do livro ou texto citado, e as demais seguem o padrão ABNT.

³⁸ <http://gladio.blogspot.com.br/2004/09/os-dinamarqueses-do-o-exemplo.html> Acessado em 22/03/08 Grafia em português de Portugal mantida conforme a fonte.

<etno4> Na noite de vinte e sete para vinte e oito de Maio, morreu um vulto marcante do Movimento Nacionalista a nível mundial - um dos maiores dinamizadores da visão (mais ou menos) pagã no seio das hostes nacionalistas. [...] É de lamentar que tenha enveredado pela via criminal como modo de financiar a luta política, atitude esta que o levou merecidamente à prisão. Enfim, todos cometem erros e (pelo menos alguns) pagam por eles. Isso não altera o valor dos seus escritos, pautados pela lucidez e pela consciência racial. Em termos mais especificamente doutrinários, tenho de dizer que nunca concordei com a sua abordagem do Paganismo, potencialmente nociva a uma verdadeira orientação para o divino pagão, uma vez que o seu «culto» das Deidades nórdicas era de carácter meramente político e psicológico - Wotan era para ele, não um Deus verdadeiro, mas apenas um símbolo cultural étnico (um «arquétipo coletivo» tal como diria Jung), a saber, a divinização da raça branca. Por esse motivo, Lane considerava que o nome do Deus podia ser encarado como uma sigla (atitude tipicamente ianque): Will Of The Aryan Nation (Vontade Da Nação Ariana). Enfim - acreditasse ou não nos Deuses, que suba em glória ao Valhalla.³⁹ </etno BGL> <grifos meus.

O texto revela como o movimento não é homogêneo: há quem discuta a violência empregada, há quem busque mais aspectos espirituais que políticos. De qualquer forma, a figura de David Lane, **por conta de seus escritos** é fundamental para o movimento. E todos eles declamam as 14 palavras, conhecem os 88 preceitos, argumentam sobre os 14 porquês, reverenciam a obra de Lane como grande mentor do mundo que desejam ver surgir. Em grupos neonazis dos Estados Unidos, Lane é adorado como mártir⁴⁰, herói da raça, profeta, Messias.

Para efetivar seu lugar no movimento, era desejo de Lane, segundo relato de April Gaede, ser cremado, e que suas cinzas fossem postas na base de uma grande pirâmide, edificada num território branco. Essa grande pirâmide seria uma espécie de templo da Pirâmide Profética, uma teoria que sustenta o Wotanismo, religião cujas bases David Lane definiu de maneira muito específica, amalgamando símbolos cristãos, neo-pagãos e formas específicas de pensar a religiosidade. Como esse espaço não existia, ainda, embora muitos grupos neo-nazis estejam tentando criar algo assim, as mulheres da WAU⁴¹, lideradas por

³⁹ <http://gladio.blogspot.com.br/2007/05/david-lane-em-valhalla.html> Acessado em 22/03/08 Grafia em português de Portugal mantida conforme a fonte.

⁴⁰ O martírio e o messianismo de Lane serão abordados posteriormente.

⁴¹ A Women for Aryan Unity foi fundada há mais de 20 anos e tem células em todo o mundo na Europa, América, Austrália e América do Sul (argentina). Está se formando uma célula brasileira (SP) e uma para a América do Sul, com mulheres da Argentina, Bolívia, Uruguai e Paraguai, conforme boletim da associação. Voltada para formar mulheres para exercerem o papel esperado na sociedade supremacista branca, a WAU

April Gaede, realizaram o rito crematório, uma semana após o falecimento de Lane, e depois de seu embalsamento e cremação, separaram suas cinzas em duas partes. A primeira, menor, teria dois destinos, portanto foi dividida em dois grupos de cinzas: uma delas foi espalhada no mesmo lugar que as de Bob Mathews, aos pés de uma macieira em sua propriedade, e a segunda parte foi reservada para um futuro serviço no memorial público que será construído na Grande Pirâmide Profética (uma pequena parte dessas foi jogada em rios na cidade de Dresden, na Alemanha, e na Suécia). A segunda parte, maior, de suas cinzas foi guardada “*em 14 pequenas pirâmides de bronze, gravadas, que foram concedidas a 14 guardiãs, mulheres brancas nacionalistas, para serem levadas para os continentes brancos, que vão passá-las para suas filhas ou netas, até o dia em que temos uma pátria Branca*”, segundo informou April Gaede em um fórum nazista.

Posteriormente, April Gaede revela:

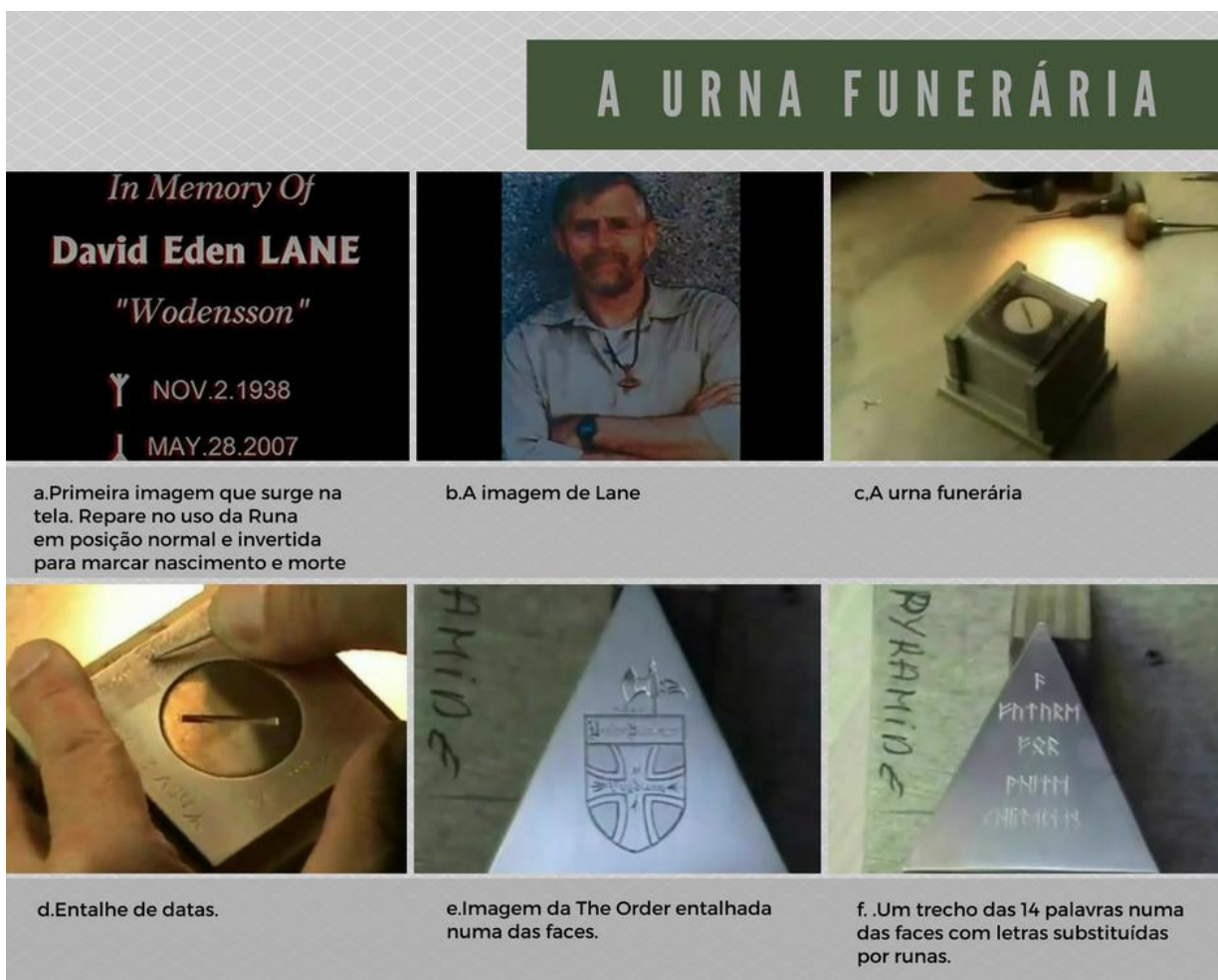
<etno5> [...] “quando finalmente tivermos uma pátria Branca para chamar de nossa, vamos construir a pirâmide dele, a pirâmide profética e reunir as cinzas para a pedra angular do memorial que vamos criar. Ali vamos derreter as 14 pirâmides na base da pirâmide. David e eu conversamos sobre o seu memorial bastante, nas poucas vezes que nos vimos antes dele morrer e ele entendeu que a construção de um memorial agora não seria a coisa certa a fazer. Não só seria um perigo constante, mas as cinzas não poderiam descansar até que seu objetivo seja cumprido. E, a fim de criar um legado e uma mitologia para as 14 palavras desenvolvemos esse plano. Agora as senhoras da WAU, eu e alguns outros amigos próximos de David determinarão quem será a origina “*irmandade das 14 palavras*”. </etno VNN - Fórum>

<etno6><[...] “Espero que com este memorial vivo, as 14 palavras circulem aumentem seu poder de influência, sobre nosso povo e principalmente sobre nossas mulheres. Estou esperando que ele irá entusiasmar, divertir e interessar os jovens e ajudá-los a compreender a importância do nosso objetivo de ter uma pátria Branco. Também com a divisão das cinzas e ao colocá-las nas mãos de 14 famílias nacionalistas, brancas, fortes e capazes, que garantam que as cinzas vão sobreviver no futuro, quando finalmente chegar ao nosso objetivo.”> </etno VNN - Fórum>

As pirâmides foram ornamentadas com a frase “filho de Woden”, e runas. As cinzas, depois de repartidas, foram entregues a 14 mulheres, que representam 14 famílias arianas, de vários lugares do mundo. A cerimônia de cremação, cujo custo total, segundo

informado por April Gaede, foi de dois mil e oitocentos dólares, teve seu custo coberto, juntamente com algumas das viagens das mulheres que participaram do evento, por meio de arrecadação de fundos entre os nazis. Um vídeo no youtube mostrou como foram preparadas as pirâmides.

Figura 2 – Urna Funerária – Imagens do Vídeo



Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Frames capturados do vídeo postado pelos movimentos etnografados.

Figura 3 – Urna Funerária, segunda parte – Imagens do Vídeo



Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Frames capturados do vídeo postado pelos movimentos etnografados.

A.2 O Que Uma Urna Pode Conter?

O vídeo que descrevo a seguir foi postado em dois fóruns neonazistas diferentes, por April Gaede, que providenciou o ritual de velório e cremação de David Lane. As Imagens 1 e 2 contêm frames capturados do vídeo para auxiliar a compreensão da descrição a seguir.

Sob fundo preto, uma tela abre um vídeo com uma música instrumental de fundo. A inscrição “In Memory of David Eden Lane ‘Wodensson’ ” é seguida de duas datas, ambas marcadas com a runa Algiz: 2 de novembro de 1938 e 28 de maio de 2007 (imagem 1a). A runa, utilizada pelo nazismo no programa de reprodução forçada Lebensborn⁴² (traduzido do alemão arcaizado, "fonte da vida") idealizado por Heinrich Himmler, tem o sentido de “vida”. No programa do partido, demarcava o ideal de superioridade racial do arianismo. É ela também que abre a grande exposição nazista Milagre da Vida⁴³, que visa, entre outras questões, preparar o caminho para a grande perseguição às pessoas com anomalias congênitas e problemas de saúde mental, abrindo as portas para a operação Aktion T4⁴⁴.




⁴²Cf. Annette F. Timm, *The Politics of Fertility in Twentieth-Century Berlin*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010; Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995) e Robert N Proctor, *Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis* (Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1989). Sobre o tema, a BBC fez um documentário sobre o programa disponível na WEB.

⁴³ *Die Wunder des Lebens*, Milagre, maravilha ou prodígio da vida. No anexo III, imagens da abertura da exposição. As imagens foram recuperadas de minha dissertação de Mestrado, bem como a imagem dos Símbolos Rúnicos.

⁴⁴ Para o partido, a medicina do século XX havia permitido o avanço da “degeneração” racial e a proposta eugênica se fundava em dois pressupostos fundamentais: a) o campo da medicina haveria perturbado o “equilíbrio natural”, cuidando e permitindo o “fraco” sobreviver, enquanto b) os pobres e inadaptados estavam se reproduzindo a uma taxa que excedia a taxa de natalidade mais desejável do que grupos verdadeiramente arianos em toda a Alemanha (PROCTOR, 1988). A operação Aktion T4 visava esterilizar e eliminar os indesejáveis. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Figura 4

Alguns Símbolos Rúnicos utilizados pelos sites racistas

	Iuz ou Sieg símbolo da vitória, era duplicado no símbolo da SS. Aparece em banner, cartazes, em fotos de guerra e como botões para links
	Algiz simboliza a proteção. Era o símbolo da exposição O Milagre da Vida em que se configura o ideal eugênico ariano. Também ornamentou a Sociedade SS Lebensborn que acolhia as mães dos soldados da SS mortos em combate. Aparece nas páginas iniciais de muitos sites, inclusive o WAU e o National Alliance.
	Othala símbolo rúnico vinculado a raça e sangue ornamentava o uniforme dos soldados. Quer dizer também família e era o símbolo maior das brigadas eugênicas do Estado nazista. Nos sites aparece em sites com material acerca da saúde, ou nas discussões acerca do aborto. Esta runa era adorada por Himmler como símbolo de Sangue e Honra.

Voltando ao vídeo, ainda na imagem 1a, na primeira data, atribuída a seu nascimento, a runa está em posição normal, mas na segunda, aparece invertida. A imagem desaparece e surge uma fotografia de David Lane (imagem 1b), de braços cruzados, com uma parede de pedras no fundo, o martelo de Thor num colar sobre o tórax (adereço vendido em muitos sites neonazis), braços cruzados e um relógio no pulso esquerdo. Veste uma camiseta branca por baixo da camisa simples cinza. É a foto mais partilhada de Lane em todos os sites.

Novamente, a imagem é mudada. Entramos no vídeo propriamente dito. Surge uma mesa e uma pequena urna, que será inserida posteriormente na pirâmide. A imagem faz *close* na urna e percebe-se que nela estão gravadas as mesmas datas; o título "Wodensson", dado a Lane por si mesmo, que significaria filho de Wotan; e uma inscrição em runas. Isto pode ser visto nas Figuras 2,a,b,c,d.

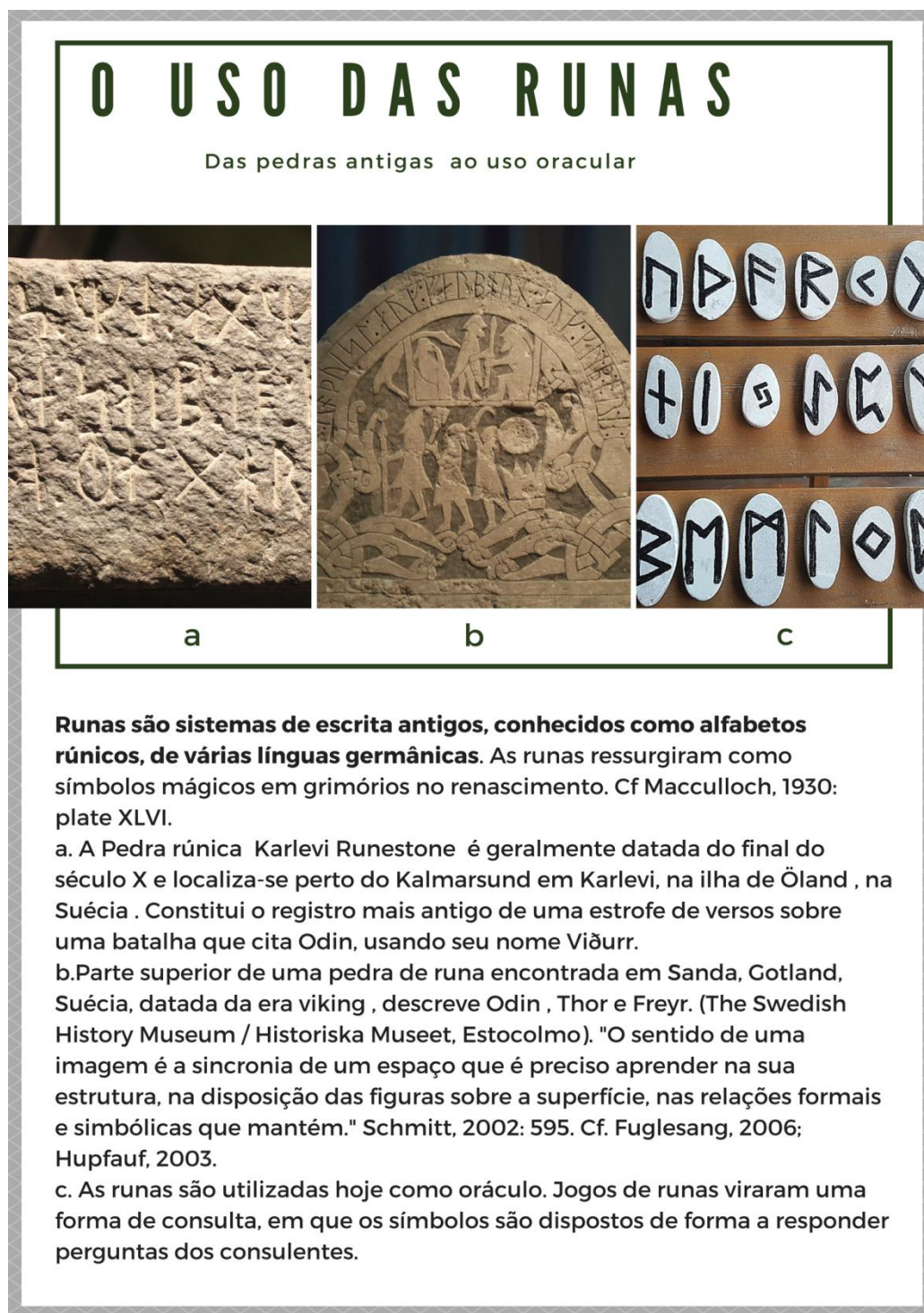
O vídeo prossegue e nos é apresentada a caixa funerária para as cinzas de Lane: uma pirâmide dourada. Numa das faces, o brasão da The Order, o grupo da Irmandade Silenciosa a que pertenceu (imagem 1e). Numa segunda face, outra inscrição em runas nos é

apresentada (parte dela pode ser vista na imagem 1f). Na terceira, um complemento do texto. Na quarta face da pirâmide, de base quadrada, uma terceira mensagem, ainda em runas. Observando a mensagem em runas que cobre três das faces da pirâmide, noto que formam catorze palavras. Elas são um criptograma da famosa frase de Lane, em que cada som (no caso do Th, por exemplo) do inglês é substituído por uma runa (elas eram um alfabeto primeiramente sonoro, depois escrito). Não é uma tradução, nem uma transliteração, mas um código: as runas substituem as letras do alfabeto inglês. O mesmo acontece com grupos com outros idiomas. A correspondência entre sons e letras pode ser vista na figura 3. As runas também foram usadas no nazismo, tanto para servir de siglas a exposições, divisões e grupos internos, como para evocar símbolos nórdicos, essenciais para os mitos do nacional-socialismo.

A imagem retorna ao brasão da irmandade (imagem 1e), e a música passa a ser vocalizada. Enquanto isso, o artesão vai trabalhando inscrições na urna funerária. Ele acrescenta o nome David Eden Lane acima do título da urna (2 a). Passam-se dois minutos e vinte e seis segundos, na edição do vídeo, e a urna apresenta-se finalizada (2d).

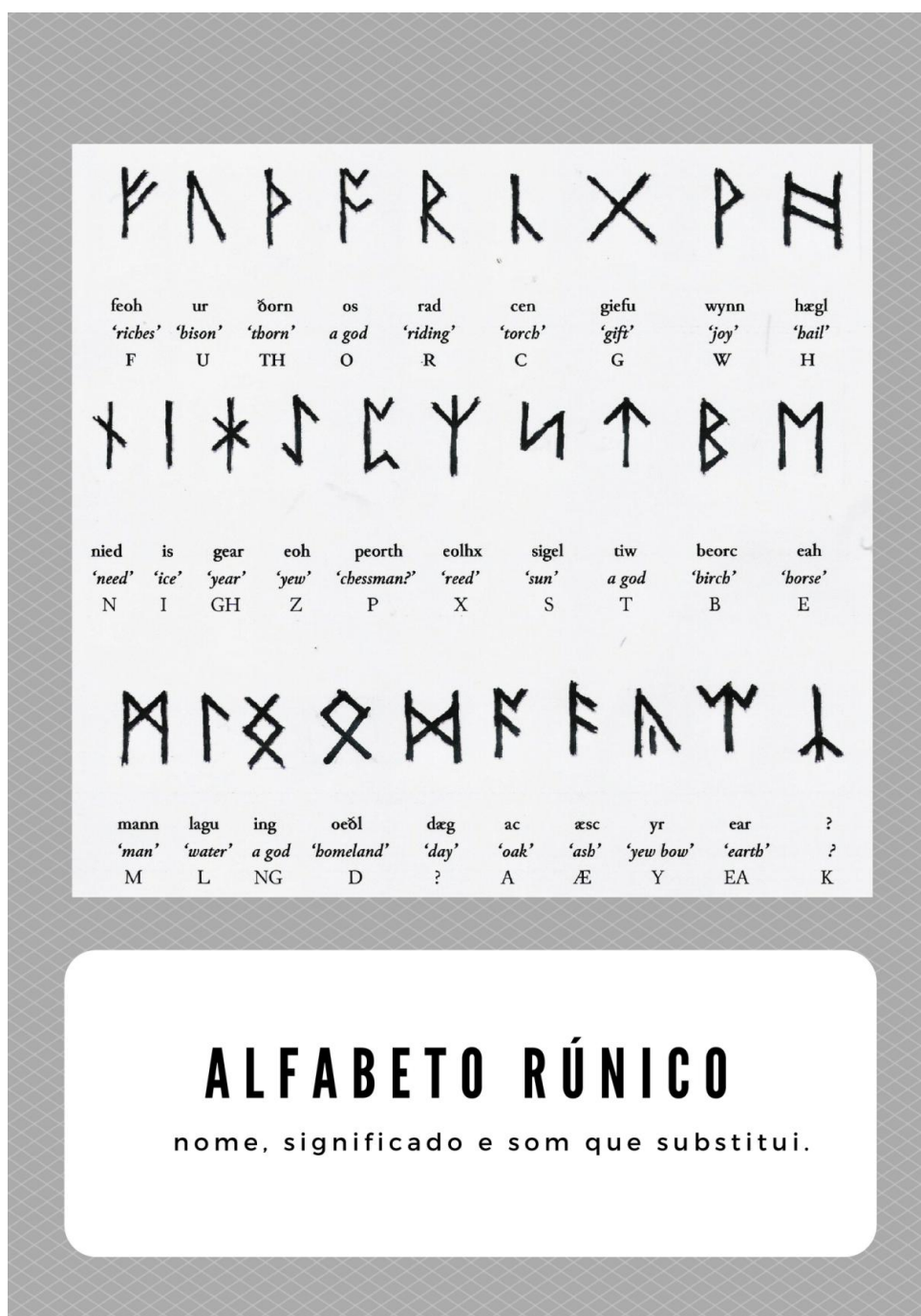
A imagem muda e surge o texto das 14 palavras. As letras evocam runas, para assegurar a marcação nórdica (as figuras 3 e 4 e 5 demonstram alguns aspectos das runas).

Figura 5. O Uso das Runas



Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Fontes citadas na Imagem. Imagem c, fonte: Google Imagens.

Figura 6 – Alfabeto Rúnico e utilização na codificação inglesa.



Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Fonte da imagem: Omniglot, encyclopedia online of writing systems and languages. www.omniglot.com

Figura 7 – Runas, Nazismo e Neonazismo

DO NAZISMO

AO NEONAZISMO

o uso das Runas para evocar a mitologia nórdica




5th Roman	13th Croatia Hrvatska	15th Latvia No 1	21st Holland Nederland (early)	26th Russia
6th Viking	14th Galicia	18th Hungary Ungar Kiraly	23rd Holland Nederland (late)	28th Russia
France	1st Ukraine*	20th France No 1	24th Croatia Kroatia	31st France Charente-Maritime
7th Balkans Pravoslavni	19th Latvia No 2	22nd Albania Mushtrërit	25th Hungary Magyarok	India*



NO NAZISMO

A Runa Algiz no lugar da cruz cristã na imagem acima, no túmulo.

Divisões da SS usavam Runas e símbolos pagãos para definir áreas de atuação.

NO NEONAZISMO

Grupos neonazis usam símbolos rúnicos para se comunicar, para evocar o Wotanismo, para ilustrar suas bandeiras, para se representar.

Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Imagens dos sites etnografados.

O vídeo fecha com uma imagem da suástica, e acima dela as palavras “14 words”, obviamente, assegurando às 14 palavras um lugar tão importante quanto o símbolo nazista. Elas são seguidas de uma exclamação, como se fosse um vocativo, e abaixo da suástica pode-se então ser lido: David Lane: Defiant Until Death. Ele desafiou até a morte. A idéia aqui é de que Lane desafiou o sistema até morrer, mas também deixa transparecer que as 14 palavras lhe asseguram desafiar a própria morte, pois para o movimento, são elas, as 14 palavras, que lhe garantem a eternidade, como as cinzas distribuídas.

A linguagem usada como invocação está presente sempre. A imagem está um tanto transparente e no plano de fundo um pôr do sol bastante avermelhado. A idéia de um pôr do sol é importante. Na obra profética de Lane ele mesmo se compara ao Deus Sol Osíris que morre ao pôr do Sol e se levanta toda manhã. A ideia de perpétuo retorno está assegurada a cada vez que se repetem as 14 palavras: nelas, ele renasce todo dia. Esta imagem encerra o vídeo.

Ao anunciar o Ritual de Cremação, April informou aos membros do movimento:

<etno7> Queridos amigos, Tenho a honra de ser a pessoa que foi contactada após a morte de David Lane, e quem recebeu o dever de cuidar do corpo dele. Eu sinto que isso é uma grande honra, bem como um privilégio, e estou trabalhando duro para criar uma homenagem adequada ao homem e seus trabalhos. </etno VNN - Fórum>

Em seguida, ela anuncia o “privilegiado e honroso” ritual de cremação, a produção das catorze pirâmides para conter as urnas funerárias e a formação da Irmandade das 14 palavras, composta de mulheres brancas, dedicadas à memória de Lane, à conservação de suas cinzas e à proliferação de sua obra. A grande maioria dessas mulheres pertencia à Irmandade da WAU, que posteriormente se veria em uma querela: as cinzas de Lane, cerca de dois anos depois da cremação, foram objeto de uma barulhenta disputa⁴⁵. A propriedade uma das pirâmides virou objeto de questionamento, envolvendo uma das mulheres presentes no ritual e a divisão australiana do grupo Combat18⁴⁶. Um décimo quarto da metade de Lane

⁴⁵ Há material acerca da contenda em alguns sites e fóruns. Cf. <http://www.splcenter.org/blog/2009/03/11/women-for-aryan-unity-accuse-combat-18-of-purloining-sacred-ashes/>, <http://www.splcenter.org/blog/2008/10/31/tales-from-the-creeps-a-white-nationalist-horror-story/>, e sites neo-nazis.

⁴⁶ Combat18 (C18) é uma organização neonazista. Originou-se no Reino Unido, e posteriormente se expandiu para os EUA e outros países. Vários membros do movimento já foram acusados e/ou condenados por numerosas mortes de imigrantes, negros, pessoas com deficiência e membros de outros grupos neonazistas. O "18" em seu nome é derivado das iniciais de Adolf Hitler.

estaria supostamente localizada em Perth, Austrália Ocidental, mais de 9.000 quilômetros de onde ele morreu, em Indiana, talvez levada por uma das mulheres presentes no ritual fúnebre.

O fato é que para uma das líderes da WAU, Victoria "Vickie" Cahill⁴⁷, o grupo Combat18 teria se apropriado indevidamente das cinzas, por meio de "mentiras". Ainda segundo elas, o grupo teria enviado "ameaças de estupro e espancamento" para Cahill e outros membros da WAU quando elas protestaram exigindo as cinzas de volta. Cahill, nascida em Dublin, Irlanda, mas muito presente na cena neonazi canadense e estadunidense, sempre se definiu como uma "bruxa pagã celta", e passou grande parte de sua vida arrecadando dinheiro para presos nazistas e neonazistas de diversas associações, inclusive para a Stille Hilfe⁴⁸.

O grupo que ameaçou a WAU defende ações consideradas ilegais e "psicopatas" por muitos outros grupos neonazistas, por defenderem qualquer medida que julgarem necessária, até mesmo uso de bombas, veneno, atentados diversos, contra outros membros brancos⁴⁹. Muitos membros da WAU, que vieram da National Alliance, julgam que eles são "uma vergonha para o movimento", que para fora, insiste em se vender como "um só povo". Há uma dupla condenação: por traírem a raça (ameaçando a WAU) e por traírem a imagem de unidade da raça exteriormente.

<etno8>"Queremos que essas cinzas de volta, nem que eu tenha que ir a Austrália"</etno WAU>, Cahill escreveu no fórum Stormfront e em outros lugares no dia 9 de março de 2009. Uma violentíssima discussão se seguiu, invocando os "verdadeiros valores arianos". Não se sabe quem ficou com as cinzas de Lane, mas uma pergunta me nasceu: quem é este homem, cujas cinzas geram disputas desse porte entre neonazistas?

⁴⁷ Victoria "Vickie" Cahill é uma neonazista muito conhecida dentro do movimento. Embora seja irlandesa de nascimento, é monitorada por pelo menos quatro inteligências: da Irlanda, do Canadá, dos EUA e do Reino Unido. Apenas no Stormfront, o maior fórum neonazi do mundo, ela postou mais de 13 mil mensagens até dezembro de 2017.

⁴⁸ A Stille Hilfe für Kriegsgefangene und Internierte, a Assistência Silenciosa para Prisioneiros de Guerra e Pessoas Internas, é uma organização fundada em 1951, para prestar ajuda a nazistas (em caso de doenças ou prisões, por exemplo). Entre suas fundadoras está Gudrun Burwitz, filha de Heinrich Himmler.

⁴⁹ As medidas são consideradas doentias por serem apregoadas contra brancos, não por serem violentas.

A.3 Inventando Para Si Uma Vida Ariana: Os Escritos de Lane

Se eu não sou o que você diz que sou, então você não é quem você pensa que é.

*James Baldwin*⁵⁰

Na tentativa de responder quem é David Lane, percorri um caminho imenso. A autobiografia de Lane foi central no processo⁵¹, por seu lugar de destaque entre todos os grupos neonazistas, das mais diversas correntes, em especial após sua morte. Lane escreveu alguns artigos, sua autobiografia, condensou alguns rituais para a prática do Wotanismo em livro (*Creed of Iron*, ou “Credo de Ferro”, livro compostos por coletâneas “iniciáticas ao wotanismo e arianismo”) e concedeu algumas entrevistas. Nesse material há muita repetição, material de outras fontes não citadas e compilações de várias fontes neopagãs e herméticas, para dar conta de engendrar a profecia denominada Pirâmide Profética, que o estabelece como grande profeta da raça. Algumas vezes ele recorre à religião Mórmon⁵² como objeto de comparação, pelo fato de, segundo Lane, a religião mórmon ter sido racista e polígama em seu início⁵³. Mais de uma vez, ele mesmo se compara a Joseph Smith, fundador do Mormonismo, em especial por Smith ter sido preso no final de sua vida, como ele, apontando para o fato de que Lane deseja construir-se como mártir não apenas racial, mas religioso⁵⁴. Em outras vezes, Lane se compara a líderes do nacional-socialismo, frequentemente Rudolf Hess, que também morreu na prisão.

A insistência de David Lane no aspecto religioso de seu propósito e na “missão da profecia” da Pirâmide Profética tem duas dimensões: a primeira é saciar a necessidade religiosa do público-alvo de suas mensagens, o americano de classe média, branco, hétero, de valores conservadores, com “alma de igreja”. A segunda é dotar a ideologia de uma saída: ao

⁵⁰ Do filme documentário do autor, *I Am Not Your Negro*.

⁵¹ Outras fontes para pensar sobre sua trajetória vieram de entrevistas de Lane, relatos e livros sobre a The Order, e cartas dele ou a ele dirigidas publicadas pela WEB. Além do processo que resultou em sua condenação.

⁵² Também pela influência de seu grande amigo Bob Mathews, que foi mórmon.

⁵³ A opinião de Lane sobre a religião Mórmon não é pactuada pela autora da tese, mas tive que permanecer fiel à leitura do meu objeto de pesquisa. Sobre a fala da Igreja sobre o tema, cf. <https://www.mormonnewsroom.org/article/race-church>

⁵⁴ Obviamente, isso não significa que os mórmons tenham qualquer ligação com ele.

constituí-la como fé, uma legitimação de liberdade se instala. Eles argumentam que não é uma opinião, mas uma crença, uma fé religiosa. A liberdade religiosa dessa forma poderia ser uma ferramenta de divulgação e proteção, enquanto se emoldura o líder e o neonazismo em tons religiosos.

Em uma das entrevistas que Lane concedeu quando já estava preso⁵⁵, ele se definiu como “*um filósofo da lei natural*”. A ideia de “*Lei Natural*” como a observada por Lane consiste em “preservar a própria espécie”, como uma exigência da natureza. Para ele “espécie” é sinônimo de “raça”. Ele descreve o que chama de “filosofia” nos 88 Preceitos, e os denomina a base para o conhecimento da religiosidade Wotanista. Segundo o que ele mesmo afirma:

<DL> “*a teologia fundamental da Wotanismo é o segundo dos 88 Preceitos expresso da seguinte forma: "Qualquer que seja a percepção das pessoas sobre Deus, ou Deuses, ou a força motriz do Universo, dificilmente podem negar que a Natureza e as Leis da Natureza são o trabalho de, e, portanto, a intenção dessa força. Uma vez que a primeira e a mais alta Lei da Natureza é a preservação da própria espécie, então as 14 Palavras, ou seja, "Devemos garantir a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas" é um comando divino de Deus, do pai de todos, Wotan*⁵⁶”. DAVID LANE, PORQUE WOTANISMO E PIRÂMIDE PROFÉTICA <DL >

Na constituição dos 88 preceitos, ele mistura esses elementos que denomina de filosofia e teologia para estruturar a fundação do Wotanismo como prática de fé. Em *Creed of Iron*, ele apresenta muitos rituais para seu exercício religioso cotidiano e suas festividades. Há calendários de festivais, encantamentos, meditações, invocações para cada dia da semana, explicações sobre runas, deuses, textos de Jung que apoiariam o Wotanismo, o ritual denominado “dança da guerra” (muito utilizado por grupos skins wotanistas neonazis), além do Código de Ética Ariano, composto por 14 princípios. O segundo dos princípios deste código afirma: “*Não honre deuses senão aqueles do seu próprio povo, como deuses de outros povos [aliens*⁵⁷, no original] *o destroem.*” O único povo para o “ariano” é o “branco”, os outros são alienígenas. O nome Wotanism é explicado por David Lane como a religião de Wotan, pela elucidação de que Wotan, mais do que o Deus pai de todos os arianos, é um acrônimo para

⁵⁵ Refiro-me à entrevista concedida a repórter Meredith Viera do canal ABC. A entrevista é muito difundida nos sites neonazistas, visto que Lane falou abertamente de suas crenças, expectativas e se defendeu das acusações do FBI.

⁵⁶ Todas os textos de David Lane foram traduzidos por mim, exceto se citado de outra maneira.

⁵⁷ Na língua inglesa, a palavra “aliens” também é usada comumente (isto é, fora do meio neonazista) para designar imigrantes ilegais (Illegal aliens).

Will Of The Aryan Nation. O costume de usar siglas, acrônimos e abreviaturas pelo regime nazista é copiado pelo movimento neonazista, e David Lane utiliza muito dessa estratégia. A linguagem do Terceiro Reich foi exaustivamente discutida pelo judeu-alemão Victor Klemperer⁵⁸ em “LTI”, um livro compilado a partir de seus diários em 1947. A sigla que Klemperer escolheu para designar a Linguagem do Terceiro Reich foi uma abreviação de *Lingua Tertii Imperii* (“A língua do Terceiro Império”, em latim), e a escolha desse artifício já é uma paródia ao emprego em profusão dessas siglas pelo regime nazista.

Will Of The Aryan Nation – WOTAN – expressa, portanto, tanto a vontade do “Deus pai de todos Wotan”, como a “Vontade da Nação Ariana”, liquefazendo as fronteiras entre as duas noções, pois a estratégia é exatamente essa: fazer acreditar que a vontade de Wotan, é a vontade do povo ariano, que é a vontade da natureza, que é, no limite, a preservação racial. Lane descreve-o como o “*Deus exclusivo do povo ariano, como um arquétipo, como um repositório de sabedoria e um antepassado*”. Ainda é o que manteria “o povo ariano profundamente arraigado com sua memória genética”. O culto Wotanista, portanto, é um culto que reaviva a memória simbólica e genética do povo ariano, e na obra de Lane essa bidimensão sempre é considerada: elementos oriundos de um discurso profundamente religioso são associados a um léxico genômico. Isso é para ele a forma possível de cunhar a noção de povo, uma “espécie” que partilharia “rituais e mitocôndrias”, como um dos seguidores de Lane já expressou num fórum.

A estratégia foi anteriormente utilizada pelo regime nazista, como escreveu Klemperer, referindo-se à linguagem LTI e a noção de povo e seu uso:

...a palavra *Volk*⁵⁹ [povo] vem sendo empregada nos discursos e nos textos com a mesma naturalidade com que se põe sal na comida. Tudo tem que ter uma pitada de 'povo': *Volkfest* [festa popular]; *Volkgenosse* [concidadão, compatriota, conterrâneo]; *Volkgemeinschaft* [comunidade do povo]; *volksnah* [próximo do povo, popular] *volksfremd* [estranho ao povo]; *volksentstammt* [provindo do povo]...” (KLEMPERER, 2009, p.75)

E, ainda:

A ligação imprescindível e repetida de todas as coisas,

⁵⁸ Sobrevivente da opressão nazista e um dos poucos que permaneceu em condição urbana (não em guetos) por ser casado com uma “ariana”

⁵⁹ A palavra “Nação” (*Nation*) é externa à língua alemã. Por isso, o nacional-socialismo utilizou, portanto, *Volk* à exaustão, como palavra nativa ao povo alemão, representação máxima de sua cultura e de seu sangue, portanto, num aspecto binarrativo. Cf. Conte, Édouard & Essner, Cornelia. *A demanda da raça. Uma antropologia do nazismo*. Instituto Piaget, Lisboa, 1998

relacionamentos e pessoas com o povo - há o Volksgenosse [camarada do povo], o Volkskanzler [chanceler do povo], o Volksschling [parasita do povo], o Volksnah [próximo do povo], o Volksfremd [estranho ao povo], o Volksbewusst [consciente do povo] e assim por diante, até o infinito -, essa ligação se expressa em palavras que enfatizam o sentimento de um modo que soa hipócrita e despudorado.

Onde Goebbels procura esse povo ao qual diz pertencer e do qual tudo sabe? (KLEMPERER, 2009, p.364)

Em *Creed of Iron*, David Lane e Ron McVan afirmam que “ariano” significa “nobre” (possivelmente se referindo à origem etimológica sânscrita da palavra, mas sem citar isso) e descrevem os povos brancos de origem européia, e a origem de WOTAN se ligaria à origem desses povos na pré-história européia, em especial no norte da Europa. No livro, ele afirma que Wotanismo é o mesmo que Odinismo e Asatru, mas pessoas do movimento religioso Asatru contestam isso, pois grande parte delas não é do movimento neonazista. Além disso, os autores do movimento neonazi contam a história do Wotanismo como a grande religião da Europa primitiva, oriunda dos povos nórdicos, com grande florescimento na Era Viking, e depois praticamente aniquilada pela religião judaico-cristã, reaparecendo apenas no renascimento da cultura germânica no século XIX. Para se legitimar, usam muitas citações do artigo *Wotan*, de Carl G. Jung, e da obra de Miguel Serrano⁶⁰.

Assim como a LTI, os escritos neonazis, de todos os autores, são pobres em linguagem, repetitivos, cansativos. Embora os neonazistas chamem Lane de escritor proífico, ele apenas escreveu a mesma coisa várias vezes, quase da mesma forma todas as vezes. Há um motivo para tanto. Há uma estratégia nessa pobreza imposta pela linguagem: a linguagem é pobre para repetir, e ao repetir, mecaniza, manipula, esvazia e aliena. Amparo-me nas citações de Victor Klemperer:

A pobreza da LTI é gritante. Ela é pobre por princípio, como se cumprisse um voto de pobreza. (...) Não obstante a longa existência e a grande divulgação, a LTI permaneceu pobre e monótona. O termo "monótono" deve ser considerado literalmente. (2009, p.61)

Todos falam a mesma língua, manipulada, adulterada, pobre e vazia de conteúdo. (2009, p.16)

A LTI é pobre, quer e tem de ser pobre, só se reforçando pela repetição. Martela sempre a mesma coisa. (2009, p.395)

⁶⁰ Miguel Serrano, (1917-2009) foi diplomata chileno e um dos maiores precursores do hitlerismo esotérico, assunto a respeito do qual escreveu muitos livros. É o maior nome do pensamento neonazista na América Latina e foi muito amigo de Carl Gustav Jung, com quem trocou correspondência sobre o tema por toda a vida. É muito lido por todo o movimento neonazista no mundo hoje, em especial o Wotanista.

“A LTI imperava por toda parte, tão poderosa quanto pobre de espírito – poderosa justamente por ser pobre de espírito, todos se viam obrigados a obedecer um único padrão de linguagem, a pobreza de espírito dessa escravidão uniformizada a principal característica da LTI” (KLEMPERER, 2009: 64-66, *passim*) Assim, ao analisar os reais motivos que fizeram dessa linguagem autoritária a estrutura estruturante do III Reich, Klemperer distingue elementos importantes na construção da pobreza da LTI – sim, ela é **construída** pobre e uniformizadora, e assim se torna cansativa, repetitiva, mecânica.

O primeiro é exatamente mecanizar e uniformizar a linguagem, de modo a alienar o pensamento crítico. É muito comum nos relatos de ex-membros do movimento neonazistas a afirmação de que a repetição das afirmações não permitia a crítica, ou o simples pensar sobre os temas abordados. A uniformização, da fala e da escrita, de todos os usuários, de uma linguagem mecanizada que preza pelo domínio do estado sobre o público, para alienar totalmente cada um de si mesmo, vociferando.

O segundo é o caráter tirânico, totalitário e doutrinal que a repetição modela ao conteúdo. A influência é notadamente eclesiástica: baseando-se no modelo de censura eclesiástica, os seguintes dizeres constavam na página de rosto dos livros: “O NSDAP 28 não se opõe à publicação deste texto. Assinado pelo presidente da ‘comissão oficial de censura’ de proteção ao nacional-socialismo.” (KLEMPERER, 2009, p.64) A semelhança buscada aqui “é um *Imprimatur*”⁶¹. Para obter essa autorização, a linguagem teria que ser modesta, mantendo os clichês da LTI.

Aqui surge, por fim, segundo Klemperer, o terceiro elemento que constitui a construção da pobreza lingüística: a limitação auto-imposta só permitia expor um lado da natureza humana, para expor de forma exclusiva apenas as facetas permitidas pelo regime. A língua usada para esses fins não permite a expressão livre como ocorre em qualquer outra situação, para dar conta da plenitude humana. Não há espaço para diálogo, apenas para invocação; não há espaço para fragilidades pessoais, o “povo” está acima de tudo; espera-se banir a intimidade, anestesiá-la a personalidade, tornar o ser um átomo de metal mecanicista. “A LTI é a linguagem do fanatismo de massas. Dirige-se ao indivíduo – não somente à sua vontade, mas também ao seu pensamento, é doutrina, ensina os meios de fanatizar e as técnicas de suggestionar as massas.” (KLEMPERER, 2009, p 66)

⁶¹ Palavra latina que significa imprima-se, e corresponde ao ato, pelo Direito Canônico, das autoridades eclesiásticas e de antigos censores régios exprimiam autorização para poder imprimir-se qualquer obra.

É importante salientar que Lane sempre destacou em seus textos e entrevistas que lera e relera as obras nacional-socialistas, em especial a de Adolf Hitler e Paul Joseph Goebbels, e conhecia profundamente a forma estrutural da linguagem usada por ambos. Inclusive, muitos de seus textos refletem esses autores tanto na forma, como no uso de termos e fórmulas. É bom lembrar que ele acessou apenas as obras traduzidas para o inglês, mas soube dominar e repetir esses princípios em seus próprios textos e compilações.

Há verdadeira intencionalidade nas construções textuais de David Lane. Tudo é particularmente pensado, ponderado. Em sua autobiografia, por exemplo, amparou-se na construção narrativa para aparelhar um discurso a respeito do "arianismo" tecido por comentários a elementos de sua história de vida, buscando achar em pequenos detalhes fragmentados provas de sua uma espécie de predestinação messiânica ao posto de líder do movimento. Ele mistura lembranças e presença, tempo e intemporalidade, materialidade e mito, sentidos de morte e de renascimento. Há sempre uma dualidade, um pêndulo, algo a ser decifrado, um código. Ele o faz buscando doutrinar quem acessa o texto, perseguindo as regras aqui citadas. O estilo de Lane lembra bastante *Kampf Um Berlin*, escrito em 1938 por Joseph Goebbels. No texto, o diretor de propaganda enumera à exaustão os desejos e necessidades do povo ariano, liderado pelo povo alemão, e como apenas o nacional-socialismo seria capaz de dar conta deles. Por sua vez, Lane também se destaca por escrever sobre o que o povo branco do mundo, liderado pelo povo americano, deseja e necessita, e como o Wotanismo pode dar conta disso. Mas não é apenas Goebbels que ressoa no texto de Lane. Seus textos mesclam um estilo que vai do sermão a manuais de magia esotérica, e Lane escreveu artigos, definiu rituais, compôs poemas, enfim, a repetição se deu de muitos modos e formas.

A.3.1 A autobiografia: entrelinhas de lembranças e mistérios

Em sua autobiografia, Lane delineou seu próprio desenvolvimento político, elaborando uma complexa relação entre si e seu mundo social. No texto, as representações narrativas indicam como ele se tornou um ariano, e apontam, de maneira implícita, passos a serem seguidos para os que desejarem seguir seu exemplo. É um texto pequeno – a

autobiografia não passa de um opúsculo de 14 páginas, dividida em oito capítulos⁶², constando de uma introdução e sete capítulos com títulos. Foi publicada pela primeira vez no livro *Deceived, Damned & Defiant: The Revolutionary Writings of David Lane* (Enganado, maldito e desafiante: os últimos escritos de David Lane), que, além do texto autobiográfico, traz outros textos escritos na prisão: é precedida pelo *Manifesto sobre o Genocídio Branco* e seguida de mais cinco partes: um artigo denominado “*Revoluções pelo Número 14*”; “*Os Mistérios das Religiões e os Sete Selos*”; os “*88 preceitos*”; uma coleção de poemas denominada “*Wodensson [filho de Odin] em versos*”; e uma compilação de escritos já publicados numa espécie de *newsletter* que era entregue pelo correio sob o nome de “*Focus Fourteen*”. Foi só posteriormente que sua autobiografia passou a se denominar, simplesmente, “Autobiografia de Lane”. Em *Deceived...*, o nome da autobiografia era Retrato Auto Biográfico da Vida de David Lane e o Moto das 14 palavras (*Autobiographical Portrait of the Life of David Lane and the 14 Word Motto*). Um título de catorze palavras.

Em todas as entrevistas de Lane, ele sempre deixou manifesto que cada escolha numérica de sua produção textual tem um objetivo. São oito capítulos, pois oito remete à oitava letra do alfabeto, o H hitlerista⁶³, como já foi dito nesta tese. É por isto que são 88 preceitos – mais uma vez, para saudar o líder nazista, HH, Heil, Hitler. É um verdadeiro esgotamento do simbolismo, um messianismo que se espera construir pela exaustão.

Nesta autobiografia, concretiza-se um experimento do líder da The Order de expor sua “história de vida” e trajetória, “inventando” uma vida ariana. Interessa-nos como esta experiência ariana é construída e a partir de que elementos. A palavra experiência é utilizada aqui no sentido preconizado por Joan Scott (1999), como um elemento construído, narrado, negociado e dependente de uma estrutura narrativa, caracterizando-se, portanto, como um elemento discursivo. Para a autora, “*não são os indivíduos que têm a experiência, mas os sujeitos que são constituídos através da experiência*” (SCOTT: 1999 p.27).

Este conceito de experiência, portanto, corrobora a ideia de Michel Foucault de que a experiência é a racionalização de um processo. Esse processo, provisório, terminaria em

⁶² Obviamente, ele não perderia uma chance de fazer referência aos números oito e catorze.

⁶³ Em alguns sites o H é substituído pelo número 8, e também pelo asterisco (*), que na maioria dos teclados está acima do número oito. Essa é uma forma de criar novas siglas, senhas, simbologias, palavras-chaves no código-chave dos sites, enfim, de representar o hitlerismo de modo imperceptível ao leigo. Há ainda o 18, Adolph Hitler, por serem a primeira e oitava letra do alfabeto, e todas as formas combinadas dos três símbolos para o H : *8, **, 8*, 88, HH, H*, H8, 8H, *H. Todas essas formas já foram encontradas em sites, em palavras chaves de códigos, combinadas ou não com o 14.

um sujeito ou em vários sujeitos, “*produzindo uma configuração da ação, na qual o termo experiência é um conceito operatório e articulador da narrativa*” (NICOLAZZI, 2004, p. 104). O conceito de experiência é, portanto, para Foucault, um *locus*, no qual a ação se desenvolveria de acordo com articulações do tempo (FOUCAULT, 1992: p. 123). É nessa direção que a experiência de ser ariano é construída na e pela autobiografia de Lane e também é por isso que, depois de sua morte, seus textos são lidos e relidos: nela está a chave do tornar-se ariano, da experiência ariana. Sem laços de sangue ou de ascendência, “*a suástica é um símbolo que vem da alma*” e revela os sentidos dos mitos, aos que tem a raça “*em suas mitocôndrias*”, e “*se você não tem o sangue*”, ela não lhe abrirá as portas.

Na Introdução, Lane descreve “*a quase impossibilidade de ignorar o próprio ego, o que tornaria o registro mais preciso de sua própria vida uma tarefa difícil*”. Relata como uma “*das poucas memórias que tem da vida com a sua família biológica, a luta pelo que parece ter sido o seu único brinquedo*”, um trem⁶⁴. Na introdução, adverte também ao leitor que como está em “*batalha com o Governo dos Estados Unidos e as potências por trás dele*” ele “*não pode dizer tudo*” e espera do leitor certa capacidade de “*ler nas entrelinhas*”⁶⁵.

Em outros textos introdutórios nas obras de Lane, tanto em *Creed of Iron* quanto no próprio *Deceived, Damned & Defiant*, também é comum o recurso da ideia de que nem tudo pode ser dito por que seus inimigos o impedem de falar. A ideia aqui é se valer de um imaginário conspiratório sobre a grande perseguição aos brancos, cenário comum nos sites neonazistas.

Lane parece saber articular com este senso imaginário em vários momentos de seus escritos, e desde o início, ao se dirigir ao leitor afirmando que dependerá dele saber ler as entrelinhas, ele pactua com o leitor pelo menos a respeito de dois fatos (que já se revelam

⁶⁴ Obviamente uma referência aos trens que transportavam judeus para campos de concentração.

⁶⁵ The near impossibility of ignoring one's own ego made an accurate recording of my own life a difficult task. The thinking processes of every individual are in the very nature of things influenced by our biological and egoistic essence. For example, one of the few memories I have of life with my biological family consists of struggle over what appears to have been our only toy. I remember the situation as one in which my older brother refused to let me play with our toy train. However, nearly forty years later when my biological sister was finally able to locate and reunite what remained of the family, she related that I was at least as selfish as any child tends to be. Still, I will do my best to relate this story with as little egoistic influence as is possible. The reader should, also, know that the whole story of my battle with the United States Government and the powers behind it cannot be told, or must be obfuscated. I was sentenced to 190 years in prison for not talking, so obviously there are things which must remain untold. Additionally, to protect others who have interrelated with me during the past thirty years, my wording will be carefully constructed and one should, as they say, "read between the lines." (no original)

como fatos nesta hora de pacto): o primeiro é que ambos sabem que há coisas que não podem ser ditas, visto que há poderes interditores da verdade (e nisto se inscrevem saberes: há uma verdade, escondida pelos poderosos, há quem saiba desta verdade apesar disto). O segundo é que ele, Lane, detém o que foi interdito e que o leitor pode vir a saber do que se trata se for capaz de ler nas entrelinhas, e um pacto entre a especialidade do saber de Lane e a especialidade do leitor que consegue ler nas entrelinhas é, portanto, consignada.

Ao compelir-se a contar sua história, Lane ressalta que as memórias relativas à família biológica são bastante limitadas, e que os registros realizados pelas instituições oficiais de sua cidade natal sofreram um incêndio, bem como os que estavam no orfanato em que viveu parte da infância.

Sobre isso, recordo o que Brunner afirmou sobre narrar uma história de vida: a expressão da experiência nunca alcançará a totalidade do indivíduo; haverá sempre hiatos entre a realidade, a experiência e a narração destas. Esses hiatos também, por sua vez, produzem sentidos. No artigo de Brunner, "*Etnografia como Narrativa*" (1986), surge uma interessante reflexão a respeito da "implícita estrutura narrativa" que guiam os trabalhos etnográficos. O autor procura estender a noção de etnografia como discurso para problematizar a etnografia como gênero de "história contada" (BRUNNER, 1986, p. 139). Todas as narrativas guardam um projeto político definido, denunciando seu tempo. Operando nos níveis semânticos e sintáticos, as histórias etnográficas produzem sentidos. As estruturas narrativas organizam esses sentidos, formatando experiências, num ritmo que entra em compasso com o projeto político dominante (p. 142, 143). Nesse sentido, as etnografias abarcam os elementos-chaves da narração: a história, discurso, enredo.

No texto de Lane, muitas vezes eu me perguntei por que ele "esquece" determinados fatos e outros são tão vívidos. Pergunto-me se os laços biológicos parecem tão frágeis, pois basta nascer na cidade de WODEN, numa quarta-feira⁶⁶, dia de Odin, para ser filho de Odin, e, destarte, um Thor contemporâneo. Há nitidamente um objetivo político neste esvaziamento do biológico pelo mítico, ou ainda, um mítico que dá sentido ao biológico: é exatamente isso a que os sites neonazistas se referem quando afirmam que os mitos despertam genes e mitocôndrias arianas... É preciso diminuir as fronteiras biológicas familiares e fazer

⁶⁶ Agradeço a Michel Cunha Tanaka, a lembrança que embora em inglês, "*Wednesday*", pronunciada "*Wensday*", vem de "*dia de Woden*", o fato é que, em alemão, o dia de Odin é terça-feira porque é *Dienstag* (din/odin). Quarta-feira, em alemão, é simplesmente o "meio da semana" (*Mittwoch*).

de Lane o grande ariano, ainda que não o seja, o grande filho de Odin, o messias ariano do nosso tempo, um novo Hitler.

Lane propõe-se, no primeiro capítulo, denominado Família Biológica, a retratar sua infância infeliz. Entre os fatos citados ele anota seu pai como “*um bêbado, um canalha, que vivia uma vida da pior espécie possível*”; seu pai teria casado com sua progenitora em 1934, aos trinta anos, no mesmo ano que a conheceu. Seu pai fora um trabalhador agrícola nômade, e sua mãe era uma jovem garota de quinze anos quando foi desposada por ele.

Lane foi o quarto filho do casal⁶⁷, e nasceu em 2 de novembro de 1938, uma quarta-feira (Dia de Woden), na cidade de Woden, Iowa, para justificar o pseudônimo de Wodensson (filho de Odin ou Wotan). Recorda ainda que seu pai biológico, principalmente quando estava bêbado, era uma criatura verdadeiramente desprezível. Afirma que ele teria vendido sua mãe para seus amigos e estranhos por dinheiro para bebida e que teria espancado toda sua família, muitas vezes, com um cinto, sendo o responsável pela surdez de seu irmão Roger, por ter perfurado seus tímpanos numa destas surras. Ele foi capaz de rever suas lembranças de infâncias, que são mínimas, segundo ele, pelos esforços de sua irmã, que localizou três irmãos (ele, Roger e mais uma irmã) em 1979, por meios legais, visto que todos teriam sido adotados ou estiveram em abrigos, e os registros eram confidenciais. Depois da reunião de família ele recuperou parte da história da família, e soube que todos viveram numa sala de uma pequena loja de ferragens. O pai abandonou a mãe, casou novamente, e um dos filhos da “nova vítima” nas palavras de Lane o matou com pancadas com um martelo⁶⁸.

Seu pai havia deixado a família quando Lane tinha apenas quatro anos e sua mãe fora obrigada a “*cantar e tocar em um bar e fazer coisas que ele não sabe e não quer saber*”. Posteriormente, eles e os irmãos foram levados para um orfanato.

A substituição da figura biológica pela mítica no caso de Lane é um recurso para fugir de sua própria história, mas principalmente para se demarcar como predestinado ao arianismo: ele nasce no dia de Wotan, na cidade de Woden (Wotan, em nórdico antigo: Þōden), e como Thor, filho de Wotan, tem seus inimigos mortos a marteladas. Neste sentido, pode-se assinalar como uma autobiografia se oferece como um universo assaz fecundo e, no

⁶⁷ Um irmão mais velho, duas irmãs mais novas.

⁶⁸ Ele foi vingado aos quatro anos, Era o quarto filho, nasceu na quarta feira, o número quatro o associa a ODIN, mais que uma vez.

caso presente, um elemento essencial para a abordagem etnográfica. E também como apenas por meio de minha experiência etnográfica anterior muitos elementos da autobiografia se tornaram inteligíveis, por permitirem que eu compreendesse o sentido de certas imagens escolhidas para dar sentido “ariano” à autobiografia, como se todos os “sinais” de seu “propósito” já estivessem presentes desde sempre. Lembro aqui da exposição de Ernest Cassirer acerca do que ele denomina “*plasmação intuitiva do mito*”:

... é como se, pelo isolamento da impressão, por sua separação da totalidade da experiência costumeira e cotidiana, instaurasse nele não apenas uma tremenda intensificação, mas também o máximo de condensação, e como se, em virtude desta condensação, resultasse a configuração objetiva do deus, como se ela brotasse, por assim dizer, dessa experiência.

David Lane “plasma” os mitos fundadores em sua própria história, intensificando-os, condensando-os, marcando-se como Wodenson, e assumindo dentro do movimento, apesar de sua origem biológica, uma perspectiva de ascendência mítica islandesa-escandinava encontrada dentro das Eddas. “*Woden id est furor*”. Woden, isto é, fúria, o ódio que vinga. É associado aos locais de culto, diques e colinas e lugares de sacrifício/ritual. Ao afirmar que nasce em WODEN, Lane assume para si o lugar de psicopompo, de guia do povo ariano em sua vingança e fúria divina.

No segundo capítulo, “Infância”, Lane fala da busca no lixo por comida por seu irmão, evidenciando o estado de miserabilidade que o leva a um orfanato. Posteriormente, foi adotado por um pastor luterano por meio de uma agência de adoção da Igreja⁶⁹, pastor esse que era missionário e viajava o país para realizar pregações. Este pastor lhe impôs “horas intermináveis de devoções”, e um Jesus que Lane considerava “puro tédio”. Os antigos deuses Wotan e Thor foram-lhe apresentados como vencidos, e ele conta que se sentia extremamente atraído por suas histórias, mas não pela forma como os luteranos os descreviam, quase como se desde criança Lane soubesse que estes deuses lhe eram mais íntimos. Sua trajetória cruza os relatos da Segunda Grande Guerra Mundial, em especial as notícias que se divulgavam a respeito da morte em massa dos judeus em campos de concentração nazistas, notícias que ele ouve com total incredulidade, imediatamente, segundo relata. Também refere seu brincar “de guerra” com outros garotos, no qual sempre fazia o papel de alemão, para gritar “*Heil Hitler*” e “*Sieg Heil*” para os outros adolescentes. Enamora-se por jovens loiras de olhos azuis, “seus

⁶⁹ Como em nenhum registro consta a adoção, em nenhum estado, nem em Iowa, por exemplo <https://www.findmyfamily.org/Iowa/?pageno=6&state=19>, provavelmente a adoção não foi oficializada, ou alguma informação foi registrada de forma corrompida.

anjos”, o que mais tarde, segundo ele, definiria sua inquietação constante em construir a luta para evitar o desaparecimento da beleza da mulher branca da Terra. Sobre isso ele descreve uma conversa que o deixou “doente”: relata ter ouvido de um soldado americano que mulheres alemãs, durante a guerra, trocavam sexo por um pouco de comida ou roupas. A partir daí, ele deseja um mundo em que as mulheres brancas possam fazer outras escolhas. Apenas as mulheres brancas deveriam ser protegidas de serem obrigadas a escolher entre homens que pudessem garantir seu futuro ou homens de sua raça.

A narrativa prossegue em seu programa de ressaltar seus laços e sua vocação com o mundo ariano: jamais se deixou ludibriar pelas religiões cristãs, antes, continuou a ser fiel aos deuses verdadeiros, nórdicos, desde muito jovem. Ainda adolescente foi capaz, no meio de grande propaganda “inimiga”, de “reconhecer” o judeu como inimigo e o alemão como “herói”. Ao descrever seus amores juvenis como a fonte de sua luta pela “preservação da mulher ariana”, condensada na máxima de Lane *“Porque a beleza da mulher Branca não deve desaparecer da terra”*, o autor descreve sua relação com o mundo feminino como algo que *“desde o início, transcenderia o elemento puramente sexual”*. Foi no olhar para essas mulheres, afirma Lane, que ele descobriu seu propósito de vida. Ele também descreve neste capítulo como se irritou com um ex-combatente que contou como mantivera relações sexuais com moças alemãs em troca de comidas e roupas e como, por sua posição de classe social inferior, ele teve pouco acesso a mulheres brancas belas, que preferiram judeus ricos ou atletas negros, possibilidades seguras de ascensão social. Lane salienta que teve sua cota de moças bonitas, mas que se irritava que o valor de um homem valia menos na América que o seu salário ou o ganho de seus pais. Desta forma, ele pretendia alcançar o americano médio, que sonha com as belas atrizes de cinema, afirmando quanto o sistema é destrutivo (suicida, diz ele) por exilar o homem do belo (representado aqui pelo acesso sexual às moças “arianas”).

Para demonstrar como a adoção não lhe afastou de seus laços familiares de origem, Lane fala de sua mãe, que vive na Califórnia e é atormentada por gangues negras; comenta a respeito do delicado estado de saúde de sua irmã Jane, depois de criar quatro filhos, que trabalhou como secretária das Nações Arianas em Minnesota⁷⁰; e lamenta o fato de sua

⁷⁰ A irmã de Lane foi homenageada muitas vezes por seu irmão “herói de guerra”. Numa delas, recebeu uma medalha, com o lema fascista italiano: “acredite, obedeça e lute”. Seu marido, Carl Franklin, também membro das nações Arianas, é um comerciante de produtos veterinários de Easton, Pensilvânia. Franklin era

irmã caçula ter sido criada para acreditar no “pesadelo” da “América judaica”. Ele enfatiza ainda que seu irmão Roger fora “explodido e assassinado em um suposto acidente, durante o julgamento da Irmandade Schweigen (o grupo e Lane) em Seattle, depois de ter sido avisado pelos Agentes Federais para “cooperar ou então”.

No terceiro capítulo, intitulado por Lane de Despertar, o autor descreve sua “conscientização, ou despertar da consciência”.

Primeiramente ele descreve um pouco da sua vida pessoal: logo depois do Ensino Médio, inicia um trabalho numa empresa de energia elétrica e se casa com uma Mary Lou, uma colega do colégio. Segundo afirma também, ele se tornou corretor de imóveis no Colorado, em especial na região de Aurora/Denver, em que ele havia estudado e morava. Nessa época ele principia seu contato com a John Birch Society⁷¹ (JBS). Por meio da sociedade, ele se diz convencido de que o comunismo e seus líderes mundiais, assim como as grandes empresas de mídia, desejam manipular as massas americanas. Lane começa a escrever manifestos contra a lei de Direitos Civis assinados pela JBS.

Nesse capítulo David Lane faz um dos grandes “silêncios” de sua autobiografia: embora ele afirme que era agente de imóveis, um corretor, nas cidades de Aurora e Denver, no Colorado, ele deixa de mencionar a corporação Hoffman Heights, fundada pelo judeu russo refugiado Samuel Hoffman, que mudou a face urbana do Colorado com sua empresa de construção de imóveis residenciais para veteranos de guerra. Apenas no norte de Aurora foram 1.700 casas (numa cidade de onze mil habitantes), entre 1954 e 1964, por valores que iam de nove a treze mil dólares⁷². Por esse feito, o empresário recebeu a alcunha de “Henry Ford da indústria de construção de casas”. Se de fato ele viveu no Colorado nessa época, é impossível, como agente imobiliário, que ele não tenha vendido casas para essa empresa.

representante do líder neonazista Richard Butler na Pensilvânia. Em *The Silent Brotherhood: The Chilling Inside Story of America's Violent, Anti-Government Militia Movement*, Kevin Flynn e Gary Gerhardt relatam que Lane escoltou sua irmã no dia do casamento, vestida com uma blusa de pescoço alto, uma saia escura e jaqueta. Uma grande margarida branca foi arrumada em seus cabelos, e um pino das Aryan Nations estava na lapela de sua roupa. Franklin estava em uniforme completo do grupo neonazi. A mesma fonte cita que Lane era originário de Denver, não de Woden. Uma notícia do Washington Post de 26 de dezembro de 1984 relatava “que a ‘igreja’ e o grupo Aryan Nations são descendentes de grupos de ódio que floresceram durante a Grande Depressão. A igreja é gerida desde 1970 por Richard G. Butler, um engenheiro aeronáutico da Califórnia, que se tornou um seguidor do Dr. Wesley Swift, um dos supremacistas brancos mais ativos.”

⁷¹ Entidade ultraconservadora de direita, organizada para defender uma política anticomunista e anti-direitos civis nos Estados Unidos, em 1958.

⁷² O próprio crescimento populacional da cidade foi atribuído às construções da empresa, por muitos autores. Cf. Collins, Sherah J. (2008). *Aurora*. Arcadia Publishing & Historitecture LLC (2015) *Guide to the City of Aurora's Historic Architecture*.

Além disso, o empresário foi responsável por criar shoppings, hospitais, escolas, enfim, toda uma estrutura para a comunidade.

Outra questão nebulosa nesse capítulo é que a escola citada por ele como a instituição em que concluiu o Ensino Médio foi fundada apenas em 1963. Se isso é real, Lane deveria ter terminado o Ensino Médio com vinte e cinco anos para que seu último ano escolar coincidissem com o primeiro ano de funcionamento da escola citada. Como ele dá a entender no texto que fez o Ensino Médio inteiro na mesma escola, ele teria concluído o Ensino Médio com vinte e oito ou vinte e nove anos, e então se casado. Mais tarde, ele assegura ter permanecido casado até 1983, por doze anos. Se estimarmos, portanto, seu casamento em torno de 1971, ele pode ter realizado o Ensino Médio entre 1963 a 1970, e, assim, tê-lo concluído entre vinte e cinco e trinta e dois anos. Mas isso não é exatamente anormal para um jovem filho de pastor que, devido a várias mudanças de cidades, pode ter atrasado em muito seus estudos, e que também pode ter tido outros tipos de dificuldades.

Mark S. Hamm, um professor de criminologia da Universidade de Indiana, que estudou o caso de David Lane, entre outros, para relatório publicado em 2005, sob o título de “*Crimes Committed by Terrorist Groups⁷³: Theory, Research and Prevention⁷⁴*”, aponta que Lane era campeão amador de golfe e que fora segurança civil de uma editora que publicava artigos anti-semitas, numa revista para agricultores denominada “*The Primrose and cattlemen's gazette*” (o nome da revista sugere que banqueiros judeus fazem os pequenos fazendeiros seguirem o “*primrose path*”, nome de um filme da década de 40, cuja temática versa sobre prostituição como forma de subsistência⁷⁵). O trabalho como segurança é confirmado por artigos de Jornal em 1985, como o de Ellen Marks⁷⁶.

A seguir, nesse mesmo capítulo, Lane assegura que depois de muitos estudos ele

⁷³ O FBI definia como ato de terrorismo, até a lei *Patriot Act* (que ampliou a definição), o uso ilícito da força ou da violência contra pessoas ou propriedades para intimidar ou coagir um governo, a população civil, ou qualquer segmento dos mesmos, em adiantamento de objetivos políticos ou sociais. O FBI define duas categorias de terrorismo no Estados Unidos: terrorismo internacional, que envolve atividades terroristas atividade cometida por grupos ou indivíduos que são estrangeiros e/ou são dirigidos por países ou grupos fora do Estados Unidos ou cujas atividades transcendem fronteiras nacionais; e terrorismo doméstico, que envolve grupos ou indivíduos que são baseados e operam inteiramente nos Estados Unidos e são dirigidos a elementos de nosso governo ou população sem direção estrangeira. CF. FBI – Terrorist Research and Analytical Center Counterterrorism section - Criminal Investigative Division; TERRORISM IN THE UNITED STATES, 1987. (publicado nos EUA em 31 de dezembro de 1987). Encontrado na Internet por meio do Internet Archive. Download em 22.05.2006.

⁷⁴ Cf. <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/211203.pdf>

⁷⁵ O editor da revista era Roderick Elliot (National Agricultural Press Association—NAPA), mais conhecido como Rick Elliot. Posteriormente ele irá participar de outros grupos de ódio.

⁷⁶ <http://ufdc.ufl.edu/AA00014309/00009/9j>

teria concluído, em 1978, que de fato “*as nações ocidentais estavam governadas por uma conspiração sionista*”. O ponto central dessa “conspiração sionista” ficou evidente: o desejo de extermínio da raça ariana. Todo o “estudo” se sistematizou para cunhar o mote das “14 palavras”: “devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas”, e Lane começou seu ativismo no estado do Colorado, em especial em Dever, até, segundo ele, ser interrompido por entidades sionistas (no caso, a Anti-Defamation League – ADL, na época uma entidade exclusiva da B'nai B'rith, associação judaica internacional). No livro, esse capítulo traz uma foto de Lane com uma grande biblioteca atrás, como se impusesse ao leitor que seu conhecimento foi adquirido após muitas leituras e, portanto, é legítimo e edificado com solidez intelectual⁷⁷.

Lane, então “projeta” um panfleto junto com o grupo Nações Arianas (Aryan Nations), do qual era membro ativo e principal articulador no Colorado (ele saíra da Ku Klux Klan mas não da Identidade Cristã, bases do grupo Aryan Nations), intitulado “*The Death of the White Race*”, e passa a distribuí-lo em algumas cidades no Estado, em especial nos subúrbios de Denver (provavelmente em Aurora e Denver, e talvez mais alguma cidade próxima). Segundo ele relatou, a partir daí ele passa a ser perseguido pela ADL, o que lhe teria custado o registro de corretor de imóveis, apreensão de seus panfletos por policiais em Aurora, desemprego e divórcio. A perseguição chegou a tal ponto, afirmou Lane, que eles teriam planejado seu assassinato, fato que o obrigou a ficar temporariamente sem ativismo, até a Conferência Nacional das Nações Arianas em 1983⁷⁸.

Fontes do governo sustentaram que várias conspirações surgiram dessa reunião das Aryan Nations em Idaho. Entre elas, havia o planejamento para criar uma nação branca separada no Noroeste Pacífico, o ataque a bomba de um centro comunitário judaico em Bloomington, Indiana, a compra de armas de fogo e explosivos para ações no Missouri e Oklahoma, e o roubo de mais de US \$ 4 milhões de bancos e carros blindados no estado de Washington. O dinheiro se destinaria a financiar o estabelecimento de uma nação ariana, e os bombardeios, assassinatos e sabotagens deveriam perturbar de tal modo a sociedade que

⁷⁷ Ele confirma rapidamente ter participado da John Birch Society, uma organização ultraconservadora que visa erradicar qualquer forma de “comunismo na América”, e abriu seus olhos para o poder dos judeus sobre a mídia e o governo.

⁷⁸ Na verdade Lane participou de um ataque a uma sinagoga, como veremos adiante. Esse é o verdadeiro motivo de as autoridades locais efetivarem uma denúncia contra ele. A conferência se deu em Hayden Lake, Idaho. Muitas outras conferências das Nações Arianas se deram no mesmo lugar. Cf. FBI, Federal Bureau of Investigation, Arquivo desclassificado como confidencial, disponível em <https://archive.org/details/AryanNation?q=ARYAN+NATIONS>.

incitariam uma guerra racial, cujo objetivo seria derrubar o governo dos EUA.

No quarto capítulo, Lane se dedica à *Irmandade Schweigen* (Irmandade Silenciosa⁷⁹), que posteriormente ficou conhecida como *A Ordem* (*The Order*), relatando sua fundação e atuação. Em poucos detalhes, conta como o Estado, em seu delírio, aparelhou-se por perjúrio para incriminar todos os presos da guerra racial (os membros da Ordem), e relata o quanto seria melhor se eles tivessem mais experiência em criminalidade e crueldade antes dos atos praticados. Para Lane, a Ordem foi fundada em 22 de setembro de 1983, numa reunião numa propriedade privada, perto de Metaline Falls, no estado de Washington⁸⁰. A cerimônia de fundação se deu num círculo de dez cadeiras, com nove homens sentados (Dan Bauer, Randy Duey, Richard Kemp, David Lane, Ken Loff, Bob Mathews, Bruce Pierce, Denver Parmenter e William Soderquist⁸¹) e a décima cadeira ocupada pelo retrato de um líder alemão. Um bebê foi colocado no centro do círculo, e cada presente fez um voto para garantir o futuro para essa criança branca, tema que depois se transformaria num dos slogans mais conhecidos de David Lane⁸². O líder da reunião, Robert Jay Mathews, que Lane chama de Bob, havia “profetizado” nesta reunião que estaria morto em um ano, o que de fato aconteceria 14 meses mais tarde, fato atribuído por Lane aos “demônios federais”. A Ordem foi acusada de roubar mais de US\$ 4,1 milhões em ataques a carros blindados, do assassinato de pelo menos duas pessoas, de ter detonado bombas, de falsificar dinheiro, de ter organizado campos de treinamento militar e ter realizado diversos outros crimes com o objetivo final de derrubar o governo dos Estados Unidos.

Neste capítulo, Lane operacionaliza elementos simbólicos para mostrar como a Irmandade Silenciosa é uma nova forma de apostolado, e como os membros estão a serviço de algo muito “elevado”: o futuro da “raça ariana”.

No quinto capítulo de sua autobiografia, Lane cita a acusação que pesa sobre ele: o assassinato do jornalista judeu Alan Berg, em 1987. Num primeiro momento Lane

⁷⁹ O nome é oriundo de um poema alemão de 1814, que advertiu contra o tempo: “*wenn alle Brüder schweigen und falschen Götzen trau'n.*” (quando todos os nossos irmãos estão em silêncio // e confiam em falsos ídolos). A informação é de ACKERMAN, Gary Anthony. *'More Bang for the Buck': Examining the Determinants of Terrorist Adoption of New Weapons Technologies*. O poema em questão é “*Se todos se tornarem infiéis, então permaneceremos verdadeiros*” uma canção folclórica e estudantil alemã utilizada pela SS.

⁸⁰ Embora a grande maioria dos autores considere sua fundação no encontro das Nações Arianas.

⁸¹ Outras pessoas entrariam no grupo posteriormente.

⁸² “Brilhante criança de luz, és a minha família, // De corpo, alma e mente; // Um espírito chama do interior, // Devo preservar o teu ser.”

caracteriza Berg como dotado de uma personalidade “particularmente vil”, “irritante e anti-branca” que “advogava para certas figuras do crime organizado em Chicago”⁸³. Ele levanta, ainda, a suspeita de que Berg “*se envolvera com tráfico de cocaína e a usava para obter favores sexuais de jovens*”, embora registre que nunca tivera como verificar isto. “*De qualquer forma*”, ressalta o autobiografado, “*o Sr. Berg não era o tipo com quem uma pessoa reflexiva iria querer associar sua filha, para dizer o mínimo.*” Na época da morte de Berg, Lane afirma que morava em Idaho e diz ter prontamente enviado uma carta ao Rocky Mountain News negando envolvimento com o crime, mas testemunhas acabaram relacionando-o ao fato, o que Lane atribuiu a perjúrio estatal. Posteriormente voltarei ao grupo A Ordem e ao assassinato de Berg.

O sexto capítulo é dedicado a relatar sua vida como prisioneiro. O título, A Prisão, é um relato a respeito de como o sistema penitenciário, segundo o líder neonazi, fez todo o possível para humilhá-lo e torturá-lo de todas as formas. Lane chega a afirmar que o sistema penitenciário, em especial a prisão federal de Illinois, em que aguardou julgamento, “*deve ter sido projetado por psiquiatras judeus loucos*”, citando práticas e atividades prisionais que segundo ele objetivam a “*submissão sexual pela mentalidade judaica freudiana de psiquiatras da prisão*”, por conta de seu isolamento na solitária (ele afirma ter ficado em solitária 23h por dia) e suas constantes varreduras anais. Segundo ele, os guardas da prisão são “*exatamente o tipo de demônios encarnados como os que queimaram mulheres e crianças vivas em Waco*”. Relata ainda: “*Sua existência é um insulto aos deuses, uma maldição para a humanidade e um trabalho inacabado*”. Lane afirma estar escrevendo esse texto ainda na prisão de Colorado. Localizada em Fremont County, Colorado, ela é conhecida como ADX Florence, Florence ou “Alcatraz das Montanhas Rochosas.”

Finalmente, no último capítulo, intitulado, “*A Luta Continua*” Lane descreve seus últimos dezessete anos de cativeiro, e como “sua caneta” se tornou sua grande arma de luta. É, de fato, na prisão que ele escreve todos os grandes textos fundadores, lidos à exaustão por milhões de radicais no mundo todo. Escrevendo principalmente os princípios da denominada de religião Pirâmide Profética, Lane defenderia a noção de uma natureza cujas leis da

⁸³ Segundo o agente do FBI William H. Matens em *Memoirs of Investigations and Subsequent trials of members of the Aryan Nations*, depois de Berg entrevistar o “coronel” Gordon “Jack” Mohr, um membro da Christian Patriots Defense League, ocasião na qual David Lane discutiu com Berg ao vivo, Lane passou a ouvir o programa de Berg quase todas as noites, ligando para ele de vez em quando, para discutir movimentos diferentes, e tornando-se mais agitado com Berg a cada dia que passava.

natureza são o trabalho da inteligência criativa que os homens chamam de Deus. As leis de Deus e as leis da natureza seriam, portanto, a mesma coisa. As leis da natureza são uma "bíblia" que os homens não podem inventar, alterar ou perverter, e a maior lei da natureza é a preservação da própria espécie. Para Lane, toda perda de tempo em disputas religiosas ou políticas, foram criadas pelos judeus, que, inclusive assim convenceram os patriotas da Rússia e as nações ocidentais de que as únicas opções eram os sistemas econômicos chamados comunismo e capitalismo. Ambos, é evidente, seriam antinatureza. Por meio do estudo da origem de todas as grandes religiões ele descobrirá que toda religião que se afasta da lei natural é falha (isto está nos 88 princípios). O centro da luta de Lane continua sendo a dignidade do macho, a preservação da beleza da fêmea e o futuro da criança branca. A biografia termina, na décima quarta página, com as catorze palavras. *"Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas."*

Duas outras fotos de Lane ilustram sua autobiografia: no sexto capítulo há uma foto dele, na prisão, e no fim do texto, seguido pela legenda "Sr. e Sra. Lane", há uma foto dele com Katja. Eles ainda estavam casados na época em que o texto foi escrito (o livro foi lançado em 1999), de modo que a separação deve ter se dado quando ele foi levado novamente para a prisão em Indiana⁸⁴, ou pouco antes disso. Ron McVan seu co-autor e amigo de longa data, fala a respeito do relacionamento dos Lane num fórum neonazi:

<etno 9>David tinha encontrado uma mulher em meados dos anos 90⁸⁵ chamados Katja praticamente desconhecida para o Movimento Nacional de Poder branco. Ela vivia em uma casa rural com seus cinco filhos nas montanhas de Idaho, depois que ela e seu marido havia se divorciado, ela convenceu David que se apaixonara por ele e tinha grandes idéias para ajudar David em seu trabalho. Para ganhar credibilidade instantânea no movimento Aryan ela inventou o falso conto que ela estava legalmente casada com David. Tal não foi o caso, mas seu ardid funcionou como ela sabia que seria. David, com uma sentença de 190 anos na prisão não queria nada mais do que ter uma família, mesmo que apenas idealisticamente, então ele deixou correr a mentira que ela era sua esposa amorosa real e verdadeira. Katja possuía um QI alto e era fluente em seis idiomas e David ficou

⁸⁴ Inicialmente Lane foi enviado para a prisão federal em Terre Haute, (segurança média na época) em Indiana, em 1986, mas, após sua sentença, em 1987, foi transferida para uma instalação de segurança máxima em Marion, Illinois. Em 1991, foi transferido para a também prisão federal de segurança máxima em Leavenworth, Kansas, e em 1994 foi transferido novamente para outra prisão federal de segurança máxima em Florença, Colorado. Posteriormente ele voltou para Indiana, local em que morreu.

⁸⁵ Caoimhe Nic Dhaibheid informa que se conheceram por correspondência na prisão, em 1994, em *Terrorist Histories: Individuals and Political Violence Since the 19th Century*. Ainda segundo essa fonte, ela tinha um Mestrado em Economia, e era Bacharel em Literatura Espanhola e Portuguesa.

extremamente animado com o potencial de que pudessem compartilhar e trabalhar em conjunto para a nossa causa ariana. </etno STF - Fórum>

Sobre Katja, Lane escreveu numa edição especial dos boletins *FOCUS FOURTEEN*, reimpressos no livro, que Katja é filha do Coronel da Força Aérea America, Notley G. Maddox, morto em combate no Vietnã em 1967. Da biografia do Coronel, disponibilizada pelas Forças Armadas, sabe-se que Katja teria dois irmãos. No mesmo livro ele comenta um processo judicial que Katja estava sofrendo (por perseguição, segundo ele), no distrito de Idaho, envolvendo vizinhos. A decisão final foi dada no final de 2011. McVan comenta que ela chegou a ser presa, e que David ficou desesperado. O amigo de Lane foi morar em Idaho, para montar a editora com Katja e ajudá-la no processo judicial; inclusive, segundo McVan afirmou, com dinheiro de uma indenização oriundo de um acidente que ele próprio havia sofrido. Eles passaram a organizar uma lista de prisioneiros da “causa ariana” para defender e auxiliar (mais de 5.000 prisioneiros foram atendidos) e sistematizaram o boletim Focus Fourteen. Criaram também a Editora Fourteen Word Press em Idaho e um site para a divulgação do trabalho de Lane em várias línguas⁸⁶.

O nome conhecido de Katja era Katuscha Maddox. Procurando pelo nome em sites de ancestralidade, encontramos Katuscha Muriel Maddox. Ao inserirmos o nome de seu suposto pai, o nome dela se modifica para Catherine Muriel Maddox, seu nome de registro de nascimento, e ela teria nascido em Lubbock, Texas em 20 de outubro de 1951 (a mesma data consta para Katja). Não sei quando ela mudou de nome, mas tanto Katja como Katuscha são formas russas possíveis para Catharina ou Catherine. É provável que o pai, que era fluente em russo, apelidasse assim, ou que ela escolheu essa forma para se ligar a ele de algum modo. A família de Katja só recebeu o par de botas e o pára-quedas do pai após trinta anos. Nenhum resto mortal dele jamais foi achado, e Katja nunca deixou de inquirir o governo americano sobre o tema. O pai de Katja era natural de Maryland. Sua mãe era de Illinois, descendente de noruegueses, segundo os dados do censo de 1940. Embora exista uma árvore genealógica no mesmo site para David Lane, ela foi criada em 2005, e vem sendo alterada por um perfil cuja identidade social é desconhecida, mas que marcou os pais de Lane como Harold e Florence. No site da família Lane de Iowa, os dados desse casal contradizem tanto a autobiografia de

⁸⁶ Segundo Lane afirma no site de Staff da editora, Katja seria filha “de uma mãe norueguesa e pai galês-americano” e teria recebido uma bolsa aos dezesseis anos para iniciar seus estudos universitários graças a seu “QI estratosférico”.

Lane quanto os dados sobre suas irmãs e família⁸⁷.

Ainda segundo McVan, quando finalmente os livros estavam editados (havia, segundo ele, mais de meio milhão de dólares em livros), Katja ficou livre da sentença, e com milhares de dólares na conta (ela administrava o fundo para ajudar os prisioneiros), ela terminou com Lane e contratou um caminhão para levar os livros para outro lugar, e exigiu que McVane se mudasse de onde estava. Porém, Katja foi roubada por John Post e sua esposa Monika, que fundaram na WEB uma “falsa” “14 Words Press” para vender o material.

Segundo sites neonazis anunciaram, e o próprio site de Lane também comunicou, em 4 de julho de 2001, David Lane anunciara sua aposentadoria. Katja Lane disse que seriam necessárias "mudanças monumentais" na 14 Word Press, e alegou que ela não agüentava mais lidar com a crescente carga de trabalho. A supervisão da imprensa posteriormente seria entregue a Steve Weigand, um distribuidor de música neonazi, mas em novembro de 2011, quando Katja assumiu o nome de solteira, Katuscha Maddox, e mudou-se para New Jersey, Weigand ainda não havia determinado o que faria com a obra de Lane. Ela se afasta completamente do trabalho de Lane. Numa entrevista na ocasião perguntado sobre o ocorrido, Lane tergiversou e diz apenas ser “eternamente grato a Katja por tudo que ela fez pelas 14 palavras”.

McVan descreve então permanecer um tempo aturdido, porquanto além dos livros ele tinha muitas “obras de arte” (ele é um “artista do povo branco”), peças de colecionadores e cartas de prisioneiros. Isso deve ter acontecido logo antes do julgamento final do processo de Katja, pois em janeiro de 2002, o site de Lane estava no ar, com sede em Napa, Califórnia. Provavelmente era dirigido por Post e oferecia os livros, CDs, panfletos, e também ornamentos Viking e obras de arte (muitos de McVan) e afirmava no site utilizar a receita para financiar o programa de auxílio das gangues arianas na prisão. Tudo indica, no entanto, que John Post teria ficado com o dinheiro do fundo para si. Mas, pelo conteúdo do material comercializado, ele logo foi analisado como grupo de ódio e Post foi preso. Ele chegou a afirmar em sua defesa que todas as raças poderiam praticar o Wotanismo, mas o material que vendia defendia a supremacia ariana, e ele passou a ser odiado também por grupos neonazistas, por suas afirmações e artigos em favor de outras raças. Posteriormente, o site

⁸⁷ Cf. <http://iagenweb.org/jasper/families/lane/d4.htm#c5872> com os dados de <https://www.familysearch.org/tree/person/details/LVKG-XN6>

14words.com volta a oferecer as obras de Lane, com sede na Carolina do Norte, sai do ar novamente e retorna em 2003 dessa vez com sede em Wilmington, Carolina do Norte, e dirigido por Victor Gerhard, membro da National Alliance⁸⁸.

McVan sempre postou que perdera mais de meio milhão de dólares com a traição de Katja, mas o que ele não deixa explícito é quanto do material era por direito dela, e o que isso significava monetariamente. Ele chega a comentar que Katja propôs a ele um valor pelo atacado dos livros, mas ele recusou, pois, para ele, o material era todo dele. Visto que ela também era membro do “staff” da editora, afinal Katja que mantivera o site por muitos anos, realizava as traduções e organizava os livros, essa alegação deve ter causado bastante fúria. É preciso lembrar que no meio neonazi, o simples fato de McVan tê-la socorrido em momentos de dificuldade deve significar uma dívida imensa para com ele. No neonazismo, nunca se paga a dívida com os heróis, e as mulheres nunca serão reconhecidas de fato.

É particularmente interessante como Lane “esquece” de mencionar sua separação com Katja Lane, afinal, ele permaneceu cinco anos sabendo da traição dela, e exatamente por isso, milhares de sites neonazistas o citam como o casal exemplar do movimento, embora ele tenha terminado a vida só e abandonado pela esposa. Parece haver uma necessidade de construir um mito de um casal mágico, de um amor que supera a prisão e até a morte, quando a realidade é muito diversa. Katja o deixou, levando meio milhão de dólares da venda dos livros e um romance mais promissor. April Gaede, amiga de Lane, chegou a comentar isto num fórum neonazi, mas passou despercebido. Gaede prepara os rituais fúnebres do líder. Lane nunca escreveu uma linha contra Katja, ou se escreveu, eu nunca localizei. Ele mesmo afirma em sua autobiografia que nunca falaria mal de suas ex-parceiras, desde os “anjos” (Rosalie e Mary), passando por sua primeira esposa Mary Lou.

Nesse mesmo livro, Lane escreveu um capítulo, “*Os Mistérios das Religiões e os Sete Selos*” para fornecer o pretenso fundamento religioso do Wotanismo, textos a respeito dos “*Sete Selos*” e outros que, posteriormente passaram a fazer parte da antologia denominada “*Pirâmide Profética*”. Esses textos são fundamentais para entender que Lane se coloca como Messias da raça ariana, e que sua autobiografia tem o desejo de ser lida também hagiograficamente. O capítulo se inicia com uma discussão sobre a veracidade da história americana e mundial, que ele crê fundamentalmente mentirosa, tanto sobre o Holocausto

⁸⁸ A atual responsável pela distribuição das obras de Lane na rede é a WAU.

como sobre Luther King, que seriam articulados por forças não arianas para ocupar um lugar central no ensino, no lugar do que verdadeiramente deveria ser ensinado ao “povo branco”, a saber sua verdadeira história, simbolismos e mitologia. Lane afirma:

<DL>Apresento aqui uma sabedoria que tem sido conhecida por alguns milhares de anos, impiedosamente perseguida por 1.700 anos, mas ainda pode retornar o mundo à sanidade. Na linguagem dos gnósticos, os sete selos do Apocalipse são abertos aqui e os sete espíritos de Deus são descobertos.<DL>

Para o autor, ao descortinar a sabedoria das mitologias dos povos ancestrais do “povo branco” ele traria “sanidade” ao mundo. Numa entrevista dada a uma jornalista da ABC, ele admite que esta “sanidade” viria acompanhada de uma grande guerra racial. A jornalista compara isso a assassinato de massa, e Lane afirma que “guerra” é a “palavra aceitável” para descrever a necessidade do “povo branco”.

A.3.2 Revelando “Profecias”

No primeiro capítulo, ele desejou explicar “o código” que se utiliza para entender as profecias. Começa uma narrativa acerca de como as línguas antigas, como o grego e mesmo o hebraico, possuíam originalmente uma co-relação entre valores numéricos e letras de seus alfabetos. Ele apresenta uma ilustração para exemplificar a ideia⁸⁹:

⁸⁹ O que Lane pretende fazer aqui é uma espécie de resumo de teorias de outros autores esotéricos, visando mostrar sua messianidade. Os livros em que se baseia, principalmente são: “The Secret Teachings of All Ages” de Manly P. Hall, “The New View Over Atlantis” de John Michell, “Serpent in the Sky” de John Anthony West e “5-5-2000” de Richard Noone. Além desses textos é importante salientar a presença da obra de Agrippa, do renascimento alemão, principalmente, porque a leitura de Lane dos quadrados mágicos e simbolismos numéricos e astrológicos parecem se basear muito nesse autor. É possível que ele tenha chegado a Agrippa pelas leituras sobre Heinrich Himmler, que era leitor do renascentista. O próprio John Michell também estudou o tema, mas as citações no texto de Lane que remetem mais diretamente a Agrippa.

Figura 8 – Código numérico das letras gregas

Αα	Ββ	Γγ	Δδ	Εε	Ζζ	Ηη	Θθ
1	2	3	4	5	7	8	9
Ιι	Κκ	Λλ	Μμ	Νν	Ξξ	Οο	Ππ
10	20	30	40	50	60	70	80
Ρρ	Σσς	Ττ	Υυ	Φφ	Χχ	Ψψ	Ωω
100	200	300	400	500	600	700	800

illustration #1

Elaborada por David Lane, consta do Deceived, Damned & Defiant e também do site feito em sua homenagem postumamente. A imagem pode ser encontrada em outros sites do movimento.

A seguir, ele passa a alongar a questão, discutindo como a grande maioria das pessoas não é capaz refletidamente de olhar para os mitos, e por isso envolve o que pretende “revelar” em grandes molduras de esoterismo: “milhares de pessoas sabem que alfabetos tem sentidos numéricos e quase nenhum uso da razão”. Ele dilata seu argumento mostrando que Jesus, no grego, teria o valor numérico de 888 (lembrando 666, um múltiplo de 111, segundo ele), e que no inglês, como construído por Sir Francis Bacon, tem o valor de 74. Ambos, 888 e 666, são múltiplos de 74, e isso acontece no inglês porque GOD é 74, segundo o que Ihe foi revelado. G é o 7, D é o 4 e O seria o Sol e Quadrado do Sol (o quadrado mágico do Sol) no interior do círculo Zodiaco. O argumento de Lane se desenvolve para abarcar então o selo dos EUA:

Figura 9 – Selo dos EUA



Elaborada por David Lane, consta do Deceived, Damned & Defiant e também do site feito em sua homenagem postumamente. A imagem pode ser encontrada em outros sites do movimento.

Para o autor, haveria “72 pedras em 13 linhas na face da pirâmide”. Ele prossegue: “a grande pedra que possui os numerais romanos para 1776 na parte inferior soma a 73ª pedra”, e “o cume da pirâmide”, que ele considera uma pedra também, “com o ‘olho que tudo vê de Judá’ faz 74”. Não contente, ele amplia ainda mais a “revelação numérica”: a “Revolução Americana , 4 de julho, sétimo mês, quarto dia, novamente 74” (na forma inglesa de contar as datas, o mês vem antes). Ele prossegue: “1776 é 74 x 24, ou 111 x 16, ou, se quiser, 666 + 666 + 444 = 1776” (ou seja, 1776 é múltiplo tanto de 74 como de 666, e embora ele não tenha percebido, também de 888).

Lane afirma então que “a América foi formada por cabalistas judeus com um calendário de ciclos 222 anos” e para ele o objetivo disso seria aniquilar “a integridade de cada raça, nação e cultura na terra e estabelecer uma ordem mundial judaica”. O ano que começaria o próximo ciclo, que ele denomina de ano alvo, seria 1998, e por conta da fundação do Google nesse ano, muitos neonazistas acreditam que a empresa está a serviço da Nova Ordem Judaica.

Lane também afirmou que

<DL> *Sir Francis Bacon e os iniciados construíram o idioma Inglês e a Bíblia King James formando-os como um dispositivo para codificar a sabedoria antiga. Pode muito bem ser o mais complicado livro na história. Além disso, a divisão da Bíblia em livros, capítulos, versos e palavras foi conduzido para formatá-la em uma representação física dos "sete espíritos de Deus", e corresponder aos códigos ocultos no texto*⁹⁰. </DL>

A seguir, ele aponta sua versão acerca dos sete selos do Apocalipse. Para Lane, os judeus tentaram “fazer do falso templo de Salomão um novo Farol de Alexandria”, e mudar as sete maravilhas do mundo antigo, que estariam diretamente relacionadas com as sete moradas planetárias (ele se refere aqui aos planetas astrológicos Sol, Mercúrio, Vênus, Lua, Marte, Júpiter e Saturno) e também aos sete quadros mágicos⁹¹, conforme demonstrados pelo renascentista alemão Agrippa e discutidos por John Mitchell.

Na seqüência ele apresenta as figuras dos quadrados mágicos e passa a fazer a sua particular tradução “do que teria sobrevivido dos quadrados mágicos da Bíblia pensada por Sir Francis Bacon”, após a interferência dos cabalistas (tudo o que não couber em sua interpretação ele refugia nessa defesa). Lane inicia: “em Zacarias 3: 9 há sete olhos sobre uma pedra” e em “Zacarias 04:10 Sete olhos do Senhor”. Ambas as referências são para ele uma evidente referência aos quadrados mágicos. Ele prossegue: “em Provérbios 9:1 há Sete Pilares da Revelação sabedoria” e, entre outras, ele aponta: “em Apocalipse 5: 1 há um livro selado com sete selos” e o Apocalipse 5: 5 seria mais específico: “Eis que o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos”. É interessante observar que essa forma de pensar códigos numéricos, fazendo operações e buscando códigos bíblicos é denominada Gematria e é muito utilizada no estudo da bíblia hebraica, pelos cabalistas e posteriormente foi adaptada para outras versões bíblicas como a King James.

⁹⁰ Na verdade a Bíblia foi dividida em capítulos pelo clérigo inglês Stephen Langton, posteriormente arcebispo de Cantuária, no século 13 EC, quando era professor na Universidade de Paris, na França. Cerca de 300 anos depois, na metade do século 16, o impressor e erudito francês, Robert Estienne, dividiu as Escrituras Gregas Cristãs, conhecidas como Novo Testamento, em um novo sistema de versículos numerados. Aplicou esse sistema ao que havia na Bíblia Hebraica. Em 1553, ele publicou a primeira Bíblia completa (em francês), e o sistema praticamente não se alterou até a atualidade.

⁹¹ Um quadrado mágico é uma grade $n \times n$ quadrada (em que n é o número de células de cada lado do quadrado) preenchido com distintos inteiros positivos no intervalo $\{1, 2, \dots, n^2\}$ de forma que cada célula contém um número inteiro diferentes e a soma dos números inteiros em cada fila, coluna e diagonal é igual. A soma é chamada de constante mágica ou soma mágica do quadrado mágico. Ao quadrado mágico foram atribuídos, pelos esotéricos, propriedades mágicas. Embora os chineses já conhecessem os quadrados mágicos em cerca de 650 a.C., foi Agrippa que os tornou populares no renascimento.

Imaginando que seu leitor tenha concordado com o todo asseverado nesse limite, ele passa a um raciocínio que mistura ainda mais fatos, opiniões e símbolos.

Prosseguindo, passa a avaliar os sentidos do quadrado mágico relacionado ao planeta Sol, o quarto dos quadrados mágicos, formados dos números inteiros positivos de 1 a 36, dados pela definição matemática do quadrado mágico. Cada coluna e linha desse quadrado soma individualmente 111. Os números que estão no centro como os quatro cantos exteriores do quadrado somam, em cada agrupamento, 74. São seis linhas e seis colunas para somarem cada uma 111, e para Lane, isso demonstra várias relações desse quadrado com 666, 74 e 111, o que seria uma notória relação ao versículo do Apocalipse que fala do número da besta. Como esse versículo “*é composto de 125 letras*”, diz Lane, e “*um número de três dígitos pode ser lido de seis maneiras diferentes*”, ele altera os algarismos de ordem obtendo “152, 215, 251, 512 e 521”. Lane então apresenta a ideia de que como esses números somados formam 1776, então a Revolução Americana é o nascimento da besta, ou seja, o comando ZOG⁹². Em outras palavras essa é a prova para ele que o governo americano é governado por forças mundiais judias desde a sua fundação.

Nessa elaboração, Lane deixa “*ao cargo do leitor definir se tudo isso é coincidência, profecia ou um plano codificado*”. Ao optar por uma das duas últimas opções, Lane se coloca como um esotérico capaz de desvendar profecias obscuras ou um profeta capaz de apreender planos de destruição. Mas, ele não se detém nesses elementos. Ele retoma a noção de o Ciclo Metônico⁹³ (o nome se refere a um astrônomo da Grécia antiga) durar 19 anos e cita John Anthony West para legitimar o número 19 como “*número sagrado na cultura egípcia e maia, tanto na arte, como na ciência e religião*”. Lane afirma que 19 e 38 (seu dobro) são os números mais sagrados e as chaves de decodificação da Bíblia de Sir Francis Bacon. Sobre isso ele passa a dar alguns exemplos:

<DL> Salmos, de longe o livro mais longo e que contém as mensagens mais herméticas, como no Salmo 119, é o 19º livro da Bíblia. O capítulo 19 da bíblia é Gênesis 19 e tem

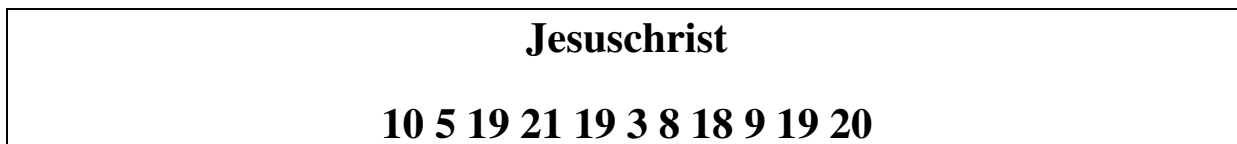
⁹² Como os neonazistas denominam o governo americano, e outros se atribuem a eles influência judaica: ZOG: Governo dominado por Sionistas, ou *Zionist Occupation Government*.

⁹³ O ciclo metônico foi calculado para auxiliar o cálculo de calendários estabelecendo um período que pudesse equivaler anos solares e anos lunares. Meton calculou (embora seja uma aproximação) que 235 meses lunares correspondem a 19 anos lunares. Ou seja a cada 19 anos, os calendários se aproximariam. Durante muito tempo esse método foi usado para calcular até a páscoa, por exemplo, por conta da diferença entre o calendário judaico e o cristão.

38 versos, formando 1938. Em ordem alfabética, o livro 19 da bíblia é Ageu com 38 versos, formando 1938. </DL>

O Nome de Jesus Cristo, em inglês se revelaria, por meio dessa chave:

Figura 10 – Chave para Jesus Cristo

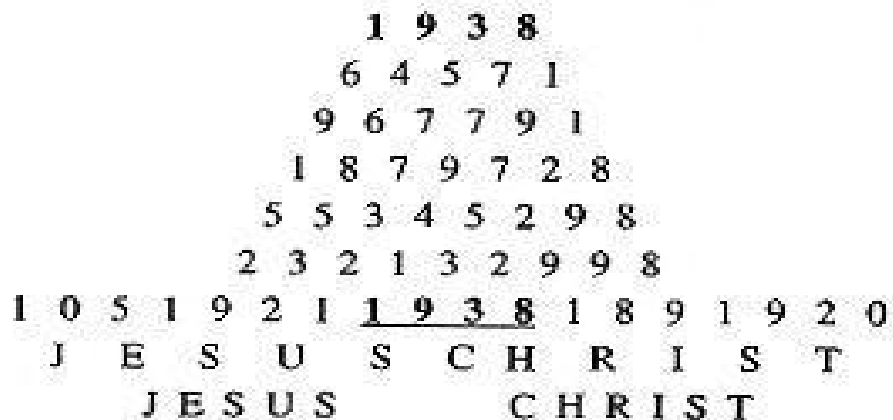
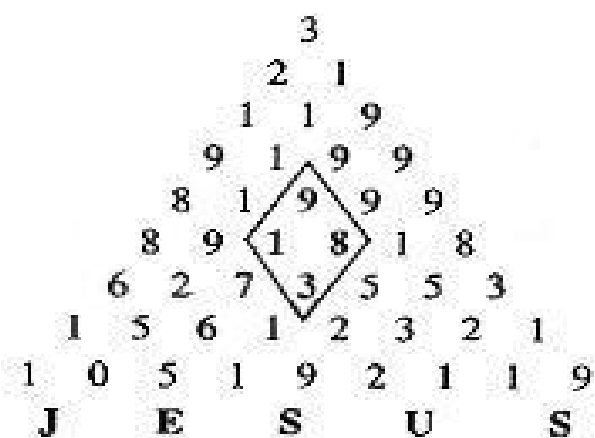


Elaborada por David Lane, consta do Deceived, Damned & Defiant e também do site feito em sua homenagem postumamente. A imagem pode ser encontrada em outros sites do movimento.

Nesse ponto ele faz diversas análises com essas chaves numéricas para a palavra Matusalém, para obter segundo ele, a prova que Sir Francis Bacon escreveu as obras falsamente atribuídas a Shakespeare e que ele é responsável pela versão King James da Bíblia.

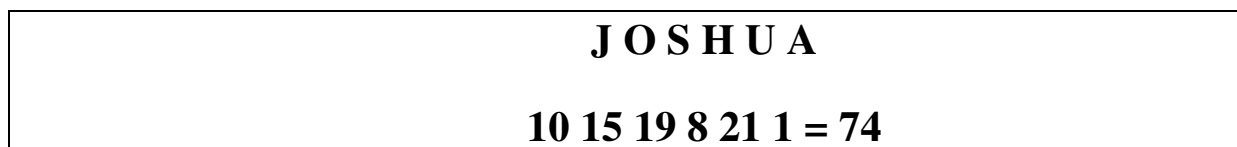
Lane também demonstra como 1938 seria uma chave dentro do nome de Jesus Cristo, a partir dos quadrados mágicos:

Figura 11 – Jesus Cristo nos Quadrados Mágicos



Elaborada por David Lane, consta do Deceived, Damned & Defiant e também do site feito em sua homenagem postumamente. A imagem pode ser encontrada em outros sites do movimento.

E ele segue sua “demonstração”:

Figura 12 - Josué e seu significado numérico

Elaborada por David Lane, consta do Deceived, Damned & Defiant e também do site feito em sua homenagem postumamente. A imagem pode ser encontrada em outros sites do movimento.

Ele chega a Josué (Joshua), pelo seguinte raciocínio: “os 66 livros da Bíblia são códigos de códigos”, e desenvolve: ”contemos 66 livros x 10 + 6 livros” (para dar 666). “É Joshua. Joshua tem um valor de 74⁹⁴”. Ele pede ao leitor para ler Josué 19.38. Lá há a menção de dezenove cidades, e segundo Lane, a palavra dezenove seria a 666ª palavra do capítulo. O capítulo teria 51 versículos, pois 51 x 38 = 1938.

Depois de insistir nas codificações de 1938, 51 e 19 com ainda mais exemplos, ele lembra no último trecho desse capítulo do livro que a grande nação americana está sob ameaça, porquanto a raça branca estaria sobre ameaça, e que então o salvador dela seria “o espírito de Marte ou Thor, ou do Rei David”. Nesse momento ele não deixa explícito ainda como fará quando revelar “*todos os segredos da Pirâmide Profética*”, mas, ele se coloca evidentemente como um guerreiro (de Marte), filho de Odin (Wodenson, um Thor), e seu nome é David, nascido em 1938. Ele somaria os três espíritos necessários para salvar a raça ariana.

Enfim, ele conclui: “*um povo e particularmente a raça branca não pode compartilhar Deuses ou religiões com outras raças*”. Para Lane, “*a melhor religião para nosso povo hoje é quase certamente o Wotanismo*” (nas bases por ele criadas, e sendo ele seu máximo profeta e Messias, nascido em 1938, um Thor, um Marte, um David). Ele prossegue: “*Wotan desperta a nossa alma racial e memória genética. Ele mexe com nosso sangue*⁹⁵”. Essa dupla dimensionalidade inseparável entre mito e genética, símbolo e organismo, alma e

⁹⁴ Muito embora, contando uma, dez, sete, nove ou 23.456 vezes os 66 livros, o sexto nunca mudaria de ordem.

⁹⁵ Um dos sites associa a honra do “arianismo” à “força imperecível do sangue” eternizada pela suástica. (NTCM) Essa mistura de símbolos apoiada ora na materialidade, ora nos mitos é extremamente comum. Exemplos semelhantes a esse misturando sangue e honra, genes e mitos estão presentes em 94% dos sites analisados.

sangue, estão sempre presentes em toda a obra de David Lane, e dela, expandiram-se para todo o neonazismo no mundo. Como se a genética fosse uma memória acordada por símbolos, os neonazistas a articulam a uma suástica que acorda a raça ariana em descendentes de alemães, nórdicos, gregos, portugueses, espanhóis, americanos. Não há necessariamente um conhecimento lingüístico, ou uma descendência comprovável. Essa teutonia, esse arianismo que surge dos símbolos, que denominei de teutonia virtual em meu Mestrado, é construída por números, quadrados mágicos, palavras, leituras.

Depois desse livro (que ainda contém poemas e a reimpressão de muitos números do boletim da Editora de Lane), aconteceu o cisma entre Lane, McVan e Katja. Embora a aposentadoria de Lane tenha sido anunciada, ela nunca aconteceu. Ele continuou escrevendo. Surgiu então KD REBEL, uma obra ficção nos moldes de Diários de Turner⁹⁶, com a qual Lane esperava incentivar um novo grupo de jovens a desenvolver ações paramilitares. O livro é um roteiro do que ele acha que deve ser realizado. Lane também concedeu muitas entrevistas e escreveu vários artigos que foram condensados em último livro, *Vitória ou Valhalla*, os últimos escritos de David Lane. Mas a grande maioria desses artigos já circulava antes de seu falecimento. Todos os textos dos artigos de Lane, assim como de outros membros da Ordem, foram compilados num site em sua homenagem.

Dentre esses últimos textos, destaca-se “*A Pirâmide Profética*”, o texto que complementa a base fundadora da religião do novo arianismo. Sobre ele me debruço agora.

Na introdução do artigo, ele retoma a reflexão sobre o selo americano e a pirâmide. Ele explicou “*sobre a pirâmide, observe o olho egípcio de Osiris*”. “*Na religião hermética egípcia, Osiris, o grande Deus é dividido em 14 partes*⁹⁷”. E prossegue: “nos mistérios egípcios, Deus é chamado de “A Palavra”. Para Lane essa é uma forma de pensar as 14 palavras, uma fala direta do Deus Osiris.

Ele volta a considerar o olho sobre a pirâmide, para ele “uma pedra angular sobre a pirâmide, o 14º nível da estrutura”. Enfatiza então que acima da águia no verso do selo

⁹⁶ Ainda que eu vá analisar mais especificamente esse livro um pouco mais adiante, saliento desde já que *Os diários de Turner (The Turner Diaries)* talvez seja o manifesto mais influente da extrema direita nos EUA. Foi escrito pelo ex-professor e PHD em física William Pierce, que o publicou, no entanto, sob o pseudônimo Andrew MacDonald. Vários comentaristas o denominam o livro de Mein Kampf do neonazismo americano.

⁹⁷ O Deus Sol era dividido em 14 partes que significavam as horas do dia.

americano há 13 estrelas (ele não comenta que seriam as 13 colônias), cada uma com cinco pontas, formando uma estrela de seis pontas, conhecida como a estrela de David, a décima quarta. Ele soma todas as profecias da seguinte forma:

<DL> “um homem chamado David, a ser concebida em 25 de janeiro de 1938, e para nascer precisamente 280 dias depois (o período de gestação humana), em 2 de Novembro de 1938, o dia 11 de Escorpião e tornaria mundialmente conhecido por suas doutrinas políticas e religiosas, a saber as 14 palavras e os 88 preceitos.”. </DL>

Para chegar a essa profecia, ele volta a toda história sobre 1938, e soma a isso o fato de Apocalipse 13.18 ter 125 letras, o que daria 1/25 ou 25 de janeiro. Ele então afirma que em “25 de janeiro de 1938, todo o hemisfério norte experimentou a exibição mais espetacular das *Aurora Borealis* (*Northern Lights*) da história.” (Na verdade o fenômeno foi visto em toda a Europa e ficou muito conhecido por ter sido registrado mesmo em latitudes baixas como Portugal e Gibraltar, o que é muito raro⁹⁸). Uma gestação humana⁹⁹ depois, Lane nascia na pequena Woden, em Iowa, numa sala de loja de ferragens. Ele coloca mais alguns anagramas e cálculos retirados dos quadrados mágicos e das fontes bíblicas para provar que ele, David Lane, foi profetizado de forma esotérica. A partir do nome de Cristo, dos livros de Salmos e Apocalipse, principalmente, ele retira e reitera referências para se legitimar como o grande profeta que pode salvar a raça branca a partir das 14 palavras e dos 88 preceitos.

Nos termos de Joan Scott, Lane narra sua história a partir de um ponto: “uma consciência de si próprio” que parece anterior a seu nascimento, posto que determina, inclusive, sua hora e lugar. Nesta “consciência de si”, há uma espécie de “*reconhecimento de sua identidade autêntica, aquela que sempre compartilhou, e que sempre iria compartilhar com outros como ele*” (SCOTT, 1999, p. 43). Ao construir sua narrativa a respeito de sua trajetória de vida, Lane destaca estas experiências exatamente porque elas se somam neste processo de modelagem de si como ariano, processo que toma forma ainda mais definitiva no terceiro capítulo do texto, quando Lane rememora como em 1978 já escrevia a respeito,

⁹⁸ Os católicos fundamentalistas associam essa manifestação específica da aurora boreal a uma aparição e profecia em Fátima. Há outros grupos que interpretam como um sinal contra a guerra civil espanhola.

⁹⁹ Ele jamais teria como provar que foi concebido na noite do fenômeno atmosférico, mas o que “vale” é a sugestão.

depois de grandes “pesquisas”, de como as nações ocidentais estavam governadas por uma conspiração sionista que objetivava o genocídio¹⁰⁰ da raça ariana.

As catorze palavras foram então compostas, e surgiram as primeiras grandes campanhas de divulgação do material por ele escrito. Em 1981, quando ele tinha 33 anos, a ADL teria tentado assassiná-lo, sem êxito. A proposta de Lane não passa despercebida: o grande líder ariano quase é morto pelos judeus aos 33 anos, idade atribuída a Jesus Cristo na época de sua morte. E ainda assim, teve sua literatura confiscada e foi na época “crucificado” pela mídia.

Esta sombra cristã do homem que teve uma vida reclusa estudando mistérios (Cristo também fugiu para o Egito, e os rosa-cruzes defendem que teria sido iniciado lá) e vive um “ministério dos trinta aos trinta e três anos” até ser preso, forma um envoltório messiânico imenso em torno da figura de Lane. Seu livro póstumo, que recupera vários textos e ensaios, *Vitória ou Valhalla*, faz uma referência direta ao paraíso dos deuses nórdicos no título. Os sites reproduzem seus textos, vistos como cruciais e fundadores. Os adeptos da religião Pirâmide Profética, por ele fundada, crescem a cada dia. O elemento religioso conseguiu o efeito que ele tanto almejava.

Vejam: que motivo leva a pequena Woden, a cidade de Hancock County, Iowa, que no Censo de 2010 dos Estados Unidos somou 229 habitantes, apenas pelo nome, que evoca a maior divindade germânica ser tão determinante? Nunca localizei um documento sequer, nem afirmo nem nego que Lane nasceu em Woden. Mas ele afirma, decodifica como um profeta ter nascido numa data e num local que o anunciam, simbolicamente, como filho de Odin, pelo nome germânico do deus, pelas profecias narradas pelo próprio Lane, e ao mesmo tempo nasce no dia de aniversário de sua mãe. Lane ressalta no mesmo texto sua ligação com a cidade, com sua mãe terrena e seu laço com a paternidade divina. O tempo todo ele se identifica como um Messias, um duplo de Cristo, o salvador da raça ariana. Lane se anuncia, é profeta dele mesmo: Cristo é anunciado pelo céu numa estrela, segundo a história dos profetas/magos do oriente, no nascimento, Lane na concepção, por si mesmo, no relato da Aurora Boreal do ano de 1938. Por isso ele precisa enfatizar em seus textos que a Bíblia,

¹⁰⁰ Cunhado após a barbárie nazista, a palavra “genocídio” é utilizada pelos sites neonazistas não para configurar crimes de ódio, mas vínculos sociais: o casamento, a adoção, as relações homoeróticas e homoafetivas são a causa do “genocídio” a que se referem. Mas na verdade o genocídio configura “o crime contra a diversidade humana” (CANÊDO, 1999, p. 5).

fenícios, maias, egípcios, assírios, muitos povos antigos falaram dele. Contudo, apenas ele percebeu e decodificou isso, até o mito se espalhar pelo movimento neonazi, pelas 14 palavras. Ele constrói a narrativa profética sobre si, as profecias e os códigos para ser a revelação. Ele constrói a própria revelação de uma forma muito diferente, mas extremamente messiânica. Ele inventa narrativas como profecias acerca de si.

Como faria, muitas vezes em sua biografia e seus escritos, ele desenha esse duplo, ressoa essa imagem messiânica muito abrigada nos EUA. A imagem messiânica de Cristo, nascido numa pequena cidade, filho de mãe terrena e de paternidade divina, é repetida por Lane à exaustão, ele nasce na pequena Woden, e seu desejo transparece: não quer apenas ser líder da raça ariana, mas ser visto como o messias do movimento supremacista branco. É esta a postura da sua estrutura narrativa. Por que Woden é tão importante, então? Por ressoar um duplo: Belém. Quando constrói a religião que denomina Pirâmide Profética, Lane recorre à Bíblia e a Jesus Cristo várias vezes. Obviamente o faz por conta da importância que essas referências possuem nos EUA.

Como André Green afirmou:

“todo escritor é duplo em vários sentidos. Tem a identidade de seu estado civil, graças à qual ele é conhecido na vida pública ou privada. Mas também possui um duplo – ou por ele é possuído -, o autor, o qual ele se revela por intermédio de seus escritos. Essa relação desdobra-se novamente entre autor e narrador, em seguida entre o autor e seu herói. Mas tais relações devem ser lidas. Não são diretamente representadas. Quando a intriga evidencia diretamente o tema do Duplo, é a escritura como sistema geral de representação que se apresenta na singularidade do tema da duplicação.” (GREEN, 1994, p. 236).

Quando, portanto, Lane se consolida como líder e pensador da supremacia branca, ele consegue o feito por somar elementos: um contexto social e histórico específico, desenvolvendo as categorias que determinaram seu discurso, narrando suas experiências e sua trajetória, códigos simbólicos e narrativas, inclusive as proféticas, que o especificam num lugar singularíssimo no movimento.

Em sua obra de ficção, escrita logo depois da separação de Katja, *KD REBEL*, Lane escreve um texto/roteiro. Assim como *“Os Diários de Turner”* inspiraram a formação da *“Irmandade Silenciosa”*, ele espera que *KD REBEL* seja uma forma de convocação para que jovens brancos leiam *“nas entrelinhas”* as orientações de Lane para o que deve ser um novo grupo paramilitar neonazista, no século XXI. Na epígrafe do texto, Lane cita a si

mesmo, repetindo um dos 88 preceitos e depois, marcando uma frase: *“Desde o tempo imemorial os excluídos pelo poder têm levantado exércitos com promessa de pilhagem, de vingança e de mulheres”*.

George Michael, em seu artigo *“Blueprints and Fantasies: A Review and Analysis of Extremist Fiction”* comenta como várias novelas obtiveram popularidade nos ativistas da extrema direita, especialmente *“The Turner Diaries”*. Como etnógrafa do movimento, acredito que o fato de a Ordem ter feito crimes tão gigantescos nos anos 80, e o fato de a caçada, prisão e julgamento dos membros pelo FBI terem sido bastante divulgadas pela imprensa ajudou bastante nisso. Michael prossegue lembrando que essas obras de ficção se sistematizam, segundo muitos observadores, estruturando *“planos para a revolução e campanhas terroristas”*. Observou também que o *“meio da ficção pode ser um veículo eficaz para propaganda para as pessoas que pode não ser passível de tratados políticos não-ficcionais. Este artigo pondera sobre alguns dos romances extremistas mais populares”*, por conta de sua forma de apresentar as *“visões de mundo e aspirações da extrema direita contemporânea”*.

Ainda segundo ele, essa literatura é importante para 1. *“buscar entender suas motivações”*. 2 *“entender melhor a mentalidade dos terroristas”*, visto que eles servem também como *“veículo para propaganda”* para tentar *“alcançar aqueles que não são acessíveis para os trilhos políticos não-ficcionais”*.

Michael aponta que nos livros de ficção da extrema direita não há a perspectiva do não-branco e o mundo está imerso em crime, recessões econômicas e corrupção moral e política, para descrever um futuro extremamente sombrio, e que tudo isso tem como fundo os conflitos raciais. Então, para garantir a sobrevivência racial branca, várias dessas novelas avançam em estratégias revolucionárias, variando de campanhas terroristas tradicionais com grupos compostos por líderes, quadros e apoiadores, enquanto outras narrativas explicam as táticas de resistência sem "lobo solitário" como uma forma de fomentar uma atmosfera revolucionária. No limite, o que percebo dessas obras, além do exposto por Michel, é que o mundo distópico traçado pela ficção extremista visa apenas convencer sobre a ameaça de genocídio do *“povo branco”* e convencer que sem uma atitude mais *“violenta e de guerrilha”*, os *“inimigos”*, caricata e maniqueistamente construídos, destruirão a raça branca.

Em *KD REBEL* é essa atmosfera. O livro começa no século XXI, e o mundo vive sob a ordem das “Leis da Harmonia”, na América e em outros países casais recebem subsídio governamental para casamento inter-raciais, em especial se envolver mulheres brancas. Com esse e outros programas de miscigenação, como imigração, a população “branca” da América diminuiu brutalmente, segundo o livro. Um grupo de homens brancos, em sua maioria jovens, wotanistas, rebela-se unido e forma um “novo país”, no qual o governo dos EUA não tem nenhum controle. Eles criam esse “novo país” nas regiões do Colorado Ocidental, Utah, Idaho, Montana e Wyoming, e as nomeiam “*Kinsland*”, e denominam a si mesmo como KD que significaria “*Kinsland Defenders*”, os *Defensores de Kinsland*.

Lane cria nome para os outros grupos, baseando-se na mitologia do Eddas: há os que vivem em Midgard, os que estão em Valhalla, há os Noms os Filhos de Muspell, e os Skraelings. Os Filhos de Muspell são os que controlam os governos do mundo. Na mitologia dos Edda, são eles que destroem a ponte Bifrost que unia o domínio dos deuses, Asgard, e a Terra, Midgard, terra dos mortais. Acontece então, o dia do juízo final, Ragnarok, Os Filhos de Muspell (*Múspellshheimr* em nórdico antigo) possuem o grande navio que trará os que lutarão contra os deuses. Representa, para Lane, a comunidade judaica internacional.

Os Skraelings, que para Lane são os não brancos, nas Eddas aparecem como povos que os nórdicos encontravam em suas viagens durante o século XXI, especialmente em Villand (costas dos EUA e Groelândia exploradas pelos nórdicos segundo as narrativas), e tem o sentido de “nativos”. Mas Lane ampliou o termo para abranger todos os não-brancos e migrantes.

Na narrativa de *KD Rebel*, o herói de Lane é Trebor (que, numa entrevista, ele explica ser uma homenagem a Bob Mathews), que é o nome Robert ao contrário. Trebor é um jovem branco líder de um dos grupos responsáveis por seqüestrar (para Lane, resgatar) mulheres brancas de meios não brancos, seja em casamentos inter-raciais, ou em outras situações. O livro começa com Trebor e outros membros do *KD Rebel* seqüestrando duas moças de um show, para torná-las reprodutoras da raça branca. Elas trabalham num lugar denominado Pornô Palace, para o empresário, Sidney (Sid) Cohen, proprietário de uma cadeia de lojas e casas de espetáculos pornográficos. Os homens que freqüentam as casas de show são rapidamente analisados por Trebor e seus companheiros da seguinte forma:

<DL>Que porcentagem desses tipos você afirmaria que são brancos?

--perguntou Eric a seu camarada.

Trebor pensou por um momento e logo replicou:

--Talvez uns vinte por cento.

--Era isso que eu calculava --assentiu o jovem, acrescentando - Esta audiência seguramente é um reflexo da América do século XXI: um oitenta por cento de 'negros', mexicanos, orientais e mestiços.

--Sim, e os meios de comunicação seguem os denominando de minorias --bufou Trebor. <DL>

Para Trebor e seus companheiros as moças serão libertas de fingir orgasmos enquanto fingem ser lésbicas no espetáculo, ao serem seqüestradas e levadas para sua reserva branca.

No final do “espetáculo das moças brancas” eles seguem Sid Cohen até sua mansão, e além de torturar Sid para que ele lhes entregue sua fortuna, e depois matá-lo, eles seqüestram as moças e as levam para a região Kinsland. Candy e Heather, as duas garotas seqüestradas, passam a viver na terra de Mathewsville (nome dado em homenagem a Bob Mathew, novamente) e dadas a Eric, como suas escravas, para participar de um casamento polígamo e fornecer, como reprodutoras, filhos novos ao mundo wotanista. Depois foram dadas novamente a Trebor, para o mesmo fim. Nunca um homem wotanista tinha menos que três mulheres, e quando uma das seqüestradas pergunta sobre isso ou sobre qualquer assunto, o tema é explicado panfletariamente, com trechos dos artigos de Lane, com poucas reformulações, e impressionantemente as personagens femininas aceitam tudo quase prontamente apenas afirmando: “nunca havia pensado sobre isso”, como se tudo que fora dito fizesse sentido para elas!

No fim da novela, que Lane não pôde ampliar, como manifestamente desejou em sua última entrevista, por conta de seu falecimento, ele cita uma profecia, sobre o poder branco russo que viria salvar o mundo branco wodinista ocidental, interferindo no Ragnarok. Com a chegada dos grupos neonazis russos nos EUA cai grande parte do governo americano, e o movimento destrói o “sistema” principiando pela desestabilização do fornecimento da energia elétrica. A America receberia imigração em massa da Europa branca, vinda da Europa

oriental, especialmente da Rússia. Assim, o fim do sistema traria um novo começo da raça ariana. Morte e renascimento. A Rússia salvaria os EUA, com seu neonazismo.

A novela de Lane reflete além de seus escritos muito das correspondências que ele recebia de grupos neonazistas da Rússia e da Europa Oriental, e de sua ciência de como seus textos estavam penetrando nessas regiões. O trabalho de Katja já havia aberto portas gigantescas nesse sentido com a criação do site internacional das 14 words, e depois da separação, o trabalho da WAU e de April Gaede, além de outros seguidores, manteve-o informado de seguidores no mundo inteiro. Lane viveu numa época que a comunicação virtual já era bastante desenvolvida, e ele se utilizou bastante dos recursos por meio de outras pessoas.

Por fim, o livro póstumo de David Lane traz a coletânea dos artigos de Lane que ainda não estavam compilados, e um breve relato acerca de sua cremação. Também reproduz novamente artigos que estavam em outros livros. O nome do último livro é *Victory Or Valhalla: The Final Compilation Of Writings By David Lane*. O conteúdo se divide em uma parte introdutória que possui um prólogo, um prefácio, uma introdução e uma poesia sobre David Lane; e mais seis partes. A primeira é uma reimpressão de KD Rebel. A segunda é uma parte de Poemas; a terceira reproduz todos os artigos sobre a Pirâmide Profética, ampliando a discussão, e apresenta Lane profetizando sobre si mesmo; a quarta é sobre Religião; a quinta, uma coletânea de artigos diversos; e a sexta é sobre Governo. Antes de prosseguir na biografia de Lane, é preciso olhar um pouco mais para todos os textos que ele escreveu.

A.4 Explorando categorias do neonazismo: a codificação dos textos de Lane no N*VIVO

Está fora de dúvida que a violência antijudia, os conflitos sociais e as disputas ideológicas em torno da presença judia formam parte das grandes peculiaridades históricas [...] desde a cristianização do Império Romano até os nossos dias.

Víctor Karady¹⁰¹

Entre os muitos textos de David Lane, há 74 disponíveis na Internet. Os dois primeiros livros estão disponíveis para download, mas exigem conhecimentos que a grande maioria de usuários não possui, tais como sites específicos para encontrar livros, ou acesso a redes *peer-to-peer* determinadas. O último livro de Lane não está disponível digitalmente, e é comercializado apenas em inglês.

Os textos considerados neste capítulo foram escolhidos por estes motivos: (1) são conhecidos por grande parte dos neonazistas em todo mundo; (2) estão postados em milhares de fórum de grande acesso e estão traduzidos para, pelo menos, 10 línguas. Os próprios neonazis criaram uma espécie de classificação para esses textos, dividindo-os em *Personal Articles* (a autobiografia e outros textos pessoais), *Poems* (poemas), *Pyramid Prophecy* (os textos sobre a profecia, já analisados na presente tese), *Short Story* (a obra de ficção KD REBEL, que é um manifesto político) e *Miscellaneous* (todos os artigos restantes). Esta classificação se tornou complicada, visto que havia textos sem classificação, que eu denomino como *Fundadores* (tais como os 88 preceitos, as 14 palavras, os 14 porquês, que são os textos mais lidos de Lane, envoltos no simbolismo do 14/88); e textos que, ao serem classificados com a etiqueta de *Miscellaneous*, impediam uma análise mais criteriosa. Mantive a classificação original, apenas organizando os *Fundadores* num grupo à parte e separando, entre os não classificados, textos de cunho Wotanista e Político.

No montante de 74 textos, os textos políticos representam 39%. O Wotanismo ocupa 26% da escrita de Lane. Os poemas representam 17% em número, mas são textos pequenos e pouco lidos. Já os fundadores representam cerca de 8% dos textos disponíveis de Lane na Internet, em termos absolutos, mas são os seus textos mais lidos. Somados, os textos fundadores foram postados mais de cem mil vezes, apenas em inglês (incluem-se aqui as “14

¹⁰¹ Víctor Karady, *Los Judíos en La Modernidad Europea. Experiencia de violencia y utopía*, Siglo XXI, Madrid, 2004, p.109.

palavras”). Os textos fundadores foram traduzidos para mais de 35 línguas diferentes e seus nomes em inglês são: *14 words* (14 palavras, nas duas versões), *88 Precepts* (88 preceitos), *The 14 Whys* (Os 14 Porquês), *Revolution by Number 14* (Revolução pelo número 14), *14 Codes of the Aryan Ethic* (14 Códigos da Ética Ariana), *The Death of the White Race* (A Morte da Raça Ariana, o primeiro texto de Lane, divulgado pelas Nações Arianas em 1981¹⁰²) e *White Genocide Manifesto* (Manifesto do Genocídio Branco).

Nos textos que Lane denominou “políticos”, ele apresenta suas idéias acerca do papel do racismo, da poligamia e do homem e da mulher brancos para a civilização. A obra de ficção de Lane também pode ser considerada um manifesto político, pois ele sugeriu nela como a raça branca poderia derrubar o governo dos EUA e prevenir o genocídio que estaria vivendo nos dias atuais. Para ele, o método seria o seqüestro e estupro de mulheres brancas associado à poligamia, dentro de um Estado branco a fim de vencer o governo pelas armas e pela demografia. Para dar conta de uma análise profunda desses textos, utilizei o software N*VIVO para construir árvores de sentido para alguns dos termos chaves no discurso político de Lane. Apresento agora essas árvores e um infográfico com dados construídos a partir da análise desses textos.

O N*VIVO permitiu uma apreciação criteriosa de alguns temas nos escritos de Lane. O uso de software de análise qualitativa auxiliou a dimensionar como o autor pensa algumas questões e como elas se relacionam dentro dos textos. Por exemplo, a questão da poligamia apareceu muito nos textos políticos, e os textos sobre natureza falam muito de uma guerra racial existente no mundo contemporâneo. Essa guerra aconteceu, segundo Lane, porque os “arianos” foram afastados da “Lei Natural”. Lane discursa muito sobre as mulheres, sobre sua beleza, mas as considerou em seus textos, sempre, mero objeto de desejo ou reprodutor, e as coloca sempre num lugar de dominação. Para os homens há um constante

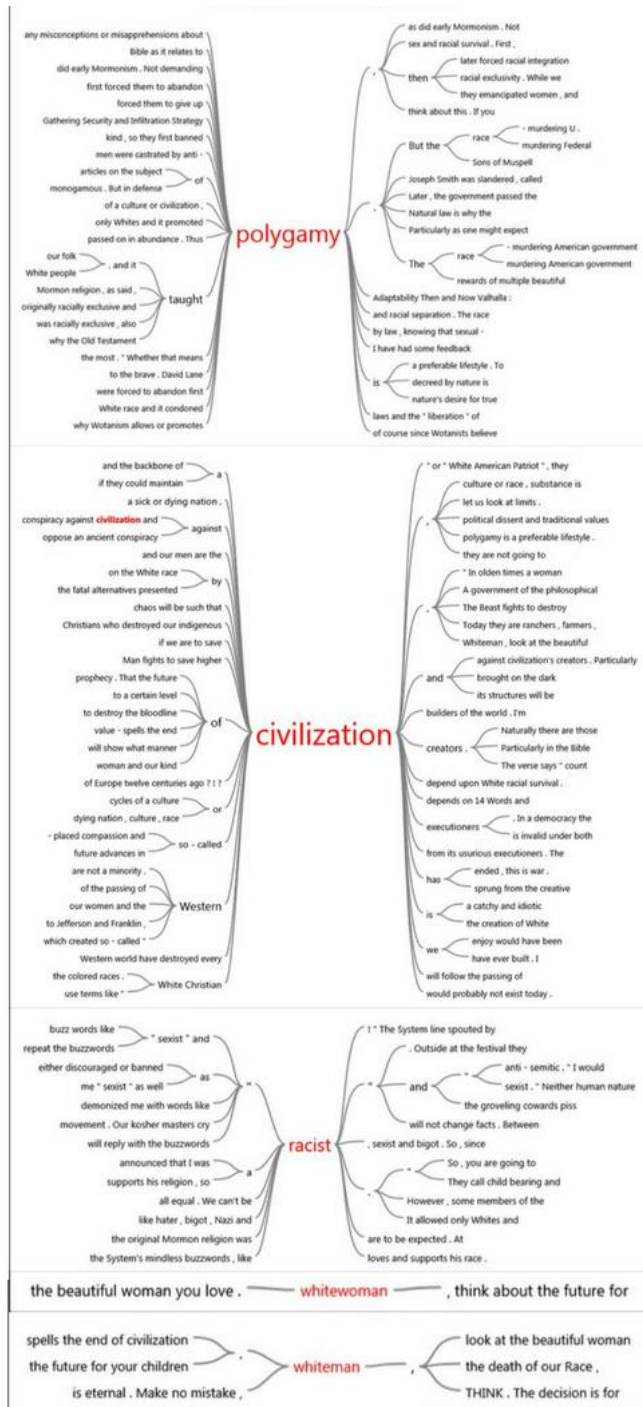
¹⁰² Segundo ADAM LEE (2017) em *The Politics of Antisemitism in Denver, Colorado, 1898-1984* Tese de Doutorado em Filosofia, Denver, Colorado. O ambiente do Colorado na década de 80, segundo o autor, estava marcado por um renascimento da Klan e de grupos supremacistas brancos. Um jornal de um Comitê anti-Klan de 1986, da Califórnia, afirmou: *Chicago está sendo alvo da Klan e nazistas. Novas organizações de supremacia branca – os Cavaleiros de Illinois do KKK, a Violência Romântica, um Grupo de Ação da SS, estabeleceram-se na cidade. O Partido Nazista Americano começou sua atividade também. Esses grupos costumavam operar apenas em bairros de maioria direitista, de brancos de Chicago. Agora eles se aventuraram em bairros mais racialmente mistos, em áreas progressivas. Bairros que apenas um ano atrás tinham muito pouco grafite racista agora estão cobertos de suásticas e adesivos que dizem "Death to Race Mixers" e "o comunismo é judeu". Panfletos chamando em "patriotas brancos" para se juntar ao Klan são distribuídos amplamente. Apenas em Denver na época a Klan tinha 3.500 membros, numa população total de 500 mil pessoas, e mais de mil grupos organizados no país, na mesma década, segundo apurou o diário. A Klan tinha programas de TV e de rádio em muitos lugares também, em parte graças ao dinheiro roubado pela Order.*

chamado ao heroísmo, a lutar *por* “*sua raça*” até a morte, como ele próprio afirmou estar vivendo, preso “*pelos judeus*”, e não pelos crimes que cometeu.

Aproveitando a codificação do N*VIVO, discutirei como Lane aborda os seguintes temas:

1. Religião
2. Sistemas Econômicos
3. Poligamia
4. Natureza e Cultura
5. Civilização
6. Racismo
7. Ódio
8. Homem e Mulher
9. 14 e 88

Figura 13 – Termos Políticos nos Textos de David Lane



TERMOS POLÍTICOS

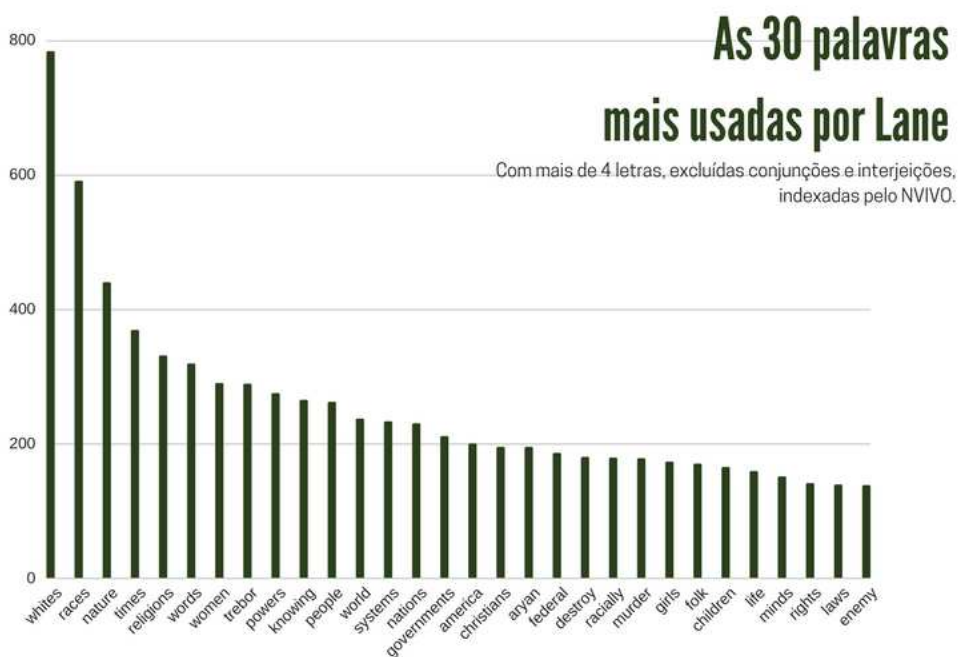
TEXTOS DE LANE

Árvore de Termos NVivo

74 textos analisados

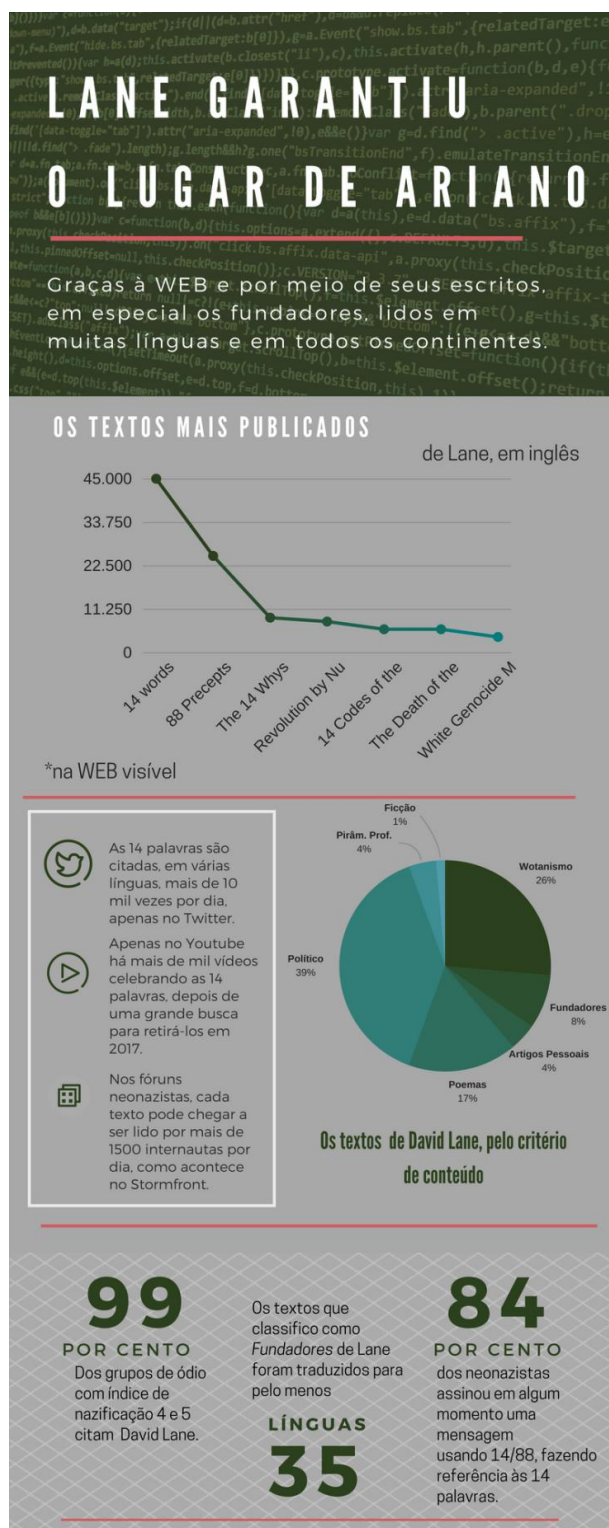
Elaborada pela autora, na plataforma Canva, a partir de análise de dados do N*VIVO.

Figura 14– Análises do N*VIVO



Elaborada pela autora, na plataforma Canva, a partir de análise de dados do N*VIVO.

Figura 15 – Gráficos Textos de David Lane



A.4.1 Religião

Uma das questões fundamentais para Lane é a religiosa, visto que nos EUA o tema ocupa um lugar predominante e ele sabia que, sem abordar profundamente a discussão, não alcançaria adeptos para o movimento. Lane afirmou ter sido criado por um pastor luterano e demonstra em seus textos bom conhecimento da Bíblia protestante, bem como das Escrituras Mórmons, provavelmente por influência de Bob Mathews¹⁰³. Mas a leitura de ambas por Lane é racializada ao limite e profundamente marcada pela ideia de uma “*sobrevivência racial*” que atua em relação à poligamia, ao sexo e ao racismo. Quando se observam os textos de Lane em profundidade, pode-se perceber que ele sempre demarcou o “*povo ariano*” como uma “*minoria*” dispersa, vivendo um genocídio, sob uma tirania, e, desde o fim do Nacional Socialismo, em diáspora. É fácil perceber as nuances de identificação com os judeus no discurso, e Lane chegou a afirmar que o “*Antigo Testamento*” (texto sagrado para os judeus) seria “*a principal filosofia ocidental, ou seja, a luta na realidade deste mundo*”. Isso se dá, segundo ele, porque os “*judeus efetivamente não tinham história*” e por isso “*grande parte do Antigo Testamento foi roubado de fontes arianas anteriores na Pérsia, na Babilônia e em outros lugares*”, e, portanto, “*poderíamos substituir a palavra ‘ariano’, onde se diz ‘judeus’ ou ‘israelitas’*” nas passagens bíblicas e encontrar, segundo Lane, “*uma filosofia de conquista e sobrevivência*”. Os judeus teriam roubado inclusive “*a Estrela de David dos adeptos arianos dos Mistérios*”¹⁰⁴. Ao afirmar isso, Lane organizou não apenas uma saída para os religiosos dos EUA que desejassem abraçar suas idéias, mas também sistematizou a acusação de que os judeus, que ele denomina de sub-raça, apenas conquistaram o mundo por seguir a filosofia do Antigo Testamento, roubada dos arianos. Isso responderia, para os neonazistas, às críticas de como os judeus se tornaram cientistas e pensadores.

Por outro lado, ele afirma que o Novo Testamento se baseia numa “*filosofia oriental*” centrada no “*escapismo suicida da luta*”. Para ele, “*cerca de 325 D.C. (sic) os judeus contrataram Constantino e o Império Romano degenerado para assassinar todos na Europa que não aceitassem a nova religião*”. Nessa direção, o próprio Cristianismo foi uma invenção judaica para exterminar o povo ariano: pois a partir do “*contrato com Constantino*”, o “*mundo branco foi mergulhado em uma insanidade de que nunca se recuperou*”. Essa

¹⁰³ Que pertenceu ao Mormonismo antes de se filiar ao grupo Nações Arianas.

¹⁰⁴ Ele se refere aos mitos nórdicos e gregos.

leitura racializada da história da Cristandade, elegendo o judeu como o grande gerente dos fatos, visa negar a morte dos judeus na formação do Império Romano e na Inquisição e fundamentar a negação do Holocausto. Para Lane, como é o judeu que escreve a tradição e a história, ele se coloca como vítima. *“A história é uma fábula”*, acrescentou ele, para argumentar que toda história judaico-cristã seria uma criação do povo judeu. Ao negar a história, ele acrescenta alguns “dados”: *“a propaganda diz que a igreja perseguiu os judeus, a fé na perseguição é central para o poder judaico”*. Na verdade, Lane afirma que todas as perseguições aos judeus são mentiras históricas: *“o suposto Holocausto é a religião dos judeus. Torquemada, o carniceiro sádico da inquisição, era um judeu. Muitos papas, incluindo o atual papa polonês, eram judeus”*.

Lane advertiu seus leitores em várias passagens que os *“cristãos assassinaram, torturaram e mataram os seguidores do Wotanismo”*. Em outras tantas ele asseverou que *“o Cristo-insanidade do Novo Testamento não é compatível com a sobrevivência racial”*, escrevendo sobre isso de vários modos. Numa das passagens, ele garantiu aos seus seguidores: *“o Cristianismo é um inimigo de nossa raça ultrapassado no poder apenas por esportes multirraciais”*. Ainda segundo Lane, para *“mergulhar o mundo branco em insanidade”*, o povo judeu, além de inventar o Cristianismo, criou ainda mais dois *“ismos”*, que completam os *“3Cs: o capitalismo e o comunismo”*:

<DL>Somente o obtuso, que negou deliberadamente a realidade, poderia deixar de ver que matar o melhor dos arianos foi o objetivo sem fim e a prática do triunvirato "três-C" de: o cristianismo, o comunismo e o capitalismo, todos devidamente precedidos por o prefixo "Judeu". </DL>

A partir desse pensamento, passamos a considerar o que Lane escreveu sobre sistemas econômicos.

A.4.2 Sistemas Econômicos

Para ele, a construção do capitalismo, principiou-se quando, *“por volta de 1750 D.C., os níveis mais altos de Maçonaria foram infiltrados e assumidos pelos judeus”*. A América se tornou, segundo Lane, judaica *“em espírito, alma, prática, linguagem e moral”*.

<etno10> *“Aceita-se dinheiro dos negros e considera esse tão verde como o dos branco”*
</etno STF - Fórum>

Essa afirmação foi feita num fórum neonazista, numa postagem de mais de 500 páginas, ao comentar a passagem em que Lane reclama que sua mãe foi desalojada por não dar conta de pagar impostos. Essa afirmação demonstra como a obra de Lane tem capilaridade no pensamento do movimento. Uma família negra foi morar na casa da mãe do escritor nazista, e isso trouxe grande irritação para Lane, que amaldiçoou mais de uma vez o governo americano por usar o fundo fiduciário de segurança social *“para criar dezenas de milhões de imóveis para não-brancos”* e para *“impor integração, ou seja, o assassinato de nossa raça”*. Este, segundo Lane, é o modo capitalista da América, e por esse fato, ele *“cuspiu”* em *“suas listras e estrelas”*. Ele advertiu em muitas passagens que o judaísmo controlaria o governo, a economia, a mídia e os esportes, com o objetivo de aniquilar o povo branco.

Todavia, para David Lane, o judeo-comunismo não era mais perfeito. Ele assegurou que o custo do comunismo para o mundo dos *“arianos”* foi de *“30 a 80 milhões de mortos, dentro e depois da revolução bolchevique”*. E o pior ainda estava por vir: sob Stalin, homens arianos da Ucrânia morreriam aos milhões, e em todo o império comunista os judeus cometeram o pior dos crimes: tomaram como propriedade e prostituíram *“as garotas brancas mais desejáveis em todo o império comunista”*. Em muitas passagens ele clama para que os neonazistas do leste Europeu reajam e que os neonazistas da Rússia reconstruam o mundo branco, unindo-se aos do EUA.

A.4.3 Poligamia

A questão da poligamia aparece 25 vezes nos textos analisados pelo NVIVO, em 15 passagens diversas, pois Lane se repete bastante. Além disso, mesmo em passagens diferentes, alguns temas são muito recorrentes quando Lane trata da poligamia. O primeiro deles é a associação entre a poligamia e o fortalecimento da masculinidade, elevando-a à categoria heróica. Lane afirmou especificamente: *“uma raça de homens que são predadores sexuais lutará até a morte”*. E ainda: *“mas uma raça de homens que são predadores sexuais lutará até a morte para manter os haréns que dominam”*. E completa: *“o desejo sexual dos machos de uma raça que deseja sobreviver não deve ser prejudicado, caluniado, diminuído, mal direcionado e, em tempos revolucionários, até mesmo os excessos devem ser desculpados”*.

Lane afirmou que, apesar das controvérsias, a poligamia é *“um estilo de vida preferível”*.

<DL> *Até que os homens brancos mostrem a coragem de nossos antepassados e façam o que for preciso – recebendo o que aguarda do outro lado – não há chance de vitória. Apenas um povo cujos homens aceitam e acolhem a morte por escravidão pode ser livre. Novamente, os machos são projetados para capturar fêmeas, não imploram por seus favores. Os machos da mesma espécie colocam suas rivalidades sobre as fêmeas quando necessário para caça ou defesa da tribo ou raça. Mas, uma vez que as ameaças externas acabaram, a competição deve retomar, pois a natureza declara que "o melhor deve se reproduzir mais.* </DL>

Ele apontou dois pontos a favor da poligamia:

<DL> *(1) se, na guerra, a população masculina é dizimada, então o senso comum e as leis da natureza exigem que os úteros sejam preenchidos, ou (2) na abominação de uma sociedade multi-racial, se um homem branco de energia e capacidade pode suportar muitas esposas para que seus genes tão raros devam ser transmitidos em abundância.* </DL>

Lane afirma que da mesma forma que uma mãe ama igualmente filhos diversos, o homem é capaz de amar muitas esposas, e que a poligamia *“é decretada pela natureza”*. Para ele, todos os códigos sociais dos derradeiros dois séculos e dos últimos dois mil anos apenas destruíram a raça ariana. Ele se manifesta contra a Igreja ou o Estado ditarem acerca das relações sexuais para os membros da raça ariana. As mulheres brancas deveriam compreender seu papel como *“úteros brancos”* no mundo.

Ele usa o exemplo dos Mórmons para validar a poligamia em cinco passagens:

<DL> a) Os verdadeiros maçons formaram a religião Mórmon, que originalmente era racialmente exclusiva e ensinava a poligamia. b) A lei natural é por que a escolha religiosa Mórmon original, tanto quanto possível. c) Por volta de 1830, um homem chamado Joseph Smith, juntamente com Adeptos maçônicos nos "Mistérios", formou uma religião para a preservação da raça branca. Foi chamado de Mormonismo. Estava restrito à raça branca e tolerava a poligamia. d) Como sabem, a religião Mórmon original era racista. Permitiu apenas os brancos e promoveu a poligamia. O governo americano assassinando a raça primeiro forçou-os a desistir da poligamia, então eles emanciparam as mulheres, e, finalmente, forçou os Mórmons a aceitar a integração racial. e) Sobre os Mórmons, é necessária uma pequena história. A seqüência não foi um acidente, porque uma raça de homens castrados é fácil de subjugar. </DL>

Preciso destacar que a discussão acerca da poligamia aparece muito mais nos textos políticos de Lane que em qualquer outro grupo da coletânea analisada. A sociedade pensada por ele, forjada numa masculinidade forjada em brutalidade e virilidade, não permite comportamento desviante. É impossível não pensar em Peter Gay (1995) e especificamente em *Cultivo do Ódio*, quando ele sujeita a construção da irracionalidade do ódio ao culto à masculinidade¹⁰⁵. Na árvore do N*VIVO, poligamia aparece como uma estratégia para se construir um novo Vallhala. Robert Mathews, para David Lane, foi o melhor exemplo do herói que realizou esta estratégia, mas foi traído por uma de suas mulheres, que o denunciou ao FBI. Para resolver isso, Lane o recompensa, dando o nome de *Trebor* (“Robert” ao contrário, como vimos acima, pp. 67 e 68) ao protagonista de sua obra de ficção, o líder do grupo de rebeldes que realizará pilhagem, seqüestro e estupro de mulheres, odiará gays e destruirá, junto com neonazis russos, o governo dos EUA.

A.4.4 Natureza e Cultura

Encontrei inúmeras passagens que descrevem as concepções de Lane a respeito dos conceitos de Natureza e Cultura. Para ele, cultura “*equivaleria tanto a tantos outros termos como raça e nação*”. Não há distinção¹⁰⁶. Além disso, o mundo contemporâneo seria controlado por uma “*religião multirracial*” criada e gerenciada pelos judeus visando destruir “*a cultura das verdadeiras pessoas*”. Mais de uma vez ele argumentou no sentido de que

¹⁰⁵ Falarei do cultivo do ódio adiante.

¹⁰⁶ Em todos os sites neonazis há concordância com Lane. Mesmo para os menos nazificados, a afirmação “*minha raça é minha nação*” é reproduzida à exaustão.

“cultura” seria privilégio dos “arianos”, que são “pessoas”. O restante do mundo vive imerso na “religião multicultural”. Apenas “a raça superior e uma nação superior tem uma cultura”; essa cultura não possuiria limites e se sustentaria na masculinidade e no heroísmo de seus membros (nesse ponto ele volta a insistir na poligamia).

Os estrangeiros (ele fala dos judeus muitas vezes dessa forma), segundo ele, tentaram impor aos “arianos” que “nação não é uma raça, nem cultura, nem parente, nem herança, nem mesmo face semelhante”. Esse seria o ponto central do plano judaico de destruição dos brancos do mundo, em especial dos brancos dos EUA, por negar a singularidade da “grande raça superior”. A única forma de recuperar isso é fazer das “14 PALAVRAS a única prioridade”. Lane torna a advertir a seus leitores: “não confie em nenhum homem que não age em nome das 14 PALAVRAS”.

Por outro lado, ao discursar sobre a natureza, Lane se alongou muito mais, e os próprios 88 preceitos se apóiam muito num conceito de natureza que, apesar de cunhado por Lane, esteve presente em todo movimento nacional-socialista, desde Hitler e, particularmente, em Reismberg. Partindo da ideia de que “qualquer religião ou ensino que nega as Leis Naturais do Universo é falsa”, Lane atacou o que ele denomina de “religião multicultural” dos judeus, que seria o sistema de pensamento do mundo contemporâneo, sistema que tenta inviabilizar a sobrevivência racial dos “arianos”. Lane construiu um panorama de guerra, em que apenas um dos lados pode sobreviver, e para sobreviver, os arianos devem compreender as “forças e leis da natureza”. Entre elas, ele cita: “a Lei da Natureza é o trabalho”, e “de acordo com as Leis da Natureza, nada é mais justo do que a preservação da própria raça”.

Não existe igualdade na natureza, assegurou Lane em muitas passagens: “o conceito de ‘igualdade’” seria “declaradamente uma mentira por todas as evidências da natureza”, pois “a busca da igualdade é a destruição da excelência”. Portanto, a meritocracia, a preservação dos superiores, é também uma “Lei Natural”, e a “miscigenação” contraria a lei natural de sobrevivência racial, pois enfraqueceria o “arianismo”.

Nesse sentido, o preceito nº 26 de Lane diz:

<DL>26. A natureza apresenta uma certa antipatia entre as raças e espécies para preservar a individualidade e a existência de cada um. </DL>

A ideia do sujeito individual é muito forte em Lane e em todo o neonazismo¹⁰⁷. Mas é um sujeito eminentemente egocêntrico, pois Lane afirma também que “*a compaixão entre espécies é contrária às Leis da Natureza e, portanto, é suicida*”. Em muitas passagens, ele volta a falar da necessidade masculina de dominar as mulheres, e da poligamia como uma força da natureza para gerenciar as forças masculinas e tornar os homens heróis e guerreiros.

Por toda essa evocação da virilidade, para Lane, qualquer desvio de seu programa é patológico. Ele acrescenta: “*a homossexualidade é um crime contra a natureza*”. A “*natureza*” também “*repulsa relações sexuais inter-raciais*”. Em sua obra de ficção, Lane rejeita o sexo entre mulheres, e o personagem principal assegura à mulher que o sexo com um homem, ainda que não consentido, possa corrigir essa questão (ou seja, Lane defende o estupro “corretivo” para lésbicas). “*E se os gays defenderem seu modo de vida, que espalha doenças, devem ser mortos*”, o protagonista afirma. A homofobia do pensamento neonazista não poderia estar mais explícita.

Lane assegurou ainda, de muitas formas e em muitas passagens, que “*o instinto dos homens brancos para preservar a beleza de suas mulheres e um futuro para crianças brancas nesta terra é ordenado pela Natureza e pelo Deus da Natureza*”, pois seria “*um comando divino de AllFather W.O.T.A.N., como a vontade da nação ariana*” – esclarecemos aqui que a ideia é de que Wotan seria o pai de todos os neonazistas, um pai furioso, que odeia os outros, em substituição ao Deus amoroso dos cristãos. Ele denomina a religião Wotanista como “*indígena*”, nativa, “*natural*” e “*original*” dos “*arianos*”. A tentativa de organizar o neonazismo como fé neo-pagã é extremamente perigosa, pois poderia, e parece pretender, invocar a proteção da liberdade religiosa.

¹⁰⁷ Individualidade aqui pode ser lida como “rostidade” ou, ainda, como “*a máquina abstrata de rostidade*” que pensam Deleuze e Guattari no 3º volume de *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*: a forma pela qual se dá a produção social do rosto. Escrevem os autores: *O rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente [...].mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos [...]. Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao signifiante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro [...].*

A.4.5 Civilização

O conceito de civilização de Lane confunde-se com a “cultura ariana”. “*A civilização ocidental é a criação do homem branco*”. Isso lembra muitas afirmações de fórum neonazis, como a que explicita:

<etno 11> Nenhum povo experimentou a civilização sem o contato com os arianos </etno BHUS- Fórum>

Segundo Lane, a presença do homem branco está em todas as invenções: “*desde saneamento e encanamento das casas e o aquecimento central até invenções mais sofisticadas, como orquestras sinfônicas, comunicações modernas e anestésicos*”.

Nos textos codificados com o N*VIVO, o conceito de civilização aparece menos vezes (65) que os termos natureza (338 vezes) e cultura (82 vezes).

A.4.6 Racismo

Nas discussões de Lane sobre o racismo, podemos obter algumas contradições. Por um lado, ele defendeu a neutralidade da palavra: “*a adição de um sufixo*”, como “*ist*” ou “*ism*”, *não demoniza uma palavra*”. Por outro, seus textos também falam de toda uma “*raciologia*”. A ideia de raça é levada ao extremo, e raça é um tema central. Nesta passagem, vemos como “racismo” é algo positivo, pois relacionado à preservação da própria espécie:

<DL> Assim como um Batista adora e sustenta sua religião, então um racista ama e sustenta sua raça. A preservação do próprio tipo é a primeira e mais alta Lei da Natureza, quando a existência da própria raça é ameaçada, então o racismo se torna um imperativo da natureza ordenado da mais alta ordem. O Manifesto do Genocídio Branco não cumpre com a corrupção da linguagem, como nos exemplos dados, ou com outra terminologia politicamente sancionada, mas falaz. </DL>

No entanto, aos que o chamam de “racista”, Lane denomina “enganadores”, “movimento de milícia”, “covardes recrutadores de coração em coalizões de arco-íris¹⁰⁸”, mostrando claramente como ele considera “racista” um insulto, algo negativo. Ele afirma que

¹⁰⁸ Referência ao movimento LGBTTT, segundo Lane, doutrinado por judeus.

os grupos LGBT, “*as coalizões do arco-íris*”, seriam “*EXATAMENTE o que os assassinos da nossa raça querem*”.

Assim, identificamos dois grupos antagônicos de abordagem do racismo em Lane: num deles, o positivo, ser racista não é mais do que defender a preservação da própria espécie; no outro, o negativo, racista é um insulto dirigido pelos assassinos da raça branca (tais como judeus e grupos LGBT) contra seus defensores. Há 13 referências ao termo “racista” nos 74 textos decodificados pelo N*VIVO, sendo 6 delas no grupo positivo e 7 no negativo.

A.4.7 Ódio

Embora Lane tenha afirmado apenas uma vez nos textos que “*não é construtivo odiar aqueles de outras raças, ou mesmo de raças mestiças*”, em todos os outros momentos o ódio transparece. Nessa mesma citação, ele acrescentou: “*mas uma separação deve ser mantida para a sobrevivência da própria raça*”. Um motivo para odiar mais ainda é dado “*é preciso odiar com o ódio puro e perfeito aqueles da própria raça que cometem traição contra o próprio tipo e contra as nações do próprio tipo*”. Os brancos que se casaram com membros de raças inferiores ou que adotaram crianças dessas raças devem ser odiados e eliminados, segundo Lane. No caso de mulheres ainda em condições de gestar filhos, deveriam ser recuperadas, ainda que à força, pelo povo branco (como ele sugere no manifesto/ficção KD REBEL) para parir os filhos arianos.

Lane nunca se conformou com o fato de que, segundo o que ele escreveu, “*defender a sobrevivência de nossa própria raça*” seria um “*crime de ódio*”. Ele sempre advertiu os neonazistas de que poderiam ser presos por crime de ódio ao “*repetir ou espalhar as 14 palavras*”. E por isso é preciso “*odiar o governo federal e os ZOG*”, e “*estar ciente de que a luta é perigosa*”.

Para Lane, um dos mais odiados nazistas de todos os tempos, Rudolf Hess deveria ser “*legitimamente ser homenageado como mártir entre os mártires*”. “*Nunca traiu sua raça e lutou pela sua preservação*”. Lane discute com ódio profundo o julgamento de Nuremberg. Ainda cita como mártires dos judeus “*e de sua odiosa religião multirracial*” Bob Mathews e outros presos de grupos neonazistas.

No texto “14 Por quês”, Lane afirma¹⁰⁹:

1. *Por que nos chamam de "portadores de ódio" quando a nossa causa é a preservação da beleza das nossas crianças?*

3. *Por que é considerado um mal falar com orgulho da nossa própria raça Branca, quando todas as outras raças são encorajadas a fazê-lo?*

4. *Por que repudiam os mídia o fato provado historicamente de que a integração racial resulta em genocídio cultural e biológico?*

7. *Por que é que um ato de autodefesa executado por um homem Branco é processado como um "crime de ódio"?*

O termo “ódio” e seus equivalentes aparecem 214 vezes nos 74 textos codificados com o N*Vivo, de uma forma extremamente repetida. Sempre é uma referência aos traidores da raça, ou ao ódio aos judeus, ou ao “absurdo” de “defensores da raça ariana” terem sido denominados, pelas “autoridades ZOG” de “criminosos de ódio”. O ódio é um elemento central de todo o discurso neonazista, e mais adiante farei algumas considerações acerca disso.

A.4.8 Homem e Mulher

Os papéis de homem e mulher nos textos de Lane são fixados, imutáveis, únicos, e não transitáveis, Aos homens cabe liderar, manter o controle sobre o grupo e sobre suas mulheres, e defender a raça, às mulheres cabe “*ser belas*” e procriar. Ele admira as mulheres inteligentes como Katja Lane e as mulheres da WAU, mas, permanentemente, lembra que o lugar fixo das “mulheres arianas” é no lar, cuidando dos novos filhos e “aceitando as novas mulheres” de seus maridos. Em seus escritos distinguiu uma posição a respeito de como deveria funcionar o mundo ariano. Um dos temas que mais criaram polêmica na comunidade foram seus escritos acerca das mulheres. Entre esses textos, passo a comentar um dos poemas que ele fez para as mulheres arianas, “*Princesa Viking*”, e seu texto “*Sexo e as Mulheres*”. Traduzo o poema aqui:

¹⁰⁹ A numeração se refere aos itens do texto.

<DL> Princesa Viking

Ela acolheu em casa o guerreiro Viking.
Ela era a essência da exaltação,
Esta graciosa Deusa do Norte,
Grande criação da natureza.

Em toda a beleza na Terra
Nada pode igualar essa jóia.
Para todas as corridas da terra
Desejo este diadema.

Seus finos cabelos sedosos e rosto tão belo
E seu semblante recatado
Não será visto na terra novamente.
O Sangue Branco deve mantê-la pura.

Enquanto observo a morte do meu nobre povo
Eu não posso suportar a dor.
Meu povo comete suicídio.
Eles têm caminhado insanos?
Levantem guerreiros teutônicos
E chefes Vikings, também.
A hora é tardia, temos tentado o destino,
Agora, temos trabalho a fazer.

O judeu diz que selou nosso destino.
Ele diz que a nossa raça já era.
Ele diz que o povo ariano
Já viu seu sol final.

Mas temos notícias para os judeus.
Os traços que eles desprezam,
Honra, coragem, lealdade,
Já estão em ascensão.

Princesa viking, ajude-nos.
Lembre-se de seu passado glorioso.
Não se esqueça de sua herança
Antes que sua raça respire seu fim

Então, Princesa viking, você sempre vai reinar
Como rainha perfeita da natureza.
Retomar o seu lugar no trono,
Sua beleza suprema.

Você deve ser a nossa inspiração,
Nossa coragem em julgamento.
Nosso amor deve ser puro e santo,
Fazer que nossa luta valha a pena! </DL>

Para entender um pouco o poema, volto ao texto de Lane *“Sexo e as Mulheres”*. Nele, o autor assegurou o sexo como um fator de *“primeira necessidade para a reprodução e preservação de uma espécie”*, e continua: sexo seria *“o poder de uma mulher e maldição de um homem”*. Embora seja capaz de desencadear, segundo Lane, *“muita dor e prazer e uma emoção muito poderosa para a lógica ou razão para controlar, **no entanto**, é vital para a vida”*. Ele afirma, ainda, que é *“talvez, o único e mais assunto importante que aqueles que lutam pela vida de nosso povo devam compreender”*. Em seguida ele critica a civilização ocidental na medida em que criou tabus para discutir sexo, e também porque modificou o padrão natural da vida sexual adequada ao povo superior (o branco). Para ele, *“a obediência à autoridade, à lei, aos preceitos religiosos ou ao socialmente aceitável”*, em termos de sexualidade, *“é suicídio racial”*.

Para ele, num *“governo ZOG que impõe uma sociedade multirracial”*, a *“aceitação da autoridade é o calcanhar de Aquiles de nossa raça”*. Ele afirma que o branco é por *“natureza um povo aberto e honesto, que assume o outro é como si. E isso nos faz o povo mais crédulo na terra.”*

Ele conta que, anos atrás, ele estava *“com Bob Mathews em uma grande cidade e viram uma garota branca sair de um ônibus; e a moça estava flertando com dois meninos negros”*. Apesar de sentir raiva na hora, depois ele viu o fato com imensa tristeza, pois desde criança *“ela foi programada para ser assim por professores, pregadores, TV, rádio, revistas, filmes, músicas e toda influência em sua vida”*, de modo a crer que *“mestiçagem”* é algo *“nobre”*.

Ao *“invés de ensiná-las a serem líderes de torcida, boas esposas e mães, (grifo meu) o que são vidas dignas de louvor que tornarão elas felizes e realizadas”*, elas são *“programadas para acreditar que esse tipo de vida é humilhante e que devem ter carreiras como policiais, trabalhadoras da construção civil, bombeiras, advogadas, seguindo a agenda feminista”*. Para ele, os homens também são programados, envolvendo-se em esportes multirraciais, ao invés de viver uma vida mais organicamente ligada à natureza. Ele prosseguiu: *“sempre foi e será a testosterona masculina que decide todas as coisas. O desejo sexual do macho nunca deve ser diminuído, frustrado, extraviado ou caluniado.”* Retornou, mais uma vez, ao argumento da poligamia e da *“força viril do ariano”* para dominar suas mulheres. O discurso prosseguiu na direção já tomada inúmeras vezes: de que num mundo dominado por arianos, a exemplo de seus antepassados, as mulheres brancas de outros povos devem ser seqüestradas. E que as mulheres brancas não devem ficar horrorizadas lendo isso –

não; deveriam compreender que é dever do homem ariano tratar mulheres com cavalheirismo, independente de se elas vêm voluntariamente ou se são capturadas.

Mais uma vez argumentou contra a “sociedade feminista e sionista” que castrou os machos e fez do macho um homem que “caça mulheres com flores”, no lugar do tacape, “*implorando seus favores*”, e defendeu que “*num momento que as ameaças externas são muitas, é dever do macho reproduzir mais, e portanto isso significa que a poligamia é decretada pela natureza um assunto para debate legítimo*”. No final do texto ele advertiu as mulheres mais velhas para se manterem “*agradáveis e cuidarem de si*”, para se manterem desejáveis, visto que “*todos os homens preferem as mulheres jovens e que as mulheres arianas são, em geral, muito bonitas e atraentes*”.

Tanto neste texto como em “*Poligamia*”, “*Comando da Natureza*” e em outros, David Lane deixa muito manifesto o lugar subalterno da mulher no movimento neonazista. Isso não foi polêmico. O que causou polêmica foram as sugestões de poligamia; seqüestro de mulheres, inclusive de seu estupro (em *KD REBEL*); e até de pedofilia. Quanto à pedofilia, ela é sugerida nesse texto, mas já foi alvo de muita discussão nos sites neonazistas: afirmou-se por muito tempo que Lane sempre teve fantasias sexuais com meninas brancas.

Ler estes textos, obviamente, mexeu com minha indignação. Mas, cabia-me entender o motivo pelo qual homens e mulheres liam estes textos e concordavam com isso. Mesmo diante de polêmicas de outras pessoas neonazistas, em que, a princípio, elas deveriam ou pareciam confiar, elas permaneciam defendendo Lane e seus escritos. Muitas mulheres neonazistas diziam em fóruns que se sentiam mais seguras em poder falar abertamente como desejam viver aquela vida ariana, depois do Livro de Lane, e que esperavam o dia que outras mulheres, mesmo à força, vivessem também essa experiência. Isso me assustou demais. Isto é, há mulheres que desejam o seqüestro e estupro de outras mulheres em nome da exaltação da virilidade dos homens do “*seu povo ariano*”. Esse, inclusive, é o tema de *KD REBEL*, denominado por muitos um livro “profético” de Lane (na verdade um manifesto político, a exemplo de *Diários de Turner*, um programa do movimento elaborado em forma de ficção, para atrair jovens a desenvolvê-lo), porque ele relata que a civilização branca será formada com uma nova versão de algo semelhante ao “rpto das Sabinas”. Ou seja, no mundo “profetizado” por Lane, as mulheres arianas passariam a viver uma espécie de Síndrome de Estocolmo coletiva, apaixonando-se recatadamente pelos seus seqüestradores louros, educados, supersexuais, que as libertaram do mundo miscigenado.

O texto parece uma conclamação, e o último concurso de beleza hitlerista que aconteceu em 2016¹¹⁰, apesar de me deixar ainda estupefata, mesmo depois de anos de pesquisa, leva-me a crer que realmente essas mulheres aceitam essas regras. O que leva as mulheres a aceitar este discurso, no mundo de hoje?

<etno 12>Dizem elas que se sentem VALORIZADAS pelo discurso, que desejam ser “DIFERENTES, MELHORES, MAIS HONRADAS” </etno WAU - Fórum>

Um grande estudioso da mitologia escandinava, Régis Boyer, apontou que “o direito, a lei, são o valor-chave” da sociedade retratada nessa mitologia, baseados numa imensa valorização de noções como “honra” e “reputação” (BOYER, 2002, p. 161, 173 *et passim*). Para os neonazistas, em sua boa parte inspirados em mitos odinistas, isso se traduz numa sùmula: trair a honra é trair os deuses, e atrair lamentáveis conseqüências para estes atos. Aqui o que está em jogo não é nenhum valor de piedade ou moral cristã, mas regras muito bem conhecidas na sociedade da qual se faz parte. Regras que são incorporadas. Além disso, como entreviu Lucien Febvre, “a honra era não trair, permanecer fiel [...] mas, antes a si mesmo, à escolha feita, uma escolha que pode ter sido uma má escolha, mas azar, a ela estamos ligados [...] é preciso ser fiel” (FEBVRE, 1998, p. 104).

Além disso, quando as jovens ou as mulheres neonazistas se deparam com estes textos, elas não podem criticá-los, pois qualquer manifestação de discordância pode significar falta de honra, traição da raça, puníveis por agressões, ameaça de morte, ameaça de estupro ou mesmo assassinato. Não é muito simples sair de um grupo neonazista, ou, estando nele, manifestar discordância. Quando houve as polêmicas acerca dos temas da pedofilia ou da poligamia, os autores dos questionamentos foram desvalorizados pelo grupo, e, muitas vezes, suas postagens foram apagadas –em resumo, foram silenciados. A postura de silêncio é tão grande que muitos vídeos em homenagem a Lane trazem a imagem de sua ex-esposa Katya, em vez da imagem de sua companheira na época de sua morte, pois muito pouca gente dentro dos grupos acaba sabendo de tudo que acontece no movimento.

Esta desinformação do próprio grupo, a despeito da disponibilidade de informação online, ainda que em locais não linkados e poucos divulgados, é uma forma tanto de esconder

¹¹⁰ Desde 2014 acontece um concurso de beleza organizado através da rede social russa VK, para eleger a Miss Hitler Mundial. O nome do concurso, “Miss Ostland” é uma referência ao Reichskommissariat Ostland (RKO), de 1941, a ocupação dos países bálticos pelo regime nazi.

como de defender, pois, caso o interessado reclame que não foi informado, pode-se “sacar” aquela informação disponível, mas de difícil acesso, e contra-atacar que foi o interessado que não procurou direito. Mas é também uma forma de não mostrar para a grande maioria simpatizante do movimento, que se autodenomina o tempo inteiro “um só povo”, o quanto eles brigam por poder, dinheiro, verdade, e tudo mais que for possível. Enfim, muitas mulheres do grupo não sabem dessas questões; as que sabem, ou concordam, ou assumem uma postura de como se concordassem – seja pelo conceito de honra difundido no grupo, para não admitir uma escolha inadequada em algum lugar do caminho, seja por medo.

Embora existam nos textos de Lane analisados pelo N*VIVO 572 palavras derivadas para homem e 715 para mulher, ao falar especificamente de homens e mulheres brancos, ele usa duas palavras compostas, mas apenas quatro vezes: uma vez “WHITEWOMAN” e três vezes “WHITEMAN”, como invocações:

WHITEMAN, a morte de nossa raça, os criadores de direito, justiça, tecnologia, medicina, habitação - praticamente tudo de valor - significa o fim da civilização.

WHITEMAN, olhe para a bela mulher que você ama.

WHITEMAN, PENSE. A decisão é para esta geração. Seus filhos serão superados em número cinqüenta a um por pessoas coloridas, que foram inflamadas pelo ódio de nosso povo pela mídia judaica.

WHITEWOMAN, pense no futuro para seus filhos.

A poesia de Lane, de alguma forma, sintetiza tudo isso: a princesa em casa, bela e recatada, aguarda o guerreiro Viking. Ela é a grande criação da natureza, um ornamento, “jóia”, algo que adorna o guerreiro e, ao mesmo tempo, é sua propriedade – e tal como “uma jóia”, ele pode ter várias. Várias princesas, nunca uma rainha. Seu rosto estaria a ponto de desaparecer sobre a terra, e por isso o guerreiro deve agir, porque o judeu pensa ter selado o destino dos arianos. E por isso há trabalho a realizar, recuperar as jóias roubadas. Ao ser “recuperada”, a princesa será rainha, como mãe, e salvará seu povo do fim. Lane não poderia ser mais explícito.

A.4.9 14 e 88

Os termos 14 e 88 aparecem muitas vezes nos textos decodificados com N*VIVO. O número 88 aparece 33 vezes nos textos codificados. Referindo-se às 14 palavras, o numeral 14 e seu nome por extenso somam 578 aparições. Há ainda 32 aparições do 14 referindo-se a outros 14 (por exemplo, os 14 itens do código ético ariano e os 14 porquês) e mais duas aparições significando quantidade. A primeira delas é sobre o casamento de Lane, que teria durado catorze anos. A segunda é o tempo que teria levado entre a profecia de Bob Mathews sobre a própria morte e sua morte efetiva: catorze meses. Obviamente, não há nenhuma prova de que esses períodos foram mesmo catorze anos ou meses.

A.5 Os Estrondosos Tempos da Irmandade Silenciosa

<etno 13> <Aproximadamente 50 outros homens -- todos eram membros da Ordem -- foram treinados comigo, e cada um deles tem uma missão similar a minha, como um líder de grupo. Isso significa um total de 200 ogivas para serem dispersas por todo o país, inicialmente, além de outras que virão posteriormente. Todas as ogivas são idênticas; elas foram roubadas de uma pilha de estocagem de projéteis de artilharia de 240-mm que nosso pessoal achou aqui. Elas foram ligeiramente modificadas, para que elas possam ser detonadas por sinais de rádio codificados. Elas serão nossa garantia, se perdermos nossa instalação de lançamento de mísseis. Esta missão é a mais complicada de todas a mim atribuída. Ela vai ser muito mais difícil do que explodir o quartel-general do FBI há dois anos. Cinco de nossa equipe caminharão através de 3.500 milhas de território inimigo, carregando quatro bombas nucleares pesando um total de 520 libras, sem sermos pegos. Então, nós devemos furtivamente levá-las para dentro de áreas que estarão pesadamente guardadas, e então escondê-las, de tal forma que haja uma chance praticamente nula de serem achadas.>
</etno> Do livro “O Diário de Turner”, que serviu de inspiração para a fundação da “The Order”.
</etno NA>

David Lane, como registrei, foi reconhecido pelos ativistas da supremacia branca nos EUA e no mundo por conta de seus escritos, principalmente os slogans denominados “14 palavras” e como prisioneiro do que traduzem como “guerra racial”. A trajetória de Lane para construir essa personagem passou por muitas participações em organizações classificadas como de “extrema direita” e “grupos de ódio”. Ele foi da Klux Ku Klan¹¹¹ (em 1979, quando membro da Klan, participou de um atentado no Colorado 1979 à Sinagoga Ortodoxa de East Denver¹¹², e depois da retaliação da polícia, afixou na porta do departamento policial local um cartaz com os dizeres “Hitler vive”); da John Birch Society¹¹³; da Identidade Cristã; e de seu braço político, a “Nações Arianas” ou “Aryan Nations”.

Foi exatamente num dos Congressos “Mundiais” das Nações Arianas que ele conheceu Bob Mathews e Bruce Carroll Pierce e com eles co-fundou uma facção paramilitar denominada “The Order”, ou “A Ordem” (Lane era o número 3), a organização neonazista mais famosa dos EUA, pelos crimes cometidos. A Ordem (nome dado pela imprensa, e depois

¹¹¹ Segundo a grande maioria dos autores, Lane juntara-se à Klan em 1977, mas em 1980 ele buscou meios mais violentos e juntou-se às Nações Arianas. Em 1981, Lane era o líder do grupo no Colorado. Provavelmente ele foi expulso da KKK por Fred Wilkins por conta de disputas quanto à liderança. Ao se tornar membro das Nações Arianas, ele passou a competir com Wilkins pela distribuição de literatura neo-nazista. Cf. Mike Burke, “*The Invisible Empire Unmasked: The KKK’s Master Plan*”, Denver (February 1978.) Fred Wilkins foi o primeiro a usar o termo “racismo reverso” para questionar a posição dos brancos na sociedade diante das oportunidades ou ações afirmativas (cotas) para afro-descendentes.

¹¹² Ele e mais onze klansmans desejaram efetuar um atentado à bomba na sinagoga citada, mas não conseguiram.

¹¹³ Entre os anos 60 e 80.

assumido pelos participantes), ou "*Bruder Schweigen*", ou ainda "*Silent Brotherhood*"¹¹⁴ (como eles se autodenominavam inicialmente, e como Bob Mathews e Lane sempre preferiram) treinava em acampamentos em Arkansas e Idaho (FLYNN E GERHARDT, 1989) e sua constituição foi planejada pela cúpula das Nações Arianas, valendo-se das diretrizes dos Diários de Turner (no livro, o grupo guerrilheiro é denominado de A Ordem) como um guia para acumular dinheiro e armas por roubos e furtos, a fim de derrubar o governo dos Estados Unidos e criar uma pátria ariana separada no Noroeste. Além disso, a conduta dos membros se guiava por uma trama formada para sistematicamente assassinar judeus e negros, e depois realizar um enorme bombardeio na sede do FBI em Washington, como previsto no livro.

O livro *Diários de Turner* é uma distopia apocalíptica, centrada na descoberta, num futuro distante, de um registro arqueológico consistente nos diários de um Earl Turner. Os historiadores desse período futuro republicaram esses diários no centésimo aniversário do que teria sido "A Grande Revolução", que teria se dado em 1999, e teria estabelecido inclusive um novo calendário nos EUA. O tempo agora seria numerado como *BNE* e *ANE* (antes "before" e depois "after" da Nova Era).

A Nova Era descrita é uma distopia da pureza racial branca, e Pierce se utiliza do recurso de usar os "historiadores" para narrar e situar as memórias de Turner e seu tempo, como se ele construísse "a Revolução". Resumidamente, a ficção distópica se principia na aprovação de uma lei de desarmamento, a "Lei Cohen" (uma referência ao poder dos judeus sobre o poder do governo dos EUA). A partir daí, a criminalidade negra passa a níveis absurdos e as mulheres brancas são violadas por negros e prostituídas por judeus¹¹⁵. Uma célula de jovens brancos irá resistir e organizar outras células, e ficará conhecida como "A Ordem". Earl Turner pertence a uma dessas células e opera em Washington, DC. Antes da Lei Cohen, eles enterraram várias armas em florestas por toda a Pensilvânia. Recuperam suas armas, passam a roubar, assassinar e, finalmente, garantir o sustento da Ordem. Por fim, explodem a sede do FBI em Washington. Tais jovens também falsificam dinheiro, numa tal escala que explodem o sistema financeiro dos EUA.

Embora o grupo de Mathews tenha sido pensando no congresso das Nações

¹¹⁴ Veja a nota 56 sobre a origem do nome do grupo.

¹¹⁵ O racismo e antissemitismo de Pierce são tão evidentes que ele chega a se utilizar de dialetos para representar suas falas para os ridicularizar. Descreve-os como incapazes de aprender inglês, qualquer forma de moral ou ciência.

Arianas e idealizado pelo grande líder do grupo, Richard Girnt Butler, *A Ordem* se constituiu efetivamente, para os membros, por meio de um ritual liderado por Robert (Bob) Jay Mathews, em 22 de setembro de 1983, durante uma reunião na fazenda alugada, em Metaline Falls, estado de Washington¹¹⁶. Durante o congresso, os “guerreiros arianos” exaltavam sua masculinidade e discutiram como a expansão do oeste americano e a “fronteira” estavam sobre a ameaça de não brancos (SCHLATTER: 2004).

A.5.1 Bob Mathews, o Líder

Robert Jay Mathews, também conhecido como "Robbie", nasceu em 16 de janeiro de 1953 em Marfa, Texas¹¹⁷. Sua família se mudou para Phoenix em dezembro de 1958. O irmão mais velho de Mathews, Grant, foi diagnosticado com esquizofrenia, em 1959, e Bob e seu outro irmão, Lee, tornaram-se muito próximos, na medida em que os pais se dedicavam cada vez mais a Grant. Aos onze anos, contra a vontade dos pais, Mathews começou a frequentar a John Birch Society. Durante o ensino médio, converteu-se a religião Mórmon (por isso o respeito de Lane por essa religião, ou pelo menos por o que ele entende como sendo a religião Mórmon) e a um estilo de vida que envolvia a prática frequente de exercícios físicos e afastamento do álcool e do tabagismo. Contando com a leniência dos pais, que temiam impor uma força repressora e acabar empurrando o filho para formas ainda mais fortes de rebelião, Mathews juntou-se a grupos anticomunistas de extrema direita, e seu ódio contra a Rússia levou-o a alguns comícios contra a forma que o governo dos EUA desenvolvia sua política externa. Evelyn Schlatter comenta que, em certo exame, Mathews chegou a tirar um escore baixo em matemática de propósito para não ser admitido num curso e continuar livre para sua militância (SCHLATTER: 2004).

Por meio de sua rede Mórmon, Mathews também se envolveu com uma rede

¹¹⁶ Uma das fontes usadas aqui é o arquivo do FBI acerca do grupo. O arquivo específico da Ordem foi encontrado no Internet Archive; outros arquivos foram encontrados no site do FBI e também foram usados como fonte. Disponível em <http://vault.fbi.gov/White%20Supremacist%20Groups>.

¹¹⁷ Os dados vieram principalmente de buscas de dados grupos etnografados e de fóruns em março de 2013-2018. Além disso há muitos dados dos seguintes livros: Schlatter, Evelyn A., *Aryan Cowboys: White Supremacists and the Search for a New Frontier, 1970-2000*, University of Texas Press, 2004; Flynn, K. e Gerhardt, G., *The Silent Brotherhood: The Chilling Inside Story of America's Violent, Anti-Government Militia Movement*, New York: Signet, 1990, que traz a versão do movimento neonazista; e Martinez, T. e John Guinther, *Brotherhood of murder*, New York 1999 McGraw-Hill Book Company, que traz a versão do informante do FBI, e ex-membro da ordem Tom Martinez. Outras fontes serão citadas quando pertinentes.

comprometida com a resistência aos impostos, e por conta disso preencheu formulários com dados falsos para promover pequenas sonegações (FLYNN & GERHARDT, 1990). Em 1971, os pais de Mathews receberam notificação que seu filho não poderia se formar do ensino médio por causa de um curso de economia em que ele se recusou a participar. O professor seria defensor do socialismo, segundo Mathews (SCHLATTER, 2004).

Entre dezenove e vinte anos, Mathews juntou-se aos Filhos da Liberdade, um grupo paramilitar com sede no Arizona, que apregoava serem os judeus os verdadeiros responsáveis pela grande tributação no país, e que na verdade esta era a origem de um plano mestre para controlar todo a nação. Nesse momento, de alguma forma, Bob afirmou ter começado a ter problemas com o FBI. Ele vai trabalhar por um tempo numa firma de mineração de cobre no Arizona (SCHLATTER: 2004).

Uma história diz que, certa vez, Mathews fechou os olhos e pôs um dedo em um mapa, e quando abriu os olhos, seu dedo descansava em Metaline Falls, Washington, uma cidade de cerca de 200 pessoas, no canto noroeste do país. Mathews se apaixonou pelo lugar e queria economizar para comprar terras por lá. (FLYNN & GERHARDT, 1990) Os pais prometem ajudar se ele desistir da supremacia branca. Em 1976 ele se casa com Debbie McGarrity e, no ano seguinte, os pais e irmãos de Mathews, Grant e Lee, mudaram-se para Metaline para viver com ele, pois Bob prometera não se envolver mais com grupos de supremacia branca. Em 1981, adota um filho com sua esposa, que era estéril (SCHLATTER, 2004).

Apesar das promessas, ele começa a se corresponder com a National Alliance de William Pierce em 1980. Mathews interessa-se mais profundamente sobre a história e a política do ponto de vista dos supremacistas brancos – e um livro em particular, “*Which Way, Western Man?*”, de William Gayley Simpson, afetou-o profundamente. Ele denomina a região que mora de “Fortificação Branca Americana”, incluindo os moradores. Em 1983, Mathews fez um pequeno discurso em uma convenção da National Alliance, que era um relatório sobre suas tentativas pela Fortificação Branca e um chamado à ação. Recebeu os únicos aplausos de pé da convenção. (FLYNN & GERHARDT, 1990) Em fevereiro de 1982, Mathews, começou a frequentar os serviços na Church of Jesus Christ Christian (Igreja de Jesus Cristo Cristão – Identidade Cristã) dentro do complexo Aryan Nations em Hayden

Lake, Idaho, cerca de três horas a leste de Metaline Falls¹¹⁸. O fundador da igreja e líder da Aryan Nations foi Richard Girnt Butler (1918-2004), cuja ideologia mesclava uma interpretação específica do cristianismo (que negava que Jesus Cristo era judeu) com o nazismo e o sonho de uma “pátria branca” nas colinas de Idaho.

Na mesma época, Mathews convidou Thomas Martinez, que pertencia ao movimento, para trabalhar consigo em um novo projeto, mas Martinez recusou. Mais tarde, depois de ingressar na “The Order”, Martinez o entregaria ao FBI¹¹⁹. (SCHLATTER, 2004)

O livro citado anteriormente, *Diários de Turner*, foi uma forte influência sobre Mathews. Um dos primeiros planos apresentados nesse livro era a destruição da sede nacional do FBI com explosivos. Outro consistia em inundar a economia estadunidense com dinheiro falso (para destruir todo o sistema financeiro) antes de tomar controle de um arsenal nuclear e usá-lo para atacar Israel e alvos sionistas selecionados na Rússia. No fim do enredo, o personagem Turner e seus seguidores armazenaram uma enorme coleção de armas (que compram com dinheiro de roubos, ou roubam de agentes policiais e federais) na Pensilvânia, e invadem o Pentágono, onde Turner morre como mártir. Em 1999, de acordo com o epílogo do livro, o sonho de um mundo branco torna-se realidade.

Mathews deseja fazer do livro um propósito de vida e idealiza organizar uma rede de guerrilheiros para seguir os passos de Turner. A economia, pensou, estava em ruínas graças ao controle judaico sobre o governo. Desejava que o Noroeste dos EUA, na orla do Pacífico, fosse visto como um território “natural” para as famílias brancas (ar puro, água limpa, poucos não-brancos). Ali ele começaria o território branco da America. (SCHLATTER, 2004)

<etno 14> Poucos no Brasil conhecem ou ao menos ouviram falar da Ordem do Silêncio, que foi uma organização revolucionária, pró-ariana, paramilitar, “extrema” e “radical” do ponto de vista da sociedade liberal. Mas não se pretende aqui especificar toda a história e o contexto que se passou essa organização, em livros e na internet existe uma vasta bibliografia acerca da Ordem Brüder Schweigen, dos seus integrantes, entre eles; Robert Jay Mathews e David Lane.

¹¹⁸ Na reunião, o fundador da Ordem fez um discurso, durante o qual afirmou: *Fora dos vales, fora dos campos, derramou o tesouro ariano, // Sua bandeira para a brisa de abril desfraldada, // Daí veio o agricultor ariano, // E removeu o judeu para sempre, para sempre deste mundo.* (Dado minerado em etnografia na rede).

¹¹⁹ Posteriormente, o FBI rastreou a caixa de correio de outro Membro da “Ordem”, que continha propaganda de nações arianas. Na mesma época, os agentes descobriram as identidades dos membros através de veículos recuperados (de roubo). O membro Thomas Martinez foi preso na Filadélfia passando dinheiro falso. Ele concordou em se tornar informante. Os dados são do agente do FBI William H. Matens em *Memoirs of Investigations and Subsequent trials of members of the Aryan Nations*.

O primeiro resistiu até a morte contra centenas de policiais por mais de 24 horas, até ter sua casa explodida, sendo assassinado ainda vivo através das chamas que se alastraram.

O segundo foi condenado por 190 anos de prisão, mesmo depois de capturado persistiu em atividades da cadeia, escrevendo para publicações e revistas, ficando mais conhecido pelo tradicional lema que criou; as “14 palavras” </etno>Nickname Nikolas Försbergem, </etno VNN - Fórum>

A.5.2 Da atuação da Irmandade à prisão de Lane

Mathews atraía cada vez mais pessoas, e muitos apareciam para ajudar e tornar seus projetos viáveis financeiramente, mas apenas dois casais se mudaram para as mesmas terras para começar o projeto do “Espaço Ariano”.

<etno 14>Mathews, Bauer, Kemp e Soderquist criaram uma espécie de quartel no lugar, e na parte superior da porta dos fundos do mesmo, eles arranharam as inscrições: "8-16-83, D.B., B.M., R.K., B.S." Inscreveram também uma suástica no canto inferior esquerdo. Na parte inferior da porta, eles escreveram em três linhas: "WHITE PRIDE, UNIDADE BRANCA, AMÉRICA BRANCA".
</etno14 <VNN>

Marlene Loff, esposa de seu melhor amigo, deu à luz seu terceiro filho, Jamie Anne, em 23 de agosto. Ken, o segundo filho do casal Loff havia crescido muito perto de Richie Kemp e pediu ao jovem para ser o padrinho. Em setembro o batismo foi realizado na sede das Nações Arianas. Richard Kemp e Richard Scutari fomentaram Bob Mathews com tempo e dinheiro. Seu propósito passou a ser cada vez mais voltado para uma atuação violenta, sistematizada, como já dito, nos moldes do livro *Diário de Turner*, objetivando o estabelecimento de um estado americano branco no noroeste do Pacífico, a derrubada do governo dos EUA e enfim a “vitória Ariana Total” (FLYNN & GERHARDT, 1990). Isso culminou na fundação da Ordem, um grupo dedicado a transformar esses planos em realidade.

Para tanto, no dia da fundação da Ordem, havia nove membros presentes, que prestaram o juramento definido por Bob Mathews. Os presentes eram: o fundador, (1) Bob Mathews; (2) Kenneth (Ken) Loff, seu vizinho e melhor amigo, um agricultor, que se torna o tesoureiro da causa; (3) Dan Bauer; (4) Randy Duey; (5) David Lane; (6) Bruce Pierce (das Nações Arianas, o segundo em comando do grupo); (7) Denver Parmentere; e, por fim, (8) Richard Kemp e (9) William Soderquist, dois discípulos recém-admitidos na National Alliance.

A cerimônia consistiu em agarrar o punho de uma espada que contém uma suástica e a imagem de um guerreiro ariano e dizer: “*Eu prometo minha vida e minha lealdade para com a raça ariana, que Deus me ajude*”. Os 9 membros listados acima dispuseram-se num círculo, no centro do qual colocaram Jamie Anne, a filha de Ken Loff de seis semanas, e juraram individualmente lealdade à “*raça ariana que é a sua nação*” e

também "nunca descansar até erguer neste continente um Estado nacional para o seu povo"¹²⁰. Juraram também "pelos ancestrais, pela terra, para garantir o futuro para essa criança branca, e por todas que viriam", tema que depois se transformaria num dos poemas mais conhecidos de David Lane¹²¹.

Em seguida eles recitaram a Declaração de Guerra:

<etno 15> "Agora é um tempo obscuro e sombrio na história da nossa raça. Ao nosso redor estão os túmulos dos nossos touros verde, ainda, em uma terra uma vez onde nós nos tornamos um povo desapossado. Nossos heróis e cultura têm sido insultados e degradadas. O hordas de mestiços clamam por cortar-nos da nossa herança. Mas nosso povo não se importa.

Ao longo desta nossa terra as crianças estão sendo coagidas a aceitar não-brancos como seus ídolos, seus companheiros, e o pior de tudo para seus companheiros. Um curso que tem nos levado direto para o esquecimento. No entanto, nosso povo não vê. Não é por acaso, mas por projetar essas coisas terríveis acontecem. É auto-evidente para todos que têm olhos para ver que uma sombra maligna caiu em toda a nossa terra outrora justa. Evidência de que abunda uma certa, vil, pessoas estranhas tomaram o controle do nosso país. Como é que um parasita ganhou domínio sobre o seu hospedeiro? Em vez de serem vigilantes nossos pais dormiam.

O que devemos fazer? Como é triste o que esses alienígenas fizeram ao futuro dos nossos filhos. Tudo sobre nossa terra está morrendo. Nossas cidades invadidas pelo enxame de hordas escuras. A água está podre e o ar é espesso. Nossas fazendas estão sendo apreendidas pelos sanguessugas usurários e nosso povo esta sendo forçado a abandonar a terra.

Os capitalistas e comunistas quebram alegremente nossos ossos, enquanto o vil, mestres da usura de nariz adunco orquestram nossa destruição.

Declaramo-nos um povo livre e soberano. Nós reivindicamos um imperativo territorial, que será composto por todo o continente norte-americano do norte do México.

Como soldados do Movimento da Resistência Ariana (MRA), vamos nos comportar de acordo com a Convenção de Genebra.

Estamos agora perto esta Declaração com uma carta aberta ao Congresso e as nossas assinaturas confirmando a nossa intenção de fazer a batalha. Vamos amigos e inimigos estar cientes: Isto é uma guerra! É o seguinte o som do corpo e da mente sob nenhuma coação, assinam este documento de nossa própria vontade e é sem medo que nos declaramos estar em um estado pleno e implacável da guerra com as forças que procuram e consciencemente promover o destruição de nossa fé e nossa raça. Portanto, para sangue, solo e honra, e para o futuro dos nossos filhos, nós nos comprometemos com a batalha. Amém ". </etno VNN - Fórum>

O grupo rapidamente passou a trabalhar, e, com o aumento das atividades, em especial os roubos de armas, entraram no grupo novos ativistas: Tom Martinez, Frank L.

¹²⁰ Butler confirmou que o juramento da Ordem era o mesmo das Nações Arianas. Cf. <http://www.nytimes.com/1985/10/20/us/racist-aryan-nations-group-inducts-new-disciples.html>

¹²¹ "Brilhante criança de luz, és a minha família,
De corpo, alma e mente;
Um espírito chama do interior,
Devo preservar o teu ser."

DeSilva, Richard Scutari (um especialista em artes marciais e homem religioso ultraconservador, tornou-se chefe de segurança de Mathews), David Tate (das Nações Arianas), Gary Yarbrough (também das Nações Arianas, era o único membro que já havia sido condenado e preso anteriormente), Randal Rader, Robert Merki (junto com sua esposa e filhos fazem espionagem para a “The Order”), James Dye, Jackie Lee Norton, Mark Jones, Charles Ostrout, Mike Norris, Jean Craig, Ronald King, Ardie McBrearty e Randy Evans (FLYNN & GERHARDT, 1990).

O líder da reunião, Robert Jay Mathews, que Lane chama apenas de Bob em todos os seus escritos, havia “profetizado” nesta reunião que estaria morto em um ano, o que de fato aconteceria 14 meses mais tarde, fato atribuído por Lane aos “*demônios federais*”. Lane entendia-o como uma figura dínamo, como a força propulsora do ativismo racial não só na Ordem, mas em todo os EUA.

Por fim, também participava das reuniões a segunda esposa de Bob Mathews, Zillah Craig, com quem teve uma filha. Posteriormente, em troca de imunidade e entrada no programa de proteção a testemunhas, ela testemunhou contra o grupo num júri.

A.5.2.1 O Programa

O programa do grupo seguia a proposta de Pierce, *The Organizational Nexus*, de 1978 (escrito sob pseudônimo), aprofundada em “*A Program for Survival*”, de 1984 (escrito sob seu nome real), um programa geral para a supremacia ariana, composto por três fases ou etapas:

1. Organização do Quadro Edifício (organização do grupo)
2. Construção de comunidades (de apoio, por exemplo);
3. Ação coletiva.

Pierce abriu seu texto arrolando os fundamentos do que constitui a sobrevivência de qualquer sociedade: “*a qualidade do seu estoque humano, isto é, a vitalidade, a inteligência, a criatividade, a coragem e a vontade de seu povo e os valores que o orientam*”. Em seguida, ele afirma que esses dois aspectos são medidos e normatizados por um único

fator determinante: “*caráter racial das pessoas da sociedade*”. Para ele, todos os valores e comportamentos, assim como os corpos e destinos físicos dessa sociedade estão expressos de forma inata. Ainda, segundo Pierce, “*valores inatos expressam-se sutilmente e, na maioria dos casos, inconscientemente*”.

O autor prossegue sobre a importância da constituição de uma sociedade homogênea, que vivendo da forma citada, seria imune à “*contaminação externa*”. No lugar disso, o que se veria nos EUA seria uma “*crecente contaminação*” e “*mais cinismo, corrupção e ineficiência governamental*”, tudo isso perpetrado por um governo dominado pelos judeus, que domina e precariza a vida do “*povo branco*”. Na “*sociedade hospedeira*” os judeus “*levaram à deriva moralmente os brancos na mesma direção em que se movem desde a Segunda Guerra Mundial*”, isto é:

<etno16>em direção a uma maior aceitação da miscigenação, a presença de mais não-brancos em seu meio e males como abuso de drogas e homossexualidade. Seus padrões de comportamento público e privado continuarão a diminuir. Mesmo os pais brancos racialmente conscientes terão pouco sucesso, em média, na prevenção de que seus filhos sejam varridos junto com essa maré.</etno SNA>

Para Pierce, a solução seria a formação de instituições de guerrilha, que, utilizando-se das fases de seu programa, auxiliariam a formação da defesa do “povo branco”. Depois da Ordem, todos os grupos neonazistas passaram a usar a fórmula de Pierce para propaganda e organização. Embora essas fases sejam iniciadas na seqüência indicada, elas se sobrepõem, ou seja, as atividades associadas a fases anteriores continuarão mesmo quando novas fases começam.

Pierce informa mais sobre as etapas citadas:

1) Organização do quadro-edifício: Gerar propaganda com o objetivo de atrair mais membros para os quadros. A propaganda de construção de quadros é dirigida a uma elite, e nesta fase, a organização deve estabelecer as funções operacionais dos quadros segundo as habilidades técnicas de cada um. Isso implica uma estrutura hierárquica e meritocrática, tanto para a comunidade como um todo e para seus quadros de liderança.

2) Construção de comunidades: Esta fase é muito importante. O objetivo deve ser preservar “o povo branco” e garantir “o seu futuro e renascimento”. Segundo Pierce, a National Alliance, por exemplo, guardou material humano sob a forma de “*esperma e ovos congelados*” (ou mesmo embriões congelados) escondido e preservados sob refrigeração para

ser usado por séculos. Outro objetivo seria garantir o isolamento da comunidade, capaz de viver de acordo com seus próprios valores e manter esses valores ao longo de várias gerações *“de forma adequada ao seu papel como portador da semente de um renascimento”*. Ainda que não seja possível isolamento real, deve haver alto grau de isolamento social e espiritual, rejeitando *“totalmente os valores e as formas da sociedade em geral, mantendo-se fielmente”*. É necessário um bom número de membros individuais *“que ensinem seus filhos a serem racialmente conscientes e proporcionar treinamento moral é insuficiente”*; e *“uso de recursos comunitários para adquirir meios de comunicação de massa”* – estações locais de rádio ou televisão, jornais diários – e, se necessário, *“operá-los ainda que em prejuízo para poder exercer a influência política e ideológica inerente a eles”*. Outro exemplo é a aquisição de *“um novo território dentro do qual os membros da comunidade exercem o poder político, econômico e moral dominante e são capazes de impedir que outros os retirem”*. Também se sugere a *“infiltração de membros na estrutura de poder da sociedade em geral – na estrutura de comando militar, nas principais agências governamentais de investigação ou de aplicação da lei e nas redes de comunicação”* e a compra *“de grande número de armas, melhor se não puderem ser rastreadas, para serem enterradas ou escondidas para uso futuro e grandes quantidades de munição”*.

Num resumo, as três etapas têm as seguintes tarefas:

1. Quadro de construção;
2. Construção da comunidade;
3. Ação comunitária;
4. Ação de propaganda tão elaborada e extremada quanto possível para seduzir apenas o elemento mais comprometido;
5. Operar em uma "necessidade de saber" base;
6. Comunicar-se por meio da reunião cara a cara ou de mensagens codificadas curtas;
7. Construir células "legais" e subterrâneas;
8. Desencadear um dos principais propósitos do terror político, sempre e em todos

os lugares: forçar as autoridades a tomar represálias e se tornar mais repressivas, de modo a alienar uma parte da população e gerar simpatia pelos terroristas.

9. Criar agitação e aniquilar a sensação de segurança da população e sua crença na invencibilidade do governo.

O texto de Pierce também informa sobre o uso da propaganda, e discute bastante o diferencial entre o tipo de propaganda que deve ser realizado na 1ª etapa (construção da organização e das células) e na 3ª etapa (propaganda para as massas, propaganda coletiva). É interessante observar que essa diferenciação entre a propaganda para “o branco” que pode se tornar membro do movimento e o denominado “branco médio” também foi observada por Raphael S. Ezekiel quando etnografou grupos neonazistas na década de 60 nos EUA (*Racist Mind*). Ele percebeu que o texto mais duro da propaganda está presente nos grupos sob a forma de ódio explícito, enquanto que na propaganda para o “americano médio” buscava-se acordar o que ele denominou de “padrões racistas” do cidadão comum. Segundo o autor, os grupos aproveitam esses padrões racistas históricos para construir propagandas que visam ativar o medo, a angústia e o racismo recalcado construído historicamente¹²². Ezekiel escreveu:

O centro deste discurso – raça identifica uma essencialidade, definindo qualidade e na qual a raça branca é superior – é ao mesmo tempo similar e diferente do que perpassa a mente da maioria dos americanos brancos. Ele exclui muitos outros caminhos por meio dos quais as pessoas podem ver uma conexão social ampla: por meio de igrejas, profissões, ocupações, faixa etária, gênero, escolaridade ou classe social. Ele exclui as grandes imagens da comunidade democrática ou das irmandades religiosas que sugerem um futuro além da raça. Ele ao contrário, assemelha a percepção branca majoritária ao denominar raça – uma idéia construída no decorrer do tempo por uma sociedade e tendo significância científica pequena – uma descrição da realidade significativa biologicamente, e, portanto, um caminho fundamental para categorizar pessoas. Ele assemelha mais ainda a percepção majoritária branca tomando como concessão o sentimento de especialidade e entitulação dos americanos europeus desce dentes. (EZEKIEL, 1995, p. XVII. Tradução minha.)

Elaborei um quadro com as diferenças apontadas por William Pierce sobre o tipo de propaganda que deve ser realizado para alcançar o ativista na primeira etapa e para afetar o homem médio na terceira etapa. No entanto, há alguma mobilidade quanto ao que pode ser propaganda de primeira e terceira etapa no decorrer histórico. Por exemplo, quando Pierce,

¹²² Textos que Pierce denominou de “propaganda da terceira etapa”.

em 1974, começou a questionar o que ele chamou de “racismo reverso”, o tema era um debate de primeira etapa. No entanto, ao se infiltrar no coletivo mais amplo, ao longo do tempo, passou a ser um tema de terceira etapa.

Tabela 1

Diferenças na propaganda neonazista, segundo a fase de atuação da organização, estabelecidas por Pierce

	PRIMEIRA FASE	TERCEIRA FASE
Escala	Pequena escala	Grande escala
Alvo	Compor uma “elite neonazista”	Dirigir-se ao “homem médio branco”
Objetivo	Quer atrair para a causa	Quer persuadir ou agitar a massa
Missão	Deve atrair muito mais fortemente num nível espiritual. Deve falar do futuro espiritual e genético da ação.	Geralmente se preocupa com as preocupações pessoais diárias das pessoas – com seus medos pela segurança física ou pela segurança econômica, com seu ressentimento contra aqueles que ofendem seu senso de propriedade ou justiça, com suas esperanças de alívio de uma situação opressiva ou ameaçadora.
Tipo de Discurso	Dirigida para o potencial membro do quadro, deve dizer: <i>"Sua consciência não descansará, a menos que você aceite sua responsabilidade como homem ou mulher branca e faça o que você sabe que deve ser feito, mesmo que isso signifique desistir de tudo, incluindo sua vida".</i>	Dirigida ao homem médio, pode dizer: <i>"Vote (ou faça greve, ou o que quer que seja) para nós, e em troca, lhe daremos algo que você deseja."</i>
Modo	Curta e em “ralis”	Longa e duradoura
Material	Material de recrutamento	Material de propaganda

Fonte: Elaborada pela autora, conforme a obra de Pierce.

A.5.3 Dos Assaltos e dos assassinatos da Ordem

<etno 17> A palavra favorita de Pierce, que ele usou sempre naqueles discursos foi "quadro". Para derrotar os judeus, para derrotar a conspiração que tentou aprisionar "os homens arianos duros de coração" numa escravidão, alguns poucos escolhidos era tudo que era necessário. Com os homens adequados, todos procederiam em perfeita "ordem", outra palavra favorita de Pierce, e foi este nome que ele deu ao grupo conspiratório que derrubaria "o sistema" em seu livro, *Os Diários de Turner*. Rigorosamente disciplinados, absolutamente obedientes, perfeitamente doutrinados, o quadro da Ordem tornaria inevitável a vitória. Essa foi a concepção que Bob Mathews adotou para sua organização, ao criar a Irmandade Silenciosa. </etno PLE - Fórum>

A exemplo do sugerido pelo livro *Diários de Turner*, eles começaram roubando um "sex shop" em Spokane, Washington, conseguindo o valor de 369 dólares¹²³ do caixa da loja, referente a locação de vídeos. Imediatamente depois o grupo lançou uma operação de falsificação, no complexo da Aryan Nations, em Hayden Lake, Idaho, que, no entanto, foi desarticulada rapidamente, pois um membro do grupo, Bruce Carroll Pierce, foi preso ao tentar passar uma nota falsa de 50 dólares. Bruce Pierce foi condenado, mas escapou e ficou na clandestinidade até 1985. Antes do fim de 1983, Robert Mathews assaltou um banco de Seattle, roubando cerca de vinte e cinco mil dólares¹²⁴.

Em março de 1984, os membros da Ordem distraíram a atenção da polícia local, fazendo explodir uma bomba em um teatro de Seattle, enquanto outros membros assaltavam um furgão blindado estacionado fora de um armazém, apropriando-se de cerca de quinhentos mil dólares¹²⁵. O dinheiro foi utilizado para adquirir armas, e doações também foram feitas para os grupos supremacistas principais dos EUA, entre eles, a National Alliance de William Pierce.

A Ordem tinha como um de seus inimigos explícitos Alan Berg, locutor de uma rádio de Denver – ela tinha uma lista de pessoas a serem assassinadas, e reconheciam nele uma vítima provável. Com efeito, Berg foi assassinado na porta de sua casa em junho de 1984 por David Lane, que, como vimos acima, já era membro atuante da Ordem¹²⁶. Berg havia se mudado para Denver em 1966, junto com sua esposa, tentando recomeçar sua vida e tratar-se

¹²³ O que significa aproximadamente 855 dólares em valores de 2012. As taxas de inflação de 2013 ainda não foram apresentadas de forma oficial, na construção do texto, portanto todos os valores atualizados levarão em consideração a inflação dos EUA até 2012. Cf. <http://research.stlouisfed.org/fred2/series/CPIAUCNS/downloaddata?cid=9>

¹²⁴ Em valores de 2012 quase cinquenta e oito mil dólares.

¹²⁵ Um milhão e cento e cinquenta mil dólares aproximadamente, em valores de 2012.

¹²⁶ A respeito especificamente da morte de Berg, Stephen Singular escreveu o livro *Talked to Death: The Life and Murder of Alan Berg*.

de um alcoolismo que havia lhe causado muitos problemas, inclusive em seu casamento. Ele venceu o alcoolismo, mas acabou se separando da esposa, com quem, no entanto, manteve uma boa relação. Em 1971, Berg deu uma entrevista de rádio que fez grande sucesso graças ao seu senso de humor, e, por isso, foi contratado para desenvolver seu próprio programa. Berg freqüentemente citava a Ku Klux Klan e o partido nazista americano como seus inimigos e, dentre outros assuntos polêmicos, manifestava-se regularmente contra o racismo. Seu talk show era muito conhecido em todo o estado do Colorado.

Além disso, Berg processou, como dito anteriormente, uma publicação que lançava artigos antissemitas para pequenos produtores agrícolas e pecuaristas no Colorado, e segundo se relatou em jornais da época, isso teria causado a falência da editora e o desemprego de David Lane (a ADL também processou a mesma revista¹²⁷).

Em 17 de maio 1984, Mathews enviou Jean Margaret Craig para Denver para observar os movimentos de Berg e para confirmar que ele seria um alvo viável. No dia 15 de junho do mesmo ano, uma sexta-feira, Mathews, Bruce Pierce e Richard Scutari dirigiram-se para Colorado. David Lane foi um dia antes para preparar o crime, reservar o hotel e o carro.

Alan Harrison Berg foi assassinado em 18 de junho, com doze tiros no momento que estacionava seu carro em frente à sua garagem: sete balas rasgaram seu corpo e braços e as outras cinco atingiram seu rosto. Foi nitidamente uma execução. Pouco tempo depois do assassinato, segundo denunciou o futuro informante do FBI Thomas Martinez¹²⁸, o atirador e seus cúmplices ligaram do motel onde estavam alojados, nos arredores de Denver, para um telefone localizado em Metaline Falls, Washington.

Na mesma época do assassinato, os membros da Irmandade Silenciosa começaram suas operações de falsificação de moeda (não era comum grupos terroristas falsificarem moeda na época) e também assaltaram um carro blindado próximo a Ukiah, California. Este assalto proporcionou o maior feito financeiro do grupo, rendendo-lhes cerca de US \$3.800.000,00 em valores da época¹²⁹ – a maior soma já roubada na história dos carros blindados, nos EUA. Parte do resultado do roubo foi reservada, mais uma vez, para compra de veículos, equipamentos e armas. O grupo também comprou terras em Idaho e no Missouri

¹²⁷ É extremamente comum que grupos neonazistas realize vinganças motivados por ressentimentos pessoais e racionalizem a questão com a teoria da raça.

¹²⁸ Martinez, Thomas; Guinther, John Brotherhood of Murder. New York: McGraw-Hill, 1988

¹²⁹ Mais de US \$ 8.800.000,00 em valores atualizados para 2012.

para campos de treinamento e entregou dinheiro a grandes grupos neonazis, numa tentativa de unificar os vários movimentos. Dizem que o grupo pretendia assaltar, ainda, a maior câmara blindada da empresa de segurança Brinks, em San Francisco, California, na qual se supunha haver cerca de 50 milhões de dólares¹³⁰.

<etno 18> <Membros da Ordem me deram \$200,000¹³¹ do dinheiro roubado para construir o partido White Patriot> </etno VNN - Fórum>¹³²

Durante o trabalho relativo à Brinks, Mathews abandonou uma pistola pela qual o FBI seguiu a pista até o endereço de outro membro da The Order. Ao mesmo tempo, Thomas Martinez era preso em Filadélfia por passar dinheiro falso. Martinez chegou a um acordo, transformado-se em um informante do governo, e voltou a Portland, Oregon, para encontrar-se com Mathews e com o membro da The Order Gary Yarbrough.

Os agentes cercaram o hotel na manhã seguinte à chegada de Martinez. Mathews, com a pistola na mão, feriu um agente do FBI, e Yarbrough foi preso ali mesmo. Em 18 de outubro de 1984, três agentes do FBI em um caminhão Serviço Florestal dos EUA chegaram à propriedade de Yarborough em Samuels, Idaho (uma cabana em área remota) e foram recebidos com tiros. Eles se retiraram, voltando naquela noite com um mandado de busca. Dentro da cabana, os agentes encontraram um tesouro de provas, incluindo documentos, explosivos, granadas de gás, caixas de munição, uma coleção alarmante de pistolas, espingardas e fuzis e duas metralhadoras com silenciadores. Havia também máscaras de gás, facas, bestas, coletes de assalto, scanners de frequência de rádio e outros equipamentos. Yarbrough, no entanto, conseguiu fugir para a floresta.

O Laboratório do FBI identificou uma das armas usada para matar Alan Berg em Denver, e com isso, o FBI seguiu Mathews até Whidbay Island, Washington. Em dezembro de 1984, Mathews foi sitiado por forças do FBI, do Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives (BATF¹³³), do Estado de Washington e das Special Weapons And Tactics

¹³⁰ Valeriam mais de cento e quinze milhões de dólares nos valores de 2012.

¹³¹ O equivalente a mais de quatrocentos e sessenta e três mil em 2012.

¹³² Depoimento num fórum neonazista.

¹³³ Organização federal que coordena a aplicação da lei dentro do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Suas responsabilidades incluem a investigação e a prevenção de infrações federais envolvendo o uso ilegal, fabricação e posse de armas de fogo e explosivos; atos de incêndio criminoso e atentados a bomba; entre outros crimes.

(SWAT)¹³⁴ local, com a cooperação da Marinha dos EUA. Durante 36 horas, Mathews permaneceu em cerco, trocando tiros com as forças policiais. Por fim, foi morto em 8 de dezembro, quando as forças policiais incendiaram a casa onde ele estava escondido na esperança de que ele se entregasse, mas ele não pôde ou não quis fazer isso. Na negociação com os membros para entregar os companheiros de Mathews, Butler chegou a ser convidado pelo FBI a entregar sua lista de membros, que teria segundo ele 6.000 nomes, mas conseguiu escapar.

Schlatter defende a ideia que Robert Mathews exemplificou a masculinidade ariana ideal. O homem de fronteira consumado, o cowboy que vai para a terra do oeste, em busca de novos projetos (ainda que nunca eles tenham se referido a si como *cowboys*), estudou os textos racistas, permanece ativo em atividades espirituais dos grupos, se casou com duas mulheres brancas que aceitavam a ideia do casamento polígamo (ainda que a vida fosse um inferno para elas segundo relatos) e que vivessem para a casa e para conceber crianças arianas. Ele nunca usou drogas, fumou, não gostava de álcool (vistos como perturbadores da dignidade ariana). Apreciava atores e filmes de Clint Eastwood e Charles Bronson quando teve oportunidade (raras) de assistir. Seria o grande modelo para os jovens do mundo branco.

Para ele existia uma guerra racial, e segundo o que analiso, ele desejava sair da fronteira, do que penso como uma hifenizada percepção de si, como *cowboy-americano*, ou fronteiro, para se pensar como branco. Nesses grupos o lugar de gênero é extremamente fixo. A masculinidade aqui é profundamente exaltada. Branco é um lugar de uma unicidade para a grande maioria desses jovens, e Bob Mathews foi extremamente influenciado por outros líderes como Butler e Lane, que definiam um lugar de especialismo para o jovem branco. Se A Ordem foi importante e definidora de uma novo tipo de terrorismo na história do extremismo americano isso se deu pela complexidade de sua estrutura e pelas operações específicas que estabeleceu: atuou em células, em grupos que muitas vezes desconheciam outros membros ou apenas conhecia-os pelo codinomes (muitos tirados dos livros mórmons) construiu fortes e casas seguras, produziu identificações falsas para seus membros. É interessante que eles procuraram o Estado mais longe no noroeste, e que Bob disse que só se entregaria se os EUA reconhecesse três estados como pátria dos arianos, independente.

¹³⁴ Unidade de polícia altamente especializada nos departamentos das grandes cidades dos EUA, voltada para gerenciar riscos que envolvam ataques coordenados a alvos específicos, tais como: criminosos fortemente armados em locais abrigados, mandados de prisão de alto risco e operações com reféns, assim como localizados e desativação de artefatos explosivos, e combate ao "inimigo interno" (terroristas infiltrados em solo americano).

Os membros da Ordem se tornaram foragidos, e o FBI decidiu usar a *Lei Racketeer influenced Corrupt Organizations* (RICO), criado em 1970 para considerá-los co-conspiradores, responsáveis por todos os crimes cometidos pelo grupo. O Departamento de Justiça construiu um caso enorme acusando A Ordem de conspiração contra o governo dos EUA, mobilizou muita força policial em todo país, e no julgamento 17 dos acusados já estavam presos. Bruce Pierce esteve na lista dos 10 homens mais procurados do FBI enquanto não foi capturado. O último membro da The Order a ser preso foi Richard Scutari, em abril de 1985.

David Lane foi preso no estacionamento de um supermercado Winn Dixie quatro dias depois da captura Bruce Pierce, em 30 de março de 1985, pelo agente Robert Pence, encarregado do FBI no estado da Carolina do Norte. Segundo Pence, no assento ao lado de Lane estavam uma pistola calibre 45 e uma faca grande. Lane vivia há cerca de 30 dias em uma fazenda perto de Woolwine, Virginia. Foram necessários 25 agentes na operação de rastreamento e prisão de David Lane. No julgamento, uma das testemunhas relatou o seguinte¹³⁵:

(a respeito da fundação da Irmandade)

Testemunha- Bob Mathews conduziu a reunião, ministrou apresentação que preparou, que consistiu em seis etapas que delinearam os métodos em que o grupo iria proceder¹³⁶, e como ele forneceu as etapas uma a uma, elas iam sendo discutidas pelo grupo, e basicamente depois que eles foram discutidos, eles concordaram e o grupo foi formado.

Pergunta (P) – Quais foram os sub-objetivos?

Testemunha (T) – Os mais imediatos eram formar uma organização secreta, uma organização vital, que seria forte o suficiente para atacar as instituições em que se acreditava que o poder judaico existia, as instituições político-sociais, particularmente a mídia.

P. Houve alguma discussão específica sobre o quinto passo desses seis passos?

T. Sim, houve.

P. Qual foi o quinto passo?

¹³⁵ In. *United States v. David Lane, United States of America v. Bruce Pierce*, 883 F.2d 1484 (10th Cir. 1989) Os arquivos dos processos estão disponíveis a partir de <https://www.courtlistener.com/opinion/528433/united-states-v-david-lane-united-states-of-america-v-bruce-pierce/>

¹³⁶ Baseadas no método de William Pierce.

T. Assassinatos

P. O que foi dito sobre os assassinatos?

T. Assassinatos foram pensados para serem um dos meios pelos quais poderíamos levar adiante nossos objetivos. Primeiro atacaríamos os judeus e particularmente o judeu que estava em uma posição poderosa ou em posição de influenciar a sociedade.

P. E ao lado de Bob Mathews, havia alguma pessoa em particular mais vocal do que as outras?

T. Eu acho que David Lane. Ele provavelmente contribuiu mais do que ninguém para a reunião.

Figura 16 - Organização e Quadros do grupo “A ordem” de acordo com a proposta de Pierce



Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Imagens dos sites etnografados.

Figura 17 - Outros membros importantes do grupo

A ORDEM

Outros membros



**DENVER DAW
PARMENTER II**

Tornou-se informante do FBI e entrou para o Programa de Proteção às Testemunhas.



**GARY LEE
YARBROUGH**

Foi condenado a 30 anos, e afirma ter se distanciado da supremacia branca.



**RANDALL PAUL
EVANS**

Foi condenado a 30 anos, e liberado em 2008.



**THOMAS ALLEN
MARTINEZ**

Tornou-se informante do FBI.



**BRUCE CARROLL
PIERCE**

Foi condenado a 100 anos, e faleceu na prisão em 2010.



**DAVID CHARLES
TATE**

Foi condenado a prisão perpétua sem direito a condicional.



**FRANK LEE
SILVA**

Foi condenado a 30 anos, mas foi liberado em 1998.

FOTOS FONTE: IMAGE-UCPPRESSFREEYIMAGES- GOOGLE IMAGES

Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Imagens dos sites etnografados.

Figura 18 - A Ordem – Resumo Iconográfico

A O R D E M

UM BREVE RESUMO ICONOGRÁFICO



FONTE: COPYRIGHT © BETTMANN / CORBIS. FOTO REPRODUZIDA POR DE EVELYN SCHLATTER. OUTRAS FOTOS ACIMA, FONTE: IMAGE-GETTYIMAGES- GOOGLE IMAGES

ROBERT MATHIEWS

Fundador da Ordem, discursa no Congresso mundial das Nações Arias (NAR) em 1983 e é notado pelo presidente do grupo.



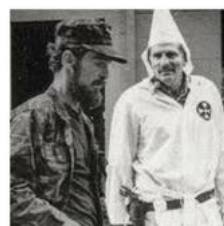
O MENTOR

O Mentor da Ordem era o presidente das NAR, Richard Girnt Butler.



MULHERES DO GRUPO

Os primeiros membros, homens e mulheres são da Nações Arias, como a esposa de Bob, Debbie McGarity a direita..



DE UM GRUPO PARA OUTRO

Alguns homens das Nações Arias, eram da KKK, como David Lane, à direita. Ao lado dele, Gary Yarbrough, que entrou no grupo posteriormente.



FONTE: IMAGE-GETTYIMAGES- GOOGLE IMAGES

A SEDE DO GRUPO EM IDAHO

Hayden Lake é uma pequena cidade, que abriga cerca de 600 pessoas. Situada nos arredores de Coeur d'Alene, uma cidade de aproximadamente 45 mil habitantes, dos quais quase 95% são brancos. Butler saiu da Califórnia e comprou 20 hectares de terra no início da década de 1970. Foi o lugar escolhido pelo líder das Nações arianas, Richard Girnt Butler, para criar um complexo nacionalista branco.

O ASSASSINATO DE ALAN BERG

Em 17 de maio de 1984, Mathews solicitou Jean Margaret Craig, uma mulher do grupo, que fosse a Denver para observar os movimentos de Berg. Na sexta-feira, 15 de junho, Mathews, Pierce e Richard Joseph Scutari, um novo recruta, dirigiram-se ao Colorado. David Lane partiu para Denver um dia antes.

Pierce insistiu em ser o assassino. Quando Berg entrou na garagem às 21h21, Pierce abriu fogo, atingindo Berg 12 vezes. O grupo correu de volta ao Motel 6, reuniu seus pertences e saiu da cidade.



FONTE: IMAGE-REPOSITORY - FBI- GOOGLE IMAGES

Elaborada

pela autora, na plataforma Canva. Imagens dos sites etnográficos.

Figura 19 - A Ordem – Resumo Iconográfica, segunda parte

BASE DE OPERAÇÕES

Usando pseudônimos os membros do grupo se escondiam em hotéis e deles palnejavam os crimes.



Fonte: HISTORYLINK

ATAQUE A BOMBA

Em 9 de abril de 1984, Pierce e Kemp decidiram plantar uma pequena bomba na cozinha da Sinagoga de Ahavath Israel da Congregação, localizada nas ruas N 27 e W Bannock, em Boise, Idaho. Foi um ato contra a Semana de lembrança às vítimas do Holocausto.

O GRANDE ROUBO

Na quinta-feira, 19 de julho de 1984, Mathews e seis membros da Ordem - Parmenter, Soderquist, Scutari, Duey, Pierce, Barnhill - pararam o caminhão blindado do Brink na Highway 101, roubando dos guardas de mais de US \$ 3,6 milhões.

O AGENTE

O FBI enviou o agente especial Wayne Manis. Ele havia estado trabalhando disfarçado para o Bureau desde 1967 dentro da Ku Klux Klan no Alabama. Foi ele que desvendou os crimes da Ordem.



Fonte: IMAGE-REPOSITORY - FBI- GOOGLE IMAGES

A MORTE DE BOB MATHEWS DEU INÍCIO AO FIM DA ORDEM

Ao desistir de se render, e exigir que os EUA cedessem espaço banco e livre para o movimento supremacista, Mathws se encurralou em Whidbey Island. A casa foi incendiada e ele faleceu. Seu corpo foi encontrado nos escombros.

O FBI passou a emitir avisos de PROCURA-SE para os membros da ORDEM, agora considerados fugitivos.

Abaixo, o aviso do FBI para SCUTARI.



Fonte: ONDEATHROWUSA

Elaborada pela autora, na plataforma Canva. Imagens dos sites etnografados.

A.6 Do julgamento à morte de Lane na prisão

No julgamento de Lane, Zillah Craig, 31 anos, a segunda esposa de Bob Mathews, implicou todos os réus em julgamento no Tribunal Distrital Federal na morte de Alan Berg. Ela assegurou que Lane delineou o "passo 5" do plano, o assassinato de judeus proeminentes, em janeiro de 1984. Esse ponto corroborou o testemunho dado anteriormente por dois ex-membros do grupo. Um incidente crucial, de acordo com todas as testemunhas, fora a entrevista de Berg com Pete Peters e Jack Mohr. O episódio terminou em uma explosão de raiva depois de Berg ridicularizar a ambos. O júri então ouviu uma fita de três horas desse programa e ouviu uma voz que se identificava como David Lane para reclamar que Berg era injusto com seus convidados. Durante todo o período da fita, que passava por diversos programas, ele afirmava: "*Você deveria ter um nazista em seu show*". A isso Berg responderia: "*Você está doente, seu pervertido*". "*Você é um nazista*"¹³⁷.

Zillah informou ainda que Jean Craig visitou a estação de rádio onde Berg trabalhava, fez perguntas e tirou fotos das câmeras de segurança da estação. Ela mesma compilou informações sobre Berg a partir de fontes na biblioteca pública local. A mãe dela trouxe, da residência que ela dividia com Mathews e sua outra esposa, uma pasta com todas as informações compiladas. Ela testemunhou que Mathews decidira os papéis de cada um depois que Bruce Pierce se ofereceu para atirar em Berg: Mathews e Richard Scutari seriam vigias e David Lane dirigiria o carro de fuga. Segundo Zillah, na manhã seguinte ao crime, todos eles leriam em vários jornais sobre o assassinato e comemorariam o feito. Assim terminou o depoimento da ex-esposa do Líder da Order¹³⁸.

Todas as testemunhas afirmaram que apenas Lane não estava dentro da casa de Berg, por estar no carro, aguardando para fugir. Lane negou isso sempre. O juiz de primeira instância condenou Pierce e Lane à prisão por 150 anos¹³⁹, e Lane passou por três presídios

¹³⁷ UNITED STATES OF AMERICA v. David Lane, Bruce Pierce, Richard Scutari, and Jean Craig, case number 87-CR-114, transcript, October 30, 1987, 3-5, United States District Court for the District Court of Colorado, Denver, Colorado; Schlatter.

¹³⁸ Cf. ZESKIND, Leonard. 2009, *Blood and Politics: The History of the White Nationalist Movement from the Margins to the Mainstream*. New York: Farrar, Straus and Giroux. Para a pesquisa, além da leitura dos próprios arquivos do júri, realizei consulta em inúmeras fontes de notícias. Algumas, como os arquivos do New York Times, deram detalhes de como a mídia lia o julgamento – vide <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1987/11/08/582587.html>. Último acesso em dezembro de 2017

¹³⁹ Os dados do julgamento de Lane, além dos presentes em seus escritos, vêm, principalmente de Hamm, Mark S. *Crimes Committed by Terrorist Groups: Theory, Research, and Prevention* de Mark S. Hamm, Final Report

(United States Penitentiary, Marion, United States Penitentiary Administrative Maximum Facility em Florence no Colorado, e a Federal Correctional Complex em Terre Haute) antes de falecer.

Em seu recurso à Suprema Corte, e em muitos escritos, Lane afirmou que estava sendo julgado três vezes diferentes ao mesmo tempo pela mesma coisa (o assassinato de Berg). Afirma que “as maquinações do governo atual” eram “praticamente ilimitadas” e usavam a mesma ofensa alegada, adicionando motivos para as acusações, “mudando jurisdições do Estado para tribunais federais, ou de um tribunal federal para outro, ou incluindo a alegada ofensa com outras ofensas na Lei RICO” para o “demonizar”. Lane chega a argumentar também que não havia provas suficientes de um elemento do crime – que ele teria de fato participado do assassinato de Berg e que ele havia atacado os direitos civis da vítima, porque Berg estava “desfrutando de emprego”.

Na verdade, Lane foi julgado pela Lei RICO num tribunal; pelo assassinato de Berg, num outro; e por crimes contra direitos civis de Berg num outro¹⁴⁰, e as provas eram as próprias fitas de Lane gravadas no talk show. Ele jamais reconheceu a variabilidade das leis que ofendeu¹⁴¹ e sempre afirmou que foi condenado por ser impopular com os judeus, que estavam no poder. Sua morte desencadeou no mundo milhares de homenagens ao “prisioneiro racial”. Surge uma desordem, que gera novos sentidos e paradigmas, um verdadeiro *drama social*, tal como descrito em *Social Dramas and Stories about Them*, de Victor Turner (1980), drama esse que foi capaz de inter-relacionar “*loops*”, nos quais, de maneira performática, os aspectos estruturais retoricamente implícitos denunciam contradições estruturais da vida

Submitted: June 1, 2005. Além disso, foram consultados os próprios arquivos, em *United States of America v. Bruce Carroll Pierce et al.* Cr. 85-001M. *United States of America v. Randolph Duey et. al.* Cr. 85-001M, Superseding Indictment. Os recursos a Suprema Corte também foram consultados. In. *United States v. David Lane, United States of America v. Bruce Pierce*, 883 F.2d 1484 (10th Cir. 1989). Os arquivos dos processos estão disponíveis a partir de <https://www.courtlistener.com/opinion/528433/united-states-v-david-lane-united-states-of-america-v-bruce-pierce/>

¹⁴⁰ O texto do processo afirma que em 18 de junho de 1984, no Estado e distrito de Colorado, DAVID LANE, BRUCE PIERCE, RICHARD SCUTARI e JEAN CRAIG, ajudando e encorajando uns aos outros, pela força e ameaça de força, intencionalmente feriram e interferiram com Alan Berg, por causa de sua raça, religião e origem nacional, isto é, porque ele era judeu e porque ele estava desfrutando de emprego e de suas gratificações por um empregador privado, resultando na morte de Alan Berg por tiros. In. *United States v. David Lane, United States of America v. Bruce Pierce*, 883 F.2d 1484 (10th Cir. 1989)

¹⁴¹ A Suprema Corte afirmou no julgamento: “Berg chamara a atenção de Lane por causa de seu emprego como apresentador de rádio, que Lane não gostava de Berg por causa da maneira como Berg usava seu emprego. O apresentador de talk show de rádio ridicularizava as crenças que Lane adorava, e que Lane participava do assassinato de Berg para impedi-lo de continuar a realizar seu trabalho de uma maneira que Lane achava ofensiva. Consequentemente, rejeitamos o desafio de Lane à suficiência da evidência.” (Tradução minha)

social. Fazem parte desses dramas sociais diversos tipos simbólicos: os traidores, os redentores, os vilões, os mártires, os heróis, entre outros, narrados na tessitura dos dramas sociais como personagens exemplares e paradigmáticos, que dessa forma garantiriam sua imortalidade social (TURNER, 1980: p. 150-156). Lane exemplifica muito bem esse uso do drama social que, para Turner, funcionaria como uma matriz de experiências, por meio das experiências performáticas da cultura, de modo a estabelecer uma declaração contra a indeterminação e oferecendo, portanto, elementos para narrativas jurídicas, literárias, morais, complexificando, portanto, todas as modalidades de ação social.

Os escritos de Lane foram lidos nos Estados Unidos por mais de seiscentas e cinqüenta mil pessoas, nos últimos dez anos. Nestes dez anos de pesquisa, localizei seus textos em dez idiomas, mas estimo que deva haver muito mais traduções. Os textos fundadores estão disponíveis em mais de trinta línguas. Há milhares de vídeos póstumos em sua homenagem. Todos os sites analisados em minha pesquisa citam os textos de David Lane em profusão. Os adeptos do movimento supremacista buscam nele uma espécie perversa de inspiração para tornarem-se, como ele, cada vez mais “arianos”.

A.7 Homenagens pós-morte

Logo depois de sua morte iniciou-se de uma profunda comoção no meio neonazista. Entre as muitas homenagens feitas a ele, escolhi descrever um vídeo que começa a narrativa do “herói” morto. Aos poucos essa ideia vai se disseminando, junto com o vídeo e sua discussão, por todo o movimento neonazista. Acho que esta descrição ajudará a entender o que sua morte significou na narrativa neonazista, visto que cenas deste vídeo foram copiadas em outras manifestações de tributo, e imagens deste vídeo foram copiadas por vários sites. Parece-me que foi a primeira manifestação pública após o funeral. Esse vídeo/manifestação também serviu para divulgar o site “Tributo a David Lane”, que concentra a sua “obra espiritual”, a “Pirâmide Profética”, e traz material a respeito da Ordem e textos tanto de quanto sobre Lane. Neste vídeo ele é denominado de “A Lenda”, de “Líder Espiritual”, e isso é bastante elucidativo das questões que emergem do estudo de sua autobiografia também, como veremos posteriormente.

Uma característica dos vídeos neonazistas é que são postados por vários perfis diferentes, em várias plataformas: Youtube, Vimeo, canais próprios, e não há como saber se os perfis pertencem a uma, duas ou várias pessoas diferentes, a não ser seguindo-os em redes sociais da WEB por meses e vendo suas interações nos espaços específicos de blogs e fóruns. Nesses espaços alguma identificação já é possível, mas não porque os próprios perfis acabam assumindo quem de fato seriam ou porque terceiros os identificam, pois sempre existem dúvidas de se a auto-identificação é verdadeira, ou de se esses terceiros estão corretos. A identificação ocorre por análise textual de elementos como estilo da escrita e erros repetidos na forma de escrever determinadas palavras, principalmente em debates acalorados e postagens rápidas, em que isto não pode ser copiado ou mimetizado.

Os vídeos ficam pouco tempo no ar, mas é o suficiente para os neonazis de outras localidades realizarem seu download. Muito poucos permanecem por anos seguidos, e são escolhidos para essa permanência apenas para marcar posição. Poucas pessoas comentam nos vídeos com medo da identificação pelos membros do FBI, “the Feeds” que sempre podem estar por perto. Muitos preferem acessar todo o material por meio de rede TOR, ou com navegação anônima. Controle de proxy¹⁴² também é muito comum, permitindo ou não o acesso e download, ou upload de material. Para além disso, há também um site “Tributo a

¹⁴² O servidor WEB que, em maior ou menor grau, garante anonimato de navegação na WEB.

David Lane” que tem conseguido se manter por meio de doações e muito trabalho voluntário dos neonazistas, em especial do trabalho da WAU¹⁴³.

Voltando ao vídeo analisado, ele se inicia na frente da sede do FBI em Los Angeles, que anteriormente era um campo de golfe. Um dos sites neonazistas sugeriu que esse prédio em especial foi escolhido porque Lane fora campeão amador do esporte. Descobri isso porque os ativistas param no monumento aos mortos do FBI, em frente ao prédio e localizei a imagem, posteriormente, graças ao recurso do Google Images.

O vídeo se inicia com a apresentação de um texto: *“Em 28 de maio de 2007, nosso amigo, irmão, e lenda e espiritual Líder, David Eden Lane, principiou sua jornada para o Valhalla...”*. Uma música de fundo acompanha o vídeo.

A imagem muda e o texto prossegue: *“Ele dedicou sua vida para nosso povo e morreu como um soldado branco encarcerado. Nós sempre lembraremos dele, de suas 14 palavras e o que ele significou”*.

A imagem muda novamente e aparece a foto mais conhecida imagem de David Lane, com o martelo de Thor no peito, tendo a parede de pedra atrás¹⁴⁴. Aqui, o vídeo acrescenta à foto uma moldura vermelha e o nome de David Lane também em vermelho sobre a imagem.

A imagem corta, e o vídeo da manifestação em Los Angeles se inicia. A câmara recua para ilustrar um cartaz de fundo branco com imagens e palavras em tinta preta, que fala sobre David Lane. Esse cartaz traz o nome e a conhecida foto de Lane; suas datas de nascimento e morte; a runa Algiz, nas posições normal e invertida; e duas linhas. Uma é a frase: *“MORTO PELO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS”*, em letras maiúsculas; a outra é o endereço na web do site construído para abrigar sua trajetória. Em outros cartazes a estrutura será idêntica à deste, mudando apenas a primeira frase, como um grito de guerra.

A câmera corta, e pode-se ver uma parte dos manifestantes. São seis homens, cinco mais ou menos de frente para a câmera e um de costas. Todos têm a mesma camisa branca com uma imagem na frente. Um deles está com um walk-talk. Alguns estão de bermuda cargo, verde militar, outros de calça jeans. A câmara vai para esquerda aparece mais um homem, trajado igual aos outros. O homem de walk-talk acende um cigarro.

¹⁴³ Em geral, os sites neonazistas mantêm-se com doações e vendas de produtos

¹⁴⁴ É a segunda imagem à esquerda da Figura 1, no início da tese.

A câmera começa uma panorâmica. Aparecem mais quatro pessoas, todos com o mesmo tipo de vestimenta. Nos pés, identifico tênis e coturnos. A câmera se move para a direita, mais dez pessoas aparecem, Todos com a mesma camisa. Os corpos, parados, rígidos. A maioria dos homens está de cabeça raspada. Muitos têm tatuagens neo-nazis.

A câmera se move novamente, mais quatro homens na tela aparecem, e um deles mostra as costas da camisa: vejo o endereço do site sobre Lane abaixo da imagem inicial desse site: uma águia

Há uma mulher no canto esquerdo da imagem: de cabelos presos e mãos na cintura, parece impaciente. Outra mulher surge no canto inferior esquerdo por uma fração de segundo. Depois volta. Ela está com uma camisa diferente da dos demais, uma regata, que deixa ver o ombro tatuado. Há mais um jovem a frente dela.

A câmera volta a andar, um dos homens vai na direção do homem de walk-talk e percebo que algumas camisetas são de gola pólo, inclusive a dele e a do rapaz de walk-talk. Há mais duas pessoas com gola pólo: um rapaz encostado numa árvore e uma mulher que surge à direita. Os outros todos vestem camiseta, mas todas as camisas e camisetas têm a mesma estampa: o brasão da Ordem na frente, e o endereço e a imagem inicial do site dedicado a Lane nas costas. Surgem mais seis pessoas, já contando um homem com uma camiseta preta e óculos sobre a cabeça careca. Ele está de braços cruzados.

O vídeo prossegue. Mais uma mulher, que passa as mãos nos cabelos, o único gesto natural que vi até agora. O vídeo corta e começa uma espécie de marcha. O homem de camisa preta vai em frente, e ao lado dele, olhando para a câmera, marcha um neonazi mais encorpado, de rosto fechado e rígido. Alguns olham para frente, como para o nada, outros para o chão, outros encaram a câmera com ódio na expressão facial. Alguns seguram cartazes. São 52 pessoas, 44 homens e 8 mulheres. Ambos os números parecem ter sido previamente combinados, visto que 44, nas contas neonazistas, equivalem a 8 (por meio de soma dos algarismos). Juntando-se a este 8 o número de 8 mulheres, temos 88. Uma forma numérica, para eles, de dizer Heil Hitler, visto que H é a oitava letra do alfabeto. Deduzo isto porque, para estes grupos, tudo precisa fazer sentido numérico, de modo que é válido contar o número de manifestantes e determinar se esse número faz algum sentido.

A última mulher leva uma criança num carrinho de bebê. Mais um símbolo: como a criança colocada na fundação da ordem, é a criança das 14 palavras slogan de sua luta racializada.

São exibidos muitos cartazes – só na primeira marcha são doze. O primeiro cartaz é segurado pela terceira pessoa da marcha. É uma grande fotografia de Lane, com dizeres que não podem ser lidos no vídeo. O segundo é o cartaz com as datas de nascimento e morte de Lane, que aparece antes. O terceiro cartaz traz a imagem de abertura do site com os dizeres: “Nunca perdoar, nunca esquecer”. Semelhante ao do close inicial, mas traz o dizer "*HERÓI DO POVO BRANCO*", no lugar da frase "*MORTO PELO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS*".

O quarto cartaz traz novamente a imagem de Lane e dizeres não legíveis no vídeo; o quinto cartaz aparece muito escondido entre os corpos, endurecidos, rígidos, que marcham; o sexto cartaz repete a estrutura do terceiro, mas os dizeres agora são "*MORTO PELO ZOG*". O sétimo cartaz repete a mesma estrutura e sua frase é "*HERÓI DA RAÇA BRANCA*".

O oitavo cartaz traz o emblema da The Order. O nono cartaz é uma longa faixa em papelão, coberta com o endereço eletrônico do site construído em tributo a Lane, ocupando o espaço de quatro cartazes, horizontalmente, como se fosse quatro vezes um tamanho A3. O décimo e último cartaz desta primeira marcha traz novamente o emblema da The Order.

São trinta segundos, no filme, de marcha, em direção à lateral da avenida que contorna o Monumento aos Mortos do FBI. Marcham depressa; alguns elevam os joelhos; outros fazem a saudação hitlerista; um deles tropeça numa imensa poça de água que não havia percebido e, depois, olha para trás. Uma mulher ruiva abaixa a cabeça, escondendo-se da câmera.

A câmera corta para a chegada à avenida. A música de fundo se encerra. Eles gritam três palavras que não consegui identificar, e a seguir, gritam “Heil The Order”. Começa outra música enquanto eles se posicionam na lateral da avenida. Ao longo da avenida, os corpos se posicionam deixando o espaço de uma pessoa entre si. Muitos fazem a saudação hitlerista, oferecendo a saudação a Lane. Os homens de camisa pólo andam atrás dos outros dando palavras de ordem e orientações – fica evidente que há uma distinção hierárquica. O vídeo tem pausas na música de fundo em que se ouvem gritos como “Heil David Lane”. Ou “David Lane! Heil! Heil! 14!!” e “Heil The Order”.

Um dos líderes mostra panfletos que estão distribuindo aos pedestres e carros que param nos faróis. Os corpos são os mais diversos: há a mulher ruiva, de uns trinta e cinco a quarenta anos, bonita, preocupada em não ser revelada para a câmera; há jovens homens, magérrimos, tatuados; carecas; gordos, também tatuados e com cabelos; há uma jovem de cabelo preto, com vestido preto, mais curto, que tem uma tatuagem nórdica no braço e usa

piercing; há uma mais jovem de cabelo bem loiro e bem curto; há duas jovens aparentando cerca de 25 anos, ambas de cabelos longos, uma de cabelos pretos e outra de cabelos loiros. Mas todos os corpos são rígidos, uns muito mais, outros menos, talvez apenas a jovem loura "requebre" em um momento específico do vídeo ouvindo uma música imaginária. Muitos usam coturnos, alguns com cadarço branco, outros preto, não tenho certeza se algum vermelho, mas há um homem de cerca de trinta e cinco anos com suspensórios vermelhos, e muitos com correntes nas bermudas e calças (em alguns grupos estas cores significam algo, do que falarei posteriormente). Muitos usam calças, bermudas cargo, lisas, verde militar, ou com estampas de camuflagem; muitos estão de óculos escuros – não necessariamente para se esconder, pois o dia parece bem quente e claro no vídeo.

Depois de várias saudações neonazistas em memória de Lane eles marcham em direção à placa do FBI, que pode ser vista na Figura 20. Lá se posicionam para uma foto, que ficou famosa nos sites neonazistas e é utilizada em muitos outros vídeos e memoriais para Lane. Nesta foto há mais oito homens e mais cartazes, que aparecem posteriormente. Algumas pessoas se escondem entre outras quando a câmera passa. Todos erguem o braço e gritam “Heil David Lane”, mas a mulher ruiva olha para o lado, enquanto todos se deixam filmar de frente. A câmera vai fazendo uma panorâmica do ato, mostrando detalhes das pessoas e cartazes, novamente.

A imagem corta e eles marcham para fora da cena, saindo do memorial. Muitos fazem novamente a saudação neonazista. Apenas um sorri ao fazê-lo.

A câmera corta e entra uma imagem com dizeres, para finalizar o vídeo: *“no sábado, 30 de junho de 2007 nós defendemos um memorial para David Eden Lane. Ele sempre estará em nossos corações e seus escritos imortais serão inspiração todos os dias para a raça branca”*.

Figura 20 – Vídeo em tributo a David Lane

VÍDEO EM TRIBUTO A LANE

2007



DIVULGAÇÃO DO SITE

Neonazistas passearam com cartazes e distribuíram folhetos anunciando o site em tributo a Lane.



CRIANÇA

Uma mulher com um carrinho de bebê fechava a passeata, para representar as 14 palavras.

O local da manifestação abrigava tanto os símbolos da "Pirâmide Profética", foi construído num antigo campo de golfe, paixão de David Lane.

Figura 22 – Citações de Lane no Twitter, análise em 2018.



Elaborada pela autora, na plataforma Canva, a partir de análise de dados do Gephi, com aplicativo para a rede Twitter.

PARTE B - O NEONAZISMO

Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do "atual". A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juro e com os juro dos juro.

Walter Benjamin¹⁴⁵

< >

O tipo mais barato de orgulho é o orgulho nacional, pois se um homem é orgulhoso de sua própria nação, afirma que ele não tem qualidades suas, das quais ele poderia se orgulhar, caso contrário ele não teria que recorrer às qualidades que ele compartilha com tantos milhões de semelhantes. O homem que é dotado de qualidades pessoais importantes estará sempre pronto para ver claramente no que respeita a sua própria nação, e no que ela fica aquém, uma vez que suas falhas estarão constantemente diante de seus olhos. Mas, cada idiota miserável que de nada pode se orgulhar de si mesmo, adota, como um último recurso, orgulho da nação a que pertence. Ele estará sempre pronto e feliz em defender todos os seus defeitos e loucuras com unhas e dentes, reembolsando-se assim da sua própria inferioridade. [...] Os alemães não têm orgulho nacional, o que mostra como eles são honestos, como todo mundo sabe!

Arthur Schopenhauer¹⁴⁶

B.1 Introdução

Neste ponto, defino neonazismo como uma miríade de movimentos extremamente heterogênea, na qual cada grupo articula a partir de uma narrativa bi-dimensional (mítica e biológica) um modo característico de ler elementos históricos, sociais, míticos, biológicos, religiosos ou de qualquer outra ordem, dentro de um grau específico de nazificação e sob uma ótica radicalmente racializada e com certos aspectos paranóicos, de modo a formatar uma

¹⁴⁵ Cf. BENJAMIN, W – Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Brasiliense, 1987, p. 119.

¹⁴⁶ A Sabedoria da Vida, Capítulo Posição ou lugar de um homem na Estimativa de Outros, Seção 2 -. Orgulho, por Arthur Schopenhauer, 1890 Tradução da versão em inglês em <http://ebooks.adelaide.edu.au/s/schopenhauer/arthur/wisdom/chapter4.html>

noção de ‘nós’ como ‘o povo branco’, superior, que se contraporía ao ‘outro’ por ele construído como ‘inimigo’ e profundamente odiado, elaborando que sua ‘sobrevivência’ dependeria de uma masculinidade exacerbada, exaltada, violenta, nacionalista, anti-semita, disposta a morrer pela causa defendida e pela perpetuação do grupo, colocando-se em estado permanente de alerta, ‘sob ameaça’ e em ‘guerra’.

Seguindo Raul Hilberg¹⁴⁷, os neonazis do século XXI são profundamente anti-semitas, assim como “*os nazistas do século XX, como os antissemitas do século XIX, e os religiosos da Inquisição do século XVI*”, e avaliam todos os judeus “*como hostis, delinquentes e parasitas*”. (HILBERG, 1961, p. 39). O tempo apenas enrijeceu o discurso com mais ódio. Mantidos por uma militância radical arquitetada a partir desse ódio praticamente cego, apontando para uma luta contínua, os neonazistas se valem, principalmente, de dois tipos de relações discursivas: ora se articulam a referências que se pretendem científicas, por se valerem de uma gramática biologistas; ora se associam a “verdades absolutas” (ELIADE, 1992, p.108) cifradas em códigos simbólicos demarcados numa atmosfera profundamente mítica, estabelecendo condições para que seu léxico se pretenda irrefutável.

Geralmente, a gramática genética e o léxico mítico interagem, sempre criando uma bidimensão¹⁴⁸, introduzindo a ideia de que os símbolos “*acordariam a memória genética*” (isso é repetido em todos os fóruns, centenas de vezes, de várias formas) ou os “*genes abririam a alma ao mito*” (outra fórmula muito comum nos fóruns nazis). Há a “*memória genética do mito*” que seria a forma “*da Natureza*” oferecer o ódio emocional aos judeus, que deveria ser elaborado de forma intelectual, por estudo, para “*o mito que organiza a alma*”. O próprio Hitler distinguiu em seus textos duas formas de antissemitismo: o emocional (*gefühlsmässigen*) – a expressão suprema desse modo seriam os pogroms; e o antissemitismo estabelecido pela razão (*Vernunft*), aquele que um governo deveria utilizar por meio de medidas legais contra os judeus, a fim de realizar sua eliminação (*Entfernung*) (HILBERG, 1961, p. 64).

Nos sites neonazistas, além do judeu, há outros convenientes construídos que

¹⁴⁷ 1993. HILBERG, Raul, *The Destruction of the European Jews*, 3rd ed., New Haven CT, 2003 [1961]

¹⁴⁸ Lembro que isso encontra ressonância no nacional socialismo de Alfred Rosenberg.

ameaçariam de extinção a “raça ariana”, e/ou “a grande Alemanha¹⁴⁹”, formada por “brancos de todo o mundo”, “um povo sob ameaça de genocídio”: o negro, o imigrante, o estrangeiro, o deficiente. Seja pela possibilidade de casamentos inter-raciais ou por adoção de crianças negras, ou pela presença de doentes no meio branco (“arma dos judeus para destruir a raça”), ou “prova de contaminação judaica”, os membros do grupo “*que lutam pelos ideais da supremacia ariana*” (EM, NA, V88), freqüentemente narram como se descobriam portadores do “*precioso sangue*” (3W), e como esta descoberta transformou sua vida, falam como esta descoberta foi determinante para afastá-los “*dos perigos que envolvimentos afetivos com judeus ou negros*” apresentariam.

Os sites delimitam tabus: qualquer tentativa de se tecer um mínimo elogio a negros e judeus¹⁵⁰, em fóruns ou listas de discussão, provoca reações fortíssimas, muitas vezes expulsões. Nos relatos, exemplos peculiares de narrativas rituais, o processo de “*se descobrir ariano*” (HLOBO) ganha status de iluminação, e a vida, a partir desta descoberta, um “*real sentido*” (JNS). Outro interdito aparece nas linhas, por vezes nas entrelinhas: é preciso cuidar para que “*a liberdade de expressão não seja castigada pelo poder público*” (NLNS, AARG). Há grande medo de que o “poder estabelecido” os proíba de falar abertamente a respeito de seu ódio racial.

A ideia de “natural e mítica” pode ser observada nestes exemplos etnográficos:

<etno19>Cada um de nós é membro da raça Ariana (ou Européia), (...) e desenvolveu suas características especiais ao largo de milhares de anos, (...) a fez avançar pelo seu caminho evolucionário. [para] (...) sobreviver a um inverno requeria planejamento e autodisciplina, avançaram mais rapidamente no desenvolvimento de suas faculdades mentais mais elevadas -- incluindo as habilidades para conceptualizar, resolver problemas, fazer planos para o futuro e adiar a gratificação -- do que aqueles que permaneceram em um clima relativamente invariável dos trópicos. [as] as raças variam hoje em suas capacidades para construir e manter uma sociedade civilizada e, mais em geral, em suas habilidades para ter uma mão consciente à Natureza na tarefa da evolução. (...) somos conscientes de nossa própria natureza e nossas relações com o resto do mundo,

¹⁴⁹ Falo sobre essa construção da Alemanha, muito mais virtual e mítica que real, em meu Mestrado. CF. DIAS, Adriana. *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007

¹⁵⁰ Embora haja nos sites menções negativas a outras minorias, como ciganos, armênios, e homossexuais, estes últimos tratados como deficientes morais, este trabalho se centra na análise que os sites fazem do judeu e do negro, seu objeto de ódio privilegiado. Acerca da homossexualidade, transcrevo um texto, retirado do Valhalla 88: “*Homossexualismo é uma perversão repugnante que infelizmente passou a ser aceita na sociedade politicamente correta (leia-se idiotizada) em que vivemos, qualquer pessoa com um mínimo de inteligência constata, sem muito esforço, que este é um comportamento completamente antinatural. Não fossem os anos de domínio judaico dos meios de comunicação, certamente o homossexualismo ainda seria encarado como uma doença.*”

nós temos uma inevitável hierarquia de obrigações e responsabilidades. A natureza tem refinado e polido as qualidades especiais corporizadas na raça Ariana para que pudéssemos ser mais capazes de cumprir totalmente a missão que nos foi designada.

[...] a Deusa é a soma total de todas as essências, e todas as forças e formas que emanam delas, que compõem tudo no mundo manifesto e não manifestado. A Deusa é o grande ser que anima a Terra. As mulheres e suas deusas interiores, são "Faíscas da Deusa", entidades espirituais que expressam um a alma do povo através do mundo físico e natural [...] as mulheres [...] reconhecem e encarnam essa divindade em um grau limitado. </etno –WAU>

Assim, a “raiz”, seja “genética”, ou mesmo “mitocondrial ariana” (SWP), aloja-se na pauta de discussão acerca de identidades, emoldurada na contemporaneidade pela volta ao biologismo – no qual o léxico genômico se destaca – para enquadrar o velho discurso na nova genômica. Para isso, esses internautas privilegiam o evolucionismo, e a genômica determina varias dúvidas postadas nos fóruns, como estas postadas num antiga comunidade do Orkut:

<etno 20> Pergunta: *[...] meu primo tem características genéticas italianas e portuguesas, mas também indígenas (em pequena quantidade). Ele possui pele branca e tem características predominantemente européias, porém, sei que ele também possui genes provenientes dos povos indígenas, devido a impurificação de sua mãe.*

Resposta: *[...]a pessoa em questão seria 1/8 indígena, em geral os traços de miscigenação costumam aparecer até a 4ª ou 5ª geração, [...] só podemos considerar ariano o que apresentar menos de 32% de material genético não ariano. (CORK – Poder Branco)*

Pergunta: *Sou filho de brancos, neto de brancos, sou caucasiano, eu posso ter uma mitocôndria negra? ou talvez um gameta negro, ou células negras?*

Resposta *Não seria melhor pra humanidade evitar a reprodução de genes ruins (como os meus) e incentivar a reprodução de pessoas com genes bons? </etno C38>*

Outro elemento sempre presente é o negacionismo. Há alguns anos, numa entrevista ao jornal “Folha de São Paulo”, falando acerca do impacto das novas tecnologias, Jean Baudrillard¹⁵¹ resumiu como a WEB destaca questões da contemporaneidade: “*hoje não pensamos o virtual, é o virtual que nos pensa*”¹⁵². Nossa querela com o espaço hypermediado demanda negociação, distorção, apropriação, ressignificação com novas dimensões processando cronotopias e cronodistopias, para revelar aspectos emergentes em que estamos todos inseridos. Dessa forma, o neonazismo revela e denuncia aspectos emergentes do social,

¹⁵¹ Jean Baudrillard, sociólogo, ex-professor da Université Paris X – Nanterre, discute as teorias de comunicação, criticando as noções sociológicas constituídas.

¹⁵² Entrevista concedida ao caderno MAIS!, em 28 de janeiro de 1996. Disponível na internet por meio do arquivo folha, acessível aos assinantes UOL, em <http://www.uol.com.br/fsp>.

como uma “transparência imperceptível¹⁵³”. Na supracitada entrevista, Jean Baudrillard se vale de um exemplo absolutamente adequado a essa discussão, e, segundo ele, “delicado”, precisamente porque simula o prolongamento, a continuidade do fato mais assustador e incompreensível da história moderna: o extermínio em massa, planejado, burocrático. Há ainda aqueles que negam sua existência, os negacionistas¹⁵⁴

Os neonazistas são negacionistas¹⁵⁵. Negam a historiografia da perseguição dos judeus, a qual ocorreu desde sempre – desde Roma à Inquisição, incluindo o Holocausto – porque é preciso demonizar o judeu, convertê-lo no inimigo conveniente (refiro-me mais uma vez ao texto de Peter Gay, *O Cultivo do Ódio*). Embora a proposição negacionista, uma tese que se ambiciona historiográfica, seja extremamente quebradiça diante dos fatos, por que é preciso proteger esses mesmos fatos contra os que se posicionam como negacionistas? Por que é preciso se dedicar, como têm feito tantos historiadores, a comprovar o incontestável?

Contudo, o neonazismo não vive apenas de genômica, mito e negacionismo. Essa narrativa trifásica precisa de outros elementos para dar conta de um discurso de ódio incessante, tornando-se preciso pensar sua origem. A doutrinação do ódio da sociedade vitoriana pode oferecer pistas preciosas: foi construída em conjunto com a crença na individualidade humana. A produção coletiva histórica e social do ódio, primeiramente nas sociedades germânica e francesa e depois na Europa do século XIX, foi extensivamente explorada por Peter Gay em *O Cultivo do Ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. Segundo afirma o autor, “*toda cultura, toda classe, todo século constrói seus próprios alibis para a agressão*” (p.43)

Na década vitoriana, a atmosfera do ódio foi justificada num tríptico, no qual os estratégias cognitivas que fundam os nacionalismos e o ódio são objeto de *cultivo*: (1) no sentido de sua natureza trabalhada árdua e continuamente; (2) *cultivar* no sentido de que esse ódio exerce a função de um objeto de culto, religioso; e (3) no sentido de “ser culto”, de preencher o locus de “em estado de civilização”. Odiar vira um estado permanente de superioridade racial, lingüística, moral, intelectual, filosófica, religiosa, a ser plenamente *cultivado* coletivamente.

¹⁵³ Cf. BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal**. Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1990. Por exemplo, o discurso neonazista de terceira etapa revela a sociedade na qual estamos inseridos.

¹⁵⁴ A pseudo-historiografia que pretende discutir a validade histórica do holocausto se autodenomina revisionista. O termo negacionista se refere à corrente que se opõe ao revisionismo.

¹⁵⁵ Contra os negacionistas, coloco-me ao lado de Franco Ferrarotti, há o “imperativo moral de recordar”.

Para dar conta dessa triplicidade de sentidos, o cultivo do ódio se vale de três principais racionalizações, desenvolvidas desde a era vitoriana, e não menos atuais na extrema direita: em primeiro lugar, a idéia de uma “*concorrência, pautada pela vida biológica, que se estendeu sobre a economia, a política e todas as esferas de compreensão do final do século XIX*” (PETER GAY, 1993, p. 56), e que nos neonazistas assume a forma da compreensão de sua superioridade “natural” e “moral”, “genômica e mítica”, “de sangue e honra”, estabelecida na competição entre os melhores, uma delirante e belicosa meritocracia super exagerada. Essa competição acaba por criar uma persona militarista (que Gay explora na análise histórica dos duelos, assim como Norbert Elias em *Os Alemães*) por meio do efeito combinado de violência, competição excessiva por recursos, adoração da hierarquia e rigidez, para satisfazer as necessidades dos que escolhem odiar e se diferenciar de “outros” e garantir sua “superioridade”, “eu” e “territorialidade”.

Em segundo lugar, conforme considerado por Peter Gay, está a construção do “Outro conveniente” uma construção social que confirma a superioridade de um grupo sobre os outros, enumerando justificativas para inventar um mundo de “estranhos”, a quem é possível e até adequado “*contradizer, tratar com superioridade, ridicularizar, explorar, exterminar*” (p.43). por trás do “Outro conveniente” haverá sempre, segundo o que propôs Peter Gay, um alibi muito útil para agredir e excluir, apontando diferenças físicas, culturais e socioeconômicas que, ao serem absorvidas, projetadas e generalizadas, implicaram sempre em preconceito e crueldade.

Enfim, em terceiro lugar, o cultivo do ódio se desenvolveria pelo culto da masculinidade, que, segundo o autor, funcionaria, “*na melhor das hipóteses, [como] um mecanismo incerto para a liberação de impulsos agressivos*” (p.103). O descontrole do desejo masculino, uma prova de sua virilidade, a posse das mulheres, era um elemento central desse processo. Obviamente, a homossexualidade e o aborto são listados como agressões a esse culto.

Figura 23 – Linha do tempo do Neonazismo nos EUA



B.2 A História dos EUA, entre raça, paranóia, religião e nação

A meu ver, o etnólogo que fala de raça ariana, de sangue ariano, de olhos e cabelos arianos comete um erro tão grande como aquele que cometeria um lingüista ao falar de um dicionário dolicocefalo ou de uma gramática braquicéfala
Muller, apud Ignaz Zollschan: 1920

Claude Lévi-Strauss apontou em *Raça e História* que uma das raízes do racismo consistiria “em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos”. Nesse modo de agir toda a dita “civilização européia”, construída no que conhecia de si mesma a partir de uma percepção originalmente grega ou posteriormente greco-romana, passou a delimitar o outro, o estranho, o diverso, o estrangeiro, como “bárbaro”. No encontro com os povos ameríndios do Continente Americano, o bárbaro abarcou o selvagem, como também havia internalizado o negro africano como escravo, por ser “menos humano” que seu “homem clássico” definido pelo amálgama racial de Atenas e Roma...

Tecer estas nômimas para os povos que não participavam de sua humanidade, segundo pregou por séculos toda uma Europa que desejou permanecer “branca”, era capital. O continente tido como “branco” pelos neonazistas criou éditos e perseguições a judeus e mouros, e muitas vezes em sua história decretou o imigrante como ameaça. Ao levar estas concepções de civilização incorporadas nos 102 passageiros do Mayflower¹⁵⁶ (eles mesmos divididos entre “os santos e os estranhos”), estaria a história dos EUA marcada desde o início pela concepção de raça?

A fim de elaborar melhor como o pensamento neonazista se desenvolve na nação estadunidense e como isso se constrói da concepção racial incrustada na percepção de si e do outro em todas as relações sociais, revisitei alguns elementos da recente historiografia estadunidense. Obviamente, não pretendo aqui rever toda a história da escravidão dos EUA e sua relação com o racismo, mas visitar pontos que considero importante para a discussão e meu objeto específico.

¹⁵⁶ O respeito à origem é tão forte entre os cidadãos americanos que entre os que se dizem descendentes diretos dos peregrinos do Mayflower estão vários políticos importantes, inclusive presidentes dos EUA. George Bush é um deles, e usou sempre isso em suas campanhas. Fonte: Sociedade dos Descendentes do Mayflower: <http://www.themayflowersociety.com/about-the-pilgrims20/notable-descendants>

Início com um artigo de Thomas Bender, publicado em 2002, *Strategies of Narrative Synthesis in American History*, em que o autor discute como, no último quarto do século passado, uma nova história dos EUA foi escrita. Segundo Bender, apesar de muitos autores atribuírem essa nova “reescrita da história americana” ao “triunfo da história social dentro da disciplina histórica”, Bender analisa que a transformação da historiografia acerca dos EUA¹⁵⁷ é muito mais ampla: houve, para ele, um grande deslocamento das narrativas; outros temas e narrativas passaram a participar do cenário disciplinar¹⁵⁸. Essa ampliação do campo, como Bender discute, tornou a historiografia dos EUA uma questão nos meados dos anos 80, pois a expansão do campo historiográfico e do número de historiadores parecia complexificar por demais a possibilidade de se pensar uma história dos EUA a qual fosse capaz de dar conta das questões de classe, etnia, raça e gênero. Por sua vez, a ampliação não parecia desenvolver-se no sentido de uma *“história utilizável, dos Estados Unidos”* (BENDER, 2002, p. 131).

Segundo o autor, embora um grupo de eruditos defendesse a necessidade de uma história da nação, outro destacava os riscos de uma narrativa nacional. Evidentemente, *“temia-se que tal narrativa seria, por definição, uma re-exclusão de grupos e temas que tinha sido tão recentemente trazido para o guarda-chuva da história e se re-inscreveria uma ‘narrativa mestre’ dominado pelo homem, branco, da elite.”* (p.132)

Alguns temas estavam presentes em todas as monografias, de maneira mais veemente ou em menor grau. Raça, religião, individualismo e materialismo eram temas onipresentes na historiografia acerca dos EUA. De alguma forma, ainda que não se tocasse em classe, ou em poder econômico, a presença do capitalismo e da ideologia que o enverga

¹⁵⁷ Citando várias influências na historiografia dos EUA, ao longo do século passado, inclusive a enorme e devidamente creditada à antropologia de Clifford Geertz, o autor destaca que neste último quarto de século em questão começaram a surgir dentro desta história nacional outras historiografias: a que narra afro-americanos na época da escravidão e além; a que discorre a respeito dos nativos americanos; a que se refere aos trabalhadores domésticos, ou em suas comunidades, ou trabalho, ou em suas diversões; a focada nas relações de gênero seja de forma mais geral ou em um aspecto mais particular; as que retomam temas específicos como consumo, produção, minorias étnicas e “fronteiriças”; as que surgem da análise da cultura popular; e tantas outras são elementos de destaque nessa “nova” historiografia.

¹⁵⁸ Bender pontua que nos EUA teria sido menos problemático tecer uma síntese historiográfica. Para ele a França foi exemplo dessa dificuldade em se tecer uma síntese historiográfica nacional. Bender enumera os trabalhos de Jonathan D. Spence, *The Search for Modern China* (New York, 1990); Albert Hourani, *A History of the Arab Peoples* (Cambridge, Mass., 1991); Paul Ginsborg, *A History of Contemporary Italy* (Harmondsworth, Eng., 1990); Theodore Zeldin, *France, 1848-1945*, 2 vols. (Oxford, 1979); Fernand Braudel, *The Identity of France*, translated by Sian Reynolds, 2 vols. (New York, 1988-90); André Burguiere and Jacques Revel, eds., *Histoire de la France*, 5 vols. (Paris, 1989-2000).

são tão presentes no espírito da “nação imaginada” como EUA que a história e a força do capitalismo, desde 1796, confundem-se com a própria história estadunidense. O cidadão dessa história do capital acredita que depende somente de si e, quase sempre, de uma relação com o religioso para obter *sucesso*. *Sucesso* é uma palavra crucial nos EUA, uma palavra-molde de uma forma de viver a vida, de acumular mercadorias, para a qual raça significou e significa facilidades e interditos. Embora menos presentes nos textos lidos, gênero também é um tema muito frequente. Passarei, portanto a discutir algumas dessas leituras, e como elas me auxiliaram a entender como a historiografia tem pensado a história dos EUA.

O primeiro que analiso é Jon Butler, decano da Universidade de Yale¹⁵⁹. A ideia central do livro gira em torno do que ele considera um fato: Butler sugere que, em 1680, como as colônias eram pequenas (a população total estimada não passava, provavelmente, de 150 mil habitantes) e relativamente homogêneas (por exemplo, apenas em 1770 a população havia chegado a dois milhões de pessoas étnica e racialmente diversas), as pessoas eram em sua maioria orientadas para o mercado, e a política até possuía um certo grau de sofisticação, mas a religiosidade já era diversa, com múltiplas manifestações tanto evangélicas como entre os negros. Isso foi fundamental, segundo o argumento de Butler, para a modernização dos EUA e para o processo do “tornar-se americano”.

A questão da religiosidade no período colonial se confunde com os fluxos migratórios e a diversificação da população¹⁶⁰. A grande maioria dos recém-chegados era de trabalhadores rurais. Essa pluralidade desenvolveu uma imensa fragmentação da experiência religiosa nos EUA, criando pequenas congregações locais, múltiplas, tão importantes no espírito colonial, para Butler, quanto os calvinistas, luteranos, puritanos, católicos e outras igrejas reformadas já estabelecidas. Em um de seus outros livros, *New World Faiths: Religion in American Life*, o professor de Yale comenta o desenvolvimento do catolicismo, das religiões tradicionais e do florescimento dessa diversidade religiosa, fragmentária, que elabora e reelabora sentidos, rituais e crenças, de umas às outras, continuamente. Por exemplo, um determinado grupo de luteranos poderia por algum motivo discordar de algo no seu grupo de

¹⁵⁹ Jon Butler, decano da Universidade de Yale, optou por dividir seu livro *Becoming America* em seis partes temáticas: Pessoas, Economia, Política, Coisas Materiais, Coisas Espirituais e 1776. Cada uma das cinco primeiras partes atravessa questões centrais das colônias dos EUA entre 1680 e 1770, sempre apontando para a sexta parte. Ele também constitui um forte argumento de que este foi um período de definição.

¹⁶⁰ No primeiro capítulo o autor fala do massacre dos nativos indígenas, da chegada dos escravos, mas também da expansão populacional, oriunda da vinda de ingleses, irlandeses, huguenotes franceses, escoceses, judeus e alemães, entre outros.

origem, reelaborando sua fé, ora se aproximando mais do puritanismo, ou do metodismo, ora se aproximando mais dos huguenotes, seja por meio de agregações ritualísticas ou sectarismos¹⁶¹.

Nesse cenário, qualquer cidadão poderia fundar uma igreja, tornar-se um líder religioso. Nesse sentido, a religião se demarca como o lugar do individualismo presente na colonização dos EUA, como uma marca da figura do homem livre. Por outro lado, a presença da religião de matriz africana ou indígena era suprimida (inclusive pela conversão forçada).

Butler atribui “a destruição do sistema de religiosidade africana” no tempo colonial dos EUA a duas grandes causas primárias: por um lado, obviamente, o próprio sistema escravista impede qualquer manifestação, pois entende o escravo como não espiritual. Os escravos negros no período jamais podem ser líderes espirituais, apenas trabalhadores escravos. A segunda questão fundamental que impedia a formação de uma religiosidade africana nos EUA se estabelecia no fato de que Akan, Ashanti, Dahoman, Ibo e Yoruba e outras formas de religiosidade negras eram distintas entre si, o que obviamente dificultava para os escravos, ainda mais, uma liderança religiosa, pois estes viviam em pequenos grupos em pequenas fazendas largamente separados de outros escravos. Junte-se a isso uma causa secundária, conforme Butler: as denominações cristãs viam nos cultos dos escravos “*uma oposição ao Senhor*” (pp. 92-102)

A leitura de *Many Thousands Gone: The First Two Centuries of Slavery in North America*, de Ira Berlin, é fundamental para entender melhor a questão da escravidão negra nas colônias continentais dos EUA. Para configurar essa questão, Berlin lembra, no prólogo do livro, que raça não é apenas uma construção social, mas uma construção social, de uma ordem específica, histórica, que não se sustenta fora do tempo e do espaço. Parodiando Edward Thompson, Berlin afirma que, como classe, raça também se expressa como “*uma fluência que foge à análise se tentamos pará-la morta a qualquer momento e atomizar e sua estrutura.*” Como produto da história, raça, para Ira Berlin, é sempre “*contestada no terreno social, em*

¹⁶¹ Butler demonstra como a imensa pluralidade religiosa e a facilidade como os processos comunitários religiosos nos EUA se rompem (dando origem a outros) são originadas neste período, e revela suas circunstâncias e estruturas. De certo modo, os grupos neonazistas vivenciam esta pluralidade religiosa e este mesmo padrão de rompimento/formação, mas não apenas eles: pela análise de Butler é possível perceber que este padrão de multiplicidade, rompimento e formação contínua de novos grupos é constante em todos os segmentos religiosos ou comunitários nos EUA.

consequência da luta de homens e mulheres enquanto tentam controlar seu destino”. (p. 1). Afinal, lembra o autor, *“até mesmo as relações sociais mais complexas se tornam caricaturas, quando homens e mulheres - subalternos ou superiores - são congelados no tempo”*. (p. 13)

No livro, Berlin estabelece uma diferença entre as cidades com escravos e as cidades escravagistas. Entre as primeiras ele situa cidades africanas fundadas pela Coroa Portuguesa como Elmina, uma das primeiras fábricas de escravos na costa ocidental da África, no território que hoje pertence a Gana. Certamente, um ponto de encontro para africanos e europeus e suas diversas ambições comerciais, Elmina consistia no Castelo de São Jorge da Mina e da cidade que a rodeava. Durante seus trezentos anos, milhares de escravos capturados passaram por lá, e permaneceram aprisionados à espera de navios para o tráfico transatlântico. Elmina foi a primeira e durante muito tempo a maior estrutura construída pelos europeus na África subsaariana.

Ao discorrer acerca dos moradores da fortaleza, Berlin comenta que muitos capitães europeus *“tomaram esposas e amantes, entre as mulheres africanas, e as crianças nascidas dessas uniões criou um quadro substancial de euros-africanos. Eram homens e mulheres de nascimento africano, cuja pele negra, vestimenta européia e hábitos e normas multilinguistas, os tornava híbridos, entre africanos e europeus. No entanto, era negada a eles aceitação em ambas as culturas. Quando eles adotavam formas africanas, usavam vestes locais e amuletos e/ou se submetiam aos costumes locais, os europeus os declararam párias. Quando eles adotaram costumes europeus, usavam vestes européias e roupas e crucifixos, empregavam nomes ou títulos europeus e comportavam-se como ‘homens brancos’, os africanos nativos lhes negavam o direito de possuir terra, casar-se e herdar bens.”* (BERLIN, 1998, p. 19). Essa dualidade parece absolutamente sem solução.

Por outro lado, Berlin nos informa que o que existe nos aglomerados populacionais da região continental nas colônias no início do século XVII, nos EUA, é uma imensa diversidade étnica. A força de trabalho está voltada para o tabaco nas regiões mais prósperas da Virgínia, e há a esperança de grande sucesso material. Nesse contexto, há os que desejam enriquecer, e lutam por terras e trabalhadores: buscam a ambos com voracidade, e a população nativa indígena é seu alvo imediato nas duas questões. Além disso, há os migrantes que estão vindo, e uma grande fonte de enriquecimento é o trabalho coagido, oriundo dos

servos. E os novos colonizadores também vão convocar os negros africanos como trabalhadores. O autor, no entanto, aponta que antes da revolução de Bacon¹⁶², era possível mão-de-obra de trabalhadores negros livres. E de negros servos. O argumento central do livro então se desnuda: a questão racial nos EUA seria fruto de uma permanente re-elaboração de sentidos, de uma transformação do significado dos dados, ao longo do tempo, continuamente, em diversas circunstâncias, entre as quais o “lugar” era a principal. Nesse sentido, raça parece, ao leitor de Berlin, um processo em que sentidos e polissemias são dados ao termo “cor”, a partir de uma relação tempo/espaço, como um cronotopo bakhtiniano.

Berlin admitiu a questão econômica como fundamental na elaboração do processo que definiu quem faria e quem não faria parte da condição de cidadão na nação estadunidense. Também articula nesse processo a dinâmica religiosa: os donos de escravos organizaram na religião um código moral que lhes permitia não experimentar nenhum processo de culpa ou consciência – tudo era elaborado como parte do plano de Deus, relataram a si mesmos¹⁶³. Nesse código perverso, cabia aos escravagistas a pior parte, pois, segundo esses escravagistas insistiram, eles tinham os encargos reais da escravidão. Retratar o povo escravo como infantil, sem direção e afeito a desejos e crenças inadequadas era uma forma de garantir que “precisariam” da orientação e da disciplina civilizatória do homem branco, argumento fundamental ao escravismo.

Berlin faz uma análise minuciosa dos dados da escravidão em quatro espaços geográficos distintos nas colônias (a baía de Chesapeake; a região Norte; a região do litoral; e o Vale do Mississippi) e em três períodos distintos (antes da revolução de Bacon, em que a escravidão seria pontual; o período de consolidação da escravidão; e o período das eras revolucionárias¹⁶⁴). Berlin deixa de fora o período imediatamente anterior à Guerra Civil, pois seu processo historiográfico está centrado na construção, consolidação e dilemas da escravidão, e do que ela significou no processo histórico.

Há duas questões fundamentais nesse livro seminal: a primeira é que a escravidão se tornou um problema de todo o país, de todas as regiões. A segunda é que esta questão se

¹⁶² Umhas infinidades de explicações já foram dadas para a revolta protagonizada pelo jovem Nathaniel Bacon contra o veterano Governador Sir William Berkeley, na qual o primeiro acusava o segundo de favorecer nativos indígenas. Obviamente, os nativos foram utilizados como forma de levantar o ódio dos colonos, num levante que até hoje tem explicações e historiografia dúbias.

¹⁶³ Esta compreensão permaneceu no universo simbólico na formação da KKK.

¹⁶⁴ O autor se refere às grandes revoluções democráticas do período: americana, francesa e haitiana.

desenvolveu articulando questões econômicas, religiosas, políticas, questões coletivas, expectativas individuais, elaborações e deslocamentos. Nesse processo, segundo Berlin, fica manifesto que a diferença de cor não foi fundamental para construir o racismo ou a escravidão, mas sim o que essa diferença significou, em momentos diversos, e como essa diferença foi instrumentalizada para fins racistas e escravistas.

“Raça é uma categoria constantemente redefinida”, Berlin afirma no prólogo do livro, e discute o porquê desta redefinição ao longo dos dois séculos coloniais nos EUA: *“reconhecendo a volatilidade das experiências que definiram coletivamente raça, e, em seguida, sugerindo como eles mudaram ao longo de dois séculos”* (p.2). Na perspectiva abordada por Berlin, a escravidão *“era ao mesmo tempo um modelo e uma metáfora para as formas mais extremas de exploração, alteridade, e até mesmo a morte social”*. (grifos meus)

A escravidão determinou o monopólio de obtenção e produção de vários produtos (açúcar, ouro, tabaco são exemplos), e este domínio da produção, por sua vez, determinou o gerenciamento do poder político. Na ausência de concorrentes, os senhores de escravos solidificaram seu domínio. Por meio do domínio do Estado, que promulgou, revigorou ou aceitou, de modo tácito, as normas dos soberanos escravagistas, muitas vezes definindo a total *“soberania sobre a vida de seus escravos.[...] Os senhores de escravos elaboraram uma lógica de subordinação, geralmente encontrando ‘suas fontes em alguma regra da natureza ou na lei de Deus’ ”* (BERLIN, p. 9)¹⁶⁵.

Outro livro fundamental para entender a constituição da escravidão nos EUA, e como ela operacionalizou a questão de raça, é *Slave Counterpoint: Black Culture in the Eighteenth-Century Chesapeake and Lowcountry*, de Philip D. Morgan, publicado em 1998. No livro, Morgan demonstra como na virada do século XVI para o século XVII as diferenças entre as economias da Carolina do Sul e a Virgínia foram determinantes para efetivar transformações na perspectiva escravagista. Anteriormente, no século XVI, ambas as

¹⁶⁵ A escravidão definiu e institucionalizou as relações entre brancos e negros, e mesmo entre homens e mulheres: Berlin recorda, por exemplo, “que a mais importante das leis discriminatórias, de acordo com Kathleen Brown, era um imposto sobre as mulheres negras livres, que as distinguiu das mulheres brancas, ao mesmo tempo moldando noções de gênero e raça”. (nota 28, página 389). Berlin destaca, em toda a extensão do livro, como a questão racial foi fundamental para definir, ainda, o espaço da classe, e em alguns momentos, também de gênero. No fim do livro comenta como os negros fugidos e livres foram importantes no processo de libertação, muito mais que qualquer “grupo revolucionário ou sermão evangélico”, mais uma vez destacando, ainda, a relação da religião de alguma forma na questão, quer na sua manutenção, quer na sua oposição à escravidão (BERLIN, 220-223). Apesar disso, lembra, a liberdade progrediu lentamente e de forma desigual.

sociedades compartilhavam um sistema escravagista predominantemente povoado por escravos experientes oriundos do Caribe, em que o número de homens e mulheres negros era equilibrado, e em que os escravos partilhavam o trabalho com uma imensa variedade étnica, o que lhes permitiu que aprendessem inglês e formassem família.

No século seguinte, as regras se tornaram muitíssimo mais duras e perturbadoras, de maneira diversa nas localidades citadas. Nas regiões discutidas pelo autor, na Virgínia (Chesapeake) e na Carolina do Sul (o Lowcountry) as experiências de escravos foram bem distintas: os escravos de Chesapeake se engajaram em uma assimilação cultural e, em muitos aspectos, cruzaram as linhas raciais com muito mais facilidade do que suas contrapartes no Lowcountry, que mais prontamente mantiveram os artefatos culturais tradicionais africanos em suas vidas americanas. Na Carolina do Sul os escravos passaram a ser cada vez mais vigiados, castigados fisicamente, segregados, e tratados como propriedade. Em contraste, os escravos de Chesapeake eram geralmente mais bem alimentados e vestidos. O livro ajuda a pensar como, em diferentes partes dos EUA, foram construídas concepções diferentes para escravatura e raça, que, de alguma forma, determinaram diferenças legais, as quais por sua vez reforçaram estas concepções num processo contínuo de reelaboração, ainda que a experiência da escravidão fosse sempre uma agressão. Tudo isso acabou definindo regiões mais e menos racistas no mapa estadunidense.

Portanto, da leitura destes livros, cinco elementos são importantíssimos para problematizar a questão neonazista:

1) Primeiramente, como o solo religioso dos EUA, a origem também religiosa de sua colonização, e sua tendência à multiplicidade, por desconformidades dos grupos, cria uma imensa heterogeneidade no processo de formação de comunidades religiosas: há grupos que surgem por rompimento, por alianças, por recuperação de antigas tradições, por mesclas entre estas formas, enfim, por inúmeras configurações de modelagem, entre as diversas religiões presentes, tornando a trama cada vez mais irregular e multifacetada. Essa é, por assim dizer, a constituição da religiosidade daquele país: heterogeneidade, descontinuidade, proliferação. Os grupos neonazistas herdam esta característica, e em suas comunidades há grupos que defendem desde o arianismo cristão até o Odinismo puro, passando pelo ateísmo, a mistura de tudo isso, o paganismo de outras fontes, Asatru, protestantismo, enfim, entre curvas e desvios, o terreno religioso do neonazismo é acidentado, fragoso, multiforme, e nada homogêneo;

2) Os grupos neonazistas se estruturam, assim como as comunidades religiosas, em torno de um líder que assume certa similaridade a um líder religioso, se pensarmos a devoção e a imagem que os grupos desenham para si desta pessoa. Além disso, qualquer membro pode se sentir apto a formar um novo grupo, rompendo e reiniciando o processo até que a proliferação permita um novo rompimento. Não é um rizoma, não é uma rede, é muito mais um arquipélago instável, no qual a qualquer momento emerge outro grupo, o qual passa a originar novamente outros solos...

3) Os grupos neonazistas, assim como todas as comunidades coloniais, vivenciam um processo de tornar-se americano. Eles assumem declaradamente que são os verdadeiros americanos, os verdadeiros representantes dos EUA, “*mais americano que torta de maçã*”, escreveu April Gaede. E exatamente por isso precisam se separar dos EUA, que já não são EUA, para tornar-se EUA novamente, visto que EUA agora são ZOG. Também daqui se conclui um estado colonial em aberto nestes grupos, no tornar-se.

4) Assim como o era na época colonial, para os neonazistas, “*raça é uma categoria constantemente redefinida*”: é uniforme se falam em guerra racial; é DNA se falam em discurso biológico; é algo que se descobre pelo contato com a suástica se está transitando no reino do simbólico. Há um foco permanente em bidimensionar raça como mito e genética. Raça, ainda, é uma categoria em que cabe o conceito de Nação (exatamente porque para eles nação é um conceito racial e mitológico): “minha nação é minha raça” dizem os neonazistas: eles transformaram “raça” numa categoria elástica, muito maior que a do século XIX. Ora é “determinada” por Deus, ora pela natureza – enfim, todo sentido é negociado pelo grupo. Raça é tanta coisa, é a pele, o uniforme, a nação, a religião. Raça é sem dúvida de uma plasticidade explosiva, uma categoria elástica o suficiente para abarcar existência, experiência, posse, ubiquidade. A onipresença da retórica do “ser branco” (whiteness) concentra os mais diversos elementos possíveis. Raça é muito mais aqui do que era no discurso de Joseph Arthur de Gobineau, mais que qualquer sociologia poderia explicar, ocupa tamanha assiduidade retórica, que passei muito do meu tempo tentando compreender do que estão mesmo falando quando digitam “raça”.

5) Por fim, mas não menos importante: sejam processos legais, acontecimentos, eventos cotidianos, todo o drama social alimenta o processo racial dos grupos. A raciologia neonazista é ampla, constantemente modificada, politicamente articulada. Nenhum detalhe é

esquecido ou omitido. Tudo é explicado à exaustão. Encontrar estes elementos e sua relação com a historiografia dos EUA foi fundamental para pensar a história do Neonazismo, detalhada em minha etnografia.

B.3 Pele, uniformes, tortas de maçã: entre racistas, paranóicos, nacionalistas e religiosos: eles, os Neonazistas¹⁶⁶

A narrativa neonazista combinou ao longo de sua trajetória histórica elementos diversos para se inventar. Entre esses elementos, alguns estão presentes em todos os movimentos que podem ser considerados neo-teutônicos virtuais, como a negação do Holocausto, a xenofobia, o antissemitismo, o medo do “genocídio branco” numa “America dominada por judeus”, o racismo e a crença numa Alemanha imaginária, dada não necessariamente por língua ou ancestralidade, mas por aceitação de símbolos e mitos. Por outro lado, alguns elementos, e a forma como esses elementos se articulam, constituem a narrativa de cada grupo neonazista expressa uma particular constituição local: revelam o solo com o qual a narrativa se elaborou, e processo específico que constituiu essa narrativa. Dessa forma, no Brasil, o nordestino sempre foi o elemento a mais ser hostilizado pelos grupos racistas, ao lado dos sempre presentes judeu e negro. O inimigo do ideal neonazista brasileiro, do seu neo-teutonismo virtual particular, são os povos do norte, é a miscigenação. Podemos problematizar, por exemplo, o quanto a erupção do ódio aos nordestinos revela como a narrativa social da extrema direita está mais ou menos presente no discurso político de um grupo local.

Da mesma forma, em alguns lugares dos EUA, o segundo inimigo mais comum é o latino, depois do judeu; em outros, o negro; em outros é o descendente de árabes. As narrativas vão se modificando conforme a espécie de formação narrativa que se constituiu. Não há, portanto, homogeneidade no movimento. Não existe “o neonazista”. Existem grupos, às dezenas, que rompem com suas células de origem, ou surgem por outras “descobertas”, diferentes entre si, com alguns elementos em comum, e diferenças que marcam lugares, posições, distinções.

O neonazismo estadunidense, doravante denominado apenas de neonazismo, sempre se diferenciou do nacionalismo exacerbado dos grupos nacional-socialistas do restante do mundo. Para os grupos do EUA, preservou-se a ideia de uma força neonazista de fato, liderada pelos Estados Unidos como o principal poder branco do mundo. E uma crença: se a

¹⁶⁶ Agradeço à Prof^a Dr.^a Suely Kofes, minha orientadora e ao Prof. Dr. Paulo Dalgalarrodo pelas sugestões dadas durante a minha qualificação. O estudo dos movimentos conspiradores, sugestão do prof. Paulo, foi fundamental para dar corpo a este capítulo. Entre os muitos autores, destaco dois, que me elucidaram o estado da arte nos Estados Unidos: Richard Hofstadter e Jack Bratich.

América, como eles chamam os EUA, acordasse e se libertasse do poder ZOG (Zionist Occupied Government, ou o Governo ocupado por Sionistas), ela alavancaria o processo de emancipação de todos os homens brancos em um movimento global de nacionalismo racial. Ainda que perante grande parte da população neonazista eles se atribuam o crédito de descendentes de alemães, acreditam que é dos EUA sairá o líder que conduzirá à libertação racial. Eles se acham a força neonazista mundial, a pátria do grande líder David Lane. Quando pensam em criar uma cidade neonazi em Dakota do Norte, asseguram refúgio ao partido grego Aurora Dourada. Eles são os líderes, e assim se colocam, também nessa questão, diante do mundo.

Dentro destes grupos dos EUA, país em que me deterei, por ser o país de nascimento de David Lane, figura central da minha análise, alguns elementos são estruturais em todos os grupos, presentes em todos os solos que deram origens as diversas narrativas neonazistas estadunidenses. Esses elementos são: o racismo; as teorias de conspiração; a religiosidade; e o nacionalismo específico da sociedade estadunidense. Além disso, toda a narrativa neo-nazista no mundo contemporâneo e explicitamente a definida por David Lane – é a narrativa bidimensional que vincula uma materialidade genética e uma espiritualidade ancestral de modo a torná-las contínuas: *“Wotan desperta a nossa alma racial e memória genética. Ele mexe com nosso sangue”*, escreveu o líder pesquisado. Não há oposição entre corpo e espírito, ao contrário, forma-se um amalgama entre a substância e a alma, e na maneira em que os escritos condensam o pensamento, genes e símbolos são tecidos na mesma trama, entrelaçados para criar o “uniforme racial”.

Em 1934, Ludwig Lewisohn, autor alemão radicado nos EUA, supunha o nazismo como “uma revolta pagã contra toda a civilização cristã”, fundado numa suposição de *“superioridade espiritual e biológica dos alemães arianos; e o mais incrível, é que se acreditava nesse mito racial”* (LEWISOHN 1934: 144-145). O neonazismo, semelhantemente, também crê nessa superioridade espiritual e biológica, e a explica como mutuamente elaboradas, co-dependentes. Ainda na seita da Identidade Cristã, que forma muitos grupos neonazistas, o Cristianismo é combinado a elementos racializados e pagãos, para valorizar os contos de origem da supremacia branca.

De todos os ideólogos nazistas, os neonazistas se aproximam mais de Alfred Rosenberg, de cujo na formação do partido nazista muitos estudiosos historicamente

duvidaram, em especial porque sua formação de arquiteto impunha um discurso que destoava da grande maioria do partido: ao invés de localizar raça como um componente genético ou lingüístico, Rosenberg procurava a via mítica¹⁶⁷. Por isso mesmo, Richard Bollmus¹⁶⁸ chamou Rosenberg de contribuinte “irracional” da ideologia do NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em alemão: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei), e observou que Hitler rejeitou as tentativas de Rosenberg de dar uma “intensidade religiosa” de sua interpretação racista da história (BOLLMUS 1993: 185, apud ALLEN). Leon Poliakov também investigou as raízes da mitologia e da religiosidade em torno da noção de “raça ariana” em *The Aryan Myth* (1974).

Poliakov explorou a marca deixada Rosenberg no partido, a busca constante por uma identidade nos ditos ancestrais, e destacou que os mitos arianos arrastaram a Alemanha a construir “*a doutrina do Terceiro Reich, em que homens designados como não arianos eram sacrificados ao deuses do racismo*” (POLIAKOV 1974, p. 327). Essa afirmação ressoa profundamente as idéias de Rosenberg.

Para ele, no mito residiria o poder de unir as forças fundamentais e todas as direções, tanto as individuais como a de um povo, o poder de identidade invisível e não-empírica subterrânea, o que Rosenberg chama de “absolutos sem limites” (p.2, p.21). Ele defendia esse “*despertar mítico*”, que permitiria “*começarmos de novo para sonhar nossos próprios sonhos primitivos*” (ROSENBERG, p. 283). Assim “Wotan e Valhalla” repercutiriam para Rosenberg os vikings “roubados” que “*sonharam com honra e estado, que desejaram governar e criar*” (129). Para ele, é o mito que construiria a verdadeira Alemanha¹⁶⁹. Não o sangue, nem a língua, como desejavam seus colegas de partido. Para Rosenberg nunca teria havido “*um estado verdadeiramente alemão*” (ROSENBERG, p. 284), pois esse Estado apenas se constituiria pela identidade mítica, a qual seria nórdica e pagã. Os neonazistas parecem ressoar bastante a máxima desse autor sobre raça: “*A raça é a imagem externa de uma alma determinada*” (ROSENBERG, p. 331; p. 559). Rosenberg aprimorou a

¹⁶⁷ Ele defendia que “*Cada raça tem a sua alma, e cada alma tem a sua raça — uma arquitetura interna e externa singular, uma aparência característica e estilo de vida, e uma relação única entre as forças da vontade e da razão*” (p. 80)

¹⁶⁸ Apud ALLEN, in William Sheridan Allen, "Das Amt Rosenberg und seine Gegner. Zum Machtkampf im nationalsozialistischen Herrschaftssystem. Richard Bollmus," *The Journal of Modern History* 44, no. 1 (Mar., 1972): 145-146.

¹⁶⁹ Alfred Rosenberg, que confiscou objetos de arte de todos os países ocupados, acabou também por seqüestrar quase toda a Biblioteca Spinoza para entender o que ele determinava “problema Spinoza”: como um judeu poderia ser um filósofo reconhecido pelos alemães? (HILBERG, 2000).

perspectiva acerca dos nórdicos no passado e futuro alemães no contexto do pensamento nazi geral e ofereceu uma revitalização para antigas crenças de heranças raciais e míticas alemãs que produziram pensamentos neo-pagãos; assim, ele se tornou, num certo sentido, pai de todo o pensamento neo-pagão neonazista.

Embora Joachim Fest, em *The Faces of the Third Reich*, tenha apresentado Rosenberg como uma figura patética, “*um profeta sem honra no seu próprio país*” (FEST 1970, p. 165), ele abordou o livro de Rosenberg como uma tentativa de encontrar um sistema racional de filosofia, no lugar de mera expressão religiosa, para construir o mito neonazista. Para Rosenberg, a “*religião de dependência*” era particularmente judaica, e por isso era preciso encontrar uma solução fora do sistema judaico-cristão para construir a mítica alemã, e a encontrou na mitologia nórdica. Além disso, Rosenberg preferia o Luteranismo, também pelo anti-semitismo dos textos luteranos¹⁷⁰.

O neonazismo surge de uma radicalidade perversa dentro da intersecção desses elementos, e para compreender a narrativa neonazista, é preciso dar conta desta questão. O neonazista vivencia uma incorporação, uma personificação (*embodiment*) radical desses elementos, e neste processo seu “corpo é ritualizado” (BELL, 1992)¹⁷¹, dentro de um ambiente expresso por narrativas que determinam pertencimento, continuidade, separação, cortes e descontinuidades. A essas narrativas cada neonazista responde em sua trajetória, mas este ambiente é verdadeiramente cunhado, sistematizado e aparelhado com precisão num determinado solo narrativo. A interação recíproca complexa do corpo e seu ambiente ritualiza e forma o neonazista.

A introdução de um novo membro num fórum neonazista pode exemplificar como se dá esta ritualização:

<etno21> *Olá, eu estou me sentindo muito grata por ter encontrado Stormfront. Eu vivo em Baltimore, Maryland, e não temos pessoas como o espírito para falar. As pessoas brancas na minha área, estão com medo de falar, sobre como eles realmente sentem. Elas temem ser rotuladas de racistas, perdendo seus empregos e temem retaliação por parte da comunidade negra. Crimes dos pretos, na área está fora de controle. A maioria deles nunca é relatado pela mídia. Gangues de negros*

¹⁷⁰ Rosenberg é mais simpatizante do protestantismo porque vê em Lutero, ainda, um primeiro nacionalista alemão e defensor da pureza racial. Ele usa muito o texto de Lutero “o Judeu e suas mentiras”.

¹⁷¹ Aqui penso na perspectiva definida por Catherine Bell em que uma variedade de atividades comuns constitui “ritualizações”.

estão atacando, roubando, estuprando, espancando e até mesmo, matando os brancos e não está sendo relatado. E eles fogem. Eu me sinto como se eu estivesse vivendo em uma zona de guerra e estou sempre em estado de alerta. Espero em Deus, para que eu possa sair em breve. </etno VNN>

A internauta, que usa o nickname de *Rosa Branca da Germânia* no fórum *Stormfront* (o maior fórum neonazista multilíngüe do mundo define-se como uma comunidade racalista não racista, como todo movimento nacional socialista o faz), afirma no fórum que é mulher, que vive em Baltimore, e pelo relato inicial no fórum, aproxima-se do grupo pela ritualização do medo. O inimigo é retratado como absolutamente fora de controle, protegido pela mídia, o que coincide com a narrativa neonazista, e ela descreve seu processo de incorporação como um aprendizado do estado de alerta. Em outra postagem, fala como nunca ganhou bonecas negras na infância, e que não gostaria de ter ganho; chega a afirmar que teria se livrado dela rapidamente se ganhasse uma. Desta forma, incorpora a narrativa do grupo de um essencialíssimo racista natural, em que crianças estão preparadas para decidirem acerca do léxico que demarca lugares e delimita pertencimentos. Posteriormente, ela assume a nostalgia presente nos textos neonazistas, relatando um passado idílico, termo que ela mesma usa:

<etno22>Meus pais vieram da Alemanha. Eu cresci em uma cidade pequena em Maryland, que era principalmente branca. Tive uma infância muito idílica. Quase nenhum crime, valores tradicionais da família, da igreja, dos esportes, um bom senso de comunidade, boas escolas, a vida da classe média. Minha família estava envolvida em muitas organizações / sociedades alemãs. Foi uma boa vida. Agradeço a Deus por essas muitas lembranças boas. Minha vida foi destruída, muitos anos atrás, quando meus pais morreram. Eu não tinha família nos EUA, e acabei presa no sistema, e sozinha. Vi-me por conta própria com a idade de 15 anos. Para fazer um resumo, toda a área de Baltimore / Washington tornou-se uma zona total de porcaria. Eu não me sinto segura: o crime é galopante, os brancos são minoria em muitos lugares. Os brancos têm medo de se defender. Eles estão com medo de serem rotulados racistas. Eu não quero mais viver na área. Eu recentemente vendi minha casa, e fui viver com a minha filha e seus dois filhos. Eu quero recomeçar a minha família fora desta área, num lugar seguro para viver. Eu tenho dinheiro suficiente para comprar uma casa, mas vamos ter que encontrar empregos para estabelecemos a nós mesmos. [...] Eu quero que meus netos tenham o tipo de infância que eu experimentei. </etno VNN >

Para se legitimar perante o grupo, a narrativa repete a fórmula onipresente da Alemanha ancestral, dada pela ascendência, da qual se foi separada abruptamente. A questão da Alemanha é tão forte que há posts para se definir as cervejas alemãs que os racistas preferem. Devem gostar de cerveja, e devem ser alemãs. As preferidas desta senhora, que

afirma ter 52 anos, são *Ranziskaner Hefe-Weisse* e *Schneider Weisse*. Seus textos são emoldurados numa nostalgia de um passado branco, feliz, seguro, “de bons valores”, ameaçado pelo presente. É a presença do negro (ou do judeu e do imigrante, ou de uma combinação destes elementos) que insere o crime, a insegurança, o medo e o perigo para a proximidade.

A narrativa também coloca, como habitual, o foco no futuro das crianças brancas, ao mesmo tempo em que vê o sistema, o governo, como um não-aliado, muito mais como um aliado do inimigo, no processo que se instaura. As reminiscências de um passado em que lugares eram definidos de maneira mais precisa, e interdições raciais eram absolutamente específicas, ficam ainda mais evidentes quando ela descreve suas brincadeiras de criança: afirma nunca ter brincado com bonecas negras. Ela nunca quis ter uma, ao contrário de sua irmã, que chegou a ter três bonecas negras. Ela enfatiza o fato que jamais deixou que as bonecas se misturassem, e associa isso em sua reflexão ao fato de jamais ter tido amigos ou namorados negros: desta forma, seu discurso repete a gramática acerca da qual se assenta a ideia de que o casamento inter-racial causaria o genocídio da raça branca: como branca, ela *naturalmente* nunca o desejou. Com esta narrativa ela demonstra ter incorporado os rituais de segregação do grupo.

Em outra postagem, a mesma internauta comenta os bairros invadidos por negros que recebem subsídio do governo. Ela acha racista o programa do governo, por privilegiar os negros. Também comenta que os bairros em que eles se instalam têm rapidamente os índices de violência e criminalidade aumentados. Os brancos se vêem acudados e migram para outros lugares.

Ela responde à postagem: “*O quanto branco é seu DNA¹⁷²?*”, afirmando que por ter perdido seus pais alemães muito cedo, ela fez o exame de DNA como uma forma de se aproximar de suas origens. Segundo o resultado do exame, postado por ela, ela não possui nenhum traço de DNA africano, nem judaico, 58% de seu DNA é da Europa Oriental, 2% da Ásia, e o restante, dividido entre lugares como Grã-Bretanha, Irlanda, Itália, Grécia e Finlândia, entre outros com traços menores de registro. O discurso do DNA serve aqui para materializar a noção de raça, para dar à substância um sentido específico, balizado pelo léxico

¹⁷² Esta é uma questão comum no movimento, mas ficou ainda mais importante depois que o defensor da supremacia branca Craig Paul Cobb.

do movimento.

Posteriormente, a internauta disponibiliza no fórum um vídeo de uma banda neonazi. A música é *Ich Vermisse Dich* (algo como “Eu sinto saudade de você”) da banda *Sleipnir*. A música fala de uma certa nostalgia de quando se está na casa dos avós, e eles recordam os “heróis”, entre eles o avô (subtende-se que são nazistas), e como eles deram a vida pelo país, a Alemanha. A música expressa vontade de conhecê-los, ao mesmo tempo em que fala da verdadeira noção de honra, “não importa o que digam, você era um homem bom”, pois deu a vida pela crença, pela Alemanha, pela raça. Essa ancestralidade é evocada pela internauta, que se diz avó e neta de alemães, e demonstra esta identificação com ambos os papéis: a que deseja ser lembrada pelos netos como a que dará a vida pelo resgate da germanidade, e ao mesmo tempo a que vive envolvida nessa atmosfera de saudade, tristeza, ausência, e que sabe da verdadeira verdade “não importa o que se os outros digam”. O vídeo é de um canal do Youtube que disponibiliza outras mídias semelhantes, e enquanto a música prossegue, imagens de oficiais nazistas vão sendo exibidas.

Finalmente, no fórum se debate acerca da necessidade de se negar o Holocausto. A pergunta é: Assim, para ser um WN (White Nationalist, nacionalismo branco), é uma ação tão necessária negar ativamente ou realizar negacionismo do Holocausto? Será que é realmente importante? Como se efetuam os interesses brancos?

A primeira resposta a esta questão dada por um outro internauta é: Não. O único ideal unificador por trás nacionalismo branco é as 14 palavras. A seguir uma grande soma de indivíduos respondem que sim, é extremamente necessário, e quando alguém mais diz que não, é em sentido irônico. Por sua vez, a informante que analisamos aqui afirma:

<etno 23> Eu acredito no que o meu próprio sangue, a minha própria família, que realmente viveu na Alemanha durante a guerra me contou. Alguns dos campos tinham piscinas, hospitais, teatro, orquestra, equipes de futebol, esportes, etc. Nenhuma prova de que câmaras de gás. Nunca existiram. Não há fotos ou fotos aéreas de câmaras de gás. Pessoas morreram de doenças e fome, devido à escassez de alimentos e suprimentos médicos. </etno VNN >

Embora um internauta tenha postado que não haja

“necessidade de realizar revisionismo do Holocausto para ser um nacionalista branco”,

todos os grupos encontrados, quando mencionam o tema, é pela via do

negacionismo¹⁷³. Ou seja, ou o Holocausto é negado, ou não se fala no assunto. Note-se, ainda, quanto a fala de número 23 depende fala de número 22, visto que uma é legitimada pela outra. O fato de seus pais terem vivido na Alemanha, de serem alemães, determinam um lugar de quem fala para a internauta, dando a ela um certo poder no grupo que ingressa: ela pode servir como um elemento autenticador da denominada “farsa do holocausto”. Quando não se fala no assunto, como acontece em apenas um dos grupos, é porque, ao que nos pareceu, o ódio principal do grupo é voltado aos latinos e não aos judeus, então o tema parece na verdade mais deslocado do que central, e talvez por isso não surja no site. Mas aparece em gravuras, como “holoconto”, “mentira do século”, no fórum do site, na seção de “Perguntas”, ainda que de maneira diminuta. Sobre essa resposta, a internauta faz questão de colocar os campos de concentração como lugares aprazíveis: possuem teatros, piscinas, hospitais. Não havia câmaras de gás. Bem adequada ao grupo, ela repete o discurso aceito. Mas o que mais chama atenção nesta pergunta é a resposta do segundo internauta, que declara: O único ideal unificador por trás nacionalismo branco é as 14 palavras.

Ao revelar que “o único ideal unificador” são as “14 palavras” construídas por David Lane, palavras a quem a internauta em sua narrativa de apresentação acolhe total e integralmente, ao desejar um lugar e futuro melhor para os netos, os participantes do fórum descrevem que é a personagem elaborada por David Lane a representação ideal do neonazismo, e que esta expressão alcança sua expressão máxima nas “14 palavras”. David Lane se torna ariano ao escrevê-las, e cada neonazista se transforma em um “defensor da raça” ao assumi-las como “objetivo de vida”. Observo como, tanto na internauta que se aproxima do fórum em suas primeiras postagens, como nos membros mais antigos, racismo, religião e teorias de conspiração (no sentido estudado por Michel Barkun) são presentes sempre na discussão, e apontam para um foco comum, para uma única solução: as 14 palavras.

As “14 palavras” se tornaram o epicentro do neonazismo, para todo o movimento. Num outro post, em que se perguntou o que as 14 palavras significam para você, mais de 70

¹⁷³ É interessante que mesmo os que negam a morte de gays no Holocausto, num primeiro momento, como em grupos anti-gays, que defendem que os muitos oficiais nazistas eram gays (como os escritores da PINK SUASTIKA), em outro momento questionam a morte de judeus. É sempre o Holocausto que é posto em questão, nunca o horror do Estado Nazista. Um dos exemplos mais evidentes disso é o discurso do Pastor Steven Anderson, que faz contas do tipo: claro que não era possível que houvesse marchas da morte, seria descabido, não havia alimentação ruim, porque era um campo de trabalho, não havia como matar tanta gente, nem haveria por quê, então o número de mortes tem que ser menor. O ódio procura o argumento que deseja para que a conta caiba em seu argumento.

usuários responderam (o post foi trancado ao chegar à décima quarta página). Escolhi algumas amostras relevantes para minha interpretação:

<etno241>Elas são palavras gentis de esperança e conforto em uma tempestade de imigração, de miscigenação, decadência e perversidade, lançadas sobre nós pela invisível dominação judaica, mundial e global. São palavras teimosas que sustentam todo o núcleo de nosso movimento - e não apenas a nossa sobrevivência, não apenas a nossa luta, mas o fortalecimento de nossas mentes e nossa determinação, a limpeza de nossas fraquezas e divisões. São palavras agressivas que desafiam os inimigos da nossa raça e nações, sejam eles judeus, Muçulmanos, árabes ou Negros, e avisam que não vamos viver tranquilamente na obscuridade, mas vamos lutar. </etno STF>

<etno25>Quais são as 14 palavras para mim? Bem, é um código no qual eu moro, e me esforço para cumprir e proteger diariamente. As 14 palavras são uma medalha de honra que nós, brancos nacionalistas vestimos com orgulho e convicção! As 14 palavras representam um grito de guerra, e para mim são a razão que nos diferencia de Todo o resto do povo do mundo! Meu Sangue é a minha honra. Minha pele é meu uniforme. As 14 palavras estarão sempre em meus lábios e na minha mente! </etno STF>

<etno26>Devemos assegurar a existência de nossa raça e um futuro para as crianças brancas. Para mim, isso significa algumas coisas muito simples. Em assegurar a existência de nossa raça me coloca o dever primeiro e acima de tudo parar a taxa de natalidade branco negativa em todo o mundo (mais brancos estão a morrer que nascendo a cada ano). Sem isso nada mais importa depois de algumas gerações. Para isso, devemos criar um ambiente em que os brancos possam de forma segura e com sucesso se reproduzir. Isso significa que devemos terminar a miscigenação e nos separar dos governos sionistas que fazem do bem-estar dos não brancos, uma responsabilidade fiscal dos brancos. Uma vez que os recursos gerados pelos brancos são utilizados para beneficiar os brancos, os casais brancos devem ser capazes de arcar com uma média de 2 ou mais crianças brancas. Isto irá assegurar a existência de nossa raça. Proporcionar um futuro (sustentável) para crianças brancas também exige separação. Com isto quero dizer que devemos acabar com a educação integrada. Esta experiência tem sido comprovada em promover uma perda de identidade racial e incentivar a miscigenação. Para não mencionar a redução dos padrões acadêmicos e numerosos e sempre crescentes casos de crimes violentos dos não brancos (geralmente contra brancos) prevalentes nestas instituições. Curto e doce, é preciso criar uma nova nação, estados feitos por brancos, para os brancos, e somente composto por brancos. <STF>

Um outro internauta copiou um trecho de uma entrevista de David Lane dada ao blog do movimento Sangue e Honra (B&H em inglês):

<etno 27>B & H¹⁷⁴: Você poderia nos contar o que as duas frases compostas por 14 palavras significam para você, pessoalmente, e se você achava que ambas teriam um impacto tão grande no mundo inteiro? Será você se surpreendeu ao ver que as pessoas usam as 14 palavras em todo o mundo como um sinal de unidade e fraternidade?

¹⁷⁴ Reprodução de entrevista de David Lane postada no fórum.

David Lane: Não, eu não estou surpreso com a propagação das 14 palavras - Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas. Não vou me alongar no sentido esotérico, mas elas são uma fórmula oculta e uma antiga profecia. Ambos os conjuntos de 14 palavras-do outro ser, tem 14 palavras, 61 letras 20 sílabas, e um valor numérico de 741. [...]

B & H: Para os nossos filhos, as razões das 14 palavras, que conselho você lhes daria para o futuro e o que você acha que deve ser feito?

David Lane: As nossas crianças enfrentam um futuro terrível. Ensine-os a ser sábio e astuto, quando entre o inimigo. Nossos povos eram bravos. Os judeus foram astutos. Então, agora eles dominam o mundo e sentenciam a nossa corrida para a morte. Coragem sem astúcia é suicídio.

B & H: As 14 palavras uniram e inspiraram milhares de pessoas brancas a estarem juntas. Você sente que a unidade é uma das coisas mais importantes?

David Lane: A unidade do mundo fala por si. Nós não podemos ser os americanos, alemães, russos, etc. Apenas arianos. Eu só espero que a imortalidade continue com o criador das 14 palavras!

Hail David Eden Lane! Gone to Halls de Valhalla!

*"Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas". Isso para mim é um código de "vida" e ousar dizer é a pedra angular de toda movimento!
<STF>*

<etno26>Apenas para o registro, gostaria de salientar que as catorze palavras de David Lane são nada mais do que uma citação parafraseada e condensado de Adolf Hitler. Heil Hitler.

"O que temos de lutar para salvaguardar é a existência e reprodução de nossa raça e nosso povo, o sustento de nossos filhos e a pureza do nosso sangue, a liberdade e independência da pátria, para que o nosso povo possa amadurecer para o cumprimento da missão designada pelo criador do universo. "

Mein Kampf de Adolf Hitler</etno STF>

Várias características da relação dos escritos de David Lane, em especial das 14 palavras e de seu impacto no movimento, podem ser observadas nessas postagens. Durante a etnografia percebi a importância imensa que este slogan, um código para eles, detém no movimento. As palavras de Lane unem, inspiram, confortam, criam esperança, escrevem os neonazistas. Outro nazi lembra que as palavras de Lane são uma releitura das palavras de Hitler. Nesse sentido, é esse lugar que Lane parece desejar ocupar, não apenas o do líder nazista, mas o de ancestral da raça, ao afirmar que as palavras em si mesmas trazem um poder esotérico, que representam “uma fórmula e uma antiga profecia”.

Ao escrever as 14 palavras ele expressa uma síntese do projeto hitlerista, ocupando, no imaginário neonazista estadunidense, o lugar do líder do partido nazista alemão. Lane é mais próximo dos brancos americanos, e por outro lado admira Hitler sempre que pode em seus escritos, criando um lugar para si de discípulo, seguidor, sucessor.

Lane se coloca nos seus escritos como alguém que detém um conhecimento especial, oculto, das raízes simbólicas que fortaleceriam a raça branca, devolvendo-a a seu lugar de poder devido, e por esse mesmo motivo seus escritos sempre foram reverenciados como chaves para o entendimento da compreensão do arianismo. As catorze palavras são sem dúvida o elemento mais presente em todos os sites e fóruns neonazistas e supremacistas brancos de todo o mundo – não, obviamente, pelo poder oculto das 14 palavras, mas porque nelas Lane soube organizar a demanda de futuro da luta do movimento por sobrevivência, a crença estética e o desafio de evocar nos diversos grupos uma luta comum. Na figura de Lane e nessas palavras os neonazistas podem expressar como pensar o movimento à sua maneira.

Ainda que discordem quanto ao Odinismo, vegetarianismo, uso e tipo de violência¹⁷⁵, crenças e regras, as 14 palavras resumem a esperança dos neonazistas, numa fórmula simplória, estética, simbólica, que, repetida à exaustão cria para eles laços, verdades e sentidos. Posteriormente, voltaremos a essas questões.

Na fala de número vinte e cinco, o internauta se manifesta: “*Minha pele é meu uniforme.*” Para o neonazista, a cor da pele é o uniforme determinante de sua alta patente racial. Em seu mundo, o negro é a patente subalterna, e o judeu, o inimigo a resistir e confrontar. A pele que o veste determina que eles são totalmente brancos, os únicos brancos e unicamente brancos, um lugar de honra, supremacia e separação, e ele não capitulará na guerra racial em que o mundo está inserido: as catorze palavras são o lema de sua legião, a cantoria de seus exercícios de treinamento, o hino da marcha de suas fileiras. Sua esquadra branca vive um processo defensivo e em sua pele está a insígnia que ele deve defender taticamente no campo de batalha. Os louros de sua vitória são a beleza da mulher branca e o futuro das crianças brancas. Ao assumir a pele como uniforme, o neonazista assume um estado bélico constante.

Além disso, nessas postagens, alguns outros elementos-chave do discurso neonazista se evidenciam: além do forte caráter racista e negacionista do movimento, o elemento de teoria conspiratória se revela. Estão presentes os três elementos que Michael Barkun (2003) aponta como definidores de uma teoria conspiratória: a premissa de que nada acontece por acaso; a crença de que nada é o que parece; e a interconexão entre todos os

¹⁷⁵ Esse tipo de violência é exatamente o que Cavarero em *Horrorism: Naming Contemporary Violence* denominou "horrorismo": aquelas formas de violência que são "crimes" que "ofendem a condição humana em seu nível ontológico".

acontecimentos, mesmo em detalhes mínimos. As “superconspirações ou teorias fundadas em megas complôs” são definidas por Barkun (2003) como uma característica das “*abordagens mistificadoras da história mundial, de caráter totalizador e ideológico, predominantemente de extrema-direita*” e já foram denominadas por ele e por outros autores como *pseudo-história*. Na versão neonazista o mundo é baseado na intencionalidade, há um poder judaico no mundo que governa todas as ações governamentais, políticas e econômicas globais. Essa força criou o capitalismo e o comunismo, opera por meio de governos ZOG (“Governos ocupados por sionistas”, apelido que dão aos “sionistas”). Essa força judaica é que determinou, entre outras coisas, a presença dos jovens negros nos esportes, para mexer com as libidos das mulheres brancas e criar espaço para casamentos inter-raciais; a discussão acerca da liberação da homofobia; o feminismo; enfim, tudo que eles consideram “o mal”, ou seja, qualquer força progressista contra seu mundo racial conservador foi engendrada por esse poder judaico mundial. O elemento de causalidade está vinculado ao judaísmo, e a própria negação do holocausto faz parte da narrativa deste processo.

A segunda característica conspiratória presente no movimento neonazista é a crença no “nada é o que parece”. As aparências iludem, pois conspiradores desejam embaçar mentes e emoções a fim de disfarçar suas identidades ou as suas atividades. Assim, a aparência de inocência é considerada a pior garantia de que um indivíduo ou grupo é benigno. Na verdade, toda e qualquer atividade pró-cotas não é garantia de igualdade, mas “racismo contra brancos”, e assim por diante.

Em terceiro lugar, para eles, confirmando o que atesta Barkun na definição de grupos conspiradores, tudo está conectado. Não há acaso, acidentes. Tudo é um plano traçado pela pirâmide profética criada por David Lane, e estabelecido de modo que uma grande luta entre as raças defina o mundo e seus poderes. Eles anseiam, como neonazistas, em completar a obra da natureza, realizando seu destino, e operando a conexão dos números, simbólicos e de suas sagradas e secretas profecias, somente inteligíveis aos verdadeiros membros da raça branca. O símbolo da suástica, por exemplo, pode despertar a convicção racial num homem verdadeiramente branco, mas se você não é verdadeiramente branco nunca irá entender o simbolismo dela, porque ela se conecta apenas aos genes brancos, pela conexão entre biologia e alma. Números, versículos bíblicos e idéias se amalgamam num sentindo particular, criado por Lane e tido como verdade absoluta por seus seguidores, em detalhes que nos parecem um show em que perdemos metade das referências, do roteiro e do enredo. Algo realmente que só

tem sentido a iniciados.

Neste ponto, classifico o movimento neonazista como uma teoria conspiratória sistêmica, que pretende dar sentido ao mundo e ter uma resposta global para todos os problemas humanos a partir da retórica racial radicalizada. Todos esses problemas se resumiriam em problemas raciais, e se a raça branca – defendem os neonazistas –, pura, sem anomalias genéticas, sem pessoas com deficiência, sem LGBTs, ou sem qualquer das noções “inventadas pela força judaica” como definem eles, exercesse o poder mundial, a civilização avançaria para alcançar o ideal que a natureza desejou para o homem. Seja lá o que isto queira dizer, sabemos que o lugar da mulher seria muito pequeno: o de útero branco da raça, nunca o de pensadora. O neonazista é único, homem, singular, macho, branco. Ele é o *american* sem hífen, sem nomes compostos. No pensamento neonazista, a criação existe para ele e deve a ele se submeter-se.

Portanto, apropriando-me da definição de Barkun, leio no movimento neonazista, evidentemente, um movimento conspirador, por se valer de *“um sistema fechado de idéias acerca de uma trama que se acredita não apenas para ser responsável pela criação de uma ampla gama de males”* (a miscigenação, a dominação judaica mundial, o mal trazido pelo imigrante), *“mas também para ser tão inteligente a cobrir suas trilhas de modo a evitar a fabricar as provas apresentadas pelos céticos”*. Enfim, o movimento neonazista se arma de tal forma que se torna impossível de ser contestado apenas pela argumentação, porque todas as tentativas de falsificação são julgadas como um ardil do próprio sistema contra o neonazismo. Dessa forma, os participantes se julgam superiores aos demais membros da humanidade por não terem sucumbido aos enganos, por terem detectado uma verdade invisível para os outros. Eles o fizeram por terem sido “escolhidos” para ser brancos pela natureza, tornando-se membros de uma classe especial, civilizatória, e responsável por estabelecer a verdade na Terra: as 14 palavras. A visão de verdade é interiorizada, e sistematicamente repetida nos grupos, incorporada e por fim tornada verdade absoluta.

Acrescento a isso mais um elemento: Richard Hofstadter, professor de História Americana na Universidade de Columbia, escreveu em 1964 o ensaio germinal *The Paranoid Style in American Politics*, no qual descreve a presença de um “estilo paranóico” na política estadunidense em diversos movimentos, tais como o movimento anti-maçônico; o movimento anti-católico; os muitos movimentos alarmistas sobre os mórmons; em cronistas populistas

que construíram uma crença na grande conspiração de banqueiros internacionais; na ala direita americana de sua época; e em vários outros grupos. Ao cunhar o termo “estilo paranóico”, ele desvela como em uma multiplicidade de crenças em conspiração sobressai um mesmo estilo de pensamento, a mesma formatação formal, histórica, a mesma persistência e inteligibilidade na construção de idéias, propostas, certezas e afirmações, como um gênero de conhecimento político. Se esses elementos estão presentes profundamente nos discursos conspiratórios, notam-se ainda mais presentes no discurso neonazista. Em minha tese de mestrado, eu já havia abordado de forma inicial o quanto, concordando com pensadores que se debruçaram sobre o nacional-socialismo e classificaram de paranóico, eu julgava que essa característica se preservava, e até havia crescido, no movimento neonazista.

Bratich, ao problematizar a questão das teorias conspiratórias, em especial na política estadunidense, declara: *“Hofstadter denomina essas teorias de ‘estilo paranóico’, simplesmente porque não há outro termo adequado. Assim ele evoca as qualidades de exagero, a desconfiança aquecida, e a fantasia conspiratória”*. Obviamente, lembra ele, Hofstadter empresta este termo da psicologia não para realizar um diagnóstico clínico dessas pessoas, mas sim um diagnóstico social; o que ele faz, de maneira evidente, é levar uma palavra da psicopatologia para o âmbito da política, para o campo do social. Para Hofstadter, continua Bratich, *“não é o conteúdo das crenças que importa, mas o estilo do pensamento”*. A questão crucial aqui é o volume de crenças: as crenças paranóicas se entendem como capazes de explicar todos os fenômenos do mundo, e analisam seus elementos centrais como motriz dos grandes elementos históricos. Bratich cita como exemplo os opositores da maçonaria, exemplo também dado por Hofstadter. Os neonazistas pensam a maçonaria como a grande causa para todas os grandes acontecimentos da história do mundo e o centro da insegurança da vida humana.

O neonazista vê na raça, na conspiração mundial judaica e na presença dos imigrantes elementos que se entrelaçam e se explicam: os judeus são uma sub-raça que desejam a eliminação da raça branca por ser a raça superior, e para combatê-la, os judeus dominaram o mundo e ainda tentam a todo custo eliminá-la por meio da miscigenação. A raça é a resposta a todas as questões. Ao mesmo tempo, todo e qualquer argumento que invalide a crença dos neonazistas é considerado como uma resposta do próprio judaísmo contra eles, portadores da verdade. Não há saída.

Os saltos de imaginação e fantasias são imensos, e na teoria conspiratória não há racionalidade que dê suporte a argumentação. Bratich volta à teoria de Buckley (1997) para afirmar que, na melhor das hipóteses, teorias conspiratórias implicam uma distração para não se dar conta da política real e dos problemas sociais reais. E na pior das hipóteses, teorias da conspiração representariam conhecimentos perigosos, potencialmente extremistas, que promoveriam terrorismo doméstico. De todos os autores lidos, é ainda Hofstadter, com a expressão “estilo paranóico”, que está presente na totalidade dos autores que estudam fenômenos conspiratórios. Talvez porque ele tenha definido uma característica desse estilo que se destaca ao lermos um discurso conspiratório: a premonição do fim. Afirma Hofstadter: *“O porta-voz paranóico vê o destino de conspiração em termos apocalípticos, ele trafica no nascimento e morte de mundos inteiros, ordens políticas integrais, sistemas completos de valores humanos. Ele está sempre equipando as barricadas da civilização. Ele vive constantemente em um ponto de viragem.”*

Esta é uma marca que identifiquei no primeiro site neonazista que acessei na WEB: o mundo branco está acabando, um genocídio da raça branca está acontecendo. A civilização, fruto da experiência branca no mundo, segundo o argumentado por eles, deixaria de existir, e todo o equilíbrio natural vivia um apocalipse.

Quando eu li aquele texto, eu me senti atordoada. Como uma pessoa poderia acreditar que o mundo dependia da existência de um território branco em que brancos não “se contaminassem” com a presença ou miscigenação racial? Meu caderno de campo foi fundamental para elaborar todo o processo, anotar os links que os sites apontavam, viajar para outros sites e perceber, assustada, que centenas de milhares de pessoas acreditavam no fim do mundo, por conta deste genocídio branco que estaria acontecendo.

Nos Estados Unidos, há muito tempo, o discurso da extrema-direita americana é, por outro lado, nostálgico, como também aponta Richard Hofstadter. Esse discurso mescla idéias paranóides de todos os tipos: *“as antigas virtudes americanas já foram devoradas por cosmopolitas e intelectuais; o velho capitalismo competitivo tem sido gradualmente minado por planejadores socialistas e comunistas; a velha segurança e independência nacional foram destruídas por parcelas de traição, tendo como seus agentes mais poderosos não meramente forasteiros e estrangeiros, mas grandes estadistas que estão no centro do poder americano”*. O texto é de 1964, mas parece atualíssimo, e serve para pensar muito o que toda

a extrema-direita do mundo adverte: não estamos seguros, estamos sendo todos traídos por intelectuais que, enamorados pelo comunismo (ou por suas alcunhas, como “bolivarismo”, no Brasil), seduzem e norteiam os políticos e destroem as práticas capitalistas.

Dessa forma, o neonazista bebe diretamente em narrativas sociais e políticas, marcadas definitivamente pela crença de que qualquer forma de cosmopolitismo, avanço social, direitos humanos ou direito social é uma prática contra o homem branco, heterossexual, de origem oligárquica e de poder ancestral. Nessa narrativa, ódios são condensados, maturados, levados a extremos, transmutados, manifestados, radicalizados, expressos por redes sociais. E, se explodem, não me surpreendem. A paranóia está lá, a amamentá-los, todos os dias, afirmando que seu mundo está tendo fim, e lembrando-os como era lindo o seu mundo branco.

Hofstadter delimita que, nesse tipo de discurso, há sempre um conflito entre o bem absoluto e mal absoluto. Segundo ele afirma:

... o inimigo é claramente delimitado: ele é um modelo perfeito de malícia, uma espécie de super-homem amoral-sinistro, onipresente, poderoso, cruel, sensual, amante de luxo. [...] Ele, na verdade, fabrica, o mecanismo da história, ou tenta desviar o curso normal da história para um mau caminho. Ele faz crises, inicia corridas aos bancos, provoca depressões, fabrica desastres, e depois goza os lucros da miséria que produziu. A interpretação paranóica da história é distintamente pessoal: acontecimentos decisivos não são tomadas como parte do fluxo da história, mas como as conseqüências da vontade de alguém. Muitas vezes, o inimigo está na posse de alguma fonte especialmente eficaz de poder: ele controla a imprensa; ele tem recursos ilimitados; ele tem um novo segredo para influenciar a mente (faz lavagem cerebral); ele tem uma técnica especial para a sedução. (p.5)

Nesse trecho se vê os que proclamam como verdade os textos de Os Protocolos, mas também ecoam as obras do Comandante Rockwell, de Willian Pierce e de David Lane. Invariavelmente, os líderes neonazistas analisam a força judaica como uma força absolutamente maléfica, cujo único e final objetivo é destruir a raça branca e tomar todo o poder do mundo para a sua sub-raça, e por isso cria crises, casamentos inter-raciais, esportes olímpicos, programas de TV, e controla tudo no mundo para que seus objetivos não sejam frustrados. É nesse elemento paranóico, conspiracionista e nacionalista, principalmente, que o racismo e a religiosidade do neonazismo se amalgamam, criando uma grande narrativa.

B.4 Da KKK à National Alliance

B.4.1 Breve Relato Sobre A Ku Klux Klan

Strange Fruit

*Southern trees bear strange fruit,
Blood on the leaves and blood at the root,
Black bodies swinging in the southern breeze,
Strange fruit hanging from the poplar trees.*

*Pastoral scene of the gallant south,
The bulging eyes and the twisted mouth,
Scent of magnolias, sweet and fresh,
Then the sudden smell of burning flesh.*

*Here is fruit for the crows to pluck,
For the rain to gather, for the wind to suck,
For the sun to rot, for the trees to drop,
Here is a strange and bitter crop.*

Fruta Estranha

*Árvores do Sul produzem uma fruta estranha,
Sangue nas folhas e sangue nas raízes,
Corpos negros balançando na brisa do sul,
Frutas estranhas penduradas nos álamos.*

*Cena pastoril do valente sul,
Os olhos inchados e a boca torcida,
Perfume de magnólias, doce e fresca,
Então o repentino cheiro de carne queimando.*

*Aqui está a fruta para os corvos arrancarem,
Para a chuva recolher, para o vento sugar,
Par o sol apodrecer, para as árvores derrubarem,
Aqui está a estranha e amarga colheita.*

"*Strange Fruit*" foi composta como um poema, escrito por Abel Meeropol (um professor judeu de colégio do Bronx), num ato de desagravo ao linchamento de dois homens negros. Ele a publicou sob o pseudônimo de Lewis Allan, em 1936, em *The New York Teacher*, uma publicação sindical. A música surgiu posteriormente, obtendo um certo sucesso como canção de protesto na região de Nova Iorque. Barney Josephson, o fundador do *Cafe Society* em Greenwich Village, ouviu a canção e a apresentou, em 1939 a Billie Holiday, cuja interpretação a imortalizou.

< >

A gênese do movimento neonazista, vinculado ao medo do genocídio branco, desenvolve-se durante a década de 50, e dialoga com a ideologia anticomunista da Guerra Fria antevendo um modelo nostálgico de um Hitler que tentou a destruição da União Soviética. O antissemitismo se destacou no movimento neonazista, pois, na pauta dos grupos supremacistas brancos, os judeus foram relatados como origem, assessores e cúmplices do comunismo, do liberalismo e de todos os males da civilização ocidental. Agregue-se a isso uma reação violentíssima ao movimento dos direitos civis dos negros da década de 1960, num país em que os conflitos e a segregação raciais eram historicamente imensos.

Dois elementos fundamentais anteriores à década de 50 são importantes para compreender os processos que antecederam o surgimento do movimento neonazista: a particular maneira como se deu a o tráfico de escravos e escravidão nos EUA e a formação (e posterior nazificação) da Ku Klux Klan.

Para entender as relações fundadoras das lutas raciais nos Estados Unidos é

preciso voltar bastante no tempo: iniciemos por compreender o tráfico de escravos transatlântico, usado como estratégia demográfica manancial para (re)povoamento e desenvolvimento de trabalho escravo nas três Américas, após o genocídio da população ameríndia. Foi essa mão-de-obra o alicerce da exploração do ouro e dos recursos agrícolas para sustentar a exportação das Américas. As plantações de açúcar do continente americano concentraram sozinhas mais de dois terços dos escravos traficados. Durante múltiplos séculos, os escravos significaram o motivo mais relevante para a relação entre europeus e africanos.

A taxa de crescimento da população escrava, nos EUA, acelerou geometricamente: segundo o Censo 1860, o primeiro a produzir informações sobre a população negra, ela chegara a quatro milhões. De 1770 até 1860, a taxa de crescimento das pessoas escravizadas nas terras estadunidenses era muito maior do que a da população de qualquer país da Europa, e foi quase duas vezes mais rápida que a da Inglaterra. (TADMAM, 1989) A discussão a respeito de como essa taxa tão grande foi produzida divide autores. Alguns defendem a existência de reprodução de escravos, imposta, nas fazendas de algodão. Outros autores discordam, creditando essa discussão (sobre a reprodução forçada de escravos) às forças abolicionistas. A favor da possibilidade de negros terem sido obrigados a se reproduzirem contra sua vontade, ou por meio de abusos sexuais por parte de seus senhores, pesa a própria declaração de Thomas Jefferson, em 1819: *"I consider the labor of a breeding woman as no object, and that a child raised every 2. years is of more profit than the crop of the best laboring man. In this, as in all other cases, providence has made our interest and our duties coincide perfectly"*¹⁷⁶.

A desumanização do escravo, em especial da mulher escrava, a exilava na condição de máquina reprodutora, ora perversamente transformada em objeto de prazer dos senhores, ora apenas uma máquina reprodutora, com fins vantajosos. Seus interesses, desejos e vontades não existiam. Obviamente, isso era realizado por meio da força, e muitas vezes as crianças eram separadas das mães, vendidas¹⁷⁷ (DONOGHUE, 2008).

Historiadores apóiam a tese de Edward Donoghue: para eles, a prática de reprodução seres humanos, semelhante à de criação de animais (para produzir uma progênie

¹⁷⁶ Com esta afirmação, Jefferson afirma que considera o parto de uma criança escrava a cada dois anos mais lucrativo (mais produtivo) que o melhor trabalho na lavoura realizado por um homem. Obviamente, ele está computando aqui o lucro com a venda das crianças.

¹⁷⁷ Edward Donoghue, *Black Breeding Machines: The Breeding of Negro Slaves in the Diaspora*, AuthorHouse, 2008

esperada) existia e a prática causou traumas gigantescos na população escrava. Por exemplo, Paulo Escott descreve narrativas em que a procriação escrava coagida muitas vezes foi empregada como um mecanismo de controlar tanto para a população escrava, como de criar uma nova raça de escravos. Em geral, os escravos trabalhavam nas plantações, quinze horas por dia, e eram submetidos a tratamentos cruéis, cujo objetivo era interditar sua capacidade de reação. O estudo era absolutamente desestimulado, pela mesma razão¹⁷⁸.

Algumas narrativas coletadas no projeto de Norman R. Yetman, *WPA Slave Narratives*¹⁷⁹, também falam de imensos abusos físicos e sexuais, além das vendas dos filhos resultantes destas violações, inclusive para aplacar a violência das esposas dos violadores. Julia Floyd Smith (1991) aponta que após a proibição do tráfico de escravos, em 1808, muitos anúncios ofertavam negros valendo-se de termos como “reprodução de escravos”, “mulheres grávidas”, “período de reprodução”, “velho demais para se reproduzir¹⁸⁰”.

Ao vencer a eleição de 1860, Abraham Lincoln, tido como abolicionista, enfrentou os estados do Sul, organizados na Confederação¹⁸¹. Após a perda de mais de 600.000 soldados (cerca de 280 mil confederados e 325 mil homens da União) e a destruição de grande parte do Sul, a Confederação se rendeu na primavera de 1865. Isto marcou o fim da Guerra Civil. Posteriormente foi aprovada a Décima Terceira Emenda (dezembro de 1865), que aboliu formalmente a escravidão nos Estados Unidos.

Segundo relata David Chalmers em *Hooded Americanism: the history of the Ku Klux*, em 24 de dezembro de 1865, seis jovens oficiais ex-confederados¹⁸² constituíram um clube social. Batizaram o grupo com o termo grego que significava círculo ou anel, "kuklos". Substituíram o s por um x, e reduziram a palavra. Eles acrescentaram a palavra “klan”, por serem descendentes de irlandeses, e assim a “Ku Klux Klan” surgiu¹⁸³.

¹⁷⁸ Os castigos neles aplicados iam do açoitamento ao içamento pelos polegares. Os escravos cortados, marcados a ferro, enfim submetidos a todos os tipos possíveis de tratamentos degradantes. Em 1740, o estado da Carolina do Sul aprovou uma lei que proibia determinadas atrocidades para com os escravos, embora ainda pudessem ser mortos em algumas situações: tornava-se proibido cortar a língua, colocar para fora o olho, castrar, queimar, amputar membros; mas permitia-se chicotear, bater, colocar a ferros e prender.

¹⁷⁹ O Banco de dados do projeto pode ser acessado em <http://memory.loc.gov/ammem/snhtml/>

¹⁸⁰ Smith, Julia Floyd, *Escravidão e Cultura de arroz em Low Country Geórgia, 1750-1860*, University of Tennessee Press, 1991, p. 104.

¹⁸¹ Vários fatores determinaram a separação da Confederação, que não é o assunto no qual me deterei. A respeito do assunto recomendo os estudos de Bruce Levine, *Half Slave and Half Free: The Roots of Civil War* e o curso da Yale University disponível online em <http://oyc.yale.edu/history/hist-119#sessions>

¹⁸² John Lester, James Crowe, John Kennedy, Calvin Jones, Richard Reed e Frank McCord.

¹⁸³ Um fac-símile das regras da ordem podem ser lidos em <http://www.gutenberg.org/files/31819/31819->

A Klan passou a perseguir os negros recém-libertados pela Guerra Civil, e suas caças, em que membros cobertos com máscaras e vestes brancas, substituíram as caças aos escravos de antes da Guerra Civil. O desejo era impedir que os negros, a despeito de livres, obtivessem emancipação política e social. Liderados por elites brancas, os assaltos e assassinatos da Klan atingiram a casa dos milhares. Logo surgiram organizações similares, como os Cavaleiros da Camélia Branca em Louisiana. A Klan se espalhou pelo Sul, e com sua descentralização em 1869, cada Estado tinha seu grupo e sua ação violenta específica.

A Suprema Corte deliberou, em 1883, que o Congresso não tinha autoridade para proibir a discriminação racial perpetrada por indivíduos e organizações privadas. O Tribunal decidiu que a Lei dos Direitos Civis de 1875 era inconstitucional. Segundo essa decisão, nem a 13ª, nem a 14ª emendas autorizavam o Congresso a legislar em matéria de discriminação racial no setor privado: “a 13ª Emenda tem aplicação, não às distinções de raça, [...] mas à escravidão, [...] a Emenda 14, é aplicada ao Estado, e não às instituições privadas”.

Na ocasião, o voto dissidente vencido, expressou:

O que foi dito é suficiente para mostrar que o poder do Congresso sob a Décima Terceira Emenda não é necessariamente restrito à legislação contra a escravidão como uma instituição mantida pelo direito positivo, mas pode ser exercida na medida, ao menos, de proteger a raça libertada contra discriminação em matéria de direitos que pertencem a homens livres, onde essa discriminação é baseada na raça¹⁸⁴. <Suprema Corte, voto vencido, 1883>

Após esta decisão judicial, a Klan facilmente viabilizou a restauração do poder político branco do Partido Democrata no Sul, tendo sido consagrada, pelos supremacistas brancos do país, como a salvadora de um povo branco oprimido pela ameaça da igualdade com os negros. A Ku Klux Klan se coloca como uma sociedade cristã, em geral de cunho protestante, defendendo os “verdadeiros” valores de Deus e Jesus Cristo, autoridades que todos os “Klansmen” devem louvar. Eles afirmam que sua ação é determinada pela vontade de Deus e palavra de Cristo. Imaginam-se como bons, morais, cristãos, responsáveis e cidadãos americanos. Ainda cristã, e predominantemente protestante, a Klan dessa fase buscava na Bíblia muitos de seus postulados. O lema da Klan que deveria se repetido por todos os membros e pelos aspirantes, em todas as reuniões, era:

h/31819-h.htm

¹⁸⁴ O texto inteiro do ato da Suprema Corte e os votos vencedores e dissidentes podem ser lidos na íntegra em <http://docsouth.unc.edu/church/turnerbd/turner.html>

<etno 28><OUR MAIN AND FUNDAMENTAL OBJECTIVE IS THE MAINTENANCE OF THE SUPREMACY OF THE WHITE RACE IN THIS REPUBLIC¹⁸⁵> (/etno UKA).

Após 1920, a Klan passa por uma segunda fase¹⁸⁶, denominada pelos pesquisadores como “segunda era Klan”. Nos anos vinte, o movimento chegou a ter entre cinco milhões de homens e mulheres como membros, em todos os estados dos EUA. Sua influência era particularmente forte na Pensilvânia, Ohio, Indiana, Illinois, Kansas, Colorado e Oregon, bem como no Sul em geral. A Klan ajudou a eleger autoridades locais e estaduais e pelo menos 20 governadores e senadores norte-americanos – do Maine até a Califórnia. Em Oregon, uma legislatura dominada Klan aprovou uma lei anti-escola católica, mais tarde revogada pela Suprema Corte dos EUA. Sem dúvida, a Klan mobilizou muitas forças para o desenvolvimento do ensino doméstico e não institucionalizado em todo o país.

As práticas mais odiosas da Klan – o penduramento de negros, seu enforcamento e tortura – atravessaram os EUA. Os negros eram caçados pelos membros, e em rituais de tortura tinham cabelos raspados, testas marcadas com as três iniciais klânicas, açoitados ou ainda cobertos por asfalto, no qual se enfiavam plumas. Alguns foram colocados em árvores, para morrer expostos. Exibindo-se como suposta guardiã da moralidade protestante, a Klan também punia as mulheres adúlteras, os médicos charlatões, as prostitutas e os marginais. O cenário carregado de crimes terríveis e marcados por uma estética inegociável, como o de inimigos moídos por um trator, rapidamente associou a Klan ao terrorismo. Como reação, a Louisiana consagrou uma lei anti-máscara (proibição de usar máscaras fora do Dia de Todos os Santos e do carnaval), seguida por outros estados. Posteriormente, com as notícias a respeito da violenta ação da KKK em todo país, os militantes foram se desarticulando do grupo, pois ser membro da Klan passou a ser avaliado como ofensivo. A perda de respeitabilidade da KKK, vinculada a divisões internas, levou à degradação de seu conceito. Reduzida, a Klan se recolheu ao silêncio, porém continuou arregimentando pessoas, em especial homens.

¹⁸⁵ Nosso maior e principal objetivo é a manutenção da supremacia da raça branca na República, em maiúsculas no original, na Internet isso é visto como um grito..

¹⁸⁶ Obviamente, trata-se de um resumo, para compreender a nazificação da Klan e seus laços com o neonazismo. A história da Klan, cada uma de suas fases se constituiria por si só em uma tese.

Figura 24 – Como a Klan se nazificou

COMO O ÓDIO KU KLUX KLAN SE NAZIFICOU?

A Ku Klux Klan sempre teve uma grande influência em todo o país. Seu momento mais forte foi em 1920, quando agregaram mais de cinco milhões de pessoas.

1 Em Pulaski, Tennessee, um grupo de veteranos confederados se reúne para formar uma sociedade secreta que eles batizam de "Ku Klux Klan". O ex-general confederado Nathan Bedford Forrest foi o primeiro grande líder da KKK



2 Os membros da Ku Klux Klan marcham em um desfile na Larimer Street, em Denver, em 31 de maio de 1926. Eles usam capuzes e roupas enquanto os espectadores assistem.



3 Na medida em que a Klan se nazificava, o ódio crescia. Além das ações de penduramento começaram a surgir os ataques à bomba em Igrejas cujo público era negro.



UM RESUMO DAS FASES DA KKK NOS EUA

Rory McVeigh¹⁸⁷, em *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*, trata da retomada da Klan nos anos 60, como reação aos movimentos de Direitos Civis. Ele mostra como a Klan “articulou as queixas de muitos homens protestantes brancos... [que] foram, em grande medida enraizados nacionalmente” (p. 180). Ele aponta como a Klan antevia na escola pública (pelo grande número de pessoas que obtinham acesso à informação) e na expansão de direitos civis a outros grupos que não os brancos uma perda sem medidas de capital político, econômico e cultural para os brancos dos EUA, numa sociedade em acelerada transformação. Nessa época, a Klan passou a atacar igrejas da população negra em atentados à bomba e surgiram inúmeras ramificações, que hoje se expressam em outros grupos, tais como: *Christian Knights of the Ku Klux Klan* (mais vinculados à Identidade Cristã); *Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan* (colocam o ódio ao negro em aspecto central); *East Coast Knights Of The True Invisible Empire* (destacam a importância do anonimato das ações); *Knights of the Ku Klux Klan*; *Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan* (um grupo que congrega muitas células menores, bastante nazificado); *Order Of The Confederate Brotherhood Knights Of The Ku Klux Klan* (bem neo-confederado); *New Empire Knights of the Ku Klux Klan*; *Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan*; *Lone Wolf Brigade Knights of the Ku Klux Klan*; *Aryan Nations Knights of the Ku Klux Klan* (das Nações Arianas); *Loyal White Knights of the Ku Klux Klan*; e *White Camelia Knights of the Ku Klux Klan* (Lane foi desse grupo).

Como apontam Raphael S. Ezekiel e outros autores, nesse momento, em que outros grupos nacionalistas surgiram, como o próprio Partido Nazista Americano, fica evidente porque a própria KKK tenha nazificado seu discurso¹⁸⁸: afinal, como todos os outros movimentos voltados à supremacia branca, a Klan defendia que os Estados Unidos só poderiam resistir como uma nação branca, porque apenas os “arianos” seriam capazes de consolidar e manter a civilização, e para evitar a noção de anacronismo, “a Klan opta pela ideologia hitlerista, tentando aparentar certa modernidade”.

A nazificação do discurso da Klan, nos EUA, foi um processo que criava formas de dialogar e engendrava um espaço comum entre todos grupos do movimento, de definir

¹⁸⁷ McVeigh, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

¹⁸⁸ Historicamente, a Klan pode ter sido a âncora do movimento, mas manteve-se a alguma distância dos grupos nazistas quando eles surgiram. Desde os anos 1980, no entanto, uma fusão das tendências ocorreu, o que alguns chamaram a nazificação da Klan. (EZEKIEL, 1996, xxiv) Veja também Morgan e Michaels (1999, 165) e Lee (1997, 335) e Griffin (1991, 165).

inimigos comuns (judeus e negros) e consolidar uma agenda política para eleições de parlamentares. No caso da Klan, o processo aconteceu pela ampliação do ódio, que era focalizado no negro, para abranger o judeu; pelo pacto com o negacionismo do Holocausto; pela xenofobia; pela homofobia; pela luta contra a legalização do aborto; entre outras marcas. Atualmente, o movimento Red October, que visa restabelecer o regime de segregação racial na África do Sul, passa por semelhante nazificação. O ativismo racista vai se apoderando do ódio ao judeu como se o judeu tivesse sido um elemento que auxiliou na libertação do negro do regime separatista. Muitos movimentos de extrema-direita no mundo contemporâneo possuem elementos pré-nazificadores, como discursos de ódio de diversas natureza, homofobia, xenofobia e glorificação do estado militar, com os quais o movimento neonazista dialoga política e simbolicamente.

Portanto, é fundamental compreender que neste processo, klansmen, neo-confederados, grupos wotanistas que se devotam a supremacia branca organizaram ao longo das duas últimas décadas dois grandes discursos em comuns, ainda que mantivessem cada um deles suas características próprias, nacionalistas: a relação de inimigos (na qual se incluem negros, judeus, gays, estrangeiros, imigrantes) e a concepção de que os EUA precisam ocupar o lugar central da retomada ariana do mundo, assumindo o poder branco.

Foi no neonazismo dos EUA que sempre surgiram os líderes que tentaram se colocar como os grandes “eleitos mundiais”, de modo a levantar todos os arianos do mundo: o imperialismo sempre foi uma das marcas do neonazismo ao lado da busca pela segregação racial. Para eles a causa é urgente, pois a civilização ocidental estaria doente, necessitando de um líder libertador para os arianos. Um dos sites do movimento resume da seguinte forma: *A dissolução da civilização ocidental está em proporção direta à sua infecção pelos não-arianos.*¹⁸⁹

Uma dissolução dada por uma infecção. Uma decomposição. Necrose. Estes termos são associados freqüentemente, vinculados a outros ou entre si, para descrever a presença não ariana nas ditas nações ocidentais. Para curar o problema, durante a história do neonazismo, muitos líderes foram construídos. No desdobrar da autobiografia e dos escritos de David Lane, nota-se uma tentativa evidente de se emoldurar como esse líder, inclusive recorrendo a um papel messiânico, que discutirei posteriormente. É importante, ainda,

¹⁸⁹ Um dos maiores sites de conteúdo nazista do mundo, atualmente em 26 línguas. Acessado em dezembro de 2013 <http://www.nazi-lauck-nsdapao.com/nazi.htm>

salientar que David Lane pertenceu à Klan e a outros grupos supremacistas brancos. Também foi como ex-membro da Klan que, posteriormente, foi recrutado para The Order.

B.4.2 Do Comandante Aos Diários De Turner: Uma Breve História Da Fundação Do Neonazismo Nos EUA

Se o homem tem um destino, esse será o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino. [...] O racismo procede por determinação das variações de desvios, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em ondas cada vez mais excêntricas e retardadas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (é um judeu, é um árabe, é um negro, é um louco..., etc). Do ponto de vista do racismo, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem.

Deleuze e Guattari.

Nesse ponto é preciso compreender a genealogia do neonazismo nos EUA, cujo período de formação leva cerca de 40 anos: do Partido Nazista Americano criado por George Lincoln Rockwell ao desenvolvimento da National Alliance de William Pierce. Todo o movimento neonazista, e a própria inserção de Lane dentro desse processo, pode ser pensada de maneira mais profunda partir do exame da constituição e das “linhagens” que o movimento construiu nesse período.

Rockwell, ex-aluno da escola preparatória Hebron Academy, frequentou a Universidade de Brown a partir de 1938 para estudar filosofia e sociologia, e se casou com uma aluna de lá, Judy Rockwell Aultman. Aluno medíocre¹⁹⁰, não obteve grau. Porém,

¹⁹⁰ Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*, usa a expressão “banalidade do mal” para descrever como pessoas medíocres e banais como Eichmann desempenharam papéis tão cruciais no Holocausto e no nazismo, na burocrática máquina de assassinato em massa alemã. Ao se definir como “inocente no sentido da acusação”, o oficial nazista tentava se desvincular de uma ação direta no processo genocida que matara milhões de judeus e milhares de outras pessoas durante o regime. Arendt responde: “Suponhamos, hipoteticamente, que foi simplesmente a má sorte que fez de você um instrumento da organização do assassinato em massa; mesmo assim resta o fato de você ter executado, e portanto apoiado ativamente, uma política de assassinato em massa. Pois política não é um jardim de infância; em política, obediência e apoio são a mesma coisa.” (1963, p. 302) A definição foi criticada porque antes de ser preso, o próprio Eichmann concedera na Argentina uma longa entrevista ao ex-oficial da SS Willem Sassen, na qual se gabou de ter ajudado a redigir a carta que ordenou a Solução Final. “Não fui apenas alguém que recebeu ordens. Se assim fosse, eu teria sido um imbecil. Eu era um idealista”. Apesar disso, o termo, “banalidade” ainda se aplica, visto que a mediocridade de Eichmann não se resume na concepção que ele tem de si. A questão crucial é que o oficial nazista não era um monstro, alguém com um espírito demoníaco, mas um burocrata, ainda que anti-semita, racista ou paranóico. O neonazismo, desde Rockwell, é repleto de líderes medíocres, que tentam se exilar de sua mediocridade com suas crenças de

encontrou no campus, além da esposa, o *locus* de editor de arte da revista da Universidade, e por meio dela, algum destaque. Em março de 1941, alistou-se como aviador naval e participou de missões no Atlântico e Pacífico Sul durante a Segunda Guerra Mundial. Trabalhou no apoio aéreo naval na batalha de Guadalcanal, nas Ilhas Salomão e durante a invasão de Guam, ilha japonesa conquistada em agosto de 1944. Foi para a reserva das forças armadas com o posto de tenente-comandante e algumas condecorações em outubro de 1945¹⁹¹.

Novamente civil, desenvolveu atividades ligadas a publicidade e arte gráfica, como fotógrafo comercial, executivo de publicidade e outras atividades em uma editora no Maine e em Nova York. Em 1948, ganhou um prêmio de US \$ 1.000 em um concurso de arte nacional patrocinado pela Sociedade Nacional de Ilustradores. Mas, com a eclosão da Guerra da Coreia, no início dos anos 50, voltou à vida militar. No retorno, foi convocado para se apresentar na Islândia, promovido a comandante, mas ficou distante de sua esposa e filhos, que não eram permitidos no local da caserna. Como consequência do afastamento, sua esposa pede o divórcio.

Rockwell retorna da guerra da Coreia profundamente marcado por um anticomunismo, e atribuía a Hitler um papel histórico fundamental em seu combate, especialmente pelas crenças que vinculavam o comunismo essencialmente ao judaísmo, e volta de lá um entusiasta da doutrina hitlerista como salvação para a América. No retorno aos EUA, conhece sua segunda esposa, e escolhe como lugar de sua lua-de-mel o refúgio hitlerista conhecido como “Ninho da Águia”, em Berchtesgaden, nos Alpes da Baviera.

<etno 28> Rockwell: Porque quando você mistura superior e inferior, como eu te disse, o produto é inferior à média dos dois. Os judeus seriam capazes de enganar e ludibriar e, assim, manipular o homem branco miscigenado do jeito que ele já faz aos negros¹⁹². Isso é o que é, de verdade, o chamado de movimento de direitos civis, e se {...} os bons cristãos brancos deste país não acordarem e ficarem juntos antes que seja tarde demais para restaurar a ordem natural das coisas.

Haley: E o que é isso?

Rockwell: Separação. Na natureza, todas as coisas semelhantes tendem a se agrupar. Chimpanzés não andam com babuínos, eles correm com os chimpanzés. Esta é a ordem natural das

participarem de um grande povo, acima de todas as outras pessoas humanas.

¹⁹¹ Várias fontes dão detalhes da vida de Rockwell. Entre elas, alguns jornais, o arquivo do FBI http://www.archive.org/stream/AmericanNaziParty/american_nazi_party_monograph_pt01_djvu.txt.

Consultamos ainda fontes secundárias citadas nas referências bibliográficas.

¹⁹² Na entrevista, Rockwell usa o termo “nigger”, mais ou menos equivalente a “crioulos”, a forma histórica mais pejorativa; tamanha é sua carga ofensiva que, até hoje, ela é frequentemente referida por eufemismos como “the ‘n’ word”. Ele *sempre* usa “nigger”. Eu preferi, por imperativo moral, usar negros. Mas informo a palavra usada pelo “informante”. A entrevista foi concedida à Playboy, mas foi acertada sem que Rockwell soubesse que seria entrevistado por um jornalista negro. A reação dele ao repórter consta da matéria e é um dos melhores materiais acerca do racismo do comandante.

peessoas, também. Mesmo em faculdades completamente integradas, quando eu ia visitá-las, percebi que negros geralmente sentam e comem em mesas com outros negros, mesmo que eles não sejam obrigados. E os brancos sentam-se com outras pessoas brancas. Eu acho que essa é a tendência natural, e tentar perverter esta ordem é lutar contra a natureza.> Rockwell, em entrevista para a revista Playboy</etno 28>¹⁹³.

Em outubro de 1954, Rockwell fundou uma revista, a U.S Lady, voltada para mulheres de militares, que após quatro edições, seria vendida também para civis. Logo depois, conhece DeWest Hooker¹⁹⁴, um americano abastado com inclinações pró-nazistas. Juntos eles fundariam, em 1959, o Partido Nazista Americano, posteriormente denominado National Socialist White People's Party. Em 1961, o partido obtém *status* legal no estado da Virginia. Toda a postura de Rockwell e de seu movimento recém-inaugurado era uma combinação de ódio e provocação, a exemplo da grande caravana realizada por seu grupo num ônibus denominado "HATE BUS", no qual eram ostentadas a inscrição "Nós odiamos mistura racial", entre outras mensagens de ódio. A caravana percorreu grande parte dos EUA em 1961 para divulgar e comemorar a fundação do partido, sendo interrompida por sua prisão em New Orleans. Imagens da caravana podem ser observadas na Figura 25.

Em 1966, o partido passa a editar o jornal mundial dos partidos nazistas, designado de National World Socialist, e Rockwell, já conhecido como "o Comandante", nomeia como editor o ex-professor de física William Luther Pierce. A primeira edição apresentou um ensaio de Colin Jordan sobre os aspectos filosóficos do nacional-socialismo. A publicação de jornais e *newsletters* nacional-socialistas virou certamente uma marca do movimento, que produziu mais de 500 títulos diversos. Rockwell passa a discursar por todo o país, defendendo a eliminação dos judeus em câmaras de gás e a deportação dos negros para a África¹⁹⁵. O Comandante se via como o grande apóstolo hitlerista, que levaria o nacional-socialismo a todas as nações (SALEAM, 2002¹⁹⁶).

Em agosto de 1967, o comandante nazista foi assassinado por um ex-membro do partido expulso por "*tentar contaminá-lo com idéias marxistas*". O partido passou a ser

¹⁹³ http://www.alex-haley.com/alex_haley_george_lincoln_rockwell_interview.htm

¹⁹⁴ Seu nome real era Lendrum De West Murrelle Jr. DeWest Hooker era um corretor de petróleo e presidente da Cooperativa Independente Refining Inc

¹⁹⁵ O programa do Partido Nazista Americano de 1960 pediu a construção de uma "nação industrial moderna na África", financiada por alguns anos pelos Estados Unidos (Thunderbolt, 1958-1962, *passim*). A ideia de deportar fisicamente a população negra dos Estados Unidos foi o tema do *Plano folheto de 1956*, George Lincoln Rockwell, *White Power*, Dallas, 1967, p. 310.

¹⁹⁶ Trata-se de tese não publicada, mas está disponível na Internet. Saleam, J. *American Nazism in the context of the American extreme right 1960-1978*, <http://home.alphalink.com.au/~radnat/usanazis/index.html>

liderado por Matthias Koehl Jr., que preferiu fundar a New Order¹⁹⁷ e mesclar as idéias nacional-socialistas a princípios esotéricos hitleristas, influenciado, sem dúvida, pelas ideias de Miguel Serrano. O Partido Nazista Americano atualmente é dirigido por Rocky J. Suhayda, líder também do movimento supremacista branco Creativity Movement¹⁹⁸.

¹⁹⁷ Ativo na WEB, o New Order divulga a obra de Serrano em várias línguas. O site Nueva Ordem traz material em Português e o grupo tem braço no Brasil, com ramificações em vários Estados.

¹⁹⁸ Uma das vertentes que tomou a antiga Igreja do Criador. Isso será retomado adiante.

Figura 25 – A trajetória do Comandante

GEORGE LINCOLN ROCKWELL

UM POUCO DA TRAJETÓRIA DO COMANDANTE



George Lincoln Rockwell (extrema direita) com membros do partido nazista americano, incluindo seu assassino John Patler (abaixado, à esquerda) e seu HATE BUS na Virgínia, em 1961. (Bettmann Archive via Getty Images)



O ônibus do Ódio

Pregando o ódio contra a miscelagem racial, contra os judeus e contra o comunismo, a caravana do fundador do partido nazista americano atravessou os EUA em 1961.



Oposição

Em 1961, o recém-criado Partido Nazista Americano criou um veículo oportuno para se opor aos hippies da época baseado no "amor". Eles o chamaram de "O ônibus do ódio" e estavam cheios de ressentimento.



Prisão em 1961

George Lincoln Rockwell é registrado em uma delegacia de Nova Orleans após ser preso com nove de seus seguidores em maio de 1961. (Historical Times)

B.5 OS DIARIOS DE TURNER: A TENTATIVA DE DERRUBAR O GOVERNO DOS EUA

Ora rostos aparecem no muro, com seus buracos; ora aparecem no buraco, com seu muro linearizado, espiralado. Conto de terror, mas o rosto é um conto de terror. É certo que o significante não constrói sozinho o muro que lhe é necessário; é certo que a subjetividade não escava sozinha seu buraco. Mas tampouco estão completamente prontos os rostos concretos que poderíamos nos atribuir. Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo em que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. Não esperemos que a máquina abstrata se pareça com o que ela produziu, com o que irá produzir.

Deleuze e Guatarri

Willian Pierce fundou a National Alliance em 1974. Anteriormente, Pierce fora membro do Partido Nazi Americano de George Lincoln Rockwell e da Sociedade John Birch. O presidente da Sociedade da época, Robert Welch, apresentou Pierce a um conto apocalíptico chamado *The John Franklin Letters*¹⁹⁹, que Pierce usou como modelo para seu próprio livro²⁰⁰, *The Turner Diaries*, publicado em 1978 sob o pseudônimo “Andrew Macdonald”. A narrativa se localiza num futuro e faz de *The Turner Diaries* parte propaganda²⁰¹, e parte preliminar manifesto para incentivar a formação de um grupo para seguir sua trilha ficcional. O editor do livro, Stuart Lyle, apresentou isso como “um clássico subterrâneo”. O livro retrata como uma revolução violenta criada por jovens levaria à derrubada do governo federal dos EUA. A gênese da “*The Order*”, o grupo armado do qual participou David Lane, baseia-se neste livro. O livro de Pierce vendeu mais de 185 mil cópias fora das livrarias antes de sua publicação e distribuição, que se deu apenas em 1978.

¹⁹⁹ O livro foi escrito por um membro fundador da Birch Society, Revido P. Oliver, utilizando-se do pseudônimo Harley Ogden. Uma das primeiras obras da literatura apocalíptica neonazista que assume uma força de manifesto, relata um EUA devastado por tropas soviéticas de ocupação operando sob mandato da ONU, depois da vitória do comunismo no mundo. No final, os Estados Unidos reconstituídos seguiram tão meticulosamente a linha de sucessão constitucionalmente obrigatória que o livro acaba com o juramento de um presidente negro. Ironicamente, Oliver foi um dos primeiros a ser expulsos da Birch Society por seu racismo cada vez mais franco e seu anti-semitismo. Acerca disso, Cf. KAPLAN, Jeffrey *America's Apocalyptic Literature of the Radical Right* *Jeffrey June 2018*; *International Sociology*, no prelo.

²⁰⁰ Assim como Lane faria com o livro de Pierce para modelar *KD Rebel* futuramente.

²⁰¹ Muito dela baseada no panfletário *Which Way Western Man?*, que adverte sobre “o fim da raça branca” e sobre o plano judaico para isso.

Com escritórios em vários estados dos EUA, o objetivo e “destino” da National Alliance²⁰² era, nas palavras de seu criador tornar-se “uma vanguarda política que acabaria por criar a revolução do nacionalista branco no Estados Unidos”.

<etno 29> *Nosso mundo é hierárquico. Cada um de nós é membro da raça Ariana (ou Européia), (...)e desenvolveu suas características especiais ao largo de milhares de anos, (...)a fez avançar pelo seu caminho evolucionário. [para] (...) sobreviver a um inverno requeria planejamento e auto-disciplina, avançaram mais rapidamente no desenvolvimento de suas faculdades mentais mais elevadas -- incluindo as habilidades para conceptualizar, resolver problemas, fazer planos para o futuro e adiar a gratificação -- do que aqueles que permaneceram em um clima relativamente invariável dos trópicos. [as] raças variam hoje em suas capacidades para construir e manter uma sociedade civilizada e, mais em geral, em suas habilidades para ter uma mão consciente à Natureza na tarefa da evolução. (...) somos conscientes de nossa própria natureza e nossas relações com o resto do mundo, nós temos uma inevitável hierarquia de obrigações e responsabilidades. Finalmente, nós temos uma responsabilidade com nós mesmos de sermos os melhores e mais fortes indivíduos que possamos ser. Nós nos vemos como parte da Natureza, sujeitos às leis da Natureza. Nós reconhecemos as desigualdades que se produzem como conseqüências do processo evolucionário e que são essenciais ao progresso em cada esfera da vida. Nós aceitamos as responsabilidades como homens e mulheres Arianos de lutarmos para o avanço de nossa raça à serviço da Vida, e de sermos os instrumentos mais adequados que possamos ser para esse propósito. </etno NA>*

<etno 30> *Em tempos mais saudáveis espiritualmente, nossos ancestrais tomaram para eles as partes do mundo que eram mais apropriadas em clima e terreno para nossa raça: em particular, toda a Europa e as zonas temperadas das Américas, sem mencionar a Austrália e a ponta do sul da África. Esta era a nossa área de existência e nossa área de procriação e ela deve, portanto voltar a ser de novo. [...] Nós faremos tudo o que seja necessário para conseguir este espaço vital Branco e para mantê-lo Branco. Nós não nos deteremos pelas dificuldades ou pelas experiências desagradáveis envolvidas, porque somos conscientes de que este espaço vital é absolutamente necessário para nossa sobrevivência racial. A tendência demográfica em longo prazo em direção a um mundo mais escuro, que as desastrosas políticas do século passado causaram, não deve ser somente detida; ela tem que ser revertida. </etno NA>*

Quando Pierce faleceu, em 2002, a National Alliance tinha um faturamento de mais de um milhão de dólares por ano e 17 funcionários pagos²⁰³. Além desse grupo, Pierce era fundador e pensador do movimento *Cosmotheism*, divulgado pelo site e fórum *Solar General.com*. A National Alliance gerenciava um jornal, o *National Vanguard Magazine*, e produzia livros e discos por meio de suas companhias: a *National Vanguard Books* e a

²⁰² O “destino” pelos quais se tornam responsáveis os arregimentados pela National Alliance inclui várias propostas: a construção de um “Espaço Vital Branco”, uma “Sociedade Ariana”, um “Governo Responsável”, um “Novo Sistema Educacional” e por fim “uma Política Econômica Baseada em Princípios Raciais”. Por exemplo, um “Espaço Vital Branco” imune à “doença do ‘multiculturalismo’, que está destruindo a América, Grã-Bretanha e todas as outras nações Arianas”, seria constituído por “escolas Brancas, áreas de lazer e bairros residenciais Brancos, lugares de trabalho Brancos, fazendas e campos Brancos”. Neles não deve haver “não-brancos” e deve-se manter “espaços abertos ao nosso redor para expansão.” Essa ideia do “espaço vital branco” assumiu novas formas na The Order, nas Nações Arianas, nas Pequenas Pessoas Pioneiras da Europa e em vários grupos, até sua formatação atual na Northwest Front, criada por Harold Covington.

²⁰³ Cf. <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-files/profiles/william-pierce> e <http://www.nytimes.com/2002/07/24/us/william-pierce-69-neo-nazi-leader-dies.html>

Resistance Records. Após a morte de Pierce, membros da National Alliance trocaram acusações diversas e o site da instituição foi retirado do ar. Há um novo site no ar, de um grupo que deseja manter o movimento²⁰⁴. Em setembro de 2013, o líder atual da National Alliance, Erich Gliebe, enviou aos membros uma carta, falando das dificuldades e dívidas e dissolvendo a National Alliance²⁰⁵. Em geral, os neonazistas criticam muito a atuação de Gliebe, por ter, segundo eles, destruído uma estrutura sólida que, quando ele a assumiu, tinha mais de mil e setecentos membros contribuintes mensais. Hoje não passariam de oitenta. Isso, contudo não indica uma diminuição do movimento neonazista como um todo. A National Alliance sempre foi marcada por um comportamento mais “filosófico”, e desde a morte de Pierce, segundo indicam os acessos e debates em fóruns, parece que seus membros migraram para grupos mais pragmáticos.

No entanto, os *Diários de Turner* continuam muito acessados e baixados, não apenas pelos admiradores de Pierce, mas também pelos fanáticos seguidores dos membros da “The Order”. É impossível compreender a ação do grupo e os ideais de David Lane sem conhecer o livro de Pierce.

O livro propõe-se a orientar jovens que nele acreditem conter uma profecia a seguir as instruções do livro para organizar um grupo paramilitar e disposto a derrubar o governo dos EUA. Há três elementos importantes nessa proposta: a racial, a política e a bélica. A proposta racial alicerça as demais: os EUA seriam um país governado pela mídia e influencia judaica, por conseguinte em estado “ZOG”, e para destruir as pessoas brancas (objetivo dos ZOG), o governo dos EUA deu direitos civis aos negros, permitiu o casamento inter-racial, a adoção de crianças negras por casais brancos e a espetacularização dos negros em esportes e shows de música, o que causou o fim da pureza racial, e, conseqüentemente, ameaça a raça branca de genocídio. A proposta racial do livro é destruir o governo ZOG estabelecido para impor fim a este genocídio. A segunda proposta, política, é estabelecer um espaço branco definitivo nos EUA de forma que, crescendo, ele possa dominar as esferas públicas do país, a ponto de definir a política, enquanto a esfera bélica é vivenciada. Por fim, a proposta bélica é tomar armas por meio de roubos de forma a militarizar esse espaço branco e defendê-lo para garantir sua existência e preservação.

²⁰⁴ <http://www.natallnews.com/>

²⁰⁵ <http://www.splcenter.org/blog/2013/09/25/in-a-near-final-collapse-the-neo-nazi-national-alliance-ends-membership/>

Em 25 capítulos, contando o Prólogo e o Epílogo, o livro é uma narrativa ambientada num futuro distópico, publicado em 1978. Era o livro mais comercializado da National Alliance, que vendeu mais de 5 milhões de exemplares em vários idiomas. Apenas no ano 2000, foram distribuídos 500 mil exemplares²⁰⁶. Antes de Pierce falecer, o FBI creditava à National Alliance a posição de mais bem financiada e estabelecida organização nacionalista branca nos EUA: como vimos acima, em 2002, a renda da National Alliance ultrapassava um milhão de dólares anuais.

No entanto, após a morte de seu fundador, a instituição entrou em grande declínio, devido a má administração, prisão de membros (em especial a de Shaun Walker) e disputas internas. Ativistas expulsos pelo primeiro administrador pós-Pierce, Erich Glibe, criaram a National Vanguard, que obteve grande apoio em muitos escritórios regionais. Em março de 2006 a National Vanguard dividiu-se novamente, deu origem também a Nationalist Coalition, que foi constituída pelos movimentos das cidades de Tampa (Flórida) e Denver (Colorado).

Em 2007, a National Vanguard passou a se denominar *European Americans United*, e constituiu um canal de comunicação online denominado *Western Voices World News*. O atual líder da National Alliance, Will Williams, não é muito bem quisto na comunidade neonazista. Sobre ele, April Gaede comentou que “Will Williams da National Alliance é tão mentiroso quanto Harold Covington²⁰⁷”. Esse último é um dos membros com mais contendas na comunidade nazi. O ódio não é só externo.

²⁰⁶ Sutherland, John (2000-04-03). "evangelhos de ódio que deslizam através da rede". Guardian Unlimited (Guardião). Retirado 2007/09/05.

²⁰⁷ Ao falar de um livro publicado por Harold Covington, *The March Up-Country*, uma revista do movimento (NSWorldview, Summer 1996/nº.107) explica que a análise sobre raça do autor é excelente. Por outro lado, ao comentar a segunda e terceira partes, que consistiram em uma crítica do movimento racista nos EUA e sugestões para desenvolvimento do movimento futuro, a revista afirma que o autor emprega tanto mentiras quanto distorções ao criticar seus inimigos dentro do movimento racista. Após essa queixa, o pequeno texto sobre o livro fala que o autor teria incluído bons conselhos (não converse com a polícia se for preso) e um absurdo perigoso (sempre agir como seu próprio advogado). O interessante é que David Lane agiu dessa maneira no julgamento da Ordem.

B.6 . A Religiosidade aprimorada no Ódio: A Identidade Cristã

Nada se assemelha aqui a um rosto, e, entretanto, os rostos se distribuem em todo o sistema, os traços de rostidade se organizam. E, entretanto ainda, essa máquina abstrata pode certamente funcionar em outra coisa que não rostos; mas não em qualquer ordem, nem sem razões necessárias. [...] Conseqüentemente, a questão é a de saber em que circunstâncias essa máquina é desencadeada, produzindo rosto e rostificação. Se a cabeça, mesmo humana, não é obrigatoriamente rosto, o rosto é produzido na humanidade, mas por uma necessidade que não é a dos homens "em geral". O rosto não é animal, mas tampouco é humano em geral, há mesmo algo de absolutamente inumano no rosto. É um erro agir como se o rosto só se tornasse humano a partir de um determinado limiar: close, aumento exagerado, expressão insólita, etc. O rosto é inumano no homem, desde o início; ele é por natureza close, com suas superfícies brancas inanimadas, seus buracos negros brilhantes, seu vazio e seu tédio.

Deleuze e Guatarri

Uma das grandes questões com as quais me confrontei no trabalho de campo e na escrita etnográfica sobre o neonazismo nos EUA (e, posteriormente, sua relação com David Lane) sempre foi o fato de que cada elemento que forma a atmosfera, o clima, o solo da narrativa dos grupos parecia, por si só, imenso objeto de análise. Estivesse eu pesquisando a Klan, a National Alliance, as obras de ficção da supremacia branca, tudo parecia envolvido em uma quantidade imensa de material histórico, simbólico, social, sempre posto em ativismo de forma infinita²⁰⁸. No caso da Identidade Cristã (IC) se deu o mesmo. No entanto, ao contrário da National Alliance, a IC não é uma organização, mas uma forma de pensar o Cristianismo foi sendo disseminada dentro das comunidades neonazistas nos EUA. Ainda que, nas Nações Arianas, a Identidade Cristã tenha sido hierarquizada e formalizada pelo ministério de Richard Butler, o alcance da IC é imenso e o transcende²⁰⁹.

A IC está por trás de inúmeros atos de terrorismo dos últimos trinta anos, e mistura a filosofia da supremacia branca, uma teologia da reconstrução, o extremismo cristão e ódio racial e anti-semita. A certeza da justificação divina e de que atos de violência contra o governo, não-brancos, homossexuais e judeus são desejados por Deus, como vingança, dá aos

²⁰⁸ Some-se a isso que os grupos de ódio pesquisados operam nos EUA sob a forma de células, ou seja, em pequenas alianças de poucos participantes, exatamente para evitar que outras células do movimento sejam descobertas caso eles se envolvam em investigações. Cada um dos grupos é na verdade uma multiplicidade, as células localizadas podem ser apenas uma parte da questão.

²⁰⁹ Os grupos de identidade cristã incluem “O Pacto, A Espada e o Braço do Senhor”, o “Sacerdócio de Phineas” (um dos grupos mais violentos) e a “Milícia Constitucional de Oklahoma”. A Identidade Cristã é adotada nas Nações Arianas, no Exército Republicano Ariano (ARA), no Conselho dos Patriotas, na Igreja de Jesus Cristo Cristão, na Rede da Juventude Tradicionalista e em vários cultos, maiores ou menores, nos EUA.

membros da IC uma suposta legitimidade moral necessária. A teologia da reconstrução defende que o governo deve ser destruído por enganar sua população – afinal, negros e judeus não seriam humanos, e sim fruto de relações pecaminosas da serpente do Éden com Eva, relações que devem ser castigadas. Enfim toda e qualquer violência sancionada pelo Deus Branco da Bíblia é permitida. A Bíblia contém inúmeros atos de assassinato exigidos por Deus, logo, na interpretação negacionista da Bíblia pela IC, a morte é plano divino.

Por exemplo, em uma das Igrejas da IC²¹⁰, tida como um grupo de ódio Anti-Gay, os membros defendem que todas as pessoas que leram livros de Harry Potter deveriam ser punidas com pena de morte (sem nem levar em conta a questão da idade). Para eles, a autora do mundo do mago infantil “*abraça dois dos pecados mais abomináveis, ambos os crimes dignos de pena de morte no Antigo Testamento: bruxaria e politeísmo*”. Além disso, segundo líderes do grupo, o livro “*ensina crianças feitiços, a conjuração dos mortos, ódio à família, desobediência à família e autoridade*”. Um dos principais líderes do grupo, que já defendeu pena capital para a homossexualidade, levantou a questão de que o Diabo teria comprado a Disney em 1984 para fazer filmes que doutrinaría crianças pequenas em pecado. Um exemplo disso seria *Frozen*, que existiria apenas para criar gays.

Uma outra, a Westboro Baptist Church (WBC), odeia tudo: gays, soldados, políticos, católicos, bandeiras, mulçumanos, ciganos, judeus. Denominava o Holocausto de “Santo Holocausto”, faz manifestações queimando a bandeira americana e gritando “mais soldados mortos!”. Seus 60 membros costumam fazer passeatas pelas ruas com placas coloridas expressando ódio a tudo e a todos²¹¹. Além das placas, a Igreja se especializou em parodiar músicas populares (como *Hey Jude*, dos Beatles, *New York, New York*, da versão de Sinatra, entre outras dezenas) para popularizar suas crenças, modificando as letras para versões cheias de ódio. *Hey Jude* virou *Hey Jews* (falando sobre o assassinato de Cristo); *God Bless America* virou *God hates America*; *New York, New York* virou uma letra que fala da ação da mídia de Nova Iorque sobre a fé; a canção de Paul Simon *Kodachrome* vira uma ode ao fato de que os cromossomos não se renderão ao plano gay. Enfim, seja invocando a Bíblia ou a genética, o ódio tornado espetáculo pela WBC espalhou-se na internet em arquivos mp4, que deram a ela grande visibilidade.

²¹⁰O grupo em questão é a Generations With Vision.

²¹¹A situação serviu inclusive a memes na WEB por conta dos episódios de ódio.

Figura 26 – Odiando tudo

WESTBORO BAPTIST CHURCH


A IGREJA QUE ODEIA OS EUA E O NEONAZISMO ESPETÁCULO


Oferecendo os números abaixo como "dados", a Igreja que é grande caricatura dos movimentos de ódio, conhecida pelas placas de ódio coloridas, e que segue espalhando todo tipo de ódio pelas ruas dos EUA (e servindo a todo tipo de meme na WEB), mostra que tipo de delírio o ódio pode instrumentalizar.


A tradução dos Números (do site da WBC):

- 6952 - soldados que Deus matou no Iraque e no Afeganistão.
- 61.705 - piquetes realizados por WBC.
- 1014 - cidades que foram visitadas pelo WBC.

- 1401 - semanas que a WBC realizou piquetes diários nas ruas médias da América condenada.
- 152 - pessoas que Deus lançou no inferno desde que você carregou esta página.
- US \$ 18.16 trilhões + - dívida nacional da América condenada.
- 8 pessoas que Deus salvou no dilúvio.
- 16.000.000.000 - pessoas que Deus matou no dilúvio.
- 144.000 - judeus que serão salvos nestes últimos dias.
- 0 - nanossegundos de sono que os membros do WBC perdem sobre suas opiniões e honorários.








“

HEY EVIL REPROBATE JEWS, GOD HATES YOU, YOU CHRIST-KILLERS! ."

- REFRÃO DE UMA DAS PARÓDIAS DA WBC.

“

Hey Jews, baseada em Hey Jude dos The Beatles




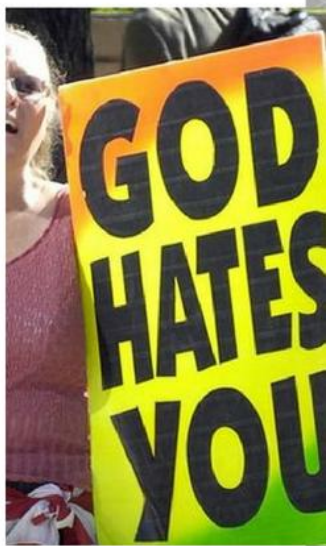
GOD HATES

A Igreja Batista de Westboro (WBC) é composta por seu líder, o pastor Fred Waldron Phelps, nove de seus 13 filhos (os outros estão fora da Igreja) , seus filhos e cônjuges e um pequeno número de outras famílias e indivíduos. Phelps sempre manteve controle rígido sobre o grupo, praticamente um culto. Abaixo, o pastor e as conhecidas placas coloridas.

Numbers

- 6952** - soldiers that God has killed in Iraq and Afghanistan.
- 61,705** - pickets conducted by WBC.
- 1014** - cities that have been visited by WBC.
- 1401** - weeks that WBC has held daily pickets on the mean streets of doomed america.
- 716** - people whom God has cast into hell since you loaded this page.
- \$18.16 trillion+** - national debt of doomed america.
- 8** - people that God saved in the flood.
- 16,000,000,000** - people that God killed in the flood.
- 144,000** - Jews that will be saved in these last days.
- 0** - nanoseconds of sleep that WBC members lose over your opinions and feeeeee!!!!iiiiiiiiings.





Se, por um lado, a face espetacular da WBC serviu para criar histórias que inundaram a WEB de questões, a IC também serviu para criar os grandes atentados: Oklahoma foi apenas um deles, visto que Timothy McVeigh era membro de um grupo que professava a fé racista e os pesquisadores do caso sempre vincularam a IC ao ato. A IC parece uma argamassa, e todos os edifícios neonazistas utilizam dela ora um pouco, ora muito. Um dos grupos em que se faz presente é o Skinhead Racista.

A performance Skinhead (cabeça raspada), *tout court*, desenvolveu-se entre as décadas de 1960 e 1980 no meio da classe trabalhadora britânica, oriunda de um movimento de contestação da Jamaica. Sempre manteve um estilo embrutecido, com coturnos e roupas de chão de fábrica, mas não necessariamente aderiu à violência ou ao racismo. Uma parte dos jovens envolvidos com críticas ao marxismo do movimento é que formou o subgrupo Skinhead Racista. A atuação se deu principalmente pela música, por formação de bandas que o movimento denominou RAC (Rock Against Communism), ou por composição de fã-clubes a elas dirigidos (um movimento de ativistas). A banda mais famosa de RAC de todos os tempos, foi sem dúvida a *Skrewdriver*²¹², criada em 1981 por Ian Stuart Donaldson, e o movimento de ativistas (fãs) que girou em torno da banda recebeu dele o nome de *Blood and Honour*.

O RAC cresceu muito no mundo todo desde a década de 80. O grupo Hammerskins (conhecido como Hammerskin Nation – HSN) foi fundado em 1986 por Wollin Lange e Scan Tarret, de Dallas, Texas. Agora existem ramificações em diferentes países. O movimento de fãs paralelo que a acompanhou é o Crew38. A HSN é altamente hierarquizada e se avalia como um grande grupo de elite. Realizam grandes reuniões anuais, as Hammerfests. Eles possuem forte influência do Wotanismo de David Lane, e seu logotipo são dois martelos de Thor em cruz, lembrando também o martelo dos trabalhadores. Em sua página na Web eles afirmam compromisso com o legado da Order²¹³ e com as 14 palavras.

²¹² Entre outras canções que falam do poder branco e incentivam a luta, uma das músicas mais conhecidas da Banda é *White Power*: Um trecho dela afirma: “*Eu fico de pé olhando o meu país, indo pelo ralo [...] Uma vez que tivemos um Império, e agora nós temos uma favela [...] Poder branco! Pela Inglaterra! [...] Para a Grã-Bretanha Antes que seja tarde demais*”

²¹³ Até o código fonte da página traz essas informações de descrição e palavras chaves: <“*The Hammerskin Nation is a leaderless group of Men and Women who have adopted the White Power Skinhead lifestyle. We are blue collar workers, white collar professionals, college students, entrepreneurs, and family men and women. The HSN brotherhood is way of achieving goals which we have all set for ourselves. These goals are many but can be summed up with one phrase consisting of 14 words. WE MUST SECURE THE EXISTENCE OF OUR PEOPLE AND A FUTURE FOR WHITE CHILDREN*” /> <meta name=“Keywords” content=“white, power,

Há muitos outros grupos de Skinheads Racistas nos EUA. Alguns deram origens a bandas e células de pouca duração, como a Youth Defence League, que gravou duas demos²¹⁴ em dois anos e depois se extinguiu. Outras entram em disputa com lideranças, causando problemas na cena nazi²¹⁵. Algumas desenvolveram um público maior e fã-clubes que fazem ativismo, e com isso têm conseguido permanecer na cena neonazi²¹⁶. Exemplos de bandas mais conhecidas são: Angry Aryans, Before God, Berserkr, Bound for Glory, Chaos 88, Final Solution, People Haters e Xenophobia.

Mesmo os Wotanistas, como David Lane, freqüentemente se valem da IC para dialogar com o meio protestante dos EUA, tão amplo quanto desejável para angariar membros para o movimento. As crenças da Identidade a aproximam do Israelismo Britânico. A ideia é legitimar um lugar de “povo sagrado” para os EUA, negando ao povo judeu o lugar de descendente de Adão, e fornecendo à nação estadunidense a condição adâmica. Em algumas versões, a condição adâmica descenderia de um dos filhos de Abraão, na velhice; em outras, pela descendência direta de uma tribo de Israel; em outras, como sobreviventes da língua original falada antes de Babel. Na fé da IC, Cristo não é judeu e os EUA são a terra prometida branca que salvará os brancos do mundo. A fim de organizar a salvação prometida, um dos

pride, skin, head, skinheads, skinhead, pride, community, tradition, racism, hate, hammerskins, hammer, skin, nation">. Tradução livre: <"The Hammerskin Nation é um grupo sem liderança de homens e mulheres que adotaram o estilo de vida White Power Skinhead. Somos trabalhadores de colarinho azul, profissionais de colarinho branco, estudantes universitários, empresários e homens e mulheres de família. A Irmandade da HSN é uma forma de atingir metas que todos nós definimos para nós mesmos. Esses objetivos são muitos, mas podem ser resumidos com uma frase que consiste de 14 palavras. TEMOS DE ASSEGURAR A EXISTÊNCIA DE NOSSAS PESSOAS E UM FUTURO PARA AS CRIANÇAS BRANCAS "/> <"Palavras-chave" "branco, poder, orgulho, pele, cabeça, skinheads, skinhead, orgulho, comunidade, tradição, racismo, ódio, hammerskins, martelo, pele, nação">

²¹⁴ Refiro-me às compilações *Skins para Skins* e *Skinheads 88*, de 1986 e 1986.

²¹⁵ Sobre a capacidade do movimento de produzir disputas e incoerências, há grupos que se definem como GASH (Gays Arianos Skinheads; é também um trocadilho com o fato de que “gash”, em inglês, significa “corte profundo”) ou “Aryan Skinheads-Gays”, e a grande maioria dos Skins racistas os odeia. Os GASHs odeiam lésbicas e mulheres, praticam sado-masochismo e, na Rússia, o brasão do grupo é representado por dois pênis eretos formando uma suástica. São ultranacionalistas e os grupos são pequenos e violentos. Há grupos GASH nos EUA, na Europa e na Austrália. Há quem diga na cena neonazi que são pagos por judeus, ou pelo governo.

²¹⁶ Uma das correntes que mais se desenvolveu no neonazismo brasileiro foi exatamente o RAC. Há muitas bandas desse tipo, como Ação NS, Brigada NS, Corrosão, Defesa Armada, Fist of Steele, Free Spirit, Hamster, Locomotiva, Resistência 1945 (essa já encerrada) S.A.R. Southern Aryan Response, Stormfront 88, Stuka, Thallium e ZknB, Zurzir. Ao contrário da cena neonazi nos EUA, não há fã-clubes organizados em movimentos, o que aqui não acontece graças a criminalização do racismo e do nazismo. As bandas brasileiras têm letras de ódio explícitas. Uma das músicas da Stuka fala que “sinagogas vão explodir e kipás vão voar”. Outra canção do Zurzir solicita que o homem branco ache seu “lobo branco solitário” (nome dados pelos skins racistas a agressores solitários de gays, negros e judeus): “*Retome o espírito do lobo na caça Retorne novamente o temor a nossa raça!*” Há ainda músicas contra negros, pessoas com deficiência, judeus, separatistas, em louvor dos heróis da Alemanha nazista e dos deuses nórdicos.

grupos mais ativos da IC foi o fundado por Richard Butler, em 1971, que recebeu o nome de Nações Arianas ou Igreja de Jesus Cristo Cristão.

A ideia original baseava-se na promessa de apoio moral e ajuda mútua para a população branca, o que atraiu muitos membros. Então, numa região de bela natureza, em Hayden Lake, Idaho, Butler formou um complexo de 20 acres de terras praticamente livres da ação governamental. Em seu apogeu, entre os anos 70 e 80, as Nações Arianas possuíram dezoito “escritórios de estado” oficiais, com capítulos (células) em estados adicionais e milhares de seguidores. Foi exatamente numa das reuniões no Complexo que surgiu a idéia da futura irmandade de Bob Mathews e Lane, The Order. Nos congressos realizados no local nos anos 80, participavam cerca de quinhentos ativistas de todo o país²¹⁷. Em todas as reuniões, Butler sempre mencionava a necessidade de os brancos dos EUA se unirem para construir um espaço branco separatista, e o sonho do “Pacific Northwest” como uma área separada “ariana” começou a se formar nos grupos neonazistas. Para os coordenadores do complexo, o espaço de Idaho deveria funcionar para prestar apoio aos brancos em situação de risco (por sua raça ou crenças), promover ideias para elevar e expandir a força ariana, desenvolver material educacional e monitorar as relações arianas com outros grupos.

O complexo acabou depois de uma decisão judicial, em 2000, contra as Nações Arianas, no valor de US \$ 6,3 milhões em indenizações punitivas e compensatórias contra pessoas agredidas. Em 2004, o grupo neonazista se mudou para Sebring, na Flórida – curiosamente, na ponta sudeste do país, isto é, o extremo geográfico oposto.

²¹⁷ Aryan Nations, Church of Jesus Christ Christian, “*Aryan Nations Congress*” (1994: Hayden Lake, Idaho) University of Chicago Library.

B.6.1 Grupos e mais grupos, ódio e mais ódio

Acreditamos, ao contrário, que os interesses sempre se encontram e se dispõem onde o desejo lhes predetermina o lugar.

Gilles Deleuze

Na primeira vez que eu observei um site neonazista, nele encontrei um texto de David Lane. Obviamente, eu não tinha a menor ideia de quem ele era. O texto se denominava “14 Porquês?” e posteriormente eu percebi que se tratava de um panfleto muito repetido, traduzido em muitas línguas, cuja primeira questão era: “*por que nos chamam de ‘portadores de ódio’ quando a nossa causa é a preservação da beleza das nossas crianças?*” O texto era uma tentativa retórica, paranóica, terrível, impolida, para dar conta de uma agenda racializada para sua singular narrativa épica. Naquele momento, deteve-me o aspecto de que eles se surpreendiam em serem denominados “portadores do ódio”, ao mesmo tempo em que o discurso falava de segregação, e muitas vezes de eliminação de outras raças. Alguns *cartoons* nos sites apresentavam seus “inimigos” de forma absolutamente desumanizada e numa gama de muitas cores de ódio. Por que lhes parecia tão absurdo serem tidos como os que se utilizavam de um discurso de ódio?

Somava-se a isso o fato de que assumiam visivelmente a ideia de odiar os “traidores da raça” – para eles, as pessoas brancas que não dividiam suas crenças. Um dos textos de David Lane que dissertam exatamente acerca desse tipo de ódio é *Misdirected Hate*. No artigo, Lane volta ao tema do casamento inter-racial e como isso representa o grande perigo de genocídio para a raça branca. Lane afirma ter amigos em todos os grupos raciais, embora eu nunca tenha localizado nenhum nesses anos de pesquisa. Muito pelo contrário: quando agente imobiliário, ele se recusou, por exemplo a vender casas para negros, e em seus textos estão muito presentes as opiniões negativas que tinha dos judeus. Então, novamente eu me via na mesma neblina que ele impunha sobre tudo que se referia a si, e eu voltava ao que ele escreveu.

<DL> O verdadeiro ódio que eu sinto é para com os traidores da minha própria raça, que abraçam a ideia universalista de mistura com a conseqüente extinção inevitável da minha raça branca como aconteceu em Cartago, Egito, Pérsia, e tantos lugares ao longo da história. História e

Direito da natureza tornam absolutamente garantido que a integração racial é suicídio racial para a raça branca. </DL>

Ao afirmar isso, David Lane aponta algumas coisas: primeiro, que houve uma grande raça branca em Catargo, Egito, Pérsia e que foi o casamento inter-racial que a eliminou. Ao atribuir a essa afirmação a força de uma verdade histórica incontestável, Lane a usa para repetir sua estratégia de contrapor o que ele chama de “ideia universalista” que guiaria o governo americano (orientado por sionistas, o ZOG), e o que ele denomina “a mais alta lei da natureza”, que seria a preservação da espécie: “ser e preservar-se branco”, (whiteness), isto é, apenas a endogamia racial asseguraria a preservação. Essa paranóia com a preservação as mulheres e crianças aparece no nome do artigo, pois o termo *Misdirected* é usado tanto para explicar situações de erros de direção, como para explicar a corrupção moral ou luxúria que, em termos mais religiosos, levam a algum desvio da trajetória devida, e é exatamente por essa dubiedade que Lane se utiliza deste vocábulo. O texto todo é direto: são os judeus que forçaram a “ideia universalista”, pois são corruptos moralmente, e essa idéia universalista, por sua vez, prepara o caminho para o casamento inter-racial, o passo direto para eliminação do povo branco. Então, adverte: “*homem branco, é preciso ir atrás do verdadeiro inimigo e preservar a raça branca*”. No texto há obviamente uma agenda contra o judeu, que ele simula, disfarça.

Esta simulação, frequente em seus textos, é que foi permitindo que as categorias ganhem cada vez mais plasticidades, algumas vezes em direções tão opostas que os sentidos se tornam fragmentados, como se a plasticidade explodisse. Esse sismo permite polissemias em exponencial, que se somam, negam, continuam e descontinuem. Dentro dessas categorias explodidas, disseminadas por sentidos para todos os lados, quatro foram muito presentes na minha etnografia: ódio, pessoa, natureza, raça.

O que acontece com a categoria ódio também se deu com raça, pessoa e natureza. Essas quatro categorias serão abordadas em minha análise etnográfica. Obviamente, há outras categorias importantes, mas funcionam como satélites dessas quatro categorias chaves, tais como honra, pureza, sangue, entre outras. Interessa-me neste momento²¹⁸ demonstrar o quanto a contradição é presente no discurso, a partir dessa discussão de Lane sobre ódio, e o quanto essas quatro categorias são negociadas para abrigar o sentido necessário ao grupo, numa

²¹⁸ Eu não poderia estender a análise de todos os movimentos e categorias da cena neonazi. Isso seria um projeto que não caberia em uma única tese.

plasticidade quase infinita. Por exemplo, afirma-se que não se deve odiar membros de outras raças, apenas seus inimigos, mas os sites que “não odeiam”, convidam a matar e a proliferar material contra determinadas raças.

O site de Tom Metzger, White Aryan Resistance (WAR), é um exemplo: fornece muito material de ódio racial. Também fornece a obra completa de David Lane. Os cartoons bem desagradáveis revelam o pensamento do neonazista sobre judeus, gays, asiáticos, latinos, negros. Há centenas de imagens no site, e muitas dessas imagens são traduzidas e utilizadas por outros grupos, inclusive no Brasil²¹⁹. Os gays são descritos como doentes e contaminadores; os negros, como estupradores, violentos, animais, muitas vezes representados por chimpanzés; os asiáticos, como exploradores, e/ou imundos; os judeus, como mentirosos, dominadores, e responsáveis pela eliminação do branco. É por estar no limítrofe da lei da liberdade de expressão e do crime de ódio, nos EUA, que esta dualidade é tão explosiva, complexa e exigente para com o observador. E falam que não há ódio ali, apenas uma defesa da raça.

Há cerca de quinze anos observo na WEB, e posteriormente na DEEPWEB grupos neonazistas como esse, menores, ou muito grandes como a National Alliance, localizando, observando e lendo sua produção. Nesse tempo, decisivamente, três fatos e suas diversas leituras conduziram o movimento a expressar de forma complexa suas crenças e temores: a morte de David Lane (construído como herói); os dados anunciados pelo Censo (dos EUA) de 2010 (e a ameaça de extinção, pela diminuição do número de brancos, dada pelo Censo); e as eleições (acompanhei duas, a de Obama e a de Trump – a primeira foi lamentada, na segunda, eles tomaram parte ativa e comemoraram muito, afirmando-se os responsáveis pela eleição). Na maioria dos sites e na fala de grande parte dos internautas nos fóruns, esses elementos foram se integrando, produzindo uma narrativa em que as diversas arenas (política, crenças, religiosidades, relações sociais) foram se aglomerando, tanto para estruturar concepções e sentidos para essa narrativa, como para se reestruturarem a partir das novas condições narrativas que eram produzidas. A narrativa vivenciou, permitindo-me aqui um oxímoro, o clima desses eventos, respondendo a eles, buscando explicações, como se eles se entrelaçassem numa história épica.

É nessa narrativa épica que é elaborada e reelaborada nos sites, continuamente,

²¹⁹ Esse é um grupo bastante copiado no Brasil.

e na medida em que ela absorve novos agentes como heróis, ou torna abomináveis os que não condizem com sua singular leitura, que categorias como as citadas (raça, ódio, pessoa e natureza, entre outras) vão vivenciando uma plasticidade exponencial, como se a narrativa moldasse um relevo com eles. Essas categorias tão plenamente polissêmicas vão se tornando o apogeu de sua crença, uma profusão de polissemias (mas inequívocas para os neonazistas), explodido pelos sites fanática e desenfreadamente.

Ao pensar a etnografia, percebo que, no discurso neonazista, as categorias vão sendo instrumentalizadas e rearranjadas para dar conta do que acontece, do que consideram grandes eventos, para que sua narrativa permaneça épica e coerente para eles. É imprescindível, portanto, na interpretação de qualquer fato que possa ameaçar sua narrativa, que ele seja analisado de modo a preservar a ideia de que o povo branco existe e deve ser preservado (whiteness) de qualquer ameaça, e que essas ameaças estão cada vez mais reais, promovidas pelos governos ZOG. Então, o relevo das categorias vai se modificando, conforme o clima, mas mantendo a narrativa, sempre épica, urgente, paranóica, repleta de reminiscências.

B.6.2 A cena neonazi nos EUA

Existem, segundo dados da Southern Poverty Law Center (SPLC), mais de 900 grupos de ódio racial nos EUA²²⁰. Desagregando os dados, encontrei 689²²¹ grupos de ódio organizados com discurso neonazista nos EUA, ou em processo de nazificação, como grupos anti-LGBT, grupos anti-imigração, ou grupos ligados ao Red October (grupos neo-nazis dos EUA que apóiam à sua maneira o grupo de mesmo nome da África do Sul, que defende direitos dos brancos). Nos grupos anti-LGBT, considere como processo nazificador, além do ódio aos gays, a negação da morte dos gays e lésbicas sob o regime nazista alemão, inclusive em campos de concentração. Nos grupos anti-imigrantes há um amplo espectro, desde os racistas mais “brandos”, ou seja que defendem a legalização dos imigrantes e um lugar separado para eles, com leis específicas; até os que falam em não deixar possibilidade nenhuma de “contaminação” com a migração e culpam os judeus pela chegada dos latinos²²². Em um dos sites desse último bloco há imenso material negacionista do Holocausto. Como aconteceu com outros movimentos, considero questão de tempo, crise econômica, e surgimento de líderes em cada um destes movimentos para que a nazificação assuma uma aceleração ou desaleração. Só o tempo dirá.

Destes, os quatro maiores grupos são os da Ku Klux Klan (com 162 grupos), os que a SPLC denomina simplesmente Neonazistas, com 143 grupos, os, e os Nacionalistas Brancos (White Nationalists), com 129 grupos, e os Skinhead Neo-nazis, com 126 células. Outros grupos menores dividem a cena neonazi: 37 grupos da denominada Identidade Cristã, 36 grupos dos Neo-Confederados, 22 grupos vinculados às organizações Anti-LGBT nazificadas, ou em processo de nazificação, 9 grupos ativos ligados à produção de música racial, com diversas bandas e cantores, 9 grupos de negacionistas e, enfim, 9 grupos neo-nazis ou em processo de nazificação que trabalham fortemente com a questão anti-imigração.

Esta classificação, que mantive para viabilizar a interlocução com os dados da

²²⁰ Cf. <http://www.splcenter.org/get-informed/hate-map>

²²¹ Encontrei mais grupos, mas estes são os listados pelo SPLC.

²²² Em vários desses grupos anti-imigrantes há neonazis infiltrados. A questão veio à tona quando um neonazi conhecido JT Ready cometeu uma série de assassinatos e seu vínculo com o movimento foi completamente exposto. O caso se deu quando ele pertencia ao US Border Guard. Ele foi fuzileiro naval, e participava de várias operações paramilitares na fronteira do Arizona. Sempre se suspeitou de que houvesse vítimas como fruto de sua atuação. Em 2012, ele matou sua namorada de 47 anos, Lisa Mederos, a filha de Lisa, Amber Mederos, de 22 anos, o namorado de 22 anos de Amber, Jim e uma garotinha de um ano de idade.

SPLC e com a discussão de alguns autores, possui alguns problemas. O principal deles é abarcar o grupo de neo-nazis, dentro do grupo de neo-nazis, obviamente, quando na verdade se refere aos hitleristas, incluindo os esotéricos e os não-esotéricos (são denominados esotéricos os seguidores do nazismo que discutem a antiga escola de Vrill, os símbolos pagãos nazistas, entre outros). Estes grupos, em geral, têm referências a Lane, e sua grande questão, no limite, é se ele seria um novo Hitler, seu sucessor, ou apenas um seguidor de Hitler. Por exemplo, eles discutem se as 14 palavras, afirmando uma inspiração no *OITAVO capítulo de Mein Kampf*²²³, seriam um plágio, uma referência, uma nova abordagem, e por aí vai. A referência citada do texto hitlerista é:

<etno 31> O que temos de lutar para se salvaguardar a existência e reprodução de nossa raça e nosso povo, o sustento de nossos filhos e a pureza do nosso sangue, a liberdade e independência da pátria, para que o nosso povo possa amadurecer para o cumprimento da missão designada pelo criador do universo. Cada pensamento e cada ideia, cada doutrina e todo o conhecimento, deve servir a esse propósito. E tudo o que deve ser examinado a partir deste ponto de vista e utilizada ou rejeitadas de acordo com a sua utilidade. </etno MK>

Os ditos grupos “neo-nazis”, na verdade, “hitleristas”, discutem se Lane fez deste texto uma profecia em 14 palavras, um resumo, embora quase todos concordem com que o slogan trouxe união ao movimento. Já os denominados “brancos nacionalistas” são especificamente neonazistas, visto que fazem negacionismo do Holocausto, cultuam a memória dos oficiais nazistas, são racistas e separatistas e anti-imigração, odeiam gays, são contra o discurso feminista. Na verdade, nestes grupos há uma grande mistura: há grupos cristãos, mórmons, odinistas, cosmoteístas, misturados.

Aos grupos, acrescentei 3 que não constavam no mapa da SPLC: o Vanguard Network, o NSDAP/AO e o WUNS. O primeiro é um fórum, o segundo mais importante do mundo, fonte primária desta pesquisa, e que responde por muita comunicação, sociabilização e ação neo-nazi nos EUA. O segundo é a maior fonte de material acerca do nazismo na rede, criada por um neo-nazi que fugiu dos EUA para a Alemanha e foi preso lá, mas que tem uma célula que trabalha com ele nos EUA e que fornece material para o mundo inteiro em várias línguas. O terceiro é a União Mundial dos Partidos Nacionais Socialistas, cuja sede é nos EUA, e que além de alimentar um movimento próprio, o NSM, é o movimento que mais associa Hitler e Lane na atualidade, está em imensa expansão nos EUA. Tem ação na região de sua sede, em Detroit (Michigan).

²²³ Lembro que 8 é um número importante para os neonazistas porque corresponde à oitava letra do alfabeto, H, e funciona como abreviatura de “Hitler” ou “Heil Hitler” (88).

Na WEB visível, que abarca apenas 10% de todo material encontrável pela maioria dos buscadores (como Google, Bing e outros), quase todos os grupos têm página, blog ou fórum. Para acessar a DEEPWEB (DW), o uso do TOR é recomendado²²⁴, e embora existam centenas de fóruns neonazistas em dezenas de línguas, eles mudam constantemente de lugar se percebem qualquer acesso de Proxy desconhecido ou suspeito. Como é muito mais fácil adicionar um domínio “.onion” (a extensão da DEEPWEB conhecida pelo navegador TOR) do que o encontrar esses sites, acessar sites neonazistas na DW torna-se um verdadeiro pesadelo para qualquer pesquisador. Aliás, acessar quase qualquer coisa na DW, sem o endereço .onion correto, é quase impossível, e isso é proposital: além de se encontrar ali todo o material não indexado da rede²²⁵ (o que por si só já soma cerca de 30% do total), há material de todo tipo de crime: venda de drogas, armas sem registro, documentos de toda sorte, cartões e contas de banco, loterias de assassinato, compras de crimes diversos por encomenda, fabricação de vírus, pedofilia, tráfico de órgãos e seres humanos, ciberterrorismo, e muito mais, para quem puder comprar – preferencialmente, com bitcoin ou outra moeda digital. Sempre irrastrável.

Apenas o domínio “Parazite”²²⁶ informa, em sua imensa biblioteca, como realizar centenas de crimes, e é um dos sites mais citados em fóruns neonazis. Entre outras sugestões, ele ensina como efetuar roubo de carros; enganar sistemas de áudio dos seguros dos carros roubados; efetuar o bloqueio de radar na estrada; como efetuar assaltos; fraudar cartões de crédito, com regras específicas para cada país; como invadir contas bancárias; como roubar residências; como furtar máquinas de alimentos automáticas; como viajar e assaltar por todo o país (nos EUA); como fabricar bombas; como colocá-las em tubulações de modo a potencializar seu efeito; como utilizar napalm; como criar explosivos básicos, inclusive com produtos químicos domésticos e fertilizantes; como fazer um cronômetro de detonação; entre outros muitos itens.

Na formação da Internet, as células ou grupos se comunicavam com poucas outras pela WEB. Usavam mais a rede para sites institucionais e proselitismo. Mas com o advento

²²⁴ Podem ser usados outros serviços como I2P, Freenet, GUNet, ZeroNet e Netsukuku.

²²⁵ A quantidade imensa de material acadêmico não indexada na rede é imensa. Além disso, boa parte da DW também contém sites do início da rede e muitos blogs, fóruns, e outros tipos de URLs que até foram indexados originalmente, mas perderam a indexação ao longo do tempo tempo, ou foram ou criados sem indexação, ou com o nome não indexado “Enter page name here”, e acabaram se tornando lixo virtual.

²²⁶ O Domínio .onion “<http://kpynyvym6xqi7????.onion/files.html>” demonstra a dificuldade e o anonimato que definem os domínios .onion. Os três “?” na verdade representam letras ou números, que substituí para não dar a sua localização.

das redes sociais, das redes Peer-to-peer²²⁷ e dos fóruns, houve um aumento dessa comunicação entre os grupos, uma verdadeira explosão, tanto na WEB como na DW. Como os dados do SPLC não tinham a sede de alguns grupos, completei os dados, procurando-os na rede, em fóruns e sites neonazistas, na rede VK (onde eles se sentem amplamente confortáveis), na página do próprio site (vasculhando-a com N*Vivo), enfim, usando as ferramentas que eu conhecia para encontrar as cidades em que se organizavam, a fim de compor alguns mapas para visualizar a questão. Não consegui encontrar menos de 10% das localizações que faltavam (provavelmente porque não existem, sendo citadas nos sites neonazistas como “fermento” para inchar o movimento, ou porque estão em formação, sem atividade visível, pelo menos na WEB ou na DW²²⁸), usando sempre, pelo menos, uma fonte do movimento e uma de notícia ou de um movimento anti-nazista para confirmar as localizações.

Esta parte do trabalho foi a mais cansativa e gigantesca, exigiu varrer milhares e milhares de páginas. Obviamente, aproveitei a tarefa para indagar outras questões aos grupos, como a existência de vinculação religiosa, e se sim, qual; a relação com Lane; e a existência por parte deles, de reconhecimento de braço ou vínculos com grupos brasileiros, para citar alguns. O trabalho de varredura é complexo, e é melhor aproveitado se o utilizarmos para vários problemas, ao invés de descobrirmos ao final que poderíamos ter perguntado algo que esquecemos. Por isso, precisa também ser bem planejado. Retirei do mapeamento os grupos e células que não localizei em ambiente hipermediado.

Feito isso, usei a nova ferramenta do Google Maps para desenhar o Mapa dos Grupos Neonazistas nos EUA, excluindo, obviamente, aqueles cujas as coordenadas geoterrestres não consegui localizar. Nele, optei por desenhar a configuração espacial do neonazismo, apresentando-a a seguir, com todos os 650 grupos e células mapeados. A relação nominal dos grupos e células está no Anexo I. O mapa está disponível de forma colaborativa na WEB e a seguir.

²²⁷ Redes sociais que se formam em torno de compartilhamentos de artigo. Algumas são bastante fechadas, exclusivamente para grandes pacotes de artigos, livros (os neonazistas preferem redes menos procuradas).

²²⁸ Na DW há muitos sites de negação do Holocausto, inclusive com fóruns de vendas de materiais de sobreviventes, em leilões. Há leilões de literatura nazi rara, como panfletos e jornais de poucas tiragens, para colecionadores. Muitos objetos de uniformes da Segunda Guerra são também leiloados. Há compra e vendas de armas entre neonazistas. Embora vários sites mencionem óvulos e espermatozoides de jovens neonazistas congelados, ainda não vi leilões sobre eles.

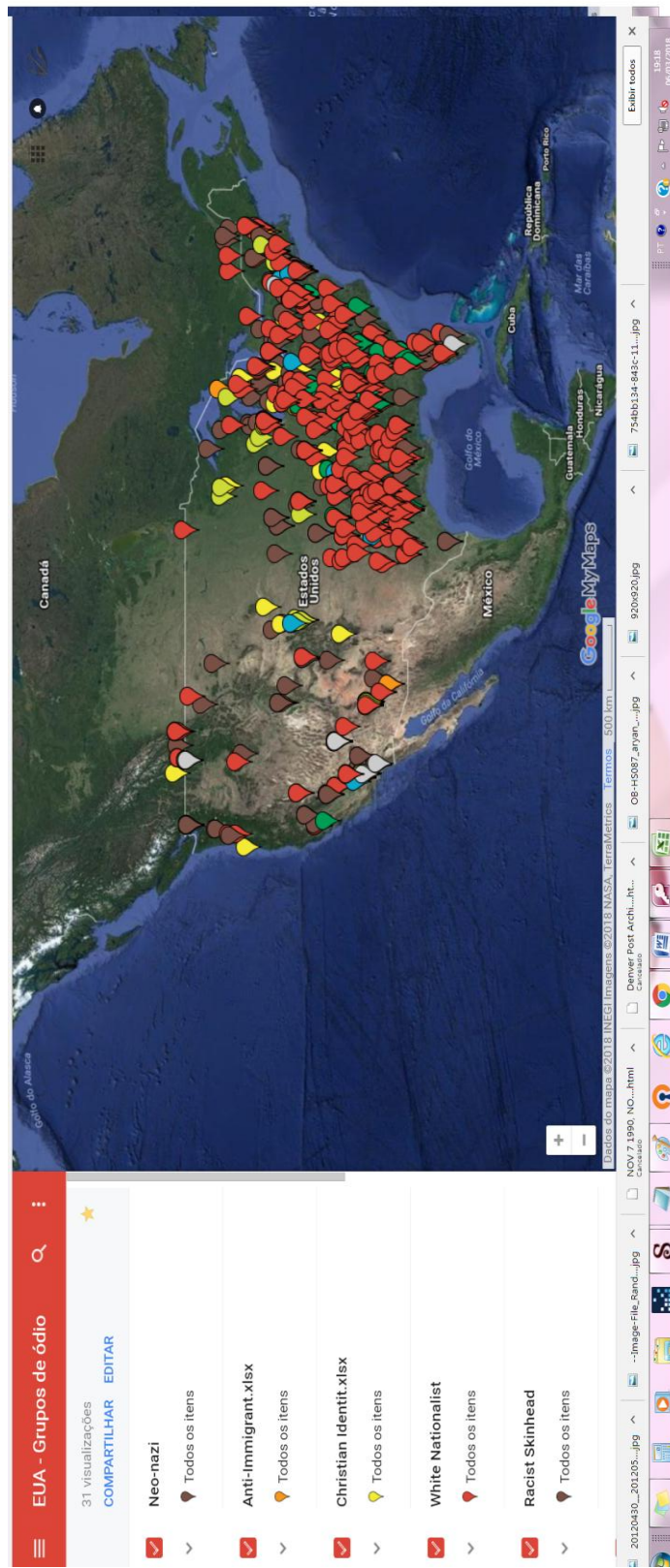


Figura 27 – O mapa do neonazismo nos EUA

Obviamente, este era um conjunto grande demais para servir para uma análise qualitativa, etnográfica. Selecionei os grupos, sem as células, para sistematizar cada um segundo histórico, estratégia, tipo de ativismo, entre outros dados. Apresento os 249 grupos, e seu número de célula, classificados por região dos EUA:

Tabela 2 – Grupos neonazistas por Nome

Nome	Células	MIDWEST	NORTHEAST	SOUTH	WEST
1. 11th Hour Remnant Messenger	1				1
2. Abiding Truth Ministries	1		1		
3. Abundant Life Fellowship	1	1			
4. AC Skins	14		14		
5. Advanced White Society	1		1		
6. Advocates for Victims of Illegal Alien Crime	1				1
7. Alternative Right	1				1
8. American Border Patrol	1				1
9. American Freedom Party	9	2	1	4	2
10. American Front	6		3	2	1
11. American Nationalist Association	1				1
12. American Nationalist Union	1				1
13. American Nazi Party	7	2		3	2
14. American Patrol Report	1				1
15. American Renaissance	1			1	
16. American Renaissance/New Century Foundation	1			1	
17. Americans for Legal Immigration (ALIPAC)	1			1	
18. Americans for Truth	1				1
19. America's Promise Ministries	1				1
20. Aryan Nationalist Alliance	1	1			
21. Aryan Nations	11	1	5	3	2
22. Aryan Nations Knights of the Ku Klux Klan	1			1	
23. Aryan Strikeforce	6	2	2	1	1
24. Aryan Terror Brigade	16	3	4	6	3
25. Aryan Wear	1			1	
26. Atlanta Area White Student Union	1			1	
27. Barnes Review/Foundation for Economic Liberty, Inc.	1			1	
28. Battalion 14	1	1			
29. Bergen County Hooligans	1		1		
30. Blood and Honour U.S.A.	5	1	2	1	1
31. Bob's Underground Graduate Seminar/BUGS	1			1	

32.	California Coalition for Immigration Reform	1				1
33.	Campaign for Radical Truth in History	1				1
34.	carolynyeager.net	1			1	
35.	Castle Hill Publishers	1		1		
36.	Catholic Family and Human Rights Institute (C-FAM)	2		1		1
37.	Caucasian Persuasion	1		1		
38.	Christ the King Church	1				1
39.	Christian Defense League	1				1
40.	Christian Exodus	2				1
41.	Christian Knights of the Ku Klux Klan	1				1
42.	Church of Jesus Christ Christian/Aryan Nations	3	1	1		1
43.	Church of the Sons of Yhvh	1				1
44.	CHURCH OF TRUE ISRAEL	1				1
45.	Committee for Open Debate on the Holocaust	1			1	
46.	Concerned Citizens and Friends of Illegal Immigration Law Enforcement	1			1	
47.	Confederate Hammerskins	11				11
48.	Confederate Patriot Voters United	1				1
49.	Confederate White Knights of the Ku Klux Klan	1				1
50.	Council for Social and Economic Studies	1				1
51.	Council of Conservative Citizens	25	5	4	15	1
52.	Counter-Currents Publishing	1				1
53.	Covenant People's Ministry	1				1
54.	Crescenta Valley European American Society	1				1
55.	Crescenta Valley European American Society and PLE	1				1
56.	Crew 38	13	3	2	5	3
57.	Crusader Knights of the Ku Klux Klan	1				1
58.	DefendStudents.org	1				1
59.	Desastrious Records	1				1
60.	Die Auserwählten	7	1	1	2	3
61.	Dixie Rangers Knights of the Ku Klux Klan	1				1
62.	Dixie Republic	1				1
63.	East Coast Knights Of The True Invisible Empire	2			1	1
64.	Eastern Hammerskins	2			1	1
65.	Ecclesiastical Council for the Restoration of Covenant Israel (ECRCI)	1	1			
66.	Ernst Zundel site	1				1
67.	European American Action Coalition	1			1	
68.	European-American Unity and Rights Organization	12	1			11
69.	Faith and Heritage	1				1
70.	Faith Baptist Church and Ministry	1	1			
71.	Faithful Word Baptist Church	1				1

72.	Family Home Northwest	1			1
73.	Family Research Council	1		1	
74.	Family Research Institute	1			1
75.	Family Watch International	1			1
76.	Federation for American Immigration Reform	1		1	
77.	Fellowship of God's Covenant People	1		1	
78.	First Century Christian Ministries	1		1	
79.	Fitzgerald Griffin Foundation	1			1
80.	Flags Historics	1		1	
81.	Fort Christmas Knights Ku Klux Klan	1		1	
82.	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	8	3	1	4
83.	Free America Rally	4		1	1 2
84.	Free American	1			1
85.	Free Edgar Steele	1			1
86.	Fundamentalist Latter Day Saints	1			1
87.	Gallows Tree Wotansvolk Alliance	1	1		
88.	Generations With Vision	1			1
89.	Get Some 88	1			1
90.	Golden Dawn	2		1	1
91.	Golden State Solidarity	1			1
92.	H.L. Mencken Club	1		1	
93.	Hated and Proud Skins	1	1		
94.	Heathens Motorcycle Club	1			1
95.	Help Rescue Our Children	1		1	
96.	Heritage and Destiny	1			1
97.	Heritage Connection	1			1
98.	Heterosexuals Organized for a Moral Environment (H.O.M.E.)	1	1		
99.	Holy Nation of Odin	1			1
100.	Holy Order Ministry	1			1
101.	IDENTITY EVROPA	1			1
102.	Identity Nation	10	7		3
103.	Illinois Family Institute	1	1		
104.	Inconvenient History	1			1
105.	Institute for Historical Review	1			1
106.	Institute for Historical Review Store	1			1
107.	International Keystone Knights of the Ku Klan Klan Inc.	1			1
108.	International Keystone Knights of the Ku Klux Klan	6	2		4
109.	Invictus Books	1	1		
110.	Invisible Knights of the Fiery Cross	1	1		
111.	Irving Books	1			1
112.	ISD Records	1	1		
113.	Keystone State Skinheads	2		2	
114.	Kingdom Identity Ministries	1			1
115.	Kingdom Treasure Ministries	1			1

116.	Kinist Instituto	1			1	
117.	Kinsman Redeemer Ministries	1			1	
118.	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	13	2		11	
119.	Knights of the Ku Klux Klan	2			2	
120.	Knights Party Veterans League	1			1	
121.	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	13	2	2	9	
122.	Label 56	1			1	
123.	League of the South	18	1		16	1
124.	League of the South/Southern Culture Center	1			1	
125.	Livin' the Legacy	1	1			
126.	Lone Star United	3			3	
127.	Lone Wolf Brigade Knights - Knights of the Ku Klux Klan	1		1		
128.	Lone Wolf Brigade Knights of the Ku Klux Klan	1			1	
129.	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	35	4	6	20	5
130.	Maine Resistance	1		1		
131.	Malevolent Freedom	1		1		
132.	Mary Noel Kershaw Foundation	1			1	
133.	Maryland National Socialist Party	1			1	
134.	Maryland State Skinheads	1			1	
135.	Micetrap Distribution	1		1		
136.	Middle American News	1			1	
137.	Midland Hammerskins	3	2		1	
138.	Militant Knights of the Ku Klux Klan	1		1		
139.	Mission to Israel	1	1			
140.	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	9			9	
141.	MSR Productions	1				1
142.	Mystic Knights Of The Ku Klux Klan	1	1			
143.	NAAWP Florida Chapter Inc.	1			1	
144.	National Alliance	5	1		2	2
145.	National Policy Institute	1				1
146.	National Socialist Freedom Movement	8	1		5	2
147.	National Socialist German Workers Party	1	1			
148.	National Socialist Movement	49	9	12	16	12
149.	National Vanguard	1			1	
150.	Nationalist Coalition	1			1	
151.	Nationalist Movement	1			1	
152.	Nationalist Socialist Aryan Workers Party	1		1		
153.	New Century Productions - A Conversation About Race	1				1
154.	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	13	5		8	
155.	New Order	1	1			
156.	New Yorkers for Immigration Control and Enforcement (NYICE)	1		1		
157.	Non-Universal Teaching Ministries	1	1			

158.	Noontide Press	1				1
159.	North Mississippi White Knights Of The Ku Klux Klan	2				2
160.	Northern Hammerskins	2	2			
161.	Northwest Front	1				1
162.	Northwest Hammerskins	2				2
163.	NPI TV	1		1		
164.	NS Publications	1	1			
165.	Occidental Dissent	1				1
166.	Occidental Quarterly/Charles Martel Society	1				1
167.	Old Glory Skinheads	1				1
168.	Orange County Skins	1				1
169.	Order Of The Confederate Brotherhood Knights Of The Ku Klux Klan	1				1
170.	Original Kightriders	1				1
171.	Our Place Fellowship	1				1
172.	Pace Confederate Depot	1				1
173.	Pacifica Forum	1				1
174.	Parents Action League	1	1			
175.	Patriotic Flags	1				1
176.	Phineas priests	1				1
177.	Pilgrims Covenant Church	1	1			
178.	Pioneer Fund	1		1		
179.	Pioneer Little Europe Kalispell Montana	1				1
180.	Poker Face	1		1		
181.	Protestant White Nationalist Party of Kentucky/Uncreated Light	1				1
182.	PzG Inc.	1	1			
183.	Racial Nationalist Party of America	1		1		
184.	Red October	10	2	3	2	3
185.	Revolutionary Order of the Aryan Republic	1				1
186.	Sacto Skinheads	1				1
187.	Sadistic Souls Motorcycle Club	9	4	1	2	2
188.	Scott-Townsend Publishers	1				1
189.	Scriptures for America Ministries	1				1
190.	Social Contract Press	1	1			
191.	Soldiers Of the Cross Training Institute	1				1
192.	Sons of Aesir Motorcycle Club	1				1
193.	South Africa Project	1				1
194.	Southern European Aryans League Army	1	1			
195.	Southern National Congress	10	1			9
196.	Stormfront	1				1
197.	Supreme White Alliance	3	2			1
198.	TC Family (Traverse City Family)	1	1			
199.	The Advanced White Society	1		1		
200.	The Creativity Alliance	11		1	7	3
201.	The Creativity Movement	13	4	1	4	4

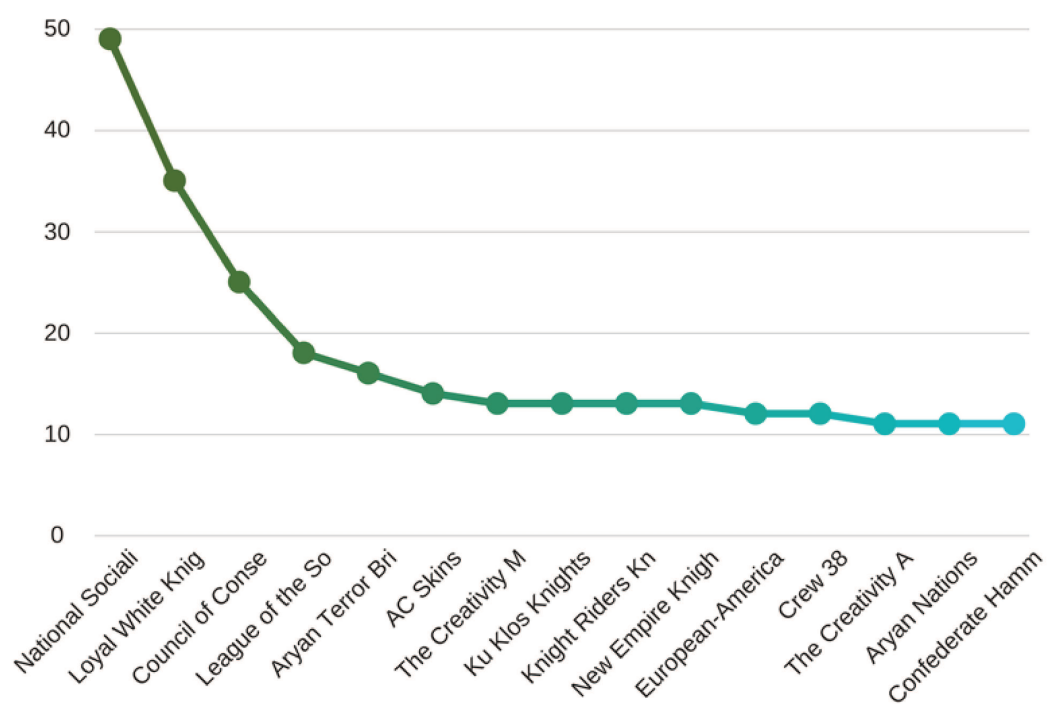
202.	The Fitzgerald Griffin Foundation	1			1
203.	The Forssaken Motorcycle Club	1			1
204.	The Hated	1		1	
205.	The International Conspiratological Association	1			1
206.	The Kinist Institute	1			1
207.	The Political Cesspool	1			1
208.	The Pray in Jesus Name Project	1			1
209.	The Shepherd's Call Ministries	1			1
210.	The White Network	1			1
211.	Third Reich Books	1	1		
212.	Thomas Robb Ministries	1			1
213.	Tightrope	1			1
214.	Traditional Values Coalition	1			1
215.	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	7	1		6
216.	Traditionalist Youth Network	1			1
217.	Traditionalist Youth Network at Indiana University	1	1		
218.	Tribal Theocrat	1			1
219.	United Families International	1			1
220.	United for a Sovereign America (USA)	1			1
221.	United Identity Church of Christ	1			1
222.	United Klans of America	2			1 1
223.	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	7	4		3
224.	United Society of Aryan Skinheads	1			1
225.	United White Knights of the Ku Klux Klan	7			7
226.	US Border Guard & Border Rangers	1			1
227.	VDARE Foundation	1			1
228.	Vigrid USA	1			1
229.	Vinland Folk Resistance	9	2	3	1 3
230.	Virginia Publishing Company	1			1
231.	Voice of Reason Broadcast Network	1			1
232.	Washington Summit Publishers	1			1
233.	Watchmen Bible Study Group	1	1		
234.	Weisman Publications	1	1		
235.	Westboro Baptist Church	1	1		
236.	Western Hammerskins	2			2
237.	White Aryan Resistance	1	1		
238.	White Camelia Knights of the Ku Klux Klan	2			2
239.	White Pride Home School Resource Center	1			1
240.	White Rabbit Radio	1	1		
241.	White Student Union	1			1
242.	White Student Union of Tarrant County	1			1
243.	Windsor Hills Baptist Church	1			1

244.	Wolves of Vinland	1	1
245.	World Congress of Families/Howard Center for Family, Religion, and Society	1	1
246.	World View Foundations	1	1
247.	WTM Enterprises	1	1
248.	Yahweh's Truth	1	1
249.	You Can Run, But You Cannot Hide	1	1

Figura 28 - Grupos com mais células



GRUPOS COM MAIOR NÚMERO DE CÉLULAS NO MOVIMENTO NEONAZI NOS EUA



Ref. 2018.

Posteriormente, escolhi entre os grupos aqueles com sites mais desenvolvidos, com mais células ativas, com atividades citadas por pelo menos cinco sites racistas e anti-racistas e com perfis de seus líderes em pelo menos um dos quatro grandes referenciais de “narrativas do movimento”: o portal Metapédia; o blog White Reference; o texto, cercado de polêmica nos grupos, de Harold Covington, “*Brief History of the White Nationalist Movement*”; e o blog feito em resposta a ele, *Setting the Record Straight*, para pensá-los dentro de uma etnografia e relacionados com David Lane.

O texto de Covington é um conjunto de fofocas acerca do movimento e detalha alguns dos principais fracassos do movimento, a partir da leitura do autor e do que ele determina como “falta de caráter de seus líderes”, ou seja, um fato como roubo, mentira, ou pena criminal, ou ascendência secreta judaica, o fato de ser gay, ou ter um parente negro. Obviamente isso causou várias respostas, algumas judiciais. O blog citado, *Setting the Record Straight*, é uma tentativa de reunir provas online contra o texto de Covington. Ambos são bem conhecidos entre os líderes do movimento, mas com pouca capilaridade nos fóruns neonazistas, o que pode indicar que a grande massa dos neonazistas, como acredito, desconheça a imensa rivalidade entre todos os líderes, e vá a percebendo somente aos poucos²²⁹. Isso é muito importante, pois há uma produção de silêncios, na tentativa de afirmação como “um só povo”. Nessa produção de silêncios, apenas determinados espaços, na rede, nas lideranças, acessam informações sobre as “divisões” que deixam a formatação de “um só povo” incoerente. Esses blogs me serviram para ver e rever outras versões sobre os fatos narrados na presente tese.

Visto que abordo incoerências, não posso omitir uma das mais profundas do movimento: a estabelecida com o portal da ADL (Aliança Anti-Difamação), antes um órgão da B’nai B’rith USA, que depois se separou e passou a atuar de forma independente. Embora seja de origem judaica e o movimento neonazista considere TUDO de origem judaica como fonte de mentira, calúnia, invenção, carochinha (para usar os mais singelos adjetivos que eles imprimem à questão), os textos da ADL são operados nos diversos discursos neonazistas como fontes para “provar” determinada versão como verdadeira. É a palavra do judeu, no limite, que delimita a verdade e confirma quem está com a razão. Em vários momentos se discute a relação “simbólica” de tal ou qual movimento com a ADL, ou se admite que a ADL

²²⁹ Assim como a grande maioria dos sites em memória de Lane ainda apresenta ele unido a Katja Lane, embora ele tenha se separado dela antes de morrer.

“não levaria a sério” ou “não deixaria de publicar” tal coisa ou tal versão se fosse verdade. Nessa contraposição entre a ADL que só mente versus ADL como testemunha da verdade, várias modalidades de versões, fatos e narrativas são discutidas de modo a tecer que, para alguns, o movimento neonazista é “fantasia”, “hobby”, “missão”.

Escolhi trabalhar com todas essas versões narrativas dos fatos para compreender as intrigas que estava lendo, e ao mesmo tempo sistematizar o funcionamento das divisões e alianças que funcionam e se rompem entre grupos e pessoas no movimento. Valendo-me destes critérios, minha análise se debruçou sobre 30 grupos. A tabela a seguir informa quais, classificados de acordo com o tipo.

Os grupos escolhidos para reflexão mais detalhada:

Tabela 3 – Grupos etnografados

Tipo	Nome
Anti-Immigrant	US Border Guard & Border Rangers
Anti-LGBT	Generations With Vision
Christian Identity	Mission to Israel
Holocaust Denial	Campaign for Radical Truth in History
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan
Ku Klux Klan	United Klans of America
Neo-Confederate	League of the South
Neo-Nazi	American Nazi Party
Neo-Nazi	Aryan Nations
Neo-Nazi	National Alliance
Neo-Nazi	National Socialist Movement
Neo-Nazi	New Order
Neo-Nazi	The Creativity Alliance
Neo-Nazi	The Creativity Movement
Racist Music	ISD Records
Racist Skinhead	AC Skins
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade
Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins
Racist Skinhead	Crew 38
White Nationalist	American Freedom Party
White Nationalist	Council of Conservative Citizens
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization
White Nationalist	Northwest Front
White Nationalist	Pioneer Little Europe Kalispell Montana
White Nationalist	Red October
White Nationalist	Stormfront
White Nationalist	The White Network
White Nationalist	White Rabbit Radio
White Nationalist	White Student Union

Figura 29 - Ficha de Análise de Sites

FICHA PARA ANÁLISE - 01

*BANCO DE DADOS
GRUPOS E CÉLULAS NEONAZISTAS*

<p>A. NOME _____</p>	<p>B. FUNDADOR _____</p>
<p>C. RESUMO _____</p>	<p>D. ANO DA FUNDAÇÃO _____</p>
<p>E. PRINCIPAIS DADOS _____</p> <p><input type="checkbox"/> Vínculo religioso. Se sim, Qual _____</p> <p><input type="checkbox"/> Vínculo direto com Lane</p> <p><input type="checkbox"/> Link _____</p> <p><input type="checkbox"/> Em atividade</p> <p><input type="checkbox"/> Fechado ano _____</p> <p><input type="checkbox"/> Braço no Brasil e AL, _____</p>	<p>F. LÍDERES ATUAIS _____</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p><input type="checkbox"/></p>
<p>G. FATOS COM DATA (ANO) _____</p>	<p>H. CÉLULAS CIDADE E ESTADO _____</p> <p>1</p> <p>2</p> <p>3</p> <p>4</p> <p>5</p> <p>6</p> <p>7</p>
<p>I. TIPO, NAZIFICAÇÃO E HORIZONTE _____</p>	

O neonazismo sempre se diferenciou em alguns detalhes do nacionalismo exacerbado dos grupos nacional-socialistas do restante do mundo. Nicholas Goodrick-Clarke afirmou em *Sol Negro: cultos arianos; nazismo esotérico e políticas de identidade* que os

defensores da supremacia branca nos EUA “*vêm-se como irmãos dos homens brancos de todo o mundo*”, e ainda que “*atrelados à imagem de Hitler*”, durante as décadas de 60 e 70, “*vêm no movimento neonazista estadunidense um papel de liderança, como principal força branca no mundo*” (2002, p. 17). Muito mais que isso, a partir de David Lane, eles se acham detentores da fórmula que pode unificar os povos brancos do mundo: “*suas palavras e suas cinzas*”, como pensam April Gaede e os seguidores da Pirâmide Profética.

Sempre preferi denominar o restante dos grupos (inclusive os brasileiros) por *neo-teutônicos* (DIAS, 2007, 102) exatamente porque eles desenvolviam uma virtualização da Alemanha no discurso racial, perpetuando a ideologia hitlerista, o culto aos líderes do regime nazista, a negação do Holocausto, mesmo sem ter (ou tendo) qualquer relação de ascendência direta com a Alemanha, ou mesmo com a língua alemã. Mas aos grupos neonazistas estadunidenses e suas diversas divisões transnacionais, eu sempre elegi denominar simplesmente *neonazistas*, pois eles desenvolveram a ideia de que a força neonazista, aliada ao resgate dos elementos hitleristas, é, de fato, liderada pelos Estados Unidos, tornando seu movimento líder do poder branco do mundo²³⁰.

Para estes grupos, apenas se a “América”, acordasse e se libertasse do poder ZOG (Zionist Occupied Government), ela alavancaria o processo de emancipação de todos os homens brancos em um movimento global de nacionalismo racial. Ainda que eles se creditem perante grande parte da população neonazista como descendentes diretos de alemães nos EUA, mesmo sem falar a língua alemã como segunda língua, não é na força teutônica que eles depositam a força do nacionalismo estadunidense (DIAS, 2007, 95). Nos escritos dos sites neonazistas, eles expressam crer que dos EUA sairá o líder que conduzirá a libertação racial. O imperialismo aqui assume a face racial mais radical.

Ao escrever o que afirmara ser seu último escrito, *Cristãos Americanos da Extrema Direita*, David Lane afirmou que se deteria, pois “*tudo já fora dito, se não for por mim, então Rockwell, Hitler, Yockey, e uma série de outros*”. Afirma mais uma vez “*que raça branca está em vias de extinção*”, e que isto consiste “*num plano de tiranos que são ricos além da concepção, numa liga com universalistas irracionais*”. Ele descreve que a covardia do homem branco em não reagir violentamente às leis, como as que permitiram, por exemplo,

²³⁰ É importante salientar que os próprios grupos estadunidenses se descrevem como nacional-socialistas e neonazistas, enquanto que outros grupos cultivam muito mais a ideia de uma ascendência européia, ainda que “virtual”.

o casamento inter-racial, permitiu a quase morte da raça ariana “*Se quisermos atingir as 14 palavras, então devemos nos tornar revolucionários*”, afirma Lane, conclamando os brancos estadunidenses para se orientarem para uma mudança contra os valores sociais e religiosos cristãos do país, pois depende deles o futuro dos brancos do mundo. O texto, embora criticado por alguns membros do movimento, é uma das maiores críticas de Lane ao cristianismo. No entanto, ao citá-lo, o movimento sempre destaca mais a questão da ameaça de genocídio branco, interditando as críticas de Lane à religião.

Posteriormente, os dados do Censo de 2010, marcam no discurso do movimento o ponto em que a paranóia encontra algum elemento na realidade para aparentemente se sustentar, e a narrativa reifica os lugares dos sujeitos. Ao apontar certa diminuição de números de brancos nos EUA, o Censo serve de legitimação para o discurso de “desaparecimento da raça branca”. É importante, nesse ponto, ver como esse Censo foi lido pelo movimento.

B.6.3 O Censo de 2010 e as novas dimensões populacionais.

Segundo discutiu Roger Sanjek (2015)²³¹, os EUA vivem um processo de grande transição. Dentro de algumas décadas, afro-americanos, asiático-americanos, e os de ascendência latino-americana superarão, juntos, os de origem Européia. De acordo com uma recente projeção do EUA Census Bureau, em 2042, a proporção de brancos cairá dos atuais 65% a 50%. Outra estimativa importante, afirma o autor, é a probabilidade de que, em 2050, a população do país será de 46% branca, 30% de origem latina (ou “hispânica”), 15% negra, e 9% asiática. São esses os dados, inclusive, que sustentam a grande narrativa acerca do “genocídio branco” dos sites neonazistas. O EUA Census Bureau também aponta que a transição se dará entre as crianças mais cedo: até o ano de 2020, menos da metade das crianças com menos de 18 anos de idade será branca.

Sanjek prossegue: o ritmo da mudança é mais rápido nas costeiras do país e em suas cidades maiores que em seu centro geográfico e nos subúrbios. A cidade de Nova Iorque cruzou o limiar “da maioria minoritária” no início dos anos 80, e em 1990, a população branca da cidade estava em 43%, abaixo dos 52% de 1980. Duas décadas mais tarde, em 2010, New York City tem uma população ainda mais dividida: 33% branca, 29% latino americana, 23% negra, 13% de origem asiática, e 2% biracial ou multirracial (uma categoria criada em 2000). O coordenador de Planejamento da cidade, Elmhurst-Corona, denominou-a em 1992 como “*talvez a comunidade mais etnicamente mista no mundo.*” (SANJEK: 2015, p.4).

Nova Iorque espelha o grande medo neonazista. É a cidade onde migrantes e descendentes de alemães, irlandês, e ingleses convivem com poloneses, italianos, judeus, pessoas de todos os países da África, afro-americanos, migrantes e descendentes de chineses, colombianos, cubanos, dominicanos, equatorianos, os filipinos, os haitianos, indianos, coreanos, mexicanos, porto-riquenhos, brasileiros. Para os neo-nazis, o trabalho branco interessante vem sendo substituído para permitir o crescimento dos judeus e asiáticos, e os latinos e negros tomaram o lugar do operário. Os brancos, para eles estão sofrendo genocídio. A cidade é o exemplo mais temido em mais de 65% dos sites.

²³¹ Cf. SANJEK, R. *Ethnography in today's world : color full before color blind*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2015.

Apresento a seguir alguns mapas populacionais do EUA do Census Bureau que levam em conta o critério racial. São particularmente interessantes para demonstrar principalmente três questões:

1) Os locais de presença negra, e posteriormente latina, efetivamente são locais de presença de grupos neonazistas. Acho que Arjun Appadurai ajudará a problematizar esta questão posteriormente. Os latinos aumentaram mais que os negros e brancos, relativamente, e por isso a questão da imigração virou o tema central de muitos debates.

2) A presença da Klan, embora tenha se difundido, continua se organizando em seus lugares históricos.

3) A maioria branca, quase absoluta, não garante a ausência do discurso de genocídio branco.

Além disso, os dados demonstram um evidente aumento da população jovem/adulta pelo crescente número de imigrantes. Isso é particularmente visível numa observação da pirâmide etária oferecida pelo Censo, que compara os resultados de 2000 e 2010. É importante notar como, em muitos lugares, as minorias juntas superaram significativamente, pela primeira vez na história, a população que se autodeclara branca; e como em alguns locais de forte migração latina a população cresceu mais de 40%, enquanto em outros de migração histórica da mesma população, não houve esse crescimento. Isso aponta uma penetração maior da migração desta minoria em direção a outros estados e locais.

Figura 30 - Mapas do Censo dos EUA – Parte 1

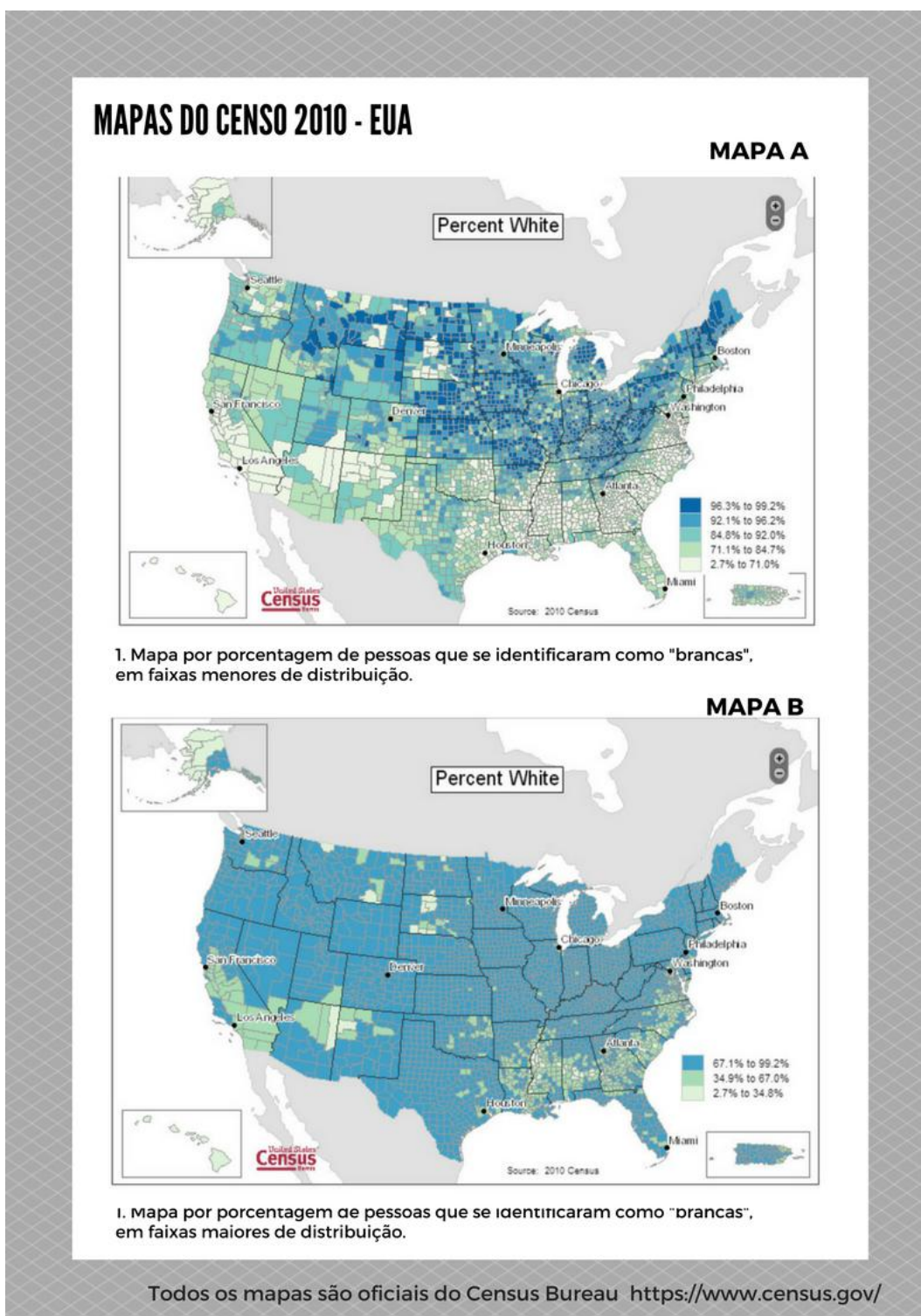
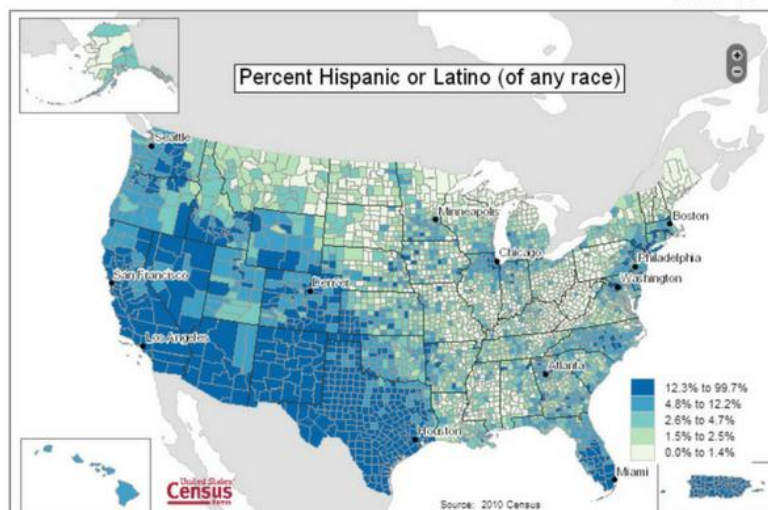


Figura 31 - Mapas do Censo dos EUA – Parte 2

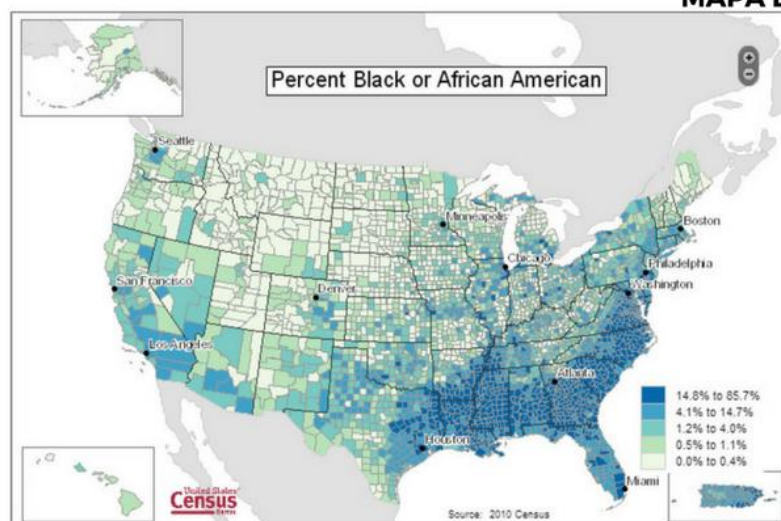
MAPAS DO CENSO 2010 - EUA

MAPA C



3. Mapa por porcentagem de pessoas que se identificaram como "latinas", em faixas menores de distribuição.

MAPA D



4. Mapa por porcentagem de pessoas que se identificaram como "negras ou afro-americanas", em faixas menores de distribuição.

Todos os mapas são oficiais do Census Bureau <https://www.census.gov/>

B.6.4 Novos Sites, velhos escritos: dois exemplos dos tipos de propaganda, do modelo de Pierce.

Entre os sites neonazistas mais recentes, há dois extremos: num lado, há os que discutem com os conservadores dos EUA “as ameaças que o homem branco” vive na contemporaneidade, representadas pelo aumento da imigração, pela baixa natalidade, pelas políticas afirmativas para minorias. No outro extremo, há os que assumem manifestamente as propostas neonazistas e defendem imediatamente a separação dos brancos no Noroeste Americano. Dentro da primeira categoria, que cresceu muito na última eleição presidencial, está o que se volta para a grande marcha do homem branco. Dentro da segunda, o site que tenta começar a organizar sistematicamente a formação de um país branco independente dentro dos EUA. Se pensarmos no modelo de Pierce, o primeiro site é um site da Terceira Etapa, e o segundo, da Primeira Etapa de propaganda neonazista.

Criado em 2014 o site White GeNOcide Project, conclama uma grande marcha mundial contra o Genocídio Branco em 15 de março de 2014. A ideia é levar informação sobre o “extermínio da raça branca” por todo o mundo. Caminhoneiros passam o dia andando pelas estradas do EUA com placas com dizeres como “STOP WHITE GENOCIDE”, e atos são realizados nos EUA, no Canadá na Europa, na Austrália e na África do Sul. Em todos esses lugares há grupos neonazistas com estruturas administrativa e econômica para gerar e gerir grandes manifestações.

A primeira postagem que acesso no site fala do presidente Obama, e seu título é *Quotes Anti-White from Obama*, uma relação de frases do então presidente dos EUA que demonstrariam como ele é um perigo ao mundo branco. Obviamente que um presidente negro seria alvo de um site neonazista, mas o texto é elaborado de modo a estabelecer uma narrativa extremamente perversa: inicia com uma pequena introdução a que se atribui a Barack Obama a “presidência mais controversa e escandalosa na história americana”. Baseando-se em alguns trechos de *Dreams From My Father* (as memórias de Obama publicadas em 1995), eles acusam o presidente de odiar os brancos e sua cultura, e ser uma ameaça real por conta de sua “utopia multicultural”.

- 1) A primeira acusação feita a Obama é de trair sua família branca adotiva e guardar em sua memória o pai negro que o incentivou a lutar pelo povo negro. Isso faria de

Obama, para os autores do site, um ativista comprometido com a luta pelo genocídio branco.

2) Na faculdade, segundo afirmam, ele preferiu grupos negros e grupos de estudos sobre o tema à convivência com intelectuais brancos.

3) Além disso, entre esses grupos, ele optou por estar perto de líderes comunistas e feministas, que representariam, como afirmam este site neonazista e todo o movimento, os pilares da formação anti-branca.

4) Obama afirmou, segundo o mesmo site, sua vontade de construir uma pátria multicultural, e que se os brancos tiverem que pagar o preço na forma de algum sofrimento, isso seria aceitável. Para os autores do site, isso é uma prova máxima do perigo que o presidente representa.

5) Ele apoiou causas negras e cita como heróis Mandela, DuBois, Malcolm e Luther King. O site aponta esses nomes como de verdadeiros inimigos do povo branco que ousaram lutar pelo genocídio do povo branco. Sobre Mandela, por exemplo, o site afirma: *“instituiu uma política de genocídio contra os povos brancos na África do Sul”*. E acrescenta: *“MLK [Martin Luther King] era uma besta disfarçada como um santo”*.

6) Obama defende a obra de Derrick Bell e sua teoria de dominação racial do branco como opressor. O site defende que o branco é o verdadeiro oprimido, e pisoteia em todos que pensam diferente. Nem o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi poupado: por ter defendido que *“os ricos de olhos azuis seriam responsáveis pelos grandes problemas do mundo”* em uma de suas falas, e ter ouvido de Obama que *“é o cara!”*, ambos são duramente criticados e ironizados pelo site.

7) Obama pede votos a negros, mulheres e imigrantes, principalmente latinos, em suas campanhas. Segundo o site, Obama obviamente faz isso para marcar um discurso anti-branco.

8) Criticam duramente o ato pró-migrantes de Obama e sua sugestão de que o Texas precisa de mais imigrantes latinos.

9) Obama defende negros publicamente nas emissoras de televisão. Para o site isso é uma prova incontestável de como a questão é ameaçadora.

10) Finalmente, Obama sugeriu planejar um programa de distribuição de renda voltado a negros e latinos, mas para o site, *todo* o dinheiro dos EUA é, por direito, branco.

Outro site, que pertence à organização Frente Noroeste (Northwest Front), liderada por Harold Armstead Covington, tem crescido ultimamente. Organizado pelo correspondente de David Lane na prisão, e profundamente odiado no movimento, representa outra face do crescimento do movimento pró-branco nos EUA, o mais radicalizado.

O site, em cores azul, verde e branco, surge dirigido para várias pessoas, se define da seguinte forma: *“a Frente Noroeste²³² é uma organização política de homens e mulheres arianas que reconhecem que uma nação branca independente e soberana no noroeste do Pacífico é a única possibilidade para a sobrevivência da raça branca sobre este continente”*.

Em uma barra lateral, outro texto explica mais a proposta do projeto. Começando com o título *“TÃO AMERICANO QUANTO A TORTA DE MAÇÃ”*, os autores do movimento defendem que *“os pais fundadores dos Estados Unidos seriam muito mais perto de serem Nacionalistas Brancos do que qualquer um dos outros grupos políticos de hoje”*. Para eles, o site afirma, a Constituição era para os brancos, apenas para eles, e nenhum deles pensava num universo multicultural. Fundado, portanto neste anacronismo, o site aponta dois objetivos: livrar o povo branco da tirania das minorias e preservar a raça ariana da extinção biológica e cultural.

Há ações fortes em Montana e em Dakota do Norte, que permanecem, mas com grande resistência local. A Frente Noroeste afirma no site possuir apoios de grandes líderes do movimento e apresenta sua Constituição e regras migratórias. Num primeiro olhar rápido, um expectador diria que cada vez mais o estado racial branco parece sair dos sonhos do “espaço vital branco” defendido pela National Alliance e discutido em meu Mestrado (DIAS, 2007) e cada vez mais próximo de materializar-se. Mas a Frente Noroeste nem de longe é o que parece.

Mesmo usando em profusão referências a David Lane, o projeto não é agradável à grande maioria dos neonazistas: não chegou ainda a 400 membros cadastrados, e seu fórum de debates, que pretendia substituir os grandes fóruns neo-

²³² Em um dos seus livros Covington sugere que a moeda do país terá a face dos membros da Ordem. David Lane ilustrará a moeda de cinquenta centavos. Hitler a de um centavo. Bob Mathews estará na nota que equivaleria um bitcoin.

nazis (o Stormfront²³³ e o Vanguard News Network (VNN)), é pouco acessado. Há vários motivos para o fato. Além de consagrados pelo movimento, esses dois “grandes fóruns” têm extensão internacional e falam de muitos assuntos, não apenas da criação do estado ariano. Mas, com certeza, os principais fatores se devem ao próprio fórum da Frente Noroeste: seu criador, Harold Covington, é uma das lideranças mais questionadas e controversas do movimento.

A raiva do movimento contra ele fica muito forte quando, em 1999, o Southern Poverty Law Center publica um relatório sobre Bem Klassen, fundador da Igreja do Criador. Ao que tudo indica, o artigo foi re-escrito por Covington. O SPLC nunca acusou o líder neonazista Ben Klassen de estupro, fraude ou assassinato, somente pela responsabilidade civil no caso de um negro que foi morto a tiros porque ameaçou matar o ministro do COTC (Church of the Creator), George Loeb (e mesmo assim só porque Bem Klassen estava morto e seu sucessor não respondeu ao processo nem compareceu ao tribunal). No entanto, parece que Covington acrescentou todas essas e mais algumas coisas à biografia de Klassen. A lista de acréscimos foi longa: perversão sexual, herança judaica, rituais religiosos estranhos e uma infinidade de crimes ocultos que vão de fraude a assassinato.

Craig Cobb logo defendeu Klassen e denunciou Covington à comunidade neonazista como mentiroso. Segundo os informantes de vários fóruns e blogs, Covington faz isso com diversas personalidades neonazistas desde 1989. Covington também já usou vários textos de autores judeus conhecidos para descrever os símbolos do nacional socialismo, apenas mudando a abordagem de negativa para muito positiva. E depois do advento da WEB, ficou muito mais fácil achar os trechos de plágio cometidos por ele. A raiz do problema começou quando Covington não aceita a mudança de Klassen para o Estado da Carolina do Norte, onde vivia e disputava cargos políticos (chegou a ter 50 mil votos numa eleição). Covington então escreveu uma carta aberta a membros da supremacia branca, forçando Pierce a torná-la pública, em novembro de 1992 reclamando que Will Williams (um apoiador de Pierce) estava apoiando a mudança do concorrente, e Covington parece estar muito furioso com isso na correspondência.

²³³ Há dezenas de fóruns nacionalistas na rede, e com o e-mail anônimo eu estive na maioria deles e por muito tempo nos maiores e mais visitados, além de pequenos fóruns dos grupos etnógrafos em profundidade. Em dezembro de 2010, apenas o maior deles tinha cerca de 200 mil usuários distintos registrados, e em 2018 o número de usuários registrados em todos eles somados ultrapassou a casa de meio milhão.

Covington se relacionou com William Pierce, da National Alliance (já falecido), e Tom Metzger (com quem publicou uma revista por muitos anos), mas no livro *The March Up-Country*, ele faz muitas afirmações bastante difamadoras sobre eles e sobre muitos outros (por exemplo, acusa outras pessoas de envio de bombas para pastores, matar senhoras brancas etc.) Covington mais de uma vez já foi chamado de inimigo, monstro, louco e psicopata dentro do movimento. Enquanto ele estiver à frente do projeto, uma reunião de grandes grupos em torno dele é bem pouco possível. Tanto que April Gaede e Craig Cobb têm construído um projeto semelhante, esse sim parecendo ter alguma força.

A questão de Covington com Pierce, fundador da NA, foi uma das mais antigas e célebres situações, sempre lembradas pelos membros da NA. Todos os membros da Ordem afirmaram sempre que Pierce havia recebido U\$ 50.000 como produto de um furto efetuado pela Order – a mesma quantidade que vários outros supostamente haviam recebido. No entanto, Covington acusou Pierce de ter recebido de Bob Mathews U\$ 300.000, isto é, 6 vezes mais que os outros membros. Em 9 de junho de 2011, por meio de um podcast público, Covington afirmou que *“todo mundo e seu cão no movimento sabe”* desse “extra”, mas que apesar disso, Pierce tentou esconder que conhecia Bob, além de *“tentar enterrar”* as fitas com gravações dos discursos de Bob.

Para todos os membros do movimento, essa acusação de Covington de que Pierce teria recebido US \$ 300.000 de Bob Mathews era especulação, fruto da raiva pessoal de Covington para com Pierce. O que mais chocou a todos foi, no entanto, ele afirmar que Pierce escondia o fato de que conhecia Bob ou não queria que suas fitas viessem à tona, pois foi a própria NA que vendeu as fitas com os discursos de Bob Mathews durante anos na década de 90, por meio de sua editora, a National Vanguard Books. Além disso, era sabido, pelo integrante mais antigo ou mais estudioso do movimento, que o boletim da National Alliance de dezembro 1984, o mesmo mês em que morreu Mathews, fez uma homenagem a ele. Na edição de janeiro-fevereiro 1985, a revista da NA, National Vanguard incluiu um ensaio intitulado *“O que será necessário”*, em que Pierce elogia Mathews e sua atuação no movimento supremacista branco. Os líderes do movimento que defendem Pierce afirmam que parece que Covington conta com o desconhecimento da história acerca do movimento para espalhar sua própria versão.

Covington acusou, ainda, Pierce de ser informante do FBI e – das piores acusações que um neonazista pode sofrer – de ser secretamente judeu e/ou gay. Embora

ele faça isso sistematicamente em sua trajetória, e muitos outros líderes também lancem esse tipo de acusação, Covington o faz em quantidade assombrosa.

Aliás, o movimento vive em estado de fofoca²³⁴. Toda hora há um blog dedicado a espalhar várias sobre um dos grandes líderes. Acusações mútuas, disputas, desejos megalomaniacos de poder, justificativas insanas, tudo se vê nesses blogs. E os acusados em geral respondem nos comentários, e os autores fazem réplicas, seguidas de trélicas, e assim por diante. Nesses blogs o movimento mostra faces inéditas. Uns ameaçam os outros de morte, revelam processos judiciais que uns fizeram aos outros, falam de medos e angústias, dizem que este comportamento raivoso, em disputa, é comportamento judeu. Na verdade, parecem líderes de grupos pequenos, disputando poder e admiração – algo que seria absolutamente comum, não fora o caráter totalitarista e genocida do grupo. Em suas disputas eles se desgastam, tornam-se previsíveis, rotineiros, barraqueiros, os blogs de fofocas parecem uma grande feira livre. Todos falam, nenhum deles escuta. Isso vai na contramão dos grandes sites e dos fóruns que falam em unificação e que descrevem, esteticamente, um só povo, uma só nação. Nem de longe! O que observei, na verdade, é uma tentativa contínua de usar as “14 palavras” para evocar esta união, e todos as usam. Elas não pertencem a ninguém, e são repetidas à exaustão. Desta forma, o movimento segue, ora brigando entre si, ora tentando se unificar sob as 14 palavras e as cinzas de Lane.

²³⁴ Mas, apesar disso há três grandes indícios de uma grande união neonazista acontecendo nos EUA: a) os ralis (agrupamento de movimentos em manifestações públicas cada vez mais frequentes, desde a eleição de Trump), b) o número de pessoas debatendo em fóruns, de movimentos diversos, c) uma liga de associações neonazis que se formou, de fato.

B.6.5 NACIONALISMOS E MEDOS DE MINORIAS

Obviamente, o movimento mundial de partidos nazistas desconhecia (e ainda que conhecesse, desconsideraria), desde sua formação, a afirmação do filósofo e antropólogo Ernest Gellner de que “*é o nacionalismo é que inventa as nações, não o contrário*”²³⁵, e luta para alastrar sua ideologia. Atualmente, o nacionalismo do movimento, ainda mais tenaz, insiste numa postura xenófoba, de repulsa vigorosa a todas as minorias divergentes de sua narrativa de povo nacional.

Verena Stolcke (1995), num ensaio em que descortina as retóricas acerca da prática de exclusão na Europa contemporânea, adverte que tanto a noção de cultura, como sua consequência mais contemporânea e imediata, tão destacada, para tudo e de todas as formas, a identidade cultural, são apropriadas e viabilizam retóricas políticas nos Estado europeu a fim de legitimar estratégias diversas de exclusão de determinados grupos sociais dentro das suas fronteiras. É impossível não perceber que Stolcke está, evidentemente, expondo como as tão intimamente relacionadas noções de identidade, cultura e nação são multipostas e articuladas para parecerem naturalmente herdadas de geração em geração e associadas a territórios específicos e delimitados, de forma homogênea. O nacionalismo bebe nessa fonte e nessa matriz imaginária de uma comunidade que divide naturalmente uma nação, como bem descreveu Stolcke, e no mesmo sentido, Arjun Appadurai define nacionalismo como uma estrutura, por debaixo da noção de nação, de que há uma etnia majoritária pensada como “natural” desta nação. Isso torna as outras minorias ameaçadoras e, para os extremistas nacionalistas, inimigos a serem exterminados, porque o modelo se torna absolutamente totalitário. Como escreveu o pensador basco Fernando Savater, “*o totalitarismo consiste na negação exterminadora do outro*”²³⁶.

Um dos autores que se propõe a pensar o porquê do ódio é Arjun Appadurai em *Fear of Small Numbers*. Nele, o antropólogo indiano está preocupado em formular uma resposta à pergunta: o que causam as “formas extremas de violência política”? Appadurai propõe a concepção de que sob o Estado-nação moderno subjaz uma crença fundamental e perigosa: a ideia de uma etnia nacional, de uma maioria “natural”. Para ele,

... o Estado-nação, é construído sem exceção, compreendendo abaixo da sua superfície a crença de que é estruturado a partir uma única substância étnica, o que gera alguma espécie de pureza étnica – e nessa ideia de pureza étnica

²³⁵ Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, Blackwell Publishers, Oxford, 1983.

²³⁶ Fernando Savater, *¿Tambores de paz?*, El País, Madrid, 20 de septiembre de 1998, p. 17.

se encerra o sentimento de que apenas as pessoas pertencentes a essa etnia devem ser cidadãos de pleno direito nesse Estado.

Appadurai afirma delinear sua teoria a partir da afirmação de Hannah Arendt de que a ideia de um “povo da nação” é o calcanhar de Aquiles das sociedades modernas liberais. Appadurai definiu, dessa forma, que a violência em grande escala não resulta simplesmente do antagonismo de duas forças identitárias, mas que surge da ideia de que certo grupo detém de identidade fixa e plena diante da incerteza. Ele denomina o medo que surge nessa “maioria” até então “certa de seu pleno direito” de medo de incompletude.

Nos grupos neonazistas, as narrativas de pertencimento exigem uma legitimação fenotípica, excluindo ainda judeus, negros, gays, pessoas com deficiência, comunistas, feministas. Não há narrativa possível para que os grupos escolhidos como inimigos legitimem relações de pertencimento ou de relação cordial. Os inimigos devem ser eliminados, dominados, censurados, exterminados. O estado permanentemente é bélico, a pele é um uniforme, a raça clama à guerra racial. Como lembra Michel Foucault, descreve a guerra para o neonazista é como uma *“luta geral de que ele fala, aquele que fala, aquele que diz a verdade, aquele que narra a história, aquele que recobra a memória e conjura os esquecimentos”*, determina ainda, a batalha, seus específicos adversários, *“ele trabalha para uma vitória particular”*. Defende suas ideias como óbvias, naturais, como *“direito”*, sua fala *“e faz valer o direito, reclama-o”*. O que são estes direitos para ele? *“Direitos singulares, fortemente marcados por uma relação de propriedade, de conquista, de vitória, de natureza”*. Vinculados ao *“direito de sua raça, direito de sua superioridade ou o direito da anterioridade”*, estabelece ainda o direito à guerra e a ação política: é também, afinal, seu *“o direito das invasões triunfantes ou o direito das ocupações recentes ou milenares”*. O Outro não tem direitos, nem história, nem memória, nem devir, o outro não deve existir para não ameaçar *“a ordem natural das coisas”*. E, para tanto, deve ser eliminado para garantir a própria sobrevivência do mundo branco tão sonhado pelo sujeito produzido nestes grupos em suas narrativas. (FOUCAULT, 1999 pp.60-61)

Há, segundo afirmam, um genocídio da raça branca acontecendo, e o temor profundo do extermínio os acompanha todo o tempo. Esse medo é transformado num ódio radical. O ódio os alimenta noite e dia, o desejo separatista é sua doutrina, as retaliações a seu projeto são respondidas com brutalidade e perversidade. O ódio é encarado como o sentimento supremo para a formação dos grandes líderes, governos devem ser derrubados. David Lane, como grande líder, vivenciou todo este processo. Vejamos como.

PARTE C - ENTRE A ETNOGRAFIA E BIOGRAFIA: RELAÇÕES POSSÍVEIS, INTERAÇÕES PROFÍCUAS.

“A biografia de um autor só oferece algum tipo de interesse na medida em que é possível apreender certos elementos cujo agrupamento significativo crie, entre os textos e a vida, um texto da vida, ou seja, uma organização fantasmática, onde obra e vida se respondem.”

ANDRE GREEN (1994, p. 243).

Uma família de termos combina a moldar o método biográfico... método, a vida, self, experiência, epifania, caso, autobiografia, etnografia, auto-etnografia, biografia, história etnográfica, o discurso, a narrativa, narrador, ficção, história, história pessoal, história oral, histórico de caso, estudo de caso, a presença escrita, a diferença, história de vida, estória de vida, auto história e história da experiência pessoal.

DENZIN, (1989, p. 27)²³⁷

C.1 Introdução

Vincent Crapanzano, em uma reflexão no artigo *Life-Histories*, em 1984, cita Langness e Frank em *Lives: An Anthropological Approach to Biography* enumerando seis razões para a presença do estudo biográfico em antropologia. Segundo os autores, dados biográficos serviriam: (1) para retratar a cultura, (2) para fins literários, (3) para retratar os aspectos de mudança cultural, (4) para ilustrar algum aspecto da cultura que não costumam ser retratado por outros meios, (5) para comunicar algo novo (por exemplo, um aspecto “insider” da cultura), ou (6) para dizer algo sobre desviantes ou outros casos incomuns. (LANGNESS E FRANK, 1981, p. 24, apud CRAPANZANO, 1984) Para Crapanzano, essa lista refletiria uma inquietude conceitual enraizada em parte em problemas de representação e generalização.

Nesta concepção a história de vida se vê relegada à apenas como uma forma de retratar e ilustrar a cultura ou algum aspecto dela, e seu valor depende da busca ou se de retratar um indivíduo típico, que de alguma forma pode ser localizado socialmente dentro desta cultura, como exemplo, ou como dissonante. Crapanzano, autor de uma biografia

²³⁷ A family of terms combines to shape the biographical method... method, life, self, experience, epiphany, case, autobiography, ethnography, auto-ethnography, biography, ethnography story, discourse, narrative, narrator, fiction, history, personal history, oral history, case history, case study, writing presence, difference, life history, life story, self story, and personal experience story. (Denzin 1989, p. 27)

antropológica, *Tuhami: Portrait of a Moroccan*, nos pergunta: O que é um ser localizado socialmente? Há sempre um típico indivíduo de uma cultura? Poderia sua tipicidade ser mais reveladora de sua cultura do que qualquer outra vida? Para Crapanzano, ao se buscar um elemento típico comete-se o equívoco de se pensar na cultura como peculiarmente homogênea (e provavelmente, portanto, de forma distorcida). Ele recorda: homogeneidade não existe, quer se pense em cultura, sociedade ou indivíduo.

Partindo desta abordagem, principio pela pauta de que não pude perceber David Lane como um neonazista típico. Aliás, não tenho a menor ideia, depois destes tantos anos de pesquisa do que pode ser definido como tipicidade neonazista. Eles possuem dados em comum, a principiar pelo ódio racial e a crença no genocídio branco que estaria acontecendo no mundo, mas Lane tem uma história que possui quase nenhum ponto em comum com Rockwell, com Pierce, ou com Bob Mathews. Há elementos em comum? Há. Mas, não há como falar em padrão aqui. Nenhum. Há muito mais diversidade que similaridade. Sua força como líder do movimento não surge nem da afirmação, nem da negação da tipicidade de sua pessoa, mas da força que seus escritos provocaram no movimento, e de algumas escolhas de sua vida, pois essas impuseram a esses escritos uma “legitimidade” para orientar uma liderança.

C.2 Biografia, etnografia e reflexividade

A vida é o processo da diferença.

Significa que com o homem, e somente com o homem, a diferença torna-se consciente, eleva-se à consciência de si. Se a própria diferença é biológica, a consciência da diferença é histórica.

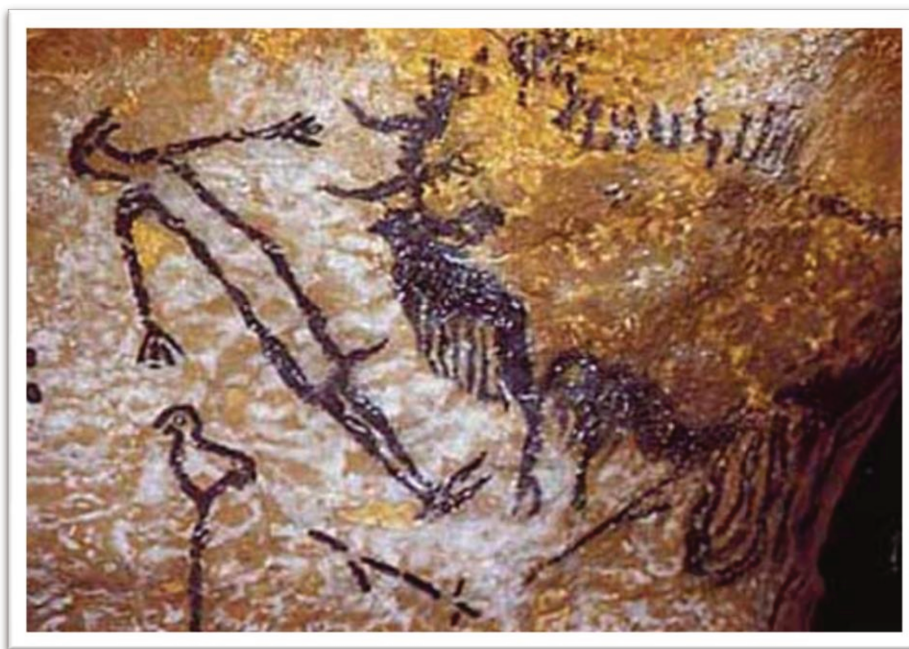
Gilles Deleuze

Em um de seus trabalhos publicados pela editora da Universidade de Harvard, *Biografia: uma breve história*, Nigel Hamilton desenvolveu um retrato de 17 mil anos de história biográfica, das cavernas de Lascaux aos dias contemporâneos, dedicando dois terços de livro aos últimos cem anos. Ao iniciar sua narrativa acerca da história de vida da biografia, ele citou o paleontólogo André Leroi-Gourhan afirmando que

“os auto-retratos de homens e mulheres paleolíticos - especialmente as esculturas semelhantes a desenhos animados de pessoas sem rosto, as mulheres de quadril largo - foram produzidas como parte de uma representação dos sexos que já existiam por milhares de anos - e assim, inevitavelmente, foram idealizadas e ritualmente decorativas, em vez de se expressarem como tentativas de realismo”.

Nesse sentido, para ele essa representação gráfica seria a “*possivelmente a primeira representação gráfica já feita de um humano de um drama da "vida real": um caçador pré-histórico ferido por um bisão, pintado na parede do eixo das cavernas em Lascaux, Dordogne, sul da França, ca. 15.000 BC e portanto, a primeira grafia biográfica da humanidade.*

Figura 32 - Parede do eixo das cavernas em Lascaux



Fonte: Font-de-Gaume Parede do eixo das cavernas em Lascaux, Dordogne, sul da França, 15.000 A.C

Em seguida ele alertou sobre como essa imagem já demarcara “*uma das funções mais importantes e contínuas da biografia*”, a saber: “*sua contribuição crucial para o nosso conhecimento, compreensão, e reconstrução de civilizações passadas*”. Nesse sentido, o valor da biografia estaria sempre conjugado, segundo ele questionou, como a *configuração “de uma janela histórica para uma cultura passada”*? E se sim, como essa representação, como essa “*agenda biográfica das primeiras sociedades*”, se deu e por quê? Para responder tal questionamento, em sua reflexão o autor apontou que olhar para a representação biográfica de seres humanos de outras épocas no permite apreciar mais que

“informação sobre dieta típica, saúde, altura, moda, gênero relações, sistemas de crenças e possíveis linhas de sangue de DNA para nós mesmos, mas também a evidência de uma consciência individual semelhante à nossa - uma consciência capaz de emoções ainda nos sentimos hoje: amor, ciúmes, medo da morte, lealdade, raiva, ambição, depressão, altruísmo.”²³⁸

Em seu retrato da narrativa biográfica, ele atravessa a Saga de Vinland, a Epopéia de Gilgamesh, os contos (assim como o autor os denomina) de Heródoto e Tucídides, Isócrates e Xenofonte. O que é um tanto discutível é o autor defender que tanto a Saga de

²³⁸ Hamilton, ibidem

Vinland, como a *Memorabilia* que narra a vida de Sócrates, e *Os Doze Césares* de Suetônio, sejam textos biográficos que visem a transmissão da personalidade da mesma forma, e situados pela perspectiva da individualidade. E para citar outras obras, ele faz o mesmo com *A Vida dos Homens de Tarentum*, ou *Os Tiranos de Sicily* de Phaenias, e outras obras da época clássica.

Obras mitológicas, épicas, e tratados de autores clássicos são lidos como formas “*múltiplas e diversas*” para quais seres humanos reais foram retratados para dar conta de uma espécie de “*transmissão da personalidade*”. Por certo, a deferência de Hamilton pela individualidade o levou a perceber personalidade demais em ecos religiosos, ritualísticos, míticos, políticos, belicosos, sociais, culturais e outros tantos. A ideia seminal de Hamilton se centra no fundamento de que na idade dourada era possível perceber

“a mesma tensão fundamental vista hoje, esforçando-se no núcleo biográfico, além de simples, informações factuais [...] Alguns romanos queriam elogiar e adorar os ancestrais e figuras do passado, para melhor estabelecer ou reforçar sua própria identidade. Outros descobriram que essa idealização não poderia se encaixar com sua curiosidade para saber mais sobre a psicologia e as experiências da vida real de um indivíduo não idealizado, para entender melhor suas próprias vidas. Foi essa tensão que marcou a biografia desde os seus primórdios - e a marca ainda hoje.”

Scott Stossel, discutindo o livro de Nigel Hamilton, aponta para a complexidade das polêmicas que tais questões levantadas pelo livro: A tensão tem assombrado o impulso biográfico sempre, desde seu princípio? A principal função da biografia é idealizar e celebrar figuras, a fim de abastecer modelos de emulação? Ou é para capturar a essência de pequenos defeitos e de todos os aspectos de uma personalidade humana individual de uma maneira que arraste a simpatia e aprofunde a auto-compreensão daqueles quem o encontra? Isso, por sua vez, suscitaria outra tensão, que permaneceria sempre atual: até que ponto deve ser biografia, para ser digno de seu nome, basear-se em fatos notórios e em que medida uma imagem completa de uma personalidade humana depende de especulação, simbolismo e ficcionalização?

Em outras palavras, sempre existiu na biografia a tensão entre o ser idealizado e o real, e entre o ser individual e o coletivo, e a personalidade humana se constrói no encontro dessas transmissões? É absolutamente possível de apreender isso empiricamente, seja pelas biografias, seja por exame historiográfico? Não há como saber se todos, ou um ou parte dos leitores ou ouvintes da história de Os Doze Césares de Suetônio ou da Saga de Vinland acreditassem nela como verdade factual, e menos se eles utilizavam isso para compreender as próprias vidas. Podemos afirmar que essas histórias serviam a fins sociais políticos, religiosos, mas podemos determinar que elas dêem “sentido de identidade”, dentro de uma agenda biográfica?

Como Nigel Hamilton argumentou, biografia foi muito evitada do estudo acadêmico como trivial e ainda assim desempenha uma parte fundamental na compreensão do indivíduo e do seu mundo, tanto no passado como no presente (2010). Houve discussões sobre a confiabilidade da biografia como texto narrativa quando, na verdade, não é mais confiável, do que qualquer outro texto em qualquer gênero. A noção de confiabilidade e verdade afeta tanto a ficção quanto a não-ficção. A biografia esteve, durante um longo tempo, exilada do mundo acadêmico. Por várias décadas, o gosto pela singularidade, sobreviveu em alguns cantos ocultos da historiografia. Apenas cerca de um quarto de século atrás, a experiência pessoal pareceu voltar contribuir para o estudo das ciências humanas. As miríades biográficas começaram a revelar aspectos sociais fundamentais para o desenvolvimento das humanidades e junto com os estudos dos denominados egodocumentos (diários, cartas, entre outros), as autobiografias e as biografias passaram a ser cada vez mais valorizadas, ainda que mesmo diante desse crescente interesse pelo estudo biográfico, o status da biografia e uma visão teórico-metodológica acerca dela estão longe de ter um acordo entre pesquisadores.

Para Ray Monk, Professor de Filosofia na Universidade de Southampton, Reino Unido, a biografia é muito mais uma filosofia, e não deveria ter um status de ciência ou teoria. Para ele, o Cientismo tem habitado as humanidades toma de maneira a exagerar na “pretensão de que a filosofia, literatura, história, música e as artes podem ser estudadas como se fossem ciências com ‘pesquisadores’ aplicados em apresentar suas ‘metodologias’”. O importante seria perceber a biografia como uma atividade “profundamente não-teórica”, e “exatamente por isso filosoficamente interessante”.

A chave estaria na concepção “de importância crucial do que Ludwig

Wittgenstein chamou "o tipo de compreensão que consiste em ver conexões". A crítica de Monk vai mais além, afirmando que essa busca produziu ao longo das trajetórias dessas ciências “grande quantidade de péssima produção escrita, caracterizada por uma teorização vazia, especializações espúrias e o desenvolvimento de vocabulários pseudo técnicos²³⁹”. Nessa perspectiva, Monk define a biografia como um gênero filosófico, e a partir dessa construção pensa os trabalhos de diversos períodos, desde o denominado pré-teórico de Samuel Johnson²⁴⁰ (1750), até os estruturalistas, como Denzil (1989), passando pela conhecida “*Nova biografia*” de Virginia Woolf (1969).

Johnson, segundo Monk, teria estabelecido “a agenda de discussão por 250 anos quando levantara os seguintes problemas: 1. O lugar ocupado pela biografia em relação a outros gêneros literários e outras áreas de estudos. (JOHNSON, 1962a [1750.]) Johnson o localizou entre a história e a literatura. 2. A questão de quem, exatamente, merece ter uma biografia escrita. A resposta de Johnson é: “*quase qualquer um.*” “Não há motivo” (para evitar alguém), Johnson sustenta, “*porque uma biografia pode não derivar seu interesse, até mesmo sua narrativa*”, (mas) *das crenças e opiniões de seu assunto e não da sua ações*”. 3. Que detalhes é apropriado incluir em uma biografia. Sobre esta questão, Johnson não dá um princípio geral, mas por exemplos demonstra que qualquer situação que revele o ser humano biografado. Por exemplo, ele ressalta que “*pode-se obter mais conhecimento sobre o real de um homem personagem por uma conversa curta com um de seus servos do que de uma narrativa formal e estudada, iniciada com seu pedigree e terminou com o seu funeral*” (JOHNSON 1962a [1750.]) 4. Sobre os encargos morais dos biógrafos em relação à reputação de sujeitos biografados: Johnson sustenta a devida importância de uma biografia não derivar seu interesse, e, portanto seu compromisso público deve ser com “*a verdade*”. Ele chega a ridicularizar os que “*pensam que seria um ato de piedade esconder as falhas ou falhas de seus amigos*” o “*respeito aos mortos deve ser a ser pago ao conhecimento, à virtude, e à verdade*”. 5. A questão de saber se é possível saber com certeza o vida interior de outro, a qual a resposta de Johnson é “*não*”. “Por esse mesmo motivo ele considera a autobiografia

²³⁹ Cf. A lição esquecida de Wittgenstein, <http://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/ray-monk-wittgenstein/> e Monk, Ray, 'Life without Theory: Biography as an Exemplar of Philosophical Understanding', in: *Poetics Today* 28(2007)3, p. 528–570.

²⁴⁰ Samuel Johnson, também biógrafo, autor de *The lives of the english poets* é retratado por James Boswell. No livro *A vida de Samuel Johnso*, para Johnson, um biógrafo acima de tudo é o que escreve “a verdade”; para ele a crucial tarefa do autor seria descrever, nos mínimos detalhes, o cotidiano de uma vida, para recriar o caráter desse alguém em sua trajetória no mundo.

como, potencialmente, em qualquer caso, mais precisa do que biografia: "*O escritor de sua própria vida teria, pelo menos, o conhecimento da verdade*²⁴¹".

*Em 1962, James L. Clifford (1962: ix), em sua introdução à Biography as an art: selected criticism, 1560-1960*²⁴² tendo reconhecido que "*a biografia nunca foi assunto de intenso estudo crítico*", só poderia reivindicar sua própria antologia²⁴³, composta por cinco grandes grupos, a saber: a) *Antes de 1700*²⁴⁴, b) *Décimo-Oitavo Século*²⁴⁵, c) *Décimo-Nono Século*²⁴⁶ d) *Início do Século Vinte*²⁴⁷ e) *meio do Século Vinte*²⁴⁸.

O autor discute como os grandes avanços sobre os temas da biografia estão imersos nos estudos literários, artísticos, científicos e sociais, abrangendo praticamente todas as áreas da produção humana. Também pondera como há várias “modulações” no escrever das narrativas, desde as mais irônicas às mais realistas, fundadas em material de pesquisa histórico ou em jargões psicanalíticos. Por isso mesmo, discute ele, algumas biografias foram capazes de atrair muitas pessoas, enquanto outras despertaram emoções contraditórias. Os textos de cada autor, que pensam o processo biográfico são muito interessantes: por exemplo, a fala da falta de fluidez e do excesso de rigor (que chegam ao detalhe de exigir algumas vezes que nas biografias cada parágrafo marque uma temporalidade específica, como uma década, por exemplo) são para Jacques Bazur, como uma “necessidade de normalidade” da época. O livro é uma excelente soma de pensadores sobre o tema.

Embora especialmente depois dos anos 80, a pesquisa biográfica tenha sido discutida amplamente e aceita como importante método de investigação acadêmica, e o aumento da aceitação institucional da biografia dentro da academia se configure com um desenvolvimento promissor, ainda há alguns obstáculos que resistem como elementos de discórdia no campo: a questão metodológica e a crítica dentro da paisagem acadêmica, apresentada como a questão seminal por Monk: ainda vivemos na impossibilidade de pensar

²⁴¹ O interessante é que essas perguntas combinadas, e enfrentadas honestamente deram origem a idéia da “impossibilidade biográfica” ou “biografia impossível”, extremamente discutida por todos os teóricos por dois séculos e meio.

²⁴² O livro está disponível no Internet Archive.

²⁴³ O livro é uma antologia de comentários sobre a biografia e Clifford extraiu as partes mais importantes de mais de 45 comentadores.

²⁴⁴ Que discute obras de Thomas Wilson e Francis Bacon, por exemplo.

²⁴⁵ Na qual estão inseridas as obras e discussões de Samuel Johnson e seu biógrafo Boswell.

²⁴⁶ Fazem parte desse capítulo, entre outros, John Gibson Lockhart e Margaret Oliphant Wilson

²⁴⁷ Estão incluídos Virginia Woolf, Ernest Boyd e Dumas Malone entre outros.

²⁴⁸ Philip Toynbee e Leon edel, escritor marxista e psicanalista, respectivamente, estão nesse capítulo.

as humanidades como teoria, e na crucialidade do debate acerca da capacidade científica das Ciências Humanas, debate tão antigo quanto às próprias. Hank chega a comparar a impossibilidade de se comparar a produção de uma teoria biográfica com a teoria da relatividade. O debate seria extremamente parecido se o tema fosse etnografia, a pesquisa social, ou uma teoria geral da família.

É possível fazer teoria do humano, pensar metodologicamente fora das ciências não naturais? Essa é uma das chaves para indagar Monk que embora seja grande crítico da abordagem de Wittgenstein quanto à linguagem, não questionou o filósofo em termos de sua posição quanto ao “outro”. E sim, é preciso problematizar, ainda, a concepção de representação e de “outro” em Wittgenstein. Para tanto, resgatemos o grande filósofo da diferença e seu parecer sobre o tema: embora em *Lógica do Sentido* Giles Deleuze alegue que Wittgenstein e seus discípulos estão certos em definir o significado pelo uso, ele pondera, no entanto que é preciso considerar que “*esse uso NÃO se define por uma função de representação em relação ao representado, nem mesmo pela representatividade como uma forma de possibilidade*”.

Prossegue o filósofo francês: a representação, quando não é bem sucedida, permanece apenas como uma “*letra morta na frente do representado, estúpida no seio da sua representatividade*”. O pensamento Wittgensteiniano permitiria a redução do outro a uma representação, a uma demonstração de comportamento (como visto por outra pessoa, como representado) e/ou objetiva sob os termos de realidade. Wittgenstein, de acordo com Deleuze, não separa esse “outro”. Não a enxerga, apenas o representa. Ele falaria da bruxaria, explicando que ela não existe, mas que quem acredita nela pensaria isso ou assado. Para Wittgenstein o outro é um rosto, algo que pode ser visto pelos nossos olhos, com nossas categorias.

Para Deleuze, a conceitualização do "outro" é fundamental, uma vez que o mundo dos sentidos a ele conexo situe-se estabelecido e se ramifique em novos caminhos, ele tenta entender o pensamento do outro, o que o orienta. Ele falaria como a bruxaria é para o outro, não estaria em questão se ela existe.

Por isso a crítica tão forte de Deleuze contra o “filósofo da linguagem”. Na entrevista conhecida como Abecedário de Gilles Deleuze, sua crítica ao autor é ainda mais dura:

W de Wittgenstein

CP: Vamos ao W.

GD: Não há NADA, nada em W.

CP: Tem sim: Wittgenstein. Sei que não é nada para você...

GD: Não quero falar disso. Para mim, é uma catástrofe filosófica. É uma regressão em massa de toda a filosofia. O caso Wittgenstein é muito triste. Eles criaram um sistema de terror, no qual, sob o pretexto de fazer alguma coisa nova, instauraram a pobreza em toda a sua grandeza. Não há palavras para descrever este perigo. E é um perigo que volta. É grave, pois os wittgensteinianos são maus, eles quebram tudo! Se eles vencerem, haverá um assassinato da filosofia. São assassinos da filosofia.

CP: É grave, então?

GD: Sim, é preciso ter muito cuidado!

A “representação do outro” tomada pelo “outro”, o grande perigo de uma abordagem fundada nessa perspectiva Monkiana, “assassinaria” (emprestando o vocábulo deleuzeano) a prática biográfica como método, pois sim, há método na abordagem etnográfica e biográfica²⁴⁹. A compreensão do outro não pode se limitar na descrição do outro a partir de categorias da realidade do eu, como é construída a abordagem da linguagem em Wittgenstein. Para Wittgenstein, a descrição da realidade é a principal função da linguagem e nada pode existir fora dela: “os limites da minha linguagem denotam os limites de meu mundo”²⁵⁰. A linguagem não se desenvolve da mesma forma em todos os humanos, e abordar toda forma de expressão a partir de uma compreensão de “filosofia da linguagem” é normatizar e tomar todas as pessoas como membros de uma mesma experiência com a linguagem. Considero essa

²⁴⁹ Não que Deleuze defenda a narrativa ou a prática biográfica, a crítica de Deleuze se pauta por outra concepção de alteridade, a de outro possível, ao devir.

²⁵⁰ Tractatus Logico-Philosophicus 5.6.

padronização de um capacitismo empobrecedor para a teoria antropológica. E se a antropologia ganhou quando o etnocentrismo do branco foi denunciado, se ela tornou a se ampliar quando as pensadoras feministas questionaram o poder teórico em termos de gênero, se ela se repensou quando as sociedades tempocêntricas ditas “contemporâneas” tiveram sua temporalidade questionada por sociedades distintas (antes apenas “primitivas”), obviamente a antropologia apenas terá a ganhar se for capaz de uma reflexão diante do próprio capacitismo, e encarar as pessoas que se valem de experiências comunicacionais mais amplas que a dita “linguagem” tradicional, como os surdos e os autistas, por exemplo.²⁵¹ Estou falando em colocar as pessoas com deficiência na pauta do pensar e do se pensar antropológico.

Além disso, ao abordar a concepção da própria disciplina filosófica e seu significado, Wittgenstein enunciou:

“O que é a filosofia? Uma indagação sobre a essência do mundo? Queremos uma resposta definitiva, ou uma descrição do mundo, verificável ou não. (...) Na verdade, o que estamos fazendo é colocar nossas ideias em ordem, para esclarecer o que pode ser dito sobre o mundo. Estamos confusos sobre o que pode ser dito, mas tentando esclarecer a confusão. Essa atividade de esclarecimento é a filosofia (WITTGENSTEIN, 2010a, p. 192).”²⁵²

A perspectiva biográfica precisa e demanda sempre incessante e assídua interação entre diferentes esferas do conhecimento e do ser. Desta forma, a abordagem biográfica partilha com a etnografia a capacidade de chamar a atenção de maneira diferenciada e constante para a complexidade e dinâmica das narrativas humanas e das amplitudes que as relações e universos simbólicos operacionalizam nessas narrativas. .

Essa colocação traz à tona uma questão com a qual me debati durante a minha pesquisa, como biografia e etnografia se complementam? Começemos, pela etnografia: num outro artigo, *On The Writing Of Ethnography*, Crapanzano debruça suas reflexões acerca da etnografia, em seu mais sentido abrangente a etnologia, descrevendo-a como um “sintoma de um confronto especial entre duas ou mais pessoas – o etnógrafo e aqueles outros que ele, o etnógrafo, refere-se, de forma impessoal e supostamente, como **seus** informantes”. [grifo do

²⁵¹ Cf. “O disco da vitrola, o pensamento e a escritas musicais, as ondas sonoras estão uns em relação aos outros no mesmo relacionamento existente entre a linguagem e o mundo. A todos é comum a construção lógica. Tractatus Logico-Philosophicus 4.014

²⁵² Não por acaso pensadores críticos falavam da “selvageria incivilizada do estilo tirânico da argumentação de Wittgenstein” (MONK, 1995, p. 236), “o tirano Wittgenstein”, Russell (ibid., p. 85)

autor]. Com alguma ironia, o autor comenta que os antropólogos começam a reconhecer, “*com mais ou menos sofisticação*”, que o encontro etnográfico provoca ansiedade, uma espécie de distonia do ego²⁵³, ameaçando o seu senso de “eu”. Confrontando-se com a obra de George Devereux, *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*, Crapanzano explora como a etnografia exige de seus praticantes uma contínua análise de si, para dar conta da ansiedade que não é provocada apenas pelos dados ou pela tarefa da investigação, mas pela confrontação do investigador com os sujeitos de sua pesquisa. Segundo Devereux, o deslocamento desta ansiedade produziria escotomas (pontos cegos).

Para Crapanzano, o grande ponto cego da Antropologia, “*disciplina, que se tornou tão autoconsciente e tradicionalmente voltada para os textos*”, está na escrita etnográfica. Primeiro, e principalmente, porque por mais que o “escritor da etnografia pretenda se separar seu texto do confronto etnográfico, a escrita da etnografia é uma continuação da confrontação”. Ainda, segundo o autor, os “*dispositivos estilísticos que tentam evitar a consciência do ‘eu’ (alguns antropólogos parecem particularmente perturbados pela presença do pronome pessoal em um trabalho ‘sério’); a eliminação da linguagem conotativa, apaixonada e polissêmica; e o calculado uso da língua de forma cientificista, monossêmica, estreita e precisa, com acentuado uso de jargões, isolando o ato de escrever, numa tentativa de torná-lo um produto final*”, evitando, dessa forma, revisitar o confronto etnográfico, apenas dilataria a distância dessa confrontação.

A insistência do autor em denominar o trabalho de campo como confronto etnográfico visa, como ele afirma, em construir uma “*consciência reflexiva*” para criticar o processo pelo qual a etnografia pode ser resumida a uma identidade que oscilaria entre reificação à resistência ou da assistência à reificação.

Crapanzano insiste nesta questão, tratando como tanto o eu como o outro do trabalho de campo são construídos dentro de um processo complexo dialético. As relações são mediadas por linguagens, o que pode dificultar a tradução real dos sentidos das tipificações idiomáticas, e é preciso recordar, segundo o autor nos lembra, que o outro é um indivíduo

²⁵³ Crapanzano se refere ao termo psicanalítico que descreve o estado de não adaptação do ego aos impulsos oriundos ao meio exterior (embora ele possa acontecer também com relação a questões internas, como nos casos das neuroses e psicoses). O sujeito conflita com as necessidades impostas ao ego, não aceitando as imagens externas, quer expressas por pensamentos, valores, sentimentos e comportamentos (por exemplo, relatos, impulsos, compulsões, desejos, etc.) porque entram conflito com os ideais de auto-imagem (o termo alienação do eu também pode se referir ao mesmo fenômeno).

concreto dentro de um horizonte sócio-histórico que nunca pode ser separado de suas conotações simbólicas, mas também – ou melhor – estes indivíduos são símbolos. “*Em outras palavras*”, escreve ele, “o ‘outro’ pelo quem o ‘eu’ é constituído é um indivíduo tipificado simbolicamente. Nesse confronto, a etnografia pode ser compreendida, como um processo de autodissolução e reconstituição”. Essas palavras poderiam servir para descrever também a dinâmica biográfica. Não cabe aqui dizer se a etnografia ou se a biografia deve vir primeiro como recurso metodológico. No meu caso a biografia surgiu dentro do campo, como necessidade da etnografia, visto que no momento da morte de David Lane, todos os grupos que eu etnografava passaram a falar dele sem parar. A necessidade de compreender sua trajetória foi de mim exigida pelo campo. Acredito que cada campo exige do pesquisador à sua maneira (do campo e do pesquisador, relacionalmente).

O etnógrafo, ao apreender os caminhos do outro, ao assumir seu ponto de vista, desenvolve de maneira inevitável um novo sentido de auto-percepção. Isto pode ser muito perturbador, insiste Crapanzano. Por isso, na conclusão de seu texto, quando discute para quem o etnógrafo escreve, o autor comenta que o etnógrafo também escreve para si, para si, para os seus, numa tentativa de reconstituir seu antigo eu – ou para seu eu profissional, dirigindo-se aos outros etnógrafos importantes em seu próprio mundo. O antropólogo deve reconhecer o seu produto como um sintoma de extremo confronto com a alteridade, que só pode ser entendida quando aprende a ler – e ler com coragem – o que ele houver escrito.

A investigação antropológica, valendo-se da prática etnográfica e biográfica (assim como a leitura de outras grafias – no presente trabalho uso os *graphos* e a análise de imagens pela metodologia de Panofsky) permite uma aproximação da eterna pergunta acerca da relação entre o eu e o outro. Como o ambiente físico, social, simbólico, narrativo e histórico interfere na constituição do self, como nascem grupos extremistas, como eles constituem suas paranóias específicas.

O que permite um grupo, uma pessoa, uma relação gerir e gerar sentidos e significado, condicionando narrativas? Como é o processo de desenvolvimento para aderir a um movimento neonazista? Qual o nível de complexidade que esse processo gera nas experiências pessoais, nas relações, na vida consciente, como é possível investigar a relação entre experiência, autoconsciência e personalidade nesses grupos? Sem a relação entre a experiência etnográfica e a metodologia biográfica eu jamais teria chegado a alguma ideia

mais profunda sobre esses grupos, sobre David Lane, sobre o que eles esperam do mundo. Particularmente, como os neonazistas pensam alguns temas como (corpo, raça, nação, entre outros) experiência subjetiva teriam me escapado completamente sem o encontro das duas perspectivas teóricas.

A fragmentação do tema de pesquisa permitida pelo diálogo contínuo entre etnografia e biografia foi nos últimos cinco anos uma experiência muitíssimo interessante, uma gangorra, uma “dimensão barroca” como a ela atribui Olivier Schwartz. Por vezes David Lane era um mosaico de textos, sua obra escrita, por vezes uma trajetória de vida, dada por discípulos ou perseguidos. Outras, era retratado por ele mesmo em sua autobiografia, algumas vezes era sua ficha criminal que falava comigo, em outros vídeos em sua homenagem como “*Grande Herói da Raça Ariana*”, entre tantos outros títulos, a ele dados em sites neonazistas, em várias línguas, mostravam-me fragmentos de Lane, mais e mais fragmentos. Mas, quem é David Éden Lane? Como e quando ele se tornou “um ariano”, o “filho de Odin”?

Para dar conta de encontrar pelo menos as perguntas adequadas, a relação entre etnografia e biografia foi fundamental. Portanto, antes de me dirigir a trajetória de Lane dada pelas narrativas sobre ele, ou de sua autobiografia, ou de seus textos, é essa relação que eu desejo explorar primeiramente.

Para pensar essas inúmeras narrativas alguns conceitos foram muito importantes. O solo é um meshwork²⁵⁴, como diria Ingold, tecido sob a luz das estrelas, dentro das cavernas, no topo das montanhas, sob árvores, no cerrado, na caatinga, no deserto. O solo, assim como as narrativas, é formado por um processo continuado. A ideia de meshwork aparecerá em meu texto de muitas formas, assim como a ideia de experiência, que serão discutidas no presente capítulo. Além disso, toda vez que penso na formação das narrativas lembro-me da formação do solo... Um solo não surge sozinho. É produto de materiais diversos, condicionado à circulação da água, sob a ação do clima, do relevo, de organismos múltiplos, do tempo²⁵⁵. Essa analogia foi ficando cada vez mais presente quanto mais eu lia a respeito de ambas as formações.

²⁵⁴ Life is lived in a zone in which earthly substances and aerial media are brought together in the constitution of beings, which, in their activity, participate in weaving the textures of the land. Here, organisms figure not as externally bounded entities but as bundles of interwoven lines of growth and movement, together constituting a meshwork in fluid space ... [or as] a zone of entanglement ... [where the organism] threads its way along paths through the weather world (Ingold 2008: 1796)

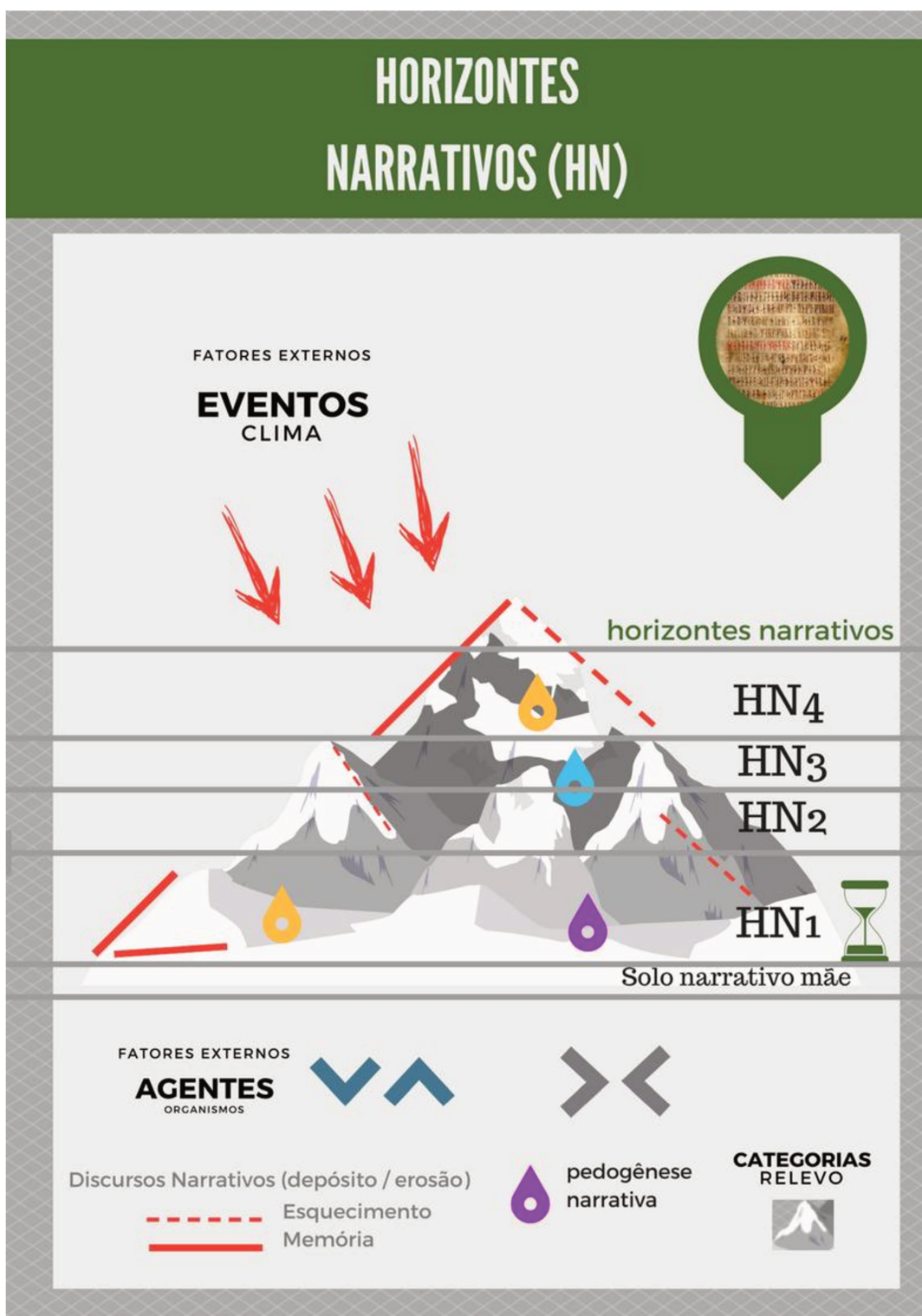
²⁵⁵ Refiro-me ao modelo baseado no trabalho de H.Jenny, o denominado modelo de cinco fatores.

A denominada “Ciência do Solo” ou Pedologia²⁵⁶ surgiu na metade do século dezenove, quando o russo Vasily Vasilyevich Dokuchaev desenvolveu os primeiros conceitos e metodologias para a investigação da gênese do solo (ou pedogênese) e classificação do solo. Dokuchaev estabeleceu em 1883, as bases da nova ciência, ao documentar a influência do clima na pedogênese e a presença de camadas horizontais características do solo de cada região, a partir dos elementos que as constituíam, que denominou de horizontes (LEPSCH, 2002). Posteriormente, o suíço radicado nos EUA, Hans Jenny, em 1941 em *Factors of Soil Formation* sugere uma equação o solo como o produto da interação entre clima, organismos, relevo e material parental, todos operando ao longo do tempo, sendo que os resultados destas interações definem a pedogênese.

A partir desse modelo passei a pensar na constituição narrativa. As categorias na narrativa, e os horizontes narrativos, as camadas narrativas que vão se formando (a exemplo do mito, com suas várias versões, as narrativas vão recebendo camadas, acréscimos, decréscimos, esquecimentos, concentrações em pequenos detalhes) vivenciando no meio social pressão de atores internos ao grupo ou simpatizantes que detém o poder sobre a narrativa (os agentes que defendem a narrativa) e de agentes que se opõem a narrativa por razões pessoais ou não, o clima (fatores do âmbito político, social, histórico econômico, de época), que instrui discursos sobre a narrativa (de memória + ou de esquecimento -). Esse processo gera a pedogênese narrativa, e novos horizontes narrativos vão sendo constituídos a partir de novas configurações desses elementos, e o ciclo recomeça.

²⁵⁶ do grego pedon (solo ou terreno) e logos (conhecimento)

Figura 33 – Horizontes Narrativos



Por exemplo, a narrativa sobre a Klu Klux Klan, na história dos EUA tem 4 horizontes narrativos diversos. O horizonte mais antigo, HN1, é o formativo. A fundação da Klan dentro do contexto específico em que foi criada, os grupos pró e contra, os discursos que interagiram e os que digladiaram nesse processo, os “outros” que foram construídos para que a narrativa surgisse. O primeiro fluxo da Klan emergiu em seguida da Guerra Civil de maneira frouxamente organizada em defesa de uma tentativa de reorganizar a Confederação e era basicamente rural. Desse modo, se valendo do nome do Klan, organizado informalmente bandas de homens brancos do sul usaram a violência para aterrorizar e punir a emancipação. Este Klan se dissolveu na década de 1870.

O HN2 é o Horizonte Narrativo do período reativo (a Klan durante a luta por Direitos Civis, a sua reatividade a esse processo, que fez com que ela voltasse do estado “adormecido em que estava”), Um segundo Klan surgiu no início da década de 1920, mas ao contrário da Klan da década de 1870, este Klan tomou raízes profundas nos estados do norte e áreas urbanas. Durou menos de uma década, mas atraiu cerca de três a cinco milhões membros, tornando-se um dos maiores movimentos de fanatismo racial e religioso na história dos EUA. Manteve a antipatia em relação aos afro-americanos da primeira Klan, mas também atacou judeus e católicos como inimigos centrais, bem como, em alguns locais, radicais trabalhistas e mórmons²⁵⁷. Em suas fortalezas, o Klan recrutou uma proporção impressionante de brancos, protestantes nativos. Ao contrário da Klan na década de 1920 essa “segunda” Klan recrutou mulheres ativamente. Pelo menos meio milhão de mulheres participaram em Klans nesse HN2.

Entre a década de 60 e 80, o HN3 é o processo de nazificação (quando a Klan passou a incorporar os elementos dos grupos neonazistas e da Identidade Cristã), e se iniciou uma espécie de sobreposição de grupos (BLEE, 2017) e antagonismos e forças se chocavam dentro da Klan, ora defendendo uma Klan purista, mais ligada a Identidade Cristã, ora mais neonazista e neo-pagã. Forças de grupos neo-nazistas, skinheads de poder branco, nacionalistas, anti-imigrantes, bandas de rock RAC começam a entrar na Klan.

Desde a década de 1980, a maioria dos grupos racistas recrutou avidamente mulheres, e como

²⁵⁷ Cf. Blee, K. (forthcoming). White on white: Interviewing women in U.S. white supremacist groups. In F. W. Twine & J. Warren (Eds.), 2018 Race-ing research: Methodological and ethical dilemmas in field research. New York: New York University Press. 2017

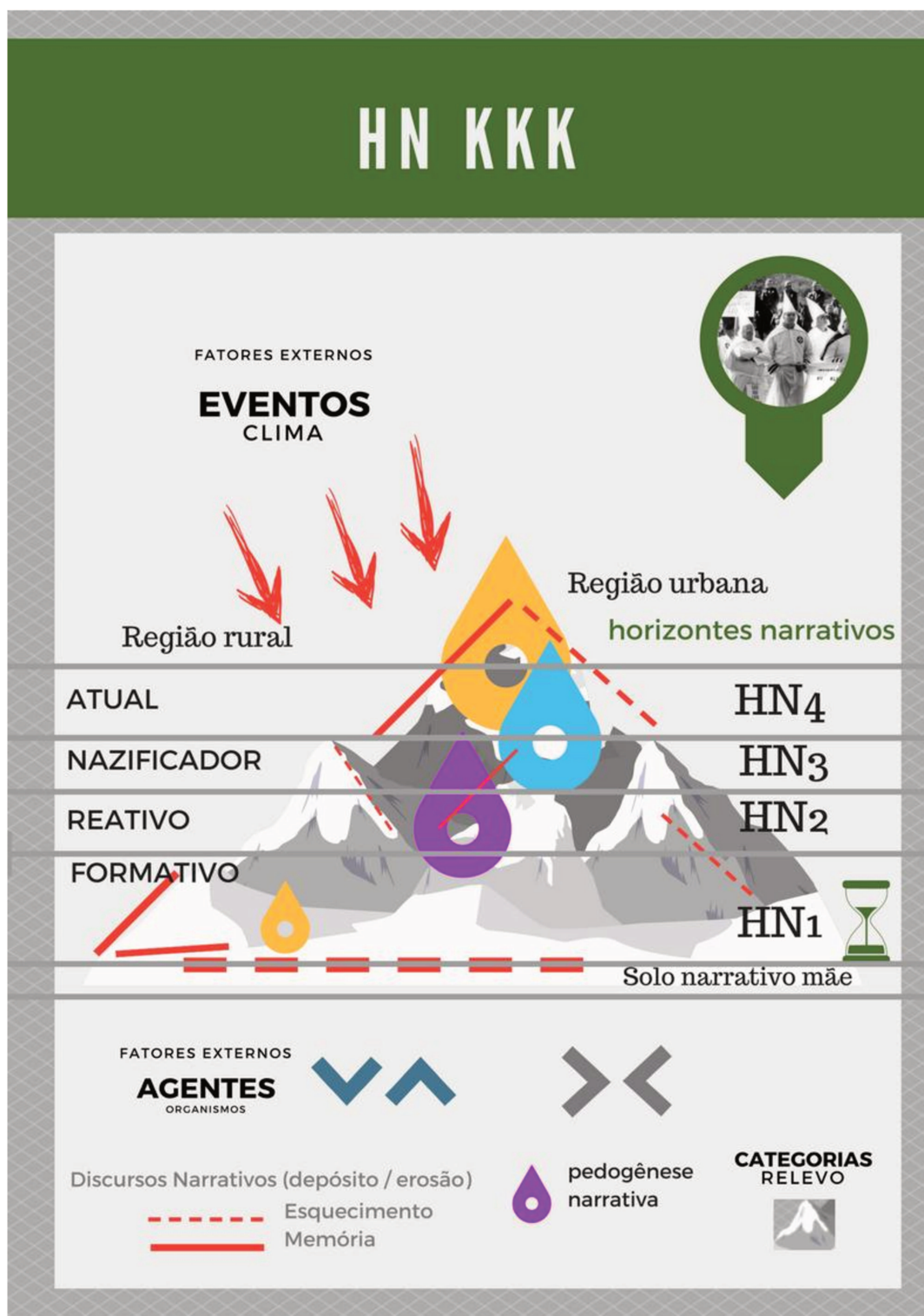
conseqüência um grupo substancial de mulheres (como a WAU²⁵⁸) passaram a defender profundamente os princípios de supremacia ariana e branca.

Surge então o HN4 e a narrativa passa a abarcar definitivamente o discurso de ódio direcionado tanto ao judeu, quanto ao imigrante e negro, a defesa da eugenia, a incorporar as 14 palavras de David Lane, a expansão territorial, depois da década de 80, é o atual. O compromisso de guerra racial é assumido no discurso e na prática com a formação de grupos paramilitares como A Irmandade Silenciosa. As mulheres são recrutadas para ocupar um lugar de significado, ainda que não possam ser consideradas “grandes pensadoras” do movimento, mas como “apoiadoras” ou como “estimuladoras” a outras mulheres para ocupar o SEU LUGAR. Há uma grande discussão de gênero nos grupos neonazistas, pois como recordou Kathleen M. Blee, “o gênero importa nos grupos da supremacia branca, pois eles promovem a discriminação racial agendas como forma de preservar os privilégios da masculinidade branca”.

No gráfico seguinte, alguns elementos da pedôgênese da KKK, mostrando como nas áreas de HN1, em especial, toda uma história sobre o protagonismo do escravo sobre a luta de sua libertação foi sendo “esquecida” no esquecimento e na história, na medida em que violentamente uma construção narrativa criava um modelo de “negro” que a KKK reproduzia. O solo narrativo mãe, a narrativa sobre os negros nas colônias, e a multidiversidade religiosa permitiam que a Klan se espalhasse em células por todo o país. O crescimento da Klan depois da nazificação e a luta que se faz no momento atual nesse movimento, ora por construí-lo como religioso e próximo ao colonial, e ora por ligá-lo ao mundo contemporâneo, ao léxico “genômico” criam embates dentro do próprio movimento. O neonazismo se espelha muito na Klan desde sua nazificação.

²⁵⁸As mulheres da WAU se definem: <etno> As WAU são uma organização gerida por mulheres Arianas que escolheram suportar o avanço da nossa cultura e raça. Nós incentivamos as mulheres a aumentarem a sua participação (...) também a desenvolver a união e a prosperidade para o nosso povo. (...)Nós permanecemos dedicadas à causa. Algumas das nossas irmãs são adolescentes, algumas na casa dos 20 e outras na casa dos 30, mas também contamos com o apoio de mulheres mais velhas. Nós somos Odinistas, pagãs, cristãs, e ateístas. Nós somos Skinheads e nós somos ex-Skinheads, nós somos mulheres com aparência "normal" capazes de se inserirem dentro da sociedade. Nós somos mulheres solteiras, comprometidas e casadas. Algumas de nós são mães e algumas não são. Algumas de nós são isoladas, e outras têm o apoio de camaradas que as rodeiam. Nós somos mulheres do campo, nós somos mulheres da cidade, nós vivemos nas velhas terras do hemisfério do norte, e nós vivemos nas novas terras do hemisfério do sul. Nós tentamos ir a cada concerto, marcha e demonstração, nós somos membros do movimento, e estamos orgulhosas nesta luta. (...) Nós somos mulheres inteligentes, orgulhosas e dedicadas, unidas com o fim de preservar a beleza, a herança e a cultura de nossa raça.

Figura 34 – Horizontes Narrativos da Klan



Preciso ressaltar que ao ler e reler Crapanzano e sua abordagem do trabalho de campo como “*confronto etnográfico*” recordei-me da minha experiência no contato etnográfico e biográfico com David Lane. Ambas se deram ao mesmo tempo. No primeiro acesso que tive a um site negacionista, a segunda página disponibilizava um texto de David Lane, que depois eu descobriria ser um dos textos neonazistas mais lidos do mundo. Tratava-se dos “14 Porquês?”, e tinha como epígrafe o poema citado na nota número 49 da presente tese. Esse texto, escrito por Lane em, fora distribuído em várias cidades nos EUA, em formato de folheto, e mais tarde impresso em sua revista, assinada por militantes do movimento. Logo eu descobriria que embora os sites pudessem ser predominantemente racistas, neonazistas ou negacionistas, as três questões se amalgamavam nos sites, e a presença dos textos de David Lane era quase unânime. O confronto etnográfico foi extremamente difícil para mim, pois eu estava diante de um outro que desejava segregar, e no limite exterminar a todos os outros com quem ele não considerava compartilhar o estatuto de humano. Eu inclusive, por ser pessoa com deficiência. Foi um confronto, sem dúvida.

Obviamente, isso tornou o processo extremamente desgastante. No começo, eu reagi ao universo neonazista com um misto de perplexidade, incompreensão, raiva, incerteza, dúvida, nojo, incômodo máximo. À medida que a investigação prosseguiu, percebi que me era impossível desenvolver uma busca meramente teórica do objeto, dos envolvidos, do tema. Inteirarem-me do tema e inquirir dados, evidências, documentos, testemunhar experiências de ódio, exigiu-me denunciar. Denunciar conclames para rituais de espaçamento, marchas de arianos, ou em homenagens a “heróis hitleristas”, sites que propagam material neonazista ou neo-teutônico, xenofóbico, racista, fóruns e páginas de RBS com downloads de material para viabilizar crimes de ódio, virou parte da minha vida. Foi uma das escolhas que fiz diante do objeto que estudo. Outra foi compreender. Compreender o que era o neonazismo de fato. Compreender nunca significou justificar, como bem lembrou Paul Ricoeur:

“Em outras palavras: compreender sem desculpar, sem tornar-se cúmplice da fuga e da denegação. Ora, compreender é fazer usos outros que não o moral das categorias de unicidade e de comparabilidade. De que modo esses outros usos podem contribuir para a reapropriação pelo povo daquilo que ele reprova absolutamente? E, por outro lado, como acolher o extraordinário com os meios ordinários de compreensão histórica?”
 “(RICOEUR 2007, p. 341)

Cabia compreender antropologicamente quem era esse líder, neste movimento, e para tanto era necessário, essencial que a etnografia dialogasse com a história de vida e vice-

versa. Meu confronto etnográfico não era apenas com um movimento ou com um líder, era com a relação desse movimento com esse líder, inclusive, e como a construção desse líder foi fundamental para o movimento, e como a construção do movimento foi essencial na formação do líder. A temática era de tal maneira dialética e dialógica, que definira meu caminho metodológico.

Pensando os dois textos de Crapanzano em conjunto, parti do pressuposto que a abordagem via as histórias de vida oferecem como sintetizou Suely Kofes, em 1994, no artigo *“Experiências Sociais, Interpretações Individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites”*: *“fontes de informação (falam de uma experiência que ultrapassa o sujeito que relata); como evocação (transmitem a dimensão subjetiva e interpretativa do sujeito); como reflexão (contêm uma análise sobre a experiência vivida)”*. Nesta sùmula, a autora descreve como a biografia se relaciona com o contexto do confronto etnográfico, pois a *“experiência que ultrapassa o sujeito que o relata”*, insere-se num processo social, apreendido etnograficamente, e trata, ainda, da relação dialética entre etnógrafo e biografado, quando descreve a experiência reflexiva.

Se, por um lado é fato serem as narrativas acerca da experiência humana fonte para apreensão dos processos sociais, igualmente elas também preservam uma nova forma, ou uma nova fórmula para produção de teorias. Neste espaço, as histórias de vida assumem um espaço importante, pois elas que permitem essa suspensão, e devem, portanto, ser *“abordadas como instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade”* (KOFES, 1994, p.140).

Dessa forma, no presente texto, a relação, entre biografia e etnografia, viabiliza, partindo do percurso do líder neonazista David Éden Lane, de sua autobiografia, de seus escritos diversos e das narrativas sobre ele, tenta tecer um caminho, se pudermos pensar método como caminho, e buscar uma profunda e mais criativa apreensão das relações sociais, primando por aspectos que entrelaçam conexões sociais, eventos históricos e experiências de vida (a história de vida). Objetivo uma resposta ao excelente caminho apontado por Strathern (1988), que discutiu se era realmente válido continuar problematizando a etnografia a partir apenas da contraposição entre indivíduo e sociedade. As interações profícuas entre etnografia e biografia permitem um espaço teórico em que as oposições clássicas entre indivíduo e

sociedade, escolhas individuais e regras sociais, agentes e campo, sujeito e estrutura, subjetividade e objetividade estejam em suspenso e possam ser objeto de reflexão, num novo jogo que as re-organizam.

Biografia não é mera reportagem de uma vida nem é simplesmente uma narrativa (PIMLOTT, 1985: xi). Certamente não se pode ambicionar e não deve dissimular saber toda a verdade. Nunca foi o objetivo deste texto, da minha pesquisa ou análise. O método é, de fato, histórico, interpretativo e, as motivações tácitas extraídas na biografia estão aqui diante do crivo do meu olhar, inclusive, muitas vezes difíceis de quantificar. Nesse ponto me apoio na etnografia exaustiva que realizei dos sites e grupos neonazistas, visitando-os na surface da WEB, mas também em dados da DEEP WEB. Parto, ainda, da hipótese de que a trajetória de David Lane não é “uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’”, mas que ela se insere numa “matriz das relações objetivas entre as diferentes relações”, como aponta Pierre Bourdieu acerca da ilusão biográfica (1996, p.).

David Lane não é um microcosmo, cuja biografia pode dar conta de tudo, e a tudo dar sentido. Não. No entanto, ao criticar o sujeito sartreano, e toda uma lógica que permite a este sujeito quase desvencilhar-se das amarras sociais pela consciência, tentando revelar que na biografia de um indivíduo encontrar-se-ia um todo, Bourdieu parte, todavia, por outro lado, para um estruturalismo por demais radical. Ao advogar por um espaço intermediário entre o estruturalismo que se aliando a Bourdieu vê na biografia apenas uma ilusão, e algo que descarte uma compreensão das dinâmicas sociais, como a conexão sartreana apontara, Jean-Claude Passeron²⁵⁹ desenha um caminho muitíssimo interessante: nem os atores são tão anônimos quanto às leituras sociológicas que os amortizam às meras “unidades estáticas”, reduzindo tudo para justificar a expectativa superestrutural da análise, nem se acata a sedução de fornecer a história de vida um todo lógico resolvido em si mesmo.

Recusar esta lógica de totalidade, como lembra Bourdieu que a denomina de ilusão biográfica, é recusar, também a narrativa que busca explicar a tudo isolando, inclusive a vida do biografado como um todo separado da vida social, do universo simbólico de seu convívio. Por outro lado, ainda é necessário lembrar, como registrou Suely Kofes (2001, p.

²⁵⁹ Cf. Passeron Jean-Claude. *Biographies, flux, itinéraires, trajectoires*. In: *Revue française de sociologie*. 1990, 31-1. pp. 3-22.

24) que a trajetória de vida deve ser “comparada a um itinerário no qual são privilegiados o caminho e o percurso”. Portanto, para pensar esta trajetória é preciso se apartar de uma das marcadas clássicas oposições onipresentes nos debates acerca das “histórias de vida” (objetividade e subjetividade; sujeito e estrutura; indivíduo e sociedade), e dar conta, ainda das “marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências” (KOFES, 2001, p. 24), conforme a crítica de Kofes a noção bourdieuana de agente. Nesse ponto é preciso afirmar que as aulas da professora Suely Kofes acerca do tema da relação entre biografia e etnografia foram essenciais para a construção do meu percurso pessoal, nessa tentativa de dar contorno a algum David Lane, e explicitá-lo.

Para dar conta dessa dualidade, e procurar um lugar em que fosse possível pensar uma biografia sob a ótica de Kofes e Passeron, teci a presente discussão num espaço entre etnografia e biografia. Neste espaço, encontrei relações possíveis e interlocuções profícuas: a experiência etnográfica foi fundamental para o registro do campo em que o meu biografado se insere, para conhecer seus conflitos, valores, dinâmicas. Mas, para além disso, a etnografia como método foi essencial para dialogar com a autobiografia de David Lane, pois, foi no espaço relacional teórico e metodológico entre etnografia e biografia que se permitiu a própria existência desse trabalho, pela constante retroalimentação da impossibilidade de o totalizar. A inesgotabilidade do tema, do biografado, da etnografia me acompanha por quase nove anos, numa etnografia que dura há mais de uma década. E se agora finalizo a pesquisa na defesa desta tese, não é porque o exauri, de forma alguma, mas porque ao contrário, acho que já o fragmentei o suficiente, permitindo que outros pesquisadores tracem a partir das trilhas por mim indicadas ou abandonem-nas, caminhando para novos rumos de pesquisa.

C.3 – Etnografando o ódio

Do mesmo modo, se achamos que os negros cheiram mal, ignoramos que para tudo aquilo que não é Europa somos nós, os brancos, que cheiramos mal. E eu diria mesmo que exalamos um odor branco, branco assim como se pode falar de um “mal branco”. Como o ferro aquecido ao branco, pode-se dizer que tudo o que é excessivo é branco; e para um asiático a cor branca tornou-se a insígnia da mais extrema decomposição.

Artaud, 1938

Escrever é transformar

André Green

Durante os meus primeiros cinco anos de pesquisa, realizei etnografia, iniciada em ambiente hipermediado, acerca do neonazismo. Neste período, localizei mais de treze mil sites neonazistas na WEB em línguas portuguesa, inglesa e espanhola, entre sites institucionais de grupos diversos, fóruns, blogs, lojas, além de comunidades em redes sociais da WEB. O crescimento dos sites e da participação de internautas nestes locais digitais era exponencial.

Posteriormente, acompanhei também casos judiciais, prisões, processos que envolviam o tema, e na medida em que mergulhava no tema, uma personalidade se destacava sempre, por um lado por ser autor dos textos mais citados nos sites neonazistas, por outro, pois sua morte foi determinante para demarcar nos sites um período de luto intenso, de milhares de homenagens, de uma intensa atribuição de títulos. Este personagem, David Édén Lane, o autor das 14 palavras, dos 14 porquês, dos 88 preceitos, e de uma infinidade de textos “fundadores” lidos, relidos e copiados WEB afora por simpatizantes e militantes do movimento causava em mim inúmeras perguntas, grandes inquietações. A biografia de Lane surgia como um desafio de investigação da própria etnografia que eu desenvolvia.

Partilho da concepção de Dan Goodley acerca da etnografia, “*uma abordagem de pesquisa que envolve a imersão e investigação de um mundo social, para dar significados simbólicos (ele chama de culturais) públicos e privados, abertos e elusivos*”. Pensando-a assim, ele a concebe como “*uma persuasão metodológica*”. Goodley é um dos pesquisadores da antropologia que desenvolve pesquisas (em deficiência) na fronteira entre etnografia e

biografia, e por nossas afinidades de interesses, sua pesquisa foi muito importante para minha análise. Lendo Goodley eu percebia cada vez mais que Lane dava sentido a minha etnografia, e a minha etnografia elucidava a trajetória de Lane.

A questão do ser branco nunca foi importante para mim, eu particularmente nunca me interessei pela “*sobrevivência da raça branca*”, isto nunca foi para mim uma questão, mas para ele e para o movimento neonazista era tão fundamental, que eu tive que começar a levar a sério, se quisesse entender aquilo. Então eu escolhi “uma forma que me deixasse guiar por ele²⁶⁰”. Não partilhei a causa, mas levei a sério cada site, cada postagem. Foi a etnografia, portanto, que me levou ao meu biografado, mas foi a biografia que me fez compreender muito da etnografia.

No site Revisão histórica, o primeiro que site neonazista que Lane encontrei, como já dito, Lane estava na segunda página com três de seus textos: as 14 palavras, que mais tarde eu descobriria ser o grande slogan do movimento, um poema à criança branca, e os 14 porquês (ANEXO II). O número 14 era evidentemente, uma constante, e um produto/ produtor de sentidos. Restava-me saber o motivo. Eu lembro que anotei em meu diário de campo: “??????” (uma série de interrogações). Depois, duas perguntas: por que catorze? E como me sinto diante disso? Lembro que senti forte enjôo ao ler os catorze porquês, em especial os que se referem ao casamento inter-racial e a adoção de crianças negras como causas imediatas do genocídio branco (itens 6 e 11), e isso me pareceu uma mistura de delírio e ultra-racismo anacrônico.

Atribui a adolescentes o texto, e posteriormente senti um enorme incômodo quando descobri que David Lane não era um adolescente, mas um líder de um movimento enorme que cumpria prisão por assassinato nos EUA. Lembro que fiquei horrorizada com os números dos textos compartilhados pela WEB que localizei no primeiro dia, pelos links. Lembro que me assustei ao saber dos enormes grupos, dos números enormes de participantes em fóruns²⁶¹. As interrogações retratavam minhas angústias repentinas: o que era aquilo? Como, décadas depois do fim do nazismo, pessoas podiam fazer apologia ao Nacional-Socialismo? No Brasil? O que queriam os seguidores do neonazismo aqui? O que era o tal

²⁶⁰ Refiro-me à constatação de Evans-Pritchard: “Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra Azande, mas os Azande tinham, de forma que tive de me deixar guiar por eles” (EVANS-PRITCHARD, 1937, p.300).

²⁶¹ Que crescem cada vez mais a cada ano.

negacionismo histórico? Quanto mais eu lia, no início, menos eu entendia. Todas as armas de entendimento que eu sempre usara, razoavelmente, pareciam inúteis, ler não dava conta de tornar inteligível, ler repetidas vezes tornava ainda mais obscuro, procurar sentido aumentava as dúvidas. Eu estava diante de algo injustificável e no qual não era a razão que construía textos. Desejava compreender as crenças, motivações e comportamentos daqueles que assumiam as posturas mais radicalizadas de ódio que eu já vira.

Surgiam questões: Eu precisava reproduzir e descrever aquele “mundo” com autenticidade, embora não percebesse nenhuma veracidade nele. Eu precisava entender, eu precisava achar algum sentido. Sempre vi nessa a tarefa do etnógrafo: descrever com autenticidade, os “mundos” que observa, reproduzir o mais fielmente possível o mundo observado, ainda que no meu caso, sem nenhum prazer nisso. Sabendo que como etnógrafa eu detinha a escrita da história que presenciava, cabia-me a responsabilidade de descrever com o máximo de seriedade e precisão os dados coletados para informar sobre os grupos observados. Interrogava-me acerca da responsabilidade e das intenções diante do tema: portanto, investiguei, descrevi, denunciei²⁶².

Nos últimos dez anos eu não achei nenhuma justificativa, e se algumas coisas parecem mais explicadas para mim, isto não quer dizer, no entanto que elas tenham ganhado todo sentido. Eu apenas deixei que a etnografia me levasse pelas trilhas dos meus informantes, nos sites, nos processos judiciais, no que eles afirmam de si e do outro, eu entendi como eles pensam e que espécie de universo simbólico eles utilizam para desenhar aquilo que em minha dissertação de Mestrado eu denominei de “Teutônia Virtual”. Eles construíram uma “Alemanha simbólica²⁶³” que existe na maioria esmagadora vezes apenas em seus mitos²⁶⁴.

Nos sites pesquisados, retomo, aparecem dois tipos de relações discursivas: ora se articulam a referências que se pretendem científicas, por se valerem de uma gramática

²⁶² Sempre as autoridades devidas, em caso de crime.

²⁶³ Essa virtualidade teutônica é traçada por suas representações, e independe da língua, da geografia, da história ou de qualquer parâmetro que o próprio governo alemão considere ou desconsidere legítimo, inclusive. Mas, essa virtualidade não torna essa Alemanha menos real para eles. “O virtual possui uma plena realidade enquanto virtual” Deleuze, G. *Diferença e Repetição* p. 199 O virtual, ao contrário, não se opõe ao real; ele possui uma plena realidade por si mesmo. Seu processo é a atualização. P. 201

²⁶⁴ Cf. “Dizer” um mito, é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez “dito”, quer dizer revelado, o mito torna-se verdade apodíctica: funda a verdade absoluta. Mircea Eliade Cf. Eliade, Mircea . *O sagrado e o Profano* - A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1992, p. 108.

biologista, ora se associam a “verdades absolutas” (ELIADE: 1992, p.108) cifradas em códigos simbólicos demarcados numa atmosfera profundamente mítica, e nesta forma, as 14 palavras vão se desdobrando de forma multidimensional, engendrando sentidos e normas biológicas, morais, míticas, políticas, sociais, justificando um aparato de condições para que seu léxico se pretenda irrefutável.

O discurso racista regula, seleciona, organiza, redistribui e articula poderes e perigos: a supremacia racial branca está no epicentro das discussões acerca dos poderes e a ameaça de sua extinção, em particular pela possibilidade de casamentos inter-raciais ou por adoção de crianças negras, emoldura as discussões a respeito dos perigos. Os sites delimitam tabus: qualquer tentativa de se tecer um mínimo elogio a negros e judeus, em fóruns ou listas de discussão, provoca reações fortíssimas, muitas vezes expulsões. Nos relatos, exemplos peculiares de narrativas rituais, o processo de “se descobrir ariano” ganha status de iluminação, e a vida, a partir desta descoberta, um “real sentido”. Outro interdito aparece nas linhas, por vezes nas entrelinhas: é preciso cuidar para que “a liberdade de expressão não seja castigada pelo poder público”. São estratégias visando “*simplificação das relações sociais*”, no sentido em que Homi K Bhabha a utiliza, não como uma falsa representação da realidade, mas como “*uma forma presa, fixa, de representação*” (BHABHA, 1998, p. 117). Raça deve suprir todo sentido de identidade, e eliminar todas as diferenças. Todos os papéis sociais são dados pela raça: a mulher branca age de uma forma, o homem branco também, e crianças são educadas para desempenhar papéis futuros fixados.

Neste sentido, refletem um “*conteúdo previamente conhecido e fixo*” (BHABHA, 1998, p. 17), expresso por uma “*essência particular, sujeita a certas regularidades que serão entendidas como regras ou leis da natureza*” (CRAPANZANO, 1985). Para eles, a própria natureza necessita do empenho de seus seguidores, inclusive para se manter num estado evolucionário e hierárquico. Como está “a serviço da Vida”, o “ariano” seria “um instrumento” que serve a tal “propósito”. Adquirindo a forma de mantra, a defesa das crianças brancas, portadoras da “*raiz mitocondrial ariana*” (SWP), se aloja na pauta de discussão acerca de identidades. O segundo mecanismo articulado pelos sites, para validar sua agenda de lutas, se ampara numa moldura mítica, formatando espaço de incorporação de regras, valores, gostos, idéias, símbolos. Estes mitos e rituais nascem de classificações, originadas, segundo Cornelia Essner, no “*dogma racial nórdico*” (ESSNER: 1995: 18 *et seq.*), de Hans F. K. Günther, principal ideólogo do racismo nacional-socialista (22), e antigo

membro da “*Liga para a Germanidade Pura*”. Günther, informa Essner, obteve uma articulação entre a ciência denominada por ele de “biologia social” à ideias que incorporavam princípios de eugenia. A biologia do pensamento nazista, em especial o de Lane, é crivada nesta “biologia social”, eugenista. Os mitos são usados de forma política, como exemplifica um de seus seguidores:

*<etno32 ><Em termos mais especificamente doutrinários, tenho de dizer que nunca concordei com a sua abordagem do Paganismo, potencialmente nociva a uma verdadeira orientação para o divino pagão, uma vez que o seu «culto» das Deidades nórdicas era de carácter meramente político e psicológico – Wotan era para ele, não um Deus verdadeiro, mas apenas um símbolo cultural étnico (um «arquetipo colectivo» tal como diria Jung), a saber, a divinização da raça branca. Por esse motivo, Lane considerava que o nome do Deus podia ser encarado como uma sigla (atitude tipicamente ianque): Will Of The Aryan Nation (Vontade Da Nação Ariana).>*²⁶⁵ *Assinado como Caturo.*

Nesta articulação entre mito e sangue, fundamentada na construção alemã, de uma categoria em torno da idéia mítica “do Sangue” (Blutmythos), por um “amálgama de símbolos emprestados” (ESSNER, 1995:20), símbolos estes que resgataram, inclusive, o dogma da transubstanciação católico, recusado pelo luteranismo alemão. O “Sangue Nórdico” restava como “portador da imortalidade simbólica” e o povo alemão lhe traria em suas veias. A carne e o sangue, nórdicos por herança, se transubstanciam na raça alemã, perpetuando-se. Esta eternidade virtual só materializar-se-ia, no entanto, se “o Sangue” permanecesse puro: isto garantiria a evolução “da Raça”, e “o Reich” seria a força transcendente que garantiria esta imortalização. Nos URLs pesquisados, “o Sangue” verte no vermelho das suásticas, e por ele está disposto a morrer: “Ou o Estado nacionalista, ou nossos cadáveres” (RH, TV). É o sacrifício da carne, mantendo vivo o sangue. O novo Pão e o novo Vinho: a carne dos soldados e o sangue nórdico de suas veias. O mito vincula-se à ciência, e sentidos e saberes validam, para os sites analisados, sua proposta de ódio e intolerância.

²⁶⁵ <http://gladio.blogspot.com.br/2007/05/david-lane-em-valhalla.html>

Para Lane, no entanto, o sangue branco é uma escolha dada pela palavra, mudam os tempos e nações, mudam os símbolos. Para ele, o sangue segue a vontade da palavra, da livre escolha e do livre arbítrio. Não poderia ser diferente numa nação tão tomada pelas ideias de liberdade, com maioria protestante. O que parece muito evidente na obra de Lane é seu conhecimento da influência protestante na discussão racial, com certeza aprimorada, se não constituída, nos anos de Klan e Identidade Cristã.

Como é possível, que milhares, centenas de milhares de pessoas partilhem textos, discussões, fóruns, debates sobre isso? Sem pensar que isto se trata de uma ficção, de um videogame, ou de roteiro de filme? Recentemente o governo Alemão revelou uma série de assassinatos (provavelmente mais de 700) não solucionados realizados por lobos solitários num período de duas décadas²⁶⁶. Os números podem ser maiores. Muito maiores. O neonazismo é real, infelizmente. David Lane, infelizmente, também era. O símbolo que ele utilizava no pescoço, um martelo de Thor, é usado como marca e insígnia de grupo no mundo inteiro. Em sites na internet, jovens postam filmes com este martelo no pescoço para demonstrar respeito, quase adoração ao líder.

Durante o Mestrado, eu discuti como o movimento neonazista, nacional-socialista e neo-teutônico desenvolvia uma *paranóia construída socialmente*.²⁶⁷ O tema me é muito caro, pois a explicação da paranóia para o movimento não o torna inimputável criminalmente, como algumas cortes brasileiras tem julgado os acusados de crimes raciais, mas ajuda a pensar a questão de forma não a inocentá-los, mas a problematizar o tema.

Entendendo ainda que David Lane se demarcasse figurativamente como um duplo de uma personalidade muito importante para o movimento Nacional-Socialista norte americano: num ambiente profundamente cristão, David Lane se demarca como um duplo de Jesus Cristo, e é nesta configuração messiânica que ele funda sua religião a pirâmide profética. Ele mimetiza aspectos religiosos do protestantismo estadunidense com sombras hitleristas numa confusão articuladamente proposital: deseja ser visto como um messias da raça ariana.

Um messias perseguido, que luta para salvar um povo a beira de extermínio. Há

²⁶⁶ Cf por exemplo <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/germany/10495074/Germany-says-hundreds-of-unsolved-killings-may-be-linked-to-neo-Nazi-group.html>

²⁶⁷ DIAS, Adriana. Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007

dois elementos que se cruzam nesse discurso: o messiânico e o paranóico. Muitos pensadores leram o fenômeno nazista utilizando o termo paranóico: Adorno, Benjamin, Brecht, Deleuze and Guattari, Canetti, Feral, para citar apenas alguns. Mas, o fenômeno presente se gigantiza e se capilariza: é um fenômeno que envolve dimensões posteriores, aspectos religiosos diversos, e é transnacional, está presente em todo o mundo, e eu diria que até anacional, se permitem o neologismo, embora se defina o tempo todo como nacionalista, pois se há um movimento que entende nação realmente como uma “comunidade imaginada” (BENEDICT ANDERSON, 1983), é o neonazismo: seus adeptos jamais se cansam de afirmar: “minha nação é minha raça”. Para eles, a verdadeira nação só existiria se racial, há apenas países, nação é um futuro a ser alcançado.

É na ideia de raça que o movimento neonazista cristaliza toda sua tessitura de narrativa e nela que ele constrói uma Alemanha “virtual”, imemorial, uma teutônia que independe de vínculos linguísticos, de ancestralidade, de clãs, que se constrói a partir da “certeza de ter menos que 1/32 de cromossomos e mitocôndrias não brancos”, num léxico que se vale de termos da genômica para legitimar o mito. Raça amplia concepções, determina vínculos, delimita caráter.

Esta construção da pátria alemã, simbólica, provém de um *locus* em que, como escreveu Homi Bhaba, “tais como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente” (Bhabha, 1990, p.1). Esta mesma construção narrativa é evidente na leitura do texto autobiográfico de David Lane. Construindo em 14 páginas, preservando seu leitmotiv numérico favorito, portanto, Lane, desencadeia uma verdadeira sucessão de símbolos que nos levam a nos perder em labirintos simbólicos cujo único objetivo é fazer com que possamos ver o que ele deseja que seja visto: ele é o autêntico ariano, exemplo máximo de como o Filho de Odin deve ser.

Na medida em que constrói sua narrativa sobre si, Lane vai construindo para si uma narrativa de mito, de herói, de messias. No entanto, isto não está na superfície do texto. Apenas a fronteira entre a etnografia e biografia, entre a etnografia e o estudo das histórias de vida me deu ferramentas para ir além desta superfície. As ferramentas de ambas as teorias e métodos criaram uma interlocução única, na qual a presente tese pode desvendar algumas pistas.

Nesse sentido, desenvolvem-se como uma Mimesis, como conceitua Paul

Ricoeur: é ação discursiva, uma verdadeira imitação criativa do agir humano, uma testemunha de sua semântica, de sua simbólica e de sua temporalidade, é ainda, leitura, é apropriação e aplicação. Nesta Mímesis, Ricoeur inscreve a relação entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal de uma experiência humana. Escreveu ele: “... o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.”(1983, p. 85)

C.4– A Biografia Heróica de David Lane

< >

A autobiografia é a forma mais elevada e mais instrutiva em que nos defrontamos com a compreensão da vida. Nela se encontra o curso exterior, fenomênico, de uma vida, que constitui a base para compreender o que a terá produzido no interior de determinado meio ambiente.

Thompson

< >

Um dos motivos, não o único, nem o principal, da escolha metodológica entre etnografia e biografia se deve ao fato de que um dos textos que David Lane produziu foi uma autobiografia, na verdade, um opúsculo intitulado autobiográfico, com 14 páginas, dividido em 8 capítulos, escrito durante sua estadia na prisão de segurança máxima no estado de Indiana.

Na tentativa de compreender o estatuto do texto de Lane, revisei alguns teóricos da biografia. O texto do líder neonazista pode ser definido como autobiográfico²⁶⁸, dentro do conceito proposto, por exemplo, por Philippe Lejeune²⁶⁹, pois é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Ao escrever uma autobiografia, defende Lejeune, o autor/narrador estabelece um pacto autobiográfico, seja de forma textual ou paratextual, compromissado em contar sua vida diretamente (ou parte, ou um aspecto de sua vida), em espírito de verdade²⁷⁰. Dessa forma, o autor/narrador se engaja num projeto em que pactua com seus leitores que irá dizer a verdade, ou o que acredita ser verdade. Segundo o autor, ainda, nesse pacto deverá haver, “de alguma forma explícita, um pacto moral de ‘sinceridade’: geralmente traduzido por um pacto

²⁶⁸ Segundo Lejeune autobiografia é um neologismo que se originou na Inglaterra e na Alemanha por volta de 1800 e se espalhou muito lentamente na Europa, no vocabulário da crítica, com uma variedade de significados e flutuante. São usados também para dar conta do estilo de texto, história de si, narrativas de si, autoetnografia, histórias de vida, entre outras. Uso o termo usado por David Lane.

²⁶⁹ Giovanni Levi, um outro pesquisador de biografias, discute uma certa tipologia, sem pretender, no entanto, dar conta da totalidade de todas as biografias possíveis: Ele define quatro modelos gerais: o primeiro, designado de modal, refere-se ao texto biográfico que se caracteriza por traduzir um tipo comum a um grupo, enunciando as regras e comportamentos desse lócus social. O segundo tipo, definido por Levi como biografia de contexto, valoriza a época, o meio e a ambiência como formas de especificação da singularidade da trajetória. Quando ao contrário, a personagem não parece pertencer ao contexto, mas habitar às suas margens, surgem as biografias de casos extremos, desvinculando-se quase que totalmente com a sociedade em si. Por fim, Levi descreve a biografia hermenêutica, interpretativa, dialógica, e ainda, segundo o autor, perigosamente relativista, quase não permitindo a escrita de uma biografia. Ao autor ainda acrescenta que há outros tipos não citados nesta lista.

²⁷⁰ Site do Autor. http://www.autopacte.org/pacte_autobiographique.html

implícito do autor com o leitor: o compromisso de não se distanciar demais de um tipo de relato verossímil” (LEJEUNE, 1998^a, p. 35)²⁷¹

Obviamente, não posso atestar a veracidade dos fatos narrados na biografia de David Lane, e nem de longe é esta a proposta do presente texto. Tomo o texto do líder neonazista dentro de um pacto autobiográfico, porque acredito que ele propunha no texto seu relato de verdade, no sentido que lhe dá Certeau (1980), “*o religioso assume a imagem do marginal e do atemporal, nele, uma natureza profunda, estranha à história, se combina com aquilo que uma sociedade rejeita para suas fronteiras.*” (CERTEAU, 2008:35).

Posteriormente, encontrei em François Dosse, outra tipologia para a classificação biográfica. Valendo-se de três tipos, a biografia heroica, a modal e a hermenêutica, ele adverte, que embora elas “tenham surgido numa determinada evolução cronológica, os tipos podem combinar-se e aparecer no curso de um mesmo período”.

Ao ler a descrição que Dosse constrói para a biografia heroica, cunhada para descrever história das vidas exemplares, cuja função pedagógica de ressaltar as qualidades morais do herói, protagonista do enredo, e consagrar a *magistral vitae*²⁷², pude perceber que foi nesse tipo de biografia que Lane buscou inspiração. Não que ele seja uma vida inspiradora, mas ele desejava o ser para sua coletividade, e, conseqüentemente, se valeu do gênero biográfico cuja função principal é identificar. O objetivo aqui é a reprodução, a perpetuação do modelo, retratando “a maneira de viver”. No limite, Lane em sua biografia defende, organiza e ensina a maneira “ariana” de viver.

Em seu artigo *Ethnography as Narrative*, Brunner apontou duas importantes questões que foram, a meu ver, bússolas do meu processo de leitura da trajetória de David Lane. Em primeiro lugar, Brunner fixou no narrar uma história de vida, o limite de que a expressão da experiência nunca alcançará a totalidade do indivíduo, e a certeza de sempre existirem hiatos entre a realidade, a experiência e a narração destas. No caso de uma vida como a de Lane isto foi absolutamente fundamental: por exemplo, desde o início da pesquisa

²⁷¹ No original: “Le pacte autobiographique est peut-être, sur le plan explicite, un pacte moral de 'sincérité': mais cela se traduit le plus souvent par un pacte implicite de l'auteur avec le lecteur: l'engagement de ne pas trop s'éloigner du type de récit 'vraisemblable' ” (LEJEUNE, 1998a, p. 35).

²⁷² *Historia magistra vitae* est é uma expressão latina, extraída de *De Oratore* de Cícero, que sugere que “a história é a professora da vida”, como uma saudação ao estudo do passado histórico.

eu duvidei de que Lane tivesse nascido em Woden, Iowa. Não que isto verdadeiramente importasse. Para mim Lane criou este fato para justificar seu título de filho de Odin.

Mas, como ele utiliza outros dados para endossar o título, essa não é a questão crucial. Eu não acho que ele é filho de Odin. Então, a mim pouco importava se ele nasceu em Woden, de fato, ou se ele criou isto apenas pois esta é uma cidade de menos de 300 habitantes no meio do estado do Iowa, que ninguém se importará em visitar, para verificar, ainda mais que ele afirmara que o cartório de registro civil incendiou logo depois de sua saída da cidade... O que ele pretende ressoar com isto, no hiato, no não dito. Em *Brotherhood of Murder*, Thomas Martinez, que foi amigo de Lane, e John Guinther afirmam que ele teria nascido em São Francisco (p.54), e seria descendente de suecos e dinamarqueses. Não me importa quem está certo, aliás. Se é que alguém está. Importa-me porque para ele é importante afirmar ter nascido em WODEN.

Afirmou o romancista Inglês GK Chesterton, que os EUA era “uma nação com alma de igreja²⁷³”. Aos pensadores europeus, e aos mais céticos sociólogos de outras partes do mundo o papel da religião na política americana sempre pareceu um enigma irritante, que na verdade nunca decresceu de importância desde o tempo dos 102 colonos do Mayflower. Se eles em seu manifesto, conhecido como Mayflower Compact, expressavam primeiramente a fé em Deus e em sua direção, o papel da religião sempre foi extremamente forte na plataforma política do país, em especial na extrema direita. Obviamente, David Lane sabia disso. Retomarei isto adiante, mas acho importante registrar desde já este outro “entre” que Lane pretende ocupar: entre o Odinismo e o Cristianismo, firmando-se como uma escolha messiânica que serve de forma relacional para traduzir e transliterar simbologias tão díspares.

²⁷³ What I Saw in America (The Collected Works of G.K. Chesterton, Vol. 21, San Francisco: Ignatius 1990. pp. 41-45.), Chesterton says that America is “the only nation in the world founded on a creed.” He goes on to write about the questions he was asked when he entered the country and how they were a kind of test of that creed. In regards to these tests, he writes: “Now I am very far from intending to imply that these American tests are good tests or that there is no danger of tyranny becoming the temptation of America. I shall have something to say later on about that temptation or tendency. Nor do I say that they apply consistently this conception of a nation with the soul of a church, protected by religious and not racial selection. If they did apply that principle consistently, they would have to exclude pessimists and rich cynics who deny the democratic ideal; an excellent thing but a rather improbable one. What I say is that when we realize that this principle exists at all, we see the whole position in a totally different perspective. We say that the Americans are doing something heroic or doing something insane, or doing it in an unworkable or unworthy fashion, instead of simply wondering what the devil they are doing.”

Para Lane, a alma dos EUA, não é só uma igreja, mas é branca. E ele é seu Messias. Todo o texto é construído por falas e elipses para dar a entender isso, mas não a todos, só aos iniciados. E como eles se iniciam? Pela palavra.

PARTE D – UMA PEQUENA CONTRIBUIÇÃO A QUESTÃO DA NOÇÃO DE PESSOA EM ANTROPOLOGIA

D.1 Introdução: As vítimas da Eugenia, da Alemanha a Sagamihara: sempre silenciadas.

Do sistema corpo-cabeça ao sistema rosto, não há evolução, não há estados genéticos. Nem posições fenomenológicas

Deleuze e Guatarri

No mês de abril de 2010, enquanto fazia mais uma revisão das páginas neonazis relacionadas ao tema da eugenia²⁷⁴, li novamente no site do Movimento Criatividade (um dos dois grupos originados da Igreja do Criador²⁷⁵) um dos URLs que trata do tema. No texto, os ativistas registram suas radicais e preconceituosas opiniões a respeito do que seria a “*crença equivocada de que toda a vida é valiosa*”²⁷⁶.

Os relatos dos neonazis acerca da deficiência não me eram novos, mas na oportunidade condensavam uma série de temas que me interessavam como investigadora. A forma como o retrato de intolerância foi minuciosamente descrito nessa página gerou de tal forma, dentro de mim, o confronto que Crapanzano explicara²⁷⁷, que percebi ali uma das questões seminais de minha tese: o que é uma pessoa? Ou – além do que é *dito*, o que os

²⁷⁴ Foi um tema que sempre apareceu no neonazismo, desde os escritos de David Lane até grandes grupos como a National Alliance, passando pela Igreja do Criador. Essa Igreja deu origem aos movimentos citados neste capítulo (vide a nota de rodapé seguinte, nº 266). Eu avaliava o tema para um GT que coordenei numa Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Com origem etimológica no grego antigo, “eugenia” significa “bom nascimento”, “boa geração”. A definição da eugenia tem sido discutida desde que o termo foi cunhado por Francis Galton em 1883. O conceito antecede essa cunhagem, pois já em Platão se vê a sugestão da aplicação dos princípios da reprodução seletiva dos humanos. Depois da derrota do nazismo na Alemanha, em que os princípios da eugenia foram utilizados em leis para extermínio dos “indesejáveis”, a filosofia social da eugenia caiu em certo declínio, mas voltou sob a forma da “nova eugenia”, na Era Genômica. Um exemplo disso é o geneticista JD Watson e sua afirmação: “*A eugenia é uma espécie de auto-correção da evolução.*”

²⁷⁵ Criada por Ben Klassen, um ex-legislador da Flórida, em 1973. Posteriormente o movimento se dividiu, dando origem a duas correntes, The Creativity Alliance e The Creativity Movement. Ambas são bastante semelhantes, embora a segunda se aproxime mais do Wotanismo nos tempos presentes. São profundamente eugênicas.

²⁷⁶ Obviamente, eu sabia desde início da pesquisa que o movimento nazista, e o neonazista defendem a eugenia, mas em alguns momentos a etnografia sobre o tema me incomodou de forma demasiadamente significativa. O tratamento dado ao tema da deficiência em meu cap de pesquisa sempre me foi algo temeroso de abordar, por minha própria história, e por meu ativismo na área da deficiência. Elaborei a questão por muitos anos e agora me sinto pronta para pensar a questão.

²⁷⁷ Supra, p. 232.

neonazistas *fazem*?

Posteriormente, enquanto me questionava e me preparava para cerrar a escritura da presente tese, fui atormentada por um episódio crítico: em 26 de julho de 2016, no Japão, um jovem de 26 anos de idade, Satoshi Uematsu, esfaqueou 19 pessoas até à morte, e feriu outras 26, na pacata cidade de Sagamihara. Uma cidade de pouco menos que 700 mil habitantes. O ataque foi às pessoas com deficiência em uma casa de cuidados residenciais. Uematsu havia trabalhado no ambiente anteriormente. Após o perverso abate, Uematsu expressou-se por meio de uma rede social: *"Espero a paz mundial Beautiful Japan !!!!!"*.

Ele, então, entregou-se à polícia. O jornal inglês The Guardian relatou que Uematsu disse à polícia: *"É melhor que as pessoas com deficiência desapareçam."* O massacre se deu exatamente no 26º aniversário da lei americana *Americans with Disabilities Act*, a qual originou grande debate sobre os direitos para essas pessoas no mundo todo, debate esse que culminou na Convenção da ONU de Direitos das Pessoas com Deficiência (2006). O dia foi escolhido, obviamente. Pelo seu trabalho, Uematsu conhecia o movimento das pessoas com deficiência. Conhecia os funcionários, os residentes, seus familiares. Acreditava ser capaz de matar 470 pessoas, em duas instituições, antes de se entregar. Ele disse que faria isso pela felicidade do mundo. A motivação de Uematsu bebe em ódio e capacitismo.

A natureza do crime mostra uma ação meticulosamente arquitetado – por exemplo, Uematsu chegou a amarrar um funcionário para ter mais tempo de execução. *"Não foi um crime impulsivo. Entrou na instituição, no escuro da noite, abriu uma porta de cada vez e esfaqueou pessoas que estavam a dormir, uma a uma. Não consigo acreditar na crueldade deste crime"*, disse Yuji Kuroiwa, governador da prefeitura em que aconteceu o ataque. Naquele centro, viviam 150 pessoas, com idades entre os 19 e os 75 anos.

Uematsu tinha escrito ao governo japonês em fevereiro de 2016, pouco antes do crime, delineando a sua intenção de matar. Ele foi hospitalizado involuntariamente por duas semanas e libertado sem acusações. Parecia melhor, achavam. Sonhava com um mundo "livre" de pessoas deficientes. Parte de sua carta de diz:

Meu raciocínio é que eu posso ser capaz de revitalizar a economia mundial [...]

Imagino um mundo onde uma pessoa com deficiências múltiplas possa ser eutanasiada, por guardiões, quando é difícil para a pessoa realizar atividades familiares e sociais. Eu acredito que ainda não exista uma resposta sobre

o modo de vida para indivíduos com deficiências múltiplas. As pessoas com deficiência só podem criar miséria. Acho que agora é a hora de realizar uma revolução e tomar a decisão inevitável, mas difícil, para o bem de toda a humanidade. Vamos no Japão dar o primeiro grande passo.

Foi o maior assassinato em massa no Japão desde a Segunda Guerra Mundial. 19 pessoas morreram. No entanto, não houve grande clamor público. Como um grande escritor da deficiência me escreveu em mensagem, não houve “#hashtag”. Sam Connor, outro ativista do tema, também notou a imensa ausência na mídia mundial (inclusive a brasileira): *“Na esteira de outros assassinatos em massa e crimes de ódio, em que houve efusões de luto público, mostras de solidariedade. Depois Japão. – Talvez o único crime de ódio em massa onde o assassino havia sinalizado evidentemente a sua intenção de 'eutanásia' - não havia nada.”* (grifei)

Esse silêncio foi um grande confronto etnográfico para mim. A mídia muitas vezes retrata o cuidado de pessoas com deficiência como um fardo (o que apenas aumenta a narrativa social capacitista) e o cuidador violento como alguém bom, que não agüentou cuidar tantos anos a fio de alguém incapaz, que exige demais. Esse é um discurso de extrema violência simbólica. A violência²⁷⁸ contra as pessoas com deficiência é uma realidade. Parece que quase é justificável, misericordioso, dar fim numa pessoa com deficiência. Ideia nada nova, infelizmente. Enquanto o ataque ao jornal francês “Charlie Hebdo”, em Paris, obteve quase 500 mil entradas em três grandes redes sociais na ocasião do ataque, justificáveis diante do horror, o ataque ao Japão teve um quinto disso, e parte das manifestações **aplaude** o assassino. Apenas 583 entradas falam do ableism do caso²⁷⁹. O silêncio em torno do tema, se não resolve, não denuncia, é, no mínimo, “bom para pensar”, como escreveu Claude Lévi-Strauss.

Obviamente, a violência sofrida pelas pessoas com deficiência no Japão marcou, em maior ou menor grau, **todas** as pessoas com deficiência que discutiram a história e o silêncio sobre elas. A grande maioria relata medo e terror. Outras pessoas, quando lamentavam o evento japonês, assumiram a postura consoladora religiosa, afirmando que o

²⁷⁸ Volto á questão do "horrorismo" que faz com que as suas vítimas contemplem e / ou experimentem violência repugnante e desfiguração corporal precisamente quando os mais vulneráveis necessitam de cuidado, pois “ultrapassa o objetivo elementar de tirar uma vida e dedica-se a destruir o vivente como um corpo singular” (Cavarero, 2011: 12).

²⁷⁹ Dados monitorados por mim no Twitter, Medium e Facebook, pelo Gephi. Outros pesquisadores de disability chegaram a dados próximos, um pouco menores, por não incluírem a língua portuguesa, mas apenas inglês, japonês e espanhol.

“sofrimento daquelas pessoas havia passado, estavam agora num lugar melhor”, sequer parecendo dar-se conta de que elas não simplesmente morreram, foram assassinadas. A vida da pessoa com deficiência é reduzida a uma não vida, a uma “jornada de sofrimento”, em que a morte parece melhor. O discurso capacitista constrói a não-vida, para o que ele entende como uma não pessoa.

Cada grupo social, em cada época construiu sua própria resposta à deficiência e às pessoas com deficiência²⁸⁰. Esse é o pressuposto para compreendermos a questão da deficiência como categoria analítica²⁸¹. No entanto, para construir essas racionalizações particulares, esses grupos buscaram significações mais amplas, narrativas sociais, históricas e simbólicas que registraram no imaginário social de cada época, nas nações do Ocidente, a noção de deficiência, partindo de determinadas elaborações, crenças, saberes e poderes.

Durante muito tempo, a maneira de representar as pessoas com deficiência na civilização ocidental (e nos lugares em que ela se impunha) foi determinado por um modelo religioso, no qual a presença da deficiência era concebida pela ação da divindade, como castigo, provação ou instrumento de santificação. As pessoas com deficiências, caracterizadas como disformes e monstruosas, eram na maioria esmagadora das vezes cuidadas pelas

²⁸⁰ Nesse mesmo sentido escreveu Ruth Benedict, quando afirmou: *A antropologia social moderna tornou-se cada vez mais um estudo das variedades e elementos comuns da cultura ambiente e as conseqüências disso no comportamento humano. [...] Um desses problemas está relacionado ao padrão moderno de categorias normal-anormais e nossas conclusões a respeito eles. Em que medida essas categorias são determinadas culturalmente, ou até que ponto podemos, com segurança, considerá-los absolutos?* Embora use anormalidade como uma oposição a normalidade, inclusive porque está discutindo o tema dentro da noção de “comportamento esperado”, em outros momentos Benedict assumiu ter dificuldades com o termo. Por exemplo, em 1939, em uma carta a um antropólogo amigo, Dr. Lucien M. Hanks, Jr. e sua esposa June, que faziam campo em Gleichen, Alberta, Canada, ela afirmou: *“Eu acho que você está certo em decidir evitar perguntas sobre ‘anormais e desviantes’.”*

²⁸¹ No artigo citado Benedict compara algumas experiências etnográficas para chegar à conclusão que *“Uma ação normal é aquela que cai bem dentro dos limites de comportamento esperado para uma sociedade particular. Sua variabilidade entre os diferentes povos é essencialmente uma função da variabilidade dos padrões de comportamento que diferentes sociedades criaram para si próprios e nunca podem ser totalmente divorciada de uma consideração culturalmente institucionalizada tipos de comportamento”*. Várias etnografias contrastaram a experiência da deficiência em sociedades diversas. Cito algumas: Ablon, J. 1984. *Little people in America: the social dimension of dwarfism*. New York: Praeger. Do autor, também há: 1988. *Living with difference: families with dwarf children*. New York: Praeger, 1999. *Living with genetic disorder: the impact of neurofibromatosis 1*. Westport, Conn.: Auburn House e 2010. *Brittle bones, stout hearts and minds: adults with osteogenesis imperfecta*. Sudbury, Mass.: Jones and Bartlett Publishers. Acrescento: Barrett, R. J. 1998. *The ‘schizophrenic’ and the liminal persona in modern society*. *Culture, medicine and psychiatry* 22(4), 465–94; Berghs, M. 2016. *War and embodied memory: becoming disabled in Sierra Leone*. London: Routledge; Dshen, S. 1992. *Blind people: the private and public life of sightless Israelis*. Albany, N.Y.: SUNY Press; Friedner, M. 2015. *Valuing deaf worlds in urban India*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, Groce, N. E. 1985. *Everyone here spoke sign language: hereditary deafness on Martha’s Vineyard*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, Von Der Weid, Olívia. 2014. *Visual é só um dos suportes do sonho: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira*. Tese de doutorado; Aydos, Valéria, 2017, “Não é só cumprir as cotas”: uma etnografia sobre cidadania, políticas públicas e autismo no mercado de trabalho, Tese de Doutorado.

próprias famílias, abandonadas por completo pelo Estado, e não havia interesse em produzir tecnologias para acessibilidade ou inclusão dessas pessoas, a não ser em casos muito específicos de famílias abastadas.

Com o surgimento da biopolítica²⁸², surgiram mudanças significativas no século 19, que incluíram a industrialização e vários movimentos de reforma política e social, que também alteraram em parte a resposta à deficiência e às pessoas com deficiência: com patrocínio do Estado passam a surgir hospitais, asilos e escolas residenciais para cegos, surdos, e crianças com deficiência cognitiva no início dos anos 1800, por todo o Ocidente. Esses ambientes se proliferaram até o século XX²⁸³. Pela primeira vez, muitas pessoas com deficiência foram ativamente segregadas de suas comunidades e sociedade; alguns receberam educação e cuidados especiais, outros eram freqüentemente “armazenados” e esquecidos. Interessa aqui a regulamentação da deficiência, seu monitoramento e classificação. Estamos diante do modelo médico, e surgem as primeiras medicações e tecnologias, mas seu interesse é controlar e regular as pessoas com deficiência, preservando o meio social, não objetivando necessariamente uma “vida humana” para os que o modelo entende como “enfermo” e “incapaz”. A deficiência é extremamente patologizada e classificada.

Posteriormente, no final do século XIX, surge um interesse crescente em categorias científicas. Assim, as políticas de controle e pureza racial e a ascensão das teorias sobre as origens das raças humanas definiram um período que culminou na criação da tese eugênica, uma ideologia que encontrou capilaridade na medicina, na pesquisa e nas políticas públicas, levando a leis que estabeleceram, entre outras medidas, proibições de casamento e esterilizações forçadas daqueles julgados geneticamente "inferiores". Na Alemanha nazista, dezenas de milhares de pessoas com deficiência foram esterilizadas e submetidas à eutanásia. O processo iniciou-se com a denominada “Lei para a Prevenção de Proles Geneticamente

²⁸² *Se pudéssemos chamar de ‘bio-história’ as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.* Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 134

²⁸³ Com a vinda da família real, e com o advento posterior do Império, surgiram no Brasil as primeiras instituições para segregação. Criação de casas para “inválidos”, “surdos-mudos”, cegos, “leprosos”, “alienados ou lunáticos”. Em 17 de setembro de 1854, foi inaugurado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant. Cria-se o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, em 1856, hoje sede da FENEIS - Federação nacional de Educação e Integração dos Surdos. O Lazareto da Ilha Grande, no litoral do estado do Rio de Janeiro, foi construído em 1884 para “controle” da propagação de epidemias através dos portos brasileiros. Assim foram se espalhando lugares, fixados para manter os “não-normais”.

Doentes” (GzVeN) de 14 de julho de 1933. A lei permitia esterilização (com autorização médica e judicial) de pessoas que fossem afetadas por:

- Doenças mentais ou psicossociais graves (muitas pessoas indesejáveis e ativistas pró pessoas com deficiência ou pró-judeus foram internadas em instituições sob essa alcunha)
- Esquizofrenia
- Psicose maníaco-depressiva – hoje, transtorno bipolar
- Doença hereditária de epilepsia – hoje, epilepsia
- Veitstanz hereditário - doença de Huntington
- Cegueira hereditária
- Surdez hereditária
- Deformidade física hereditária grave²⁸⁴

Mais de 400 mil pessoas foram esterilizadas, e mais da metade das internadas em clínicas também sofreu eutanásia²⁸⁵. Em 1939, o Estado nazista iniciou uma segunda etapa, o Programa de Eutanásia Aktion T4, para esterilização e eutanásia nos países conquistados. Foram centenas de mortes todos os meses. Apenas na primavera de 1940, após a invasão nazista, o destacamento especial da SS chefiado por Herbert Lange assassinou quase 2.000 pacientes com deficiências mentais usando ”caminhões de gás” em Soldau (Leste da então Prússia, hoje Działdowo, uma cidade no nordeste da Polônia). Enquanto isso, as famílias dos pacientes recebiam, assim como acontecia desde 1933 em toda a Alemanha, uma carta afirmando que o paciente teria morrido de uma doença infecciosa qualquer. Estima-se que, ao todo, mais de 70 mil pessoas com deficiência tenham sido assassinadas no Programa Aktion T4.

Com o final da Segunda Guerra, muitas famílias entraram com ações contra a Alemanha, mas os processos terminaram com sentenças menores de prisão dos agentes

²⁸⁴ De acordo com leitura médica, pessoas com alcoolismo grave poderiam ser inseridas no programa.

²⁸⁵ BOCK, Gisela. “A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres” In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.) História das Mulheres no Ocidente. O século XX. Edições Afrontamento, Portugal, 1991.

responsáveis pelas eutanásias ou absolvições. Segundo os juízes, os infratores provavelmente não perceberam a ilegalidade de suas ações. Os tribunais muitas vezes não permitiam que os sobreviventes aparecessem como testemunhas. A maioria dos médicos envolvidos nunca foi chamada para prestar contas. O campo da psiquiatria e da genética na Alemanha só enfrentou seu passado em uma data muito tardia. As vítimas e seus parentes lutaram por muito tempo e sem sucesso para receber compensação. A Lei Federal de Compensação de 1953 não reconheceu seu sofrimento como resultado da “*típica injustiça nacional-socialista*”.²⁸⁶

Em 1988, o Bundestag (parlamento alemão) proibiu a esterilização compulsória realizada com base no GzVeN, reconhecendo que o projeto era a expressão do desumano conceito nacional-socialista de “vida indigna da vida”. Foi a primeira vez que a Alemanha assumiu oficialmente o respeito por essas vítimas e compaixão por suas famílias. Em 2007, reconheceu a situação como injustiça e crime do regime nazista, mas até hoje as vítimas com deficiência e suas famílias não foram indenizadas²⁸⁷.

Após a Segunda Guerra Mundial, ainda em choque com a revelação dos crimes nazistas, ativistas da deficiência, combatentes que voltavam das Guerras com seqüelas diversas e famílias que não desejavam ver seus queridos institucionalizados, bem como outros ativistas de direitos civis, desafiaram a segregação e discriminação baseada na deficiência. É o início do designado “*moderno movimento político por direitos das pessoas deficientes*” (DINIZ, 2007; MELLO, 2009; GAVERIO, 2015), que passou a disputar na arena analítica, política, social e histórica o sentido do termo “deficiência²⁸⁸” e a exigir garantias efetivas para que as pessoas com deficiência encontrassem direitos, por meio de toda uma agência de políticas públicas.

A presença de intelectuais/ativistas no grupo formador desse movimento permitiu o surgimento dos denominados *Disability Studies*, que construíram o “modelo social da

²⁸⁶ O texto afirmava: A Lei para a Prevenção de Proles Doentes de 14 de julho de 1933 não é uma lei Nacional Socialista típica, porque mesmo em países democraticamente governados - por exemplo. Suécia, Dinamarca, Finlândia e alguns estados dos EUA - existem leis semelhantes. A Lei afirmava que por existir leis eugênicas no mundo, as vítimas com deficiência do nazismo e suas famílias (que sofreram arbitrariedades distintas de outras nações) nunca poderiam ser indenizadas.

²⁸⁷ Alguns ativistas alemães costumam publicar a história de alguns sobreviventes nunca indenizados. A Alemanha esperou que as vítimas morressem sem indenização, é o que se pergunta. <http://www.3sat.de/page/?source=/kulturzeit/themen/145809/index.html>

²⁸⁸ Como afirmou Deleuze, “*Um tipo é, com efeito, uma realidade ao mesmo tempo biológica, psíquica, histórica, social e política*”. Cf. Deleuze. “*Nietzsche e a Filosofia*”. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.132

deficiência²⁸⁹”, visando entre outras coisas, despatologizar²⁹⁰ a experiência da deficiência, exigindo desinstitucionalização e reformas educacionais para superar a lacuna real e percebida entre cidadãos com e sem deficiência²⁹¹. Esse modelo desloca a deficiência para fora do corpo, discutindo-a como uma questão social, econômica, simbólica. Surgiram novas formas de inclusão, tais como o design universal, as tecnologias assistivas e a moderna noção de acessibilidade, que conjuga autonomia e segurança. O lema do movimento passa a proclamar “*Nada sobre nós sem nós.*”

O quadro a seguir demonstra um pouco a histórico-social formação dos modelos.

Tabela 4 – Modelos da Deficiência (histórico-sociais)



²⁸⁹ Começa a surgir um outro modelo, mais focado na diversidade e na ontologia. Ele está em gestação pelos intelectuais da deficiência, dos quais me considero parte.

²⁹⁰ O ativismo da deficiência aproxima-se do ativismo trans, tanto pela questão biopolítica como pela luta pela despatologização.

²⁹¹ Um exemplo desse despatologizar demonstra-se, mas não se resume a, na luta contínua para substituir categorias e nomenclaturas como “retardado”, “demente”, “idiota”, “cretino”, “alienado”, “estúpido”, “débil mental”, e “mongolóide” (outrora legítimas e oficiais) por “deficiente intelectual”. Obviamente, estar atento ao uso dessas categorias na narrativa social como uso ofensivo (outra forma de capacitismo) também é uma forma de ampliação da discussão. As categorias da deficiência intelectual antigas são muito usadas em sites neonazistas para justificar a eugenia, e muitas vezes são utilizadas associadas ao racismo contra negros e ciganos. No Brasil, são usadas contra nordestinos.

O movimento passa a expressar que a deficiência é uma experiência diversa: há muitos tipos, origens, e formas de manifestação da deficiência no mundo. Além disso, a ideia dos ativistas sempre questionou o modelo biomédico, principalmente no sentido de que a vida com deficiência não deveria ser interpretada pelo meio social como uma tragédia ininterrupta. Na grande maioria das vezes, é exatamente esse modelo, da deficiência como um fardo, que alimenta o estratagema capacitista, em especial o psicofóbico. Nunca esteve, nem nunca estará na pessoa com deficiência o principal obstáculo para sua inclusão social, mas sim no ambiente social, institucional e físico em que essas pessoas estão inseridas²⁹².

O grande obstáculo a uma vida com deficiência plena é a impossibilidade de vivenciar plenamente direitos civis, sociais e econômicos, como os permitidos às outras pessoas. A maior parte das pessoas com deficiência consiste nas mais pobres e vulneráveis do mundo, sem perspectivas de trabalho, sociais nem pessoais, submetidas a imensa violência institucional, social e simbólica. Muitas vezes, nas próprias relações de cuidado há situações extremas de violência, e pela dependência desse mesmo cuidado, não há possibilidade de buscar meios mais seguros.

D.2 E pessoa com deficiência, que pessoa?

Como dito, cada grupo social, em cada época, construiu sua própria resposta à deficiência e às pessoas com deficiência. Mas, o que é uma pessoa? Pessoaalidade sempre foi um termo analítico caro à teoria antropológica. Para Laura Appel-Warren, serve para *“indicar quem, dentro de qualquer cultura, é considerado um membro plenamente funcional e aceito da sociedade adulta, ou, no caso de crianças, que é considerado como estando no caminho de ser um membro plenamente funcional e aceito da sociedade adulta”*. A funcionalidade plena e a aceitação dentro do meio social se dariam, para a autora, pela *“obtenção de competência fisiológica, psicológica e social, tal como definida por uma determinada cultura. A obtenção de diferentes níveis de personalidade é marcada ao longo do ciclo de vida por rituais, ritos de passagem e outros marcadores culturalmente reconhecidos”*. (APPEL-WARREN, 1988 p.6)

²⁹² Essa pergunta já aparece no texto de Benedict: *Em que medida podemos considerar a incapacidade de funcionar socialmente como diagnóstico de anormalidade, ou em quanto é necessário considerar isso como uma função da cultura? [...] As ilustrações mais espetaculares da medida em que normalidade pode ser culturalmente definida são essas culturas onde uma anormalidade da nossa cultura é a pedra angular da sua estrutura social.*

A condição de pessoa, portanto, é construída no meio social, de acordo com o plano diverso de status ocupado por cada agente social e isso leva em consideração muitos aspectos, como ciclo de vida, papéis, responsabilidades e deveres diferentes, além de uma adequação específica às regras do grupo para concepção, nascimento, casamento, morte e ancestralidade. Em alguns grupos sociais, a relação com entidades ou espíritos não-humanos também fazem parte da construção da pessoa, e entidades ou espíritos não-humanos podem se configurar como pessoas. Em cada grupo, o lugar do corpo na noção de pessoa é também marcado com uma especificidade, e as marcas corporais que ratificam a personalidade também são diversas, em cada época e cada grupo social.

Marcel Mauss, em 1938, no artigo *“Uma Categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu”*, enfatizou como a noção de pessoa é fruto de um processo social e histórico, que é atravessado contínua e lentamente pelas “técnicas corporais” em um processo que, embora pareça natural e biológico ao olhar descuidado, consiste num aprendizado de padrões eficazes e determinados pelo grupo. Ao problematizar as percepções aparentemente naturais e evidentes de *self*, eu, pessoa, Mauss distinguiu como essa categoria é um artefato determinado em imensa e diversa história social, e como ela sustenta quais “técnicas” são transmitidas em cada grupo social, valorizando determinados aspectos para construir uma “individualidade”, uma noção de eu. De fato, Mauss delimitou como questão seminal do texto:

...vos oferecer, bruscamente, um catálogo das formas que a noção adquiriu em diversos pontos, e mostrar de que maneira ela acabou por ganhar corpo, matéria, forma, arestas, e isto até nossos tempos, quando ela finalmente tornou-se clara, nítida, em nossas civilizações (nas ocidentais, muito recentemente) e não ainda em todas (MAUSS, 2003[1938], p370)

No texto de Mauss, porém, ao mesmo tempo em que ele enumera, como afirma, exemplos para evidenciar a construção da noção de pessoa, tanto nos aspectos biossociais do corpo, como nos aspectos da mente, ele também constrói o relato da dualidade entre pessoa e coletividade, entre indivíduo e sociedade, e essa tensão pendular acabou por influenciar toda a discussão antropológica seguinte.

A filosofia que servia a essas noções teóricas era orientada por uma miríade de facetas oriundas de um projeto sustentado pelo culto da masculinidade e seus símbolos filosóficos (vida pública, razão, livre-arbítrio, ética, fatos empíricos, existência de Deus) nos séculos XVIII e XIX. Desse modo, a importância crescente do papel do indivíduo na

sociedade e da racionalidade assumiam um grande destaque. Tanto o iluminismo de Kant (que tratava as mulheres como sexo frágil, não passível de se esclarecer e individualizar), como a busca pelo exercício da vontade individual – uma propriedade emergente da mente – que se destacou na filosofia em geral, condicionavam o acontecimento da individualização. As filosofias de Thomas Hobbes (1588–1679) e Jean-Jacques Rousseau (1712–1778) acentuaram a significância do indivíduo, respectivamente, como uma “máquina” básica que construiu a sociedade-máquina ou como uma criatura naturalmente livre restringida pelas regras da sociedade. Posteriormente, no século XX, para o senso comum, os conceitos de “pessoa”, “eu”, “corpo” e “ser humano” tornaram-se quase isomórficos e o indivíduo - se tornou um construto indivisível e soberano.

No entanto, a maneira como a noção de pessoa passou a ser compreendida na antropologia vivenciou uma grande mudança a partir das interpretações etnográficas de sociedades hindus (refiro-me ao trabalho de McKim Marriott) e melanésias (remeto ao trabalho de Marilyn Strathern). Surgiram os conceitos de “dividuais relacionais”, de pessoa compósita, que não vivenciam a tensão pendular entre sociedade e indivíduo. No primoroso trabalho etnográfico de Strathern, a antropóloga britânica destacou como os povos da Papua Nova Guiné se constituíram como pessoas “dividuais” e “partíveis”.

As pessoas na Melanésia seriam concebidas dividualmente e individualmente; e tudo se passa como se elas contivessem uma socialidade generalizada dentro delas. As pessoas aqui seriam construídas como compostas das relações que as produzem. Em outras palavras, pessoas singulares podem ser imaginadas como um microcosmo social. (STRATHERN 1988: 40-41)

Ao contrário do que ocorre com os indivíduos ocidentais – tanto no sentido da estrutura da pessoa como também em termos das motivações, preocupações cotidianas e formas de agência que sustentam sua interação pessoal –, Strathern argumentou que, na Melanésia, as pessoas são compostas também por relações entre outros (por exemplo, ambos os pais) e pelas relações em curso em que cada pessoa se envolve. As pessoas seriam, nessa forma, de autoria múltipla. Strathern também destacou que sua narrativa sempre “*operou através de várias relações ou oposições*”, como grandes eixos de discussão: “nós/eles”, “dádiva/mercadoria”, “indivíduo/sociedade”, e sob o ponto de vista de uma antropologia feminista (STRATHERN, 1988: 33), fundamental para a perspectiva interpretativa abordada.

Enquanto a *individualidade* se define pelo ser uno, pelo atributo de não poder ser dividido, na ideia de um, representando a qualidade do que apresenta similitude,

concordância, homogeneidade, igualdade, uniformidade, não-diferenciação e repetição, a *modalidade* fala do espectro, não da partícula, mas da onda, da pluralidade, do feixe, da diferença, da diferenciação e da multiplicidade. A noção de pessoa individual é o ponto. Consolida-se na unicidade em si. A pessoa espectral é grafo. Representa-se pelas relações. Conectividade e relações são o fundamento de sua constituição, de sua percepção de si, do outro, do mundo. Pessoas-grafo têm múltiplos registros de si, não uma “identidade fixa”, como os que se pretendem “arianos” e se estendem nas relações com o outro.

No Ocidente, pessoas espectrais são o que estão mais próximas das pessoas compostas da Papua nova Guiné. As pessoas com deficiência são o melhor exemplo de pessoas-grafo, pois desde muito cedo apreendem a continuar sua pessoa, seu corpo, sua existência, não apenas em outras pessoas e relações, mas também em tecnologias, substâncias, espaços, dispositivos. Um cadeirante continua em sua cadeira de rodas, ele e ela são um espectro e não uma partícula, o cego continua no cão-guia, a criança com doença rara continua no cuidador, no fisioterapeuta, no remédio que necessita para sobreviver, no aparelho que permite que o oxigênio chegue às suas células, fazendo dela não apenas um ciborgue, mas também um grafo, outro registro da experiência humana. Surdos continuam em seus implantes, nos gestos das linguagens de sinais, uma performance de comunicação e socialização²⁹³, autistas continuam nos símbolos com que se comunicam por meio de aparelhos, cegos continuam em frases em Braille espalhadas pela cidade, nos pisos táteis. Essas marcas que demarcam a acessibilidade de projetos, sejam urbanísticos, de software ou de espaços de convivência social (escolas, ambientes de trabalho, universidades, hospitais, entre outros), estendem a presença dessas pessoas mesmo em suas ausências, lembrando-nos de sua existência. Essas marcas são os vértices que os registram, grafam, inscrevem. O registro de fotos pelo fotógrafo cego²⁹⁴ durante os Jogos paralímpicos grafou sua existência, trabalho, capacidade e sensibilidade em todos os sites que divulgaram suas fotos.

Andrew J. Strathern e Pamela J. Stewart, no artigo *Embodiment and Personhood*, registraram que uma antropologia da experiência precisaria de uma análise que fosse capaz de sintetizar três arenas: o corpo, a personificação (incorporação) e a pessoalidade (*the body, embodiment, and personhood*). Para dar conta disso, os autores argumentam seria preciso se desvencilhar de armadilhas dicotômicas que tendem a sistematizar hiatos, distâncias,

²⁹³ Entendo a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) como processo lingüístico e socializador.

²⁹⁴ Refiro-me ao fotógrafo cego João Maia, que fotografou as paralimpíadas no Brasil.

separações e oposições entre corpo/mente e a experiência que incorpora via social, e, por fim, contextualizando as ressonâncias dessas experiências nas pessoas particulares. (STRATHERN E STEWART, 2011 p. 385). As pessoas com deficiência, enquanto grafos, estendem o corpo, a personificação e a personalidade como um espectro que abarca o social, o tecnológico, a comunicação, o outro.

D.3 E o que pensam os neonazistas da pessoa com deficiência?

Neste exato ponto, suspendo essa discussão teórica sobre a noção de pessoa para voltar à minha etnografia e descrever uma das páginas que falam da importância da eugenia para a raça branca. No texto que apresento do site do Movimento Criatividade, uma noção de pessoa está implícita, assim como em muitas falas de outros grupos neonazistas consideradas nesta tese e nas concepções expressas por David Lane para os papéis sociais de homem, mulher e da relação entre eles. Mas, o texto que apresento agora é explícito na psicofobia²⁹⁵, no capacitismo específico voltado a pessoas com deficiência intelectual ou psicossocial:

<etno 33> Em outras palavras, uma mulher branca deve literalmente suportar nove meses alimentando um feto que não sobreviverá pela lei da natureza? Isso não contribui absolutamente em nada para a nossa raça, e gera para a sociedade encargos afetando as saudáveis e produtivas crianças brancas e não mostra nada, mas revela o desrespeito para com as mulheres brancas. Como a Síndrome de Down é o caso mais citado tanto por cristãos, como por ativistas da deficiência, eu sinto que é importante esclarecer sua retórica em torno da questão.

Ambos os grupos lamentam que os bebês com síndrome de Down são mais "amorosos". Qualquer um poderia ter filhos com Down, e, portanto, são valiosos para nós, eles falam. Bem, eu espero que todos tenham o suficiente bom senso para ver através desta lamentação, pois crianças com síndrome de Down tem um QI menor que 60, então obviamente eles não sabem nada mais do que ser "amorosos". Muitas vezes, os cães²⁹⁶ amam seus donos incondicionalmente, não importa como algumas pessoas abusem deles, porque eles não sabem distinguir nada. Desta forma, as pessoas estão a promover o nascimento de crianças com síndrome de Down para que possam ter um animal de estimação a amá-los incondicionalmente, o que, em minha opinião, é inaceitável. Temos de esperar mais de membros da raça branca do que meramente a capacidade de demonstrar amor e afeto. </etno CM>

A página em questão, também reproduzida dentro de um dos vários sites da Creativity Alliance, é ilustrada por artes digitais com várias mulheres grávidas. Em outras páginas, muitas famílias brancas de mães com crianças brancas ilustram o mundo esperado e desejado pelo movimento. Mas, na medida em que o movimento sai da esfera da propaganda

²⁹⁵ Termo em português que traduziu mentalism e sanism, os preconceitos contra deficiência mental e intelectual, na elaboração do PLS 236/2012 que torna a Psicofobia (atitudes preconceituosas e discriminatórias contra os deficientes e os portadores transtornos mentais.) um crime. Na verdade o PL em questão apenas regula a CDPD para a questão específica desse tipo de deficiência.

²⁹⁶ Tenho certeza que cães demonstram amor e desejam ser amados. Minha experiência com animais é excelente. Não desejo maus-tratos nem à pessoas com deficiência, nem a cachorros, ou a outros animais. No texto, trato do capacitismo. Sobre a humanidade dos cães e animais de estimação, ver Segata (2012)

de etapa nível 3 (para o homem médio) e aprofunda o discurso, radicalizando-se, a violência negada e o ódio contestado em suas apresentações para a comunidade em geral vão assumindo a feição da verdadeira agenda do grupo: a guerra racial. O termo RaHoWa, sigla que significa Guerra Sagrada Racial (*Racial Holy War*), revela a expressão verdadeiramente bélica do grupo, que possui outro lema: “o Planeta Terra é nosso”, o qual evidencia que todo o planeta pertence, no sentido de “deve ser controlado por”, aos arianos. Os “criadores²⁹⁷”, como se denominam os membros do movimento, acham-se participantes da “produção” da natureza e responsáveis por ela.

Como escreveu Kathleen M. Blee, autora de *Understanding Racist Activism: Theory, Methods, and Research*, há cinco elementos que se destacam no ambiente de ativismo da Criatividade, que expressam muito do desenvolvimento dos grupos neonazistas nos EUA:

- a) as mulheres são importantes na supremacia branca, mesmo quando não são líderes oficiais.
- b) O gênero é importante em grupos de supremacia branca, uma vez que promove agendas raciais como forma de preservar os privilégios da masculinidade branca.
- c) O racismo organizado muda com o tempo, mesmo quando suas crenças centrais permanecem estáveis.
- d) Os significados importam, uma vez que a supremacia branca funciona fazendo com que as questões raciais pareçam altamente salientes e importantes.
- e) Estudar dentro do racismo organizado é importante, pois revela informações que contrastam sua fachada pública.

As mulheres são de fato muito importantes no discurso, pois são um “locus” que garante a preservação da raça. As mulheres são bem menos pessoas e muito mais lugares, garantia de preservação da espécie, e uma forma, uma mercadoria que garante a preservação, para os nazistas, dos privilégios da masculinidade “ariana”. A faceta pública da comunidade neonazista emite um discurso que pretende chegar aos “brancos médios de todo mundo”, isto é, um discurso de medo e terrorismo, de brancos pacíficos, impotentes, “pessoas de bem vivendo em suas famílias adoráveis”, vivenciando um genocídio, mas seu discurso interno contrasta com a fachada pública. A fachada privada argumenta sobre a necessidade de eliminação de todos os “outros”, de construção de grupos paramilitares, inclusive em setores “religiosos”, de uma guerra racial que extermine as outras raças e grupos “inimigos” e esterelize os incapazes num grande projeto de eugenia.

²⁹⁷ Utilizo “criadores” quando me refiro aos dois grupos The Creativity Alliance e The Creativity Movement ambos, porque eles mesmo se referem a si dessa forma e por sua origem comum, a Igreja do Criador.

Na medida em que o movimento da Criatividade se expandiu por todo o mundo, ora formou um novo braço da Klan, ora uma nova Klan, não ligada à Identidade Cristã, e afirma ter mais de dez milhões de membros em todo o mundo. Para seus adeptos, há apenas uma natureza e uma só cultura, e eles, “os criadores”, participantes da Creative Alliance ou do Creative Movement, co-criadores da vida, resumem suas crenças em quatro ditos fundamentais:

<etno 34>(a) Estamos envolvidos em uma guerra racial pela sobrevivência neste Planeta Terra,

(b) Todas as raças escuras são nossos inimigos nessa luta pela sobrevivência.

(c) Os judeus estão liderando e orquestrando esta guerra contra nós;

(d) As igrejas cristãs são a mais ardente aliada e arma mais potente. </etno CM>

Embora, portanto, o discurso num primeiro momento possa parecer pacífico, mostrando-se por meio de mulheres grávidas ou com filhos, a ideia central do movimento é de uma radicalidade extrema:

<etno 35> “Nós nos preparamos para a guerra total contra os judeus e o resto das raças obscuras do mundo - politicamente, militarmente, financeiramente, moralmente e religiosamente. De fato, nós o consideramos com o coração e nosso credo religioso é o mais sagrado credo de todos. Nós consideramos isso como uma guerra santa até o fim - uma guerra santa racial. Rahowa é inevitável. É a solução final e única. Agora são eles ou nós. Queremos ter certeza de que somos nós que sobrevivemos. </etno CM>

A respeito do tema da eugenia, o movimento assume que ela é central no projeto neonazista e que visa destruir o “programa judeu de mistura racial”: que teria trazido a raça ariana para a lama e para o lixo genético:

<etno 36> Sobre a eugenia, Se houver uma palavra que possa ser considerada a chave para o nosso movimento, essa palavra é a eugenia. Nós criadores não só acreditamos em uma mente sadia em um corpo saudável, mas acreditamos em uma raça vigorosa e saudável, sempre melhorando, avançando continuamente para níveis cada vez maiores ou excelência. Contrariamente ao programa judaico. Por que então a eugenia é uma palavra esquecida? Porque a própria ideia que abraça é contrária ao maldito programa judeu de mistura de raças, de aproximar a Raça Branca ao esquecimento. Os judeus querem apagar a ideia e a própria palavra para que ela nem sequer discuta.. </etno CM>

Figura 35 – A Igreja do Criador

CREATIVITY MOVEMENT CREATIVITY ALLIANCE

FIGURAS USUAIS



**RAHOWA!
THIS PLANET IS OURS!**



ΡΑΗΟΩΑ! ΤΗΣ ΠΛΑΝΗΤΗΣ ΟΥΡΣ!





**Criatividade é o credo total e programa para a
proteção, salvação e avanço das maiores
espécies que já viveram na Terra.**

— Ben Klassen —

Todas as imagens e textos são de sites do movimento.

Figura 36 – Origens da Igreja do Criador

ORIGENS

Ben Klassen (abaixo) fundou a Creativity com a publicação de "Nature's Eternal Religion", em 1973.

Ele também escreveu a "Bíblia do Homem Branco" e "Uma Revolução de Valores Através da Religião", entre outros. Admirador de Lane e defensor da Eugenia, afirma ter mais de dez milhões de seguidores no mundo.

"IT IS THE AVOWED DUTY AND HOLY RESPONSIBILITY OF EACH GENERATION TO ASSURE AND SECURE FOR ALL TIME THE EXISTENCE OF THE WHITE RACE UPON THE FACE OF THIS PLANET."

THE FIRST COMMANDMENT OF THE CREATIVITY RELIGION



creativity movement




14 WORDS

WE MUST SECURE THE EXISTENCE OF OUR PEOPLE AND A FUTURE FOR WHITE CHILDREN. BECAUSE THE BEAUTY OF THE WHITE Aryan WOMEN MUST NOT PERISH FROM THE EARTH.

"THE GUIDING PRINCIPLE OF ALL YOUR ACTIONS SHALL BE: WHAT IS BEST FOR THE WHITE RACE."

THE 4TH COMMANDMENT OF THE CREATIVITY RELIGION

Todas as imagens e textos são de sites do movimento.

Figura 37 - RaHoWa

RAHOWA

Adolf Hitler está acima de qualquer outro homem como o maior líder que a raça branca já produziu, e como o maior homem branco que já existiu.

No estudo de todo o movimento histórico da Raça Branca lutando para libertar-se do calcanhar da tirania judaica, o nome de Adolf Hitler brilha como o meteoro mais brilhante a piscar nos céus desde o começo da história.

Todas as imagens e textos são de sites do movimento.

Figura 38 - Guerra racial e eugenia

GUERRA RACIAL E EUGENIA

FIGURAS USUAIS









O que queremos dizer com eugenia? Basicamente, isso significa saúde racial. Todas as espécies da natureza praticam isso instintivamente. (a) há um abate contínuo fora do desajustados, a fim de melhorar a qualidade genética do rebanho ou rebanho (sobrevivência do mais apto), e, (b) eles não cruzam com outra espécie semelhante, não importa quão estreitamente relacionado que as espécies possam ser.

Todas as imagens e textos são de sites do movimento.

Assim, o programa da Criatividade define alguns passos para seu programa de eugenia, sendo que o primeiro dele seria eliminar os indesejáveis:

<etno 37> 1. Branco e Limpo de todos os vestígios de qualquer das corridas de lama. Em primeiro lugar, removeremos fisicamente as raças de lama alienígenas do nosso meio. Isso inclui negros, judeus, chineses ou o que quer que seja de todos os países brancos, sejam eles Inglaterra, França. Suécia, Alemanha ou os Estados Unidos. Eles devem ser expulsos exatamente como o corpo humano identifica e expulsa germes, bactérias, vírus e corpos estranhos de suas próprias células.

O segundo passo é que casais arianos saudáveis tenham mais filhos, a fim de obter arianos mais saudáveis e inteligentes:

2. Cada vez mais inteligente. Considerando que a média de Q.I. da White Race é agora de aproximadamente 100, poderíamos facilmente, em alguns centenas de anos, aumentar essa média para 150 e gênios proeminentes de alcançar até 250 e além. Devemos encorajar o espécime mais desejável de nossa própria raça a ter mais filhos. Aqueles casais que são saudáveis, inteligentes e dotados dos atributos mais desejáveis devem ser encorajados a ter famílias maiores do que a média.

A seguir, os arianos menos preparados devem ser encorajados a ter menos filhos.

3. Queremos dizer mentalmente saudáveis, desprovidos de neuroses e outras doenças da mente. Inteligência e saúde mental não são sinônimas, já que muitas pessoas altamente inteligentes sofrem de doenças mentais. Induzir os menos desejáveis da Raça Branca para ter famílias menores.

Posteriormente, o programa afirma que esterilizará as pessoas com deficiência e doenças genéticas e as exterminará:

4. Corpos fisicamente saudáveis. Queremos criar futuras gerações de crianças felizes e saudáveis, fortes, atléticas e desprovidas de muitos defeitos que se aproximam do nosso corpo racial como um todo. Queremos eliminar os genes defeituosos que são as sementes da miséria presente e futura para os pais e a raça como um todo. Esterilização dos incapazes, idiotas e doenças genéticas. Não há maior tristeza ou carga, os pais (e a sociedade) podem sofrer do que ter um idiota nascido, ou um filho defeituoso nascido, e a triste perspectiva de alimentá-lo através de sua vida miserável nos próximos 60 anos ou mais. [...] Isso é parte de nossa religião.

Finalmente, isso tudo resultará, segundo eles, em uma sociedade esteticamente mais “fina”:

5. Nós também queremos que eles se tornem esteticamente mais finos à medida que cada geração avança - os homens são mais bonitos e viris, as mulheres mais bonitas e femininas. </etno CM>

Como estabelecemos o que é humano? Vivemos numa sociedade normótica. A grande maioria dos ditos “homens médios”, senhores dos direitos, parece desejar desesperadamente pertencer a uma normalidade, a uma padronizante gramática classificatória de vestimenta, comportamento, estado de saúde, orientação sexual. Nessa lógica normativa, o homem “médio de Quetelet²⁹⁸” é branco, hétero, de classe média, produtivo, sem comprometimento físico. São os atributos que a sociedade industrial exigiu para produzir seus futuros líderes, durante os séculos XVIII e XIX. A isso eu acrescentaria “sem deficiência”.

D.4 O medo da deficiência

O nazismo e o neonazismo criam e recriam seus “outros”: o negro, o judeu, o débil, a mulher, o “pervertido” (o gay, a lésbica), o aleijado, o louco. Todos improdutivos, inferiores, fora da norma. Cada um deles, menos humano. Racismo, machismo, homofobia, capacitismo, narrativas sociais que imputam menos humanidade a cada outro. Menos humanidade, menos capacidade, menos direitos. Defendo que racismo, machismo, homofobia são formas de capacitismo, de narrar social e historicamente o outro não apenas como inferior, mas como menos/não humano.

No limite, o discurso neonazi acerca da deficiência visa determinar quem pode ou não participar da espécie humana. A República Noroeste Americana, Projeto do ativista Harold Convigton, determina o aborto de “crianças deformadas ou mentalmente retardadas” em seus princípios, e segundo sua “Constituição”, qualquer “doença mental” é suficiente para caçar a cidadania de uma pessoa branca.

O medo dos neonazistas, que a “Constituição República Noroeste Americana” traduz (recordo que essa República é um desejo da comunidade desde os anos 80, expresso claramente pelas Nações Arianas, pela Ordem, pela National Alliance) e eles afirmam em fóruns, é que os retardados, os débeis mentais e os mongolóides revelem um passado “negróide”. Além disso, em seus *flyers*, muitas vezes “o negro” é construído a partir desse elemento *“sem capacidade cognitiva e por isso com instintos e violência*

²⁹⁸ O estatístico francês Adolphe Quetelet (1796-1847), foi um dos quem mais contribuiu para uma noção generalizada de normal como um imperativo. Ele notou que a “lei gaussiana do erro”, utilizada pelos astrônomos para localizar uma estrela traçando todos os avistamentos e, em seguida, calculando a média dos erros, poderia ser igualmente aplicada à distribuição de características humanas como altura e peso. Isso serviu para a formulação do conceito de “homem médio” ou homem médio de Quetelet.

superdesenvolvidos”, como é dito num dos fóruns do grupo CREW38. A presença de doença de Huntington, doenças genéticas ou más formações congênitas, ainda que de manifestação tardia, indicariam sangue judeu. Doenças genéticas e deformação moral vêm dos judeus, segundo afirmam os neonazistas. Sites neonazis partilham em grande quantidade material científico sobre a presença de determinadas doenças genéticas e sua epidemiologia na população judaica, quase na mesma intensidade com que os culpam pelos males sociais do mundo.

Por outro lado, como indicou Cornelia Essner em *Demanda da Raça: Uma Antropologia do Nazismo*, ao aceitar a teoria do biólogo alemão August Weismann sobre a transmissão hereditária, os intelectuais do partido assumiram a ideia de que haveria um “plasma germinativo” que pode causar sinais de “degenerescência” observáveis nas sociedades humanas civilizadas. O biólogo é muito citado nos fóruns de eugenia dos sites dos grupos etnografados. Ainda de acordo com Essner, um dos discípulos de Weismann, Ploetz, cria dois novos conceitos: “raça vital” (conjunto de indivíduos que conservam e engendram a vida) e “comunidade de reprodução” (característica de um povo em que cada pessoa participa pela herança específica), desenvolvendo a ideia de que “*os caracteres raciais são caracteres genéticos*” e o “*processo para contrariar a transmissão de caracteres debilitadores da comunidade de reprodução*”, enfraquecendo o “*patrimônio genético*”, poderia ser alterado. Precisar-se-ia, para tanto, promover a “*esterilização dos portadores desses genes debilitadores*”.

Assim, além de um caráter higienista, a eugenia assume uma nova face: a capacidade regeneradora da raça. A questão seminal dessas teorias se fundava, no entanto, na concepção de que o “plasma germinativo” de Weismann se associava à ideia de que bastaria uma única fecundação da fêmea por um macho para que toda a descendência posterior apresentasse semelhanças com o primeiro progenitor²⁹⁹. Portanto, subordinava a genética da fêmea à do macho. Ao reproduzir esses discursos do nazismo, o neonazismo não repete apenas especificidades do racismo, do anti-semitismo ou do culto à masculinidade, origem do machismo. O neonazismo projeta claramente o elemento debilitador genético, a deficiência, o corpo menor, ao negro, ao judeu, à mulher, e também ao idoso, ao incapaz, ao indesejado. A narrativa social construída pelos neonazistas revela a origem de todas as segregações e

²⁹⁹ ESSNER, Cornélia. *A Demanda da Raça. Uma Antropologia do Nazismo* Instituto Piaget, pp. 119 e. 121-122.

preconceitos: o *ableism*, que traduzimos em português como capacitismo. Ao considerar um elemento humano débil, opera entre os meus informantes a força segregacionista nascida e fortalecida pelas narrativas que eles insistem em contar e contar mais, e mais de uma vez precisou achar explicações para essa debilidade. Paranóicos e racistas, eles criaram inimigos: o judeu, o negro, o diferente, o outro conveniente. Religiosos, apontaram uma culpada: a mulher. Nacionalistas, apontaram de onde veio: do estrangeiro. O imenso medo da incompletude, da minoria, da perda da individualidade que eles crêem possuir sobre todas as coisas, o ódio insano aponta sua incapacidade de se estender no outro, de abrir mão do rosto.

E. Considerações Finais...

Por que é que os homens combatem pela sua servidão como se tratasse da sua salvação? - como é possível que se chegue a gritar: mais impostos! Menos pão! Como diz Reich, o que surpreende não é que uns roubem e outros façam greve; mas que os explorados e os esfomeados não estejam permanentemente em greve; porque é que há homens que suportam há tanto tempo a exploração, a humilhação, a escravatura, e que chegam ao ponto de querê-las não só para os outros, mas também para si próprios? Nunca Reich mostrou ser um tão grande pensador como quando se recusa a invocar o desconhecimento ou a ilusão das massas ao explicar o fascismo, e exige uma explicação pelo desejo, em termos de desejo: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário.

Deleuze e Guatarri

Deleuze escreve que o “*rosto Homem branco*” (p. 43) pensa/crê apenas a existência de pessoas que deveriam ser como ele. O nosso crime (o “nosso” de judeus, negros, mestiços, ciganos, pessoas com deficiência, os de fora) é não sermos um “*rosto Homem branco*”. Os rostos, afirma ele, “*não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes.*” (p.32) Assim opera a espécie de procedimento que percebi acontecer em todos os fóruns neonazistas: as pessoas vão se tornando aquilo que aquela zona de frequência permite, absolutamente neutralizadas em qualquer manifestação adversa. Os que duvidam vão sendo excluídos, pelo silêncio, pelas não-respostas, pela fala repetida e distorcida, pela humilhação pública no fórum. No fórum, o rosto é a “foto do perfil”, normalmente um símbolo nazista, um oficial nazista da segunda grande guerra, ou outro símbolo neonazi. No muro branco do fórum, rostos vão surgindo. Como Deleuze afirma, “*o rosto é um conto de terror*”, e imagens de terror vão surgindo. Aterrorizando os de fora, a fim de se manter banco, neonazi e sem expressões não conformes, “*tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante*”, enquanto “*os rostos se distribuem em todo o sistema, os traços de rostidade se organizam*” (p.34).

“*O rosto só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo*”, e a máquina abstrata de rostidade começa a transformar todo o homem em rosto, mas sem nenhuma humanidade. “*Nenhum antropomorfismo. A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razões.*” (p. 35). “*O rosto não é animal, mas tampouco é humano em geral, há mesmo algo de absolutamente inumano no rosto*”. E me salta a alma quando leio

Deleuze descrever “*Rosto-bunker. A tal ponto que, se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino, não por um retorno à animalidade, nem mesmo pelos retornos à cabeça, mas por devires-animais muito espirituais e muito especiais*”. (p. 36) Olho os neonazis juntando-se em fóruns cada vez mais com grupos e movimentos, associando-se numa grande “pan-neonazidade”, e tremo. O tempo que os grupos se matavam parece cada vez mais distante. Há disputas e querelas, mas eles anseiam por unir-se e isso me apavora. Durante a eleição Donald Trump, muitos ralis (agrupamentos de vários grupos nazis de ideias diversas) se realizaram. Ron McVan, co-autor de Lane em alguns livros, defende uma “*uma Federação Pan-Árabe Mundial de tribos euro-étnicas*”, aproximando movimentos extremistas neonazistas e extremistas árabes. Ele quer o horror. Ele saúda os ataques na França como um início desse processo. Eu tive alertas e alertas sobre isso de informantes³⁰⁰.

“*O rosto não age aqui como individual, é a individuação que resulta da necessidade de que haja rosto. O que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar, e em quais casos. Não é questão de ideologia, mas de economia e de organização de poder. Não dizemos certamente que o rosto, a potência do rosto, engendra o poder e o explica.*” (p. 42) Grupos da Criatividade gritam “A terra é apenas nossa”. O desejo pelo “espaço vital branco” virou o desejo pela Terra inteira. O rosto quer organizar o poder, hierarquizar, ao extremo. Quem é pessoa, quem não é. O rosto explica o poder, exaustivamente, em fóruns que copiam as palavras de outros fóruns. O rosto obriga individualidades, odeia a solidariedade e a partilha.

O rosto é a Inquisição, é a fogueira queimando bruxas, é a morte decretada dos indesejáveis pela lei de pureza racial. O rosto é o totalitarismo que escolhe que rostos devem continuar a fabricar rostos. Sem fim. “*Determinadas formações sociais têm necessidade de rosto, e também de paisagem. É toda uma história. Produziu-se, em datas bastante diversas, um desmoronamento generalizado de todas as semióticas primitivas, polívocas, heterogêneas, jogando com substâncias e formas de expressão bastante diversas, em proveito de uma*

³⁰⁰ Não sei o quanto o movimento neonazista crescerá de fato a ponto de “destruir o mundo”, como interrogada por um membro da Banca. Não tenho dados dos movimentos que se opõe a ele, pois minha etnografia se detém no movimento neonazista, não na disputa política de narrativas de movimentos. Não sei o que a Ordem teria feito se não fosse interrompida. Sei apenas o que pesquisei, e é esse o meu relato, o mais direto e fiel possível. Não me orientei para a questão do “pânico moral”, pois não tenho elementos para prever um cenário de confrontação entre esse movimento e outras questões, como antropoceno, ecologia, colapsos políticos. Dediquei-me apenas a descrever o movimento que etnografei, esse é o limite da minha etnografia.

semiótica de significância e de subjetivação. (p.48)

O rosto odeia diversidade, “*o rosto possui um correlato de uma grande importância, a paisagem, que não é somente um meio mas um mundo desterritorializado*”. (p. 38) O rosto do neonazista é um quadro de Hitler na paisagem dos Alpes ouvindo Wagner enquanto crianças são queimadas em câmaras de gás.

“*Os casos de possessão expressam uma relação direta das Vozes com o corpo, não com o rosto. As organizações de poder do xamã, do guerreiro, do caçador, frágeis e precárias, são ainda mais espirituais porque passam pela corporeidade, pela animalidade, pela vegetabilidade. Os "primitivos" podem ter as cabeças mais humanas, as mais belas e mais espirituais; eles não têm rosto e não precisam dele.*” (p. 43) Os neonazistas querem dominar os vegetais, os animais, como “criadores”, não querem partilhar a existência da vida. Não têm devires de vida, apenas reminiscências de mortos.

“*Os rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam: a gramática comum nunca é separável de uma educação dos rostos. O rosto é um verdadeiro porta-voz.*” (p. 47) Os rostos dos murais neonazistas educam os outros rostos na gramática da eliminação, na gramática da negação do holocausto, na gramática da morte, na gramática da exterminação do diferente. “*O rosto é a paisagem da nação*”. O rosto é alemão, ainda que mal fale inglês. O rosto é produzido no social. Diz Deleuze que “*o rosto é uma política*”.

“*A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razões. É uma operação muito mais inconsciente e maquínica que faz passar todo o corpo pela superfície esburacada, e onde o rosto não tem o papel de modelo ou de imagem, mas o de sobrecodificação para todas as partes descodificadas*”(p. 35) Os muitos sobrecódigos se sobrepõem, a ponto de o rosto sobrecodificado demonstrar algo misterioso, profético piramidal, mas é apenas código sobre código. Basta hackear o código?

Deleuze apontou, para o rosto, “*tudo permanece sexual, nenhuma sublimação, mas novas coordenadas*” (p. 35), e eu lembro da mulher lida por Lane como um útero reprodutor num ambiente de mulheres violentadas e seqüestradas para homens polígamos. Na coordenada do mundo branco do rosto do Homem branco. Cada um, cada mito, cada significante deve ser “*indexados nos traços de rostidade específicos*”.

Deleuze também registrou que “*em contrapartida, determinados agenciamentos*

de poder têm necessidade de produção de rosto, outros não. Se consideramos as sociedades primitivas, poucas coisas passam pelo rosto: sua semiótica é não-significante, não-subjetiva, essencialmente coletiva, polívoca e corporal, apresentando formas e substâncias de expressão bastante diversas”. (p.48)

Quando dizem que as pessoas com deficiência não têm rostos no mundo, eu acho maravilhoso. Que tenham corpos no mundo. Devires. Devires LIBRAS, vozes que se vêem. Devires Braille, língua que se toca. Devires autistas, línguas que desenham neurodiversidades. Devires diversidades. Devires corpos em diversão, diversos, livres. Devires estendidos, em pisos táteis, cadeiras, bengalas, tecnologias, devires ciborgues, devires animais, devires cães-guias, devires pessoas que se cuidam, se estendem uma na outra como devires cuidado. Devir cuidado. Com Gaia, com o Outro.

A eles, o que posso dizer depois desses quinze anos?

Perde o rosto. Torna-te capaz de amar sem recordação, sem fantasma e sem interpretação, sem recapitular. Que haja apenas fluxos, que ora enfraquecem, se congelam ou transbordam, ora se conjugam; um homem e uma mulher são fluxos. Todos os devires que há em fazer amor, todos os sexos, os n sexos, num só ou em dois, e que não têm nada a ver com a castração. Sobre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação-vida (...) “Eu, eis como sou”, tudo isso acabou. Já não há fantasma, mas apenas programas de vida que se modificam à medida que se fazem, traídos à medida que se aprofundam, como margens que se desdobram em canais que se distribuem para que corra um fluxo³⁰¹ (...) (DELEUZE, PARNET, 2004, p. 63).

³⁰¹ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004

F. Algumas Imagens

Revista WAR

7

OFF
Offices

ANY QUANTITY **SPECIAL ISSUE** FIVE CENTS EACH

WHITE WORKER

History has shown us that a civilization can be completely destroyed in but one manner. Military conquest? No. Foreign invasion? Hardly. Collapse of internal government? Gonna again. Granted, these catastrophes may destroy a state, administration or even an entire nation but still civilization continues. A typical example of this is the eastern European countries currently imprisoned under tyrannical Communism today. When the Russians entered Poland, Czechoslovakia and Hungary, their tanks crushing everything in their path, the governments of each country collapsed along with civil and individual freedoms. Thus, the lives of eastern Europeans were vastly changed as far as their political rights and ways of life were concerned.

But the things that did not change, those sociological elements that always remain the same, were their language, their creative arts (not taking into consideration flood censorship), their culture, their spiritual values and their social conduct. These things are immune to administrative change, no matter how drastic. Whether enslaved or free, the general appearance, IQ and basal metabolism remain unchanged in the eastern European or, for that matter, in the Englishman or American.

What then is the one factor which can destroy a civilization where no other factor can? Race!

When a group of people are destroyed genetically, they are destroyed forever, just as surely as if they had been violently murdered. In fact, it might be argued that genocide by violence is preferable to all concerned - the victim as well as the destroyer - since it is at least a clean form of execution, giving the dignity of finality, whereas genocide via race-mixing, which does indeed destroy the original race, leaves behind a vile, beasty, mongrel race which is not only a living disgrace to the former pure race, but also, tends to act as a parasite upon the next highest racial species.

The United States shall absorb Mexico and crumble to pieces.
—ALEXANDER VON HUMBOLDT, 1769-1859

BEWARE!

WE WANT YOUR JOBS - WE WANT YOUR HOMES - WE WANT YOUR COUNTRY

WAKE UP!

Mexican Hate White People

Although the White people of the Southwestern United States, in their overemotional acts of misplaced compassion, have habitually tried to help and befriend the Mexicans, giving them homes, clothing, food, jobs and a much higher standard of living than they could ever have obtained for themselves, the Mexicans make no attempt whatsoever to hide their incredible hatred of White people. A radical pro-Communist Mexican group in Texas is openly working toward these three goals: (1) Replace the English language in the schoolroom with Spanish, (2) Kill off all the White people, (3) Make certain parts of Texas and other southwestern states an extension of Mexico. Statistics show that while Mexicans make up approximately 5 percent of the total American population, they commit, along with Negroes and Puerto Ricans - about 87 percent of all violent crime.

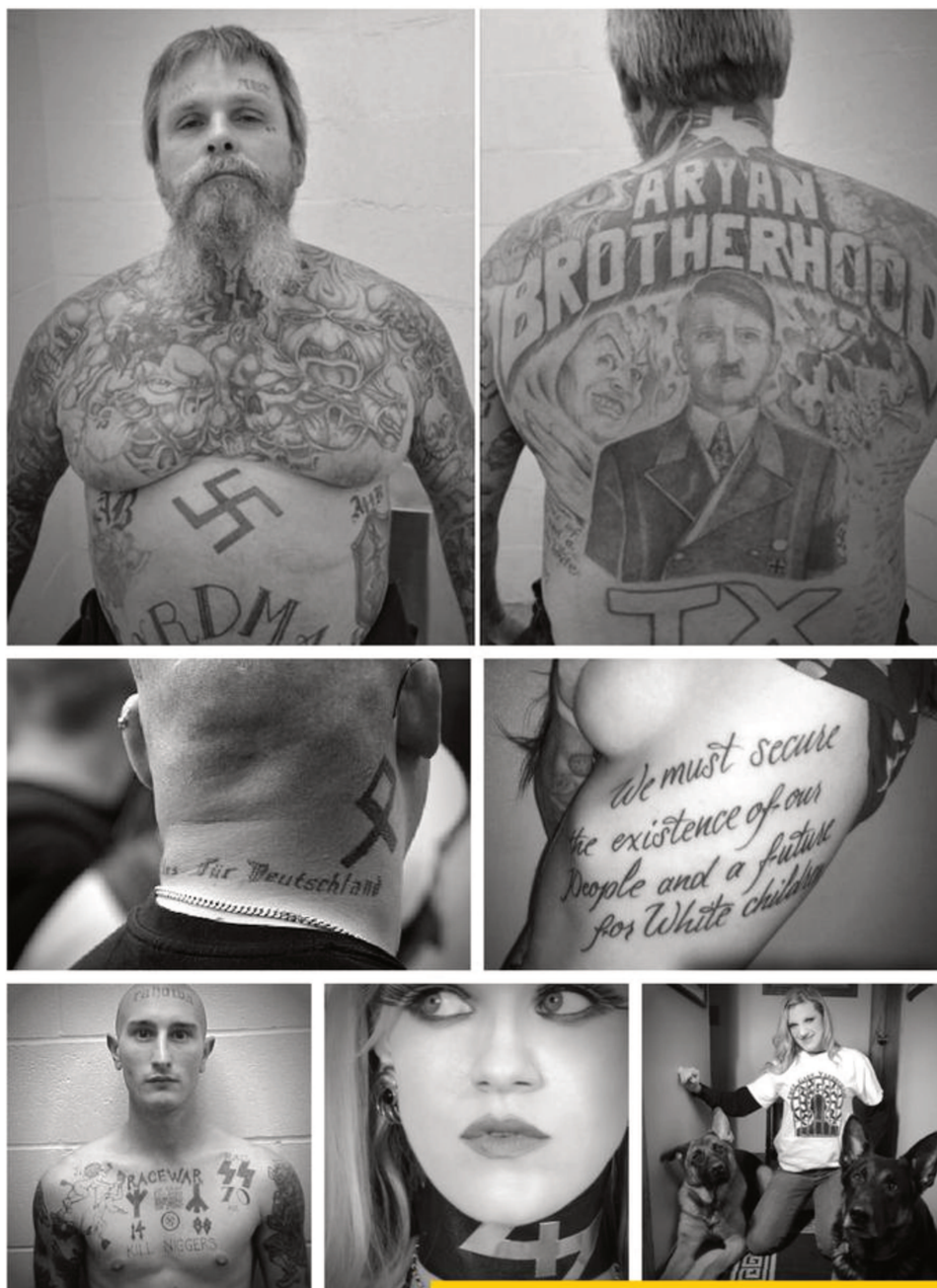
How many Mexicans are there in the United States? No one seems to know the exact figure due to the massive influx of illegal wetbacks who continually flood in across the border by the thousands with little resistance from the U.S. Border Patrol.

The figure for "Spanish-speaking" groups in the United States however has been roughly estimated at from eight to eleven million, a figure which presumably covers Mexicans, Puerto Ricans and Cubans as well as other Latin Americans. This equals about one-half the Negro population in the United States, which is estimated at 22 million. Both of these non-White races are well represented in large numbers in cities as far north as Detroit, Chicago and New York.

To preserve the U.S. as a free nation, a repatriation program for Mexicans, the Negro and other non-Whites must be started. We must join together and fight for our White people.

As imagens, fora expresso o contrário, foram achadas em blogs e sites do movimento

Com o Neonazismo no Corpo



Imagens obtidas nos sites do movimento

Personagens Vários

Scutarri e outro wotanista.



Tom Metzger



Ben Klassen e sua esposa Henrietta



Jason 'J.T.' Ready



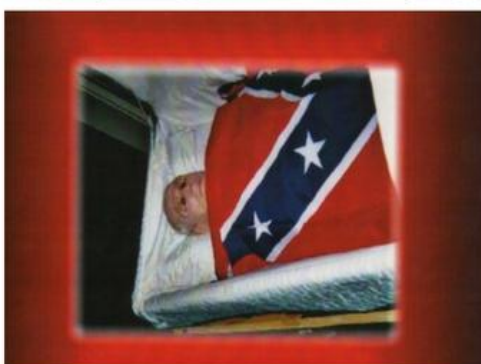
April Gaede



Craig Cobb

As imagens, fora expresso o contrário foram achadas em blogs e sites do movimento

A ORDEM



A última imagem é contra capa de um livro de Lane.

De cima para baixo: grupo de Neonazis ligados a Vicky Cahill. ela é a segunda da esquerda para a direita.

Arte neonazista em sites para homenagear Mathews.

Jovens apiando a Ordem.

Camisa com slogan de Lane. Todas as quatro imagens foram obtidas em sites do movimento.

Imagens da
Antiga sede
das Nações
Arianas

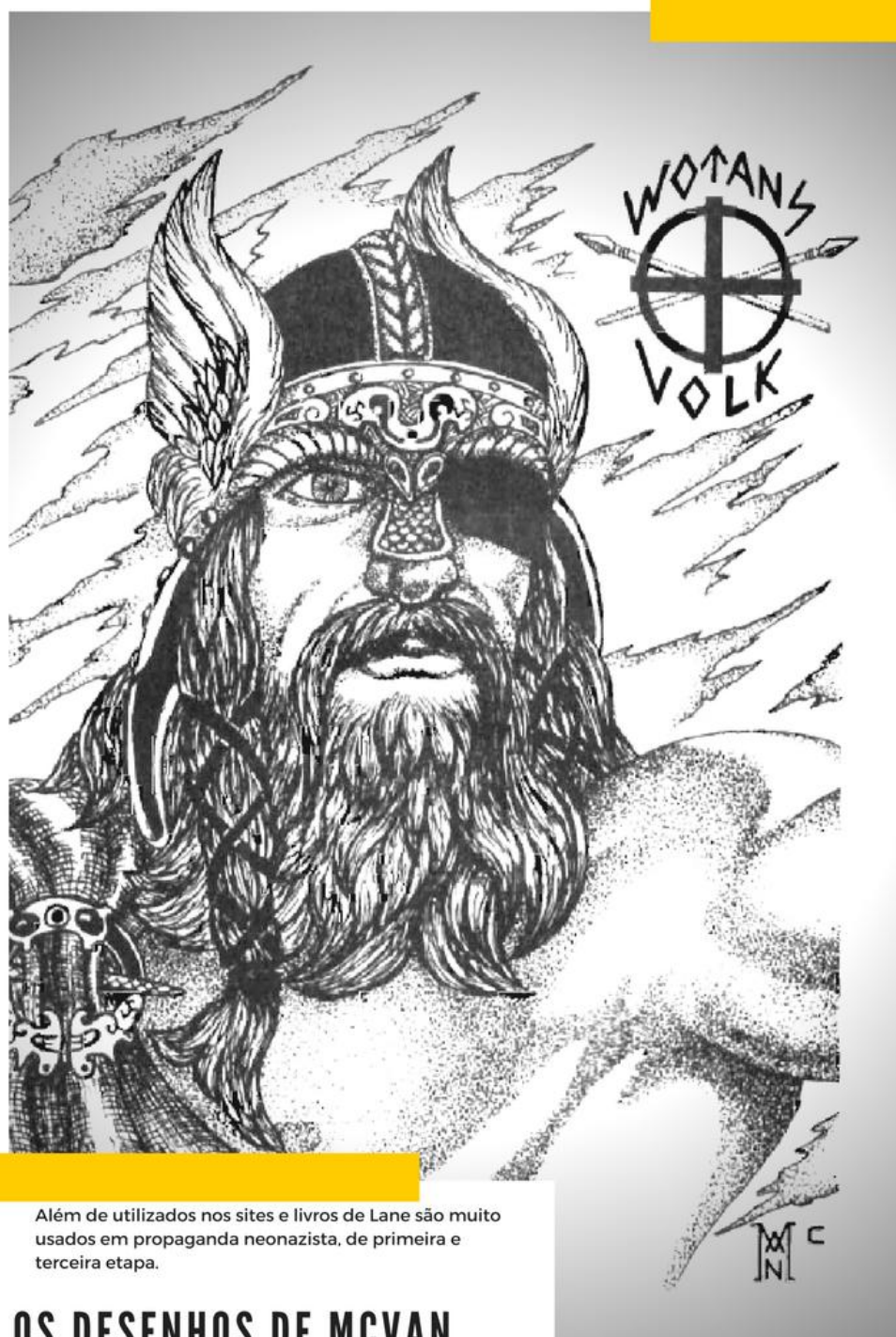


As imagens , fora expresso o contrário foram achadas em blogs e sites do movimento.
A segunda e terceira imagens foram obtidas no Google imagens.

As Nações Arianas



Imagens obtidas no Getty Images.



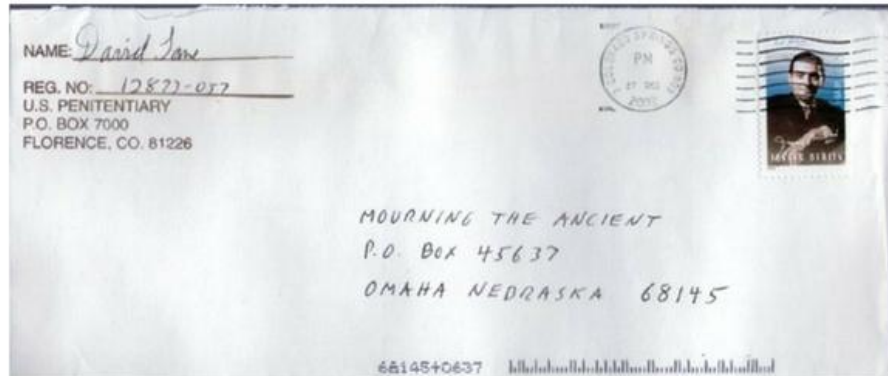
Além de utilizados nos sites e livros de Lane são muito usados em propaganda neonazista, de primeira e terceira etapa.

OS DESENHOS DE MCVAN

Outros desenhos do mesmo autor



.As imagens , fora expresso o contrário foram achadas em blogs e sites do movimento



G. BIBLIOGRAFIA

Informação Geral sobre o Tema

Anti-Defamation League of B'nai B'rith.
 Benjamin F. Stapleton Collection. History Colorado, Denver, Colorado.
 Denver Public Library, Western History Collection, Denver, Colorado.
 Memorial Archives, University of Denver, Denver, Colorado.
 Periódicos disponibilizados pela Internet em Google notícias (USA) e Elephind, indexadas por verbetes “Alan Berg” “David Eden Lane” “David Lane” + “Bruce Pierce”, etc.
 Arquivos disponíveis na Biblioteca do Congresso (online)
 The Ku Klux Klan.
 United States Department of Justice, Federal Bureau of Investigation. Report filed .
 United States Federal Census, 1900–20100.
 Aryan Nations, Church of Jesus Christ Christian, “Aryan Nations Congress” (1994: Hayden Lake, Idaho)
 University of Chicago Library.
 HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

Textos de David Lane

Victory Or Valhalla: The Final Compilation Of Writings (póstumo, 2008)
 The Essential Writings of David Lane. (póstumo, 2008)
 Creed of Iron (1997)
 Deceived, Damned & Defiant: The Revolutionary Writings of David Lane (1999)
 KD Rebel (2004)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Ovídio. *O Parentesco como Sistema de Representações: um estudo de caso*. In: Sérvulo Figueira; Gilberto Velho. (Org.). *Família, Psicologia e Sociedade*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1981.
 ACKERMAN, Gary Anthony. *‘More Bang for the Buck’: Examining the Determinants of Terrorist Adoption of New Weapons Technologies*. Doctoral Thesis in King’s College London, 2014. Disponível em: <[https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/theses/more-bang-for-the-buck-examining-the-determinants-of-terrorist-adoption-of-new-weapons-technologies\(992afd2a-bdeb-46b2-8cb7-cd29d77ebd64\).html](https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/theses/more-bang-for-the-buck-examining-the-determinants-of-terrorist-adoption-of-new-weapons-technologies(992afd2a-bdeb-46b2-8cb7-cd29d77ebd64).html)>. Acesso em 19 de agosto de 2016.
 ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*:
 ALIETTI, Alfredo. *Sociologia del razzismo*. Roma: Carocci, 2000.
 ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica. *Campos. Revista de Antropologia Social*, Curitiba: v. 03, p. 9-30, 2003.
 _____, Mauro William Barbosa de. Guerras Culturais e Relativismo Cultural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: v. 14, n. 41, p. 5-14, 1999.
 _____, Mauro William Barbosa de. *Simetria e Entropia: Sobre a Noção de Estrutura em Lévi-Strauss*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 163-198, 1999.
 AMORIM, Aluísio. *Nazismo em Santa Catarina*, Florianópolis: Insular, 2000.
 ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Londres: Verso. 1991
 Anderson, K. and D. Jack. (1991) “Learning to Listen: Interview Techniques and Analysis”, in *Women’s Words: The Feminist Practice of Oral History*. Edited by S.B. Gluck and D.Patai, New York, Routledge.
 ANSTEY, Mary Therese, YOST, Cheri and THOMAS, Adam. *A Guide to the City of Aurora’s Historic Architecture*. HISTORITECTURE, LLC. 2015
 ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *Extremism on the Right: A Handbook*. New York: Anti-Defamation League of B’nai B’rith, 1988.
 ANTONACCI, Célia. *R As nazi-tatuagens - Inscrições ou Injúrias no Corpo Humano?*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- APIAH, Kwame. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Arendt, 1983.
- ARENDR, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Correspondência entre Hannah Arendt e Martin Heidegger. 1925/1975*. Rio de Janeiro: 2003
- _____. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.
- _____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Diagrama e texto, 1983.
- _____. *Relume-Dumará*, 2001.
- _____. *A Condição Humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.
- _____. *A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1993.
- _____. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida. 3.ed. São Paulo: Reply to Recent Criticism'." Biography and Society Newsletter: 2-6. Research Committee revised ed. London, Sage.
- ARON, Raymond. *Les Étapes de la pensée sociologique*. Paris: Gallimard, 1958.
- ARRIVÉ, M. *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ATKINS, Stephen E. *Encyclopedia of Modern American Extremists and Extremist Groups*. Westport, CT: Greenwood Press, 2002.
- Atkinson, R. (1998) The Life Story Interview, London, Sage.
- BACKES, Clement. *Levi Strauss Presentacion y Antologia de Textos*. Barcelona: Anagrama, 1974.
- BAKHTIN, Mikhail. *Towards a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993 [original de 1926].
- BANAVI, Élie (org.). *História Universal dos Judeus*. Belém: CEJUP, 1995.
- BANTON, Michael. *A Idéia de Raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARKUN, Michael. *A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America*. University of California Press, 2003.
- _____. *Religion and the Racist Right: The Origins of Christian Identity*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1997.
- _____. *Disaster and the Millennium*. New Haven, Conn: Yale University Press, 1974
- BARRACLOUGH, Geoffrey. *The Origins of Modern Germany*. Oxford: University Press, 1947.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BARTOLETTI, Susan C. *Juventude Hitlerista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal*. Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. *Entrevista concedida ao caderno MAIS! Jornal Folha de São Paulo, em 28 de janeiro de 1996*. Disponível aos assinantes UOL, em: < <http://www.uol.com.br/fsp>.>
- BAUER, Martin W.; Gaskell, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002
- BAUMAN, Zygmunt. A sociedade líquida de Zygmunt Bauman. *Folha de S. Paulo*, Caderno "Mais!", 19.out.2003.
- BELL, Daniel, ed. *The Radical Right*. Garden City, N.Y.: Anchor Press, 1964.
- BELLOWS, Henry Adams. (Org.) *The Poetic Edda*: Translated from the Icelandic with an Introduction and Notes. New York: American-Scandinavian Foundation. Reprinted Lewiston, NY: Edwin Mellon Press, 1923.
- BENDER, Thomas. Strategies of Narrative Synthesis in American History. *The American Historical Review*. Vol. 107, No. 1 (February 2002), pp. 129-153. Disponível em: <<https://steinhardt.nyu.edu/scmsAdmin/uploads/001/638/Strategies%20of%20Narrative%20Synthesis%20in%20American%20History.pdf>>
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGSON, Henry. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERLIN, Ira. *Many Thousands Gone: The First Two Centuries of Slavery in North America*. Harvard University Press, 1998.
- BERTAUX, D. (1995) "A Response to Thierry Kochuyt's 'Biographic and Empiricist Illusions: A _____ . ed. (1981) Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences, Sage Publications, CA.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BIDERMAN, Hans. *Dicionário Ilustrado de Símbolos*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- BION, W.R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Lisboa: Relógio d'água, 1984.
- BLEE, Kathleen (1996) "Becoming a Racist: Women in Contemporary Ku Klux Klan and Neo-Nazi

- BLEE, Kathleen M. "Women and Organized Racism." In A. L. Ferber (ed.) *Home-Grown Hate: Gender and Organized Racism*. New York: Routledge. Pp. 49-74, 2004.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- BLUM, Ralph. *O livro de runas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995.
- BOLLMUS, Richard. Das Amt Rosenberg und seine Gegner. Zum Machtkampf im nationalsozialistischen Herrschaftssystem, apud ALLEN, William Sheridan .The Journal of Modern History 44, no. 1 (Mar., 1972): 145-146.
- BONNEFON, Charles. *História da Alemanha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- BOON, James. *Other Tribes, Other Scribes*. Cambridge University Press, 1982.
- BORGES, Jorge Luis. *Aleph*. Porto Alegre: Globo, 1986a.
- _____. *Nova antologia pessoal*. São Paulo: Difel, 1986b.
- _____. *Discussão*. São Paulo: Difel, 1986c.
- _____. *O fazedor*. São Paulo: Difel, 1984,.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- _____. *Os Usos Sociais da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.
- _____. *Ofício de Sociólogo: Metodologia da Pesquisa na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004b.
- _____. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 2004c.
- _____. *A Economia das Trocas Linguísticas: O Que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Editora Perspectiva 2005
- BOYER, Régis. *Les Vikings. Histoire et civilization*. Plon, Paris, 2e edition, 2002.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAND, Leonard. *Faith, reason and earth history*. Berrien Springs: Andrews University Press, 1997.
- BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. 2. ed. Petrópolis:
- BRETON, Philippe e PROULX, Serge. *Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRONSTED, Johannes. *The Vikings, An Illustrated History of The Vikings*. London: Penguin Books, 1995.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- BRUNER, Jerome. *Actual minds, possible worlds*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- BURLEIGH, Michael. *Ethics and Extermination: Reflections on Nazi Genocide*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- BURON, T.; GAUCHON, P. *Os Fascismos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BURRIN, Philippe . *Hitler e os Judeus*. Porto Alegre, L&PM, 1990.
- BUTLER, Jon. *Becoming America*. Harvard University Press, 2001
- _____. *New World Faiths: Religion in American Life*. Oxford University Press, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de deus*. Vol. 3: Mitologia Ocidental. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- _____. *A imagem mítica*. São Paulo: Papyrus, 1999.
- _____. *O herói de mil faces*. São Paulo: Círculo do livro, 1992.
- CANÇÃO DOS NIBELUNGOS. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CANÊDO, Carlos. *O genocídio como crime internacional*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida*. Cia das Letras. São Paulo: 1992.
- CANGUILHEM, Georges. *Escritos sobre a Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005
- _____. *O normal e o patológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- CARVALHO, José Jorge. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. *Horizontes. Antropológicos*, Vol. 15, 107-147, julho de 2001.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*. 4ed. Tradução de J. Guinsburg, Mirian Scahnaimer. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. Vol. I: *A sociedade em rede*. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999a.
- _____. Vol. II: *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1999b. .
- _____. Vol. III: *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e terra, 1999c.
- _____. The social implications of information; communication technologies. Report prepared for *UNESCO's World Social Science Report*. Disponível em
- CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. *Genes, povos e línguas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Quem Somos? História da Diversidade Humana*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CAVARERO, Adriana (2009) *Horrorism: Naming Contemporary Violence*, translated by William McCuaig.

- New York: Columbia University Press.
- CERTEAU, Michel De. *A Escrita Da História*. Rio De Janeiro: Forense, 2011
- CHALMERS, David. *Hooded Americanism: The History of the Ku Klux Klan*. Duke University Press, 1981.
- CHARAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARNY, Israel W. *Anatomia do genocídio: uma psicologia da agressão humana*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 9 ed. Rio de Janeiro: J.Olympio Ed., 1995.
- CHIZZOTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.
- CLIFFORD, James e MARCUS, Georges. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. University of California Press, 1986.
- COHAT, Yves. *Os Vikings: reis dos mares*. Lisboa: Civilização, 1988.
- COHEN, Abner. *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- COLLINS, Sherah J. *Aurora*. Arcadia Publishing & Historitecture
- CONTE, Édouard; ESSNER, Cornelia. *A demanda da raça. Uma antropologia do nazismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- COTTERELL, Arthur. *Enciclopédia de mitologia nórdica, clássica, celta*. Lisboa: Central Livros, 1998.
- COULSON, Danny O. and SHANNON, Elaine. *No Heroes: Inside the FBI's Secret Counter-Terror Force*. New York: Pocket Books, 2001
- CRAPANZANO, Vincent and JACKSON, Michael. (2014), Review dialogue. *J R Anthropol Inst*, 20: 774-781.
- _____. *Hermes' dilemma and Hamlet's desire : on the epistemology of interpretation*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1992.
- _____. Vincent Tuhami: Portrait of a Moroccan. Chicago: University of Chicago Press. 1980
- _____. Review of lives: an anthropological approach to biography, *American Anthropologist*, 86 (4): 953-60. 1984
- _____. *Waiting*. The Whites of South Africa. New York: Random House, 1985.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DAVIDSON, Hilda R. Ellis. *Myths and symbols in pagan Europe: early Scandinavian and celtic religions*. New York: Syracuse University Press, 1988.
- DEKKER, Rudolf, *Egdocuments and History: Autobiographical Writing in its Social Context since the Middle Ages* (Hilversum: Verloren, 2002), pp. 7-20
- DELEUZE, Giles. *L'île déserte et autres textes*. Paris: Minuit, 2002.
- _____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. "Nietzsche e a Filosofia". Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs. Ano zero. Rostidade*. Volume III. Rio de Janeiro: 34, 1996.
- _____. *Mil platôs. Introdução: Rizoma*. Volume I, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.
- _____. *Mil platôs. Postulados da Lingüística*. Volume II. Rio de Janeiro: 34, 1995b.
- _____. *Mil platôs Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível*. Volume IV. Rio de Janeiro: 34, 1995c.
- _____. *Mil platôs. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra*. Volume V. Rio de Janeiro:Ed. 34, 1995d.
- _____. Désir et plaisir. *Magazine Littéraire*. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65.
- _____. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *A força de Lei* São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Papel- máquina*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2004.
- _____. *The other heading: Reflections on today's Europe*. Bloomington, Indianápolis: IndianaUniversity Press, 1992.
- _____. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva 1971.
- DESCOLA, Philippe. *As Lanças do Crepúsculo: Relações Jivaro na Alta Amazônia*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- DHAIBHEID, Caoimhe Nic. *Terrorist Histories. Individuals and Political Violence since the 19th Century*. Abingdon, Routledge, 2017.
- DIAS, Adriana. Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

- _____. Ciberracismo, entre o ódio e a militância. *Anais da terceira edición del Congreso ONLINE del Observatorio para la CiberSociedad bajo el título Conocimiento Abierto*, Sociedad Libre. Barcelona: 2003.
- _____. *Links de Ódio: Uma etnografia do Racismo na Internet*. Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, 2005.
- _____. O Crime de Ódio e o Neonazismo na Internet: Análise de uma Experiência Etnográfica. *International Conference on Forensic Computer Science (ICoFCS), The International Conference on Forensic Computer Science (IJoFCS) e ICCyber (The International Conference on Cyber Crime Investigation)*, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <<http://icofcs.org/2008/ICoFCS2008-pp07.pdf>>
- DICKS, Bella; MASON, Bruce. Hypermedia and Ethnography: Reflections on the Construction of a Research Approach. *Sociological Research Online* 3(3). 1998 Disponível em <www.socresonline.org.uk/socresonline/3/3/3.html>. Acesso em 19 de agosto de 2006.
- DINIZ, Débora O que é deficiência? . São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DINNERSTEIN, Leonard. *Uneasy at Home: Anti-Semitism and the American Jewish Experience*. New York: Columbia University Press, 1979.
- Disappearing Object. In DASTON, L. (ed.). *Biographies of Scientific Objects*. Chicago: Disponível em: < <https://doi.org/10.1111/1467-9655.12137>> acesso em 24-06-2016.
- DIZARD, Wilson Junior. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DOBKOWSKI, Michael N. *The Tarnished Dream: The Basis of American Anti-Semitism*. Westport, CT: Greenwood Press, 1979.
- DOBZYNSKI, Charles. *Anthologie de la poésie yiddish – Le Miroir d'un peuple*. Paris:
- DONOGHUE, Edward. *Black Breeding Machines: The Breeding of Negro Slaves in the Diaspora*, AuthorHouse, 2008.
- DOTTIN, Georges. *Les Littératures Celtiques*. Paris: Payot, 1924.
- DUBOIS, Jean (Ed.). *Dicionário de Lingüística*. 9.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- DUBOIS, Thomas A. *Nordic religions in the Viking Age*. Philadelphia: University of
- DUMÉZIL, Georges. *Mythe et épopée, I. L'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens*. Paris: Gallimard, 1968.
- _____. *Les dieux des Germains, essai sur la formation de la religion scandinave*. Paris: PUF, 1966
- DURKHEIM, Emile. *The Elementary forms of the Religious Life*. Translated by J. W. Swain. New York: The Free Press, 1954 (1912).
- DYER, Joel. *Harvest of Rage: Why Oklahoma City Is Only the Beginning*. Boulder: Westview, 1997
- DYMETMAN, Annie. *Uma arquitetura da indiferença: a república de Weimar*. São. Paulo: Perspectiva, 2002.
- EISENBERG, J., CEPIK, M. (org.). *Internet e política*. Teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ELIADE, Mircea. *Myth and Reality*. New York: Harper and Row, 1963.
- _____. *Images and Symbols: Studies in Religious Symbolism*, London: Harvill Press, 1961.
- _____. *Myths, Dreams and Mysteries: the Encounter between Contemporary Faiths and Archaic*
- ELREDGE, Niles. *Reinventing Darwin*. Nova York: Wiley. 1995.
- EUROPEAN MONITORING CENTRE ON RACISM AND XENOPHOBIA. *Report on Racism and Xenophobia in the Member States of the EU (28-08-2007)*. Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.
- _____. *Trends and Developments 1997-2005: Combating Ethnic and Racial Discrimination and Promoting Equality in the European Union (24-07-2007)*. Disponível em <http://fra.europa.eu/fra/index.php?fuseaction=content.dsp_cat_content&catid=1>. Acesso em 02/09/07.
- _____. *Antisemitism Summary overview of the situation in the European Union 2001-2005*(updated version December 2006). Disponível em <<http://fra.europa.eu/fra/>
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Oxford: Oxford University Press, 1937.
- _____. *The Nuer: a Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. Oxford: Oxford University Press, 1940.
- EZEKIEL, Raphael. *The Racist Mind*. New York: Penguin Books, 1996.
- FABIAN, Johannes. *Time and the Other*. How anthropology makes its objects, Nova York: Columbia University Press, 1983.
- FANON, Frantz. *Piel Negra, Mascaras Blancas*. Buenos Aires: Abraxas, 1953.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. "Être Affecté". In: Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, 8. pp. 3-9.
- FAYE, Jean-Pierre. *A razão narrativa*. A filosofia heideggeriana e o nacional - socialismo. Rio de Janeiro: Ed.

34, 1996.

FBI - Terrorist Research and Analytical Center Counterterrorism section -Criminal Investigative Division; TERRORISM IN THE UNITED STATES 1987. (publicado nos EUA em 31 de dezembro de 1987). Disponível por meio do Internet Archive:

FEBVRE, Lucien. *Honra e Pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FERAL, Thierry. *Le nazisme: une culture?* Paris: L'Harmattan, 2001.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Nacional, 1967.

FERRAROTTI, Franco. *La tentazione. dell'oblio* : razzismo, antisemitismo e neonazismo. Roma: Laterz, 1993.

_____ (1981) *Storia e Storie de Vita*, Rome, Laterza. 1981

FEST, Joachim. *Hitler*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____ *The Face of the Third Reich*. Penguin Books, 1970.

FLANNERY, Edward H. *A angustia dos judeus*. História do Anti-semitismo. São Paulo: Ibrasa.1965.

FLEISCHMANN, E. *Estructuralismo y antropologia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971.

FLUSSER, Victor. *Ficções filosóficas*, São Paulo: EDUSP,1998.

_____. *O Mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FLYNN, Kevin and GERHARDT, Gary. *The Silent Brotherhood: The Chilling Inside Story of America's Violent, Anti-Government Militia Movement*. Signet, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Vigiar e Punir* Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Genealogia del racismo*. Buenos Aires: Altamira, 1980.

_____ *fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. Wiesengrund. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995 [original de 1971].

_____. *A Educação após Auschwitz*. In COHN, G. (org.). *Adorno*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda*. In ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike (ed.). *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: Continuum, 1951, pp. 118-37.

_____. *The authoritarian personality*. New York: Harper; Brothers 1950.

FRAZER, Sir James. *The golden bough: a study in magic and religion*. 1ª ed., The Macmillan Press, 1890 (Edição brasileira: O ramo de ouro. Rio de Janeiro: Zahar, 1982).

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997 [Obra original de 1927].

_____. *O mal-estar na civilização*, Rio de Janeiro: Imago,1997 [Obra original de 1930].

_____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004.

_____. *Obras Completas*. volume I, II, IV, VIII e XII. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva Madrid, 1967

_____. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (versão 2.0) Rio de Janeiro: Imago, [20__]. CDROM.

FRIEDLANDER, Henry. *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995

FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews*. New York: Harper Collins Publishers,1997, tomo I.

FUTUYMA, Douglas. *Biologia evolutiva*. 2. ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de

GALLI, Giorgio. *Hitler e o nazismo mágico: as componentes esotéricas do III Reich*. Lisboa: Edições 70, 1989.

GARDELL, Mattias. *Gods of the Blood: The Pagan Revival and White Separatism*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

GAVÉRIO, Marco A. "Que Corpo Deficiente É Esse?": Notas Sobre Corpo e Deficiência Nos Disability Studies. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015

GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1993

GELL, Alfred. 1999. "Strathernograms, or the semiotics of mixed metaphors". In *The art of anthropology: essays and diagrams*, pp. 29-75. Londres: Athlone.

GIUMBELLI, Emerson. Besides the "fieldwork": supposedly malinowski reflections. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo: 2002, v. 17, n. 48.

GLUCKSMANN, André. *El discurso del odio*. Barcelona: Taurus, 2005.

GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*. Paris: Gallimard,

GOLDENSOHN, Leon. *As Entrevistas Nuremberg*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOODMAN, Alan H.; HEATH, Deborah; LINDEE, M. Susan. *Genetic ature/Culture:*

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Sol Negro: Cultos Arianos, Nazismo Esotérico e Políticas de Identidade*. São Paulo: Madras, 2004.

GOULD, S. J. *O Milênio em Questão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999,.

_____. *Seta do tempo, Ciclo do Tempo – Mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*.São Paulo:

- Companhia das Letras. 1991.
- GRAHAM, Gordon. *Genes: uma Investigação Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *The Internet: A philosophical inquiry*. London and New York: Routledge. 1999.
- GRANT, John. *Introdução à mitologia Viking*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.
- GREEN, A. *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
- _____. *La déliaison: Psychanalyse, anthropologie et littérature*. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- Groups”, *Gender and Society*, vol. 10, no. 6, pp. 680-702.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUIRAND, Félix (Ed.). *História das Mitologias*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- _____. *Da diáspora*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- _____. *The Local and the Global*. In: KING, Anthony (Ed.). *Culture, Globalization and the World System*. Minneapolis: University of Minnesota, 1997.
- HAMILTON, Nigel. *Biography: A Brief History*. Cambridge, Harvard University Press, 2008
- HAMM, Mark S. *Crimes Committed by Terrorist Groups: Theory, Research, and Prevention*, 2005.
- HANNERZ, Ulf. *Being there... and there! Reflections on Multi-Site Ethnography*. Volume: 4 issue: 2, page(s): 201-216. Issue published: June 1, 2003. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1466138103004200>> acesso em 01/05/2016
- HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HAYES, Peter. *Industry and ideology: IG Farben in the Nazi era*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HEIM, Michael. *The cyberspace dialectic*. in LUNENFELD, Peter(ed.). *The digital dialectic: New essays on new media*. Cambridge: The MIT Press, 1999.
- HICKS, Victoria Loe. “Memoir Traces Author’s Journey Out of a Violent, Racist Group.” *Dallas Morning News*, June 6, 1998.
- HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Chicago: Quadrangle, 1967.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.
- HOCKENOS, Paul. *Livres para Odiar – Neonazistas: Ameaça e Poder*. São Paulo:
- JACOBSON, Matthew Frye. *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- JAHER, Frederic C. *A Scapegoat in the New Wilderness: The Origins and Rise of Anti-Semitism in America*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *O Seminário, Livro III: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992a.
- JUBAINVILLE, H.D. *El Ciclo Mitológico irlandés y la mitología céltica*. Barcelona:
- KAPLAN, Jeffrey *America’s Apocalyptic Literature of the Radical Right Jeffrey June 2018*; International Sociology, no prelo.
- KAPLAN, Jeffrey. *Radical Religion in America: Millenarian Movements from the Far Right to the Children of Noah*. Syracuse: Syracuse University Press, 1997.
- KARADY, Victor. *Los judíos en la modernidad europea: experiencia de la violencia y utopía*. Madrid: Siglo XXI, 2000
- KATZ, Chaim Samuel. *Psicanálise e Nazismo*. Rio de Janeiro : Taurus, 1985.
- KECSKEMETI, Paul; LEITES, Nathan. *Some Psychological Hypotheses on Nazi Germany* Washington, D. C.: The Library of Congress, Experimental Division for the Study of War time Communications. Document No. 60, July 30, 1945.
- KEYNES, John M. *As conseqüências econômicas da paz*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Editora Universidade de Brasília-Instituto de Pesquisa de Relações
- KLEMPERER, Victor. *LTI – A Linguagem do III Reich*. trad. Miriam Ölsner. Rio de Janeiro: Contexto, 2009 [obra original de 1947].
- _____. *Os diários de Victor Klemperer*. Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- KNEALE, W. e KNEALE, M. *O desenvolvimento da lógica*. 3.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991.
- KOFES, Maria Suely; *Um livro Contado (Textos Didáticos)*, 02/2012, Organizadora, Publicações / IFCH, pp. 152, pp.5-156, Campinas, SP, BRASIL, 2012
- _____. *Sugestões para uma Discussão sobre Identidade*. *Travessia*, Lisboa, v. 4/5, 2004.

- _____. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo* 3. Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- KOONZ, Claudia. *The Nazi Conscience*. Cambridge: Mass, 2003.
- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler - uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, Jacques. O Inconsciente, volume II. In EY, Henry (org.) *VI Colóquio de Bonneval*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- _____. Le Seminaire, Livre VII: *L'éthique de la psychanalyse*. (1964). Paris, Seuil. 1973.
- _____. O Seminário, Livro II: *O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- LACOUÉ-LABARTHE, P. e NANCY, J.L. *O mito nazista*, São Paulo: Iluminuras, 2002.
- LAMAS, Maria. *Mitologia geral*. Lisboa: Estampa, 1972, v.2
- LANDOW, George. *Hypertext: The convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore/London: John Hopkins University Press, 1992.
- LANGNESS e FRANK. *Lives: An Anthropological Approach to Biography*. Novato, California: Chandler and Sharp Publishers, Inc., 1981
- LAUNAY, Olivier. *A civilização dos celtas*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.
- LE RIDER, Jaques. *A modernidade Vienense e as Crises de Identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.
- LE ROUX, Françoise; GUYONVARCH, Christian. *A sociedade celta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.
- LEACH, E. *Culture and Communication: the logic by which symbols are connected*. An introduction to the use of structural analysis in Social Anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- LEE, Michael Adam, "The Politics of Antisemitism in Denver, Colorado, 1898-1984" (2017). History Graduate Theses & Dissertations. Disponível em:
- LEPINE, C. *O inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss*. São Paulo: Ática, 1979.
- LESTA, Jose. *Las claves esotéricas del III Reich*. Nazis: Magia y ocultismo. Madrid: Edaf, 2005.
- LEVI, Primo. *A tabela Periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LEVINE, Bruce. *Half Slave and Half Free: The Roots of Civil War* e o curso da Yale University, online. Disponível em < <http://oyc.yale.edu/history/hist-119#sessions>>
- LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982 [Obra original de 1949].
- _____. *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1970 [Obra original de 1958].
- _____. *Elogio de la Antropología: Lección inaugural en el Colegio de Francia el 5 de enero de 1960*. México, D. F.: Pasado y Presente
- _____. *Totemismo hoje*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção "Os Pensadores", 1976 [Obra original de 1962].
- _____. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Cia Editora Nacional e EDUSP, 1970.
- _____. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- _____. *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976 (Obra original de 1973).
- _____. História e etnologia. *Annales ESC*, 1983, n.38.
- _____. *Mito e Significado*. Editorial Presença. [Obra original de 1983].
- _____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995
- _____. *Mitológicas I: O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004 [Obra original de 1955].
- _____. *A Via das Máscaras*. Edição com Três Excursões. Lisboa: Editorial Presença, 1983a.
- _____. *História de Lince*. São Paulo: Cia das Letras, 1991b.
- _____. *Olhar, Escutar, Ler*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- LEWISOHN, Ludwig. *The Permanent Horizon: A New Search for Old Truths*, New York, London, Harper & brothers, 1934.
- LEWONTIN, Richard. *The Doctrine of DNA – Biology as Ideology*. Penguin Books, 1993.
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- London, Sage.
- LUCCA, Robert e and STATELY, Deanna. *Bodies Shamek* University of Michigan, 2002
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Um Diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *Os argonautas do pacífico ocidental*. Abril, São Paulo: 1973 [Edição original de 1922].
- _____. Classificatory Particles in the Language of Kiriwina. *Bulletin of The School of Oriental Studies*. 1921, 1 (4): 33-78.
- MARC-LIPIANSKY, Mireille. *Le Structuralisme de Lévi-Strauss*. Paris: Payot – Paru, 1973.
- MARCUS, Georges. *Ethnography Through Thick and Thin*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- _____. (org.) *Connected: engagements with media*. Chicago: Univ. of Chicago, 1996.
- MARTINEZ, Thomas and GUINThER, John. *Brotherhood of murder*. New York: 1999, McGraw-Hill Book

Company

- MARTINEZ, Thomas e GUNTHER, John. *Brotherhood of Murder: How One Man's Journey through Fear Brought the Order—The Most Dangerous Racist Gang in America—to Justice*. New York: McGraw-Hill, 1988.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- MASSON, J.M. (Ed.). *The complete letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- MATENS, William H. *Memoirs of Investigations and Subsequent trials of members of the Aryan Nations From Former Special Agent of the FBI William H. Matens (1969 - 1997)*. Donated to the FBI Oral History Project September 2007. Society of Former Special Agents of the FBI, 2007. Disponível em: <http://www.nleomf.org/assets/pdfs/nlem/oral-histories/FBI_Matens_addendum.pdf>.
- MATTOS, Sonia H. *Deuses e Heróis Na Edda Poética e na Tetralogia de Wagner*. São Paulo: Teses USP, 1959.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU e EDUSP, 1974 [1ª ed. francesa, 1902- 1903, L'année sociologique]. 2 v.
- MCLYNN, Frank. *Carl Gustav Jung*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- MCVEIGH, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009
- MCVEIGH, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- MELLO, Anahí Guedes de. *Por uma abordagem Antropológica da Deficiência: Pessoa, Corpo e Subjetividade*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MEMMI, Alberti. *O Racismo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *De Mauss a Claude Lévi-Strauss*. São Paulo: Ed. Abril, Coleção Os Pensadores, 1980.
- MILLER, Richard. *A Justiça Nazi: a lei do holocausto*. Lisboa: Editorial Notícias. 1997.
- MILMAN, Luis. *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.
- MONK, Ray, *Life without Theory: Biography as an Exemplar of Philosophical Understanding*, recuperado pelo Internet Archive.
- MORGAN, Philip D. *Slave Counterpoint: Black Culture in the Eighteenth-Century Chesapeake and Lowcountry*. Omohundro Institute of Early American History and Culture, Williamsburg, Virginia, by the University of North Carolina Press, 1998
- MOYANO, Antonio Luis. *Neonazis*. La seducción de la svástica. [S.I.]: Editorial Nowtilus: 2004.
- MÜLLER, Max. *Mitologia comparada*. Barcelona: Visión Libros, 1988.
- NASIO, Juan David. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- _____. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 101-138, jan./dez. 2004.
- NIEDNER, Heinrich. *Mitología Nórdica*. Barcelona: Edicomunicación, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1974.
- NOBLE, Kerry. *Tabernacle of Hate: Why They Bombed Oklahoma City*. Prescott, Ontario, Canada: Voyageur, 1998
- ONIS, Yvan. *Introdução ao Estruturalismo – Claude Lévi-Strauss ou “a paixão do incesto”*. Lisboa: Moraes Editores, 1968.
- OSTMEYER, And . “Former Member of Group Cites Influence of Schell City Pastor.” *Joplin Globe*, January 10, 2001.
- PEIRANO, Marisa. A favor da Etnografia. *Série Antropologia*, número 130. Brasília:
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- _____. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- PERROUX, François. *Mitos hitleristas* [Trad] Cecilia Meireles. São Paulo : Ed Nacional, 1937. Perspectiva, 1991. 2 v.
- _____. *História do Anti-semitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. 4 v.
- PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- POLIAKOV, Léon: *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *A causalidade diabólica: ensaio sobre a origem das perseguições*. São Paulo:
- PROCTOR, Robert N. *Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis*. Cambridge Massachusetts: Harvard

- University Press, 1989.
- _____. "U.S. Out to Kill, Survivalist Fears." *Tulsa World*, April 24, 1985.
- QUINET, Antonio. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- Realities. London: Harvill Press, 1960.
- _____. *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. London: Harcourt Brace, 1959.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Rites and Symbols of Initiation (Birth and Rebirth)*. London: Harvill Press, 1958.
- _____. *Cosmos and History: The Myth of the Eternal Return*. Princeton: Princeton University Press, 1954.
- REICH, Wilhelm. *A Psicologia de Massa do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- REISDORFER, Uliyanov. *Um momento perigoso: Jung e o nazismo*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, 2003.
- RICHARD, Lionel. *Le Nazisme et la Culture*. Bruxelas: Editions Complexe, 1988.
- RIESSMAN, C.K (2001) "Analysis of Personal Narratives" in Gubrium, J.F., and J.A. Holstein (Eds.) *Handbook of Interviewing*, Sage, London
- _____. "Narrative Analysis", *Qualitative Research Methods*, Series 30, London, Sage.
- ROBERTS, B. (2002) *Biographical Research*. Open University Press, Buckingham and Philadelphia
- ROSEMAN, MARK. *Os nazistas e a solução final: a conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAHLINS, Marshall. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- _____. *The use and abuse of biology: an anthropological critique of sociobiology*. Ann Arbor:
- SAINERO, Ramon. *Sagas celtas primitivas en la Literatura Inglesa*. Madrid: Akal, 1993.
- _____. *Lenguas y literaturas celtas*, Aula Abierta. Madrid: Akal, 1993b.
- _____. *Leyendas celtas en la Literatura Irlandesa*. Madrid: Akal, 1988.
- _____. *Los grandes mitos celtas y su influencia en la literatura*. Barcelona: Edicomunicación,
- SAINTINE, X. B. *Mitología del Rin*. Barcelona: Edicomunicación, 1988.
- SALAS, Antonio. *Diário De Um Skinhead*. Um Infiltrado No Movimento Neonazista. São Paulo: Planeta, 2006.
- SALEM, Helena. *As Tribos do Mal: O Neonazismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Editora Atual, 1995.
- SAMUELS, Andrew. Jung, anti-semitismo e os nazistas In: *A Psique Política*. Rio de Janeiro: Imago, 1994
- SANDBOTHE, M. *Media Temporalities in the Internet*. Disponível em
- SANJEK, R. *Ethnography in today's world : color full before color blind*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2015.
- SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, Laymert Garcia. *Politizar as novas tecnologias*. O impacto sócio-técnico da
- SARTRE, J. P. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Reflexões sobre o racismo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
- SCHLATTER, Evelyn A. "Aryan Cowboys: White Supremacists and the Search for a New Frontier, 1970-2000", University of Texas Press, 2004
- SCHMIDT, Michel. *Néo-nazis, la terrible enquête*. Paris: JC Láttes, 1993.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A Sabedoria da Vida*, 1890.
- SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione da. *et alli. Falas de Gênero*. Florianópolis, Ed Mulheres, 1999.
- SECHEHAYE, Marguerite. *Autobiography of a schizophrenic girl*. New York: Grune and Stratton, 1951.
- SECRET, Clark . "The Last Back Fence in Town: The Assassination of Alan Berg," Colorado Heritage Magazine 19, no. 1 (1999).
- SENPRUM, Jorge. *A Escrita ou a Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numacomunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- _____. Imigração e colonização alemã no Brasil: Uma revisão da bibliografia. *Boletim*
- SHELTON, Dinah (Ed.). *Encyclopedia of Genocide and Crimes Against Humanity* [S.I., U.S.A.]: Macmillan Reference, 2005. 3 v.
- SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- SIM SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SIMONELLI, Frederick J. *American Fuehrer: George Lincoln Rockwell and the American Nazi Party*. Urbana: University of Illinois Press, 1999.
- SINGULAR, Stephen .*Talked to Death: The Life and Murder of Alan Berg*. New York: Beech Tree Books, 1987
- SMITH, Julia Floyd, *Escravidão e Cultura de arroz em Low Country Geórgia, 1750-1860*. University of

- Tennessee Press, 1991.
- SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- SPITZER, Carlos. *Dicionário Analógico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1952.
- SPROUL, Bárbara C. *Mitos Primais*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1994.
- STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- STEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo. 1919 – 1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- STENGERS, ISABELLE. *A invenção das Ciências Modernas*. São Paulo, Editora 34, 2002 (1993)
- _____. *Au temps des catastrophes. Résister à la barbarie qui vient, La Découverte*, 2009
- STERN, Jessica. "The Covenant, the Sword, and the Arm of the Lord." In J. Tucker (ed.), *Toxic Terror*. Cambridge: MIT Press, 2000
- STIVELMAN, Raquel; STIVELMAN, Michael. *A marca dos Genocídios*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- STOCKING Jr., George (ed.). *The ethnographer's magic*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1992.
- _____. *Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork*. Madison: University of
- STRATHERN, Marilyn, "Displacing knowledge: Technology and the consequences for kinship,"
- STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: CosacNaify, p. 295-320. 2014.
- Strathern, Marilyn. O gênero da dádiva: problemas com mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, Ed. da Unicamp, 2006. (versão original de 1988)
- STURLUSON, Snorri. *Edda em Prosa: Textos da Mitologia Nórdica*. Rio de Janeiro: Numen Editora, 1993.
- SZNITER, Célia. *A dimensão visual da propaganda nazista: as imagens do judeu e do "ariano"*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1996.
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. A Performative Approach to Ritual. In: *Culture, Thought, and Social Action: An Anthropological Perspective*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- _____. *Form and meaning of magical acts*. In HORTON, Robin; FINNEGAN, Ruth (orgs.), *Modes of Thought*. London: Faber and Faber, 1985. p. 199-229.
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993.
- THOMAS, Jo and SMOTHERS, Ronald. "Oklahoma City Building was Target of Plot as Early as '83, Official Says." *New York Times*, May 20, 1995.
- THOMAS, Nicholas. *Out of Time History and Evolution in Anthropological Discourse*.
- TIMM, Annette F. *The Politics of Fertility in Twentieth-Century Berlin*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010
- TODOROV, Tzvetan. 1995. *Em face ao Extremo*. Campinas: Papirus, 2000.
- _____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. v. 1 e 2.
- TURNER, Victor. "Social Dramas and Stories about Them," *Critical Inquiry* 7, no. 1 (Autumn, 1980): 141-168. Disponível em:
- UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Historical atlas of the Holocaust*. New York: Macmillan Pub, 1996
- VASEY, C. M. *Nazi ideology*. Lanham, Md.: Hamilton Books, 2006.
- WACQUANT, L. *Esclarecer o Habitus*. Disponível em <sociology.berkeley.edu/faculty/WACQUANT/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf > Acesso em 15 de maio de 2004.
- WEINDLING, Julian *Nazi Medicine and the Nuremberg Trials: From Medical War Crimes to Informed Consent*. New York: Palgrave Macmillan. 2004.
- WEST, Cornel. *Race Matters*. Boston: Beacon Press, 1993
- WIESEL, Elie. *Noite*. Lisboa : Texto Editora, 2003.
- ZESKIND, Leonard. *Blood and Politics: The History of the White Nationalist Movement from the Margins to the Mainstream*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.

H. ANEXOS

ANEXO I

Relação dos 650 grupos analisados e mapeados durante a pesquisa etnográfica, em WEB e DEEPWEEB.

Tipo	Nome	Cidade	Estado
Anti-Immigrant	Advocates for Victims of Illegal Alien Crime	Meza	Arizona
Anti-Immigrant	American Border Patrol	Sierra Vista	Arizona
Anti-Immigrant	American Patrol Report	Nogales	Arizona
Anti-Immigrant	Americans for Legal Immigration (ALIPAC)	Raleigh	North Carolina
Anti-Immigrant	California Coalition for Immigration Reform	Huntington Beach	California
Anti-Immigrant	Concerned Citizens and Friends of Illegal Immigration Law Enforcement	Framingham	Massachusetts
Anti-Immigrant	Federation for American Immigration Reform	Washington, D.C.	District of Columbia
Anti-Immigrant	New Yorkers for Immigration Control and Enforcement (NYICE)	New York	New York
Anti-Immigrant	Social Contract Press	Petoskey	Michigan
Anti-Immigrant	United for a Sovereign America (USA)	Phoenix	Arizona
Anti-Immigrant	US Border Guard & Border Rangers	Mesa	Arizona
Anti-LGBT	Abiding Truth Ministries	Springfield	Massachusetts
Anti-LGBT	Americans for Truth	Hereford	Arizona
Anti-LGBT	Catholic Family and Human Rights Institute (C-FAM)	New York	New York
Anti-LGBT	Catholic Family and Human Rights Institute (C-FAM)	Washington	District of Columbia
Anti-LGBT	Christ the King Church	Larkspur	Colorado
Anti-LGBT	Faithful Word Baptist Church	Tempe	Arizona
Anti-LGBT	Family Research Council	Washington	District of Columbia
Anti-LGBT	Family Research Institute	Colorado Springs	Colorado
Anti-LGBT	Family Watch International	Gilbert	Arizona
Anti-LGBT	Generations With Vision	Elizabeth	Colorado
Anti-LGBT	Help Rescue Our Children	Monsey	New York
Anti-LGBT	Heterosexuals Organized for a Moral Environment (H.O.M.E.)	Downers Grove	Illinois

Anti-LGBT	Illinois Family Institute	Carol Stream	Illinois
Anti-LGBT	Maine Resistance	Lewiston	Maine
Anti-LGBT	Parents Action League	Champlin	Minnesota
Anti-LGBT	Pilgrims Covenant Church	Monroe	Wisconsin
Anti-LGBT	TC Family (Traverse City Family)	Traverse City	Michigan
Anti-LGBT	The Pray in Jesus Name Project	Colorado Springs	Colorado
Anti-LGBT	Traditional Values Coalition	Anaheim	California
Anti-LGBT	United Families International	Gilbert	Arizona
Anti-LGBT	Westboro Baptist Church	Topeka	Kansas
Anti-LGBT	Windsor Hills Baptist Church	Oklahoma City	Oklahoma
Anti-LGBT	World Congress of Families/Howard Center for Family, Religion, and Society	Rockford	Illinois
Anti-LGBT	You Can Run, But You Cannot Hide	Annandale	Minnesota
Christian Identity	11th Hour Remnant Messenger	Santa Fe	New Mexico
Christian Identity	Abundant Life Fellowship	Morgantown	Indiana
Christian Identity	America's Promise Ministries	Sandpoint	Idaho
Christian Identity	Church of Jesus Christ Christian/Aryan Nations	Johnstown	Pennsylvania
Christian Identity	Church of Jesus Christ Christian/Aryan Nations	Bainbridge	Ohio
Christian Identity	Church of Jesus Christ Christian/Aryan Nations	Coos Bay	Oregon
Christian Identity	Church of the Sons of Yhvh	Converse	Louisiana
Christian Identity	CHURCH OF TRUE ISRAEL	Noxon	Montana
Christian Identity	Covenant People's Ministry	Brooks	Georgia
Christian Identity	Ecclesiastical Council for the Restoration of Covenant Israel (ECRCI)	Chicago	Illinois
Christian Identity	Faith Baptist Church and Ministry	Houston	Missouri
Christian Identity	Fellowship of God's Covenant People	Lexington	Kentuck
Christian Identity	First Century Christian Ministries	The Woodlands	Texas
Christian Identity	Holy Order Ministry	De Kalb	Texas
Christian Identity	Identity Nation	Rochester	Indiana
Christian Identity	Identity Nation	Kokomo	Indiana
Christian Identity	Identity Nation	Shelbyville	Indiana
Christian Identity	Identity Nation	Franklin	Indiana
Christian Identity	Identity Nation	Martinsville	Indiana
Christian Identity	Identity Nation	Evansville	Indiana
Christian Identity	Identity Nation	Indianapolis	Indiana

Christian Identity	Identity Nation	Knoxville	Tennessee
Christian Identity	Identity Nation	Cookeville	Tennessee
Christian Identity	Identity Nation	Nashville	Tennessee
Christian Identity	Kingdom Identity Ministries	Harrison	Arkansas
Christian Identity	Kinsman Redeemer Ministries	Alexandria	Kentuck
Christian Identity	Mission to Israel	Scottsbluff	Nebraska
Christian Identity	Non-Universal Teaching Ministries	Fostoria	Ohio
Christian Identity	Our Place Fellowship	Colville	Washington
Christian Identity	Phineas priests	Lynchburg	Virginia
Christian Identity	Scriptures for America Ministries	Laporte	Colorado
Christian Identity	The Shepherd's Call Ministries	Sweetwater	Tennessee
Christian Identity	Thomas Robb Ministries	Bergman	Arkansas
Christian Identity	United Identity Church of Christ	Simms	Texas
Christian Identity	Virginia Publishing Company	Lynchburg	Virginia
Christian Identity	Watchmen Bible Study Group	Wappapello	Missouri
Christian Identity	Weisman Publications	Apple Valley	Minnesota
Christian Identity	Yahweh's Truth	Linwood	Michigan
General Hate	DefendStudents.org	Vista	California
General Hate	Fundamentalist Latter Day Saints	Hildale	Utah
General Hate	Invictus Books	Wentzville	Missouri
General Hate	Vinland Folk Resistance	Kingsburg	California
General Hate	White Pride Home School Resource Center	Bergman	Arkansas
Holocaust Denial	Campaign for Radical Truth in History	Coeur d'Alene	Idaho
Holocaust Denial	Castle Hill Publishers	New York	New York
Holocaust Denial	Committee for Open Debate on the Holocaust	Drums	Pennsylvania
Holocaust Denial	Ernst Zundel site	Pigeon Forge	Tennessee
Holocaust Denial	Inconvenient History	San Ysidro	California
Holocaust Denial	Institute for Historical Review	Fountain Valley	California
Holocaust Denial	Institute for Historical Review Store	Newport Beach	California
Holocaust Denial	Irving Books	Key West	Florida
Holocaust Denial	Noontide Press	Newport Beach	California
Holocaust Denial	The International Conspiratological Association	Coeur d'Alene	Idaho
Ku Klux Klan	Aryan Nations Knights of the Ku Klux Klan	Converse	Louisiana
Ku Klux Klan	Christian Knights of the Ku Klux Klan	Kings Mountain	North Carolina

Ku Klux Klan	Confederate White Knights of the Ku Klux Klan	Baltimore	Maryland
Ku Klux Klan	Crusader Knights of the Ku Klux Klan	Dekalb	Texas
Ku Klux Klan	Dixie Rangers Knights of the Ku Klux Klan	Walker	Louisiana
Ku Klux Klan	East Coast Knights Of The True Invisible Empire	Nassau	Delaware
Ku Klux Klan	East Coast Knights Of The True Invisible Empire	Girardville	Pennsylvania
Ku Klux Klan	Fort Christmas Knights Ku Klux Klan	Christmas	Florida
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Saint Louis	Missouri
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	New Roads	Louisiana
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Woodbury	Tennessee
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Lucedale	Mississippi
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Plattsburgh	New York
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Chicago	Illinois
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Mobile City	Alabama
Ku Klux Klan	Fraternal White Knights of the Ku Klux Klan	Amelia	Ohio
Ku Klux Klan	International Keystone Knights of the Ku Klan Klan Inc.	Pinson	Alabama
Ku Klux Klan	International Keystone Knights of the Ku Klux Klan	Blairsville	Georgia
Ku Klux Klan	International Keystone Knights of the Ku Klux Klan	Young Harris	Georgia
Ku Klux Klan	International Keystone Knights of the Ku Klux Klan	Vanndale	Arkansas
Ku Klux Klan	International Keystone Knights of the Ku Klux Klan	Cleveland	Ohio
Ku Klux Klan	International Keystone Knights of the Ku Klux Klan	Elwood	Indiana
Ku Klux Klan	Invisible Knights of the Fiery Cross	Gladwin	Michigan
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Brunswick	Georgia
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Rochelle	Georgia
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Shady Valley	Tennessee
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Ellijay	Georgia
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Byron	Georgia
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Dallas	Texas
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Abingdon	Virginia
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Eldorado	Illinois
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Little Rock	Arkansas
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Lemont	Illinois
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Fort Myers	Florida
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Live Oak	Florida
Ku Klux Klan	Knight Riders Knights of the Ku Klux Klan	Nashville	Tennessee

Ku Klux Klan	Knights of the Ku Klux Klan	Harrison	Arkansas
Ku Klux Klan	Knights of the Ku Klux Klan	Concord	Arkansas
Ku Klux Klan	Knights Party Veterans League	Harrison	Arkansas
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Gatesville	Texas
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Munfordville	Kentuck
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Johnson City	Tennessee
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Kokomo	Indiana
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	LaFayette	Tennessee
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Church Hill	Tennessee
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Cape Coral	Florida
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Savannah	Tennessee
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Memphis	Tennessee
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Oil City	Pennsylvania
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Beaver Falls	Pennsylvania
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Lenoir	North Carolina
Ku Klux Klan	Ku Klos Knights of the Ku Klux Klan	Monroe City	Indiana
Ku Klux Klan	Lone Wolf Brigade Knights - Knights of the Ku Klux Klan	Ronks	Pennsylvania
Ku Klux Klan	Lone Wolf Brigade Knights of the Ku Klux Klan	Livingston	Texas
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Woodstock	Georgia
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Bloomington	Illinois
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Kokomo	Indiana
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	New Smyrna Beach	Florida
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Friedens	Pennsylvania
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Dayton	Nevada
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Benson	North Carolina
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Burlington	North Carolina
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Roanoke Rapids	North Carolina
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Pelham	North Carolina
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Eden	North Carolina
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Cleveland	Ohio
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	New York City	New York
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Gettysburg	Rhode Island
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Silver City	New Mexico
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Laurens	South Carolina

Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Phoenix	Arizona
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Birmingham	Alabama
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Florence	Alabama
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Nashville	Tennessee
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Portsmouth	Virginia
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Arlington	Virginia
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Staunton	Virginia
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Woodward	Oklahoma
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Corbin City	New Jersey
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Rochester	New Hampshire
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Saint Louis	Missouri
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Glens Fork	Kentuck
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Dawson Springs	Kentuck
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Eckert	Colorado
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Baton Rouge	Louisiana
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Stratford	Connecticut
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Baltimore	Maryland
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	Fayetteville	Arkansas
Ku Klux Klan	Loyal White Knights of the Ku Klux Klan	California City	California
Ku Klux Klan	Militant Knights of the Ku Klux Klan	Boothbay Harbor	Maine
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Jackson	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Petal	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Star	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Pearl	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Meridian	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Philadelphia	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Bruce	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Shannon	Mississippi
Ku Klux Klan	Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan	Brookhaven	Mississippi
Ku Klux Klan	Mystic Knights Of The Ku Klux Klan	Dayton	Ohio
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Charlotte	North Carolina
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Abbeville	South Carolina
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Hurricane	West Virginia
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Branson	Missouri

Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Longview	Texas
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Scottsburg	Indiana
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Dallas	Texas
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Newnan	Georgia
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Durham	North Carolina
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Beal City	Michigan
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Dayton	Ohio
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Corbin	Kentuck
Ku Klux Klan	New Empire Knights of the Ku Klux Klan	Ames	Iowa
Ku Klux Klan	North Mississippi White Knights Of The Ku Klux Klan	Red Bay	Alabama
Ku Klux Klan	North Mississippi White Knights Of The Ku Klux Klan	Dumas	Mississippi
Ku Klux Klan	Order Of The Confederate Brotherhood Knights Of The Ku Klux Klan	California City	California
Ku Klux Klan	Original Knychtriders	Katy	Texas
Ku Klux Klan	Soldiers Of the Cross Training Institute	Harrison	Arkansas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Greenville	Texas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Lone Oak	Texas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Mt. Pleasant	Texas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Waco	Texas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Bryan	Texas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Houston	Texas
Ku Klux Klan	Traditionalist American Knights of the Ku Klux Klan	Potosi	Missouri
Ku Klux Klan	United Klans of America	Great Falls	Montana
Ku Klux Klan	United Klans of America	Ashland	Alabama
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	West College Corner	Indiana
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Fraser	Michigan
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Kansas City	Missouri
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Chicago	Illinois
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Spartanburg	South Carolina
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Rockledge	Georgia
Ku Klux Klan	United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Durham	North Carolina
Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	Omaha	Texas
Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	Abilene	Texas
Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	Beaumont	Texas
Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	Tulsa	Oklahoma

Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	New Braunfels	Texas
Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	Oklahoma City	Oklahoma
Ku Klux Klan	United White Knights of the Ku Klux Klan	Shawnee	Oklahoma
Ku Klux Klan	White Camelia Knights of the Ku Klux Klan	Cleveland	Texas
Ku Klux Klan	White Camelia Knights of the Ku Klux Klan	Pasadena	Texas
Neo-Confederate	Dixie Republic	Travelers Rest	South Carolina
Neo-Confederate	Flags Historics	Charleston	South Carolina
Neo-Confederate	Kingdom Treasure Ministries	Owasso	Oklahoma
Neo-Confederate	League of the South	Lexington	Kentuck
Neo-Confederate	League of the South	Archer	Florida
Neo-Confederate	League of the South	Statesboro	Georgia
Neo-Confederate	League of the South	Macon	Georgia
Neo-Confederate	League of the South	Bowdon	Georgia
Neo-Confederate	League of the South	Logansport	Louisiana
Neo-Confederate	League of the South	Scotts Valley	California
Neo-Confederate	League of the South	Clements	Maryland
Neo-Confederate	League of the South	LaPorte	Texas
Neo-Confederate	League of the South	Wilmington	North Carolina
Neo-Confederate	League of the South	Collinsville	Mississippi
Neo-Confederate	League of the South	Jacksonville	Florida
Neo-Confederate	League of the South	Weogufka	Alabama
Neo-Confederate	League of the South	West Plains	Missouri
Neo-Confederate	League of the South	Columbia	South Carolina
Neo-Confederate	League of the South	Killen	Alabama
Neo-Confederate	League of the South	Wetumpka	Alabama
Neo-Confederate	League of the South	Lobelville	Tennessee
Neo-Confederate	League of the South/Southern Culture Center	Abbeville	South Carolina
Neo-Confederate	Livin' the Legacy	Nashville	Indiana
Neo-Confederate	Mary Noel Kershaw Foundation	Lobelville	Tennessee
Neo-Confederate	Pace Confederate Depot	Baldwyn	Mississippi
Neo-Confederate	Southern National Congress	Campbellsville	Kentuck
Neo-Confederate	Southern National Congress	Wetumpka	Alabama
Neo-Confederate	Southern National Congress	West Plains	Missouri
Neo-Confederate	Southern National Congress	Lobelville	Tennessee

Neo-Confederate	Southern National Congress	Morganton	Georgia
Neo-Confederate	Southern National Congress	Bay Springs	Mississippi
Neo-Confederate	Southern National Congress	Rockwall	Texas
Neo-Confederate	Southern National Congress	Travelers Rest	South Carolina
Neo-Confederate	Southern National Congress	Jacksonville	Florida
Neo-Confederate	Southern National Congress	Alexandria	Virginia
Neo-Nazi	American Nazi Party	Westland	Michigan
Neo-Nazi	American Nazi Party	Rialto	California
Neo-Nazi	American Nazi Party	Cincinnati	Ohio
Neo-Nazi	American Nazi Party	Rockwall	Texas
Neo-Nazi	American Nazi Party	Powhatan	Virginia
Neo-Nazi	American Nazi Party	Central	Arizona
Neo-Nazi	American Nazi Party	Huntington	West Virginia
Neo-Nazi	Aryan Nationalist Alliance	Naperville	Illinois
Neo-Nazi	Aryan Nations	Moneta	Virginia
Neo-Nazi	Aryan Nations	Mercer	Wisconsin
Neo-Nazi	Aryan Nations	Bartow	Florida
Neo-Nazi	Aryan Nations	Boise	Idaho
Neo-Nazi	Aryan Nations	Milan	New Hampshire
Neo-Nazi	Aryan Nations	Seattle	Washington
Neo-Nazi	Aryan Nations	Norton	Vermont
Neo-Nazi	Aryan Nations	Danvers	Massachusetts
Neo-Nazi	Aryan Nations	North Bergen	New Jersey
Neo-Nazi	Aryan Nations	Midland Park	New Jersey
Neo-Nazi	Aryan Nations	Converse	Louisiana
Neo-Nazi	Battalion 14	Jackson	Michigan
Neo-Nazi	Christian Defense League	Mandeville	Louisiana
Neo-Nazi	Gallows Tree Wotansvolk Alliance	Grand Rapids	Michigan
Neo-Nazi	Heathens Motorcycle Club	Rome	Georgia
Neo-Nazi	Maryland National Socialist Party	Elkridge	Maryland
Neo-Nazi	National Alliance	Los Angeles	California
Neo-Nazi	National Alliance	Raleigh	North Carolina
Neo-Nazi	National Alliance	Hillsboro	West Virginia
Neo-Nazi	National Alliance	Las Vegas	Nevada

Neo-Nazi	National Alliance	Parma	Ohio
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Baltimore	Maryland
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	San Diego	California
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Dawson Springs	Louisiana
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Cincinnati	Ohio
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Tulsa	Oklahoma
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Lobelville	Tennessee
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Weslaco	Texas
Neo-Nazi	National Socialist Freedom Movement	Phoenix	Arizona
Neo-Nazi	National Socialist German Workers Party	Lincoln	Nebraska
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Saint Cloud	Florida
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Wildwood	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Charlotte	North Carolina
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Holland Township	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	North Georgia	Georgia
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Savannah	Georgia
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Newark	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	TAYLORSVILLE	Mississippi
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Charleston	South Carolina
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Browns Mills	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Vancouver	Washington
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Iowa City	Iowa
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Springfield	Missouri
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Clifton	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Russellville	Arkansas
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Valhalla	New York
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Salt Lake City	Utah
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Hayden Lake	Idaho
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Bayonne	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Wilmington	Delaware
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Higley	Arizona
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Mobile City	Alabama
Neo-Nazi	National Socialist Movement	New Jersey	New Jersey
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Omaha	Nebraska

Neo-Nazi	National Socialist Movement	Myrtle Beach	South Carolina
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Tucson	Arizona
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Tampa Bay	Florida
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Central Tennessee	Tennessee
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Helena	Montana
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Chicago	Illinois
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Lansing	Kansas
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Newport	Vermont
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Mack	Ohio
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Powhatan	Virginia
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Laramie	Wyoming
Neo-Nazi	National Socialist Movement	New Berlin	Wisconsin
Neo-Nazi	National Socialist Movement	San Diego	California
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Fresno	California
Neo-Nazi	National Socialist Movement	San Diego	California
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Detroit	Michigan
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Wakarusa	Indiana
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Milford	Connecticut
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Delta	Colorado
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Rockwall	Texas
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Louisville	Kentuck
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Baton Rouge	Louisiana
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Gettysburg	Rhode Island
Neo-Nazi	National Socialist Movement	Portland	Oregon
Neo-Nazi	National Socialist Movement	East Pennsylvania	Pennsylvania
Neo-Nazi	Nationalist Coalition	St. Petersburg	Florida
Neo-Nazi	New Order	Milwaukee	Wisconsin
Neo-Nazi	NS Publications	Wyandotte	Michigan
Neo-Nazi	PzG Inc.	Rapid City	South Dakota
Neo-Nazi	Revolutionary Order of the Aryan Republic	Chattanooga	Tennessee
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Crestline	Ohio
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Phoenix	Arizona
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Brighton	Illinois
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Park Hills	Missouri

Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Scranton	Pennsylvania
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Oklahoma City	Oklahoma
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Milwaukee	Wisconsin
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Central City	Louisiana
Neo-Nazi	Sadistic Souls Motorcycle Club	Duchesne	Utah
Neo-Nazi	Sons of Aesir Motorcycle Club	Sierra Vista	Arizona
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Draper	Utah
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Clovis	California
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Weslaco	Texas
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Philadelphia	Pennsylvania
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Powhatan	Virginia
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Russellville	Arkansas
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Laurens	South Carolina
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Libby	Montana
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Charlotte	North Carolina
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Mountain City	Tennessee
Neo-Nazi	The Creativity Alliance	Huntington	West Virginia
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Loveland	Colorado
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Covington	Ohio
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Fayetteville	Arkansas
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Mt. Vernon	Texas
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Mobile City	Alabama
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Kansas City	Missouri
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Seattle	Washington
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Zion	Illinois
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Mountain	Wisconsin
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Palm Bay	Florida
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Phoenix	Arizona
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Stratford	Connecticut
Neo-Nazi	The Creativity Movement	Billings	Montana
Neo-Nazi	The Forssaken Motorcycle Club	Center Ridge	Arkansas
Neo-Nazi	Third Reich Books	Lincoln	Nebraska
Neo-Nazi	White Aryan Resistance	Warsaw	Indiana
Racist Music	Desastrious Records	Springtown	Texas

Racist Music	Get Some 88	Castaic	California
Racist Music	Heritage Connection	Harrison	Arkansas
Racist Music	ISD Records	Lancaster	Ohio
Racist Music	Label 56	Baltimore	Maryland
Racist Music	Micetrap Distribution	Maple Shade	New Jersey
Racist Music	MSR Productions	Wheat Ridge	Colorado
Racist Music	Poker Face	Allentown	Pennsylvania
Racist Music	Tightrope	Calico Rock	Arkansas
Racist Skinhead	AC Skins	Mays Landing	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Woodbine	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Wildwood	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Little Egg Harbor City	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Marmora	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Somers Point	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Atlantic City	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Brigantine	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Absecon	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Galloway	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Pine Hill	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Marlton	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Browns Mills	New Jersey
Racist Skinhead	AC Skins	Brick	New Jersey
Racist Skinhead	American Front	Roselle	New Jersey
Racist Skinhead	American Front	Hackensack	New Jersey
Racist Skinhead	American Front	Lynn Haven	Florida
Racist Skinhead	American Front	St. Cloud	Florida
Racist Skinhead	American Front	Sacramento	California
Racist Skinhead	American Front	Haledon	New Jersey
Racist Skinhead	Aryan Strikeforce	Cohoes	New York
Racist Skinhead	Aryan Strikeforce	Hollyglen Cincinnati	Ohio
Racist Skinhead	Aryan Strikeforce	Iowa City	Iowa
Racist Skinhead	Aryan Strikeforce	Saint Cloud	Florida
Racist Skinhead	Aryan Strikeforce	Yucca Valley	California
Racist Skinhead	Aryan Strikeforce	Gettysburg	Pennsylvania

Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Miramar	Florida
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Florence	Ohio
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Omaha	Nebraska
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Saint Louis	Missouri
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Dayton	Nevada
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Corvallis	Oregon
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Kuttawa	Kentuck
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Lancaster	Pennsylvania
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Arlington	Virginia
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Worcester	Massachusetts
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Wildwood	New Jersey
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	New York City	New York
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	California City	California
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Hillsboro	West Virginia
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Russellville	Arkansas
Racist Skinhead	Aryan Terror Brigade	Baton Rouge	Louisiana
Racist Skinhead	Bergen County Hooligans	Brooklyn	New York
Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.	Altoona	Pennsylvania
Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.	Littleton	Colorado
Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.	Richardson	Texas
Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.	Salem	Ohio
Racist Skinhead	Blood and Honour U.S.A.	Fords	New Jersey
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Richmond	Virginia
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Huntsville	Alabama
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Columbia	South Carolina
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Woodstock	Georgia
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Elgin	South Carolina
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Orlando	Florida
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Ocala	Florida
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Jacksonville	Florida
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Tampa	Florida
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Charlotte	North Carolina
Racist Skinhead	Confederate Hammerskins	Nashville	Tennessee
Racist Skinhead	Crew 38	Bay Springs	Mississippi

Racist Skinhead	Crew 38	Baltimore	Maryland
Racist Skinhead	Crew 38	Lakeland	Florida
Racist Skinhead	Crew 38	Linden	Tennessee
Racist Skinhead	Crew 38	Detroit	Michigan
Racist Skinhead	Crew 38	Wichita	Kansas
Racist Skinhead	Crew 38	Chicago	Illinois
Racist Skinhead	Crew 38	Seattle	Washington
Racist Skinhead	Crew 38	Huntsville	Alabama
Racist Skinhead	Crew 38	San Diego	California
Racist Skinhead	Crew 38	Hayden Lake	Idaho
Racist Skinhead	Crew 38	Madbury	New Hampshire
Racist Skinhead	Crew38	Lewiston	Maine
Racist Skinhead	Die Auserwählten	Spartanburg	South Carolina
Racist Skinhead	Die Auserwählten	Gettysburg	Pennsylvania
Racist Skinhead	Die Auserwählten	Delta	Colorado
Racist Skinhead	Die Auserwählten	Pride	Louisiana
Racist Skinhead	Die Auserwählten	Pleasanton	Nebraska
Racist Skinhead	Die Auserwählten	San Diego	California
Racist Skinhead	Die Auserwählten	Salt Lake City	Utah
Racist Skinhead	Eastern Hammerskins	Allentown	Pennsylvania
Racist Skinhead	Eastern Hammerskins	Baltimore	Maryland
Racist Skinhead	Golden State Solidarity	Oakland	California
Racist Skinhead	Hated and Proud Skins	Chicago	Illinois
Racist Skinhead	Keystone State Skinheads	Harrisburg	Pennsylvania
Racist Skinhead	Keystone State Skinheads	Philadelphia	Pennsylvania
Racist Skinhead	Lone Star United	Fort Worth	Texas
Racist Skinhead	Lone Star United	Dallas	Texas
Racist Skinhead	Lone Star United	Houston	Texas
Racist Skinhead	Maryland State Skinheads	Baltimore	Maryland
Racist Skinhead	Midland Hammerskins	Tulsa	Oklahoma
Racist Skinhead	Midland Hammerskins	Wichita	Kansas
Racist Skinhead	Midland Hammerskins	Kansas City	Missouri
Racist Skinhead	Northern Hammerskins	Detroit	Michigan
Racist Skinhead	Northern Hammerskins	Chicago	Illinois

Racist Skinhead	Northwest Hammerskins	Hayden Lake	Idaho
Racist Skinhead	Northwest Hammerskins	Seattle	Washington
Racist Skinhead	Old Glory Skinheads	Mandan	North Carolina
Racist Skinhead	Orange County Skins	Fresno	California
Racist Skinhead	Sacto Skinheads	Sacramento	California
Racist Skinhead	Supreme White Alliance	Kansas City	Missouri
Racist Skinhead	Supreme White Alliance	Farmington	New Mexico
Racist Skinhead	Supreme White Alliance	Warren	Ohio
Racist Skinhead	The Hated	Toms River	New Jersey
Racist Skinhead	United Society of Aryan Skinheads	San Diego	California
Racist Skinhead	Vinlanders Alaska	Anchorage	Alaska
Racist Skinhead	Vinlanders Arizona	MesA	Arizona
Racist Skinhead	Vinlanders Indiana	Knightstown	Indiana
Racist Skinhead	Vinlanders New Jersey	Pt. Pleasant Beach	New Jersey
Racist Skinhead	Vinlanders New Jersey	Cherry Hill	New Jersey
Racist Skinhead	Vinlanders Ohio	Cleveland	Ohio
Racist Skinhead	Vinlanders Pennsylvania	Gettysburg	Pennsylvania
Racist Skinhead	Vinlanders Texas	Arlington	Texas
Racist Skinhead	Western Hammerskins	San Diego	California
Racist Skinhead	Western Hammerskins	Menifee	California
White Nationalist	Advanced White Society	Birmingham	New Jersey
White Nationalist	Alternative Right	Whitefish	Montana
White Nationalist	American Freedom Party	Jacksonville	Florida
White Nationalist	American Freedom Party	Las Vegas	Nevada
White Nationalist	American Freedom Party	Granbury	Texas
White Nationalist	American Freedom Party	Statewide	Wisconsin
White Nationalist	American Freedom Party	Los Angeles	California
White Nationalist	American Freedom Party	Maidsville	West Virginia
White Nationalist	American Freedom Party	New York	New York
White Nationalist	American Freedom Party	Lakewood Ranch	Florida
White Nationalist	American Freedom Party	Grand Forks	North Dakota
White Nationalist	American Nationalist Association	Porterville	California
White Nationalist	American Nationalist Union	Las Vegas	Nevada
White Nationalist	American Renaissance	Arlington	Virginia

White Nationalist	American Renaissance/New Century Foundation	Oakton	Virginia
White Nationalist	Aryan Wear	Keller	Texas
White Nationalist	Atlanta Area White Student Union	Atlanta	Georgia
White Nationalist	Barnes Review/Foundation for Economic Liberty, Inc.	Washington	District of Columbia
White Nationalist	Bob's Underground Graduate Seminar/BUGS	Columbia	South Carolina
White Nationalist	CAROLYNYEAGER	Kerrville	Texas
White Nationalist	Caucasian Persuasion	New York	New York
White Nationalist	Christian Exodus	Anderson	South Carolina
White Nationalist	Christian Exodus I	Loveland	Colorado
White Nationalist	Confederate Patriot Voters United	Baldwyn	Mississippi
White Nationalist	Council for Social and Economic Studies	Washington, D. C.	District of Columbia
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Cape May	New Jersey
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Grandbury	Texas
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	San Francisco	California
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Saint Louis	Missouri
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Saint Louis	Missouri
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Silver Spring	Maryland
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Shreveport	Louisiana
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Beverly Hills	Florida
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Saint Louis	Missouri
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Cincinnati	Ohio
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Jasper	Alabama
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Cullman	Alabama
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Florence	Alabama
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Clemmons	North Carolina
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Raleigh	North Carolina
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Birmingham	Alabama
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Springboro	Ohio
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Montgomery	Alabama
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Memphis	Tennessee
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Franklin	Tennessee
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Revere	Pennsylvania
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Knoxville/Chattanooga	Tennessee
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	East Georgia	Georgia

White Nationalist	Council of Conservative Citizens	New York	New York
White Nationalist	Council of Conservative Citizens	Parishville	New York
White Nationalist	Counter-Currents Publishing	San Francisco	California
White Nationalist	Crescenta Valley European American Society	La Crescenta	California
White Nationalist	Crescenta Valley European American Society and PLE	Los Angeles	California
White Nationalist	European American Action Coalition	Pittston	Pennsylvania
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Thibodaux	Louisiana
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Mandeville	Louisiana
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Richmond	Virginia
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Ripley	Mississippi
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Cleveland	Ohio
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Columbia	South Carolina
White Nationalist	European-American unity and Rights Organization	Columbus	Georgia
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Jacksonville	Florida
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Woodruff	South Carolina
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Savannah	Georgia
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Tulsa	Oklahoma
White Nationalist	European-American Unity and Rights Organization	Dallas/Fort Worth	Texas
White Nationalist	Faith and Heritage	Dallas	Texas
White Nationalist	Family Home Northwest	Payette	Idaho
White Nationalist	Fitzgerald Griffin Foundation	Vienna	Va
White Nationalist	Free America Rally	Charleston	West Virginia
White Nationalist	Free America Rally	Seattle	Washington
White Nationalist	Free America Rally	Gettysburg	Pennsylvania
White Nationalist	Free America Rally	Yucca Valley	California
White Nationalist	Free American	Tucson	Arizona
White Nationalist	Free Edgar Steele	Sagle	Idaho
White Nationalist	Golden Dawn	Astoria	New York
White Nationalist	Golden Dawn	Los Angeles	California
White Nationalist	H.L. Mencken Club	Elizabethtown	Pennsylvania
White Nationalist	Heritage and Destiny	Falls Church	Virginia
White Nationalist	Holy Nation of Odin	Kingsburg	California
White Nationalist	IDENTITY EVROPA	Oakdale	California
White Nationalist	Kinist Instituto	Valdosta	Florida

White Nationalist	Malevolent Freedom	Lowell	Massachusetts
White Nationalist	Middle American News	Raleigh	North Carolina
White Nationalist	NAAWP Florida Chapter Inc.	Jacksonville	Florida
White Nationalist	National Policy Institute	Whitefish	Montana
White Nationalist	National Vanguard	Charlottesville	Virginia
White Nationalist	Nationalist Movement	Learned	Mississippi
White Nationalist	Nationalist Socialist Aryan Workers Party	Albany	New York
White Nationalist	New Century Productions - A Conversation About Race	Littleton	Colorado
White Nationalist	Northwest Front	Seattle	Washington
White Nationalist	NPI TV	Brooklyn	New York
White Nationalist	Occidental Dissent	Birmingham	Alabama
White Nationalist	Occidental Quarterly/Charles Martel Society	Atlanta	Georgia
White Nationalist	Pacifica Forum	Eugene	Oregon
White Nationalist	Patriotic Flags	Summerville	South Carolina
White Nationalist	Pioneer Fund	New York	New York
White Nationalist	Pioneer Little Europe Kalispell Montana	Kalispell	Montana
White Nationalist	Protestant White Nationalist Party of Kentucky/Uncreated Light	Louisville	Kentuck
White Nationalist	Racial Nationalist Party of America	Lockport	New York
White Nationalist	Red October	Chicago	Illinois
White Nationalist	Red October	Boston	Massachusetts
White Nationalist	Red October	Albany	Oregon
White Nationalist	Red October	New York City	New York
White Nationalist	Red October	Converse	Louisiana
White Nationalist	Red October	California City	California
White Nationalist	Red October	Henderson	Kentuck
White Nationalist	Red October	Tempe	Arizona
White Nationalist	Red October	Milford	Connecticut
White Nationalist	Red October	Hamilton	Ohio
White Nationalist	Scott-Townsend Publishers	Washington, D. C.	District of Columbia
White Nationalist	South Africa Project	Mandeville	Louisiana
White Nationalist	Southern European Aryans League Army	Muncie	Indiana
White Nationalist	Stormfront	West Palm Beach	Florida
White Nationalist	The Advanced White Society	Birmingham	New Jersey
White Nationalist	The Fitzgerald Griffin Foundation	Vienna	Virginia

White Nationalist	The Kinist Institute	Orlando	Florida
White Nationalist	The Political Cesspool	Bartlett	Tennessee
White Nationalist	The White Network	Kerrville	Texas
White Nationalist	Traditionalist Youth Network	Towson	Maryland
White Nationalist	Traditionalist Youth Network at Indiana University	Bloomington	Indiana
White Nationalist	Tribal Theocrat Tribal Theocrat	Charlotte	North Carolina
White Nationalist	VDARE Foundation	Warrenton	Virginia
White Nationalist	Vigrid USA	Charleston	South Carolina
White Nationalist	Voice of Reason Broadcast Network	Pasadena	California
White Nationalist	Washington Summit Publishers	Whitefish	Montana
White Nationalist	White Rabbit Radio	Dearborn Heights	Michigan
White Nationalist	White Student Union	Baltimore	Maryland
White Nationalist	White Student Union of Tarrant County	North Richland Hills	Texas
White Nationalist	Wolves of Vinland	Cheyenne	Wyoming
White Nationalist	World View Foundations	Porterville	California
White Nationalist	WTM Enterprises	Roanoke	Indiana

ANEXO II

Textos fundadores de David Lane

A - 14 Palavras:

A.1 “Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas!”

A.2 "Porque a beleza da mulher Branca Ariana não deve desaparecer da Terra"

(David Lane)

B- 14 Por quês:

As imagens que lutamos para preservar...
Criança Feita de luz,
você é meu povo, no corpo, na alma e mente;
Uma chamada do espírito de dentro,
Devemos preservar sua espécie.

1. Por que somos chamados "inimigos" quando nossa causa é a preservação da beleza de nossos filhos?

2. Por que é que a mídia chama de 92% da população do planeta, que não é branco, "minorias?"

3. Por que é mal para falar com orgulho da nossa própria raça branca, quando todas as outras raças são encorajadas a fazê-lo?

4. Por que a mídia repudiar o fato historicamente comprovado que a integração racial é um genocídio cultural e biológico?

5. Por que a América nega as enormes diferenças de civilização entre a África, China e Europa?

6. Por que todos os principais líderes cristãos, de Billy Graham ao Papa, promovem o genocídio da raça branca, incentivando o casamento interracial?

7. Por que um ato de autodefesa por um homem branco é processado como um "crime de ódio?"

8. Por que o próprio nome da nossa raça, ariana, condenada como "Branca Supremacista?"

9. Por que toda a história está sendo reescrita para obscurecer e denegrir o gênio e realizações da raça branca?

10. Por que apenas as pessoas brancas, ao contrário de outras raças, negaram uma pátria branca?

11. Por que as igrejas cristãs promovem a adoção de crianças coloridas de todo o mundo por famílias brancas, quando sabem que o resultado é genocídio da raça branca?

12. Por que todo o entretenimento, de filmes e revistas de esportes, promove a miscigenação, fazendo como heróis homens de outras raças para nossas mulheres e crianças?

13. Por que o governo dos EUA avança com genocídio Branco através da propaganda forçada na educação de nossos filhos na escola?

14. Por que não estamos informados de que menos de 2% da população da Terra é jovem do sexo feminino, branca? Como o futuro de nossa raça é no ventre de nossas mulheres, a raça branca está à beira da extinção.

C - Os 88 PRECEITOS

1. Qualquer religião ou doutrina, que nega as leis naturais do Universo é falsa.
2. A percepção das pessoas que quer que seja de Deus ou deuses, ou a força motriz do Universo poderia ser, dificilmente podem negar que as leis da Natureza são obra de e, portanto, a intenção de, dessa força.
3. Deus e religião são distintos, separados e, muitas vezes conceitos divergentes. Natureza evidências de que o plano divino, para o mundo natural é o trabalho da força ou a inteligência os homens chamam de Deus. Religião é a criação dos mortais, portanto, predestinada à falibilidade. A religião pode preservar ou destruir um povo, dependendo da estrutura dada por seus progenitores, os motivos dos seus agentes e os caprichos das circunstâncias históricas.
4. A verdadeira forma de oração é a comunhão com a Natureza. Não é vocal. Vá para um local solitário, se possível, uma montanha de topo, numa noite clara estrela iluminada, ponderar a majestade e a ordem do macrocosmo infinito. Então, considere a complexidade do microcosmo igualmente infinito.
Entenda que você está na mão de um inconseqüente além da compreensão da dimensão das coisas, e por outro lado, você está potencialmente valioso para além da compreensão como um elo na cadeia do destino. Lá você começar a entender como o orgulho e a auto pode co-existir com respeito e reverência. Lá encontramos a harmonia com a Natureza e com harmonia, paz, força e certeza.
5. sistemas de poder secular proteger e promover as religiões, que se concentram em uma vida futura. Assim, as pessoas são ensinadas a abandonar as defesas contra os predadores da vida.
6. A história, tanto seculares e religiosos, é uma fábula concebida em engano auto-serviço e promulgada por aqueles que percebem os benefícios.
7. A religião na sua forma mais benéfica é a simbologia de um povo e sua cultura. Uma religião multi-racial destrói os sentidos da singularidade, exclusividade e valor necessário para a sobrevivência de uma raça.
8. O que os homens chamam de "super natural" é realmente o "natural" ainda não compreendido ou revelada.
9. A proliferação de leis com a conseqüente perda da liberdade é um sinal de, e diretamente proporcional, a doença espiritual em uma Nação.
10. Se uma nação é desprovido de saúde espiritual e moral, então o governo e os homens sem escrúpulos irá preencher a vaga. Assim, prospera a liberdade dos valores morais e da tirania prospera em decadência moral.
11. Verdade requer pouca explicação. Portanto, cuidado com as doutrinas detalhado. Os grandes princípios são revelados em breve.

12. A verdade não teme a investigação.

13. crença infundada é uma armadilha. Um povo que não se verifique a validade e a eficácia de suas crenças com a razão vai sofrer ou perecer.

14. De acordo com as Leis da Natureza, nada é mais certo que a preservação da nossa própria raça.

15. Não existe maior força motivadora que existe a convicção de alguns que é um direito.

16. O discernimento é um sinal de um povo saudável. Em um doente ou morrendo nação, civilização, cultura ou raça, a substância é abandonada em favor da aparência.

17. Discernimento inclui a capacidade de reconhecer a diferença entre a crença e a realidade demonstrável.

18. Não existe essa coisa de direitos ou privilégios de acordo com as leis da Natureza. O veado sendo perseguido por um leão faminto não tem direito à vida. No entanto, ele pode comprar a vida pela obediência à natureza, ordenado instintos de vigilância e de vôo. Da mesma forma, os homens não têm direito à vida, liberdade ou felicidade. Essas circunstâncias podem ser adquiridas por si mesmo, por uma família, por uma tribo ou de seus ancestrais, mas são, contudo, as compras e não direitos. Além disso, o valor das compras só podem ser mantidos através da vigilância e obediência à Lei Natural.

19. Um povo que não estão convencidos da sua singularidade e valor perecerá.

20. A raça branca tem sofrido invasões e brutalidade da África e da Ásia há milhares de anos. Por exemplo, Átila e os Hunos asiáticos que invadiram a Europa no século 5, estuprando, saqueando e matando desde os Alpes até o Mar Báltico e do Mar Cáspio

Este cenário foi repetido pelos mongóis de Jingles Khan 800 anos mais tarde. (Note aqui que os índios americanos não são "americanos nativos", mas são racialmente mongóis.) No século 8, centenas de anos antes que os negros foram trazidos para a América, os mouros do Norte Africano de origem racial mista invadiu e conquistou a Portugal, Espanha e parte da França. Assim, a tentativa de culpa viagem colocado na corrida Branco pelos executores da civilização não é válido em ambas as circunstâncias históricas e da Lei Natural, que nega a compaixão inter-espécies. O fato é que todas as raças têm se beneficiado imensamente do gênio criativo do povo ariano.

21. Pessoas que não permitem que outros de sua raça para viver entre eles perecerão, porque o resultado inevitável de uma integração racial é racial inter-reprodutores que destrói as características e a existência de uma raça. integração forçada é um genocídio deliberada e maliciosa, em especial para um povo como a raça branca, que são uma pequena minoria no mundo.

22. Em última análise, uma raça ou espécie não é julgado superior ou inferior por suas realizações, mas por sua vontade e capacidade de sobreviver.

23. Política, econômica e sistemas religiosos podem ser destruídos e ressuscitado por homens, mas a morte de uma corrida é eterno.

24. Nenhuma raça de pessoas podem continuar indefinidamente a sua existência sem os imperativos territoriais nas quais se propagar, proteger e promover a sua própria espécie.

25. Um povo sem cultura exclusivamente seus próprios perecerá.

26. A natureza apresenta uma certa antipatia entre as raças e espécies para preservar a individualidade e a existência de cada um. Violação da imperativo territorial necessário para preservar a antipatia que leva ao conflito ou mestiçagem.

27. Não é construtivo para o ódio das outras raças, ou mesmo aqueles de raças misturadas. Mas a separação deve ser mantida para a sobrevivência de uma raça em particular. É preciso, no entanto, o ódio com ódio puro e perfeito, as de sua própria raça que cometem traição contra a sua própria espécie e contra as nações da nossa própria espécie. Deve-ódio com ódio perfeito todas as pessoas ou as práticas que destroem Pessoas de alguém, é uma cultura, ou a exclusividade racial de um imperativo territorial.

28. O conceito de uma sociedade multi-racial viola todas as leis naturais para a preservação das espécies.

29. O conceito de "igualdade" é declarada uma mentira por todos os elementos da Natureza. É uma busca pelo menor denominador comum, e sua busca irá destruir todos os superiores a raça, nação ou cultura. Para que um arado cavalo para correr tão rápido como um cavalo de corrida que você primeiro teria que paralisar a corrida de cavalos, inversamente, para uma corrida de cavalos para puxar tanto como um arado a cavalo, você primeiro teria que paralisar o arado a cavalo . Em ambos os casos, a busca da igualdade é a destruição de excelência.

30. Os instintos de preservação racial e as espécies são ordenados pela natureza.

31. Os instintos são o mecanismo perfeito da natureza para a sobrevivência de cada raça e espécie. A fraqueza humana de racionalizar situações de auto-gratificação não deve ser permitido que interfiram com estes instintos.

32. A mestiçagem, que é mistura de raças, é e sempre foi, a maior ameaça para a sobrevivência da raça ariana.

33. compaixão inter-espécies é contrária às Leis da Natureza e é, portanto, suicida. Se um lobo foram interceder para salvar um cordeiro de um leão, ele seria morto. Hoje, vemos o homem branco tributados tão fortemente que ele não pode pagar as crianças. Os impostos criados são então utilizados para apoiar a criação de dezenas de milhões de não-brancos, muitos dos quais, em seguida, procura as fêmeas para reprodução última Branco parceiros. Como você pode ver, o homem está sujeito a todas as Leis da Natureza. Isto não tem nada a ver com a moralidade, o ódio, bem ou mal. A natureza não reconhecer os conceitos de bom relacionamento e do mal no inter-espécies. Se o leão come o cordeiro, que é bom para o leão e do mal para o cordeiro. Se os escapes cordeiro e o leão morre de fome, é bom para o cordeiro

e do mal para o leão. Assim, vemos o mesmo incidente é marcado o bem e o mal. Isso não pode ser, pois não há contradições dentro das leis da Natureza.

34. O instinto de união sexual é parte do mecanismo perfeito da natureza para a preservação das espécies. Começa cedo na vida e muitas vezes continua até tarde na vida. Não deve ser reprimido, o seu objetivo, a reprodução, não deve ser contrariado quer. Compreender que há milhares de anos nossos fêmeas tiveram filhos em tenra idade. Agora, em uma tentativa de conformar a competir em uma cultura estranha, eles negam seus instintos ordenou-Natureza e deveres. Ensine a responsabilidade, mas, também, ter compreensão. A vida de uma raça de brota do ventre de suas mulheres. Aquele que juiz deve primeiro entender a diferença entre o que é bom e o que é certo.

35. A homossexualidade é um crime contra a Natureza. Toda a natureza declara a finalidade do instinto para a união sexual é a reprodução e, portanto, a preservação da espécie. O desejo sexual irresistível do sexo masculino devem ser canalizados para a posse das fêmeas da mesma raça, assim como elementos como território e poder, que são necessários para mantê-los.

36. pornografia degrada a natureza sexual de todos os que estão envolvidos. Uma bela mulher nua é uma arte, uma câmara entre os joelhos para explorar suas partes íntimas é pornografia.

37. Essa corrida cujos machos não vai lutar até a morte para manter e acasalar com as fêmeas perecerá. Qualquer homem branco com os instintos saudáveis sente nojo e repulsa quando ele vê uma mulher de sua raça, com um homem de outra raça. Aqueles que hoje controlam a mídia e assuntos do mundo ocidental, ensinam que isso é errado e vergonhoso. Eles rotulam de "racismo". Como qualquer "ismo", por exemplo, a palavra "nacionalismo", meios para promover sua própria nação; "racismo" significa apenas para promover e proteger a vida do próprio

corrida. É, talvez, a palavra orgulho na existência. Qualquer homem que desobedece a esses instintos é anti-Natureza.

38. Em doentes e moribundos nação, raça, cultura ou civilização, a dissidência política e dos valores tradicionais serão rotulados e perseguidos como crimes hediondos pelos inquisidores roupas próprias de patriotismo xenófobo.

39. Um povo que são ignorantes do passado contaminem o presente e destruirá o futuro.

40. A raça tem a honra acima de todas as coisas terrenas, aqueles que deram suas vidas e liberdade para a preservação do folclore.

41. O povo, ou seja, os membros da raça, são a Nação. lealdades Racial deve sempre superar as fronteiras geográficas e nacionais. Se isso é ensinado e compreendido, ele vai acabar com as guerras fratricidas. As guerras não devem ser combatidas para o benefício de outra raça.

42. A Organização das Nações "os líderes não são governantes, são servos e

guardiões. Eles não estão a servir para fins pessoais. Escolha apenas um guardião que não tem interesse na acumulação de coisas materiais.

43. Escolher e julgar seus líderes, também chamados de tutores, assim: Aqueles que buscam sempre a limitar o poder do governo são de bom coração e consciência. Aqueles que procuram expandir o poder do governo são tiranos base.

44. Nenhum governo pode dar nada a ninguém sem antes levá-lo de outro. Governo é, por sua própria natureza, tendo legalizada. Uma quantidade limitada de governo é um ônus necessário para a defesa nacional e ordem interna. Tudo o mais é contra-produtiva para a liberdade.

45. A lei orgânica de fundação, ou seja, a Constituição de uma Nação, não deve ser alterada por qualquer outro método que o consentimento unânime de todos os participantes e com todas as partes presentes. Caso contrário, as portas estão abertas para o advento dessa forma mais perigosa e mortal do governo, a democracia.

46. Numa democracia, aqueles que controlam os meios de comunicação e, portanto, as mentes dos eleitores, têm o poder inimagináveis pelos reis ou ditadores.

47. A maneira mais simples para descrever uma democracia é essa: Três pessoas formam um governo, cada um com um voto. Em seguida, dois deles votação para roubar a riqueza do terceiro.

48. As últimas fases de uma democracia são preenchidos com as guerras no exterior, porque o sistema falido tenta preservar-se por pilhagem de outras nações.

49. Em uma democracia o que é legal é moral raramente, e o que é moral é muitas vezes ilegal.

50. A democracia é sempre seguido por um forte ... Alguns o chamam de ditador. É a única maneira de restaurar a ordem no caos provocado por uma democracia. Escolha o seu forte com sabedoria! Ele deve ser um guarda em seu coração. Ele deve ser alguém que tem demonstrado que seu único propósito na vida é a preservação do folclore. Seu objetivo final deve ser para restaurar o Estado de direito baseado nas leis perfeitas da Natureza. Não escolhê-lo pelas suas palavras. Escolha um que tenha de sacrificar tudo em face da tirania, escolher aquele que tem resistido e perseverou. Esta é a única prova fiável da sua dignidade e motivações.

51. Um sistema de energia vai fazer nada, não importa quão corrupto ou brutal, para se preservar.

52. Tirantias não pode ser encerrado sem o uso da força.

53. Aqueles que cometem traição disfarçar suas ações em proclamações de patriotismo.

54. Propaganda é um componente importante em todos os sistemas de energia, tanto secular como religioso, propaganda enganosa é um dos principais componentes dos

sistemas de poder sem escrúpulos. Todos os sistemas de energia esforçar para convencer seus súditos que o sistema é bom, justo, nobre e beneficente, bem como digno de perpetuação e defesa. A propaganda mais musicalmente emitida, as mais suspeitas devem ser de sua verdade.

55. O poder político, em última análise, é criado e mantido pela força.

56. Um sistema de poder, secular ou religiosa, que emprega as chamadas extensiva ao patriotismo ou exige detalhamento e da retórica para a sua preservação, é mascarar a tirania.

57. A propaganda é uma arma legítima e necessária em qualquer luta. Os elementos de propaganda bem-sucedida são: simplicidade, emoção, repetição, brevidade e. Além disso, desde que os homens acreditam no que querem acreditar, e desde que eles querem acreditar que eles percebem como benéficas para si, então a propaganda bem-sucedido deve apelar para a percepção auto-interesse daqueles a quem ela é disseminada.

58. Tirantias ensinar o que pensar, homens livres aprendem como pensar.

59. Cuidado com os homens que aumentar sua riqueza através da utilização de palavras. Particularmente cuidado com os advogados ou padres que negam a Lei Natural.

60. O patriota, sendo levados a masmorras da Inquisição ou machado do carrasco, será condenado a mais barulhenta por seus antigos amigos e aliados, porque assim eles procuram escapar do mesmo destino.

61. A Deusa da Paz doce só vive debaixo do braço protetor do Deus da Guerra pronto.

62. A lei orgânica de fundação de uma nação deve indicar com especificidade inconfundível e irrevogável a identidade do grupo homogêneo, racial cultural para cujo bem-estar que se formou, e que a existência da Nação é singular de todos os tempos para o bem-estar desse grupo específico apenas.

63. Que a raça ou cultura que permite que outros influenciar ou controlar qualquer um dos seguintes perecerá:

- 1) Os órgãos de informação
- 2) as instituições de ensino
- 3) as instituições religiosas
- 4) cargos políticos
- 5) criação de seu dinheiro
- 6) As instituições judiciais
- 7) as instituições culturais
- 8) a vida econômica

64. Apenas as Leis exigem pouca explicação. Seu significado é irrevogável na simplicidade e especificidade.

65. emoções dos homens são mexeu muito mais eficaz pela palavra falada do que

pela palavra escrita. É por isso que a tirania do governo vai reagir mais violentamente para encontros de dissidentes do que os livros ou panfletos.

66. A lei orgânica do fundador da Nação, ou qualquer lei, é exatamente como pertinentes como a vontade e o poder para impô-la.

67. Um povo desarmado ou não-militante serão escravizadas.

68. Alguns dizem que a caneta é mais poderosa que a espada. Talvez sim. No entanto, a palavra sem a espada não tem autoridade.

69. Tirantias são geralmente construídas passo a passo e disfarçado por uma retórica nobre.

70. A diferença entre um terrorista e um patriota é o controle da imprensa.

71. Os julgamentos dos responsáveis, os líderes devem ser verdadeiros a Lei Natural e temperada pela razão.

72. O materialismo é vil e destrutivo. Os guardiões de uma nação devem estar constantemente alertar e combater o espírito materialista da Nação. Aquisição da riqueza e da propriedade, como é necessário para o bem-estar de sua família e obtidas por meio honrado, é certo e apropriado. Exploração, nomeadamente através da usura, é destrutivo para a nação.

73. O materialismo leva os homens a buscar status artificial através da riqueza ou propriedade. Status social verdadeira vem de serviço para a Família, Raça e Nação.

74. O materialismo leva a um consumo conspícuo desnecessárias, que por sua vez, leva à violação da natureza e a destruição do meio ambiente. É antinatural. Os verdadeiros guardiões das Nações devem ser totalmente viciados pelo materialismo.

75. A função de um comerciante ou vendedor é fornecer um método de troca. Um comerciante que promove o consumo desnecessário e materialismo não deve ser tolerada.

76. As únicas funções legais de dinheiro são como um meio de troca e reserva de valor. Todos os outros usos, incluindo engenharia social, a especulação, a inflação e, especialmente, a usura são ilegais. Usura (juros) em qualquer percentual é um crime elevado que não pode ser tolerada.

77. Um país com uma aristocracia do dinheiro, os advogados ou os comerciantes se tornará uma tirania.

78. A maneira mais simples para descrever um sistema bancário baseado na usura central é esta: Os banqueiros exigem a propriedade da nação como garantia para seus empréstimos. Com juros, mais dinheiro é devido a eles que criaram com os empréstimos. Então, eventualmente, os banqueiros encerrar sobre a Nação.

79. Usura (juros), a inflação e a tributação opressiva são roubo pela decepção e destruir o tecido moral da Nação.

80. A riqueza adquirida sem sacrifícios ou trabalho honesto normalmente será utilizado indevidamente.

81. Nada na Natureza é estático, ou a força da vida cresce e se expande ou se decompõe e morre.

82. O respeito deve ser conquistado, não pode ser exigido ou assumido.

83. Evite um homem vexatória, por seu veneno será sua própria natureza.

84. Auto-disciplina é a marca de um homem superior.

85. Uma medida de um homem é alegria na adversidade.

86. Um tolo julga os outros por suas palavras. Um homem sábio julga outros por suas ações e realizações.

87. Em nossos relacionamentos e interações, como em todas as leis da natureza, para cada ação há uma reação. Aquilo que nós plantamos será colhido, se não por nós mesmos, então por outro.

88. Estes são sinais de certeza de uma nação doente ou morrendo. Se você vires qualquer um deles, seus guardiões estão cometendo traição:

- 1) Mistura e destruição da raça fundação
- 2) A destruição de unidades familiares
- 3) A tributação opressiva
- 4) A corrupção, da Lei
- 5) Terror e repressão contra aqueles que alertam para o erro da Nação
- 6) A imoralidade: drogas embriaguez, etc.
- 7) Infanticídio (agora chamado de aborto)
- 8) Destruição da moeda (inflação ou usura)
- 9) Estrangeiros na terra, a cultura alienígena
- 10) Materialismo)
- 11) As guerras no exterior
- 12) Responsáveis (líderes) que perseguem riquezas ou glória
- 13) Homossexualidade
- 14) Religião sem base em Lei Natural

Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas.

Porque a beleza da mulher Branca não deve desaparecer da terra.

D-14 Códigos da Ética Ariana

1. Honra há deuses, mas os de seu próprio povo, como deuses alienígenas destruí-lo.
2. As leis de a natureza evidenciar o plano divino, como o mundo natural é o trabalho de AllFather Odin.
3. Agir com nobreza e coragem, sempre considerando cuidadosamente as conseqüências de suas ações, como os efeitos de seus atos viverem depois que você passar de Midgard.
4. Viver dentro da realidade desta vida; não temas o seu destino, como o medo é para os tolos e covardes; Um homem valoroso corajosamente enfrenta o que os Norns decreto.
5. Ama, protege e reproduza e avance sua Folk, como instinto natural proíbe a miscigenação e autodestruição.
6. Seja honesto, ser disciplinado, ser produtivo e leal aos amigos, como o espírito ariano busca a excelência em todas as coisas.
7. Valorize sua história, patrimônio e identidade racial, como seus antepassados têm confiado cai com você, ele vai subir com você.
8. Honre a memória de seus amigos e parentes, especialmente aqueles que deram sua vida ou liberdade para o povo como a sua raça vivem através de seu sangue e sua vontade.
9. Respeitar a sabedoria de seus presbíteros, como a cada momento de suas vidas liga o passado infinito para o futuro infinito.
10. Honre seu companheiro, fornecer para seus filhos e levar nenhuma desavença com a família para sleoptime, como a família é o seu propósito e realização.
11. Que a tua palavra para um parente ser um laço de aço, como seu verdadeiro é a sua dignidade e força de caráter.
12. Seja astuto como uma raposa com inimigos e Niflinngs, como seu objetivo é a sua extinção, seus motivos são sempre prejudicial para o seu bem-estar e que do da Folk!
13. Seguro, defender e valorizar suas terras Othal, como territoriais exigências imperativas da natureza.
14. Viver em harmonia com a natureza e o Folk e não comprometer com o mal, como a sobrevivência racial é a sua luta perpétua.

* Resista e desafie sempre, o que você sabe ser errado e prejudicial para o bem-estar e progresso do nosso Folk nobre.

ANEXO III

Abertura da Exposição Hitlerista Milagre da Vida



Detalhe da Runa “protegendo” a “vida ariana”



ANEXO IV

Memorial Neonazista – Do site WAR (apenas uma parte)

Jean Margaret Craig

Born: January 20, 1933

Died: April 18, 2001

Rawlins Cemetery

Rawlins

Carbon County

Wyoming, USA

Plot: 4-F-18-7

Elden "Bud" Cutler

Born: August 19, 1925

Died: September 06, 2014

Michael Stanley "Mike" Norris

Birth: Dec. 9, 1959

Death: Mar. 12, 2005

Memory Hill Gardens

Tuscaloosa

Tuscaloosa County

Alabama, USA

William Potter Gale -Nov. 20, 1916-Apr. 28, 1988

Riverside National Cemetery

22495 Van Buren Blvd.

Riverside , CA 92518

Plot: 4, 1584L

Richard Girnt Butler - February 23, 1918-September 8, 2004

(Aryan Nations, Christian Identity)

Coeur D'Alene Memorial Cemetery

7315 North Government Way

Coeur D'Alene, ID 83815

George Washington Gordon - Oct. 5, 1836-Aug. 9, 1911

(Ku Klux Klan)

Elmwood Cemetery

824 S. Dudley Street

Memphis , TN 38104

Fowler Section, Lot 180

Timothy James McVeigh- Apr. 23, 1968-Jun. 11, 2001

Cremated, His ashes were released to one of his attorneys'
to be scattered in an undisclosed location according to his wishes.

Robert Jay Mathews- Jan. 16, 1953 – Dec. 8, 1984

(Odinist [Bruder Schweigen])

Cremated, Ashes Sprinkled beneath an Apple tree on his Property in Metaline Falls, Washington.

David Eden Lane –Nov. 2, 1938 – May 28, 2007

(Odinist [Bruder Schweigen])

Cremated, some ashes were sprinkled under the apple tree with his comrade
Bob Mathews in Metaline Falls, Washington. Some were sprinkled in The Elbe
River in Dresden Germany and some in Sweden. The rest were placed in 14
bronze pyramid Urns which were engraved and given to 14 White Nationalist Women.

George Lincoln Rockwell- March 9, 1918 - Aug.25, 1967

(National-Socialist)

Cremated, Ashes last known to be in custody of the New Order, commanded

by Matt Koehl. (www.theneworder.org -New Order P.O. Box 270486

Milwaukee , WI 53227)

Savitri Devi- Sept. 30, 1905 - Oct. 22, 1982

(Maximiani Portaz) (National-Socialist)

Cremated, Ashes last known to be in custody of the New Order,

commanded by Matt Koehl.(www.theneworder.org -New Order P.O. Box 270486

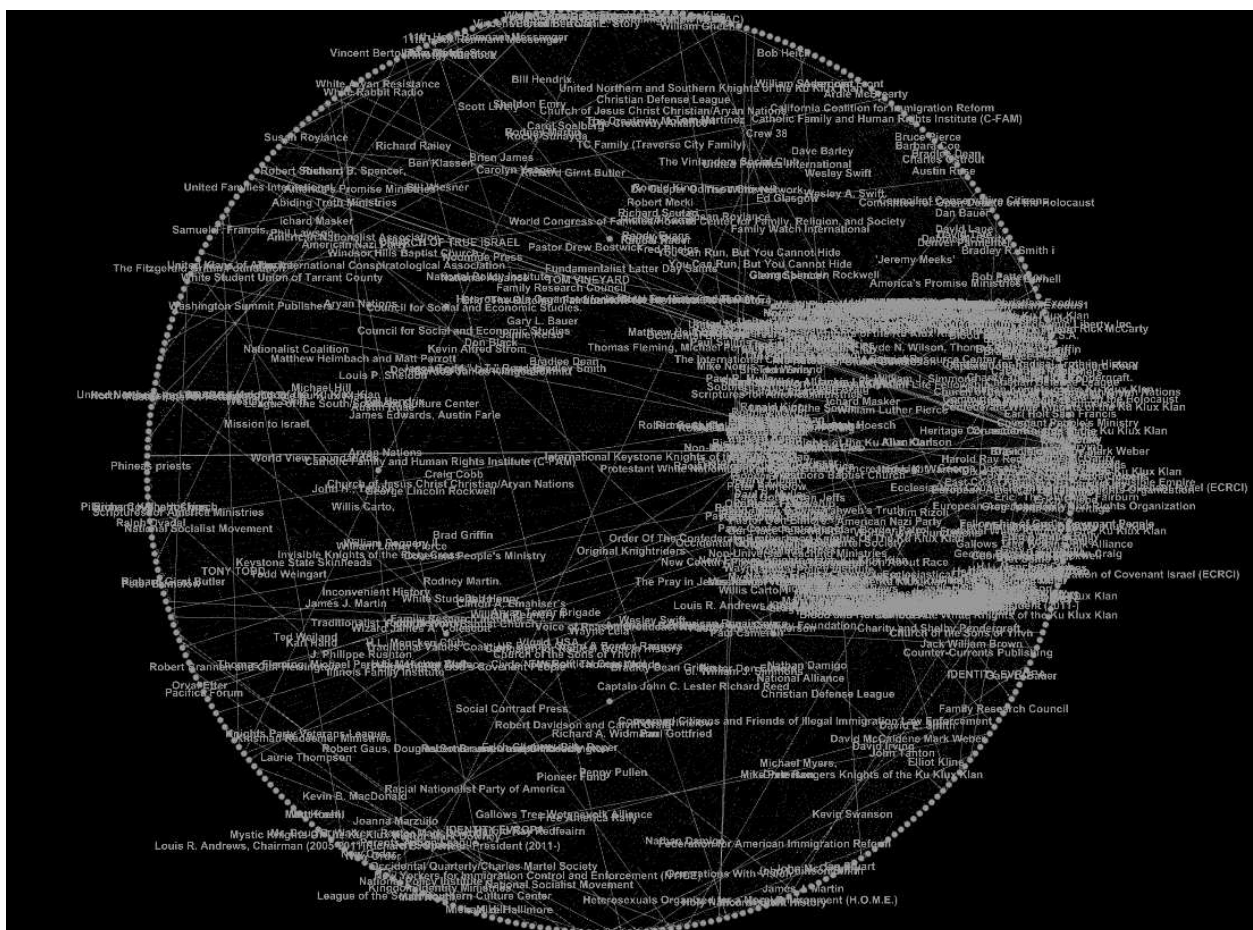
Milwaukee , WI 53227)

No site o memorial disponibiliza um calendário com as datas dos heróis e festas neonazistas. Um dos meses é aqui apresentado:

Do site WAR:

November 2018						
Sunday	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday
				1	2 David Lane – Nov. 2, 1938 – May 28, 2007	3 Geraldo's Nose Smashed 1988
4	5 Sam Bowers Klan Leader Died 2006	6 David Lane's Birthday	7 Burton Miller 1912	8	9 Byron de la Beckwith - Nov. 9, 1920 - Jan. 21, 2001	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20 David Lane 1938 William Gale Nov. 20, 1916- Apr. 28, 1988	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30 Lois Miller Birthday 1916	

ANEXO V

GRAFO DA REDE NEONAZI³⁰²

³⁰² Anexo ao texto vai o grafo digitalizado.

Former Butler associate, Klan leader remain at large

By Bill Martin

FOXY SMITH, Ark. — Two fugitives still were being sought late Friday on charges of plotting to overthrow the U.S. government as part of a race war.

Arkans. Nations leader Richard Butler was among the 11 white supremacy leaders indicted Friday. Butler, 49, surrendered to FBI agents about 2 p.m. in Coeur d'Alene after a warrant was issued for his arrest charging him with sedition conspiracy.

Leslie R. Bean, 21, Butler's one-time southeast and "Aryan ambassador-at-large," remained a fugitive late Friday. His last known address was in Dulles.

FBI agents also were seeking Irvin Ray Wade, 30, a Ku Klux Klan leader from Southville, Ark.

Agents would not say what they know of the fugitive whereabouts.

The indictment marked the first time that indictments charge — plotting the overthrow of the government — have been brought against the radical right. Earlier indictments have been against left-wing Puerto Rican nationalists.

Federal indictments returned in Fort Smith, Ark., led to the arrest of Butler in Idaho. He remains in the Kootenai County Jail.

It was the first time he has been arrested on federal charges since bringing his brand of neo-Nazi racism to North Idaho from California in the 1970s.

The charges were brought in Arkansas because several of the 110 alleged acts in the indictment conspiracy occurred there.

"These acts of criminal conduct — including burning robbery money and destruction of other records — occurred at the Aryan Nations compound, the indictment says. Still other 'overt acts' included in the conspiracy occurred in Washington and at least a dozen other states.

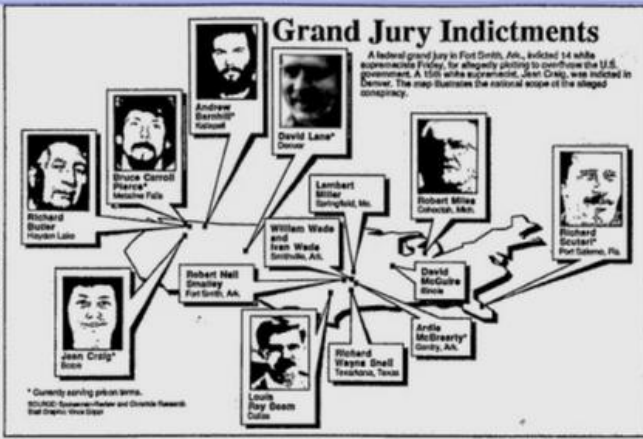
Federal authorities said the arrest record of indictments should serve to put a sizable dent in the violent, racist activities of the radical right.

"I think it will have a major impact," said Don Pettis, special agent in charge of the FBI in Arkansas.

"These indictments show that we will not tolerate suspect criminal activities by any group seeking to overthrow our system of government," U.S. Attorney General Edward Meehan III said in a statement released Friday.

Butler, however, said earlier this week he feared of white supremacy would not end with his arrest.

Fugitive Glenn Miller, a North Carolina white supremacist wanted in another case, was not among those indicted in Arkansas. Other



* Currently serving prison terms.
 1974-1975: Southern-Butler and Christian Research
 Staff Chicago, News Staff

Grand Jury Indictments

A federal grand jury in Fort Smith, Ark., indicted 14 white supremacists Friday, allegedly plotting to overthrow the U.S. government. A 11th white supremacist, Jean Craig, was indicted in Denver. The map illustrates the national scope of the staged conspiracy.

Miss, Bean, Pierce and Ladd at the Aryan World Congress.

James D. Ellison, Denver, Parliamentarian, Kenneth Joseph Laff and the late Robert Jay Matthews also attended that meeting, the indictment said.

Ellison, Parliamentarian and Laff are believed to be cooperating with the FBI investigation. They were not indicted.

"We wouldn't comment on who is cooperating or who any of our potential witnesses are," Pittsburgh said.

The indictment speaks of provision of Butler receiving any of the \$4 million stolen by members of The Order.

However, it says that on Feb. 28, 1983, Butler "caused certain documents to be removed from the files of (his) Church of Jesus Christ Christian and count them to be destroyed."

The indictment says that on that date, Donald Ray Sawyer, who was a member of The Order, burned \$13,000 in cash at the Aryan Nations compound.

It also says that in March 1983, Butler is named only in the petition count of the five-count federal indictment.

The federal prosecutor declined to elaborate when asked for other details about how the extensive conspiracy was planned at the 1983 Aryan gathering in North Idaho.

Court 3 alleges that Stewart and Barnhill transported more than \$5,000 in stolen money from Boise to Coeur d'Alene. Court 1 alleges that (Stewart) received more than \$5,000 in stolen money, transported from Washington to Arkansas in October 1982.

Courts 4 and 5 involve the alleged plot and attempt to kill Judge Walters and Koss.

It is charged that the attempt to kill the judge on Dec. 26, 1982, apparently was aborted when the would-be assassin was run off the road and they were stopped by a Fort Smith police officer.

In Denver, a one-count indictment was returned against four people, including three of the Arkansas defendants, in connection with the murder of Denver radio talk show host Alan Berg.

The four are Lane, Pierce, Stewart and Jean Margaret Craig. Craig is imprisoned in Pleasanton, Calif.

notable white supremacy leaders not indicted were Tom Metzger of California and William Pierce, still other "overt acts" included in the conspiracy occurred in Washington and at least a dozen other states.

Federal authorities said the arrest record of indictments should serve to put a sizable dent in the violent, racist activities of the radical right.

"I think it will have a major impact," said Don Pettis, special agent in charge of the FBI in Arkansas.

"These indictments show that we will not tolerate suspect criminal activities by any group seeking to overthrow our system of government," U.S. Attorney General Edward Meehan III said in a statement released Friday.

Butler, however, said earlier this week he feared of white supremacy would not end with his arrest.

Fugitive Glenn Miller, a North Carolina white supremacist wanted in another case, was not among those indicted in Arkansas. Other

Miss, Bean, Pierce and Ladd at the Aryan World Congress.

James D. Ellison, Denver, Parliamentarian, Kenneth Joseph Laff and the late Robert Jay Matthews also attended that meeting, the indictment said.

Ellison, Parliamentarian and Laff are believed to be cooperating with the FBI investigation. They were not indicted.

"We wouldn't comment on who is cooperating or who any of our potential witnesses are," Pittsburgh said.

The indictment speaks of provision of Butler receiving any of the \$4 million stolen by members of The Order.

However, it says that on Feb. 28, 1983, Butler "caused certain documents to be removed from the files of (his) Church of Jesus Christ Christian and count them to be destroyed."

The indictment says that on that date, Donald Ray Sawyer, who was a member of The Order, burned \$13,000 in cash at the Aryan Nations compound.

It also says that in March 1983, Butler is named only in the petition count of the five-count federal indictment.

The federal prosecutor declined to elaborate when asked for other details about how the extensive conspiracy was planned at the 1983 Aryan gathering in North Idaho.

Court 3 alleges that Stewart and Barnhill transported more than \$5,000 in stolen money from Boise to Coeur d'Alene. Court 1 alleges that (Stewart) received more than \$5,000 in stolen money, transported from Washington to Arkansas in October 1982.

Courts 4 and 5 involve the alleged plot and attempt to kill Judge Walters and Koss.

It is charged that the attempt to kill the judge on Dec. 26, 1982, apparently was aborted when the would-be assassin was run off the road and they were stopped by a Fort Smith police officer.

In Denver, a one-count indictment was returned against four people, including three of the Arkansas defendants, in connection with the murder of Denver radio talk show host Alan Berg.

The four are Lane, Pierce, Stewart and Jean Margaret Craig. Craig is imprisoned in Pleasanton, Calif.

notable white supremacy leaders not indicted were Tom Metzger of California and William Pierce, still other "overt acts" included in the conspiracy occurred in Washington and at least a dozen other states.

Federal authorities said the arrest record of indictments should serve to put a sizable dent in the violent, racist activities of the radical right.

"I think it will have a major impact," said Don Pettis, special agent in charge of the FBI in Arkansas.

"These indictments show that we will not tolerate suspect criminal activities by any group seeking to overthrow our system of government," U.S. Attorney General Edward Meehan III said in a statement released Friday.

Butler, however, said earlier this week he feared of white supremacy would not end with his arrest.

Fugitive Glenn Miller, a North Carolina white supremacist wanted in another case, was not among those indicted in Arkansas. Other

notable white supremacy leaders not indicted were Tom Metzger of California and William Pierce, still other "overt acts" included in the conspiracy occurred in Washington and at least a dozen other states.

Federal authorities said the arrest record of indictments should serve to put a sizable dent in the violent, racist activities of the radical right.

"I think it will have a major impact," said Don Pettis, special agent in charge of the FBI in Arkansas.

"These indictments show that we will not tolerate suspect criminal activities by any group seeking to overthrow our system of government," U.S. Attorney General Edward Meehan III said in a statement released Friday.

Butler, however, said earlier this week he feared of white supremacy would not end with his arrest.

Fugitive Glenn Miller, a North Carolina white supremacist wanted in another case, was not among those indicted in Arkansas. Other

KRAUSE NURSERY
 WELCOMES

Prosecutor Will Seek to Hold Killing Suspect Without Bail

By TOM MINEHART

WINSTON-SALEM, N.C. (AP) — A federal prosecutor said yesterday that a white supremacist arrested for questioning in the machine-gun slaying of a Jewish talk show host should be held without bond as a danger to the community.

U.S. Magistrate Russell Eliason set a Friday bond hearing for David Lane, 46, of Denver, who was arrested Saturday on a counterfeiting warrant when FBI agents stormed his pickup truck at a shopping center in this community.

Agents had trailed Lane for two days, since shortly after the arrest in Rossville, Ga., of Bruce Carol Pierce of Metaline, Wash. Pierce also has been described as a suspect in the murder of radio host Alan Berg last June 18. Both men have been linked by the FBI to anti-Semitic white supremacist groups.

No one has been charged in the slaying, but authorities say Lane, Pierce and two other members of an extremist group known as "The Order" are their top suspects.

After Lane appeared in court, U.S. Attorney Ken McAllister said, "We're going to file a motion today or tomorrow asking that he be held without bond because he poses a danger of flight or a danger to the community."

Lane told the magistrate FBI agents confiscated "two legal weapons" and a "bunch of money" from him when he was arrested. He asked for cash for an attorney and "enough for toothpaste and a towel so I can take a bath."

"I got 50 cents and a watch," Lane said. "I sold my dinner last night (in the Forsyth County Jail) to get the 50 cents. I got no other asset in the world."

Lane, who told the magistrate he has "been on the road for a year and a half," said he earned money selling "legal weapons." Eliason said he could not return the money and that an attorney would be appointed for him by today.

Denver police yesterday refused to say whether they would send officers to North Carolina to question Lane about the Berg slaying.

"The Denver Police Department and the Denver district attorney's office have agreed to stand by a decision made several weeks ago not to comment on the Berg homicide case except to say satisfactory progress is being made," said Denver Police Chief Don Mulnix.

When Lane was arrested by federal agents armed with shotguns and automatic weapons, he was with two reputed Ku Klux Klan sympathizers, said Robert Pence, agent in charge of the FBI in North Carolina.

* * *
Pence said Lane had been staying in a farmhouse near Woolwine, Va., for the about 30 days. Lane was arrested on a warrant charging him with possessing 3,000 counterfeit \$10 bills in uncut sheets in Philadelphia, said Ernest Kun, a Secret Service agent.

The FBI said agents confiscated several pistols, ammunition for automatic weapons, and a large amount of cash, and found a .45-caliber pistol and a knife on the front seat of Lane's truck.

Lane and Pierce are among four men linked by police to Berg's murder.

Additives Most Dangers

cy as separate issues. We need to talk about a national nutritional policy."

Cattle, for example, are currently graded on the amount of fat, and that could be changed to emphasize lean meat for a more healthy diet, Miller suggested.

Image via Google 07/09/2013

<http://news.google.com/newspapers?nid=1917&dat=19850402&id=aREhAAAIBAJ&sjid=InQFAAAIBAJ&pg=3194,249528>

Profiles of indicted white supremacists

Newhouse News Service

Of the 14 white supremacists named in federal indictments in Arkansas, eight are charged with seditious conspiracy and six with conspiracy to murder federal officials.

The eight indicted for conspiring to overthrow the government are:

■ **ROBERT E. MILES, 62**, one of the top two leaders in the white supremacist movement, say federal officials and those inside the movement. He is the self-proclaimed pastor of the Mountain Church of Jesus Christ the Savior at his farm in Cohoctah, Mich.

Miles' code name as a member of The Order is Gray Fox. He is the former grand dragon of the Michigan Ku Klux Klan.

In 1972, Miles was arrested and subsequently convicted for conspiracy to bomb school buses in Pontiac, Mich., in opposition to court-ordered busing. He served six years in federal prison.

■ **RICHARD G. BUTLER, 69**, the head of Aryan Nations and pastor of the Church of Jesus Christ Christian, based in Hayden Lake.

Butler is a former aerospace engineer. He and Miles are viewed as the top two leaders of the movement. Several members of The Order have been members of Butler's church.

■ **LOUIS R. BEAM Jr., 41**, a former grand dragon of the Knights of

the Ku Klux Klan in Texas. His code name in The Order is Lone Star, according to the FBI.

A Vietnam veteran, Beam established a paramilitary arm for the Texas Klan, calling it the Texas Emergency Reserve.

In one of his essays, Beam outlined an assassination point system for white supremacists who wanted to attain the status of "Aryan Warrior." For example, killing a police officer counted for one-tenth of a point, while killing the president of the United States counted for a whole point.

The point system was later adopted by The Order and was believed used in the killing of Alan Berg, a Denver radio personality.

■ **RICHARD SCUTARI, 39**, serving time in federal prison. Known by his Order code name of Mr. Black, he was an FBI Top 10 fugitive before being captured in December. Scutari was reportedly head of security for The Order.

■ **BRUCE C. PIERCE, 32**, in federal prison. He is one of four of those indicted who were convicted in December in Seattle as members of The Order. The charges against him were violating and conspiracy to violate racketeering laws and conspiring to rob three armored cars in 1983 and 1984.

He was sentenced to a total of 100 years in federal prison.

■ **ANDREW V. BARNHILL, 30**,

in federal prison. He was convicted in Seattle of violating and conspiracy to violate racketeering laws, robbing an armored car of \$500,000 in April 1984 and illegally transporting stolen money from Seattle to Montana.

■ **DAVID E. LANE, 48**, in federal prison. He was convicted in Seattle of violating and conspiracy to violate racketeering laws.

■ **ARDIE McBREARTY, 59**, of Gentry, Ark., in federal prison. He is the intelligence officer for The Order. He was convicted of racketeering in the Seattle trial.

Those indicted in connection with the assassination plots are associated with the Covenant, Sword and Arm of the Lord (CSA), a paramilitary organization that had close ties to Aryan Nations and The Order.

They are:

■ **LAMBERT MILLER, 36**, Springfield, Mo.

■ **ROBERT N. SMALLEY, 31**, who ran a gun shop near Fort Smith, Ark., and is alleged to have supplied weapons to members of The Order.

■ **IRVIN R. WADE, 35**, Smithville, Ark.

■ **WILLIAM H. WADE, 68**, Smithville, Ark.

■ **DAVID M. McGUIRE, 24**, the son-in-law of James Ellison, the jailed leader of CSA. Ellison was convicted on arson and anti-rack-

eteering charges in Arkansas after a huge cache of weapons was found at his compound, including an anti-aircraft missile, grenades and mines.

■ **RICHARD W. SNELL, 56**, on Arkansas' death row for convictions for the slayings of an Arkansas state trooper and a former police officer.

ASPHALT PAVING

FREE ESTIMATES

Commercial — Residential

• Driveways Call
• Tennis Courts
• Parking Lots

467-0807

TV

